Henri Ramirez

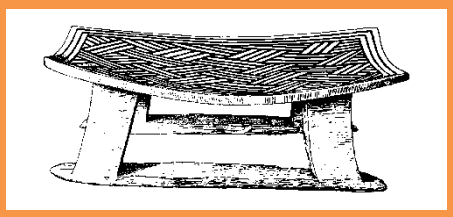
A Fala Tukano

dos

YE'PÂ-MASA

TOMO I

GRAMÁTICA

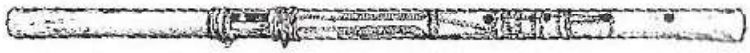


Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia

CEDEM

Versão atualizada (2019)

CEDEM



Centro "Iauareté" de Documentação Etnográfica e Missionária

Rua Visconde de Porto Alegre, 820 - Centro
69020-130 Manaus - AM
Caixa Postal 427
69011-970 Manaus - AM
e-mail: isma@internext.com.br

HENRI RAMIREZ

A Fala Tukano

Dos

YE'PÂ-MASA

TOMO I

GRAMÁTICA

Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia

CEDEM

1997

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

ADVERTÊNCIA

É com imenso prazer que entregamos à Biblioteca Digital Curt Nimuendajú esta série de três tomos consagrados à *língua dos ye'pâ-masa*, língua talvez mais conhecida como tukano ou tukano próprio. Ela contém:

- **Tomo I: uma gramática ye'pâ-masa**
- **Tomo II: um dicionário ye'pâ-masa/português e um léxico português/ye'pâ-masa**
- **Tomo III: um método de aprendizagem da língua (com gravação)**

Depois da publicação deste trabalho sobre o ye'pâ-masa em 1997, muitos dicionários de boa ou excelente qualidade, que tratavam de outras línguas da família tukano (koreguaje, barasana, kubeo, tuyuka, wanano, pira-tapuyo, etc.), foram editados. Em consequência, algumas leves atualizações tornaram-se necessárias:

♦ A bibliografia, que o leitor encontrará no fim do Tomo I, foi ampliada e as principais novas contribuições foram indicadas.

♦ As novas contribuições lexicais nos obrigaram também a reformular levemente alguns pontos da seção 1.5. do capítulo introdutório (Tomo I), especialmente no que diz respeito à classificação das línguas da família tukano.

♦ Enfim, no dicionário (Tomo II), julgamos útil atualizar a taxonomia biológica e, sempre que for possível, fornecer os nomes de famílias, gêneros e espécies para os nomes ye'pâ-masa que se referem a animais ou vegetais.

À exceção desses três pontos, nada foi alterado. A gramática e o dicionário ye'pâ-masa continuam os mesmos, limitando-nos apenas a corrigir alguns erros tipográficos e ortográficos que tinham escapado à nossa atenção.

O Autor
Porto Velho, 25 de novembro de 2019

ÍNDICE GERAL

Advertência..... i
Índice geral..... ii
Abreviaturas..... v

1. OS YE'PÂ-MASA..... 1

1. Aspectos culturais: 2 ─ 2. A exogamia linguística e o multilinguismo: 2 ─ 3. Autodenominação: 3 ─ 4. História: 3 ─ 5. A família tukano: 5 ─ 6. Afiliação com outras famílias: 13 ─ 7. Os dialetos ye'pâ-masa: 13 ─ 8. Os estudos linguísticos sobre o ye'pâ-masa: 14 ─ 9. A fala tukano dos ye'pâ-masa: 15.

2. FONOLOGIA SEGMENTAL..... 17

1. Os fonemas segmentais: 18 ─ 2. Os traços: 23 ─ 3. As oposições: 25 ─ 4. Padrão silábico, segmentos e sequências de segmentos ambivalentes: 27 ─ 5. Dados numéricos: 29 ─ 6. Combinação de fonemas: 30 ─ 7. As regras fonológicas: 32.

3. FONOLOGIA SUPRASSEGMENTAL..... 37

1. Uma estrutura bimoraica: 37 ─ 2. A nasalização: 39 ─ 3. O tom laringalizado ou glotalizado: 47 ─ 4. As melodias alta, ascendente e baixa: 48 ─ 5. Palavra e locução fonológica: 61 ─ 6. Acento de intensidade, descenso tonal e fenômenos intonatórios: 63.

4. CLASSES DE MORFEMAS..... 66

1. As principais classes de lexemas: 66 ─ 2. Os lexemas dependentes: 67 ─ 3. Uma recapitulação dos critérios definidores das classes: 70 ─ 4. Os lexemas dependentes e os sufixos: 71 ─ 5. Algumas características morfossintáticas da língua dos ye'pâ-masa: 77 ─ 6. A exposição da gramática: 84.

5. MORFOLOGIA VERBAL (I)..... 85

1. A modalidade vista: 88 ─ 2. A modalidade sentida: 92 ─ 3. A modalidade dedutiva: 98 ─ 4. A modalidade reportativa: 101 ─ 5. Algumas notas sobre as formas interrogativas: 103 ─ 6. Os sufixos imperativos: 103 ─ 7. As formas enfáticas: 107 ─ 8. A segmentação dos sufixos epistêmicos: 108.

6. MORFOLOGIA VERBAL (II).....109

1. O negativo: 110 ─ 2. O assertivo: 112 ─ 3. O frustrativo: 113 ─ 4. O durativo: 114 ─ 5. A incerteza: 115 ─ 6. O centrípeto e o centrífugo: 116 ─ 7. O propagativo: 118 ─ 8. Os sufixos de gênero e número: 119 ─ 9. Os futuros: 121.

7. VERBOS DEPENDENTES..... 124

1. As características dos verbos dependentes: 125 ─ 2. Uma lista de verbos dependentes: 130 ─ 3. O passivo **no'o**: 136 ─ 4. O potencial **boo**: 140 ─ 5. O ingressivo **wa'a**: 141 ─ 6. Os verbos dependentes **tĩha** e **yuu**: 143 ─ 7. O verbo dependente **taa**: 143 ─ 8. Algumas observações tonais: 144.

8. MORFOLOGIA NOMINAL..... 145

1. As classes nominais: 145 ─ 2. Os sufixos nominais: 149 ─ 3. O plural animado **-a** e o singulativo **-wɨ̃/-gɨ̃**: 149 ─ 4. Os outros sufixos de gênero/número animado: 151 ─ 5. O plural inanimado **-ri**: 152 ─ 6. O locativo **-ro**: 153 ─ 7. Os "sufixos de forma": 154 ─ 8. Os aumentativos: 158 ─ 9. O diminutivo **-akã**: 158 ─ 10. O focalizador **-pɨ**: 159 ─ 11. O especificador **taa**: 162 ─ 12. O referencial **-re**: 164 ─ 13. O destaque **-a'**: 170.

9. NOMES DEPENDENTES..... 171

1. As propriedades formais dos nomes dependentes: 172 ─ 2. As propriedades semânticas dos nomes dependentes: 177 ─ 3. Alguns nomes dependentes "gramaticalizados": 183 ─ 4. O instrumental **me'ra**: 184 ─ 5. O aditivo **kẽ'ra**: 185 ─ 6. O reflexivo **basi**: 185 ─ 7. O restritivo **di'akɨ̃hɨ**: 186 ─ 8. O distributivo **nɨkɨ**: 186 ─ 9. O contraste **maa**: 186 ─ 10. A comparação **noho**: 188 ─ 11. O câmbio de referência **pe'e**: 190 ─ 12. A palavra adversativa **põrikã**: 191 ─ 13. A palavra dependente **marikã**: 192 ─ 14. A palavra dependente **waro**: 193 ─ 15. A palavra dependente **tiro**: 193 ─ 16. O negativo nominal **mehe**: 194 ─ 17. O detrimental **meha**: 194.

10. DEVERBAIS (I)..... 196

1. As formas: 197 ─ 2. O funcionamento dos implicativos: 198 ─ 3. O uso de **-kã́** como causativo: 202 ─ 4. Outro emprego de **-kã́**: 203 ─ 5. A construção analítica com o verbo auxiliar **weé**: 204.

11. DEVERBAIS (II)..... 207

1. O funcionamento dos deverbais: 208 ─ 2. A segmentação das formas nominalizadoras: 213 ─ 3. A construção comprovativa: 217 ─ 4. As nominalizações animadas: 218 ─ 5. As nominalizações básicas em **-rí**+: 220 ─ 6. As nominalizações em **-ró**: 223 ─ 7. As nominalizações em **-sehé**: 229 ─ 8. As nominalizações com os sufixos de forma: 232.

12. NOMES GRAMATICALIZADOS..... 234

1. Os demonstrativos: 234 ─ 2. A anáfora **tií**+: 239 ─ 3. Os nomes pessoais (não-possessivos): 241 ─ 4. O possessivo **yaá**+: 242 ─ 5. A autófora **opâ**+: 244 ─ 6. Os interrogativos: 245 ─ 7. Os quantificadores: 248 ─ 8. O genêrico não-seletivo **apé**+: 251 ─ 9. Os nomes defetivos **kã'a**+ e **õ'ômaha**+: 252.

13. OUTRAS CLASSES DE MORFEMAS..... 254

1. A evidência **baa**: 254 ─ 2. A volta temática **maha**: 255 ─ 3. A repetição **taha**: 256 ─ 4. As palavras que se parecem com advérbios: 256 ─ 5. Algumas formas difíceis de classificar: 257 ─ 6. Interjeições e onomatopeias: 259.

14. FORMANTES E COMPOSIÇÃO..... 261

1. Os causativos: 261 ─ 2. A voz média e o resultativo: 262 ─ 3. O sufixo nominal **-kãha+**: 263 ─ 4. O verbalizador **-ti**: 264 ─ 5. O sufixo nominal **-ya**: 264 ─ 6. Outros formantes e nominalizadores: 264 ─ 7. A composição: os verbalizadores **+moo**, **+yee** e **+da're**: 265 ─ 8. A composição: os verbalizadores **+bɨhɨ** e **+piha**: 266.

15. OS SUFIXOS E AS REGRAS TONAIS..... 267

1. As três melodias tonais: 267 ─ 2. A regra de deslocamento tonal: 268 ─ 3. O deslocamento tonal e o bloqueio laringal: 269 ─ 4. Os sufixos em **-a**: 269 ─ 5. Os sufixos com tom flutuante: 272 ─ 6. Os sufixos e palavras dependentes irregulares: 273.

16. ELEMENTOS DE SINTAXE..... 275

1. A ordem não marcada para a ênfase: 275 ─ 2. A regra sobre a ênfase e as deslocações: 278 ─ 3. A sintaxe da oração: o sujeito, o predicado e a coordenação: 279 ─ 4. Os sintagmas nominais e verbais: 280 ─ 5. As locuções apositivas especificadas: 282 ─ 6. A locução apositiva verbal citativa: 284.

INDICE DAS NOÇÕES..... 286

BIBLIOGRAFIA..... 289

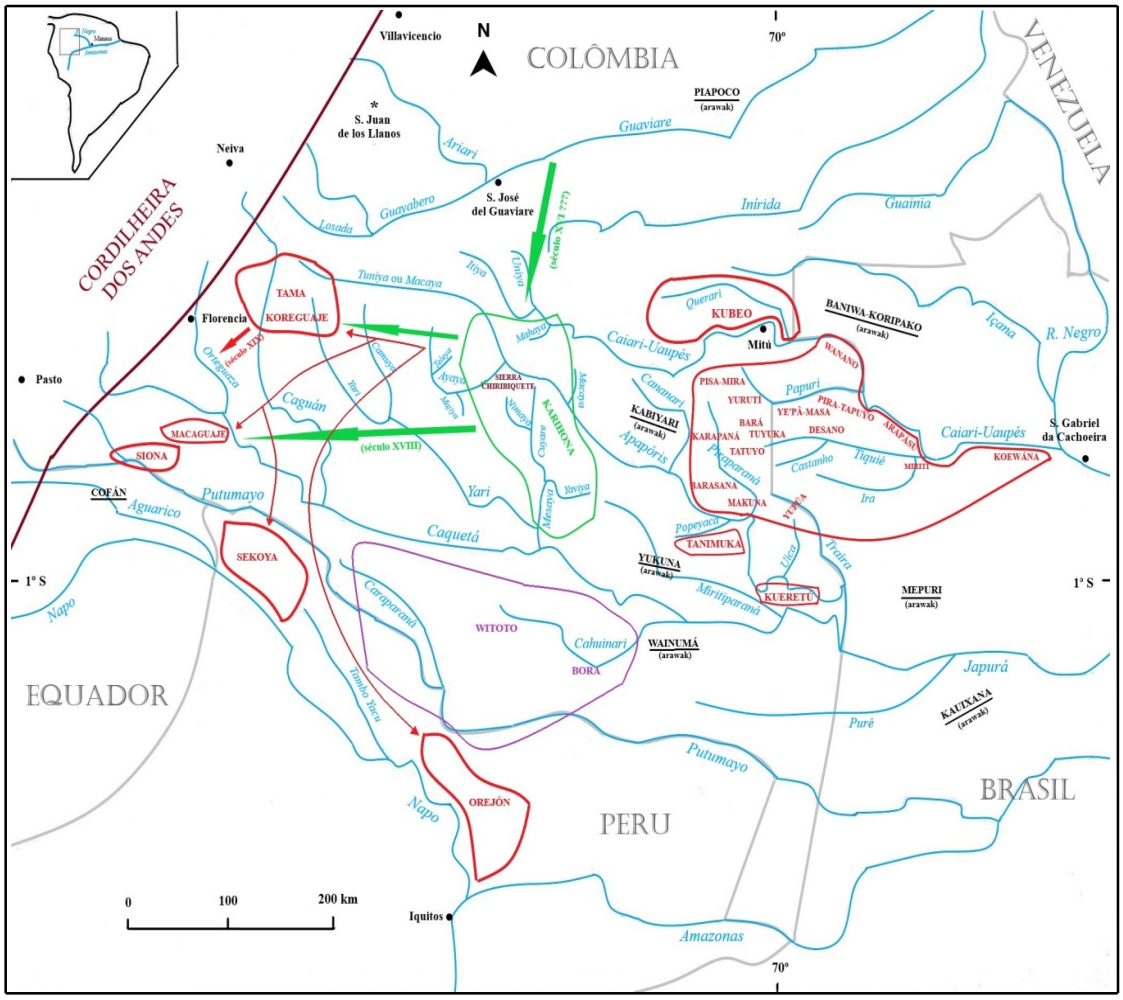
ABREVIATURAS

3	terceira pessoa
adv	advertência (**-ri**)
an	animado
ana	anáfora (**tií+**)
ass	assertivo (**-kã'**)
aum	aumentativo (**-roho**)
C>	centrífugo (**-a'**)
C<	centrípeto (**-'ti**)
caus	causativo (**-o**, **-rẽ'**)
cf.	confira
ded	dedutivo
dest	destaque (**-a'**)
det	detrimental (**mihi**)
dim	diminutivo (**-akã**)
dur	durativo (**-'kũ)**
esp	especificador (**-ta**)
+f	feminino
-f	não-feminino
fab	forma de abóbada (**-wa**)
fpan	forma de panela (**-tɨ**)
frol	forma roliça (**-ga**)
fret	forma retilínea (**-gɨ**)
ftub	forma tubular e oca (**-wɨ**)
foc	focalizador (**-pɨ**)
frust	frustrativo (**-mi**)
fut	futuro
imp	imperativo (**-ya**, **-rã**, **-ato**, **-apa**)
impl.ms	implicativo/mesmo sujeito
impl.cs	implicativo/câmbio de sujeito
inan	inanimado
inc	incerteza (**-sa**)
int	interrogativo
lit.	tradução literal
med	voz média (**=ti**)
n.dep.	nome dependente
neg	negativo (**-ti**, **+we'e**)
nom	nominalizador
p.rec	passado recente
p.cad	passado caducado
perf	perfectivo
pl	plural
poss	possessivo (**yaá+**)
pres	presente
prop	propagativo (**-o'**)
ref	referencial (**-re**)
rep	reportativo
res	resultativo (**=sa**)
sent	sentido
sg	singular
sing	singulativo (**-wɨ̃**)
v.aux.	verbo auxiliar
v.dep.	verbo dependente
v.intr.	verbo intransitivo
v.tr.	verbo transitivo
verb	verbalizador
vist	visto

1

Os Ye’pâ-Masa

O território tradicional dos **ye’pâ-masa** situa-se na bacia do rio Caiari-Uaupés, na fronteira entre o Brasil e a Colômbia. A língua que os ye’pâ-masa falam é popularmente conhecida como “tukano próprio” e pertence à *família linguística tukano*. Os grupos desta família estendem-se descontinuamente do pé dos Andes ao rio Amazonas, no Peru, e, mais ao norte, até o rio Negro no Brasil. O mapa abaixo mostra os principais grupos da família tukano em vermelho.
O número de falantes ye’pâ-masa é superior ao número dos membros deste grupo. Este fato deve-se à expansão da língua ye’pâ-masa durante o século XIX (Coudreau 1887: 178) e à sua adopção como língua franca pelos falantes de outros grupos da mesma família linguística e pela grande maioria dos tariano (família arawak). Com um número de falantes superior a 10.000, somando os lados brasileiro e colombiano, o ye’pâ-masa é numericamente uma das línguas indígenas mais faladas da Amazônia Setentrional.



1. Aspectos culturais

Exporemos rapidamente as principais características culturais dos ye'pâ-masa. O leitor que deseja aprofundar-se mais no assunto poderá consultar os trabalhos de Beksta (1988), Brüzzi (1977) e Buchillet (1990).

Toda a área do rio Caiari-Uaupés[1] apresenta uma certa homogeneidade cultural, principalmente caracterizada pela lavoura da mandioca, pelo sistema de coivara, pelos rituais com uso de flautas sagradas, por um sistema de hierarquia clânica, pela localização ribeirinha dos povoados, pela importância dada à pesca e pelo consumo da coca e do caapi (*Banisteriopsis caapi*).

Cada grupo local é formado de homens de um mesmo clã que, tradicionalmente, moravam numa grande casa comunitária (maloca). A organização social hierarquizada em clãs (chefes, mestres em cantos e danças, guerreiros, xamãs/rezadores e empregados) baseia-se na relação a um ancestral mítico comum e na ordem de nascimento desses ancestrais, os "irmãos maiores" sendo socialmente superiores aos "irmãos menores". No entanto, a posição prestigiosa que certos clãs reclamam já não é muito reconhecida pelos outros.

Existem dois tipos de xamãs: o *kumû*, rezador especializado no tratamento das doenças, e o *yaî*, especializado no diagnóstico das doenças. Antes do desmoronamento do sistema tradicional, ambos tiveram uma grande proeminência social.

Os rituais que acompanhavam os períodos do ciclo biológico da vida (nascimento, puberdade feminina, iniciação masculina, morte), assim como as festas (de bebida ou caxiri, e de ofertas de bens ou dabucuri), constituíam as principais manifestações religiosas dos ye'pâ-masa. Esses rituais eram dirigidos pelos xamãs e caracterizavam-se por reclusão, restrições alimentares e descontaminação xamanística (purificação da comida, banho ritual, etc.). Na iniciação masculina, apresentavam-se aos iniciantes flautas e trombetas sagradas, que representavam os ancestrais e que eram proibidas à vista das mulheres sob pena de morte.

Os rituais de iniciação masculina desapareceram quase completamente do lado brasileiro. No entanto, as festas comunitárias e os outros rituais continuam a realizar-se ativamente.

1.2. A exogamia linguística e o multilinguismo

Os ye'pâ-masa não formam uma unidade indígena socialmente independente dos outros grupos da região. Com efeito, eles obedecem a uma regra de **exogamia linguística** generalizada em toda a bacia do rio Caiari-Uaupés: os homens pertencendo à mesma etnia ou grupo são considerados "irmãos" e só podem casar-se com mulheres de outros grupos linguísticos. Por exemplo, um homem *ye'pâ-masɨ* pode casar-se com uma mulher desano ou tuyuka (grupos linguísticos da mesma família tukano) ou com uma mulher tariano (arawak), mas nunca - ideologicamente - com uma mulher *ye'pâ-maso*. Para quase todo o conjunto dos grupos indígenas do Caiari-Uaupés (famílias tukano ou arawak), ninguém pode casar-se no seu próprio grupo etno-linguístico. A etnia e o grupo linguístico correspondem.

Nesse sistema, a identidade étnica e a língua são transmitidas de pai a filhos(as): por exemplo, é ye'pâ-masɨ o indivíduo cujo pai pertence a esta etnia. Os filhos do grupo do

[1] O nome verdadeiro deste rio é *Ucayari*, uma palavra arawak que faz referência à cor levemente turva de suas águas e que já aparece deturpado em "Caiari" no século XVIII. Porém, como os povos indígenas que viviam nele eram conhecidos como *Uaupé* ou *Baupé* (i.e. os ye'pâ-masa), esta última denominação passou a se tornar um hidrônimo: "rio dos índios Uaupés" > "Rio Uaupés, Rio Vaupés".

pai devem falar a língua dele, esquecendo-se da língua da mãe, sempre diferente, pelo menos em teoria. O ye'pâ-masa é a **língua paterna** dos que a falam, a mãe pertencendo a um grupo de língua diferente.
Internamente, os ye'pâ-masa são divididos em clãs nomeados e hierarquizados. Cada grupo local é formado de homens de um mesmo clã e de mulheres de 3 ou 4 grupos linguísticos diferentes. Isso leva a um certo **multilinguismo** na casa comunitária, as crianças falando a língua do pai e entendendo a língua da mãe.
Na época atual, este multilinguismo está fortemente ameaçado. Com efeito, a unificação de grupos linguisticamente diferentes em povoações extensas, fruto dos contatos coloniais e missionários, favoreceram a eclosão de línguas francas. A língua dos ye'pâ-masa revelou-se, com o tempo, uma dessas, de modo que, do lado brasileiro, várias línguas desapareceram (miriti-tapuyo, arapásu, koewána) e outras estão em via de extinção (tariano). Nessas condições, um ye'pâ-masɨ que se casa com uma mulher tariano encontra, na maioria dos casos, uma esposa que fala a mesma língua que ele. É a razão pela qual a língua ye'pâ-masa, língua franca do lado brasileiro, é falada por um número de indivíduos bem maior do que os membros do próprio grupo ye'pâ-masa.

1.3. Autodenominação

O termo **ye'pâ-masa** (no masculino singular: *ye'pâ-masɨ*; no feminino singular: *ye'pâ-maso*; no plural: *ye'pâ-masa*) é a autodenominação própria do grupo estudado neste volume. Em particular, é o nome com que se reconhecem todos os organizadores de cerimônias tradicionais: são ye'pâ-masa porque são descendentes de Ye'pâ-Õ'âkɨ̃hɨ, o criador do mundo, e de Ye'pâ-Masɨ, o neto daquele, e porque falam a língua deles. Por isso, seus espíritos e seus nomes são de Ye'pâ-Masɨ, e eram chamados ye'pâ-masa no começo dos tempos pelas outras etnias.
No entanto, este grupo é popularmente denominado "tukano", ou *daseá* "aves tucanos" na língua ye'pâ-masa, e sua língua, conhecida pelos estudiosos como "tukano próprio". Na verdade, o termo "tukano" não passa de um apelido que surgiu no século XIX. De onde surgiu esse apelido? No decorrer do tempo, como os jovens ye'pâ-masa tinham o costume de andar em turmas atrás das mulheres de outras tribos para agarrá-las, as mulheres perseguidas declaravam: "Os ye'pâ-masa se parecem com os tucanos andando de turma atrás da gente, pois quem anda de turma é tucano". Por isso, quando elas viam se aproximar os jovens ye'pâ-masa, costumavam dizer: "Cuidado, lá vêm tucanos!".
Por esta razão, o termo "tukano" é um apelido, enquanto o termo ye'pâ-masa é o nome verdadeiro. Neste trabalho, guardaremos o termo de *tukano* para a família linguística inteira, reservando o nome de *ye'pâ-masa* à língua estudada.

1.4. História

Tendo perdido uma grande parte da sua cultura tradicional na época atual, os ye'pâ-masa enfrentaram numerosos assaltos da sociedade expansionista ocidental desde o século XVIII: escravidão, sedentarização imposta, exploração econômica, intolerância religiosa, etc. Esses três séculos de colonização caracterizam-se por períodos de penetração, seguidos por intervalos de calma relativa.
Não sabemos nada sobre o passado remoto dos grupos tukano. Segundo Nimuendajú (1950, 1955), teriam vindo do Oeste (pé dos Andes colombianos). Todavia, o autor não fornece argumentos decisivos para defender sua tese e, na sua própria tradição oral, os grupos tukano orientais afirmam ter vindo do Leste e não do Oeste.

O leitor achará uma boa apresentação da história dos contatos em Buchillet (1990) e Wright (1987). Em resumo, podemos distinguir cinco fases de penetração:

① A escravidão (1739-1755)

Depois da derrota dos índios manao no médio rio Negro (1723-1728), os escravagistas portugueses invadiram o alto rio Negro (1734-1750). No rio Japurá-Caquetá[2], os luso-brasileiros monopolizaram o comércio do século XVIII até o fim do século XIX, escravizando os povos de uma maneira ou de outra. Em um certo sentido, as histórias da escravidão no rio Japurá e no rio Negro foram paralelas. Esta escravidão foi em grande parte levada por "cunhamenas" (homens casados com índias), aventureiros e mestiços falando tupi. Calcula-se que 20.000 escravos foram escravizados no alto rio Negro em menos de 20 anos e outros tantos no rio Japurá, entre 1740 e 1819. As "peças humanas" eram levadas e vendidas na boca do rio Amazonas. Nessa época de escravidão ilegal, o rio Caiari-Uaupés foi particularmente saqueado. Como resultado, não há mais nenhum grupo indígena que viva hoje no baixo rio Negro e no baixo e médio Japurá. Abaixo da foz do Apapóris, o Japurá parece-se com um rio fantasma.
Os próprios chefes indígenas participavam frequentementes das razias e, durante toda essa época, havia grupos indígenas escravagistas que "trabalhavam" para os colonizadores europeus e os forneciam em escravos. Os *kari'na* (família karib) do litoral trabalhavam para os holandeses. Os *aroaqui* (família arawak) e os *tarumã* da foz do rio Negro ajudaram os portugueses a caçar escravos. Os *manao*, os *mayapena* e os *baré* (todos arawak) do médio rio Negro fizeram o jogo dos holandeses, e depois de sua derrota (1723-1728), juntaram-se aos portugueses. Os *kueretú* (família tukano) e os *witoto* do rio Japurá-Caquetá eram aliados dos portugueses. Os *koreguaje* (tukano ocidental) do rio Caguán iam buscar espingardas até o rio Negro, vendendo escravos dos rios Putumayo e Caquetá (Maroni 1988: 129). Amigos dos espanhóis, os *karihona* (karib) do rio Yari buscavam escravos com seus aliados *kabiyari* (arawak) do rio Apapóris (Llanos e Pineda Camacho 1982:79).
Assim era a essência desse comércio humano: os portugueses ofereciam um constante suprimento de machados, armas e aguardentes a seus aliados, enquanto os índios do interior faziam o necessário para obtê-los, vendendo seus vassalos ou até seus parentes e seus próprios filhos. O leitor poderá consultar as seguintes fontes primárias:
- sobre os tukano orientais: Noronha (1862 [1768]), Sampaio (1825 [1775]), Ferreira (1983 [1786]), Wright (1991 [1750]), Sousa et al. (1906 [1750]), assim como os mapas de Lobo de Almada datados de 1785;
- sobre os tukano ocidentais: Maroni (1988 [1738]), Llanos Vargas e Pineda Camacho (1982 [séculos XVII-XVIII]).

② Os descimentos e os aldeamentos (1761-1800)

Com a administração portuguesa, a escravidão desapareceu. No seu lugar, instaurou-se um sistema de descimentos de grupos indígenas inteiros que são reagrupados em aldeamentos nos pontos julgados estratégicos pela colônia nascente. Uma nova geografia demográfica das tribos via a luz aos poucos. Este período da história explica a distribuição espacial atual, muito espalhada, dos vários grupos indígenas do Caiari-Uaupés.

③ O comércio e os programas governamentais (1830-1920)

[2] O rio *Japurá* muda de nome a partir de sua confluência com seu maior afluente (rio Apapóris) e passa a chamar-se de *rio Caquetá*. Dito de outra forma: rio *Japurá* no Brasil e rio *Caquetá* na Colômbia.

Os programas governamentais de "civilização e catequese dos índios" permitiram a atuação de várias congregações religiosas na bacia do Caiari-Uaupés, enquanto o comércio das "drogas do sertão" favorecia a exploração econômica dos povos tukano. As aldeias eram frequentemente atacadas para capturar homens, mulheres e meninos e para obrigá-los a servir de empregados na extração de produtos naturais ou na capital do estado. Durante o ciclo da borracha (1870-1920), a violência ecônomica alcançou o seu paroxismo com a atuação de aventureiros colombianos.

④ **As missões salesianas (a partir de 1916)**

Chegando em 1916 no alto Rio Negro, a congregação salesiana conseguiu pouco a pouco libertar os povos do Caiari-Uaupés da agressão dos seringalistas, aventureiros e comerciantes. No entanto, a cultura tradicional (xamanismo, rituais de iniciação masculina, etc.) foi seriamente abalada neste período. Do lado brasileiro, as casas comunitárias tradicionais foram definitivamente abandonadas, deixando no lugar um estilo de residência regional. Além disso, a presença missionária favoreceu a eclosão de povoados extensos e fortaleceu assim uma sedentarização que, a longo prazo, acarretou o empobrecimento das terras de lavoura e certos problemas de alimentação e de saúde.

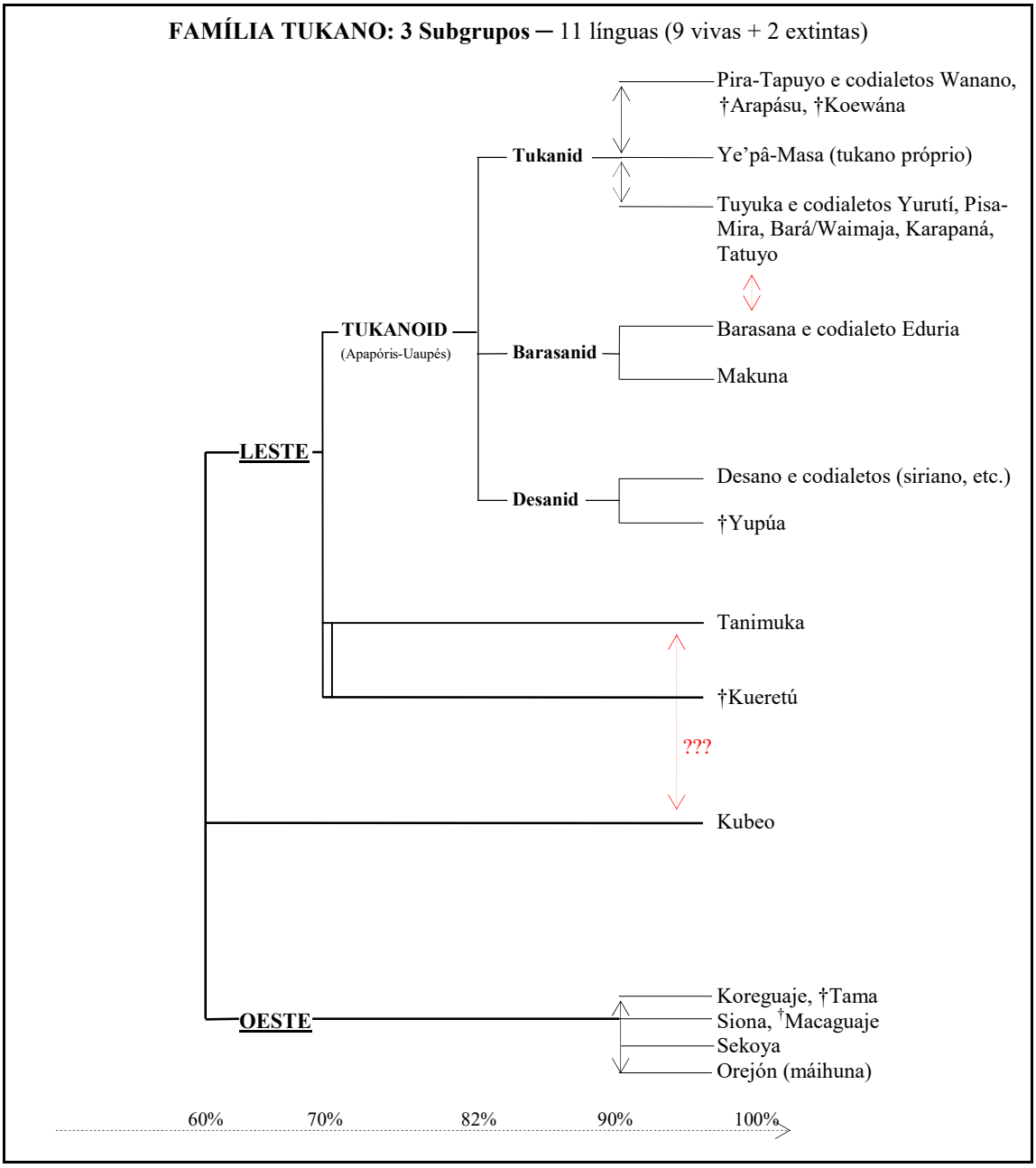
⑤ **A desestruturação moderna (a partir de 1960)**

Agora, o avanço da sociedade moderna de consumo conjuga-se a todo o peso do passado colonial. O sistema de liderança tradicional não existe mais. Os novos líderes, educados na cidade ou nas escolas dos missionários, traem frequentemente os próprios interesses indígenas, por corrupção ou por desvio de dinheiro. O sentido comunitário está desaparecendo. Cada um refugia-se no seu individualismo e se entrega à sociedade de consumo conforme os seus meios.
A sociedade tukano do baixo rio Caiari-Uaupés já não se distingue muito do estrato caboclo rio-negrino, de que adotaram há tempo a religião católica, as roupas, as ferramentas e as armas. A difusão espantosa do alcoolismo e a desnutrição geral atingem de maneira preocupante as populações do alto rio Negro. Está realmente na hora de acordar, deixando os discursos políticos enganadores e a "vitimologia moderna" para se organizar e para vencer o desafio lançado pelo mundo moderno!

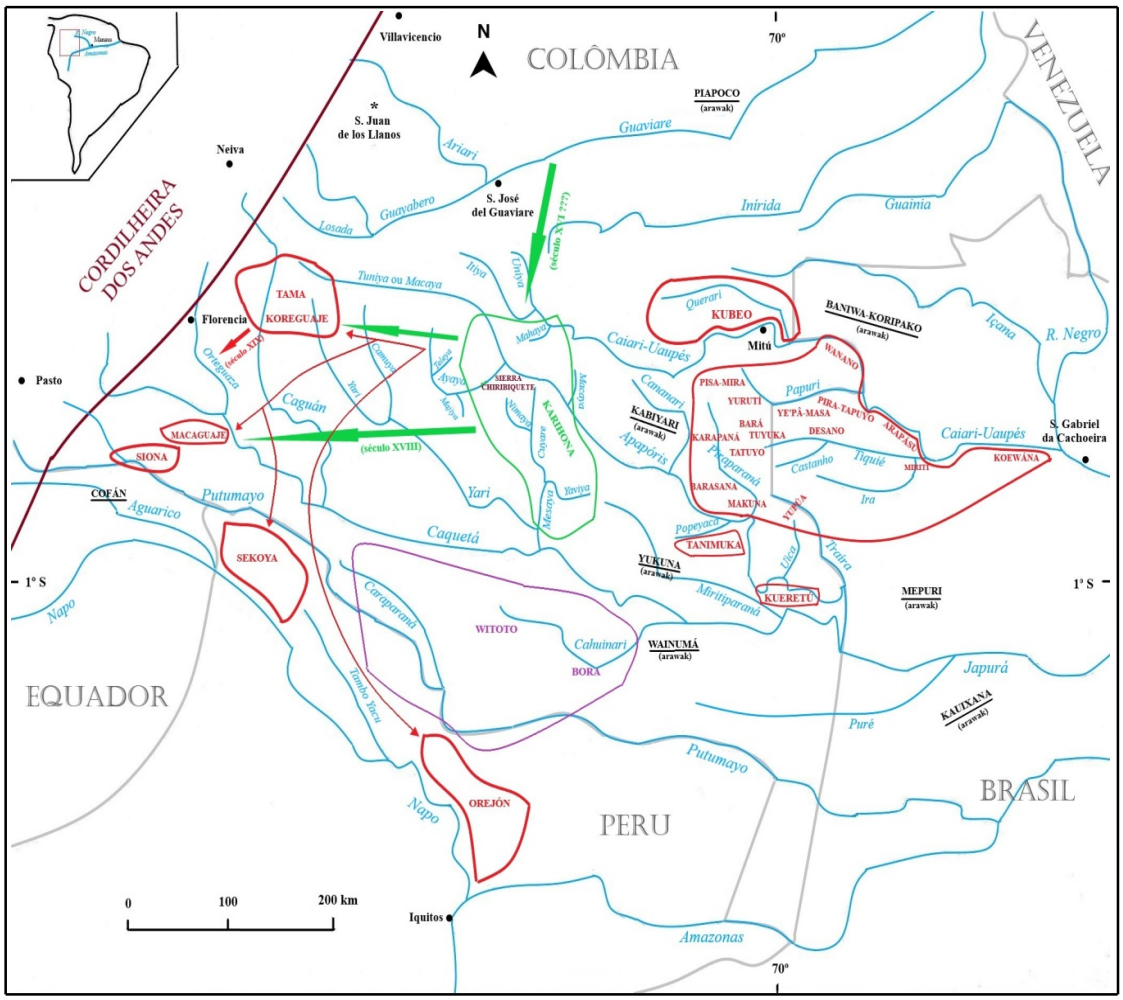
1.5. A família tukano

Depois da publicação de nosso trabalho sobre o ye'pâ-masa, muitos dicionários tratando de outras línguas tukano foram editados, todos de boa ou excelente qualidade: barasana (Jones e Jones 2013), kubeo (Morse, Salser e Salser 1999), tuyuka (Barnes 2012), wanano (Waltz 2007), pira-tapuyo (Waltz 2012), koreguaje (Cook e Gralow 2001), karapaná (Metzger 2000), desano (Miller 2000). Essas novas contribuições lexicais nos obrigam a reformular levemente alguns pontos desta seção.
Como o leitor poderá ver no diagrama que segue, nossa nova classificação é bem pouco diferente da versão original. Ela organiza a família tukano em 3 subgrupos (subfamílias) e 11 línguas, vivas ou extintas. As variedades linguísticas que apresentam uma percentagem de cognatos em comum muito elevada (mais de 94%) foram consideradas *codialetos* da mesma língua. Os potenciais contínuos dialetais aparecem com setas: (↔) ou (↔). Dois traços verticais entre línguas sugerem um possível subgrupo. As distâncias ou semelhanças lexicais aparecem em percentagens abaixo do diagrama. Os dados sobre as línguas extintas *(†kueretú*, *†yupúa*, *†arapásu*, *†koewána*) foram tirados das listas lexicais elaboradas por Koch-Grünberg (1913, 1914), Tastevin (1920, 1921), Martius

(1863), Wallace (1853) e Natterer (1831). Por falta de dados, o *†miriti-tapuyo* do baixo rio Tiquié, um possível codialeto do †arapásu, foi descartado (Brüzzi 1977: 87). Para ajudar o leitor a localizar os grupos, o mapa foi novamente reproduzido na página seguinte:



Como chegamos a tal classificação e o que ela vale? Nossa "postura taxonômica" consistiu em avaliar o peso do léxico inteiro e tentar combinar os resultados com os feixes de isoglossas fônicas diagnósticas. Por isso, os dicionários acima mencionados foram longamente analisados, extraindo deles milhares de cognatos e/ou empréstimos. Embora árduo, o estudo de **todo** o léxico de **todas** as línguas tukano é o meio mais seguro para localizar os numerosos cognatos-empréstimos e para estabelecer uma classificação que, longe de ser unicamente genealógica, possa mostrar os contínuos dialetais e servir de complemento ao que sabemos sobre a história desses povos.



Em seguida, elaboramos uma simples lista de 130 conceitos básicos e calculamos as percentagens entre todas as línguas. O quadro abaixo fornece as percentagens entre as nove principais línguas tukano:

TUKANO								
93%	PIRA-TAPUYO							
92%	**92%**	TUYUKA						
84%	**86%**	**88%**	BARASANA					
85%	**82%**	**83%**	**82%**	DESANO				
66%	**69%**	**73%**	**73%**	**71%**	TANIMUKA			
67%	**69%**	**73%**	**73%**	**65%**	**80%**	†KUERETÚ (**81** termos básicos)		
55%	**55%**	**57%**	**57%**	**55%**	**60%**	**56%**	KUBEO	
58%	**59%**	**59%**	**60%**	**58%**	**58%**	**56%**	**68%**	SIONA

As percentagens evidenciadas nessas listas básicas mostram um isomorfismo quase perfeito com a totalidade do material lexical. As estruturas morfológicas também acompanham muito bem a comparação lexical: as gramáticas **TUKANOID** (tukanid, barasanid, desanid) mostram uma notável semelhança entre si, que vai diminuindo com o tanimuka, e ainda mais com o kubeo e com o subgrupo **OESTE**.

Nosso diagrama da família tukano exige vários comentários:

a) As distâncias lexicais mostram que a família tukano é composta de línguas bastante próximas entre si. Portanto, o tukano não deve ter uma profundeza temporal de 4.500 anos, como Swadesh (1959) e outros pesquisadores já tinham sugerido.

b) O diagrama mostra 7 línguas ou subgrupos que, em geral, nunca foram contestados: tukanid, barasanid, desanid, tanimuka, †kueretú, kubeo, tukano ocidental (**OESTE**).

c) O léxico sugere fortemente que as línguas tanimuka e †kueretú poderiam formar um subgrupo. Além do léxico, a não-palatalização de **d* inicial antes de **i*, realizado *r* nessas duas línguas (por exemplo, **dia* > *ria*), a assimilição regressiva das sonoras iniciais (**b, *d, *j*) às surdas intervocálicas (**p, *t, *s*), como em **bɨ̃pɨ́* > *pɨ̃pɨ́* "aranha", **dɨ̃tɨ́* > *tɨ̃tɨ́* "carvão", **jẽse* > *sẽse* "porco", são retenções e inovações que aproximam essas duas línguas. Além disso, a lenição da bilabial sonora entre vogais (**b* > *h*), à qual o tanimuka é imune, parece um dado recente e dialetal em †kueretú (compare: *tomu* [Martius, 1820] e *tõ(h)u* [Koch-Grünberg, 1904] "umbigo", *kamu* [Martius, 1820] e *kã(h)u* [Tastevin, 1920] "orelha", *mamu* [Tastevin, 1920] e *mahũ* [Koch-Grünberg, 1904] "mão", *jamu* [Tastevin, 1920] e *jã(h)u* [Koch-Grünberg, 1904] "cará"), enquanto a lenição da bilabial surda (**p* > *h*), que sempre toca o †kueretú, é um processo em andamento em certos dialetos tanimuka. No entanto, o mapa mostra que esses dois povos viviam quase no mesmo trecho do baixo rio Apapóris, o que pode ter originado influências mútuas. Em consequência, toda prudência é necessária e, por enquanto, manteremos essas duas línguas separadas.

d) A estrutura interna do subgrupo **TUKANOID** é extremamente delicada. Por um lado, os dicionários das línguas que compõem esse subgrupo (ye'pâ-masa, barasana, desano), assim como a estrutura gramatical delas, mostram um sem-número de cognatos que sugere que a unidade **TUKANOID** não deixa espaço a muitas dúvidas. Por outro lado, a presença de contínuos dialetais (note que o tatuyo e o karapaná têm uma percentagem de 90% com o barasana, o que poderia sugerir um contínuo dialetal entre **TUKANID** e **BARASANID**) mostra que as fronteiras entre **TUKANID**, **BARASANID** e **DESANID** não são tão bem delimitadas quanto aparece no diagrama. Além disso, as numerosas instabilidades fonéticas do desano sugerem que o **DESANID** teve múltiplos contatos com outros subgrupos, provavelmente o **TUKANID**. Por exemplo, **p / *V_*V* > *p* [ye'pâ-masa], mas *p* [25 cognatos] ou *h* [21 cognatos] [desano], sem que o contexto fônico seja detectável. Infelizmente, para resolver o problema, falta-nos um bom dicionário que constaria de toda a dialetologia desano.

e) Lexicalmente, o kubeo fica entre as línguas orientais e ocidentais sem que se possa dizer nada mais de inteligente. É verdade que a percentagem **KUBEO-SIONA** (68%) é superior à do **KUBEO-TANIMUKA** (60%) ou à do **KUBEO-BARASANA** (57%), mas a margem de segurança percentual não é suficiente para se livrar do problema. Do ponto de vista fônico, o kubeo mostra também uma mescla de propriedades fonológicas entre **OESTE** e **LESTE**, sem que se possa ter certeza de que temos retenções ou inovações fonológicas.

♦ Essa dificuldade para distinguir as retenções das inovações verdadeiras (comuns), das inovações paralelas (devido ao acaso) e das inovações por difusão a partir de um centro (empréstimo, adoção) é uma característica da família tukano que deixou perplexo todos os pesquisadores que tentaram classificar as línguas tukano a partir de critérios fonológicos: de Waltz e Wheeler (1972) a Chacon (2014), passando por Malone (1987). Daremos um exemplo com uma regra de correspondência bastante regular, evidenciada, por exemplo, pelo jogo de cognatos seguintes:

"rio": TUKANID *di̲a*, BARASANID *ri̲a*, DESANID *di̲a*, TANIMUKA *ri̲a*, †KUERETÚ *ri̲a*, KUBEO *hi̲a*, KOREGUAJE *ji̲a*, SIONA *zi̲a*, SEKOYA *zi̲a*, OREJÓN *ji̲a*

Conforme Malone (1987), trata-se de uma palatalização de **d* antes de **i*, inovação que atinge o tukano ocidental e o kubeo: **di / ri > ji > zi* (> *hi* em KUBEO). Esta *inovação* permitiria definir o subgrupo **OESTE-KUBEO**, o siona e o sekoya sendo as línguas mais *inovadoras de todas*. Tudo isso é articulatoriamente possível. Estudando exatamente a mesma regra de correspondência, Waltz e Wheeler (1972) e Chacon (2014) propõem um percurso inverso: **zi > ji > di / ri*, o que, à primeira vista, pode parecer estranho. Assim, o que era *inovação* para Malone torna-se agora *retenção* e a "nova inovação" (*di / ri*) permite definir o subgrupo **TUKANOID-TANIMUKA-†KUERETÚ**, o siona e o sekoya sendo agora as línguas mais *conservadoras de todas*. Enfim, Wheeler (Levinsohn 1992), depois de ter sustentado o proto-fonema **z* em 1972, muda de ideia e acaba sustentando o proto-fonema **d*!

♦ Na introdução a seu trabalho, Malone (1987) deixou bem claro todas as dificuldades encontradas na família tukano: os padrões matrimoniais (exogamia linguística) que afetam necessariamente qualquer tentativa de classificação unicamente baseada em critérios lexicais, fonológicos ou gramaticais, a convergência e a divergência que interagem ao mesmo tempo (contaminação lexical, inovações fonológicas recentes espalhadas por contatos, etc.). Mesmo assim, a autora decide lançar-se corajosamente em uma "classificação baseada em inovações fonológicas, cuidadosamente ordenadas e convalidadas pelos padrões de migrações e pelos padrões matrimoniais".
Infelizmente, isso é uma tarefa talvez impossível: só temos jogos de correspondências, que são bem poucos (uma página) e triviais, e *nunca* os proto-fonemas. Quase nunca se sabe ao certo, nas línguas tukano, quando temos uma inovação ou que tipo de inovação está em jogo: inovação verdadeira, inovação paralela ou inovação espalhada por contato? Para complicar o quadro, nota-se que várias "inovações" são devidas a contatos com línguas arawak vizinhas. Por exemplo, o **r** inicial do **TANIMUKA-†KUERETU-BARASANID**, que o leitor atento notou em *ria* "rio" no último exemplo, é obviamente uma influência das línguas arawak que circundam esse suposto "subgrupo", como o yukuna (que influenciou o tanimuka), o †mepuri (que influenciou o †kueretú) e o †kauixana. Todas essas línguas arawak, que pertencem à subfamília arawak Japurá-Colômbia (Ramirez 2011b, 2019), são "línguas sem **D**" (cf. os empréstimos yukuna do português, como *lʊkʊna* "tucunaré", *liɲerʊ* "dinheiro", etc.).
Entre vogais, o que é considerado inovação por alguns pesquisadores é considerado como retenção por outros. Tendo em vista que todas as línguas tukano têm *go̲pe* ou *go̲be* "buraco", *gɨ̃ʔ̲ta* ou *gɨ̃ʔ̲da* "excremento", *-k̲o* ou *-g̲o* "feminino", *os̲o* ou *oj̲o* "morcego", qual seria a consoante intervocálica: **p* ou **b*, **t* ou **d*, **k* ou **g*, **s* ou **j*? Isso depende do pesquisador. Talvez não seja inútil mostrar ao leitor o muito pouco que sobra das "inovações fonológicas" no quadro seguinte, com as abreviaturas **KOR** (koreguaje), **SIO** (siona), **SEK** (sekoya) e **ORE** (orejón) para as línguas do subgrupo **OESTE**:

	KOR	**SIO**	**SEK**	**ORE**	**KUBEO**	**†KUERETÚ**	**TANIMUKA**	**DESANID**	**BARASANID**	**TUKANID**
***p**	h	h (Ø)	h (Ø)	h (Ø)	p	h (Ø)	p (ɸ > h)	p	h	p
***b** / #	p	b	b	b ~ m	b ~ m	b/p/m	b ~ m	b ~ m	b ~ m	b ~ m
(*m) / #_	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m
***s**	s	s	s	s	h	t (V_{+post}) s (V_{-post})	h	s	s	s > h **(certos dialetos)**
***d** / # *i	j	z	z	j	h	r	r	d	r	d
***h**	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	h	Ø	h	h	h > Ø (certos dialetos)
***ʔ**	ʔ	ʔ	ʔ	Ø	Ø	ʔ	ʔ	ʔ	Ø	ʔ > Ø (certos dialetos)

Já comentamos a palatalização de **d* antes de **i*, pelo menos para quem segue o raciocínio de Malone (1987). Como se pode constatar, vários processos de lenição (**p* > *h, *h* > *Ø, *ʔ* > *Ø*) evidenciariam certas inovações suscetíveis de postular alguns subgrupos, mas essas inovações são tão triviais que, até hoje, nenhum pesquisador as levou a sério. Todos preferem considerá-las como inovações paralelas porque, caso contrário, elas criariam subgrupos artificiais que o peso de todos os outros argumentos lexicais, gramaticais e geográficos refutariam.

Em †kueretú, o suposto proto-tukano **s* tornou-se *t* [t̪] antes de V_{+post} (*a, *u, *o, *ɨ̰) e *s* antes de V_{-post} (*i, *e). O que é notável é que o jogo de correspondências de **s* parece-se extraordinariamente com os reflexos do proto-fonema **ts* da subfamília arawak Japurá-Colômbia (Ramirez 2011b, 2019), que são *t̪*, *s* ou *h*: **t̪** em baniwa-koripako, †mepuri e kabiyari; **s** ou **h** em piapoco, achagua, warekena, yukuna, etc. Em yukuna, a fricativa **s** realiza-se [θ] ou [h], conforme o registro e a pessoa. No mesmo povoado, pode-se ouvir *sáru* "tamanduá" pronunciado como [θá:ɾʊ] ou [há:ɾʊ], a segunda realização sendo própria da geração mais nova. O que é ainda mais notável é que o estudo dos empréstimos linguísticos mostra que o †kueretú e o tanimuka são línguas tukano literalmente recheadas, respectivamente, de palavras †mepuri e yukuna. Assim, o jogo de correspondência associado ao proto-tukano **s* poderia ser novamente uma inovação espalhada pelo contato com línguas arawak, como o **r** inicial do **TANIMUKA-†KUERETU-BARASANID** que comentamos acima.

A 2ª linha do quadro mostra que, na grande maioria das línguas tukano, **b** e **m** são simples alofones: [b] em contexto oral, [m] em contexto nasal. Por exemplo, em ye'pâ-masa, compare *biá* [bíá] "pimenta" com *bãrí* [mɐ́ɾ̃ĩ́] "nós" ou *bãsá* [mɐ̃ɐ̰sɐ́] "gente" (mesma coisa para **d** / **n**). No entanto, a 3ª linha revela que, em **SIO**, **SEK** e **KOR** (**OESTE**), **b** e **m** são fonemas distintos (mesma coisa para **d** e **n**, pelo menos em **SIO** e em **KOR**). Por exemplo, em **SIO**, compare *bãi* [b̰ɐ̃ĩ] "gente" com *mai* [mɐ̃ĩ] "nós", *bĩʔa* [b̰ĩʔɐ̃] "pássaro" com *miʔá* [mĩʔɐ́] "mosca", etc. O que devemos concluir? Onde está a inovação? Malone (1987) considera que, em tukano ocidental (**OESTE**), *m* seria o reflexo de **w* antes de $\tilde{V}$, o que faria do fonema *m* do **SIO/SEK/KOR** uma *inovação fonológica*. No seu proto-tukano, ela também elimina **h*, que ela considera reflexo de **w* entre vogais.

Expressamos alguma reserva sobre esta interpretação dos fatos, talvez por não ter entendido claramente seu fundamento articulatório e, ainda mais, por não se basear nos fatos, mas em conjecturas. Além disso, um fato nos leva a pensar que talvez seja exatamente o contrário que ocorreu. Analisando os dados orejón (**ORE**) do começo do século (Tessmann 1999: 117-120), vemos que, naquela época, **ORE** ainda tinha uma oposição **b/*m* e **d/*n*, similar ou igual à do **SIO** moderno. Hoje, em **ORE**, *b/m* e *d/n* são simples alofones. Compare **ORE** de 1926 e 2000:

	1926(Tessmann)	2000 (pesquisa nossa)	
"sol"	*bánji*	*mãĩ*	< ***b***
"pessoa"	*bái*	*mãĩ*	< ***b***
"vermelho + caminho"	*ma*	*mã*	< ***m***
"floresta"	*máka*	*mãka*	< ***m***
"mulher"	*tómio*	*nõmĩó*	< ***d***
"língua"	*demilojoo*	*nẽmẽ-to-jo*	< ***d***

Essa mudança diacrônica recente parece provar que a neutralização **bṼ/*mṼ* > *mṼ* e **dṼ/*nṼ* > *nṼ* é totalmente possível. Se ela se efetuou em **ORE**, ela pode ter sido efetuada de forma independente (inovação paralela) em **SEK** (**dṼ/*nṼ* > *nṼ*), língua muito parecida com o **SIO**, e, também de forma independente, em todas as línguas tukano oriental (**LESTE**), como inovação paralela seguida de propagação em ondas. Nesse caso, o fonema *m* do **SIO/SEK/KOR** seria uma retenção fonológica, e *não* uma inovação.

De qualquer forma, tal retenção não nos ensinaria absolutamente nada sobre a classificação das línguas tukano, já que esta neutralização ocorreu *independentemente* e talvez (como ORE o mostra) *recentemente* em SEK (**d**/**n**), ORE (**b**/**m**, **d**/**n**) e LESTE (**b**/**m**, **d**/**n**), um conjunto de línguas que nem o pior dos loucos reagruparia.
Os exemplos que acabamos de apresentar mostram os perigos das abordagens cladísticas em linguística diacrônica. Pretender que se possa saber onde há retenção ou inovação fonológica, *sem que haja registros históricos que permitam resolver o problema*, ou que se possa distinguir, para efetuar os subgrupos, as inovações relevantes de simples difusões, é extremamente delicado. Ramirez (2019, Parte 2, Capítulo 2) dá o exemplo bem conhecido do que seria a classificação das línguas neolatinas a partir das inovações mais velhas (como a ditongação latina) e a que resultados aberrantes isso nos levaria. Tal complexidade levou todos os pesquisadores que mencionamos a uma grande perplexidade, a tal ponto que, no seu trabalho, Chacon (2014 : 314) reconhece que suas subdivisões são "muito problemáticas" e, um ano depois, Chacon e List (2015) propõem uma nova classificação bem diferente para o kubeo e para o tatuyo.
Além disso, nas línguas tukano, há um sem-número de irregularidades nas correspondências fônicas. Mais de 10% dos 100 jogos de cognatos "mais básicos" apresentam correspondências fônicas inexplicáveis, se não considerarmos seriamente todos os contatos possíveis. Tudo isso sugere que os critérios fonológicos não são os mais adequados: no léxico, vê-se mais rapidamente e melhor os contínuos dialetais e as convergências impostas pelos matrimônios e, talvez ainda mais, por um história marcada pela escravidão, que certamente obrigou vários grupos a fugir e a fusionar durante os séculos XVIII-XIX.

♦ Isso nos leva ao último ponto almejado por Malone (1987). Ela tenta detalhar os "padrões de migrações antigos" dos povos tukano e, para isso, apoia-se ingenuamente em um mapa de Steward que se encontra no *Handbook of South American Indians*, declarando que esse mapa daria a localização dos tukano no século XVI. Com essa afirmação, ela mostra que não tem grande conhecimento histórico. Como já dissemos na seção anterior, não sabemos nada sobre o passado remoto dos grupos tukano, e Steward deixa bem claro que, no seu mapa, ele repete as informações de Irving Goldman, cujas localizações propostas foram recolhidas por Koch-Grünberg (1903-1905).
Aqui, gostaríamos de resumir o que a História deixou de escrito sobre os povos tukano, o que, na verdade, é muito pouco. Na seção 1.4., demos as fontes primárias que nos permitem localizar os grupos tukano orientais nos meados do século XVIII. Havia então investidas escravagistas praticamente contínuas no alto rio Negro (1734-1750) e no rio Japurá-Caquetá (até o fim do século XIX). Como aliados dos portugueses na caça aos escravos, os *†kueretú* são imediatamente localizados. Nos mapas de Lobo de Almada (1785), eles aparecem em três aldeias situadas na margem do baixo rio Apapóris, bem no lugar onde começava um caminho de meio-dia que ligava o Apapóris e o Miritiparaná: era um ponto estratégico para um povo escravagista que se consumiu em guerras intermináveis contra os *yukuna* (arawak). Uma aldeia *makuna* é também indicada no rio Apapóris, abaixo da foz do Piraparaná. Os *†yupúa* são mencionados do rio Tiquié (afluente do Caiari-Uaupés) ao norte do rio Apapóris. Quanto ao rio Caiari-Uaupés, os cronistas indicam muito bem a posição dos *†koewána*, dos *wanano* e dos *kubeo*, onde ainda estão hoje, e, com menos precisão, a dos *uaupés* (ye'pâ-masa) e dos *desano*. O interflúvio Apapóris-Uaupés, que devia servir de refúgio a grupos que fugiam da escravidão, não é muito detalhado. Do lado ocidental, os *secoya* e os *orejón* já aparecem na sua localização atual em 1650, sob o nome de *Encabellados* e de *Payaguas*. Os *siona*, os *†tama* e os *koreguaje* são também bem localizados, mas

somente a partir dos meados do século XVIII. Os koreguaje desapareceram do rio Caguán e das cabeceiras do rio Yari no fim do século XIX para reaparecer, um pouco mais ao Oeste, no rio Orteguaza.

Ramirez (2020) está preparando um estudo pormenorizado que tenta aproveitar ao máximo a abundância do material lexical atualmente disponível e propõe novas perspectivas sobre o centro de dispersão, os contatos línguísticos e as migrações dos povos tukano:

♦ O estudo do léxico de todas as línguas tukano é o meio mais seguro para localizar os numerosos correlatos (cognatos e empréstimos) e para estabelecer uma classificação que, longe de ser unicamente genealógica, possa mostra os contínuos dialetais e servir de complemento ao que sabemos sobre a história desses povos. O diagrama demasiadamente simples que apresentamos nesta seção deve ser substituído por uma *representação muito mais complexa e apurada*.

♦ Todos os pesquisadores que mencionamos deixaram bem claro as dificuldades encontradas no estudo da família tukano. Os padrões de migrações e os padrões matrimoniais afetam necessariamente qualquer tentativa de classificação. Faltando-nos registros históricos, os jogos de correspondências não revelam facilmente os proto-fonemas e, para complicar o quadro, nota-se que várias "inovações" são devidas a contatos com línguas arawak vizinhas. Tudo isso parece sugerir que os critérios fonológicos não são mais adequados que os critérios lexicais para detectar os contínuos dialetais e as convergências impostas pela exogamia linguística e por uma história de migrações forçadas. No entanto, como Malone já tinha notado, as inovações não cobrem 100% dos itens, o que sugere que a percentagem de itens atingidos pela inovação poderia dar uma ideia sobre a profundeza temporal das inovações (cf. o exemplo das instabilidades fônicas do desano que sugere uma história de contatos múltiplos). Em consequência, elaboramos um *extenso dicionário de cognatos-empréstimos tukano*, e não uma simples lista de apenas 200-300 jogos de cognatos (como só foi feito até hoje), que em geral foram tirados da excelente, mas limitada, coletânea lexical de Huber e Reed (1992). Assim, esse dicionário mostrará melhor as inovações fonológicas e suas irregularidades.

♦ Todas *as línguas tukano foram cultural e lexicalmente influenciadas pela matriz arawak* que as circundava, mais precisamente, pela *subfamília Japurá-Colômbia* (JC): yukuna, †mepuri, †kauixana, kabiyari, baniwa-koripako, piapoco, etc. Como simples ilustração de formas proto-tukano: **kɨ̃ĩ* < **kain(i)* (JC) "mandioca", **jai* < **jaawi* (JC) "onça", **waʔu* < **waʔ(a)kʊ* (JC) "macaco zogue-zogue". Além disso, o tanimuka, o †kueretu e o kubeo são línguas recheadas de centenas de palavras adotadas do yukuna, do †mepuri e do baniwa-koripako, e o tukano ocidental (**OESTE**) também não escapa a esta influência: *kʷeso* < **keetsʊ* (JC) "capivara", *wajo* < **waajʊ* (JC) "urubu", *maha* < **maapa* (JC) "mel", etc.

♦ A partir de um *centro de dispersão secundário* situado no baixo rio Apáporis, os autores mostram as *migrações* dos kubeo para o norte, de **OESTE** para o médio rio Apapóris e o alto rio Caiari-Uaupés, e - mais recentemente - de **TUKANOID** para o Caiari-Uaupés, rio que já era alcançado no século XVIII ou antes. A chegada recente dos *karihona-omagua* (família karib), também conhecidos na História Colonial como "umáuas", "omeguas", "murciélagos", "oios" ou "guaques", obrigou **OESTE** a migrar para o oeste. O leitor não deve confundir esses omagua (karib) com os omagua (tupi-guarani) do rio Napo e do rio Amazonas (Peru e Brasil). É difícil datar exatamente a chegada dos karihona-omagua: entre os séculos XV e XVII, eles teriam passado do rio Guaviare à Serrania de Chiribiquete (Hemming 1978: 134-135, Koch-Grünberg 2005: 457-460). Os arqueólogos que estudam a Serrania de Chiribiquete ainda são menos interessados nas datações da cerâmica karihona, que já aparece no século XVII, do que nos milhares de enigmáticos petróglifos que se encontram nas escarpas daquelas serras. De qualquer forma, os tukano ocidentais já estavam na margem oriental do rio Napo antes de 1650.

♦ Enfim, o estudo dos topônimos entre o rio Caguán e o alto rio Caiari-Uaupés mostra que havia outrora uma *continuidade geográfica entre os tukano ocidentais e orientais*, continuidade que foi destroçada pela chegada recente dos karihona-omagua. No nosso mapa, o leitor poderá localizar alguns desses topônimos em **-ya* "rio", um sufixo encontrado em todas as línguas tukano: Macaya, Tuniya (Tunia), Ayaya, Nimoya, Camuya, Teleya, Conoya, Payoya, Majiya (Majiña), Yaviya (Yavilla), Uniya (Unilla), Itiya (Itilla), Mesaya (Mesay), Mahaya, etc. Essa continuidade já tinha sido vista por Rivet (Meillet e Cohen 1924: 686), mas sem maiores desenvolvimentos.

1.6. Afiliação com outras famílias

Achamos um máximo de semelhanças lexicais e gramaticais entre as famílias tukano, pano-takana e yanomam**ɨ**. O leitor encontrará numerosas evidências de conexões genéticas em Angenot, Martins e Ramirez (1997). Entre o ye'pâ-masa e o proto-pano, encontramos pelo menos 18% de palavras com significantes e significados similares na lista de Swadesh de 100 entradas. Uma percentagem análoga aparece entre o yanomam**ɨ** (Ramirez 1994) e o proto-pano. Limitaremo-nos aqui a indicar, na lista de Swadesh, as principais semelhanças lexicais entre o que poderia ser o proto-pano (Shell 1975) e o proto-tukano:

	Proto-Pano	**Proto-Tukano**
eu	*ʔ**ɨ**	*j**ɨ**ʔ**ɨ**
tu	*mi	*m**ɨ**ʔ**ɨ**
nós (exclusivo)	*eseja	***ɨ̃**sa
vocês	*mikwana	*m**ɨ**sa
negativo	*ma	*ma
barriga	*poko	*paa(-ga)
beber	*ʂ**ɨ**ʔa-	*sĩʔ-
ir	*kwa	*waʔa
estar de pé	*nii	*n**ɨ**ʔka
cabelo	*βoo	*poa
caminho	*baʔi	*maʔa
comer	*aβa	*baʔa
dia, sol	*βari	*boʔre
folha	*p**ɨ**ʔi	*pũu-
gordura	*ʂ**ɨ**ni	*i**ɨ**ʔse
homem	*β**ɨ**n**ɨ**	*i**ɨ**m**ɨ**
filho	*βak**ɨ**	*mak**ɨ**
nariz	*kini	***ɨ̃**ʔke-
noite/preto	*jam**ɨ**	*jami
peito	*ʂoʃtsi	*koti
peixe	*βawi	*waʔi
piolho	*ʔia	*giʔa
quente	*itsis	*asi
roça	*wai	*weʔse

1.7. Os dialetos ye'pâ-masa

Não há propriamente dialetos ye'pâ-masa diferentes. No entanto, conforme o clã e a posição territorial, notam-se pequenas diferenças de ordem fonética ou lexical. Entre as diferenças fonéticas mais significativas, assinalaremos:

♦ Uma certa alternância entre **o** e **u**:
moo ~ muu *punhado*
yokâ ~ yukâ *urubu*

♦ Uma certa alternância entre **a** e **o** (cf. 2.7.):
akó ~ okó *água*
paro ~ poro *fruta oblonga*

♦ A queda de **h** em certos itens:
pehe ~ pee *caroço*
-sehe ~ -se *nominalização (inanimado)*

O ye'pâ-masa falado no rio Tiquié e no rio Papuri é bem diferente das variantes faladas ao longo do Caiari-Uaupés. Essas diferenças explicam-se pelo fato de que a extensão histórica da língua ye'pâ-masa foi acompanhada do desaparecimento de outras línguas, com uma certa "contaminação" do ye'pâ-masa por estas últimas.
No século passado, os ye'pâ-masa viviam no rio Papuri. De lá, uma parte deles invadiu a bacia do rio Tiquié. Como este último rio estava pouco habitado, a hegemonia ye'pâ-masa se realizou de tal forma que a língua sofreu poucas ou nenhuma alteração.
No entanto, a expansão no rio Caiari-Uaupés foi bem diferente. Encontravam-se ali povos inteiros com as suas línguas vivas: os arapásu, acima de Ipanoré, os tariano, na região de Iauaretê, etc. Com a expansão linguística do ye'pâ-masa, a língua arapásu desapareceu. Os tariano, grupo da família arawak oriundo do rio Içana, cujos membros participam da regra de exogamia linguística com os ye'pâ-masa, já estavam abandonando a sua língua no fim do século XIX. A situação do pira-tapuyo também não é muito brilhante no rio Caiari-Uaupés. Nessas condições, as línguas do Caiari-Uaupés desapareceram ou desaparecem, o ye'pâ-masa assimilando numerosos itens lexicais delas. Por exemplo, o ye'pâ-masa falado na região de Iauaretê parece-se com uma espécie de "tari-tukano" (mistura de traços tariano e ye'pâ-masa), em situação linguisticamente variável por causa dos aportes recentes dos wanano. Em resumo, a expansão da língua ye'pâ-masa como língua franca traduz-se em parte por uma assimilação de numerosos traços línguísticos pertencendo às línguas que desaparecem.
Na época atual, a grande maioria dos indígenas que moram nos povoados centrais da bacia do Caiari-Uaupés (Iauaretê, Taracuá, Pari-Cachoeira) já não praticam o multilinguismo tradicional. Assimilaram com o tempo um sólido bilinguismo ye'pâ-masa/português. Daqui a alguns anos, essas duas línguas francas (além das línguas maku e de alguns outros idiomas) serão provavelmente as únicas faladas ao longo do rio Caiari-Uaupés.
O *nheengatu*, outra língua franca do alto rio Negro, provavelmente nunca entrou como tal no rio Caiari-Uaupés. O nheengatu é uma versão crioulizada do tupinambá (tupi-guarani) do litoral brasileiro, que foi a "língua geral" disseminada na Amazônia pelos colonizadores desde o século XVII e introduzida no rio Negro pelos comerciantes e missionários durante o século XVIII.
Com o avanço do português, é a pureza da língua ye'pâ-masa que está ameaçada. Com efeito, muitos falantes conseguem introduzir numerosos itens portugueses na sua fala (para alguns, até 50% dos termos de um discurso). Esses sinais tendem a mostrar que o estatuto do ye'pâ-masa e o seu futuro no mundo moderno são bastante preocupantes.

1.8. Os estudos linguísticos sobre o ye'pâ-masa

As pesquisas sobre a língua ye'pâ-masa começaram com o trabalho pioneiro de Kok (1921-22). Os estudos gramaticais e os dicionários que apareceram a partir desta data, a saber: Giacone (1955, 1965), Brüzzi (1966, 1991), Gallo (1972), Sorensen (1969), não são obras muito elaboradas. Basta dizer, para dar um exemplo, que Sorensen repertoria 76 fonemas numa língua onde só achamos uma vintena.
Embora esses autores (pela maioria, missionários) não nos transmitam muito sobre a estrutura do ye'pâ-masa, que eles apresentaram geralmente em um modelo greco-latino, soubemos aproveitar dos dicionários, realizados especialmente pelos missionários, para acelerar a nossa própria pesquisa lexical.
Com a *Gramática popular del tukano*, West (1980) marca data nos estudos ye'pâ-masa. Esta descrição, completada por vários artigos em 1985, comporta uma lista de fonemas basicamente correta e apresenta as principais categorias do discurso com seus sufixos

associados. A obra termina com a apresentação das orações subordinadas e de algumas palavras importantes para o discurso.
Na morfologia verbal, o sistema de modalidades epistêmicas, sem ser ainda completo, é pelo menos pormenorizadamente descrito. Mesma precisão com os substantivos, estruturalmente divididos em animados e inanimados. É um bom trabalho que nunca falta de fineza quando se trata de um ponto semântico delicado.
No entanto, o fato de que a pesquisadora deixou de lado "para o futuro" o estudo dos tonemas é algo questionável. Este esquecimento, como argumentaremos em toda a nossa monografia, impede de ter uma visão simples e correta da estrutura da língua ye'pâ-masa. Além disso, a autora não ouve bem as realizações tonais das raízes verbais, o que a obriga a dividir os verbos em duas classes imaginárias.
Apesar desses pontos nevrálgicos e da nossa orientação teórica diferente, devemos ser justo e afirmar que, sem o trabalho de West, teríamos gasto muito mais tempo na elaboração da nossa monografia.
Além dos trabalhos linguísticos efetuados sobre o ye'pâ-masa, soubemos também aproveitar das numerosas monografias realizadas sobre línguas particulares da mesma família tukano. Desde a excelente tese de Kaye (1970), muitos pesquisadores estudaram esses idiomas. O leitor achará na bibliografia uma lista dos principais trabalhos publicados até hoje.

1.9. A fala tukano dos ye'pâ-masa

A descrição que segue é representativa da fala ye'pâ-masa dos rios Tiquié e Papuri no Brasil. As pesquisas no campo duraram mais de dois anos (1994-1996).
No **primeiro tomo da série**, propomos uma gramática distribucional da língua ye'pâ-masa. No capítulo 2, repertoriamos os segmentos fonológicos assim como as principais regras fonológicas. As variantes surdas dos segmentos vocálicos são explicadas pelo contexto consonântico. Discutimos em detalhe a melhor escolha dos traços relevantes para a análise.
Depois de propor uma estrutura bimoraica para todo o léxico, estudamos pormenorizadamente os traços suprassegmentais no capítulo 3: a nasalização, a laringalização e os tonemas. A nasalização é um traço que abrange o morfema na sua totalidade. As consoantes surdas são, intramorfemicamente, segmentos transparentes ao processo de harmonia nasal enquanto são opacos nos sufixos e bloqueiam o processo de contaminação nasal. O tom laringalizado toca a primeira mora dos morfemas. Existem duas melodias tônicas associadas aos lexemas: a melodia alta ou melodia de registro, e a melodia ascendente ou melodia de contorno. Uma terceira melodia, a melodia baixa, é fonologicamente átona e caracteriza os sufixos e as palavras dependentes.
No capítulo 4, apresentamos as principais classes de lexemas: os verbos independentes, os nomes independentes, os verbos dependentes e os nomes dependentes. O ye'pâ-masa é uma língua de sufixos. Apresentamos também uma série de argumentos que justifiquem o estatuto de lexemas, e não de sufixos, para os verbos e nomes dependentes. Oferecemos um resumo das principais características morfossintáticas da língua ye'pâ-masa.
Tratamos da morfologia verbal nos capítulos 5 e 6. Não há verbos irregulares. O conjunto de sufixos expressando a modalidade epistêmica, o tempo-aspecto, a pessoa, o gênero e o número está descrito no capítulo 5. Os outros sufixos (direcionais, propagativo, negativo, frustrativo, assertivo, etc.) aparecem no capítulo 6.
No capítulo 7, estudamos os verbos dependentes. São fonologicamente átonos e seguem um verbo independente que lhes serve de complemento. Apresentamos em detalhe as

relações semânticas que implicam. Alguns verbos dependentes fortemente gramaticalizados fazem o objeto de um estudo à parte neste trabalho.
A morfologia nominal aparece no capítulo 8. Os nomes são divididos em 3 classes nominais, e, para cada classe, passamos em revista os sufixos associados (plural, singulativo, sufixos de forma, aumentativo, diminutivo, marcadores de função).
No capítulo 9, apresentamos os nomes dependentes. São fonologicamente átonos e sempre seguem um nome que lhes serve de complemento. Argumentamos que esses nomes dependentes não são sufixos e não devem ser confundidos com classificadores nominais. Alguns nomes dependentes fortemente gramaticalizados fazem o objeto de um estudo à parte neste trabalho.
No capítulo 10, estudamos um sistema original e muito produtivo de sufixos implicativos. Conforme a relação entre os sujeitos das orações implicativa e principal ser de identidade ou de não-identidade, os sufixos implicativos mudam de forma (sufixos isofóricos e sufixo anisofórico).
A língua possui um sistema extremamente complexo de sufixos nominalizadores que estudamos no capítulo 11. Existem formas diferentes para o animado masculino singular, o animado feminino singular, os animados plurais, o inanimado de lugar, o inanimado singular, o inanimado abstrato e o inanimado de forma particular. Existem também formas diferentes para o habitual, o perfectivo e o futuro. Esses sufixos permitem construir todo tipo de orações subordinativas.
Os pessoais, a anáfora, a autófora, os possessivos, os demonstrativos e os interrogativos são estudados no capítulo 12.
O capítulo 13 descreve as outras classes de morfemas (“clíticos”, interjeições, onomatopeias, etc.), enquanto o capítulo 14 apresenta os principais mecanismos de derivação e de composição.
No capítulo 15, reunimos todas as regras tonais e comentamos o comportamento tonal de todos os sufixos estudados. Identificamos os que são tonalmente irregulares e tentamos propor uma explicação para cada irregularidade.
No último capítulo, algumas considerações sobre a ordem das palavras são apresentadas. Tentamos contrastar as noções delicadas de sintagma e de locução apositiva. Apresentamos também o mecanismo de coordenação nominal ou verbal.
O **segundo tomo** contém um dicionário ye’pâ-masa / português, um léxico português / ye’pâ-masa e, em anexo, uma apresentação dos termos de parentesco.
O **terceiro tomo** é um método pedagógico de aprendizagem da língua com gravação, destinado a todos que desejam aprender este idioma.

Para terminar esta introdução, queremos expressar todo o nosso reconhecimento:
- aos nossos informantes: Alfredo Fontes, Arlindo Maia e Valério Lopes, pela paciência que mostraram e pela ajuda valiosa que nos forneceram;
- a Mario Rossi e ao padre Casimiro Beksta, pelas suas críticas do trabalho presente;
- aos salesianos e a Dom Walter, pela sua hospitalidade sem igual e pelo apoio logístico que nos deram.

2

Fonologia segmental

O quadro seguinte reproduz os 16 fonemas segmentais da língua dos ye'pâ-masa (**p**, **t**, **k**, **s**, **h**, **b**, **d**, **g**, **w**, **y**; **ɨ**, **i**, **u**, **e**, **o**, **a**):

p	**t**		**k**
b	**d**		**g**
	s		**h**
w		**y** [j]	
		i **ɨ** **u**	
		e **o**	
		a	

Cada vogal **V** tem uma contraparte surda: [V̥] e laringalizada: [V̰]. Cada uma destas realizações pode ser nasalada: [Ṽ], [Ṽ̥] e [Ṽ̰]. Cada vogal não surda e não laringalizada, nasalada ou não, pode ser longa ou não: [V], [V:], [Ṽ], [Ṽ:].
A fonologia suprassegmental será estudada no capítulo seguinte. Basta, por enquanto, familiarizar-se com as notações dos quatro traços suprassegmentais seguintes:

♦ ◌̂ : notação escolhida para o tonema dito de **melodia alta** ou melodia de registro (acento circunflexo). Abrange o morfema na sua **totalidade**. A realização mais típica deste tonema aparece no exemplo: **werê** [ʋéɾé] *avisar*, onde todas as vogais do morfema têm tom alto: **[C_1V́$_1$$C_2$V́$_2$]**. Se **$C_2$** é surda, temos a realização: **[C_1V̀$_1$$C_2$V̋$_2$]**, como em **isô** [ɨ̥̀sɔ́] *coxa*.

♦ ◌́ : notação escolhida para o tonema dito de **melodia ascendente** ou melodia de contorno (acento agudo). Abrange o morfema na sua **totalidade**. Como no exemplo **bará** [^{m}bàrǎ] *puçangas*, onde a primeira vogal do morfema tem tom baixo e a segunda vogal apresenta um tom de contorno baixo-alto ou médio-alto: **[C_1V̀$_1$$C_2$V̌$_2$]** ~ **[$C_1$V̀$_1$$C_2$Ṽ́$_2$]**.
Abrangendo o morfema na sua totalidade, ◌̂ e ◌́ serão notados em cima da **segunda e última vogal do morfema**, já que, como o veremos, todos os morfemas têm uma **estrutura bimoraica**.

♦ A ausência de grafia no morfema assinala o tonema dito de **melodia baixa**. Essa melodia é fonologicamente átona (tom descendente médio-baixo): **yawi** [jã̀ʊ̀ ĩ] *torto*.

Em resumo, com um morfema bisilábico, temos:

/$C_1V_1C_2\hat{V}_2$/	melodia alta [$C_1\acute{V}_1C_2\acute{V}_2$], com V_1 e V_2: tom de registro alto ; quando C_2 é surda, temos [$C_1\grave{V}_1C_2\acute{V}_2$] com V_1: tom baixo e V_2: tom de registro alto,
/$C_1V_1C_2\acute{V}_2$/	melodia ascendente: [$C_1\grave{V}_1C_2\check{V}_2$] ~ [$C_1\grave{V}_1C_2\bar{V}\acute{}_2$], com V_1: tom baixo e V_2: tom de contorno ascendente baixo-alto ou médio-alto.
/$C_1V_1C_2V_2$/	melodia baixa: [$C_1\bar{V}\grave{}_1C_2\bar{V}\grave{}_2$], com V_1 e V_2: tom de contorno descendente médio-baixo.

♦ **a͠** : notação da **nasalização**. Abrange o morfema na sua totalidade: cada vogal e cada consoante sonora tem um alofone nasal. As consoantes surdas estão ignoradas no processo. O til (~) será unicamente notado na primeira vogal do morfema, a segunda sendo já reservada para as notações tonais (os morfemas tônicos sendo bimoraicos):
ãyâ [ã̌j̃á̃] ~ [ã̠ɲá̃] *jararaca*
bãdí [mã̀d̃ǐ] *não estar*
bɨ̃tê [mɨ̀̃ɨ̃t̪ẽ̌] *carapanã*

♦ **a͟'** : notação do **tom laringalizado** ou **glotalizado** (apóstrofo). A parte final da vogal seguida por ' é em parte laringalizada e sempre proferida em tom baixo:
du'tí [^{n}dùu̯̰tĭ] *fugir*
O caráter suprassegmental desta laringalização será argumentado no capítulo seguinte.

2.1. Os fonemas segmentais

As oposições exemplificadas em 2.3. permitem identificar 16 segmentos fonêmicos: 6 vogais (**i**, **ɨ**, **u**, **e**, **o**, **a**) e 10 consoantes (**p**, **t**, **k**, **s**, **h**, **b**, **d**, **g**, **w**, **y**). Nota-se o número elevado de realizações vocálicas, devido à interação com os consoantes surdas e com os suprassegmentos nasal e laringal.

VOGAIS

/i/ → [ɪ] / posição final de enunciado exclamatório enfático
→ [i] / em outros contextos

ikî [ìi̯̰kí] *inajá*
apomí! [àa̯̰pɔ̀mǐ] *(ele) conserta!*

/i/ tem uma realização fonética que corresponde bem à vogal cardinal respectiva. Os valores dos formantes calculados com o aparelho de análise acústica CECIL-SIL deram: 300 Hz < F_1 < 430 Hz, 1750 Hz < F_2 - F_1 < 2300 Hz.

/u/→ [ʊ] / posição final de enunciado exclamatório enfático
→ [u] / em outros contextos

Com: 330 Hz < F_1 < 450 Hz, 300 Hz < F_2 - F_1 < 800 Hz.

/ɨ/ → [ɨ̯] / posição final de enunciado exclamatório enfático
→ [ɨ] / em outros contextos

yɨ'î [jɨ̀ɨ̯́] *eu*
bɨpî [^{m}bɨ̀ɨ̯̰pɨ́] *aranha*
du'tiápɨ! [^{n}dùu̯̰tīa̠p̠ɨ̀] *fugi!*

Com: 320 Hz < F_1 < 420 Hz, 1100 Hz < F_2 - F_1 < 1600 Hz.

/a/ → [ɔ] / posição final de enunciado exclamatório (facultativo)
→ [a] ~ [a̲] / em outros contextos (variantes livres)

badá [ᵐbàɽă] *puçangas*
a'gá! [àa̲gă] ~ [àa̲gɔ̆] *ai!* (exclamação de dor, a 2ª realização expressa uma exclamação forte)

Os formantes de [a] e [a̲] são: 700 Hz < F_1 < 930 Hz, 500 Hz < F_2 - F_1 < 1100 Hz.

/e/ → [ɛ̨] / __ (C) [+sil, +alto]
→ [e] / posição final de enunciado exclamatório enfático
→ [ɛ] / em outros contextos

Em termos informais, realiza-se [ɛ] antes de **e**, **o**, **a** ou em fim de enunciado; realiza-se [ɛ̨] (i.e., fecha-se) antes de **i**, **ɨ** e **u** (assimilação regressiva às vogais altas); e realiza-se [e] em contexto enfático:
kasê-do [kàa̲sɛ́ɾɔ̀] *pedaço de pele*
pele - sg
kasê-di [kàa̲sɛ̨́ɾì] *pele inteira*
pele - pl
yeé [jɛ̆:] *meus*

/o/ → [ɔ̨] / ___ (C) [+sil, +alto]
→ [o] / posição final de enunciado exclamatório enfático
→ [ɔ] / em outros contextos

Em termos informais, /o/ realiza-se [ɔ] antes de **e**, **o**, **a** e em fim de enunciado; realiza-se [ɔ̨] (ou seja, fecha-se) antes de **i**, **ɨ** e **u** (assimilação regressiva às vogais altas); e realiza-se [o] em contexto enfático:
doê [ⁿdɔ́ɛ́] *traíra*
apo -gí [àa̲pɔ̨́gɨ́] *aquele que conserta*
consertar-Nom/msg

AS VOGAIS SURDAS

A **primeira vogal** de uma palavra fonológica torna-se **em parte surda** quando seguida por uma consoante surda. A fórmula seguinte mostra esta assimilação, o segundo traço oblíquo indicando a separação das palavras fonológicas (cf. 3.5.):

V → V̥ / / (C)_____ [**-sil**, **+surd**] (assimilação regressiva parcial)

Por exemplo:
apê [àa̲pɛ́] ~ [àhpɛ́] *brincar*
bɨ̃tê [mɨ̥̃̀̀tɛ̃́] ~ [mɨ̃̀htɛ̃́] *carapanã*
akó [àa̲kɔ̆] ~ [àhkɔ̆] *líquido*
ɨ̃sâ [ɨ̥̃̀̀sɑ̃́] ~ [ɨ̃̀hsɑ̃́] *nós*
ohâ [ɔ̀ɔ̨há] ~ [ɔhɔ̨́á] *pintar* [na segunda realização do último exemplo, a consoante surda **h** assume a qualidade da vogal precedente, dando a metátese entre **o** e **h**]

Esta vogal surda tem a mesma duração que a parte sonora correspondente: em regra geral, 115 ms para a parte sonora e 115 ms para a parte surda, o conjunto tendo a duração de uma vogal normal.
O tom destas vogais parcialmente surdas é geralmente médio ou baixo, mesmo se a melodia do morfema for alta (ˆ).
Esta regra:

1) Vale unicamente para a **primeira vogal** (ou, mais precisamente: a **primeira mora**) de cada palavra fonológica:

apo + bãsí [àa̰pɔ̀/mã̰a̰sĭ] *saber consertar* (2 palavras fonológicas)
consertar+saber
apo - tí - bĩ [àa̰pɔ̰̀tĭmı̰̀] *(ele) não conserta* (1 palavra fonológica)
consertar-Neg-3msg
wesé [ʊèḛsɛ̆] *roça* (1 palavra fonológica)
wee-sehé [ʊèsèḛhɛ̆] *fazeres* (1 palavra fonológica)
fazer-Nom/pl

No primeiro exemplo, as primeiras moras de **apo** e **bãsí** tornam-se parcialmente surdas por serem as primeiras de cada palavra fonológica. No segundo exemplo, a primeira mora (**a**) torna-se em parte surda, mas a segunda (**o**) fica inteiramente sonora apesar de ser seguida pela consoante surda **t**. No terceiro exemplo, o primeiro **e** torna-se em parte surdo por ser a primeira mora. No quarto exemplo, o primeiro **e** do radical **wee** *fazer* fica sonoro por não ser seguido por uma consoante surda.

2) Sofre pouquíssimas exceções, que são empréstimos ou compostos polimorfêmicos congelados. Como empréstimos:

mutúru [mùtŭɽù] *motor* (< português)
dutúru [ⁿdùtŭɽù] *doutor* (< português)
pisána [pìsănà] *gato* (< português **bichano**, passando pelo nheengatu **piʃana**)

Outras palavras com consoante intermediária surda mas sem vogal surda são polimorfêmicas. Como exemplo:

pika [pĭka͡] *dedo*

que provem da palavra **upi-ka** [ṵu̯̰pĭka͡] *dente/ponta* com apagamento da 1ª vogal **u**. Como se vê, o **i** em **pika** não era a 1ª vogal do morfema antes do apagamento, e **-ka** é um sufixo. Esta palavra será escrita **piika** no dicionário para levar em conta a não-surdez de **i** e uma regra geral de duração compensatória das moras depois de apagamento de uma mora (cf. 2.7.).
Sendo automático, este processo de surdez parcial não deve ser notado. Este caráter automático é comprovado por certos sufixos de derivação (cf. 14.2.) começando por uma consoante surda:

- com o sufixo resultativo **=sa**:
pe=ô [pɛ́ɔ́] v.tr. *colocar* (**pe=** *ação de colocar*, **=o** *causativo*)
pe=sâ [pèḛsá] *estar colocado*
yo=ô [jɔ́ː] v.tr. *pendurar* (**yo=** *ação de pendurar*, **=o** *causativo*)
yo=sâ[jɔ̀ɔ̰̀sá] *estar pendurado*

- com o sufixo da voz média **=ti**:
dɨka-waá [ⁿdɨ̰̀kà/ʊăː] v.tr. *dividir* → **dɨka-wa=tí** [ⁿdɨ̰̀kà/ʊàà̰tĭ] *dividir-se*
/ya=ó/ [jɔ́ː] v.tr. *apagar* → **ya=tí** [jàà̰tĭ] *apagar-se*

Como se vê pelos exemplos acima, é a surdez da consoante inicial do sufixo derivacional (**s** de **=sa**, **t** de **=ti**) que torna a vogal precedente parcialmente surda. **Isto não vale com os sufixos flexionais**.

CONSOANTES

As consoantes surdas **p**, **t**, **k**, **s** e **h** não têm grande variedade alofônica: **t** e **s** têm uma realização dental ou alveolar (variação livre); **h** assume a qualidade da vogal precedente. Além disso, **h** tem distribuição limitada: nunca aparece no começo de palavra, a não ser em algumas interjeições.

/b/→ [m] / em contexto nasal (morfema nasal)
→ [^{m}b] / em contexto oral (morfema oral): no começo da locução fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal (leve pré-nasalização facultativa)
→ [b] / em contexto nasal (morfema oral): outros contextos

sa'ba [sa̰ba̰] *enlameado*
biâ [^{m}bíá] *pimenta*
kãdi - tí -bĩ [kã̰ɾ̃ĩ^{n}tĩ́mĩ́] *não dorme*
dormir-Neg-3m.sg.
bãdî [mã̰ɾ̃ĩ́] *nós*

/d/→ [d] / em contexto oral (morfema oral): começo de palavra fonológica
→ [^{n}d] / em contexto oral (morfema oral): começo da locução fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal
→ [ɾ] / em contexto oral (morfema oral): posição intervocálica, depois de vogal não posterior (**i**, **e**)
→ [ɽ] / em contexto oral (morfema oral): posição intervocálica, depois de vogal posterior (**a**, **o**, **ɨ**, **u**)
→ [n] / em contexto nasal (morfema nasal): começo de palavra fonológica
→ [ɾ̃, ɽ̃, n] / em contexto nasal: posição intervocálica

<u>No começo da palavra fonológica</u>
doê [^{n}dɔ́ɛ́] *traíra*
ba'â+du'u [^{m}bàa̰á/dṵʉ̰ʉ̃] *parar de comer*
comer+parar
dãâ [nã́ː] *eles*
apê +dĩ'i -bĩ [àa̰pɛ́/nḭ̃ḭ̃ĩmĩ́] *(ele) brinca ainda*
brincar+ainda-3m.sg.

<u>Em posição intervocálica</u>
wedê [vɛ́ɾɛ́] *avisar*
badá [^{m}bàɽă] *puçangas*
bẽdê [mɛ̃́ɾ̃ɛ̃́] ~ [mɛ̃́nɛ̃́] *ingá* (a segunda realização do último exemplo sendo o resultado de interferências com outras línguas da região)

Em resumo, o fonema **d** realiza-se como:

- [^{n}d, d] em contexto oral e [n] em contexto nasal (começo de palavra fonológica)
- [ɾ, ɽ] em contexto oral e [ɾ̃, ɽ̃] em contexto nasal (posição intervocálica), a pronúncia [n] em contexto nasal sendo o resultado da influência da língua pira-tapuyo (pelo menos, no rio Caiari-Uaupés abaixo de Iauaretê)

Existem poucas exceções a esta distribuição alofônica:
a) Alguns empréstimos:
Mandú *Manoel* onde **d** é pronunciado [d] e não [ɾ]
pisána *gato* onde guardaremos a grafia **n** por corresponder a pronúncia real [pìsănà] e não *[pìi̯sa̯ɾ̃ã̀]
b) A interjeição:
adé! [àdɛ̆] ~ [àɾɛ̆] *coitado!*

Apesar destas raras exceções onde [d] ou [n] aparecem intervocalicamente, nenhuma palavra começa por [ɾ] ou [ɾ]:
a) Certos morfemas começam por [ɾ] mas nunca no começo de uma palavra fonológica. Em outros termos, são sufixos. Por exemplo, o sufixo **-de** *referencial*:
petâ-de [pɛ̀ì̯tátɾɛ̃] *em relação ao porto*
porto-Ref

Em sentido contrário, nenhum sufixo começa por [d] ou [n].

b) Os empréstimos do português começando por **l** ou **r** são tratados da maneira seguinte, i.e. interpretados como [d] ou [n]:
dápi [ⁿdăpì] *lápis*
dáta [ⁿdătà] *lata*
Dúka [ⁿdŭkà] *Lucas*
Dósa [ⁿdɔ̆sà] *Rosa*
idimű̆u [ìɾìmŭ̆ù̆] *limão*
dă̋sia [nă̋sì̆à] *lancha*

ou seja, **l** e **r** inicial do português realizam-se [ⁿd] ou [n] para se conformar à distribuição alofônica da língua ye'pâ-masa. No entanto, o alofone [ɾ] pode aparecer depois da inserção de uma vogal epentética, como no penúltimo exemplo acima.
Estes exemplos de reinterpretação de palavras portuguesas conforme a fonologia da língua ye'pâ-masa mostram que **d/r** são percebidos como uma unidade e que a distribuição alofônica **d**/**r** é uma "realidade produtiva".

OBSERVAÇÃO: apesar de **m** ser apenas um alofone de **b** em contexto nasal; **n**, um alofone de **d** em contexto nasal e em posição inicial; **r**, um alofone de **d** em posição intervocálica, as grafias **m**, **n** e **r** foram guardadas nas escolas bilingues por causa dos conflitos gerados com a grafia da língua portuguesa (onde **m**, **n**, **r**, **d** e **b** são fonemas distintos).

/g/ → [ŋ] / em contexto nasal
→ [g] / em contexto oral

ya'gé [jàà̯gɛ̆] *mastigar*
dõgê [nɔ̃́ŋɛ̃́] *esfregar-se*

Como **h**, **g** é um fonema com distribuição limitada: nunca aparece no começo de uma palavra fonológica. No entanto, pode iniciar um sufixo. Com o sufixo nominal **-ga** *forma roliça*:
ɨ̃rê *pupunha* **ɨ̃rê-ga** [ɨ̃́ɾɛ́ŋã̀] *a fruta*
kií *mandioca* **kii-gá** [kìgắ] *o tubérculo*

O fato de que **g** não aparece em começo de palavra é o resultado de um apagamento diacrônico, explicitado pela regra: ***g → Ø / #__**.
A comparação com outras línguas da mesma família, como a língua desano, sugere esta hipótese:

bicho-de-casco	**uû** (ye'pâ-masa)	**guî** (desano)
tomar banho	**u'á** (ye'pâ-masa)	**gu'á** (desano)
osso	**õ'â** (ye'pâ-masa)	**gõ'â** (desano)

Outros argumentos que sugerem uma regra de apagamento:
- o fonema **g** tem caráter recessivo (são poucos os morfemas com **g**).
- o fonema **g** aparece em dois ou três sufixos muito usados. No entanto, em registro coloquial, ele cai:

ape -gó [àa̰pɛ̀gɔ̌] ~ [àa̰pɛ̀ɔ̌] *aquela que brinca* (a 2ª realização no registro coloquial)
brincar-Nom/fsg

/w/ → [ʊ̃] ~ [ɱ] / contexto nasal (variantes livres)
→ [ʋ] / contexto oral (aproximante labio-dental)

wedê [ʋéɾɛ́] *avisar*
wẽô [ʊ̃ɛ́ɔ́] *bambu* sp.

/y/ → [j] / em contexto oral
→ [ⁿj] / em contexto oral: começo da palavra fonológica ou, dentro da locução, precedido intermorfemicamente por uma vogal nasal (facultativo)
→ [j̃] ~ [ɲ] / em contexto nasal (variantes livres)

bayâ [ᵐbájá] *mestre de dança*
yaî [jáí] ~ [ⁿjáí] *onça*
yãbâ [j̃ãmã̂] ~ [ɲãmã̂] *veado*

OBSERVAÇÃO: Uma oclusão glotal [ʔ] precede facultativamente uma vogal que começa a palavra fonológica: **aâ** [á:] ~ [ʔá:] *gavião* (mas não : *[á:ʔ]). Esta oclusão é proibida depois de uma vogal, a não ser que esta última seja laringalizada: **da'dá** [ⁿdàa̰ɽă] ~ [ⁿdàa̰ʔɽă] *trabalhar*.

2.2. Os traços

Levando em conta as variações alofônicas e as regras fonológicas que examinaremos no fim deste capítulo (cf. 2.7.), escolhemos 7 traços que caracterizam completamente os fonemas segmentais da língua ye'pâ-masa: [sil], [post], [arred], [alto], [surd], [inter], [extr], com [inter]: grau de aproximação das articulações e [+extr]: as duas extremidades da parte do conduto vocal utilizado pela língua:

+sil	-post	+post	
		-arred	+arred
+alt	**i**	**ɨ**	**u**
-alt	**e**	**a**	**o**

-sil		+extr		-extr
		-post	+post	
+surd	+inter	**p**	**k**	**t**
	-inter		**h**	**s**
-surd	+inter	**b**	**g**	**d**
	-inter	**w**		**y**

Para defender o arranjo das consoantes apresentado acima (**t**/**s**/**d**/**y**, assim como **p**/**b**/**w** e **k**/**g**, na mesma coluna), exporemos rapidamente uma regra de ensurdecimento de consoantes sonoras. Esta regra vale para alguns sufixos nominais afixados a verbos nominalizados (cf. 11.2.). Por exemplo, com o verbo **apê** *brincar*, os nominalizadores □́ (tom flutuante) e **-di**, e os sufixos **-ga** *forma roliça*, **-gɨ** *forma retilínea*, **-tɨ** *forma de panela*, **-wɨ** *forma tubular*, **-da** *forma de lago*:

/ape- □́ -di-ga/ → **apekahá** *coisa roliça para brincar (bola,...)*
/ape- □́ -di-gɨ/ → **apekɨhɨ́** *coisa retilínea para brincar (pau,...)*
/ape- □́ -di-tɨ/ → **apetɨhɨ́** *panela para brincar*
/ape- □́ -di-wɨ/ → **apepɨhɨ́** *coisa tubular para brincar (canoa,...)*
/**ape- □́ -di-wa**/ → **apepahá** *coisa em forma de abóbada para brincar*
/ape- □́ -di-da/ → **apetahá** *lago para brincar*

Com **-ye** *plural*:

/ape- □́ -di-ye/ → **apesehé** *coisas para brincar (brinquedos,...)*
/**ape-a-di-ye**/ → **apeátehe** *coisas futuras para brincar*

(nestes exemplos, é o apagamento do sufixo **-di** que desencadeia o ensurdecimento das consoantes sonoras, com a adição de uma mora pela regra de duração compensatória, cf. 2.7.)

O arranjo **s**/**y** é também mostrado pelo morfema gramatical **{=sa}** *resultativo*, cujos alomorfes são **=sa** em contexto oral e **=ya** em contexto nasal:

pɛ=ô *v.tr. colocar* → **pɛ=sâ** [pɛ̀ɛ̰̀sá] *estar colocado*
sãâ *v.tr. meter* → **sã=yâ** [sá̰j̃á̰] *estar metido*

O arranjo **s**/**y** argumenta-se também pela comparação com outras línguas da família tukano:

pau	**yukɨ̂** (ye'pâ-masa)	**sũkí** (siona)
óleo	**ɨ'sê** (ye'pâ-masa)	**ɨye** (barasana)
dançar	**basâ** (ye'pâ-masa)	**baya** (desano)

No entanto, o arranjo das consoantes que apresentamos no quadro acima não leva em conta certas variedades alofônicas dos fonemas **y** e **w**: as realizações [ɲ] e [ŋ], em contexto nasal, são [+inter], e não [-inter], como o sugere o quadro. Substituindo o traço [inter] por [contínuo] não resolveria o problema. Com efeito, **w**, **y**, **h** e **s** são contínuas, quaisquer sejam os seus alofones (em [ɲ] e [ŋ], o ar passa pelo conduto nasal); no entanto, o fonema **b** tem o alofone não-contínuo [b] e o alofone contínuo [m].
Uma opção seria o quadro seguinte:

-sil	+extr		-extr	
	-post	+post		
-voz	**p**	**k**	**t**	
+voz	**b**	**g**	**d**	
0voz	**w**	**h**	**s**	+fric
			y	-fric

Com este quadro, **w**, **h**, **s** e **y** têm o traço [0voz], i.e. não são marcados para o traço [voz], já que não há oposição, por exemplo, do tipo **s** / **z**.
Este novo arranjo não nos satisfaz completamente: não mostra de maneira óbvia o conjunto de consoantes surdas (**p**, **t**, **k**, **s** e **h**) que determinam as variedades vocálicas surdas e que entram nas regras de contaminação nasal (cf. 3.2.).

2.3. As oposições

A lista abaixo dá exemplos de oposição em posição inicial ou intervocálica para as consoantes, a língua não admitindo sílabas êmicas fechadas (padrão silábico **(C)V**).

i / ɨ
sitɨ *aquela* **sitɨ́** *ser circular*
wii *assobiar* **wɨ́** *voar*
pi'â *grudar* **pɨ'â** *tropeçar*
biâ *pimenta* **bɨâ** *trançar*
sitɨ́ *ter cheiro* **sitɨ́** *ser circular*
wiá *entregar* **wɨá** *ferver*
pi'tó *foz* **pɨ'tó** *perto*

i / u
ahí *escarrar* **ahú** *ter mau cheiro*
wa'î *peixe* **wa'û** *macaco zogue-zogue*
ã'kî *escolopendra* **ã'kû** *estar frouxo*
ti'â *cerrar* **tu'â** *aproximar-se*

ɨ / u
wapɨ̂ *cunuri (fruta)* **wapû** *certa doença*
bɨê *flechar* **buê** *defumar*
bɨtî *estar duro* **butî** *estar maduro*
sɨ'â *estar grudado* **su'â** *tecer*

e / o
ehâ *atingir* **ohâ** *pintar*
petâ *porto* **potâ** *espinho*
bẽé *carregar* **bõó** *não ter*
de'dé *na ponta dos pés* **de'dó** *como?*

ɨ / o
-gɨ *masculino sg.* **-go** *feminino sg.*
bɨ̃sâ *vocês* **bõsâ** *urucu*

i / e
wi'ê *não ter êxito* **we'ê** *amassar*

así *estar quente* **asé** *comer duas coisas juntas*

u / o

oâ *fazer cacofonia* **uâ** *estar zangado*
sidú *deslizar* **sidó** *fundo*
u'á *tomar banho* **o'á** *varrer*

a / o

bã'â *caminho* **bõ'â** *cobrir*
apê *brincar* **opê** *breu*
aká *caixas* **akó** *líquido*
-bã *3pl* **-bõ** *3fsg*

a / e

pehâ *assentar-se* **pehê** *certa palmeira*
wãdî *estar guloso* **wẽdî** *morrer*
weá *envolver* **weé** *fazer*

a / ɨ

wapâ *certo peixe* **wapɨ̂** *cunuri*
-ga *forma roliça* **-gɨ** *forma retilínea*

y / w

yãâ *urtiga* **wãâ** *fachear*
yahá *roubar* **wahá** *remar*
yɨâ *estar salgado* **wɨâ** *carregar no ombro*

b / w

baá *nadar* **waá** *tirar (água)*
besé *escolher* **wesé** *roça*
yabî *sentir nojo* **yawî** *samambaia*

s / t

su'â *tecer* **tu'â** *ser detido*
pesâ *estar colocado* **petâ** *porto*
saâ *estar superlotado* **taâ** *capim (grama)*

d / y

duû *pairar* **yuû** *fazer armadilha*
dɨ'tɨ̂ *esquilo* **yɨ'tɨ̂** *ter listras*
sãdâ *martim-pescador* **sãyâ** *estar metido*

p / b

pi'î *aturá (cesto)* **bi'î** *rato*
petá *tocandira* **betá** *tucum*
wapê *certa fruta* **wabê** *mexer*

t / d

tuú *empurrar* **duú** *comprar*
tɨ'sâ *gostar* **dɨ'sâ** *enfadar-se*
yɨ'tɨ *listrado* **yɨ'dɨ** *demais*

p / w

pa'â *flutuar* **wa'â** *ir*

pehé *muitos* **wehé** *pescar*
yapî *estar farto* **yawî** *samambaia*

t / y
tãâ *assar* **yãâ** *urtiga*
teê *lavrar* **yeê** *construir*

s / y
seé *apanhar* **yeé** *meus*
sũ'bí *remela* **yũ'bí** *mexer-se*
basâ *dançar* **bayâ** *mestre de dança*

s / d
soê *meter nas cinzas* **doê** *traíra*
ãsɨ *franzido* **ãdɨ** *torcido*

p / t / k
petâ *porto* **pekâ** *lenha*
tií *anafórico* **kií** *mandioca*
paâ *bater* **taâ** *capim*

k / g
yokó *pressagiar* **yogó** *demorar*
ki'ki *cheio* **kigi** *raquítico*
sa'kâ *besouro* **sa'gá** *estar frouxo*

k / h / Ø
weé *fazer* **wehé** *pescar*
uú *falar* **uhú** *pacu (peixe)*
pekâ *lenha* **pehâ** *colocar-se*
kɨó *possuir* **ɨó** *querer*
oá *mucura* **ohâ** *pintar* **okâ** *passar remédio*

b / d / g
biâ *pimenta* **diâ** *rio*
sa'bá *enlameado* **sa'gá** *estar frouxo*

s / h
osô *morcego* **ohô** *banana*
ɨsâ *nós* **ɨhâ** *queimar*

2.4. Padrão silábico e sequências de segmentos ambivalentes

O padrão êmico da sílaba é: **(C)V_1(V_2)**. Não há, fonemicamente, sílabas fechadas.
As sílabas éticas são do mesmo tipo, a não ser as sílabas do tipo [(C)$V_1\tilde{V}_1$ʔ], a oclusão glotal fechando facultativamente uma vogal laringalizada: **be'tô** [^{m}bɛ̀ɛ̰̀tɔ́] ~ [^{m}bɛ̀ɛ̰̀ʔtɔ́] *roda*. As sílabas com vogal surda obedecem ao mesmo padrão (C)V$\underset{\circ}{\text{V}}$: **petâ** [pɛ̀ɛ̰̀tá] *porto*.
Com **h**, a metátese acima referida (cf. 2.1.) dá origem a grupos consonânticos [p^h, t^h, k^h, b^h,...] ao nível ético, como: **pahî** [pàà̰hí] ~ [p^hà̰í] *estar grande*. Ao nosso ver, a segunda realização, como grupo de consoantes, não tem repercussão fonológica. Como argumentos:

a) Os verbos **tohá** *voltar*, **wihá** *sair*, etc. podem ser realizados como [t^{h}ɔ̀ă], [ʋ̩ìă], etc. No entanto, são compostos: **to-há**, **wi-há**, etc., como o prova:
tõ-dô-o' *fazer voltar*
wĩ-dô-o' *fazer sair*, etc.

b) O verbo **ehâ** *atingir (centrífugo)* pronuncia-se [ɛ̀ɛ̰̀há] ~ [ɛ̀hɛ̰́á] ~ [hɛ̀á]. Em composição com outro verbo, pronuncia-se: [ha], ou mais raramente [ɛɛ̰ha], como no exemplo seguinte (regra de apagamento de vogal inicial de morfema dependente, cf. 2.7.): **boka+ehá** [^{m}bɔ̀ɔ̰̀kà/hă] *topar*. A vogal inicial de **eha** foi apagada, o que justifica então a forma fonêmica **eha**: se tivéssemos escolhido como formas subjacentes as formas **hea** ou **ehea**, não teriam conseguido explicar o fenômeno, bastante produtivo na língua, de apagamento de vogal inicial.

c) A forma **ehâ** *atingir (centrífugo)* põe-se facilmente em paralelo com:
etâ *atingir (centrípeto)*
emɨ́ *atingir (alguém em movimento)*

enquanto **hea** ou **ehea** não explicariam as formas aparentadas.

d) Com o causativo **=o** e o sufixo de limite **=ha**:
pe=ô *colocar*
pe=hâ [pɛ̀ɛ̰̀há] ~ [pɛ̀hɛ̰́á] ~ [p^{h}ɛ̀á] *colocar-se*

o que mostra a estrutura fonêmica **pehâ**, e não **peheâ** ou **pheâ**.

e) Quando pronunciadas sem metátese, as formas **ehâ**, **pahî** correspondem à pronúncia de várias línguas tukano que ignoram o processo fonético de metátese, como o barasana. Na pronúncia lenta e aplicada, a metátese é também rejeitada na língua dos ye'pâ-masa. Em resumo, as realizações de grupos consonânticos de tipo **Ch** correspondem a um fenômeno fonético de metátese ou - melhor - de surdez de vogais adjacentes a **h** e, por isso, não têm nenhuma relevância fonêmica. O padrão silábico é sempre: **(C)V_1V_2**.

OBSERVAÇÃO: O leitor não se deixará enganar pela grafia adotada para o tom laringalizado (apóstrofo), como em: **be'tô** [^{m}bɛ̀ɛ̰̀tɔ́] *roda*, de tipo: $C_1V_1C_2V_2$, a 1ª vogal sendo em parte laringalizada.

SEQUÊNCIA DE VOGAIS

O problema das vogais e de sua duração será tratado no capítulo seguinte, onde as vogais alongadas serão interpretadas como ocupando duas posições na sílaba, por serem numerosas as sílabas do tipo (C)V_1V_2 com $V_1 \neq V_2$.
(C)V_1V_2 será considerado monossilábico no nível superficial, V_1 e V_2 sendo proferidas sem hiato, como em: **doê** [^{n}dɔ́ɛ́] *traíra*, onde uma oclusão glotal ou leve pausa é impossível entre as duas vogais (a não ser V_1 laringalizada) e onde as duas vogais são proferidas num único impulso de intensidade estendido sobre as duas (cf. anexo deste capítulo).

SEQUÊNCIA DE CONSOANTES

Já vimos que os fonemas **b** e **d** podem ser levemente pré-nasalizados no começo das locuções fonológicas:
biâ [^{m}bíá] *pimenta*

diâ [ⁿdíá] *rio*

Os grupos consonânticos [ᵐb] e [ⁿd] são realizações de unidades simples (**b** e **d**) e são sempre facultativos. Não são percebidos pelos falantes.

W e Y

Escolhemos símbolos consonânticos e interpretamo-los como fonemas consonânticos pelas razões seguintes:
1) Interpretados como consoantes, permitem diferenciar, por exemplo:
uí [ùĭ] *quem tem medo* de **wií** [ʊĭ:] *assobiar*
uá [ùă] *quem está zangado* de **waá** [ʊă:] *tirar*

Da mesma maneira, **yĩí** *estar preto* pronuncia-se [j̃ĭ:] e não *[ĭ:].

2) **w** e **y** são muito frequentes.

3) Vários morfemas têm alomorfes do tipo **yV** ou **wV**, a forma básica sendo CV sem nenhuma ambiguidade. Por exemplo, o sufixo resultativo **{=sa}** tem como alomorfe **=ya** em contexto nasal. Se **y** for interpretado como vogal, esta semelhança estrutural entre **y** e **s** (entre uma vogal e uma consoante dental) tornar-se-ia difícil de explicar.
Igualmente com o sufixo de forma tubular **-wɨ**, que, precedido pelo sufixo □́ (tom flutuante), torna-se **-pɨhɨ́**. Por exemplo, com **ãyú** *bonito*:
/ãyu-□́-di-wɨ/ → **ãyupɨhɨ́** *canoa bonita*

Se **w** for interpretado como vogal, a semelhança estrutural entre **w** e **p** não seria percebida.

4) Se **y** e **w** fossem interpretados como vogais, haveria conflito com a estrutura bimoraica da língua. Este argumento nos parece decisivo. No capítulo seguinte, veremos que a língua tem um padrão geral bimoraico: **petâ** *porto*, **doê** *traíra*, **bẽé** *carregar*, etc.
Se, por exemplo, **yaî** *onça* fosse escrito **iaî**, teríamos um morfema com três moras, o que seria contrário ao padrão geral e totalmente excepcional. Além disso, a estrutura bimoraica da língua obriga a contrações ou à perda de silabização de vogais:
uî [úí] *ter medo* (2 moras) → **/ui-ó/** *causar medo* [**-ó** *causativo*] → **wió** [ʊìǒ] (2 moras)

e não: *[ùìǒ] (3 moras) (silabização de **u** para obedecer à estrutura bimoraica)
Esta estrutura bimoraica nos obriga a interpretar **w** e **y** como consoantes.

5) **y** e **w** têm realizações tipicamente consonânticas : [ɲ] e [ŋ].

2.5. Dados numéricos

Em um total de 8.004 fonemas de textos escolhidos, o número de aparições de cada fonema foi o seguinte:

a	1478	**p**	406	**b**	420	([b]: 144; [m]: 276)
e	958	**t**	396	**d**	794	([d]: 62; [r]: 488; [n]: 244)
i	840	**k**	404	**g**	74	
o	594	**s**	204	**w**	216	
u	204	**h**	262	**y**	160	
ɨ	594					

Note-se o seguinte:

♦ O número de vogais é 4668 enquanto o de consoantes é 3336, ou seja:
V 58,5%
C 41,5%

♦ Os diversos modos de articulação das vogais têm frequências de aparição equilibradas:
i/ɨ/u 1638
e/o 1552
a 1478

♦ De todas as vogais, é **u** que tem o caráter de recessividade o mais acentuado. Note-se uma certa alternância dialetal entre **o** e **u**:
bo'ê ~ **bu'ê** *estudar*
yosâ ~ **yusâ** *estar pendurado*

♦ As frequências de aparição das consoantes surdas e das consoantes sonoras são equilibradas:
p/t/k/s/h 1672
b/d/g/w/y 1664

♦ Com uma frequência de aparição baixa, **g** é o fonema menos frequente e com o caráter de recessividade mais acentuado. Encontra-se em posição inicial de certos sufixos usadíssimos (cf. 2.6.) ou, raramente, em posição intra-morfêmica intervocálica. Diacronicamente, apagou-se em posição inicial de palavra fonológica (cf. 2.1.).
Os sufixos mais comuns onde **g** aparece são **-gɨ** *masculino singular*, **-go** *feminino singular*. No entanto, **g** cai na pronúncia de todos os dias:
apêgo weemó, **apêo weemó** *(ela) está brincando*

2.6. Combinação de fonemas

O quadro seguinte agrupa todas as sílabas da língua ye'pâ-masa (entre parênteses, as sílabas raras; com três traços [---], as sílabas inexistentes):

i	**ɨ**	**u**	**e**	**o**	**a**
pi	pɨ	pu	pe	po	pa
ti	tɨ	tu	te	to	ta
ki	kɨ	ku	ke	ko	ka
hi	hɨ	hu	he	ho	ha
si	sɨ	su	se	so	sa
bi	bɨ	bu	be	bo	ba
di	dɨ	du	de	do	da
(gi)	(gɨ)	(gu)	ge	(go)	(ga)
wi	wɨ	---	we	(wo)	wa
(yi)	yɨ	yu	ye	yo	ya

Podemos notar que:

1) **wu** e, praticamente também, **wo** não existem. A explicação articulatória é evidente: **w** é uma aproximante labio-dental que não se adapta à vogal que segue. Realizado como [ʊ], com os lábios esticados, é incompatível com as vogais arredondadas **o** e **u**.
A principal exceção é o sufixo **-wõ** *3f.sg.passado remoto*. Com **apê** *brincar*:

apê-wõ *(ela) brincou naquela época* (**-wõ** poderia ser uma contração de **-wa-bõ**)

2) **h** e **g** aparecem somente em posição intervocálica. Além disso, **g** é um fonema recessivo. Em um *corpus* de 2000 morfemas lexicais:
- 6 morfemas apenas contêm a sílaba **ge**
- 1 morfema ---------- **gɨ**
- 3 morfemas ---------- **gi**
- 1 morfema ---------- **gu**
- 1 morfema ---------- **ga**

além dos sufixos **-go**, **-ga** e **gɨ** (na pronúncia comum, **g** desaparece desses sufixos).

3) **w** não é muito comum em posição intervocálica (20 morfemas no mesmo *corpus*, além dos sufixos).
b aparece somente em mais ou menos 30 morfemas em posição intervocálica.

4) Há uma certa neutralização das oposições **p/b**, **t/d** e **k/g** em posição intervocálica, em favor dos fonemas surdos **p**, **t** e **k**. Com **t / d**, a sonora aparece geralmente em contexto nasal quando houver variação alofônica. Por exemplo:
{=ti} *voz média* → /=ti/ / contexto oral
→ /=di/ / contexto nasal

a'tí *este (inanimado)* **ã'dí** [ãˀɾĩ] *este (animado, msg)*
a'tîgo *esta (animado, fsg)* **ã'dá** [ãˀɾã] *estes (animado, pl)*

Combinação de vogais

Num conjunto de 2000 lexemas, obtemos as combinações seguintes:

(C)V_1V_2 (V_1 com ou sem laringalização)

	a	e	i	o	u	ɨ
a	**aa**	**---**	**ai**	**---**	**au**	**aɨ**
e	**ea**	**ee**	**---**	**eo**	**(eu)**	**---**
i	**ia**	**(ie)**	**ii**	**io**	**---**	**---**
o	**oa**	**oe**	**---**	**oo**	**---**	**(oɨ)**
u	**ua**	**(ue)**	**ui**	**---**	**uu**	**---**
ɨ	**ɨa**	**(ɨe)**	**---**	**ɨo**	**---**	**ɨɨ**

(C_1)$V_1C_2V_2$

	a	e	i	o	u	ɨ
a	**aa**	**ae**	**ai**	**ao**	**au**	**aɨ**
e	**ea**	**ee**	**ei**	**eo**	**(eu)**	**(eɨ)**
i	**ia**	**ie**	**ii**	**io**	**(iu)**	**(iɨ)**
o	**oa**	**oe**	**---**	**oo**	**---**	**---**
u	**ua**	**(ue)**	**ui**	**---**	**uu**	**(uɨ)**
ɨ	**ɨa**	**ɨe**	**(ɨi)**	**ɨo**	**---**	**ɨɨ**

O primeiro quadro mostra as ocorrências de grupos vocálicos; no segundo quadro, uma consoante separa as vogais. Note que:

- Todas as vogais podem ser seguidas por V idêntica ou por **a**. Com efeito, os grupos **aa**, **ee**, **ii**, etc. são muito frequentes. Decorrem muitas vezes das regras de harmonia vocálica que serão estudadas no subcapítulo seguinte.

- Há uma forte tendência à assimilação regressiva que restringe o número de combinações possíveis. Por exemplo, a sequência ***ao** não foi encontrada, o que resulta de uma regra de assimilação regressiva (a → o / __o) estudada abaixo.

- ***o(C)i**, ***o(C)u** e ***o(C)ɨ**, ou seja: ***o(C)V$_{alta}$**, não foram encontrados (salvo uma exceção). Como origens destas restrições:
o → u / __ i (assimilação regressiva)
ɨ → u / o __ (assimilação progressiva, com o sufixo **-(g)ɨ**)

- **e(C)V$_{alta}$** é raro, a não ser: **eCi** ; **V$_{alta}$(C)e** e **V$_{alta}$(C)o** são mais comuns.

- Existem lacunas aparentemente fortuitas, como **ae** e **ei**, já que estas combinações aparecem com consoante intermediária e que nenhuma regra de assimilação parece explicar a sua não-aparição.

- Há menos restrições com consoante intermediária.

2.7. As regras fonológicas

Ass1 $\begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{-alt} \\ \textbf{-arred} \end{bmatrix}$ → **[+arred]** / __ = $\begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{-alt} \\ \textbf{+arred} \end{bmatrix}$ (assimilação regressiva do traço [+arred])

Em termos informais, **a** torna-se **o** antes de sufixos derivacionais começando por **o** (a notação = marca os sufixos derivacionais). Com o sufixo causativo **=o**:
ĩ'yâ *ver* → **ĩ'ya=o** (Ass1) → **ĩ'yoó** (Bim) → **ĩ'yó** *fazer ver, mostrar*
wã'á *grudar-se* → **wã'a=o** (Ass1) → **wã'oó** (Ass1) → **wõ'oó** (*wo) → **õ'oó** (Bim) → **õ'ó** *grudar*
wa'â=a' *partir* → **wa'â=a'=o** (Ass1) → **wo'ôo'o** (*wo) → **o'ôo'o** *enviar* (i.e. *fazer partir*)

Com o sufixo flexional **-o'** *propagativo*, a regra é facultativa:
ĩ'yâ *ver* → **ĩ'yâ-o'** → **ĩ'yâo'** / **ĩ'yôo'** *avistar de longe*

A regra é também facultativa com consoante intermediária (**aCo > oCo**) dentro do morfema (intramorfemicamente):
akó ~ okó *líquido*
ohô+paro ~ ohô+poro *banana*

Esta regra facultativa, que depende do falante, é a principal responsável pelas poucas diferenças dialetais notadas entre os ye'pâ-masa. Em **a-Co** intermorfêmico, a regra nunca se aplica:
boka-bő *ela achou* (e nunca: ***boko-bő**)
achar -3fsg

Ass2 $\begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{+arred} \\ \textbf{-alt} \end{bmatrix}$ → **[+alt]** / __ =([-sil]) $\begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{-post} \\ \textbf{+alt} \end{bmatrix}$ (assimilação regressiva do traço [+alt])

Em termos informais, **o** torna-se **u** antes de sufixos derivacionais começando por **(C)i**. Com **{=ti}** *voz média* (alomorfes **/=ti/** em contexto oral e **/=di/** em contexto nasal):
bõ'ó *estar emborcado* → **bõ'ó=di** → **bõ'dí** → **bũ'dí** [mṵ̃ṵ̃ɾ̃ɾ̃ĺ] *inclinar-se*
Bim Ass2
|bo=ti| → **butî** *estar maduro*
|dõ'o=di| → **dũ'dî** [nṵ̃ṵ̃ɾ̃ɾ̃ĺ] *quebrar-se*

Com **o-Ci** intermorfêmico, a regra não se aplica:
apo - bĩ́ *ele conserta* (e não: ***apu-bĩ́**)
consertar-3msg

Diss1 $\begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{+alt} \\ \textbf{+arred} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} \textbf{+post} \\ \textbf{-arred} \end{bmatrix} / ___ = ([\textbf{-sil}]) \begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{-alt} \\ \textbf{+arred} \end{bmatrix}$ (disssimilação regressiva do traço [arred])

Em termos informais, **u** torna-se **ɨ** antes de um sufixo derivacional começando por **(C)o**. Exemplos com o causativo **=o**:
puû *molhar-se* → **puu=o** → **pɨɨó** → **pɨó** [pɨ̀ɔ̌] *molhar*
Diss1 Bim
du=hî *estar sentado* → **du=pa=o** → **dupoó** → **dɨpoó** → **dɨpó** [ⁿdɨ̀ɨ̀pɔ̌] *sentar*
=intransitivador ? Ass1 Diss1 Bim
u'á *tomar banho* → **u'a=o** → **u'oó** → **ɨ'oó** → **ɨ'ó** *banhar*
Ass1 Diss1 Bim

Del.g **g → ø / -__** (facultativo)

Em termos informais, **g** apaga-se facultativamente no começo de sufixos. Com **kã'dê** *abiu*, **-ga** *forma roliça* e **-gɨ** *forma retilínea (árvore,...)*:
kã'dêga, **kã'dêa** *fruta abiu*
kã'dêgɨ, **kã'dêɨ** *pé de abiu*
(as 1as formas aparecem em registro formal, as 2as são próprias às conversações de todos os dias)

Com as partes do corpo, o apagamento de **g** é quase de regra:
ẽ'kêga, **ẽ'kêa** *nariz*
dɨpôga, **dɨpôa** *cabeça*
(as 1as formas são um tanto ridículas e pouco naturais)

g não se apaga intramorfemicamente:
ya'gé *mastigar*, e nunca : ***ya'é**.

Ass3 $\begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{+alt} \\ \textbf{-arred} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} \textbf{αpost} \\ \textbf{βarred} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} \textbf{+sil} \\ \textbf{αpost} \\ \textbf{βarred} \end{bmatrix} ___$ (assimilação progressiva, facultativa)

Em termos informais, **ɨ** torna-se **i** depois de **i** ou **e**; **u** depois de **o** ou **u**; e conserva-se **ɨ** depois de **a** ou **ɨ**. Esta regra só vale para os sufixos homófonos: **-gɨ** *animado/masc.sg.* e **-gɨ** *forma retilínea*, uma vez **g** apagado (regra anterior, também facultativa). Exemplos com **apê** *brincar*, **apó** *consertar*, **ɨ̃dê** *pupunha* e **põû-** *rede*:
ape-gɨ́ *quem brinca* **apegɨ́**, **apeɨ́**, **apeí**
apo-gɨ́ *quem conserta* **apogɨ́**, **apoɨ́**, **apoú**
ɨ̃dê-gɨ *pupunheira* **ɨ̃dêgɨ**, **ɨ̃dêɨ**, **ɨ̃rêi**

pũû-gɨ *rede* **pũûgɨ**, **pũûɨ**, **pũûu**

Esta assimilação progressiva explica formas aparentadas entre várias línguas da mesma família:

cutia	**buɨ**	(kubeo)	**buû**	(ye'pâ-masa)
jabuti	**kũɨ**	(kubeo)	**uû**	(ye'pâ-masa)

Bim

No capítulo seguinte, argumentaremos para uma estrutura bimoraica da língua ye'pâ-masa:

uî *ter medo*	**petâ** *porto*
uú *falar*	**bãdî** *nós*
uû *bicho-de-casco*	**ɨdê** *pupunha*

A regra **Bim** obriga uma palavra formada com um lexema bimoraico e certos sufixos a ser segmental ou tonalmente "reajustada" em palavra bimoraica. Com **=o** *causativo*:

ui = o *causar medo* → **uió** → **wió** (**u** perde a sua silabicidade para seguir **Bim**)
ter medo=Caus Bim

pa'a =o *fazer flutuar* → **po'oó** → **po'ó** (comprovado pelos sândis tonais, cf. capítulo próximo)
flutuar=Caus Ass1 Bim

No entanto, **kãhí** *estar deitado* → **kãhió** *deitar* e não: ***kãho**. A palavra fica trimoraica, e não se torna bimoraica, por não ter a língua nenhuma regra fonológica capaz de reduzir a moraicidade de **kãhió**.

Del.V

O apagamento de vogal inicial seguida por uma consoante surda é bem atestado quando se passa do ye'pâ-masa ao wanano (língua da mesma família):

líquido	**akó**	(ye'pâ-masa)	**koó**	(wanano)
morcego	**osô**	(ye'pâ-masa)	**soó**	(wanano)

Este processo diacrônico encontra-se também sincronicamente na língua ye'pâ-masa sob forma de uma regra fonológica bastante produtiva: é o apagamento da vogal inicial dos **morfemas dependentes** (morfemas situados "à direita" de um morfema principal). Por exemplo, **apê** *brincar* é um morfema independente e, como tal, não há apagamento de **a** inicial. No entanto, quando ele se torna dependente, como em: **/bu'pu/apé/** *brincar de pular* (**bu'pu** *pular*), ele perde a vogal inicial **a** e torna-se: **bu'pu/peé**. Igualmente:

|toha/etá| *chegar de volta* → **toha/taá**
voltar+chegar

|doké/ã'ba| *procurar atirando* → **doké/bã'a**
atirar +procurar

|yukîgɨ/ũbu| *pau caído* → **yukîgɨ/ũbu**, **yukîgɨ/bũu**
árvore +pau caído

Como se vê pelos dois últimos exemplos, esta regra de apagamento não se limita a V antes de C surda. Além disso, o processo é frequentemente facultativo, como no último exemplo.

Del.(C)Vk

Quando a consoante que segue **(C)V** inicial a ser apagada é **k**, o apagamento de **(C)V** inicial é acompanhado por um assopro glotal (**h**) depois de **k**:
(C)V_1kV_2 → kV_2hV_2 (facultativo: registro coloquial; regra pouco produtiva)

aka-do *caixa* → **kaha-do**
põ'da-pakó *mãe dos filhos* → **põ'da-kohó**
filhos - mãe
bãko-bãkó *neta* → **bãko-kõhó**
filha - filha

A aparição do assopro glotal **h** que acompanha o apagamento da vogal ou sílaba inicial parece inesperada. Note que o apagamento da vogal é "compensado" pela aparecimento de uma mora, juntamente com o assopro glotal. Este fenômeno de **duração compensatória** é bem visível com as formas nominalizadas comentadas em 2.2. Por exemplo: **ape-** □́ **-di-ga → apekahá** (4 moras, antes e depois do apagamento do sufixo **-di**)

k → h

Em registro coloquial e em contexto nasal, **k** pronuncia-se [h]:
yãbi-ákã *amanhã* → **yãbiáhã**
yɨ'ɨ̂+kẽ'da *eu também* → **yɨ'ɨ̂/hẽ'da**
eu +também

u/o

Existe uma certa variação dialetal entre **o** e **u**, sem que possamos sempre precisar o condicionamento:
moo ~ muu *punhado*
yokâ ~ yukâ *urubu*
yosâ ~ yusâ *estar pendurado*

ANEXO

Os gráficos seguintes foram obtidos com o aparelho de análise acústica CECIL-SIL. Eles mostram que os morfemas do tipo (C)V_1V_2 (com V_1 não laringalizada) devem ser interpretados como monossilábicos por terem unicamente um pico de intensidade (*loudness*) para as duas moras.

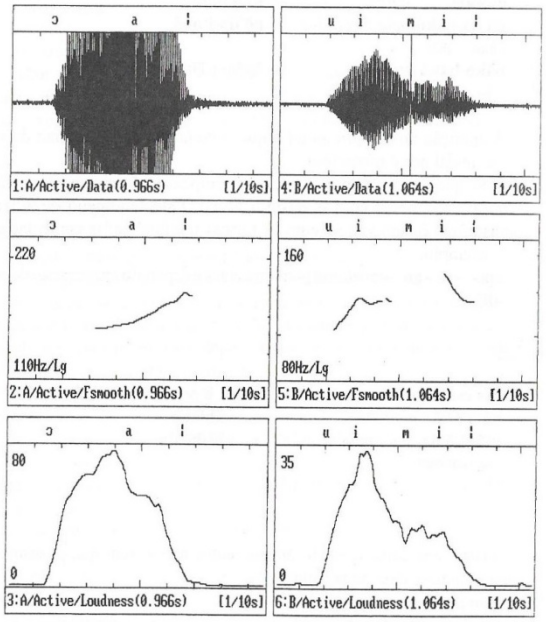


gráfico 1: **oá** *mucura* e **uî-bĩ** *(ele) tem medo*

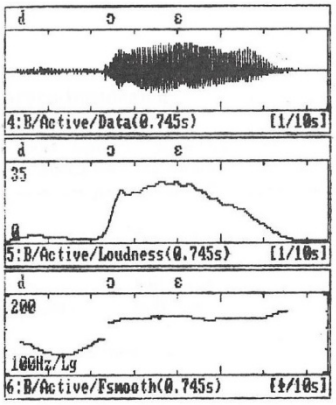


gráfico 2: **doê** *traira*

3

Fonologia suprassegmental

3.1. Uma estrutura bimoraica

3.1.1. A fonologia suprassegmental (nasalização, laringalização, melodias tonais) não pode ser abordada sem levar em conta a estrutura silábica do léxico: os morfemas (lexicais ou gramaticais) são **97%** mono- ou dissilábicos. Por exemplo:

oá *mucura*	**ẽbô** *macaco guariba*
doê *traíra*	**petá** *formiga tocandira*
kɨó *possuir*	**ãdî** *cana*
u'á *tomar banho*	**bɨdî** *cair*

As exceções são empréstimos:
mutúru *motor*
pisána *gato* (< português **bichano**)
kãdêkẽ' *galo*

ou dissilábicos com sufixo inanalisável :
kadíkũ *gritar* (cf. **uúkũ** *conversar* < **uú** *falar*)
akobohó *esquecer*
diâyɨ *cão*
bãkoé *pacu* sp.
dĩ'koé *pulgas*

os quatro últimos exemplos pertencendo às poucas palavras não segmentáveis com mais de duas sílabas.

3.1.2. Os morfemas do tipo **(C)V_1V_2** (com **V_1** não laringalizada), como: **doê** *traíra*, **piô** *derramar*, **sĩô** *dirigir-se*, etc., são interpretados como morfemas **monossilábicos bimoraicos**.
Esta interpretação decorre do fato de que **somente há um pico de intensidade** para as duas moras (não há rearticulação da 2ª vogal) e que nunca há hiato ou pausa entre elas (cf. 2.4. e anexo do capítulo 2).
Além disso, os falantes, que separam facilmente as sílabas de, por exemplo, **petá** *formiga tocandira*, nunca conseguem fazê-lo com **doê** *traíra* nem produzir nenhum tipo de pausa entre os dois sons vocálicos deste último morfema.

3.1.3. Sendo numerosas e de combinatória rica, estas sequências monossilábicas que deixam duas posições no núcleo silábico (duas moras) nos convidam a interpretar as vogais alongadas dos monossilábicos **CV:** como ocupando também duas posições do núcleo silábico (duas moras):
(1) [ʊɛ̆:] *fazer* **/weé/**

(2) [ʊé:] *extrair* **/weê/**
(3) [á:] *gavião* **/aâ/**

Esta interpretação resulta do padrão **(C)V$_1$V$_2$** que reconhecemos como primordial nesta língua. É independente da melodia tonal associada aos monossilábicos e não constitui uma análise em moras dos tons de registro e de contorno (este aspecto será tratado mais adiante).
Na língua estudada, a **duração das vogais** não tem função distintiva: todas as vogais em monossilábicos **(C)V** são foneticamente alongadas, mesmo que as vogais dos morfemas com melodia ascendente sejam levemente mais longas que as dos morfemas com melodia alta ou baixa. Por exemplo, **e** em (1) tem aproximadamente a mesma duração que **e** em (2) (o morfema **weé** tem uma duração maior que **weê** quando isolado, diferença que desaparece em contexto nos enunciados).
Note também que a leve diferença de duração, por exemplo entre **weê** e **weé**, não pode ter algum fundamento fonológico, já que esta diferença está neutralizada em certos contextos. Por exemplo, com os sufixos **-a-bĩ** *3ª pessoa masculino singular/passado recente*: **wee-á-bĩ** *(ele) fez* (1) / *(ele) extraiu* (2)

3.1.4. Os argumentos que sustentam uma **estrutura bimoraica** para os monossilábicos **CV:** são os seguintes:

1) A aparição de vogais surdas antes de consoante surda é uma assimilação regressiva que se efetua somente depois da **1ª vogal** do morfema (cf. 2.1.): **wesé** [ʊèe̥sĕ] *roça*.
Caso os verbos [ʊĕ:] *fazer* e [ní:] *dizer* forem interpretados como monomoraicos, ou seja: **wé** *fazer* e **nî** *dizer*, teríamos, com o sufixo **-ka̋** *implicativo (gerúndio)*:
weka̋ [ʊèka̋] *fazendo*
nika̋ [nìka̋] *dizendo*

a escrita sugerindo, com o ensurdecimento das 1as vogais, as duas pronúncias incorretas: *[ʊèe̥ka̋] e *[nìi̥ka̋]. Logo, a estrutura deve ser bimoraica:
weé *fazer* **weeka̋** *fazendo*
niî /dĩî/ *dizer* **niika̋ /dĩika̋/** *dizendo*

2) A estrutura bimoraica é também evidenciada pela regra de deslocamento tonal que estudaremos em 3.4.: as palavras dependentes não laringalizadas capturam automaticamente o tom das raízes ascendentes. Exemplo com a palavra independente ("raiz") **tuú** *empurrar* e a palavra dependente **peo** *colocar (fazendo algo)*, que captura o tom ascendente de **tuú**:
tuú peo [tù:/pēŏ] *colocar empurrando*

Como se vê, a captura efetua-se **sempre** na 2ª mora da palavra dependente (aqui, **o**). Se, por exemplo, a palavra dependente **paa** *bater* fosse de estrutura monomoraica, com a raiz ascendente **yukɨ́** *pau*, teríamos (**-ro** é sufixo nominalizador):
yukɨ́-paro *batedor de pau* *[jùu̯kɨ̀/pàɽŏ]

e chegaríamos a uma captura na 2ª mora (aqui, **o**), com uma pronúncia incorreta. No entanto, com uma escrita bimoraica, chegamos à pronúncia certa:
yukɨ́-paaro [jùu̯kɨ̀/păɽɔ̃]

o tom capturado caindo na 2ª mora de **paa**.

3) Outra razão para repetir a vogal nos monossilábicos (C)V é de ordem prática. De outro modo, chegaremos às grafias como:
wé *fazer* **wḗ** *ventar*
wê *extrair* **wê̂** *espalhar*

de leitura difícil porque os traços nasal e tonal são sobrepostos. Com uma grafia bimoraica, torna-se fácil notar o sinal nasal (~) na 1ª mora, e o sinal tônico (acento agudo ou circunflexo), na 2ª mora. Estas considerações práticas são suficientes, ao nosso ver, para preconizar uma escrita bimoraica independentemente da análise tonal.

4) Os empréstimos do português evidenciam também uma estrutura bimoraica. Com efeito, nota-se que as formas adotadas:
- têm geralmente uma estrutura dissilábica;
- trocam fonemas ou fones para se adaptar ao inventário fonológico ye'pâ-masa.
Por exemplo:
Adí *Alexandre*
Kasí *Casimiro*
Diká *Ricardo*
Kidí *Cristóvão*

3.1.5. E os morfemas dissilábicos? Como a sequência típica é $\mathbf{(C_1)V_1C_2V_2}$, com $\mathbf{(C_1)V_1C_2V_2V_3}$ reduzido a apenas duas entradas no dicionário:
bãkoé *pacu* sp.
dĩ'koé *pulgas*

e que $\mathbf{*(C_1)V_1V_2C_2V_3(V_4)}$ não existe, os morfemas dissilábicos serão também interpretados como bimoraicas, independentemente da duração fonologicamente irrelevante das vogais:
[pɛ̀e̥tá] *porto* **/petâ/**
[pɛ̀e̥tă] *tocandira* **/petá/**
[mɛ̃ɾ̃ɛ̆] *ingá* **/bẽdê/**

Em resumo, os morfemas lexicais da língua têm uma ou duas sílabas, mas todos têm uma **estrutura bimoraica** (duas moras), ou seja: $\mathbf{(C_1)V_1(C_2)V_2}$, para todo o dicionário (a estrutura dos morfemas gramaticais será tratada ulteriormente).

3.2. A nasalização

3.2.1. Kaye (1970) considera a nasalização em desano (língua da família tukano) como um traço do morfema inteiro, e não de um segmento preciso do morfema. Segundo ele, todas as vogais e as consoantes sonoras são afetadas pelo fenômeno:
V → [Ṽ]
b → [m]
d [d, r] → [n, ɾ̃]
g → [ŋ]
w → [w̃, ɱ]
y → [j̃, ɲ]

As consoantes surdas (**p**, **t**, **k**, **s**, **h**) não são afetadas pelo traço nasal e a sua realização permanece a mesma. Alguns exemplos:
[j̃ɔ̀o̥sɔ̆] *japim* **/yõsó/** [w̃ɐ̆ɾ̃ɪ́] *guloso* **/wãdî/**

[mɐ̃ɾ̃ĩ]	*nós*	**/bãdî/**	[^{m}bíá]	*pimenta*	**/biâ/**
[nĩ̃mɐ̃]	*veneno*	**/dĩbâ/**	[jàa̰ká]	*peixe* sp.	**/ya'kâ/**

os morfemas da 1ª coluna e o primeiro da 2ª coluna sendo inteiramente nasais e os dois últimos morfemas, inteiramente orais.
O mesmo autor marca a nasalização pelo símbolo arbitrário **N** no fim do morfema: **yosóN**, **badîN**, **dibâN**, **wadîN**.
Segundo Welch e West (1985: 9), a nasalização em ye'pâ-masa funcionaria a nível da sílaba e não do morfema por encontrar-se morfemas em parte nasal e em parte oral. A nasalização é notada por um til (~) em cada sílaba: **yõsõ**, **bãdĩ**, **dĩbã**, **wãdĩ**.
Os três exemplos que as autoras dão como contra-exemplo da regra do "morfema ou tudo nasal ou tudo oral" são pouco convincentes. São: **kṹpè** *esquerda*, **Bà̃dú** *Manoel*, **à'bɐ̃́** *procurar*. O primeiro não participa da regra por ser provavelmente um composto polimorfêmico; o segundo não participa da estrutura da língua por ser um empréstimo; e no terceiro, contestamos a base fonética: o primeiro **a** de **à'bɐ̃́** tem incontestavelmente uma leve ressonância nasal: [ã̰ã̰mɐ́] e não *[àa̰mɐ́].

3.2.2. O exame minucioso de todo o *corpus* possuído por nós sobre o ye'pâ-masa, língua da mesma família que o desano, permite corroborar "a regra do tudo ou nada" entrevista por Kaye pela primeira vez: os morfemas são **inteiramente orais ou inteiramente nasais**. Em outras palavras, a nasalidade, em ye'pâ-masa, está situada sintagmaticamente no morfema inteiro, e não paradigmaticamente, como em português, num só segmento. As pressupostas e raras exceções a esta harmonia nasal:

yoasṍ *calango*	(a última sílaba é nasal, a primeira, de 2 moras, é oral)
dɨ'pôsõ *bicho-do-pé*	(última sílaba nasal; duas primeiras orais)
karíkũ *conversar*	(última nasal; duas primeiras orais)

devem ser polimorfêmicas:

yoa-sõó *calango*	(cf. **yoa-dĩ́** *flechinha para matar calango*)
dɨ'pô-sõo *bicho-do-pé*	(cf. **dɨ'pô-kã** *pé*)
karí-kũu *gritar*	(cf. **uúkũ** *conversar* e **uú** *falar*)

O caráter morfêmico da nasalização aparece nas oposições seguintes:

yaî [jáí] *onça*	**yãi** [j̃ɐ́ĩ́] *murchar*
kedó [kɛ̀ɾ̃ʊ̃́] *vaga-lume*	**kẽdó** [kɛ̀ɾ̃ʊ̃̌] *jutaí*
watî [ʋàa̰tí] *escoriação*	**wãtî** [ʋ̃ã̰ã̰tĩ́] *duende*

Como se vê, as consoantes surdas são insensíveis ao processo. Isso provém, ao nosso ver, da incompatibilidade entre a nasalização e a tensão articulatória das consoantes surdas. No entanto, convém notar que se, intramorfemicamente, as consoantes surdas são **segmentos transparentes ou neutros** ao processo de harmonia nasal, são **segmentos opacos** nos sufixos, e bloqueiam o processo de contaminação que vamos estudar neste subcapítulo.
Considerando as consoantes surdas, reformularemos a regra do tudo ou nada, dizendo que todos os segmentos dos morfemas lexicais são orais ou nasaláveis.
Propomos notar **arbitrariamente**, nas escolas ye'pâ-masa, a nasalação do morfema na 1ª mora, a 2ª sendo já reservada para as notações tonais:

/$C_1V_1C_2V_2$/ [$C_1V_1C_2V_2$]
/$C_1\tilde{V}_1C_2V_2$/ [$C_1\tilde{V}_1\tilde{C}_2\tilde{V}_2$] (se C_x surda, não é afetada pelo traço)

Nota-se que consideramos assim [+nas] como o **traço marcado**, todos os segmentos, no nível fonêmico, sendo dados na sua forma não-marcada para a nasalidade. Os argumentos que nos permitem considerar [+nas] como o traço marcado decorrem principalmente de uma regra geral de contaminação nasal, que estudaremos neste subcapítulo: qualquer morfema lexical intrinsecamente nasal contamina os seus sufixos intrinsecamente orais. Por exemplo:
bãdî-de [mɐ̃ɾ̃ĩɾɛ̃] *para nós* (**bãdî** *nós*, **-de** *para*)

No entanto, um morfema lexical intrinsecamente oral nunca "desnasaliza" os seus sufixos intrinsecamente nasais. Exemplo com **apê** *brincar* e **-wõ** *3ª f.sg. passado remoto*:
apê-wõ [àa̰pɛ́ʊ̃ɔ̃] *(ela) brincou* e nunca *[àa̰pɛ́ʊɔ̃]

O fato de que há contaminação de um lexema nasal em um sufixo oral, e nunca de um lexema oral em um sufixo nasal comprova que [+nas] é o traço marcado. No entanto, as consoantes surdas são marcadas não-nasais (segmentos neutros ou opacos).

3.2.3. Convém notar que esta nasalização é geralmente atenuada quando a vogal for adjacente a uma consoante nasal [m, n, ɲ]:
bã'bá [mɐ̀ɐ̰̃mɐ̌] *novo* : o **a** das 1ª e 2ª sílabas levemente nasalados
bãkâ [mɐ̀ɐ̰̃kɐ́] *povoado* : o **a** da 1ª sílaba levemente nasalado

Convém também notar que a nasalização de uma vogal seguida por uma consoante surda ou laringalizada é geralmente atenuada:
sido-kãhá-do *lugar de baixo* [sìɾɔ̀kɐ̀ɐ̰̃hɐ̌ɾ̃ɔ̃]
baixo- de -lugar
sido-kãhá-se *coisas de baixo* [sìɾɔ̀kɐ̀ɐ̰̃hɐ̃́ sɛ̃]
baixo- de -pl.inan. leve nasalação ↵
ba'â-kã'-ya! *coma sim!* [ᵐbàà̰ákɐ̀ɐ̰̃ɲɐ̃]
comer-Ass-Imp
ba'â-kã'-põ! *ela comeu sim!* [ᵐbàà̰ákɐ̀ɐ̰̃pɔ̃]
comer-Ass-3fsg.dedutivo leve nasalização ↵

A leve pré-nasalização de certas consoantes sonoras escutada em contexto oral, como em: **biâ** [ᵐbíá] *pimenta*, facilita o mantimento da sonoridade. Desapare naturalmente em contexto intervocálico, como: **yabî** [jábí] *não gostar*.
Esta regra de nasalização morfêmica atinge os empréstimos da língua portuguesa. Por exemplo:
Badía [ᵐbàɾ̆ià] *Maria*
Adíki [àɾ̆ĭkì] *Henrique*
dĩyédu [nĩ̀ĵɛ̃̆ɾ̃ù] *dinheiro*
dãsia [nɐ̃̌sɪ̃̀ɐ̀] *lancha*

Os dois primeiros morfemas são sentidos e interpretados como inteiramente orais e, como tais, todos os fonemas deles são pronunciados oralmente; os dois últimos são inteiramente nasais.

3.2.4. **A nasalização intermorfêmica**: **regra de contaminação progressiva**.

Todo morfema lexical intrinsecamente nasal contamina progressivamente seus sufixos intrinsecamente orais que não começam por uma consoante surda, em um limite que corresponde à fronteira entre duas palavras fonológicas.

Por exemplo:

yɨ'î-de [jɨ̰ɨ́ɾɛ̃] *para mim*
eu - Ref
bãdî-de [mɐ̃ɾ̃ɪ̃ɾ̃ɛ̃] *para nós*
nós - Ref
apê -ya! [àa̰pɛ́jɐ̃] *brinque!*
brincar-Imp
kãdi -yá! [kɐ̀ɾ̃ɪ̰̀ɲɐ̃́] *durma!*
dormir-Imp
kii -gá [kìgɐ̃́] *tubérculo de mandioca*
mandioca-forma roliça
ɨ̃dê - ga [ɨ̃ɾ̃ɛ̃́ŋɐ̃] *fruta pupunha*
pupunha-f.roliça
ape -á-pɨ' [àa̰pɛ̄ápɨ̰̃] *ele brincou*
brincar-3msg.report.
kãdi -á-pɨ' [kɐ̀ɾ̃ɪ̃ɐ̃́pɨ̰̃] *ele dormiu*
dormir-3msg.report.

O ye'pâ-masa é uma língua de sufixos: não há prefixos. Os sufixos podem ser intrinsecamente orais (como nos exemplos acima) ou intrinsecamente nasais (como os sufixos **-wõ** *3ª f.sg./ passado remoto*, **-kã** *implicativo*, etc.). A regra de contaminação nasal acima enunciada indica que os sufixos orais concordam com a nasalidade do radical.
Os sufixos começando por uma vogal ou uma consoante sonora (**d** [ɾ], **g**, **w**, **y**) obedecem a esta regra. Não há sufixo começando por **b** [b] ou **h**. Os sufixos começando por uma consoante surda (**p**, **t**, **k**, **s**) bloqueiam o processo de contaminação (segmentos opacos). São naturalmente tensas e fazem obstáculo à penetração nasal. Por exemplo:
kãdi - ti- á-pɨ [kɐ̀ɾ̃ɪ̀ⁿtɪ́ápɨ̃] *não dormi*
dormir-Neg-1passado

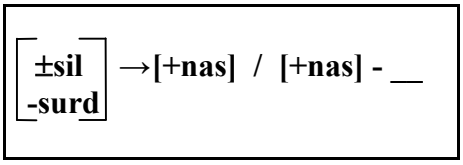
onde o sufixo negativo **-ti**, começando pela surda **t**, impede a propagação da nasalização ao **i** seguinte e ao sufixo **-a**.
Note que, neste caso, a vogal nasal da raiz tem um leve deslizamento nasal final homorgânico à consoante que segue, como em:
kɨ̃-ta [kɨ́ⁿtɐ̃] *ele mesmo*
ele-esp
bẽdê-pɨ [mɛ̃́ɾ̃ɛ́ᵐpɨ̃] *no ingá*
ingá -foc

A contaminação **para no fim de uma palavra fonológica**:
kãdi -yá! [#kɐ̀ɾ̃ɪ̰̀ɲɐ̃́#] *durma!*
dormir-Imp
kãdi + yuú -ya! [#kɐ̀ɾ̃ɪ̀/jʊ̰jɐ̃#] *durma na espera!*
dormir+esperar-Imp

onde o verbo dependente **yuu** *na espera* não pertencendo à mesma palavra fonológica que **kãdi** *dormir* e, portanto, impede a propagação nasal de efetuar-se nele e no seu sufixo **-ya** *imperativo* (a fronteira entre 2 palavras fonológicas é marcada por um traço oblíquo [/]). A nasalação é assim um bom critério para situar as fronteiras entre palavras fonológicas (cf. 3.5.).
Em resumo:

a) O morfema é um lugar relevante para a nasalação. Cada morfema é inteiramente nasal ou oral, e não há exceção. As consoantes surdas não são afetadas.

b) A nasalização propaga-se a todos os sufixos que não começam por uma consoante surda até o imite da palavra fonológica:



Esta regra é iterativa, podendo ser aplicada a 2, 3 ou mais de 3 sufixos, desde que não haja uma consoante surda para parar a propagação nasal. Caso um sufixo for intrinsecamente nasal, ele serve de fonte de nasalização para os sufixos que o seguem. Exemplo com **apê** *brincar*, **-dã́** *pl.animado* e **-de** *referencial*:
ape-dã́ [àa̰pɛ̀ɾ̃ã́] *os que brincam*
ape-dã́-de [àa̰pɛ̀ɾ̃ã́ɾ̃ɛ̃] *aos que brincam*

onde o sufixo **-de** é nasalmente contaminado pelo sufixo **-dã́**.

Há uma **única exceção**: apesar de começar por uma consoante sonora, o sufixo aumentativo **-doho** [ɾo̰ho] nunca é contaminado por um lexema nasal. É um sufixo, e não um nome dependente que pertenceria a outra palavra fonológica, porque o **d** inicial realiza-se sempre [ɾ] e nunca [d]. Por exemplo:
peta-dohó *porto grande* [pɛ̀ɛ̰̀tàɾò̰hɔ̌]
porto -Aum
ɨ̃bɨ -dohó *homem grande* [ɨ̃mɨ̃ɾò̰hɔ̌]
homem-Aum fica oral ↵

3.2.5. **Contaminação regressiva**

Com já notamos, não existem prefixos. No entanto, um sufixo intrinsecamente nasal pode contaminar as vogais da última sílaba de um radical intrinsecamente oral:
uti -â [ùṵ̀tíá] *cabas*
caba-pl
uti -â-wɨ̃ [ùṵ̀tíã́ʊ̃ɨ̃] *uma caba*
caba-pl-singulativo

com uma leve nasalização nas vogais da sílaba **tia** no segundo exemplo (contaminação regressiva do sufixo **-wɨ̃**). Outro exemplo:
beka-gɨ́ [ᵐbɛ̀ɛ̰̀kàgɨ́] *baniwa*
baniwa-msg
beka -dã́ [ᵐbɛ̀ɛ̰̀kã̀ɾ̃ã́] *baniwas*
baniwa-pl

com uma leve nasalização na vogal da sílaba **ka**) no segundo exemplo (contaminação regressiva de **-dã**).

Em resumo:
- os morfemas lexicais são inteiramente nasais ou orais.
- os sufixos são também intrinsecamente nasais ou orais. Caso o sufixo seja oral e o radical seja nasal, há contaminação progressiva da nasalização (propagação bloqueada

por C_{surda}). Os sufixos intrinsecamente nasais contaminam os sufixos intrinsecamente orais subsequentes nas mesmas condições.
- a contaminação regressiva (de um sufixo nasal para um radical oral) é reduzida a pouca coisa.

3.2.6. **Abordagem teórica**

⇒ Análise segmental

♦ Ao nosso ver, para os morfemas nasais, a melhor análise segmental seria propor como unidade segmental uma nasal com ponto de articulação indeterminado final **N**:
ãyâ ↔ **ayâN** *jararaca*
bɨ̃tê ↔ **bɨtêN** *carapanã*
kãdí ↔ **kadíN** *dormir*

Essa análise corresponde à proposta por Kaye (1970). No entanto, o que era para ele uma mera convenção tornar-se-ia agora uma grafia que indicaria a fonte de nasalização. Teríamos o conjunto de regras:

(1) [-surd] → [+nas] / { #, - }___ [±sil]^{n} N

(2) [-surd] → [+nas] / N $\begin{bmatrix} \pm sil \\ -surd \end{bmatrix}^{n}$___ /

(1) explicita a nasalação de todos os segmentos não surdos precedendo **N**, no limite do morfema.
(2) explicita a contaminação progressiva de um segmento não surdo não separado de **N** por uma consoante surda, no limite da palavra fonológica.

Estas duas regras dão o conjunto dos fenômenos encontrados. No entanto, a presença do segmento **N** no fim dos morfemas nasais deixa supor neste ponto da cadeia segmental uma fonte de nasalização que a intuição e a estrutura da língua recusam-se a especificar ou colocariam em outro ponto da cadeia. Por exemplo, as palavras:
kadíN [kà$\tilde{r}\tilde{\imath}$] *dormir*
sayâN [sa$\tilde{j}\tilde{a}$] *estar metido dentro*

são de fato polimorfêmicos. Compare com:
kabóN [kà$\tilde{m}$ɔ̌] *fazer dormir* ← **kaaN=ba=o**
dormir= ? =Caus
saâN [sa$\tilde{:}$] *meter dentro*

Isso evidencia os afixos **{=ti}** *voz média* e **{=sa}** *resultativo* que são sufixos derivacionais com os alomorfes seguintes: **/=ti/** em contexto oral e **/=di/** em contexto nasal, **/=sa/** em contexto oral e **/=ya/** em contexto nasal, o que mostra que a fonte de nasalização, para **kadíN** e **sayâN**, está na primeira sílaba e não no fim da palavra.
Em consequência, o segmento **N** deveria, nestes casos, aparecer no fim da primeira sílaba: **kaNdí** e **saNyâ**. As escritas ***kaaNdí** e ***saaNyâ** também não poderiam ser aceitas, já que criariam sequências trimoraicas para palavras que foram reajustadas em bimoraica pela regra fonológica **Bim**, como se poderá ver pelas regras de sândis tonais explicitadas em 3.4.
A impossibilidade de localizar as fontes de nasalação torna esta análise pouco natural. Além disso, se a regra (2) nos parece corresponder a processos reais, (1) é uma espécie

de propagação regressiva bem misteriosa, já que o processo passaria em cima das consoantes surdas, o que é impossível progressivamente.

♦ A segunda análise segmental, com a unidade segmental **N** depois da 1ª mora do morfema, não satisfaz pelas mesmas razões. Por exemplo, em:
ãyâ → **aNyâ** *jararaca*
bĩtê → **bĩNtê** *carapanã*
bĩbî → **biNbî** *beija-flor*

A nasal indeterminada **N** propagar-se-ia na 2ª mora dos morfemas com **C** surda (como **bĩNtê**), mas seria bloqueada pelas mesmas consoantes surdas dos sufixos. Em outras palavras, $\mathbf{C_{surda}}$ seria intramorfemicamente **transparente** e intermorfemicamente **opaca**. Chegamos às mesmas inconsistências, e também às mesmas arbitrariedades em localizar a fonte de nasalização na primeira sílaba do morfema.

♦ Uma terceira análise segmental, que faria das duas moras do morfema as fontes de nasalização, como em:
ãyâ → **ãyẫ**
bĩtê → **bĩtễ**

não leva em conta o fato de que todos os morfemas são inteiramente nasais ou orais.

⇒ Análise suprassegmental

Levando em conta o caráter morfêmico do processo, é possível diferenciar dois tipos de morfemas:
a) os morfemas sem especificação [+nas], com todos os segmentos orais.
b) os morfemas com especificação [+nas], com todas as vogais e consoantes sonoras nasais, as consoantes surdas sendo ignorados pelo traço [+nas].
No quadro da fonologia autossegmental, o traço [+nas] pode ser separado numa fileira independente. Por exemplo:
(1) **badá** [ᵐbàɽă] *puçangas* (2) **bakâ** [mə̀ə̀kə́] *povoado*
[+nas]
(3) **weé** [ʊ̌ɛ̌:] *fazer* (4) **weé** [ṹɛ̌:] *ventar*
[+nas]

Em (4), cada segmento nasaliza-se: **weé** *ventar*
[+nas]

Em (2), **k** é ignorado: **bakâ** *povoado*
[+nas]

Ou seja: **-(C_1)V_1(C_2)V_2-** $\mathbf{C_{1,2}}$ sonora, no limite do morfema
[+nas]

Com sufixo intrinsecamente oral:
(C_1)V_1(C_2)V_2-(C_3)V_3 ... $\mathbf{C_{3,...}}$ sonora (contaminação progressiva)
[+nas]

$(C_1)V_1(C_2)V_2$-C_3V_3 ...



[+nas] **[-nas]**

$C_{3,...}$ surda (C_3 é um segmento opaco que bloqueia a nasalação; com os 2 traços [+nas] e [-nas], ou seja pré-nasalada)

Por exemplo:

dormir - Neg - 3msg

k a d i - t í - b i [kà$\tilde{r}$ì^{n}tĭmĩ] *ele não dorme*



[+nas][-nas] [+nas]

As vantagens da teoria suprassegmental são evidentes:
1) Não há prova argumentada de direção precisa para uma contaminação intramorfêmica (assimilação da nasalação de uma sílaba para outra, nos lexemas bimoraicos). Vimos que, com os sufixos, a contaminação é geralmente progressiva. No entanto, há também evidência de contaminação regressiva (do sufixo para a raiz). Compare:

ape -dã́ [àa̰pɛ̀r̃ã̌] *os que brincam* (sem nenhuma contaminação)
brincar-nom.

apê -dã [ã̀a̰pɛ́r̃ã̀] *outros* (contaminação regressiva para a maioria dos falantes)
outro-3 pl

Se há evidência de contaminação regressiva entre sufixo e raiz, a contaminação regressiva da 2ª vogal da raiz para a 1ª deve ser ainda mais forte. O processo aparece, por exemplo, no lexema:

ã'rá /a'ti-dã/ *estes* (morfema inteiramente nasal para todos os falantes)

com a raiz **/a'ti-/** *este* e o sufixo nasal **-dã** *plural*.
Em outras palavras, não há direção de propagação privilegiada para a assimilação nasal, e torna-se impossível localizar uma fonte para o fenômeno.

2) Alguns casos de alternância morfema oral / morfema nasal são atestados:

basi-o *ser possível*
bãsî [mã̀a̰s̀ĩ́] *saber, poder*
ɨ'tâ *excrementos*
ɨ̃'dá [ǹ̥r̃ã̌] *defecar*

o que sugere a existência de um morfema nasal.
No entanto, esses casos são extremamente raros, e não há evidência de um apagamento de segmentos deixando uma nasalização flutuante, o que acontece, como veremos, com o sistema tonal.
Além disso, a ligação óbvia entre todas as regras fonológicas da língua é a **assimilação** (progressiva ou regressiva, cf. 2.7.). Isso sugere que a nasalização obedece também a regras de assimilação a partir de uma fonte. O leitor poderá reconsiderar o exemplo exposto na análise segmental:

sãyâ *estar metido dentro*

onde a fonte da nasalização está no primeiro **a** (a raiz nasal **sã-** é seguida pelo sufixo resultativo **=sa**, cujo alomorfe em contexto nasal é **/=ya/**).
Como se vê, a abordagem autossegmental, apesar de ser muito atrativa, não têm todas as evidências que encontraremos no sistema tonal e não leva completamente em conta os processos de assimilação extremamente produtivos na língua.

3.3. O tom laringalizado ou glotalizado

3.3.1. A laringalização aparece unicamente na primeira mora dos morfemas. Exemplos com dissilábicos:
be'tô [ᵐbɛ̀ɛ̰̀tɔ́] *roda*
da'dá [ⁿdàà̰ɽă] *trabalhar*

Esta laringalização pode aparecer antes de qualquer consoante (surda ou sonora), com a exceção de **h**, por razões articulatórias evidentes (incompatibilidade no fluxo de ar pulmonar). Foneticamente, realiza-se com uma laringalização fraca (*stiff voice*) proferida em tom superbaixo. A laringalização é extremamente fraca em sufixos, depois de tom alto ou ascendente. Exemplo com o verbo **wedê** *avisar* e o sufixo de outras pessoas (aqui, a 1ª pessoa do singular) **-'** :
wedê-' [ʊéɾéɛ̰̀] *aviso* (laringalização muito atenuada ou inexistente)

Em registro formal, pode aparecer uma oclusão glotal depois da laringalização. Geralmente, a mora laringalizada somente o é na sua parte final. Isso vale também para os morfemas sem consoante intervocálica:
wa'î [ʊàà̰í] ~ [ʊàà̰ʔí] *peixe*
o'ô [ɔ̀ɔ̰̀ɔ́] ~ [ɔ̀ɔ̰̀ʔɔ́] *dar*

Alguns exemplos de oposição:
waá *tirar (água)* **wa'á** *partir, dividir*
weé *fazer* **we'é** *jenipapo (planta)*
dedó *costurar* **de'dó?** *como?*

3.3.2. Caso um morfema for dependente, já vimos que uma regra de apagamento de vogal inicial opera (regra **del.V**, cf. 2.7.). Caso este morfema dependente for laringalizado, a vogal inicial cai, mas não a sua laringalização, que passa à vogal seguinte, ultrapassando a consoante intermediária:
ĩ'yâ *ver* → **ba'â + yã'a** *provar de comer*
comer + provar (i.e. "ver se")

ou seja, quando **ĩ'yâ** se torna dependente, **i** inicial cai e a laringalização mantém-se na 2ª mora:
ĩ'yâ [ḭ̃̀ḭ̃̀já́] → **ĩ'ya** → **'yã** → **yã'a** [j̰̀ã̰̀ã]
queda tonal (palavra dependente) del.V laringalização na 2ª mora

a repetição da vogal **a** sendo automaticamente feita para se conformar à estrutura bimoraica da língua. Note também que a nasalização, por ser morfêmica, mantém-se. Outros exemplos:
ã'bâ *procurar* → **doké + bã'a** *procurar atirando*
atirar + procurar
wĩ'ba- *novo* ↔ **bã'bá** *novo* (a 2ª sílaba é um sufixo)

A laringalização só pode "passar" em cima de uma consoante sonora. Com consoante surda:
a'tî *vir* → **apê - 'ti** *vir brincando*
brincar - vir

a propagação da laringalização não se efetua, $\mathbf{C_{surda}}$ bloqueando o processo de contaminação laringal.

Em outras palavras, a laringalização fica sempre quando a vogal associada for apagada, e é a 2ª mora do morfema que a recupera quando não houver uma consoante intervocálica surda para bloquear a propagação:

$$\mathbf{V_1'CV_2} \xrightarrow[\text{del.}V_1]{} \mathbf{CV_2'} \qquad (\mathbf{C} \text{ sonora})$$

3.3.3. O fato de que a laringalização fica quando a sua vogal é apagada (em outras palavras, que não precisa de suporte segmental) sugere que esta laringalização tem uma existência própria independentemente dos segmentos, o que preconiza uma interpretação suprassegmental para ela. Em uma análise autossegmental, temos o traço glotal [+G] numa fileira independente dos segmentos:

$(C_1)V_1(C_2)V_2$ [+G] realizando-se na 1ª mora do morfema
|
[+G]

Com a regra de apagamento de vogal inicial, obtemos:

$(C_1)V_1(C_2)V_2$ → **$(C_2)V_2$** (C_2 sonora)
| apagamento |
[+G] **[+G]**

Mais dois argumentos que sustentariam uma análise suprassegmental da laringalização:
a) Na seção seguinte, o caráter tonal da laringalização será evidenciado pelas suas interações com a melodia ascendente.
b) Em desano, língua da mesma família, [+G] realiza-se opcionalmente na 2ª mora, com cognatos entre o desano e o ye'pâ-masa. Em outras palavras, [+G] não tem lugar segmental de realização fixo:

waî *peixe* → [ʊàa̰ái] (ye'pâ-masa) / [ʊàa̰í] ~ [ʊái̯] (desano)
[+G]
kedâ *capinar* → [kɛ̀ɛ̰r̃á] (ye'pâ-masa) / [kɛ̀ɛ̰r̃á] ~ [kɛ́r̃a̰] (desano)
[+nas] [+G]

Isso vale cada vez que $\mathbf{C_{intervocálica}}$ = Ø, d [r], [m], y, g. Quando $\mathbf{C_{intervocálica}}$ = k, b, [+G] realiza-se na 1ª mora nas duas línguas.
Muitos pontos delicados deverão ser esclarecidos em estudos ulteriores. Em particular, a realização fonética dessa "laringalização" mereceria mais atenção, já que, nos sufixos, por exemplo, ela se realiza como uma descida tonal sem que haja, para muitos falantes, nenhuma laringalização perceptível.

3.4. As melodias alta, ascendente e baixa

ABORDAGEM DESCRITIVA

Apresentaremos primeiro o sistema tonal no **nível lexical**; em seguida, descreveremos os **sândis tonais** entre raízes e sufixos ou palavras dependentes. O leitor desejoso de ter mais detalhes poderá consultar o capítulo 15.

Nível lexical

3.4.1. Consideramos os exemplos seguintes (com L tom baixo, H tom alto, M tom médio):

[ṵ̃j̃ṵ́] *abacate* (V_1, V_2: tom de registro alto)
[ṵ̀j̃ǔ] *jeju (peixe)* (V_1: tom de registro baixo, V_2: tom de contorno baixo-alto)

[ʊéɾé] *avisar* (V_1, V_2: tom de registro H)
[ʊèɾě] *limpar (vísceras)* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de contorno LH)

[ʊé:] *extrair* (V: tom de registro H)
[ʊě:] *fazer* (V: tom de contorno LH)

A duração dos segundos morfemas de cada par (com tom de contorno) é levemente superior à dos primeiros morfemas (com tom de registro) quando proferidos isoladamente. Essa diferença na duração desaparece dentro do contexto. No entanto, a modulação permanece constante: 12% de desnível com palavras isoladas ou em contexto (cf. gráfico n° 1 no anexo do capítulo 3). Outros argumentos em favor de uma análise tonal e não em termos da duração de vogais serão fornecidos na abordagem teórica deste subcapítulo.
Propomos notar com um **acento circunflexo** os primeiros morfemas de cada par, e com um **acento agudo** os segundos morfemas. Esta acentuação tonal será notada na 2ª mora de cada morfema, a 1ª sendo reservada à nasalização. Os morfemas notados com o acento circunflexo serão ditos de **melodia alta** ou **de registro**, e os com o acento agudo serão ditos de **melodia ascendente** ou **de contorno**. Com os exemplos acima, obtemos as grafias seguintes:

ũyû *abacate*	**werê** *avisar*	**weê** *extrair*
ũyú *jeju*	**weré** *limpar*	**weé** *fazer*

Agora, consideremos os pares seguintes:
[pɛ̀e̥tá] *porto* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de registro H)
[pɛ̀e̥ta᷅] *tocandira* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de contorno MH)

[ɨ̀ɨ̥só] *coxa* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de registro H)
[ɨ̀ɨ̥so᷅] *jacaré* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de contorno MH)

[ùu̥hú] *sugar* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de registro H)
[ùu̥hu᷅] *pacu (peixe)* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de contorno MH)

[tùu̥kú] *certa fruta* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de registro H)
[tùu̥ku᷅] *anguloso* (V_1: tom de registro L, V_2: tom de contorno MH)

A diferença de duração não é relevante (cf. gráficos n° 2 e n° 3 em anexo). Com as mesmas notações, teríamos:

petâ *porto*	**~~i~~sô** *coxa*	**uhû** *sugar*	**tu'kû** *certa fruta*
petá *tocandira*	**~~i~~só** *jacaré*	**uhú** *pacu*	**tu'kú** *anguloso*

o que sugere a distribuição alotônica seguinte:

$(C_1)V_1(C_2)\hat{V}_2$ **(Melodia Alta)**	→ $[(C_1)\acute{V}_1(C_2)\acute{V}_2]$ (V_1, V_2: tom de registro alto) se C_2 = ø ou C_{sonora}
	→ $[(C_1)\grave{V}_1(C_2)\acute{V}_2]$ (V_1: tom de registro baixo, V_2: tom de registro alto) se V_1 for em parte surda (i.e. C_2 surda) ou laringalizada
$(C_1)V_1(C_2)\acute{V}_2$ **(Melodia Ascendente)**	→ $[(C_1)\grave{V}_1(C_2)\check{V}_2]$ (V_1: tom baixo, V_2: tom de contorno baixo-alto) se C_2 = ø ou C_{sonora}
	→ $[(C_1)\grave{V}_1(C_2)\bar{V}\acute{}_2]$ (V_1: tom baixo, V_2: tom de contorno médio-baixo) se V_1 for em parte surda (i.e. C_2 surda) ou laringalizada

3.4.2. As variações alotônicas da melodia alta podem parecer estranhas: num alotom, V_1 é alta; no outro, V_1 é baixa. Os argumentos para tal agrupamento dos alotons são os seguintes:
1) É o caráter surdo ou laringalizado da vogal V_1 que desencadeia geralmente uma realização tonal mais baixa desta vogal.

2) A distribuição entre os alotons é complementar.

3) A comparação com outras línguas da mesma família mostra que, intervocalicamente, as consoantes surdas do ye'pâ-masa correspondem a consoantes sonoras em outras línguas. Tal correspondência é regular com a língua desano:

porto	**petâ** [pɛ̀ɛ̰̀tá]	(ye'pâ-masa)
	pedâ [pɛ́ɾá]	(desano)
espinho	**potâ** [pɔ̀ɔ̰̀tá]	(ye'pâ-masa)
	podâ [pɔ́ɽá]	(desano)

ou seja: ao alotom [ˋ ˊ] do ye'pâ-masa corresponde o alotom [ˊ ˊ] do desano. Obviamente, é a qualidade da consoante intervocálica que é responsável pela variação alotônica.

4) As regras de sândis tonais tendem também a reunir esses dois alotons e a fazer deles variações do mesmo tonema. Ao nosso ver, este argumento é o mais importante. Por exemplo, veremos adiante que a maioria dos sufixos são fonologicamente átonos (sem tom alto ou baixo-alto intrinsecamente associado): foneticamente, são realizados em tom baixo quando seguem um morfema lexical de melodia alta, **qualquer seja a sua realização alotônica**, i.e. com as duas variantes alotônicas que nos preocupam. Por exemplo, com o sufixo referencial **-de**:
ũyû-de → **ũyûde** [ũ̟j̃ũ̟ɽ̃ɛ̀] *em relação ao abacate*
petâ-de → **petâde** [pɛ̀ɛ̰̀táɽɛ̀] *em relação ao porto*

Com os alotons da melodia ascendente, as regras de sândis tonais são totalmente diferentes: há um deslocamento do tom de contorno LH ou MH do radical para o sufixo (cf. exemplos adiante).

3.4.3. Uma terceira melodia caracteriza os lexemas: é a **melodia baixa**. É própria aos morfemas dependentes:
[tõ̰ ʔ̃ õ̰] *cacho de*
[ⁿdã̰ː] *fio de*
[mã̰ ʔ̰̃ s ḭ̃] *saber (fazer algo)*
[sḭ̃ ḭ̃̃ ɾ̃ ḭ̃] *querer (fazer algo)*
(V_1, V_2: tom de contorno médio-baixo ou baixo-super-baixo)

Como a maioria dos sufixos, os morfemas de melodia baixa não têm acentuação gráfica:
tõ'o *cacho de* **daa** *fio de* **bãsi** *saber (fazer algo)* **sĩ'di** *querer (fazer algo)*

A melodia baixa ambém tem dois alotons (variantes livres):

$(C_1)V_1(C_2)V_2$ **(Melodia Baixa)**	→ $[(C_1)\bar{V}\grave{}_1(C_2)\bar{V}\grave{}_2]$ (V_1, V_2: tom de contorno médio-baixo, ou baixo-super-baixo)
	→ $[(C_1)\grave{V}_1(C_2)\grave{V}_2]$ (V_1, V_2 : tom baixo)

Exemplos de oposição:
pa'tâ *certo anfíbio* **pa'ta** *paralelepípedo de*

putí *assoprar* **puti** *rolo de*

Exemplo de oposição entre as três melodias:
wẽé *ventar* **wẽê** *espalhar* **wẽe** *(planta) de galhos flexíveis*

3.4.4. Existem uma duzia de lexemas com melodia descendente [ˊ ˋ] (tom de registro H na 1ª mora e L na 2ª). São sempre substantivos. A sua escassez sugere uma origem polimorfêmica para eles, a menos que sejam empréstimos. Por exemplo:
yîdu [jíɾù] *grilo* (do português ???)
pâtu *coca* **pêdu** *caxiri*
êtu *certo molusco* **tɨ̂tɨ̃** *jacamim* **ûhudi** *jabuti*

3.4.5. Para terminar, convém notar a existência de alguns lexemas tonicamente instáveis: a sua melodia tonal muda conforme o contexto morfológico. Por exemplo, o lexema **doké ~ dokê** *atirar*:
- alomorfe de melodia ascendente quando só ou antes de sufixos, como:
doké-kã'-bĩ! *(ele) atira sim!*
- alomorfe de melodia alta, antes de certos verbos dependentes, como:
dokê sãha *entrar atirando, participar de*

Esses raros sufixos instáveis são mencionados no dicionário. Convém citar:
õbá ~ õbâ *correr*
putí ~ putî *assoprar*
ã'bé ~ ã'bê *vingar-se*

Em resumo, três melodias tonais estão em oposição nos lexemas:

melodia alta (ˆ)	[ˊ ˊ] ~ [ˋ ˊ] ~ [ˊ ˉ]
melodia ascendente (ˊ)	[ˋ ˇ] ~ [ˋ ˉ]
melodia baixa	[ˆ ˆ] ~ [ˋ ˋ] (variantes livres)

Note os vários alotons de melodia alta:
- o primeiro: sem consoante intermediária ou com consoante intermediária sonora;
- o segundo: com vogal inicial surda ou laringalizada;
- o terceiro: com vogal inicial surda (variante livre do segundo alotom).
Nos três alotons, um tom de registro alto aparece sempre (na 1ª ou na 2ª mora). Por isso, a melodia alta foi também chamada de **melodia de registro**, em oposição com a **melodia ascendente** ou **de contorno**. Ambas são melodias tônicas, em oposição com a **melodia baixa** ou **átona**.

Sândis tonais

3.4.6. Os **sufixos** verbais ou nominais são **fonologicamente átonos**, ou seja, não possuem um tom próprio alto: sua realização fonética é como a de um lexema de melodia baixa (tom baixo ou médio-baixo). No entanto, eles podem "capturar" o tom alto de certas melodias, como veremos adiante.
Para mostrar que estes sufixos são fonologicamente átonos, basta sufixá-los a lexemas sem tom alto próprio (i.e. de melodia baixa). Exemplo com o verbo de melodia baixa **site** *espalhar* e o sufixo **-bĩ** *3msg.*: **site-bĩ** [sɪ̰̃tɛ̀mɪ̃] *ele espalha* (V_1, V_2, V_3: tom baixo). Se **-bĩ** tivesse um tom próprio alto, deveria aparecer depois do verbo de melodia baixa **site**.

Outro exemplo com **pa'ta** *paralelepípedo* e **-di** *inan.pl*:
pa'ta-di [pa̰ta̰ⁿtı̰] *paralelepípedos*

3.4.7. Com radicais de **melodia ascendente**, há um processo muito produtivo de **deslocamento tonal**:

REGRA DE DESLOCAMENTO TONAL

Os sufixos <u>não laringalizados</u> capturam automaticamente o tom das raízes ascendentes. Nunca capturam o tom das raízes altas.

Em outras palavras, o tom de contorno L͡H ou M͡H da 2ª mora de uma raiz de melodia ascendente (a ligatura indica um tom de contorno) passa da raiz, que o perde, para o sufixo, i.e. o tom de contorno de um lexema de melodia ascendente aparece sobre o sufixo:
apó [àa̰pɔ̌] *consertar* → **apo-bĩ́** [àa̰pɔ̀mı̃̌] *ele conserta* (**-bĩ** *3msg*)
ũyú [ṵ̃jṵ̃̃] *jeju* → **ũyu-dé** [ṵ̃jṵ̃ⁿdɛ̃̌] *em relação ao jeju* (**-de** *referencial*)

Podemos formular a *regra de deslocamento tonal* da maneira seguinte:

raiz tônica ascendente-suf.átono → raiz átona-suf.ascendente

Note, nos últimos exemplos, a grafia monomoraica adotada para os sufixos. Isto não contradiz a nossa teoria sobre a estrutura bimoraica dos morfemas, na medida em que uma grafia bimoraica para os sufixos seria muito pesada, já que nenhum das sufixos da língua estudada tem uma forma silábica do tipo: **-(C)V_1V_2 (V_1≠V_2)**. São sempre monossilábicos e nunca com duas posições distintas no núcleo silábico. Por isso, preconizamos as grafias **-bĩ**, **-de**, etc. em vez de **-bĩi**, **-dee**, etc.
Podemos voltar agora ao nosso processo de deslocamento tonal e ver como esee deslocamento do tom de contorno do radical para o sufixo dá mais peso a nossa argumentação precedente: os sufixos não têm tons intrínsecos.

3.4.8. Com os morfemas de melodia alta, o(s) tom(s) alto(s) do radical permanecem nele: o sufixo não pode capturá-los. Os sufixos permanecem foneticamente átonos:
apê *brincar* → **apê-bĩ** [àa̰pɛ́mı̃̌] *ele brinca*
ũyû *abacate* → **ũyû-de** [ṵ̃jṵ̃̂ⁿdɛ̃̌] *em relação ao abacate*

Em resumo:

Radical de m. baixa:	$C_1V_1C_2V_2$-C_3V_3	→	$C_1V_1C_2V_2C_3V_3$
Radical de m. alta:	$C_1V_1C_2\hat{V}_2$-C_3V_3	→	$C_1V_1C_2\hat{V}_2C_3V_3$
Radical de m. ascendente:	$C_1V_1C_2\acute{V}_2$-C_3V_3	→	$C_1V_1C_2V_2C_3\acute{V}_3$

Como se vê, os sufixos capturam unicamente o tom de contorno dos lexemas de melodia ascendente que, por sua vez, tornam-se de melodia baixa.

3.4.9. Os **sufixos laringalizados** têm um comportamento tonal diferente dos outros. Não capturam nem deixam passar o tom, **bloqueando qualquer melodia à sua direita**. São **segmentos opacos**, a presença da laringalização impedindo o deslocamento tonal. Exemplo com o sufixo assertivo **-kã'**:
apê-bĩ → **apêbĩ** *ele brinca*
apê-kã'-bĩ → **apêkã'bĩ** *ele brinca sim*
apó-bĩ → **apobĩ́** *ele conserta*

apó-kã'-bĩ → **apókã'bĩ** *ele conserta sim*

No último exemplo, o tom de contorno do radical de melodia ascendente **apó** não se desloca, porque o seu deslocamento é bloqueado pelo sufixo laringalizado **-kã'**. Este bloqueio laringal **não sofre exceção**.

3.4.10. Duas observações importantes:

1) Este deslocamento tonal com lexemas de melodia ascendente **não é reiterativo**. Não se realiza uma segunda vez com um segundo sufixo:
apó -bĩ → **apobĩ́** *ele conserta*
consertar-3msg
apó -ti -bĩ → **apotíbĩ** *ele não conserta* (e nunca : ***apotibĩ́**)
consertar-Neg-3msg

2) Existem alguns sufixos irregulares. São muito poucos que não se conformam aos processos descritos acima que, justamente por isso, consideramos regulares. Vejamos rapidamente as principais irregularidades (cf. 15.4-6. para mais detalhes):

① Os sufixos sem *onset* consonântico (sufixo nominal **-a** *passado recente*, sufixo nominal homófono **-a** *plural/animado*, sufixo **=o** *causativo*, etc.) integram-se à estrutura tonal da raiz lexêmica, o **conjunto formando uma nova unidade tonal** ascendente ou alta. Exemplos de conjunto **RAIZ-V** formando uma unidade tonal ascendente:
apê -a-bĩ → **apeábĩ** [àa̰pẽámĩ̃] *ele brincou*
brincar-pass.recente
akê -a → **akeá** [àa̰kẽá] *macacos*
macaco-pl
puû -o → **puó** → **pɨ́ó** [pɨ̀ɔ̌] *molhar*
molhar-se-Caus Diss1

Com o plural **-a**, o radical de melodia alta às vezes permanece inalterado, o sufixo levando também um tom alto. Esse sândi é bastante produtivo, e os plurais deste tipo são dados pelo dicionário (cf. 8.3.):
ẽbô *guariba* **ẽbô-a** → **ẽboâ** [ɛ̃́mɔ̃́ã́] *guaribas*
bɨkô *tamanduá* **bɨkô-a** → **bɨkoâ** [^{m}bɨ̀a̰kóá] *tamanduás*

Quando **-a** *passado recente* não é adjacente a um radical alto, a melodia deste radical fica alta:
apê - ti -a-bĩ → **apêtiabĩ** [àa̰pétĩ̂ã̀mĩ̃] *não brincou*
brincar-Neg-pass.recente

Quando **-a** *passado recente* não é adjacente a um radical ascendente, o deslocamento do tom de contorno efetua-se até este sufixo:
apó -ti -a-bĩ → **apotiábĩ** [àa̰pɔ̀tìámĩ̃] *não consertou*
consertar-Neg-pass.recente

Nota-se que estes sufixos não começam por uma consoante ou uma vogal laringalizada.

② Os sufixos nominalizadores (cf. capítulo 11) capturam o tom de qualquer raiz verbal quando forem adjacentes a esta raiz, tornando baixa a melodia dela. Exemplo com o nominalizador do masculino singular animado **-gɨ**:
apê-gɨ → **apegɨ́** [àa̰pɛ̀gɨ̌] *o homem que brinca*
apó-gɨ → **apogɨ́** [àa̰pɔ̀gɨ̌] *o homem que conserta*

Quando o nominalizador não for adjacente ao radical de melodia alta, a melodia deste último permanece alta :
apê - ti -gɨ̀→ apêtigɨ̀ [àa̰pétìgɨ̃] *o homem que não brinca*
brincar-Neg-Nom

Quando não for adjacente a um radical de melodia ascendente, a regra de deslocamento continua válida e é o primeiro sufixo que captura o tom de contorno do radical:
apó-ti-gɨ̀ → apotígɨ̀ [àa̰pɔ̀tĭgɨ̃] *o homem que não conserta*

No caso desses nominalizadores, sugerimos a existência de um **tom flutuante**, reescrevendo, por exemplo, o nominalizador **-gɨ́** em **-□́-gɨ̀**. Pensamos que o tom flutuante é o vestígio suprassegmental do apagamento do sufixo **-a** *nominalizador* (cf. 11.2.), o sufixo **-gɨ̀** não sendo propriamente um nominalizador, mas um sufixo nominal que marca o masculino singular animado. O segmento deste sufixo **-a** caiu, mas deixou o seu tom. Por exemplo:
apê-a-gɨ̀ → apeágɨ̀ → ape□́gɨ̀ → apégɨ̀ → apegɨ́
unidade tonal com **-a** apagamento deslocamento

Com a postulação de um tom flutuante, os sufixos nominalizadores não devem ser considerados como sufixos irregulares.

③ Alguns sufixos como **-sa** *modalidade sentida* e **-pa** *plural de forma* (cf. capítulo 5 e seção 8.7.) são **tonalmente transparentes** ao processo de deslocamento tonal: deixam passar o tom de contorno do radical ascendente para um segundo sufixo, sempre morfologicamente obrigatório, como se esses sufixos não existissem. Exemplo com **-sa** *modalidade sentida*, **apê** *brincar* e **apó** *consertar*:
apê-sa-bĩ → apêsabĩ [àa̰pésa᷄mĩ̃] *ouço-o brincar*
apó-sa-bĩ → aposabĭ́ [àa̰pɔ̀sàmĭ̃] *ouço-o consertar*

Exemplo com **-pa** *plural de forma* e **kií** *mandioca*:
kií-pa-ga → kii-pa-gá *tubérculos de mandioca*

Como se vê, **-sa** e **-pa** são transparentes ou "invisíveis" para o processo de deslocamento tonal: sendo fonologicamente átonos e não capturando nenhum tom, são sempre proferidos em tom baixo ou médio-baixo.
Como explicar o fenômeno? Sugerimos que estes casos de transparência tonal, apesar de parecerem irregulares, talvez não o sejam. Com efeito, veremos a seguir que o deslocamento efetua-se sempre na 2ª mora dos verbos e nomes dependentes, a 1ª mora sendo sempre transparente. O que é verdade para os verbos e nomes dependentes o é também para os sufixos, que foram escritos com grafia monomoraica para simplificar as grafias. Nessas condições, **-sa** e **-pa** poderiam ser formas diacronicamente simplificadas de sufixos ou palavras dependentes bimoraicos, como por exemplo:
kii-pa-ga < *kií+opa-ga (com apagamento da 1ª mora de **opâ** *autófora*, cf. 12.5.)

Essas formas simplificadas com apagamento da primeira mora não obedeceriam à regra de duração compensatória mencionada em 2.7. ($\mathbf{V_1CV_2 > CV_2V_2}$). Seriam exceções com uma só mora:
***+opa-ga > -pa-ga** e não: **-paa-ga**

Como a regra de deslocamento toca a 2ª mora do sufixo/palavra dependente e como, neste caso, só há uma mora, o tom da raiz ascendente passa " em cima" de **-sa** ou **-pa**.
Em outras palavras, **-sa** e **-pa** são irregulares, porque só teriam **uma mora** por não obedecerem à regra de duração compensatória. Como os outros sufixos têm duas moras

(apesar de isso não aparecer na nossa grafia simplificada) e como o deslocamento se efetua sempre na 2ª mora deles, **-sa** e **-pa** deixariam passar o tom capturado em cima deles. Isso explicaria a sua transparência.
Em resumo, a melodia ascendente **desloca o seu tom de contorno** para o primeiro sufixo (excepcionalmente, para o segundo sufixo, se o primeiro for **-sa** ou **-pa**). A melodia alta não desloca seu(s) tom(s) em regra geral, a não ser seguida pelos sufixos começando por uma vogal ou por algum sufixo nominalizado. Neste último caso, sugerimos a presença de um tom flutuante. Para explicar a transparência de **-sa** e **-pa**, consideramo-los como monomoraicos, à diferença dos outros sufixos, interpretados como bimoraicos mas escritos praticamente com uma só mora.

3.4.11. Tudo o que foi dito para os sufixos pode ser repetido para os nomes e verbos dependentes (lexemas dependentes). Em ye'pâ-masa, há centenas de nomes e verbos dependentes que, fonologicamente, não têm tom próprio. Morfologicamente, aparecem "à direita" de um verbo ou nome independente que lhes serve de complemento:

Complemento	+ Complementado (lexema dependente)		
ohô *banana*	**yõo** *pé*	**ohô+yõo**	*bananeira (pé de banana)*
ohô *banana*	**tõ'o** *cacho*	**ohô+tõ'o**	*cacho de bananas*
da'dá *trabalhar*	**bãsi** *saber*	**da'dá+bãsi**	*saber trabalhar*
apê *brincar*	**bãsi** *saber*	**apê+bãsi**	*saber brincar*
ohó *mergulhar*	**bĩi** *tirar*	**ohó+bĩi**	*tirar mergulhando*

São lexemas porque podem ser proferidos e conceitualizados sozinhos, sem o complemento. Quando são proferidos só, realizam-se **com melodia baixa** (tons baixos), i.e. são **fonologicamente átonos**. No entanto, podem ser foneticamente realizados como os lexemas de melodia ascendente, porque obedecem ao processo geral de deslocamento tonal, da mesma forma que os sufixos. Com o complemento à esquerda, o processo de **deslocamento tonal** é idêntico aos dos sufixos:
(1) **ohô/yõo** (m.alta + m.baixa)
(2) **ohô/tõ'o** (m.alta + m.baixa)
(3) **da'da/bãsí** (m.ascendente + m.baixa)
(4) **apê/bãsi** (m.alta + m.baixa)
(5) **oho/bĩí** (m.ascendente + m.baixa)

Vê-se que:
- Os complementos de melodia ascendente deixam os complementados (lexemas dependentes) capturarem o seu tom de contorno (3,5). Note-se que o **deslocamento sempre se efetua para a 2ª e última mora do complementado**.

- Os complementos de melodia alta não sofrem alterações (1, 2, 4).

- Os complementados com laringalização bloqueiam **sempre** a captura do tom de contorno dos complementos. Como os sufixos com laringalização, eles formam barreira. Por exemplo:
da'dá + sĩ'di *querer trabalhar* → **da'dá/sĩ'di**
trabalhar+querer

Num estudo realizado com mais de 300 nomes dependentes e 200 verbos dependentes (complementados), só encontramos três ou quatro exceções às regras precedentes (cf. 15.6.).

Em conclusão:
♦ os sufixos e os lexemas (nomes ou verbos) dependentes são fonologicamente átonos, os lexemas podendo ser proferidos em tom baixo se aparecem só.
♦ a melodia ascendente é tonalmente instável: o seu tom de contorno é sempre capturado pelo primeiro sufixo ou pelo primeiro lexema dependente (na sua 2ª mora), a não serem estes últimos laringalizados.
♦ as exceções a esta regra são pouquíssimas.

Comparação na família tukano

3.4.12. Nas outras línguas da família tukano, as realizações tonais parecem variar muito de um ponto de vista fonético. No entanto, para as línguas que examinamos, parece-nos que **sempre há três melodias tonais** com realizações alofônicas e sândis tonais extremamente variados. Em maioria, os itens lexicais que possuem a mesma melodia são, de língua a língua, cognatos entre si. Em outras palavras, os lexemas seriam tonalmente divididos em três classes formadas de cognatos para o conjunto da família tukano ou, pelo menos, para uma parte da família tukano.
O quadro seguinte resume as realizações das três melodias notadas, respectivamente, com ◌̂, ◌́ ou sem nada, e o processo de sândi tonal que nos parece o mais significante:

	Realização fonética	Sândi tonal
Ye'pâ-masa / Desano	◌̂ [H H] ~ [L H] ~ [H M] ◌́ [L L͡H] [M͡L M͡L]	Deslocamento da melodia ascendente para a 2ª mora do lexema dependente ou para o sufixo.
Wanano / Pira-tapuyo	◌̂ [L L͡H] ◌́ [L L͡H] [M͡L M͡L]	Assimilação da melodia alta a todos os sufixos. Não há deslocamento ou assimilação com a melodia ascendente.
Tuyuka / Bará	◌̂ [H L] ~ [L H] ◌́ [L L͡H] [M͡L M͡L]	Deslocamento da melodia ascendente para a 2ª mora do lexema dependente ou para o sufixo.
Karapaná	◌̂ [L L͡H] ~ [?] ◌́ [H L] [M͡L M͡L]	Assimilação da melodia alta a todos os sufixos.

Nota-se que:
- O ye'pâ-masa e o desano têm as mesmas realizações alofônicas e as mesmas regras de sândis tonais.

- Em wanano e em pira-tapuyo, os contrastes tonais subjacentes são neutralizados em palavras isoladas, mas reaparecem em contexto, com uma regra de assimilação com os lexemas de melodia alta:
/$C_1V_1C_2\hat{V}_2 \pm C_3V_3C_4V_4$/ → [$C_1\grave{V}_1C_2\check{V}_2C_3\acute{V}_3C_4\acute{V}_4$] (±: sufixo ou palavra dependente)

- Em tuyuka, a melodia alta é realizada como [H L] com os lexemas sem consoante intermediária e como [L H] com os lexemas com consoante intermediária:
yaî [jáì] *onça*
ũyû [ǜj̃ú] *abacate*

3.4.13. As oposições do tipo:
[pɛ̀ɛ̰́tá] *porto* vs [pɛ̀ɛ̰̀tă] *tocandira*

foram interpretadas como diferenças tonais (**petâ** vs **petá**) e não como diferença na duração das vogais (**petá** vs **petaá**). Os argumentos que sustentam uma análise tonal são de ordem fonética, lexical e comparativa:
a) Foneticamente, já vimos que a diferença na duração das vogais, neste tipo de oposição, não é sensível (cf. anexo deste capítulo).

b) Foneticamente também, uma notação em duração de vogais (**petá** vs **petaá**) não mostraria a regra geral de deslocamento tonal. Por exemplo, o sufixo **-bĩ** *pres.vist.-fsg* captura o tom das raízes de melodia ascendente, e nunca o tom das raízes de melodia alta:
apó *consertar* **apo-bĩ́** *ele conserta*
apê *brincar* **apê-bĩ** *ele brinca*

Com uma notação em duração de vogais, teríamos naturalmente:
apoó **apoo-bĩ́**
apé **apé-bĩ**

A regra de deslocamento tonal deveria reformular-se assim: "os sufixos capturam o tom das raízes que terminam com duas vogais". Com os verbos de melodia ascendente **boká** *achar* e de melodia alta **etâ** *chegar*, teríamos então:
bokaá **bokaa-bĩ́**
etá **etá-bĩ**

No entanto, com os sufixos do passado recente **-a-bĩ**, obteríamos:
bokaá **bokaa-á-bĩ**
etá **eta-á-bĩ**

A última forma (**etaábĩ**) entraria então em contradição com a nova regra geral de deslocamento tonal, já que o sufixo **-bĩ** não captura o tom apesar de ser precedido por duas vogais.

c) Lexicalmente, o vocabulário tem uma estrutura bimoraica. Não existem lexemas com três vogais diferentes (cf. 3.1.), o que proibe uma grafia do tipo **petaá**.

d) Comparativamente, como já notamos acima, o estudo do wanano e do pira-tapuyo mostra que este tipo de contraste (**petâ** vs **petá** ou: **petá** vs **petaá**) está neutralizado em palavras isoladas. A realização é sempre: $[C_1\grave{V}_1C_2\check{V}_2]$. Uma grafia tonal explicaria simplesmente o fato por neutralização dos contrastes tonais subjacentes. No entanto, uma grafia em duração das vogais não poderia interpretar facilmente o fato de que esta neutralização efetua-se, de língua em língua, entre cognatos entre si.

3.4.14. Tendo escolhido uma análise tonal, os problemas a resolver são os seguintes:
1) Três melodias tonais e... quantos tonemas?
2) O tom de contorno L͡H deve ser decomposto em dois tons de registro: L e H?
3) Análise segmental ou suprassegmental?

3.4.15. Confrontando-nos primeiro com a terceira pergunta, optaremos para uma análise suprassegmental. Os argumentos são os seguintes:

a) A provável existência de um tom flutuante com os sufixos nominalizadores mostra que o apagamento de uma vogal não leva ao apagamento da sua tonicidade. Em outras palavras, a existência do suprafixo **-□́** (morfema puramente tonal sem suporte segmental) **evidencia uma fileira tonal sem fileira segmental** e, em consequência, uma certa independência entre os segmentos e a sua tonicidade. O suprafixo **-□́** parece também ter uma função de denominal. Compare:

õ'dê *urina*	**õ'dé** *urinar*
ɨ'tâ *excremento*	**ɨ̃'dá** *defecar*

b) Em sentido inverso, a independência segmento/tonicidade é argumentada pelo fato de que existem morfemas **com fileira segmental mas sem fileira tonal**. Com efeito, os lexemas dependentes e os sufixos são fonologicamente átonos e realizados com uma melodia baixa. Por exemplo, o verbo **bãsî** *saber, conhecer* é de melodia alta. No entanto, o verbo **bãsi** *saber (fazer algo)* tem uma realização baixa (tons baixos ou médio-baixo), por ser em relação de dependência que exige um complemento ("saber nadar", "saber correr", etc.). Em outras palavras, a relação de dependência **apaga a fileira tonal** da palavra dependente ou do sufixo. Compare, com **ba'â** *comer*:

bãsî-bĩ *(ele) sabe*	(**bãsî** conserva a sua fileira tonal)
ba'â+bãsi-bĩ *(ele) sabe comer*	(**bãsî** perdeu a sua fileira tonal)

Além disso, o lexema dependente (aqui **bãsi**) captura o tom ascendente das raízes de melodia ascendente, tornando-se foneticamente "tônico" apesar de ser fonologicamente átono. Exemplo com **baá** *nadar*:

baá+bãsi-bĩ > baa/bãsí-bĩ *(ele) sabe nadar*

Neste exemplo, vê-se que o tom de **bãsí** (de melodia ascendente) não é o seu tom próprio (**bãsî** sendo de melodia alta), mas o tom capturado pela regra de deslocamento tonal. Em consequência, o verbo dependente **bãsi** não tem tom próprio e **consideraremos a melodia baixa como tonalmente não-marcada**: em termos de decomposição de melodia tonal em tons H e L, L é o termo não marcado da oposição. Para considerações sobre o valor não-marcado de L nas línguas tonais onde há uma oposição L vs H, cf. Pulleyblank (1986: 123-133).

c) A melodia parece abranger todo o morfema e não cada mora ou cada segmento dos lexemas bimoraicos. Com efeito, se o tom estivesse associado a cada mora, esperaríamos a existência de 4 melodias em oposição: [HH], [HL], [LH] e [LL]. No entanto, [HL] não tem valor opositivo na língua ye'pâ-masa.

De fato, as regras de sândis tonais são sensíveis à noção de morfema: por exemplo, o deslocamento tonal efetua-se de um morfema para o primeiro a segui-lo.

Em resumo, o fato de que existem morfemas com fileira tonal sem fileira segmental (tom flutuante), assim como morfemas com fileira segmental sem fileira tonal (sufixos e palavras dependentes), e que a melodia toca o morfema na sua totalidade mostra que os segmentos e a tonicidade são bastante independentes, o que sugere uma análise suprassegmental.

Neste caso, os traços [+tônico/alto] e [+tônico/ascendente] estão representados numa fileira separada, a sua ausência caracterizando a melodia baixa (Van der Hulst e Smith 1982: 72). Por exemplo:

pa'ta *paralelepípedo*	**petâ** *porto*	**petá** *tocandira*
	[+tônico/alto]	[+tônico/ascendente]

3.4.16. Agora, devemos nos perguntar se as três melodias tonais constituem exatamente três tonemas. Em outros termos, devemos ou não decompor as melodias que

evidenciamos? Neste caso, H e L (não-marcado) não seriam fonologicamente o suficiente para permitir esta decomposição? Como decompor então o tom de contorno que carateriza a melodia ascendente?

3.4.17. Como notamos, as três melodias evidenciadas têm como domínio **o morfema**. No entanto, como os morfemas são sempre bimoraicos, o domínio de ação dessas melodias pode ser igualmente descrito, não como o morfema, mas como a **mora**. Podemos então propor uma **primeira análise** de decomposição das melodias tonais:
petâ, **werê**, **weê** → **pétá**, **wéré**, **wéé**
petá, **weré**, **weé** → **petá**, **weré**, **weé**

♦ Melodia Alta: $(C_1)V_1(C_2)V_2$
H H

♦ Melodia Ascendente: $(C_1)V_1(C_2)V_2$
H

♦ Melodia Baixa: $(C_1)V_1(C_2)V_2$

Associa-se L a cada mora sem ligação tonal:

(Tad) $\mathbf{V_1V_2}$ → $\mathbf{V_1V_2}$ (regra por defeito)
H L H

A decomposição do tom de contorno (melodia ascendente) não apresenta dificuldades, com uma simples regra de espalhamento tonal para justificá-la (a ligatura indica que os tons são tautosilábicos):

(Esp) **L H → L $\widehat{\text{LH}}$** (espalhamento tonal)

ou seja:

$(C_1)V_1(C_2)V_2$ → (Tad) $(C_1)V_1(C_2)V_2$ → (Esp) $(C_1)V_1(C_2)V_2$ $[(C_1)\grave{V}_1(C_2)\check{V}_2]$
H L H L H

Como formalizar então a regra geral de deslocamento tonal? Por exemplo, em:
apó - bĩ → **apobĩ** *ele conserta*
consertar-3msg
apó - bãsi → **apo/bãsí** *saber consertar* (deslocamento não iterativo)
consertar-saber

Podemos considerar a regra de deslocamento tonal como a resultante de quatro regras tonais:

(Aprog)	**L → H / H__**	(assimilação progressiva, não iterativa)
(Tab)	**LHH → LLH**	(absorção tonal)
(OCP)	**LLH → LH**	(simplificação tonal)
(Esp)	**L H → L $\widehat{\text{LH}}$**	(espalhamento tonal)

Ou seja:

Deslocamento tonal = (Aprog) → (Tab) → (OCP) → (Esp)

Exemplo com **apó** *consertar* e o sufixo **-bĩ** *3ª pessoa masculino singular*:

apo-bĩ → **apo-bĩ** → **apo-bĩ** → **apo-bĩ** → **apo-bĩ** → **apo-bĩ** [àa̰pɔ̀mĩ̌] *ele conserta*

Tad, Aprog, Tab, OCP, Esp

H | L H | L L H | H | L L | H | L | H | L H

No entanto, esta solução (melodia alta: HH, melodia ascendente: LH) não nos parece totalmente adequada por ter a melodia alta dois tons marcados e a melodia ascendente, somente um (L não é marcado). Isso introduz uma assimetria que a estrutura sempre bimoraica recusa: os lexemas tendo sempre duas moras, as suas melodias associadas deveriam ter o mesmo número de tons marcados. Além disso, HH nem sempre realiza-se foneticamente com dois tons altos (por exemplo, o alotom [LH] em ye'pâ-masa e o alotom [HL] em tuyuka).

3.4.18. Uma **segunda solução** consistiria em reformular os tons associados às moras:

♦ Melodia Alta: $(C_1)V_1(C_2)V_2$ com H associado a V_1 e V_2

♦ Melodia Ascendente: $(C_1)V_1(C_2)V_2$ com H associado a V_2 e $\bar{H}$ flutuante

$\bar{H}$ sendo um tom flutuante introduzido para levar em conta a não-ciclicidade do deslocamento tonal: $\bar{H}$ não tem ponto de aplicação no lexema isolado, mas torna-se um tom H real quando um sufixo ou um lexema dependente aparece à direita do lexema, realizando-se nesse sufixo ou lexema dependente. Uma vez realizado, não pode ser deslocado de novo (processo não-iterativo). Por exemplo:

apo → **apo** → **apo** [àa̰pɔ̌] *consertar*

Tad, Esp

H $\bar{H}$ | L H $\bar{H}$ | L H $\bar{H}$

apo-bĩ → **apobĩ** → **apobĩ** → **apobĩ** → **apobĩ** [àa̰pɔ̀mĩ̌] *conserta*

aplicação de $\bar{H}$, Tad, Tab & OCP, Esp

H $\bar{H}$ | H H | L H H | L | H | L H

Esta segunda solução também não nos parece satisfatória: ela introduz um tom flutuante para toda uma classe de lexemas, a dos lexemas de melodia ascendente. Como esta classe é aberta e muito rica, não entendemos por que cada lexema desta classe levaria um tom flutuante sem que isso seja justificado pela morfologia.

3.4.19. Uma **terceira solução** consistiria em dizer que o ye'pâ-masa é uma língua tonal periférica (*pitch-accent*) em subjacente, mas que se realiza como uma língua tonal verdadeira graças às regras fonológicas. Em outras palavras, teríamos:

♦ Melodia Alta: $(C_1)V_1(C_2)V_2$ com H associado a V_1

♦ Melodia Ascendente: $(C_1)V_1(C_2)V_2$ com H associado a V_2

Nestas condições, o tom seria ainda empregado para diferenciar os itens lexicais, mas o seu uso seria restrito, em subjacente, a sílabas ou moras diferentes. Exemplo com **apê** *brincar* e **apó** *consertar*:

ape → **ape** → **ape** → **ape** [àa̰pɛ́] *brincar*
| Tad | |Aprog | | Vlar | |
H H L H H L H

com a regra **(Vlar)**: se V_1 for laringalizada ou surda, o seu tom tem uma realização baixa.

apo → **apo** → **apo** [àa̰pɔ̌] *consertar*
| Tad | | Esp ◸|
H L H L H

Esta terceira solução tem a grande vantagem de fazer aparecer sempre um tom marcado H e um só para qualquer lexema. Isso respeita o fato de que todos os lexemas desta língua são bimoraicos. Neste quadro teórico, os lexemas de melodia alta seriam escritos: **ápe** *brincar*, **péta** *porto*, **óso** *morcego*, etc., enquanto os lexemas de melodia ascendente não mudariam de grafia: **apó** *consertar*, **petá** *tocandira*, **wekó** *papagaio*, etc.
As regras fonológicas necessárias para realizar as derivações em ye'pâ-masa são: **(Tad), (Aprog), (Tab), (OCP), (Esp), (Vlar)**. Estas regras mudariam de língua em língua, mas os dois padrões tonais permaneceriam os mesmos: HL e LH.
Por exemplo, em wanano e em pira-tapuyo, HL realizar-se-ia [L L͡H] por deslocamento tonal, que, como vimos acima, pode ser interpretado como a soma de várias regras fonológicas, e teria assim a mesma realização fonética que LH.
No entanto, em karapaná, [HL] seria a realização do padrão LH e teríamos então que postular uma regra de deslocamento regressiva.

3.4.20. Das três análises propostas, qual seria a melhor? Sem um estudo suplementar e pormenorizado dos fatos tonais e sem uma comparação sistemática dos sistemas tonais entre as diversas línguas tukano, parece-nos quase impossível decidir e propor uma abstração teórica capaz de levar em conta tanta disparidade na realidade fonética.
Lembramos as três soluções propostas:
- HH e LH
- H e HH̄
- HL e LH

Pode ser que nenhuma das três análises esteja correta. Com efeito, nenhum argumento decisivo nos permite escolher uma regra fonológica em lugar de outra. No entanto, não há dúvida que as regras de assimilação tonal devem ocupar um lugar básico na tonalidade, porque já o ocupam com a nasalidade (cf. 3.2.) e alhures (cf. 2.7.).
Em conclusão, preferimos ficar na nossa posição inicial e continuar a considerar as melodias tonais evidenciadas como **contornos unitários** (abrangendo todo o morfema), pensando ainda ser prematuro tentar decompô-las em unidades tonais descontínuas associadas às moras.

3.5. Palavra e locução fonológica

Todas as regras fonológicas estudadas anteriormente (assimilação vocálica, contaminação nasal, deslocamento tonal, etc.), assim como o fato de que, intramorfemicamente, **[r]**, **h** e **g** existem unicamente em posição intervocálica, fornecem uma série de critérios ou "sintomas" capazes de situar solidamente as várias fronteiras fonológicas. O quadro seguinte reproduz os principais critérios:

Entre 2 morfemas separados por	=	-	/	#
Unidade tonal	S	S	S	N
Alofone [d, ɾ]	S	S	N	N
Contaminação nasal depois de **y**, **w**, **d**, **g**	S	S	N	N
g inicial	S	S	N	N
Contaminação nasal depois de C_{surda}	S	N	N	N
o → u / --- i	S	N	N	N
u → ɨ / --- o	S	N	N	N
a → o / --- o	S	S / N	N	N
Sem apagamento de **g**	S	N	---	---
h inicial	S	N	N	N
V_{surdas} antes de C_{surda}	S	N	N	N

Com:

S sim — **N** não
= antes dos sufixos derivacionais — **-** antes dos sufixos flexionais
/ separação das palavras fonológicas — **#** separação das locuções fonológicas

Partindo do princípio que, quanto mais dois morfemas são ligados, tanto mais modificam-se e interagem entre si, os critérios acima mostram uma hierarquia que permite caracterizar palavras e locuções fonológicas:

a) A **locução fonológica** é caracterizada pela **acentuação tonal**. Com efeito, nunca se pode ter, dentro de uma locução fonológica, uma sucessão de duas sílabas fonologicamente isotonais de tom alto que não comecem esta locução, ou duas vogais de tom alto separadas por uma vogal de tom baixo: as realizações sequenciais [LHH] ou [HLH], dentro da palavra fonológica, não existem em ye'pâ-masa. Em consequência, os padrões: ##$\acute{S}_x S_y \acute{S}_z$## ou ##$S_x \acute{S}_y \acute{S}_z$## encerram uma fronteira entre locuções marcada por #. Exemplos de locuções fonológicas:

akê *macaco* [#àa̰kɛ́#]

uti-â *cabas* [#ùṵ̀tíá#] (é a única sucessão de três H permitida pela língua, o 1º tom alto sendo apagado pela vogal surda, cf. 3.4.)

ape -á -bĩ *ele brincou* [#àa̰pɛ̄ámĩ̂#]
brincar-pas-3msg

kãdí +dũ'ku-bĩ *ele dorme de pé* [#kã̀ɽ̆ĩ̆ / nũ̂ ɰ̃̂ kũ̂ mĩ̂#] (1 locução, 2 palavras fonológicas)
dormir+ de pé -3msg

a'tí+wi'i *esta casa* [#àa̰tĭ / ʊɨ̰̂ ĩ̂#] (1 locução, 2 palavras fonológicas)
esta +casa

b) A **palavra fonológica**, cuja fronteira com outra é marcada por /, caracteriza-se pela **unidade nasal** (a contaminação nasal não passa /) e pela **ausência** de **g** ou **[r] inicial**. Por exemplo:

bĩsî+daa-de *em relação ao fio de cipó* [#mĩ̀ḭ̃sí / ⁿdaɽɛ̃̂#]
cipó+ fio -Ref (1 locução, 2 palavras: o morfema nasal **bĩsî** não contamina a 2ª palavra que começa por [d] e não por [ɾ])

bĩsî-de *em relação ao cipó* [#mĩ̀ḭ̃sĩ́ɾɛ̃̂#]
cipó-Ref (1 palavra: o morfema nasal **bĩsî** contamina o sufixo flexional **-de,** que começa por [ɾ])

pe = sâ *estar colocado* [/pɛ̀ɛ̰́sá/]
colocar=Res (1 palavra: com sufixo derivacional, a 1ª mora torna-se surda)

weé -ti *não fazer* [/ʊɛ̀tĭ/]
fazer-Neg (1 palavra: com sufixo flexional, não vogal surda)

Cada unidade fonológica corresponde a uma unidade morfológica que será definida no capítulo seguinte:

Locução Fonológica	↔	Locução Morfológica
Palavra Fonológica	↔	Palavra Morfológica

Em resumo, em ye'pâ-masa, o critério de unidade tonal caracteriza **a locução e não a palavra fonológica**, contrariamente ao que se poderia pensar. Fazendo da unidade tonal o critério para separar as palavras tornaria toda a morfologia desta língua totalmente opaca:

a'tí wi'i *esta casa* : 2 palavras fonológicas e morfológicas, 1 locução.
esta casa (**a'tí** e **wi'í** são isoláveis e são também lexemas)

3.6. Acento de intensidade, descenso tonal e fenômenos entonatórios

3.6.1. Contrariamente ao tom, o **acento de intensidade** (amplitude do som medida em decibéis) não tem função distintiva em ye'pâ-masa. A colocação do acento primário depende grandemente da situação de ênfase. Por exemplo:
ũyû ['ũ̟ʃ̟ú̟] ~ [ú̟'ʃ̟ú̟] *abacate*
pa'tâ ['pàa̯tá] ~ [pàa̯'tá] *certo anfíbio*

Há uma certa tendência à colocação do acento de intensidade de duas em duas moras, com muita variação individual conforme a ênfase:
da'da+bãsí-bĩ [ⁿdàa̯'ɽà/mə̀'sɨ̌mɨ̃̌] *(ele) sabe trabalhar*

3.6.2. O descenso tonal é de regra, o que pode criar conflito com o sistema tonal da língua:

koô₁ dɨ̄kɨ̂pɨ̀₂ wa'aábõ̀₃ *ela₁ foi₃ à mata₂*

Nas perguntas do tipo sim/não, a melodia da oração é ascendente até à última sílaba:

apêti? *(ele) brinca?*

Numa justaposição de nomes ou verbos, a entonação sobe fortemente depois de cada item intermediário:

peêdu sãâ₁, a'pá₂, kãdidá wa'âpa'dã₃ *puseram caxiri no cocho₁, misturaram₂ e foram dormir₃*

ANEXO

Os gráficos abaixo comparam a duração e a frequência de alguns morfemas.
No gráfico 1, a duração de **oâ** é de 466 ms enquanto a duração de **oá** é de 494 ms. Em **oâ**, a frequência passa de 39,4 semitons a 39,6. Em **oá**, ela passa de 37,4 a 40,3.

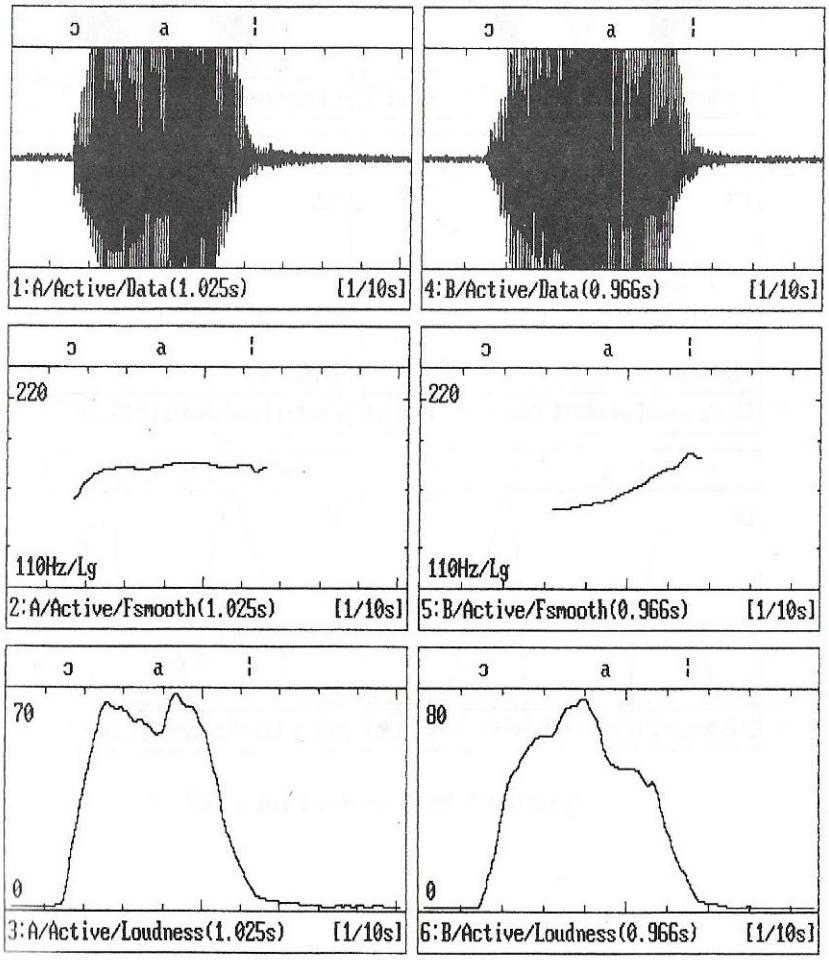


gráfico 1: **oâ** *fazer uma cacofonia* e **oá** *mucura*

No gráfico 2, a 2ª vogal de **bĩpî** dura 264 ms e tem uma frequência de 42,4 semitons. A 2ª vogal de **bĩpí** dura 237 ms e passa de 38,7 semitons a 41,3 semitons.
No gráfico 3, a 2ª vogal de **ohô** dura 189 ms e a sua frequência passa de 39,6 semitons a 39,8 semitons. A 2ª vogal de **ohó** dura 198 ms e passa de 37,8 semitons a 39,8 semitons.

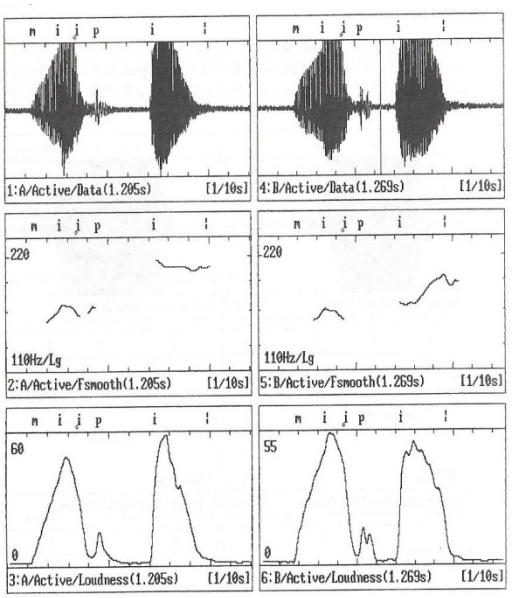


gráfico 2: **bĩpî** *açaí* e **bĩpí** *quati*

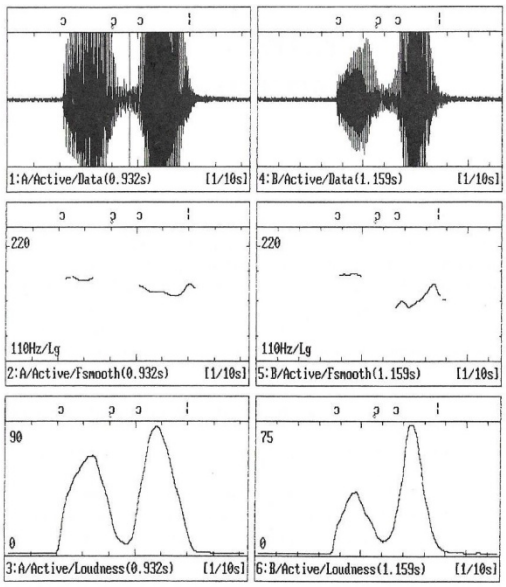


gráfico 3: **ohô** *banana* e **ohó** *mergulhar*

4

Classes de morfemas

Neste capítulo, apresentamos as maiores classes de morfemas lexicais (lexemas). Além de uma oposição verbo-nominal estruturalmente bem definida, a língua ye'pâ-masa distingue os verbos independentes dos verbos dependentes, e os nomes independentes dos nomes dependentes. Expomos pormenorizadamente os argumentos fonéticos e sintáticos que apoiam esta distinção. A fim de facilitar o acesso aos capítulos seguintes, terminamos apresentando algumas propriedades características da morfossintaxe.

4.1. As principais classes de lexemas

As maiores classes lexicais em ye'pâ-masa são: os nomes, os verbos, os nomes dependentes e os verbos dependentes. Critérios estruturais e argumentos fonológicos permitem definir essas classes e sustentar esta classificação.

♦ Os **nomes** são argumentos dos verbos, estruturalmente definidos por um jogo de sufixos apropriados (número, diminutivo, aumentativo, marcadores de função sintática ou semântica,...). Exemplos com **akê** *macaco*[3]:

(1) **akeá**
/ akê - a/
macaco-pl
macacos

(2) **akeákã**
/ akê -akã/
macaco-dim
macaquinho

(3) **akêre**
/ akê -de/
macaco-ref
ao macaco

[3] A fim de facilitar a leitura dos exemplos, adotamos a tradução justalinear seguinte:
- a 1ª linha contém o texto como está escrito nas escolas indígenas. Apesar de ser variantes condicionadas dos fonemas **b** e **d**, as grafias **m**, **n** e **r** foram conservadas.
- a 2ª linha apresenta a segmentação morfêmica, fonológica e subjacente da 1ª linha.
- a 3ª linha é a tradução da 2ª linha, morfema por morfema.
- a 4ª linha é a tradução livre da 1ª linha.

Semanticamente, os nomes são termos que designam os animais e os vegetais, as partes do corpo, os termos de parentesco, os elementos da natureza (“sol”, “serra”, “pedra”,...), os objetos (“casa”, “rede”, “cesta”,...), e outros (“ferida”, “fome”, “sede”, “catarro”,...).

♦ Os **verbos** são predicados estruturalmente definidos por sufixos apropriados (sufixos cumulativos expressando juntamente o tempo, o aspecto, a modalidade epistêmica, a pessoa, o gênero e o número, assim como sufixos negativo, centrípeto, centrífugo,...). Exemplos com **apó** *consertar* e **apê** *brincar*:

(4) **apomí**
/ apó - bĩ /
consertar-pres.vist.3-fsg
(eu vejo que ele) conserta

(5) **apomó**
/ apó - bõ/
consertar-pres.vist.3+fsg
(vejo que ela) conserta

(6) **apoásĩ**
/ apó - a-sĩ /
consertar-p.rec.sent.3-fsg
(eu ouvi que ele) consertou (não vi, mas ouvi o barulho que fazia enquanto consertava)

(7) **apêtimi**
/ apê - ti - bĩ /
brincar-neg-pres.vist
(vejo que ele) não brinca

(8) **apê’timi**
/ apê - ’ti - bĩ /
brincar-C<-pres.vist
(vejo que ele) vem brincando

Semanticamente, os verbos são termos que designam todo tipo de situação: ação (“correr”, “pegar”, “comer”,...), processo (“cair”, “morrer”,...), posição (“estar sentado”, “estar deitado”,...) ou estado (“estar branco”, “estar triste”,...). Os adjetivos da língua portuguesa são estruturalmente verbos em ye’pâ-masa e, como tal, levam os sufixos característicos dos verbos. Com **sõ’â** *estar vermelho*:

(9) **sikó sõ’âmo**
/ sikó sõ’â - bõ /
aquela estar vermelho-pres.vist.3+fsg
(vejo que) aquela está vermelha

4.2. Os lexemas dependentes

Além da oposição verbo-nominal que acabamos de evidenciar, a língua diferencia os verbos independentes dos verbos dependentes, assim como os nomes independentes dos nomes dependentes.

4.2.1. Os **verbos dependentes** são lexemas verbais que seguem um verbo independente na relação: **Determinante+determinado** ou: **Complemento+Completado**. Eles precisam de um verbo complemento. Morfologicamente, os verbos dependentes sempre aparecem na ordem: verbo independente + verbo dependente-sufixos (os sufixos de tempo/modalidade/gênero/número/pessoa nunca aparecem entre os verbos independentes e dependentes). Possuem os mesmos sufixos que os verbos independentes. Fonologicamente, eles são átonos: não possuem um tom alto próprio e, por conseguinte, são de melodia baixa.
Muitos verbos independentes podem ser também usados como verbos dependentes, com ou sem nenhuma diferença de sentido. Por exemplo, o verbo **miî** /bĩî/ *tirar* é um verbo independente, por ser fonologicamente tônico, em:

(10) **kasâwa bu'ipɨ wa'î miîtiapɨ**
/kasâwa bu'i- pɨ wa'î bĩî- ti - a-pɨ /
jirau cima-foc peixe tirar-neg-p.rec.vist
não tirei o peixe de cima do jirau

enquanto o verbo **mii** /bĩi/ *tirar (fazendo algo)* é um verbo dependente, por ser fonologicamente átono e por ser sempre precedido por um verbo independente (**dotê** *bicar* e **ohó** *mergulhar*, nos dois exemplos seguintes), em:

(11) **mɨ'î makɨ ba'aróre kãrêkẽ' dotê miimi**
/bɨ̃'î bãkɨ ba'â - dó - de kãdêkẽ' dotê bĩi- bĩ /
tu filho comer-nom.lugar-ref galinha bicar tirar-pres.vist
a galinha tira bicando o pedaço de comida de teu filho

(12) **sĩ'í ɨ̃tâga oho miími**
/ sĩ'í ɨ̃tâga ohó bĩi- bĩ /
aquele pedra mergulhar tirar-pres.vist
aquele tira pedra mergulhando

Nos dois últimos exemplos, o verbo dependente **mii** /bĩi/ *tirar (fazendo algo)* é átono em estrutura subjacente; no entanto, no exemplo (12), o tom de contorno do verbo independente **ohó** *mergulhar* passa para o verbo dependente, conforme o processo de deslocamento tonal estudado em 3.4.: qualquer verbo dependente não laringalizado "captura" o tom ascendente do verbo independente que o precede.
Nos exemplos acima, a passagem do verbo independente para o verbo dependente efetuou-se sem mudança de significação. Os verbos dependentes podem ter também um sentido bastante diferente do verbo independente correspondente. Esta situação é frequente: o verbo dependente pode desenvolver sua própria polissemia em relação de dependência. Por exemplo, compare o verbo independente **bi'á** *fechar* no exemplo (13) com o verbo dependente associado **bi'a** *fechar (fazendo algo); (fazer algo) em toda parte* nos exemplos (14) e (15):

(13) **sopé bi'ayá!**
/sopé bi'á - ya /
porta fechar-imp
feche a porta!

(14) **sopé wehê bi'aya!**
/sopé wehê bi'á - ya/
porta puxar fechar-imp

feche a porta puxando-a!

(15) **akôro pehâ bi'akã'ro' weé'**
/akô-do pehâ bi'a -kã'- do' weé - ' /
chuva cair em toda parte-ass-impl.ms v.aux.-pres.vist
está chovendo em toda parte (lit. *a chuva está fechando o ambiente caindo*)

No exemplo (15), o verbo dependente **bi'a** passou do sentido geral de "fechar" ao sentido bastante gramaticalizado do omnilocativo ("em toda parte"), obedecendo aos processos metafóricos extremamente produtivos que permitem a criação dos numerosos idiomatismos da língua.
Por outro lado, muitos verbos dependentes não correspondem a nenhum verbo independente associado. São sempre dependentes. Isso resulta da sua semântica que exige sempre um complemento. Por exemplo, **ni'i** /dĩ'i/ *continuar a (fazer algo), ainda* e **toha** *acabar de (fazer algo), já*:

(16) **da'rá ni'igɨ' weé'**
/ da'dá dĩ'i - gɨ' weé - ' /
trabalhar ainda-impl.msg v.aux.-pres.vist
ainda estou trabalhando

(17) **ba'â tohaapɨ**
/ ba'â toha- a-pɨ /
comer já -p.rec.vist
já comi

Por serem átonos e constituirem uma unidade tonal com o verbo independente que os precede, nos estudos sobre as línguas tukano, os verbos dependentes foram geralmente confundidos com os sufixos verbais e, em consequência disso, sufixados aos verbos independentes, dando as formas: **dotêmii** /dotê-bĩi/, **ohomií** /ohó-mii/, **wehêbi'a** /wehê-bi'a/, **pehâbi'a** /pehâ-bi'a/, **da'ráni'i** /da'dá-dĩ'i/, **ba'âtoha** /ba'â-toha/ nos exemplos (11, 12, 14, 15, 16, 17). Os argumentos fonológicos e morfológicos que exporemos neste capítulo (cf. 4.4.) e no capítulo 7 tentarão mostrar, tanto pelo caráter aberto da classe de verbos dependentes quanto pela falta de "ligação fonética" ao verbo independente que os precede, que estes verbos dependentes são verdadeiros lexemas e não morfemas gramaticais ou sufixos verbais.

4.2.2. Os **nomes dependentes** são lexemas nominais que seguem um nome independente na relação: **Complemento+Completado** Eles precisam de um nome complemento. Morfologicamente, os nomes dependentes sempre aparecem na ordem: nome independente + nome dependente-sufixos. Possuem os mesmos sufixos que os nomes independentes. Fonologicamente, são átonos.
Numerosos nomes independentes podem ser igualmente usados como nomes dependentes. Por exemplo, o nome **wi'í** *casa* tem uso independente em (18) e dependente em (19):

(18) **wi'í niî'**
/ wi'í dĩî- ' /
casa ser-pres.vist
é (uma) casa

(19) **bu'erí wi'i niî'**
/ bu'ê - dí wi'i dĩî- ' /
estudar-nom.inan.sg casa de ser-pres.vist
é (uma) casa de estudo

Note que, no exemplo (19), **wi'i** *casa de* é fonologicamente átono. Por outro lado, muitos nomes dependentes quase nunca podem ser usados independentemente. Isso resulta da semântica deles que exige sempre um complemento. Por exemplo, **tõ'o** *cacho de*, **moo** /bõo/ *punhado de*, **daa** *fio de*, **koo** *caldo de*. Exigem quase sempre um nome independente que os precede como complemento/determinante:

(20) **ohô tõ'o**
/ ohô tõ'o /
vegetal banana cacho
cacho de bananas

(21) **po'ka moó**
/po'ká bõo /
farinha punhado
punhado de farinha

(22) **misî daa**
/bĩsî daa/
cipó fio
fio de cipó

(23) **wa'î koo**
/wa'î koo/
peixe caldo
caldo de peixe

Note que, no exemplo (21), o nome dependente **moo** *punhado de*, apesar de ser intrinsecamente átono, capturou automaticamente o tom ascendente do nome independente **po'ká** *farinha* (deslocamento tonal, cf. 3.4.).
Por serem átonos e constituirem uma unidade tonal com o nome independente que os precede, os morfemas que chamamos "nomes dependentes" foram geralmente confundidos, sob o nome de "classificadores", com os sufixos nominais e, em consequência, sufixados aos nomes independentes, dando as formas: **ohôtõ'o** /ohô-tõ'o/, **po'kamoó** /po'ká-bõo/, **misîdaa** /bĩsî-daa/, **wa'îkoo** /wa'î-koo/, nos exemplos (20, 21, 22, 23). Os argumentos que exporemos neste capítulo (cf. 4.4.) e no capítulo 9 tentaram mostrar, tanto pelo caráter aberto da classe de nomes dependentes quanto pela falta de "ligação fonética" ao nome independente que os precede, que estes nomes dependentes são verdadeiros lexemas e não morfemas gramaticais ou sufixos nominais. Chamamos estes lexemas de **nomes dependentes**, **determináveis** ou **átonos**, refutando a denominação de "classificadores", porque esses lexemas não operam nenhuma divisão dos nomes em classes nominais (cf. 4.5. e capítulo 9).

4.3. Uma recapitulação dos critérios definitórios das classes

O quadro seguinte reune os critérios estruturais e fonológicos que serviram para definir as classes maiores de lexemas:

Lexema	Independente	Dependente
Verbo	● Sufixos: tempo, modalidade, negativo, imperativo, etc. ● Não precisam ser complementados. ● São tônicos.	● Sufixos: tempo, modalidade, negativo, imperativo, etc. ● Precisam ser complementados, sempre na ordem: v.indep.+v.dep. ● São átonos.
Nome	● Sufixos: número, aumentativo, marcadores de caso, etc. ● Não precisam ser complementados. ● São tônicos.	● Sufixos: número, aumentativo, marcadores de caso, etc. ● Precisam ser complementados, sempre na ordem: n.ind.+n.dep. ● São átonos.

Note bem que a divisão que sugerimos entre palavras independentes e dependentes não têm um caráter estrito e obrigatório: muitos verbos ou nomes independentes podem ser também utilizados como palavras dependentes, com perda do tom próprio e precedidos de uma palavra independente que lhe serve de complemento [cf. exemplos (10, 11, 12, 13, 14; 18, 19)]. Em outras palavras, um lexema pode pertencer a duas colunas diferentes do quadro acima. Isso implica que uma classificação mais rigorosa dos lexemas deveria distinguir **seis classes de distribuição**:
- os verbos obrigatoriamente independentes (**yãá** *pressionar com a mão*, **weé** *fazer*,...)
- os verbos obrigatoriamente dependentes (**ni'i** /dĩ'i/ *continuar a (fazer algo)*, **mɨha** /bɨ̃ha/ *(fazer algo) repetidamente*,...)
- os verbos facultativamente dependentes (**miî** /bĩî/ *tirar*, **masî** /bãsî/ *conhecer/saber*...)
- os nomes obrigatoriamente independentes (**akó** *líquido*, **ohô** *vegetal banana* e todos os nomes não-contáveis ou abstratos)
- os nomes obrigatoriamente dependentes (**tõ'o** *cacho de*, **nɨmɨ** /dɨ̃bɨ/ *dia de*,...).
- os nomes facultativamente dependentes (**wi'í** *casa*, **makâ** /bãkâ/ *povoado*,...).

♦ Lembramos que **todos os lexemas primários** (raizes sem nenhuma sufixação), verbais ou nominais, dependentes ou não, têm **uma estrutura bimoraica** (cf. todos os exemplos verbo-nominais acima dados; para uma justificação, cf. 3.1.).

4.4. Os lexemas dependentes e os sufixos

Os lexemas dependentes e os sufixos (verbais ou nominais) têm um comportamento extremamente similar: não têm tom próprio e seguem sempre um lexema com que formam uma unidade tonal. Como exemplo, comparamos o verbo obrigatoriamente dependente **yuu** *(fazer algo) na espera* e o sufixo verbal **-ya** *imperativo*:

(24) **kẽ'râya!**
/kẽ'dâ - ya/
capinar-imp
capine!

(25) **kẽ'râ yuuya!**
/ kẽ'dâ yuu - ya/
capinar esperar-imp
capine na espera (minha, dele,...)!

A unidade tonal e a posição fixa (depois de um lexema fonologicamente tônico) são dois critérios que deveriam nos convidar a considerar os "lexemas dependentes" como verdadeiros sufixos. Além disso, o morfema **yuu** *(fazer algo) na espera* é

obrigatoriamente dependente: nunca funciona com verbo dependente[4], parecendo-se assim como qualquer sufixo da língua. Nessas condições, podemos nos perguntar se a língua faz realmente uma diferença entre sufixo e lexema dependente ou se, afinal, esta diferença não tem fundamento.
Nesta gramática, argumentaremos para uma **diferença fundamental** entre sufixo e lexema dependente, de maneira que todas as regras sintáticas da língua ye'pâ-masa ordenam-se em volta da noção de lexema "dependente" ou "átono". Argumentaremos que toda a sintaxe desta língua é tonal e resume-se à relação Complemento+Completado que se realiza com a perda do tom fonológico dos lexemas dependentes. Os argumentos capazes de sustentar uma distinção fundamental entre sufixo e lexema gramatical são fonológicos, morfológicos e semânticos:

1) O critério da unidade da acentuação tonal para definir a palavra não é fiável nem universal. A palavra fonológica ye'pâ-masa, ao nosso ver, não pode basear-se sobre o fato de que haja uma unidade tonal entre raiz e sufixo, ou entre lexema independente e dependente. Zwicky (1985) menciona o caso dos verbos auxiliares ingleses (*can*, *may*, *must*) que, apesar de não ser acentuados, constituem palavras separadas.
Em lugar de escolher a **unidade tonal** como critério definitório da palavra fonológica, sugerimos escolher a **unidade nasal** para definir a palavra (cf. 3.5.): todo lexema nasal contamina progressivamente os seus sufixos que não começam por uma consoante surda (cf. 3.2.), e os limites desta contaminação definem os limites da palavra fonológica.
Nos exemplos (24) e (25) acima, os morfemas **-ya** e **yuu** têm um comportamento nasal diferente. De fato, **-ya**, em **kẽ'râ-ya** [kɛ̀ɛ̃ɽɑ̃jɑ̀], é nasalmente contaminado pela raiz **kẽ'râ**, enquanto **yuu**, em **kẽ'râ yuu-ya** [kɛ̀ɛ̃ɽɑ̃jùjà], não é nasalmente contaminado pela raiz **kẽ'râ**, impedindo assim que o sufixo **-ya** seja ele mesmo contaminado. Este teste nasal pode ser enunciado assim:

Teste1 se um morfema é nasalmente contaminado por outro, é um sufixo; se não é contaminado por outro, é um lexema (dependente ou não).

Outros testes fonéticos permitem evidenciar diferenças entre sufixo e lexema dependente: a ausência do fonema **/g/** e do fone **[r]** em posição inicial de palavra. Estes testes fonéticos podem ser enunciado assim:

Teste2 se um morfema começa por **g**, é um sufixo.

---

[4] Além do verbo obrigatoriamente dependente **yuu**, a língua ye'pâ-masa possui dois verbos independentes que expressam o conceito de "esperar". São **ko'tê** e o verbo composto **yuû-koe**:
ko'tê-ya! *espere!* **yuû-koe-ya!** *espere!*
Note-se que o verbo independente **yuû-koe** é obviamente formado a partir da raiz **yuu**. Além disso, outras línguas da família tukano usam o verbo dependente **yuu** como verbo independente (por exemplo, em tuyuka, sob a forma **yué**). No entanto, as considerações comparativas não têm nenhuma relevância para decidir se um morfema é sufixo ou lexema dependente já que, na mesma língua, o mesmo morfema pode ser interpretado como lexema dependente para uns falantes e sufixo para outros. Como exemplo, o morfema **dõho** *como* é interpretado como lexema dependente para os que pronunciam como em (α) e como sufixo para os que pronunciam como em (β), onde **d** realiza-se [r] e sua nasalização se perde:

(α) **Péduru weeró noho**	(β) **Péduru weeróroho**
/Péduru weé- dó dõho/	/Péduru weé - dó -doho/
Pedro fazer-nom.lugar como	Pedro fazer-nom.lugar-como
como faz Pedro	*como faz Pedro*

O fato de que, em (β), o morfema **/dõho/** é pronunciado [roho], e não [nõhõ] como em (α), evidencia uma ligação mais forte com o nome que o precede e, por conseguinte, uma passagem ao estatuto de sufixo (cf. argumentação em 4.4.).

Teste3 se um morfema começa por **d** realizado [r], é um sufixo; se começa por **d** não realizado [r], é um lexema (dependente ou não).

Como exemplo do *Teste2*, o morfema nominal **-ga** *forma roliça* é um sufixo pelo fato de que começa pelo fonema **g**. Exemplo com o nome não-contável **ɨrê** /ɾ̃dê/ *vegetal pupunha*: **ɨrêga** /ɾ̃dê-ga/ [ɾ̃ɾ̃ɛ̃ŋã] *fruta pupunha* (além de começar por **g**, note também a contaminação nasal do sufixo **-ga** [*Teste1*]).
Como exemplo do *Teste3*, o morfema nominal **-re** /-de/ *referencial* é um sufixo por começar pelo som [r]. Exemplo com **koô** *ela*: **koôre** /koô-de/ [kó:ɽɛ̀] *para ela.*
Em sentido contrário, o morfema **daa** /daa/ *fio de* é um lexema nominal dependente por não começar pelo som [r]. Exemplo com **poâ** *cabelo* e **misî** /bĩsî/ *cipó*: **poâ daa** /poâ daa/ [pɔ́ádà] *fio de cabelo*, **misî daa** /bĩsî daa/ [mìi̥sídà] *fio de cipó* (além de não começar por [r], note também que **misî** não contamina nasalmente **daa** [*Teste1*])
O morfema **no'o** /dõ'o/ *passivo* é um lexema verbal dependente por não começar pelo som [r]. Exemplo com o verbo **paâ** *bater*: **paâ no'o** /paâ dõ'o/ [pánɔ̰̀ò] *ser batido*.
Em resumo, temos três critérios fonológicos (contaminação nasal, fonema /g/ e fone [r]) que permitem distinguir os sufixos dos morfemas dependentes. Estes critérios mostram que alguns morfemas (ditos "sufixos") são foneticamente mais modificados pela raiz que outros (ditos "lexemas dependentes"). O fato de que os sufixos são foneticamente mais modificados que os lexemas dependentes implica obviamente que os sufixos são mais ligados ao morfema que os precede que os lexemas dependentes ou, dito de outra maneira, que os lexemas dependentes são foneticamente mais "separados" da raiz que os sufixos.
Note que estes critérios fonológicos podem variar de uma língua tukano para outra da mesma família (para um exemplo dentro da mesma língua, cf. nota 4) e que, em consequência, nenhuma consideração comparativa deve servir de argumento para distinguir os sufixos dos lexemas dependentes.
Quanto ao critério de unidade tônica, ele não será usado para definir as palavras, mas as locuções fonológicas, que correspondem em grande parte às locuções morfológicas ou sintagmas (cf. capítulo 15).

2) O tamanho das classes de verbos dependentes e nomes dependentes é grande. O dicionário registra mais de 200 verbos dependentes e 400 nomes dependentes (os "classificadores" dos pesquisadores do SIL). Além disso, um verbo dependente transitivo pode ser formado a partir de cada nome dependente, com ajuda dos sufixos transitivizadores **-rẽ'** /-dẽ'/ ou **-o**. Por exemplo, a partir do nome dependente **puti** *rolo de*, formaremos o verbo dependente transitivo **putio** *tornar em forma de rolo (fazendo algo)*:

(26) **muhî puti**
/ bũhî puti/
caraná rolo
rolo/feixe de caraná

(27) **dɨ'te putió**
/ dɨ'té putio /
amarrar tornar em forma de rolo
tornar em forma de rolo/feixe amarrando

Este processo multiplica por dois o tamanho da classe dos verbos dependentes e a torna praticamente aberta. O fato de que as classes de lexemas dependentes sejam grandes e

praticamente abertas não convida a considerar os seus elementos como sufixos. Pelo contrário, os sufixos são classes de tamanho pequeno.

3) Os lexemas dependentes podem ser proferidos isoladamente e conceitualizados em consequência. Por exemplo, os nomes dependentes **tõ'o** *cacho de* e **puti** *rolo de*, apesar de aparecer geralmente precedido por um nome que lhe serve de complemento ("cacho de bananas", "rolo de caraná"), podem ser também proferidos sozinhos pelos informantes (com tom baixo), e o seu significado ser imediatamente identificado. Eles têm existência própria apesar dos locutores da língua usarem-nos quase sempre com o complemento. Isso nunca acontece com os sufixos. Por exemplo, a marca do plural dos nomes animados **-a** não tem existência própria sem a raiz nominal à qual ela se sufixa.

4) Os lexemas dependentes têm uma maior independência semântica que os sufixos. São geralmente mais "ricos" de sentido e mais específicos que os sufixos.

5) O fato de que os lexemas dependentes são isoláveis e, semanticamente, carregados de sentido nos proibe de assimilá-los a verdadeiros sufixos. Para mostrar isso, voltaremos ao exemplo (14) simplificado e ao exemplo (20):
(14) **wehê bi'a** *fechar puxando* (**wehê** *puxar*, **bi'a** *fechar*)
(20) **ohô tõ'o** *cacho de bananas* (**ohô** *banana*, **tõ'o** *cacho de)*

Se escrevermos:
(14) **wehê-bi'a**
(20) **ohô-tõ'o**

o que permite afirmar que **bi'a** e **tõ'o** são, respectivamente, sufixos de **wehê** e **ohô**? Por que não afirmar o contrário: **wehê** e **ohô** são, respectivamente, prefixos de **bi'a** e **tõ'o**? Quais são os argumentos capazes de mostrar que (14) e (20) têm uma estrutura raiz-sufixo e não prefixo-raiz? De fato, neste caso, o "sufixo" e o "prefixo" são tão carregados de sentido como a "raiz", já que "fechar", "puxar", "banana" e "cacho" são, semanticamente, quatro morfemas igualmente carregado de sentido! Por isso, preferimos ver, em (14) e (20), um tipo de construção com duas raízes sem nenhum afixo.

6) Os sufixos verbais de modalidade/tempo/gênero "fecham" a palavra a uma afixação ulterior, nenhum outro sufixo ou verbo dependente podendo segui-los. Isto nunca acontece com os lexemas dependentes. Pelo contrário, estes últimos são abertos a qualquer afixação ulterior. Por exemplo, sufixando a marca do plural dos nomes inanimados **-ri** /-di/ aos nomes dependentes **tõ'o** *cacho de* ou **puti** *rolo de*, obtemos **tõ'o-ri** /tõ'o-di/ *cachos de* ou **puti-ri** /puti-di/ *rolos de*.
Esses mesmos sufixos verbais terminais (de modalidade, gênero, pessoa,...) têm também a propriedade tipicamente sufixal de ser morfemas cumulativos.

7) Os verbos e nomes obrigatoriamente dependentes têm a mesma morfologia que os verbos e nomes independentes. Por exemplo, nos exemplos seguintes, o nome facultativamente dependente **makâ** /bãkâ/ *povoado* tem o mesmo comportamento morfológico que o nome obrigatoriamente dependente **tõ'o** *cacho de:*

(28)	**ãyurí maka**	**ãyusehé makari**
	/ ãyú - dí bãkâ /	/ ãyú - sehé bãkâ -di/
	estar bonito-nom.inan.sg povoado	estar bonito-nom.inan.pl povoado-pl

povoado (de estado) bonito *povoados bonitos*

(29) **ãyurí tõ'o** **ãyusehé tõ'ori**
/ ãyú - dí tõ'o / / ãyú - sehé tõ'o -di/
estar bonito-nom.inan.sg cacho estar bonito-nom.inan.pl. cacho-pl
cacho (de estado) bonito *cachos bonitos*

Nos exemplos (28, 29), o sufixo **-rí** /-dí/ é um nominalizador ou deverbal usado aqui com o verbo de estado **ãyú** *estar bonito*. Utiliza-se para formar um nome inanimado singular: **ãyu-rí** *estado bonito*, o que, com o nome dependente **maka** *povoado de*, dá **ãyu-rí maka** *povoado de estado bonito.* Nos mesmos exemplos, o sufixo nominal homófono **-ri** /-di/ é a marca do plural dos nomes inanimados dependentes ou independentes (por exemplo, o plural do nome independente **makâ** /bãkâ/ *povoado* é **makâ-ri** /bãkâ-di/ *povoados*). Estes exemplos mostram uma isomorfia de estrutura evidente entre nomes dependentes e independentes. Considerar os nomes dependentes como sufixos esconderia completamente esta isomorfia, e levaria a formas como:

(29) **ãyu-sehé-tõ'o-ri** /ãyú-sehé-tõ'o-di/ *cachos bonitos*

com duas marcas de plural (**-sehé** e **-ri**) na mesma raiz, e não no grupo nominal!
Os mesmos argumentos podem ser inferidos com os verbos dependentes. Qual seria o estatuto de **ape** *divertir-se (em fazer algo)*: um sufixo ou um lexema dependente? No exemplo seguinte, **kãrí** /kãdí/ *dormir* é um verbo independente e supomos que **-ti** *negativo* e **-mi** /-bĩ/ *pres.vist.3-fsg* são sufixos verbais:

(30) **kãri apé-mi** /kãdí ape-bĩ/ *diverte-se em dormir (criança brincando)*
kãri apé-ti-mi /kãdí ape-ti-bĩ/ *não se diverte em dormir*
kãri-tí ape-mi /kãdí-ti ape-bĩ/ *diverte-se em não dormir (em estar de vigília)*
kãri-tí ape-ti-mi /kãdí-ti ape-ti-bĩ/ *não se diverte em não dormir (em estar de vigília), está dormindo*

Assumindo que **ape** *divertir-se (em fazer algo)* possua o estatuto de sufixo, chegaríamos a:

(30) **kãri-apé-mi**, **kãri-apé-ti-mi**, **kãri-tí-ape-mi**, **kãri-tí-ape-ti-mi**

onde o negativo **-ti** seria sufixado duas vezes no mesmo verbo **kãrí** *dormir* (na última forma) e o mesmo sufixo negativo não teria uma posição fixa (nas 2ª e 3ª formas). Tudo isso sugere que, na última forma, o segundo sufixo **-ti** teria uma relação mais estreita com o sufixo **ape** do que com a raiz verbal **kãrí**, já que ***kãri-tí-ti-mi** com dois negativos é incorreto, e que este segundo sufixo seria então "sufixo de sufixo", o que mostra claramente que todos os sufixos não têm o mesmo estatuto estrutural, o que justifica novamente a distinção sufixo/lexema dependente já evidenciada por critérios fonológicos. Logo, **ape** *divertir-se em (fazer algo)* tem o estatuto de verbo dependente.

8) O tamanho fonológico dos lexemas dependentes é maior que o dos sufixos. Como os lexemas independentes, com que compartilham a mesma estrutura fonológica, morfológica e semântica, os lexemas independentes têm uma **estrutura bimoraica**. Por exemplo, os verbos dependentes **toha** *já (fazer algo)*, **ape** *divertir-se (em fazer algo)*, **bi'a** *fechar (fazendo algo)*, **mii** /bĩi/ *tirar (fazendo algo)*, etc.; os nomes dependentes **puti** *rolo de*, **turi** /tudi/ *pilha de*, **nɨmɨ** /dɨ̃bɨ/ *dia de*, **tõ'o** *cacho de*, etc.
Pelo contrário, os sufixos verbo-nominais têm geralmente uma **estrutura monomoraica**. Por exemplo, os sufixos verbais **-mi** /-bĩ/ *pres.vist.3-fsg*, **-sa** *sentido*, **kã'**

assertivo, **-ti** *negativo*, etc.; os sufixos nominais **-a** *plural animado*, **-ri** /-di/ *plural inanimado*, **-ta** *especificador*, **-re** /-de/ *referencial*, etc. Alguns sufixos, como **-sehe** *nom.inan.pl.*, **-kaha** *nom.frol*, **-akã** *diminutivo*, têm uma estrutura bimoraica por serem compostos de dois sufixos (**-sehe < -di-ye**, **-kaha < -di-ga**, etc.).
Esta estrutura monomoraica tem uma explicação diacrônica evidente: os sufixos seriam antigos lexemas reduzidos pelo desgaste fonológico. Este processo de gramaticalização seria o responsável pelo aparecimento dos sufixos. Alguns sufixos verbais revelam o que aconteceu. Por exemplo:

-a' *centrífugo* < **wa'â** *ir*
-'ti *centrípeto* < **a'tî** *vir*
-'kũ *durativo* < **nu'ku** *(fazer algo) continuamente, sempre*

9) Quando nenhum dos critérios expostos acima nos dá uma resposta precisa, sugerimos então utilizar, como último recurso, o "metacritério" proposto por Zwicky (1985): em ausência de qualquer evidência, assumiremos que o morfema estudado é um lexema dependente e não um sufixo, por ser este último mais marcado que qualquer palavra dependente.

♦ O conjunto destes critérios (semânticos, morfológicos e, principalmente, fonológicos) permite distinguir perfeitamente, na maioria dos casos, entre os "sufixos" e os "lexemas dependentes". No entanto, alguns itens são de classificação extremamente difícil: serão mencionados quando trataremos deles na morfologia verbal ou nominal.
Em resumo, os argumentos acima tentaram mostrar que os sufixos são morfemas gramaticais muito mais ligados à raiz correspondente que os lexemas dependentes. Por isso, sugerimos postular 3 níveis nas separações morfológicas:

branco tipográfico	entre as locuções ou sintagmas
+ (cruz)	entre as palavras morfológicas
- (traço)	entre a raiz e seu(s) sufixo(s)

Estas convenções serão unicamente adotadas na representação fonológica ou subjacente dos exemplos que apresentaremos a seguir, nesta gramática, na 2ª linha da tradução justalinear: a cruz (+) não aparece na primeira linha para não complicar a grafia escolhida nas escolas indígenas. Como amostra desta convenção, reescreveremos os exemplos (14) e (20):

(14) **sopé wehê bi'aya!**
/sopé wehê+ bi'a - ya/
porta puxar+fechar-imp
feche a porta puxando-a!

(20) **ohô tõ'o**
/ ohô + tõ'o /
banana+cacho
cacho de bananas

Note bem que as separações morfológicas acima sugeridas correspondem exatamente às separações fonológicas sugeridas no capítulo 3 (cf. 3.5.):

# unidade tonal # (locução fonológica)	←→	**entre 2 "brancos"** (locução morfológica)
/ unidade nasal / (palavra fonológica)	←→	**entre 2 cruzes (+)** (palavra morfológica)

-	entre raiz e sufixos flexionais
=	entre raiz e sufixos derivacionais

4.5. Algumas características morfossintáticas da língua dos ye'pâ-masa

Antes de começar o estudo morfológico das classes de lexemas acima evidenciadas e a fim de facilitar a compreensão dos capítulos seguintes, apresentaremos rapidamente as propriedades e características morfossintáticas que julgamos mais salientes:

1) A morfologia verbo-nominal é uma **morfologia de sufixos**. Não existe prefixos. Os sufixos podem ser segmentais ou suprassegmentais, com a existência de tom flutuante que pode funcionar como pluralizador nominal especial ou como deverbal. Os sufixos são aglutinados à raiz verbo-nominal; a segmentação, numa série de sufixos, efetua-se geralmente sem nenhum problema, cada um dos sufixos guardando sua identidade fonológica. No entanto, certos sufixos verbais expressam concomitantemente o tempo, a modalidade epistêmica, o gênero, a pessoa e o número com uma certa fusão fonológica entre as formas associadas a estas categorias.

2) A sintaxe da oração caracteriza-se por uma concordância entre o verbo e o **"sujeito"** (i.e. único argumento dos verbos intransitivos ou argumento "tipicamente" agente dos verbos intransitivos). Esta coesão de concordância efetua-se conforme um dos quatro traços seguintes do sujeito: ±animado, ±feminino, ±plural e ±3ª pessoa. Este tipo de concordância sujeito-verbo mostra que a língua é coerentemente **acusativa**, nenhum caso de ergatividade morfológica ou sintática (*pivot* sintático absolutivo) tendo sido registrado com as formas verbais não nominalizadas.

3) O **"sujeito"** e o **"objeto"** não são marcados. Por exemplo:

(31) **Péduru wi'í weemí**
/Pédudu wi'í weé - bĩ /
Pedro casa fazer-pres.vist.3-fsg
Pedro faz uma casa (qualquer)

No entanto, os objetos direto e indireto (complementos do verbo) são obrigatoriamente marcados pelo sufixo nominal **-re** /-de/, que chamamos de "referencial"), caso este objeto seja um pronome pessoal ou um nome próprio:

(32) **Péduru Yũúure paâmi**
/Pédudu Yũúu-de paâ - bĩ /
Pedro João-ref bater-pres.vist.3-fsg
Pedro bate em João

(33) **koôre tɨ'sása'**
/koô- de tɨ'sâ - sa-' /
ela -ref gostar-pres.sent
gosto dela

(34) **Péduru Baríare su'tí o'oámi**
/Pédudu Badía-de su'tí o'ô - a-bĩ /
Pedro Maria-ref roupas dar-p.rec.vist.3-fsg
Pedro deu roupas a Maria

Caso o objeto não seja pronome pessoal ou nome próprio, o marcador nominal **-re** /-de/ usa-se também frequentemente para assinalar o objeto individualizado e especificado da oração, ou interagindo com os parâmetros discursivos de uma maneira extremamente complexa:

(35) **wi'iré da'rêya!**
/wi'í-de da'dê - ya/
casa-ref construir-imp
construa a/uma casa (determinada)!

O marcador nominal **-re** *referencial* nunca pode ser sufixado ao sujeito.

4) A **ordem não-marcada** das palavras é: **S O V**.
No entanto, esta ordem preferencial entra constantemente em conflito com as regras de **ênfase** nos discursos narrativos e, ainda mais frequentemente, nos diálogos entre pessoas. O elemento enfatizado (enfoque) ocupa a posição inicial do enunciado, enquanto o elemento desenfatizado (desenfoque) ocupa a posição final.

5) Os **nomes** são os argumentos dos verbos. Formalmente, os nomes primários (i.e. não derivados) têm uma estrutura bimoraica. Eles estão divididos em **três classes nominais**, conforme os dois traços inerentes seguintes: animado e contável. A classe dos nomes animados contém, principalmente, os termos referindo-se aos animais e aos seres humanos. A classe dos nomes inanimados contáveis contém os termos referindo-se a certos objetos ("casa", "cesta", "roça",...). É uma classe limitada em itens, por ser semanticamente completada pela classe dos nomes dependentes. A classe dos nomes inanimados não-contáveis (abstratos, contínuos) contém todos os termos designando os vegetais na sua generalidade ("vegetal banana / bananidade", "vegetal tabaco / tabacidade", etc.) assim como os termos "água", "metal", "remédio", "fome", "sono", "catarro", etc. A concordância (harmonia de flexão entre o nome-sujeito e o verbo, ou entre o nome e os "modificadores" nas locuções nominais) efetua-se conforme a classe nominal a qual pertence o nome.

6) Existe uma subclasse original e numerosa de nomes: os **nomes dependentes**. Têm geralmente o mesmo sistema de sufixação que o da classe dos nomes inanimados contáveis. Fonologicamente, são átonos. Morfologicamente, seguem o nome que lhes servem de complemento. São numerosos termos (mais de 400) que designam objetos de forma precisa ("caixa de", "feixe de", "rolo de", "fio de", "mancha de", "parede de", "cone de", "objeto torto de", "objeto sinuoso de", "pedaço de", "lâmina de", "paralelepípedo de", etc.), seres de consistência especial ("lama de", "haste rígida de", "corpo mole de", etc.), certos termos de botânica ou de anatomia ("caroço de", "nó de", "cacho de", "touceira de", "caldo de", "unha de", "carne de", etc.) e outros ("fileira de", "grupo de", "pilha de", "montículo de", "dia de", "culpa de", "fogo de", "companheiro de", etc.). Exemplos com **si'ru** /si'du/ *canalha de*, **pehe** *caroço de*, **nɨmɨ** /dɨ̃bɨ/ *dia de*, **yuri** /yudi/ *ser torto de*:

(36) **Péduru si'ru**
/Pédudu+ si'du/
Pedro +canalha de
canalha de Pedro

(37) **ũyû pehe**
/ ũyû + pehe/
vegetal abacate+caroço de
caroço de abacate (lit. *caroço de abacatidade*)

(38) **akô nɨmɨ**
/ akô + dɨ̃bɨ /
chuva+dia de
dia de chuva

(39) **ma'â yuri**
/bã'â + yudi/
caminho+objeto torto de
caminho torto (lit. *torto de caminho*)

Note-se que, no último exemplo, o nome dependente **yuri** foi mais elegantemente traduzido em português por um adjetivo qualificativo. De fato, uma grande parte dos nomes dependentes correspondem a qualidades nominais ("torto", "redondo", "côncavo", "convexo", "sinuoso", "fino", "pegajoso",...). Por isso, certos pesquisadores não hesitaram em denominar esta classe de "**adjetivos**" (Brüzzi 1966: 50-51). Como tentaremos mostrar no capítulo 9, esta denominação não resiste à análise estrutural. Estruturalmente falando, a língua ye'pâ-ma diz: "este torto de caminho" enquanto que, na língua portuguesa, se diz: "este caminho torto".
A maioria dos pesquisadores denominaram esta classe de nomes dependentes de "**classificadores nominais**". Tal denominação é ainda menos justificada, já que o que se chama classificador deveria formar um conjunto (limitado) de morfemas que caracterizam inerentemente e dividem os nomes em classes nominais, i.e. os nomes são divididos em classes cujos membros, para cada classificador, podem ser enumerados. Com esta definição, é fácil mostrar que só os traços não-contável e animado operam uma verdadeira classificação nominal. Assim, no exemplo (39), o morfema **yuri** *torto* **qualifica mas não caracteriza** o nome **ma'â** *caminho*: existem caminhos tortos, mas há outros que não o são. Em outras palavras, **yuri** não é um classificador porque não permite uma classificação nominal: mesmo que pudéssemos associar um certo número de nomes ao morfema **yuri** (a "classe dos seres tortos"), quase todos os nomes desta "classe", no entanto, podem ser tortos, retos, redondos ou finos, segundo a circunstância, e logo pertencer ao mesmo tempo a outras numerosas "classes" deste tipo.
No capítulo 9, veremos que a denominação de nomes dependentes é um tanto simplificada e que seria melhor chamar esta classe de: **classe ambivalente de nomes dependentes e verbos de estado**.
Uma boa dúzia de nomes dependentes comportam-se como verdadeiras "posposições" e expressam várias funções semânticas: **me'ra** /bẽ'da/ *instrumental, comitativo*, **kẽ'ra** /kẽ'da/ *também*, **basi** *reflexivo*, **noho** /dõho/ *como (comparação)*, **pũrikã** /pũdikã/ *porém*, **pe'e** *por sua parte*, **di'akɨ̃hɨ** *somente*, **nɨkɨ** *um por um*, etc.

7) Os **sufixos nominais** não são numerosos. Os principais sufixos possuem os traços seguintes: número (plural, singulativo), aumentativo, diminutivo, alguns marcadores de função sintática ou semântica (**-ta** *especificador*, **-re** /-de/ *referencial*, **-pɨ** *focalizador (inessivo, ilativo, elativo*). Os sufixos de número são diferentes segundo a entidade a que se refere o nome associado ser contável ou não-contável (abstrata), animada ou inanimada. Os sufixos de gênero (feminino, não-feminino) são pouco usados: aparecem

unicamente com certos termos de parentesco e com termos que designam povos ou pessoas humanas.
Nota-se também a existência de seis sufixos de forma (**-ga** *ser em forma roliça*, **-gɨ** *ser em forma retilínea*, **-wɨ** *ser em forma oca tubular*,...) que, sintaticamente, comportam-se como os nomes dependentes (nome-sufixo.de.forma na mesma relação que Complemento+Completado) e que se sufixam aos nomes não-contáveis ou abstratos. Diacronicamente, derivam provavelmente de nomes dependentes. Por exemplo, com o nome não-contável (abstrato, genérico e sem forma a priori) **ũyû** *vegetal abacate*:

(40) **ũyûga**
/ ũyû - ga/
vegetal abacate-frol
(uma) fruta abacate (lit. *um ser roliço de abacatidade*)

(41) **ũyûgɨ**
/ ũyû - gɨ /
vegetal abacate-fret
(um) abacateiro (lit. *um ser retilíneo de abacatidade*)

Permitem assim dar uma forma aos nomes não-contáveis da língua, especialmente, a todos os termos genéricos e abstratos que designam os vegetais.

8) Os **verbos** funcionam como predicados. Formalmente, os verbos primários (i.e. não derivados) têm uma estrutura bimoraica. Não há nenhum verbo irregular. Os verbos transitivos distinguem-se dos verbos intransitivos pelo número de argumentos verbais, mas cada verbo transitivo pode ser empregado intransitivamente quando não se especifica o objeto:

(42) **Péduru wa'î ba'âmi**
/Pédudu wa'î ba'â - bĩ /
Pedro peixe comer-pres.vist
Pedro come peixe

(43) **Péduru ba'âgɨ' weemí**
/Pédudu ba'â - gɨ' weé - bĩ /
Pedro comer-impl.ms v.aux.-pres.vist
Pedro está comendo

e, por sua vez, o sujeito também pode ser omitido se o contexto o permitir:

(43') **ba'âgɨ' weemí** *está comendo*

Certas evidências estruturais sugerem a existência de uma subclasse verbal: a que chamaremos de **verbos de estado**. Esta classe verbal corresponde em grande parte a certos adjetivos da língua portuguesa, os seus termos designando qualidades como "branco", "vermelho", "grande", "pequeno", "comprido", "largo", "pesado", "frio", "quente", "bom", "mau", "triste", etc. Estruturalmente, admitem exatamente os mesmos sufixos que os outros verbos. No entanto, a sua existência como subclasse à parte parece justificar-se por eles terem um comportamento estrutural um pouco diferente dos outros verbos com os deverbais e na construção analítica (cf. capítulos 10 e 11).

9) Existe uma subclasse original e numerosa de verbos: os **verbos obrigatoriamente dependentes**. Têm o mesmo sistema de sufixos que o dos verbos independentes. Fonologicamente, são átonos. Morfologicamente, seguem o verbo que lhes serve de complemento. São numerosos termos que expressam todo tipo de situação que precisam de complemento. Cf. exemplos (11, 12, 14, 15, 16, 17, 25, 27, 30).
Além disso, certos verbos dependentes são fortemente gramaticalizados, podendo ter: valores aspectuais (**ni'i** /dĩ'i/ *(fazer algo) ainda*, **toha** *já (fazer algo)*, **nɨ'ka** /dɨ̃'ka/ *começar a (fazer algo)*, **nu'ku** /dũ'ku/ *(fazer algo) continuamente*,...), temporais (**bo'rea** /bo'dea/ *(fazer algo) até o amanhecer*,...), modais (**masi** /bãsi/ *saber, poder (fazer algo)*, **sĩ'ri** /sĩ'di/ *querer (fazer algo)*,...), diatéticas (**no'o** /dõ'o/ *passivo*, **bosa** *benefativo*) e outras.

10) Os **sufixos verbais** expressam: o negativo e o assertivo, o centrípeto e o centrífugo, o propagativo, o durativo, o frustrativo e, sobretudo, um sistema original que se refere juntamente ao tempo, ao aspecto, à modalidade epistêmica, à pessoa, ao gênero, ao número e à interrogação, e que sempre "fecha" a sufixação verbal.
A **modalidade epistêmica** indica o grau de conhecimento ou de implicação do locutor no que ele está dizendo sobre tal situação verbal. A língua distingue formalmente quatro modalidades diferentes:
- a modalidade vista: "eu vejo/vi que..." (conhecimento visual)
- a modalidade sentida: "eu percebo/percebi que..." (conhecimento outro que visual: auditivo, olfativo, tátil,...)
- a modalidade dedutiva: "eu deduzo que..." (conhecimento por prova ou rasto)
- a modalidade reportativa: "eu ouvi dizer que..." (informação de segunda mão)

Os sufixos expressando a modalidade espistêmica expressam também várias noções temporais (presente, passado recente, passado remoto), conforme o jogo de sufixos escolhidos.
Existem também vários sufixos utilizados como imperativo. O futuro forma-se com a combinação de certos sufixos.

11) Os "pronomes" pessoais, possessivos, demonstrativos, interrogativos, etc. são verdadeiros nomes: admitem os mesmos sufixos (aumentativo, diminutivo,...) e os mesmos marcadores de função que os nomes (in)dependentes.
Os pessoais não possessivos ("eu", "tu",...) são facultativos, mesmo que os sufixos verbais não indiquem a pessoa do sujeito. Mesmo assim, são muito mais usados que na maioria das línguas da região (yanomam**ɨ**, línguas arawak, etc.) e aparecem frequentemente para enfatizar o discurso ou, simplesmente, para dar mais claridade à expressão. Não existem formas pessoais próprias para a função objeto. Neste caso, o uso do sufixo referencial **-re** /-de/ é obrigatório. Com **yɨ'ĩ** *eu*:

(44) **Péduru yɨ'ĩre tɨ'sâmi**
/Pédudu yɨ'ĩ- de tɨ'sâ - bĩ /
Pedro eu -ref gostar-pres.vist
Pedro gosta de mim

Existem dois demonstrativos, conforme o ser mostrado estar perto ou distante do falante, e dois interrogativos: **diĩ** *o qual (interrogativo seletivo)?* e **yẽ'é** *o quê?*. A anáfora **tií** e a autófora **opâ** são muito usadas.
A possessão alienável realiza-se com a palavra **yaá** *possessão de*, e a ordem é sempre: possuidor + yaá + possuído.

12) A língua possui um sistema muito produtivo e extremamente complexo de **sufixos nominalizadores** (deverbais). Estes sufixos permitem formar nomes secundários animados (masculino singular, feminino singular, plural) ou inanimados (singular, abstrato, lugar, de forma roliça, tubular, retilínea,...), conforme o sufixo escolhido. Exemplos com o verbo **da'rá** /da'dá/ *trabalhar*:

da'ra-gí *trabalhador* **da'ra-sehé** *trabalho*
da'ra-gó *trabalhadeira* **da'ra-ró** *lugar de trabalho*
da'ra-rã̃ *trabalhadores* **da'ra-pihí** *canoa, avião de trabalho*, etc.

Pelo fato de que existem formas diferentes para o habitual, o perfectivo e o futuro, o jogo dos sufixos nominalizadores é multiplicado por três:

da'ra-sehé *trabalho* **da'rá-'ke** *ex-trabalho* **da'ra-átehe** *futuro trabalho*

Os sufixos nominalizadores servem para formar nomes secundários que, por sua vez, formam o predicado do equivalente das orações subordinadas do português. Como a língua **não possui nenhuma conjunção** (subordinativa ou coordenativa), são esses sufixos que permitem formar todo tipo de **orações subordinativas** substantivas, relativas, temporais ou locativas. O processo é extremamente produtivo. Como exemplos de subordinativas substantiva (45), locativa (46) e temporal (47):

(45) **mɨ'î niisehére tɨ'ó yẽ'etisa'**
/bɨ̃'ɨ̂ dĩî - sehé - de tɨ'ó+yẽ'e- ti - sa-' /
tu dizer-nom.inan.pl-ref entender-neg-pres.sent
não entendo o que você diz (lit. *não entendo teu dizer*)

(46) **yɨ'ɨ̂ naâ basarópɨ wa'â'**
/yɨ'ɨ̂ dãâ basâ - dó - pɨ wa'â- ' /
eu eles dançar-nom.lugar-foc ir -pres.vist
eu vou onde eles dançam (lit. *eu vou no lugar de dança deles*)

(47) **na'iátihi dɨporo dahaámi**
/ dã'î - atihi +dɨpodo dahâ- a-bĩ /
anoitecer-nom.inan.sg.fut+antes voltar-p.rec.vist
(ele) voltou antes que anoitecesse (lit. *voltou antes do futuro anoitecer*)

13) A língua possui um sistema original de sufixos implicativos que, semanticamente, indicam relações lógicas implicativas (causa, condição, etc) e, formalmente, caracterizam-se por formas diferentes conforme a relação de identidade ou de não-identidade entre o sujeito da oração implicativa e o sujeito da oração principal (*switch-reference*):

(48) **uîgɨ' wa'âtiapɨ**
/ uî - gɨ' wa'â- ti - a-pɨ /
ter medo-imp.ms ir -neg-p.rec.vist
(eu) não fui por (eu) ter medo

(49) **mɨ'î wee tamótikã yɨ'ɨ̂ upîtɨ uása'**
/bɨ̃'ɨ̂ weé+tãbo- ti - kɨ́ yɨ'ɨ̂ upîtɨ uâ - sa-' /
tu ajudar -neg-impl.cs eu muito estar zangado-pres.sent
eu estou muito zangado por tu não ajudares

Em (48), as orações implicativa e principal têm o mesmo sujeito (“eu”) e, por isso, usou-se o sufixo implicativo/mesmo sujeito **-gɨ’**; em (49), as orações implicativa e principal não têm o mesmo sujeito (“eu” e “tu”) e, por isso, empregou-se o sufixo implicativo/câmbio de sujeito **-kã́**.
Os sufixos implicativos/mesmo sujeito entram também, com o verbo auxiliar **weé** *fazer, agir*, em uma **construção analítica** extremamente usada. Compare a **construção analítica** do exempo (51) com a **construção sintética** correspondente do exemplo (50):

(50) **koô ba’âmo**
/koô ba’â - bõ /
ela comer-pres.vist.3+fsg
(vejo que) ela come

(51) **koô ba’âgo’ weemó**
/koô ba’â - go’ weé - bõ /
ela comer-impl.ms v.aux.-pres.vist.3+fsg
(vejo que) ela está comendo (lit. *comendo faz*)

Esta construção analítica insiste no desenvolvimento interno da situação verbal, exatamente como a forma progressiva da tradução em português, e pode ser usada com qualquer modalidade (visto, sentido, dedutivo, reportativo) e com qualquer tempo (presente, passado, futuro).

14) O verbo mais usado da língua **niî** /dĩî/ *estar, ser, dizer* serve também obrigatoriamente de verbo copulativo:

(52) **Péduru ɨ̃sâ pakɨ niîmi**
/Péduru ɨ̃sâ+pakɨ dĩî- bĩ /
Pedro nós+pai ser-pres.vist.3-fsg
Pedro é nosso pai

(53) **a’tîgo ãyugó niîmo**
/a’tî-go ãyú - gó dĩî- bõ /
esta estar bonito-nom.fsg ser-pres.vist.3+fsg
esta é bonita

15) Como não existem conjunções coordenativas, a coordenação nominal ou verbal efetua-se de regra pela simples justaposição dos termos (parataxe), acompanhada de uma entonação ascendente depois de cada item não final (a sílaba final alongada e intensamente pronunciada):

(54) **wa’î, yesê, wekɨ̂ ba’aápɨ**
/ wa’î yesê wekɨ̂ ba’â - a-pɨ /
peixe porco anta comer-pres.vist
comi peixe, porco, (e) anta

(55) **kãrí, wã’ká, ba’aápɨ**
/kãdí wã’ká ba’â - a-pɨ /
dormir acordar comer-pres.vist
dormi, acordei, (e) comi

Note, no último exemplo (coordenação verbal), que os sufixos de tempo-modalidade afixam-se unicamente no último verbo da série: os outros não têm sufixos. A coordenação verbal é o único mecanismo morfológico capaz de revelar raízes verbais livres.

4.6. A exposição da gramática

Os capítulos 5 e 6 tratam da morfologia verbal (sufixos verbais) enquanto o capítulo 7 propõe uma descrição das principais propriedades morfológicas dos verbos dependentes. Os sufixos nominais e os nomes dependentes serão estudados, respectivamente, nos capítulos 8 e 9. Os dois capítulos seguintes (10 e 11) tratam dos deverbais: o primeiro expõe o sistema de sufixos implicativos com o seu funcionamento e as suas propriedades de "switch-reference"; o segundo descreve um complexo sistema de nominalizadores e como eles funcionam. Os pessoais (possessivos ou não), a anáfora, a autófora, os demonstrativos, os interrogativos e os quantificadores são estudados no capítulo 12, enquanto o capítulo 13 enumera as classes menores (certas partículas, interjeições, onomatopeias,...). Os processos de composição e de derivação (formantes) são analisados no capítulo 14. O último capítulo trata da ordem das palavras, das regras de ênfase e tenta definir o que é, nesta língua, um sintagma nominal ou verbal.

5

Morfologia verbal (I)

O quadro seguinte reune sufixos que "fecham" os verbos a qualquer sufixação ulterior: em um enunciado verbal que não seja uma série de verbos simplesmente justapostos sem nenhuma sufixação (cf. em 4.5.), um destes sufixos ou um sufixo de futuro/imperativo deve obrigatoriamente aparecer em posição terminal:

	Presente	**Passado recente**	**Passado caducado**	
Visto	**-mi** /-bĩ/ **-mo** /-bõ/ **-ma** /-bã/ **-'** **-ti**	**-a-mi** /-a-bĩ/ **-a-mo** /-a-bõ/ **-a-ma** /-a-bã/ **-a-pɨ** **-a-ti**	**-wĩ** **-wõ** **-wã** **-wɨ** **-ri** /-di/	3-fsg 3+fsg 3pl Outras pessoas Interrogativo
Sentido	**-sa-mi** /-sa-bĩ/ **-sa-mo** /-sa-bõ/ **-sa-ma** /-sa-bã/ **-sa-'** **-sa-ri** /-sa-di/	**-a-sĩ** **-a-sõ** **-a-sã** **-a-sɨ** **-a-sa-ri** /-a-sa-di/	**-kã-tĩ** **-kã-tĩo** **-kã-tĩa** **-kã-ti** **-kã-ti-ri** /-kãti-di/	3-fsg 3+fsg 3pl Outras pessoas Interrogativo
Dedutivo	⇓	**-a-pĩ** **-a-põ** **-a-pã** **-a-pã** **-a-pa-ri** /-a-pa-di/	**-pĩ** **-põ** **-pã** **-pã** **-pa-ri** /-pa-di/	3-fsg 3+fsg 3pl Outras pessoas Interrogativo
Reportativo		**-a-pɨ'** **-a-po'** **-a-pa'rã** /-a-pa'dã/ **-a-pa'ro** /-a-pa'do/ ---	**-pɨ'** **-po'** **-pa'rã** /-pa'dã/ **-pa'ro** /-pa'do/ ---	3-fsg 3+fsg 3pl Outras pessoas Interrogativo

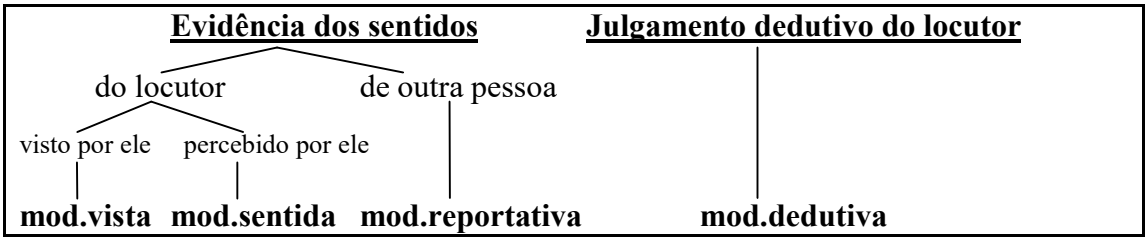
No quadro, as formas fonológicas subjacentes aparecem unicamente quando diferem das formas escritas nas escolas indígenas.
O significado destes sufixos desenvolve-se nos três eixos semânticos seguintes:
- modalidade epistêmica (visto, sentido, dedutivo, reportativo).
- tempo/aspecto (presente, passado recente, passado caducado ou remoto).
- pessoa, gênero, número (3ª pessoa animada não-feminino singular, 3ª feminino singular e plural; outras pessoas, incluindo a 3ª pessoa inanimada) e interrogação.

Cada forma do quadro contém todas estas informações. Por exemplo, a forma **-a-sõ** contém as informações: situação sentida (escutada) pelo locutor num passado recente e realizada por um sujeito animado da 3ª pessoa e de sexo feminino:

(56) **koô utiásõ**
/koô utî - a-sõ /
ela chorar-p.rec.sent.3+fsg
(eu ouvi recentemente que) ela chorou/chorava

Neste capítulo, estudaremos pormenorizadamente as principais características semânticas e formais destes sufixos (5.1-5). Para que o desenvolvimento da argumentação seja de melhor apreensão, escolhemos arbitrariamente as modalidades, e não o tempo ou a pessoa, como fio diretor da apresentação. Esta escolha sendo meramente didática, fica evidente que teríamos chegado a apresentações igualmente válidas com os outros parâmetros semânticos. Em 5.6, apresentaremos outros sufixos que fecham o verbo: os imperativos. Terminaremos o capítulo com uma tentaviva de segmentação para todo este conjunto de sufixos.
Antes de descrever uma por uma as diversas modalidades epistêmicas, diremos algumas palavras sobre todos os parâmetros semânticos que entram em jogo:

① A **modalidade epistêmica** indica o **grau** de **conhecimento** ou de **implicação** do locutor em relação ao enunciado. Formalmente, existem quatro jogos de formas conforme este grau de conhecimento se apresenta como **evidência dos sentidos** ou como **julgamento dedutivo**. Como evidência dos sentidos, a situação pode ser **vista** (sentido da visão) ou somente **sentida**/**percebida** (sentido que não seja o da visão: audição, olfato, gosto ou tato) pelo locutor; pode ser também citada pelo locutor como uma situação não vista ou sentida por ele, mas vista por outra pessoa (informação de segunda mão ou **reportativo**).
Esses quatro jogos de formas apresentam a hierarquia seguinte:



Em resumo:
- a **modalidade vista** indica que a situação é vista no presente ou foi vista no passado (recente ou caducado) pelo locutor: “eu vejo/vi que ...”.
- a **modalidade sentida** indica que a situação é ou foi “sentida”, “percebida” pelo locutor por outro sentido que o visual: “eu sinto/senti que...”.
- a **modalidade reportativa** indica que a situação foi vista ou sentida, não pelo locutor, mas por outra pessoa (frequentemente, por aquela que a realizou): “eu ouvi dizer que ..., disseram-me que ...”.
- a **modalidade dedutiva** indica que a situação não foi vista nem sentida por ninguém, mas que é presentemente deduzida na base de alguma prova (rastros, marca, sinal, etc.) pelo locutor: “eu deduzo que ...”.

♦ Note que, no quadro geral, existem formas expressando a modalidade para os tempos presente ou passado (recente, caducado), mas não para o futuro (para a formação dos futuros, cf. 6.9.), onde distinções como visto, sentido, etc. perdem obviamente todo sentido.
O exemplo seguinte mostra como as modalidades funcionam no passado recente e com um sujeito da situação verbal animado, na 3ª pessoa não-feminino (ser de sexo masculino ou não-especificado) singular:

(57) **diâyɨ wa’î yahaámi**
/ diâyɨ wa’î yahá - a-bĩ /
cachorro peixe roubar-p.rec.vist.3-fsg

o cachorro roubou o peixe

(58) **diâyɨ wa'î yahaásĩ**
/ diâyɨ wa'î yahá - a-sĩ /
cachorro peixe roubar-p.rec.sent.3-fsg
o cachorro roubou o peixe

(59) **diâyɨ wa'î yahaápĩ**
/ diâyɨ wa'î yahá - a-pĩ /
cachorro peixe roubar-p.rec.ded.3-fsg
o cachorro roubou o peixe

(60) **diâyɨ wa'î yahaápɨ'**
/ diâyɨ wa'î yahá - a-pɨ' /
cachorro peixe roubar-p.rec.rep.3-fsg
o cachorro roubou o peixe

Apesar dos quatro exemplos acima ter uma tradução idêntica em português, o grau de conhecimento da situação pelo locutor é bem diferente entre cada um deles. Seria melhor traduzi-los por:

(57) eu vi que o cachorro roubou o peixe (fui testemunha visual do roubo).

(58) eu ouvi que o cachorro roubou o peixe (não vi o roubo, porque estava fora da casa mas escutei, vindo de dentro da casa, um barulho típico de cachorro mexendo com o jirau onde tinha guardado um peixe, ouvindo logo depois o peixe cair do jirau e o cachorro abocá-lo e fugir).

(59) eu deduzo que o cachorro roubou o peixe (não vi nada, mas tinha guardado um peixe em cima do jirau e, agora, não o encontro mais; ora, o único ser que vi entrar na casa enquanto estava fora foi um cachorro; logo, foi ele que roubou o peixe).

(60) eu ouvi dizer/disseram-me que o cachorro roubou o peixe (não vi nada porque estava lá na roça, mas alguém foi testemunha pessoal do roubo e me contou o acontecimento).

② O **tempo/aspecto** determina quando a evidência sensorial ou a situação verbal ocorreu. O sistema formal é tripartido:
- presente: situação/evidência que ocorre exatamente no momento do enunciado ("agora")
- passado recente ou vigente: situação/evidência que ocorreu num passado bastante recente para que os efeitos ainda se estendam no presente ("um segundo atrás", "há pouco tempo", "ontem", "anteontem",...)
- passado caducado ou remoto: situação/evidência que ocorreu num passado bastante distante para que não haja mais repercussões dela no presente e que, frequentemente, representam fatos cujo realizador já morreu ou não está mais na região ("o mês passado", "o ano passado", "outrora",...). Os passados "recente/vigente" e "caducado/remoto" têm, na prática, uma separação temporal extremamente difícil de definir.
Note bem que o tempo indicado refere-se concomitantemente à evidência sensorial e a situação verbal com as modalidades vista, sentida ou reportativa ("eu vejo/ vi recentemente ou remotamente que...", etc.), mas se refere unicamente à situação verbal

(e não à evidência sensorial) com a modalidade dedutiva ("eu deduzo agora que X faz/fez algo recentemente ou remotamente").

③ As marcas de **pessoa/gênero/número** referem-se sempre ao sujeito da situação verbal. Como muitas línguas da família tukano, o sistema formal é quadripartito:

- a 3ª pessoa animada feminina singular (**3+fsg**) refere-se a um sujeito de situação verbal animado, singular e de sexo feminino (em português: "mulher", "Maria", etc.; ou "ela", para uma mulher ou um animal fêmea)

- a 3ª pessoa animada não-feminina singular (**3-fsg**) refere-se a um sujeito animado, singular, de sexo masculino (homem, animal macho) ou de sexo indeterminado (animal enquanto espécie) (em português: "homem", "Pedro", "papagaio", "jabuti", "onça", "mosca", etc.; ou "ele", "ela" para um ser humano ou animal). Alguns elementos da natureza e outros ("sol/lua", "trovão", "instrumento musical") são também considerados estruturalmente como animados não-femininos (cf. 8.).

- a 3ª pessoa animada plural (**3pl**) refere-se a um sujeito de situação verbal animado e plural, qualquer que seja o seu sexo (em português: "homens", "mulheres", "papagaios", "onças", "sol e lua", "instrumentos musicais", etc.; "eles", "elas" para um ser humano ou animal).

- o rótulo "outras pessoas" abrange os sujeitos de outras pessoas ("eu", "tu", "nós", "vós") ou os sujeitos inanimados como os vegetais, os objetos, os nomes abstratos, etc. ("vegetal banana", "casa", "pedra", etc.). Usa-se também, às vezes, como impessoal com alguns sujeitos interrogativos animados ("quem?", "quais seres animados?") e na construção passiva.
Com veremos nos subcapítulos seguintes, a categoria "pessoa/gênero/número" interage com as categorias "modalidade" e "tempo/aspecto", provocando várias mudanças relevantes no significado geral destas duas últimas categorias.

5.1. A modalidade vista

5.1.1. As formas associadas à **modalidade vista** aparecem na primeira linha do quadro geral. Nota-se que:
♦ No presente visto/outras pessoas, o sufixo é **-'**: indica uma laringalização da parte final da vogal terminal do radical verbal, com um tom superbaixo. Exemplos com **apê** *brincar* e **apó** *consertar*:
apê' /apê-'/ [àa̰pɛ́ɛ̰̀] *(eu) brinco, (tu) brincas, (nós) brincamos, (vocês) brincam*
apó' /apó-'/ [àa̰pɔ̃́ɔ̰̃̀] *conserto, consertas, consertamos, (vocês) consertam*

♦ Todos os sufixos do passado recente começam com **-a-...** tanto na modalidade vista quanto nas outras modalidades. Caso este sufixo seja adjacente à raiz verbal, ele forma um tom de contorno (ascendente) com a vogal terminal da raiz:
apeámi /apê-a-bĩ/ [àa̰pɛ̄ámɪ̀] *(vi que ele) brincou*
apoámi /apó-a-bĩ/ [àa̰pɔ̄ámɪ̀] *(vi que ele) consertou*

Caso este sufixo não seja adjacente à raiz verbal (separado dele por outro sufixo verbal), as raízes de melodia alta conservam regularmente a sua estrutura tonal, enquanto as raízes de melodia ascendente deslocam regularmente o seu tom. Exemplos com o verbo de melodia alta **apê** *brincar*, o verbo de melodia ascendente **apó** *consertar* e o sufixo negativo **-ti**:

apêtiami /apê-ti-a-bĩ/ [àa̰pɛ́tìàmɪ̀] *(vi que ele) não brincou*
apotiámi /apó-ti-a-bĩ/ [àa̰pɔ̀tɪ̃ámɪ̀] *(vi que ele) não consertou*

♦ Os outros sufixos obedecem regularmente à regra geral de deslocamento tonal, conforme a raiz verbal ser de melodia alta ou ascendente (sândi tonal, cf. 3.4.):
apêmi /apê-bĩ/ *(vejo que ele)brinca*
apomí /apó-bĩ/ *(vejo que ele) conserta*

5.1.2. A **modalidade vista** tem o sentido geral de situação **vista pelo locutor**. Caso o falante seja o próprio sujeito/objeto da situação (ou seja, enunciados cujo sujeito ou objeto está na **1ª pessoa**), o falante expressa assim, não somente que ele vê o que ele faz ou o que é feito nele, o que é evidente, mas, sobretudo, que ele está **diretamente implicado** na situação e que se responsabiliza por ela. Na 1ª pessoa, a modalidade vista opõe-se então à modalidade sentida, e exemplos desta oposição serão dados quando estudaremos a modalidade sentida (cf. 5.2.).
Exemplos de modalidade vista no presente, passado recente e passado caducado com o verbo **apê** *brincar* usado na 3ª pessoa animada do plural:

(61) **apêma** /apê-bã̰/ *(vejo que eles/elas) brincam*
(62) **apeáma** /apê-a-bã̰/ *(vi num passado recente que eles/elas) brincavam: brincam, brincavam/brincaram*
(63) **apêwã** /apê-wã̰/ *(vi num passado remoto que eles/elas) brincavam/brincaram*

As formas estudadas não fazem nenhuma distinção entre perfeito e imperfeito: nos exemplos (62, 63), a escolha de tradução: "brincavam" ou "brincaram" depende em grande parte do contexto. No entanto, vários sufixos e verbos dependentes expressam o conceito de duração ou de costume e serão estudados ulteriormente (cf. 6.4. e 7.2-5.). Esta falta de distinção perfeito/imperfeito vale para todas as modalidades.
Como já o salientamos, o tempo escolhido refere-se sempre e simultaneamente à situação verbal e à evidência vista. Em consequência disso, as formas presentes serão sempre traduzidas em português por um presente (61), enquanto as formas passadas (recente ou caducada) implicarão, na tradução portuguesa, uma escolha temporal que dependerá em grande parte do contexto e do semantismo do verbo. Por exemplo, (62) pode ser completado, dando (62'):

(62') **yamiákã apeáma**
/yãbî=akã apê - a-bã̰ /
ontem brincar-p.rec.vist.3pl
(vi que eles/elas) brincavam/brincaram ontem

Em (62'), o locutor os viu brincar ontem e, pela natureza da ação de brincar, nada lhe permite supôr que ainda estão brincando atualmente: logo, a tradução exige uma forma passada. No entanto, (62) poderia ser traduzido por uma forma presente se o locutor os tivesse visto brincar alguns minutos antes de proferir o seu enunciado, o que poderia ter implicado que ainda agora estão brincando. Outro exemplo:

(64) **no'opɨ́ Péduru niiáti?** **- bu'erópɨ niiámi**
/dõ'ó -pɨ́ Pédudu dĩî - a -ti bu'ê - dó -pɨ dĩî - a-bḭ̃ /
onde -foc Pedro estar-p.rec.vist-int estudar-nom.lugar-foc estar- p.rec.vist
onde está Pedro? *- está na escola* (lit. *lugar de estudo*)

onde a tradução adotada exige o contexto seguinte: que a pessoa que responde viu Pedro estudar na escola alguns momentos antes. Uma tradução literal seria simplesmente: "vi

(num passado recente) que estava na escola". Note que a pergunta contém também uma forma passada, o interrogador sabendo que o interrogado passou alguns momentos antes num lugar onde ele poderia ter encontrado Pedro. Mesma tradução "presente" acontece frequentemente com a modalidade vista no passado caducado. Por exemplo:

(65) **marî bi'aátihi maa e'satíwɨ**
/bãdî bi'á - atihi + bãa e'sá-ti - wɨ /
nós fechar-nom.inan.sg.fut + igarapé estreito-p.cad.vist.outras pessoas
o igarapé que nós vamos fechar (com armadilha) é estreito

Literalmente, (65) significa: "vi outrora que o igarapé que vamos fechar era estreito". Com o semantismo do verbo **e'sa-tí** *estar estreito*, o contexto obviamente não mudou de outrora para hoje: o igarapé era e é ainda estreito.
Outros exemplos de modalidade vista no passado que podem ser traduzidos por um presente:

(66) **yaa maká ã'ri yaá maka pɨ'to niîwɨ**
/yaá+ bãka ã'dí+ yaa+ bãka + pɨ'to dĩî - wɨ /
poss+povoado este+poss+povoado+perto estar-p.cad.vist.outras pessoas
o meu povoado é perto do povoado deste homem (há tempo que vi que era perto, e isso não mudou)

(67) **a'tîro dɨ'pôkãtiwɨ a'té kití**
/a'tî-do dɨ'pô-kã-ti- wɨ a'té kití /
assim começar -p.cad.vist.outras pessoas esta história
esta história começa assim (desde há tempo eu soube que começava assim)

Com **koô** *ela*, **wamé** /wãbé/ *nome*, **Baría** *Maria* e **niî** /dĩî/ *ser*, compare também:

(68) **koô wamé Baría niîmo** [presente] *o nome dela é Maria (Maria está em frente do locutor)*

(68') **koô wamé Baría niiámo** [passado recente] *o nome dela é Maria (Maria não está em frente do locutor, mas foi vista há pouco tempo)*

(68'') **koô wamé Baría niîwõ** [passado caducado] *o nome dela é Maria (Maria não está em frente do locutor, mas foi vista naquele tempo antes de ela viajar)*; ou: *o nome dela era Maria (foi vista antes de ela morrer)*

Em outras palavras, é a tradução que, levando em conta o contexto e o semantismo do verbo, dá uma impressão de situação verbal presente com formas passados. A evidência sensorial, porém, teve **sempre** lugar no passado.
No entanto, com **sujeito ou objeto nas 1ª e 2ª pessoas**, as formas passadas (recente ou caducada) **nunca** serão traduzidas em português, por razões lógicas evidentes, por formas presentes:

(69) **yɨ'ɨ̂ apeápɨ**
/yɨ'ɨ̂ apê - a-pɨ /
eu brincar-p.rec.vist.outras pessoas
eu brinquei (lit. *vi que brinquei; logo, não estou brincando mais, senão, teria usado uma forma vista presente*)

(70) **ãyâ yɨ’ɨ̂re kũ’riámi**
/ ãyâ yɨ’ɨ̂- de kũ’dî - a-bĩ /
jararaca eu -ref morder-p.rec.vist.3-fsg
uma jararaca me mordeu

5.1.3. Além de ser empregada nos enunciados vistos pelo locutor, a modalidade vista usa-se também para expor verdades gerais, como:

(71) **muhî-pũu opâ sɨtɨ niîmi**
/bũhî-pũu opâ + sɨtɨ dĩî- bĩ /
sol autófora+circular ser-pres.vist.3-fsg
o sol é redondo (dito de dia ou de noite, mesmo sem vê-lo presentemente)

Neste caso, a expressão das situações atemporais ou habituais faz-se geralmente da maneira seguinte: as formas de modalidade vista aparecem sufixadas ao verbo copulativo **niî** /dĩî/ *ser*, o predicado sendo formado por um verbo nominalizado na forma habitual (para uma lista dos sufixos nominalizadores, cf. capítulo 11). Por exemplo:

(72) **a’tó kãrigɨ́ niiápɨ**
/a’tó kãdí - gɨ́ dĩî- a-pɨ /
aqui dormir-nom.-fsg ser-p.rec.vist.outras pessoas
(eu) durmo aqui (eu costumo dormir aqui e não em outro lugar, dito como resposta a quem perguntou onde costumo dormir)

(73) **wa’îre ba’agó niiápɨ**
/ wa’î- de ba’â - gó dĩî- a-pɨ /
peixe-ref comer-nom.+fsg ser-p.rec.vist.outras pessoas
(eu) como peixe (costume de todos os dias do locutor feminino)

(74) **ni’karérã numiâ ɨ̃sâre tɨ’sarɨ̃́ niiáma**
/dĩ’ká-de-dã dũbî -a ɨ̃sâ- de tɨ’sâ - rɨ̃́ dĩî- a-bã /
algumas mulher-pl nós-ref gostar-nom.pl ser-p.rec.vist.3pl
há algumas mulheres que gostam de nós

(75) **a’toré upɨ̂tɨ waro akôro peharó niiápɨ**
/a’tó-de upɨ̂tɨ + wado akô-do pehâ- dó dĩî- a-pɨ /
aqui-ref muito+verdadeiro chuva cair -nom.lugar ser-p.rec.vist.outras pessoas
aqui chove realmente muito

(76) **koô ni’kó ohâ masigo niîmo**
/koô dĩ’kó ohâ + bãsi- gó dĩî- bõ /
ela única escrever+saber-nom.+fsg ser-pres.vist.3+fsg
ela é a única a saber escrever (o locutor tem a pessoa em frente dele e escrevendo)

Se a situação verbal habitual ou atemporal descrita pelo verbo nominalizado é presentemente vista, o locutor usa uma forma vista presente afixada ao verbo copulativo (76). Senão, ele usa uma forma vista geralmente no passado recente, a situação atemporal ou habitual sendo então frequentemente reproduzida no tempo (72, 73, 74, 75). Pode usar também uma forma vista no passado caducado caso a situação atemporal ou habitual for vista há tanto tempo que o locutor não tem certeza que se reproduz

frequentemente, a não ser que o semantismo do verbo não deixa dúvida sobre o caráter atemporal da situação:

(77) **Baría ãyugó niîwõ**
/Badía ãyú - gó dĩî- wõ /
Maria bonita-nom.+fsg ser-p.cad.vist.3+fsg
Maria é bonita (verifiquei isso há muito tempo atrás, antes de ela viajar)

Compare com:

(77') **Baría ãyugó niîmo** *Maria é bonita (ela está em frente de mim)*
(77'') **Baría ãyugó niiámo** *Maria é bonita (verifiquei isso há pouco tempo atrás)*

5.2. A modalidade sentida

5.2.1. As formas associadas à modalidade sentida aparecem na segunda linha do quadro geral. Todos estes sufixos seguem a regra geral de deslocamento tonal, fora o sufixo do passado recente **-a...** (regra descrita em 5.1.) e o sufixo transparente **-sa**. Este último é irregular: é tonalmente **transparente**, deixando passar o tom de uma raiz verbal de melodia ascendente, mas não de uma raiz verbal de melodia alta, para o sufixo seguinte. Exemplos com **apó** *consertar* e **apê** *brincar*:
aposamí /apó-sa-bĩ/ *(ouço que ele) conserta*
apêsami /apê-sa-bĩ/ *(ouço que ele) brinca*

Além disso, com a forma sentida/presente/outras pessoas: **-sa-'**, as raízes verbais de melodia alta tornam-se automaticamente de melodia ascendente:

apê *brincar* → **apésa'** /apê-sa-'/ *(ouço que você) brinca*
ɨ'sâ *gostar de* → **ɨ'sása'** /ɨ'sâ-sa-'/ *gosto de (você,...)*

enquanto as raízes verbais de melodia ascendente não mudam tonalmente:

apó *consertar* → **apósa'** /apó-sa-'/ *(ouço que você) conserta*
ɨá *querer* → **ɨásа'** /ɨá-sa-'/ *quero (isso,...)*

5.2.2. A **modalidade sentida** tem o sentido geral de situação não vista, mas **sentida ou percebida** pelo locutor. A situação não é vista:
- ou por causa de um obstáculo que interfere com a visão (parede, escuridão, gravação que só me permite escutar a voz ou, simplesmente, porque o locutor está de costas);
- ou por o verbo ser um verbo de emoção ou de sensação.
A modalidade sentida expressa que o locutor sente/sentiu a situação por outro sentido que o visual (sentido da audição, do olfato, do tato ou do gosto). Usa-se unicamente quando o locutor não vê/viu a situação: caso ele a ver e a sentir simultaneamente, a escolha de sufixos vistos é obrigatória. Em outras palavras, a modalidade vista é hierarquicamente a mais alta.
O funcionamento dos sufixos sentidos pode ser levemente diferente quando o sujeito/objeto da situação verbal é a 1ª pessoa do singular ou do plural. Examinaremos separadamente as duas possibilidades.

5.2.3. Com um **sujeito verbal que não seja a 1ª pessoa**, o locutor emprega as formas sentidas para expressar que sente (formas presentes) ou sentiu (formas passadas recentes ou caducadas) a situação. Exemplos de situações ouvidas no presente:

(78) **kãrêkẽ' uusamí**
/kãdêkẽ' uú - sa-bĩ /
galo cantar-pres.sent.3-fsg
(ouço que) o galo canta (não o vejo porque estou em casa)

(79) **wɨipɨhí bɨsísa'**
/wɨ́=pɨhí bɨsî- sa-' /
avião soar-pres.sent.outras pessoas
(ouço) o avião soar (ouço-o mas não o vejo)

(80) **pĩrô bɨsîsami**
/ pĩdô bɨsî- sa-bĩ /
lombriga soar-pres.sent.3-fsg
a lombriga soa (ouço-a fazer barulho na barriga)

Exemplos de situações ouvidas no passado recente:

(81) **apeásõ**
/ apê - a-sõ /
brincar-p.rec.sent.3fsg
(ouvi) ela brincar (não a vi mas escutei a voz dela e o barulho típico das brincadeiras)

(82) **wi'marã́ oharópɨ di'tatiásã**
/wĩ'bá-dã ohá-dó- pɨ di'tá-ti - a-sã /
crianças cerrado-foc fazer barulho-p.rec.sent.3pl
(ouvi) as crianças fazerem barulho no cerrado (ouvi as vozes delas sem vê-las)

(83) **naâre bɨsɨsehé wã'koásɨ**
/dãâ-de bɨsî- sehé wã'kó - a-sɨ /
eles-ref soar-nom.inan.pl acordar-p.rec.sent.outras pessoas
o barulho (o soar) os acordou (não os vi acordar, só ouvi o barulho típico que as pessoas fazem quando acordam)

Exemplos de situações ouvidas no passado caducado:

(84) **apêkãtĩo**
/ apê - kã-tĩo /
brincar-p.cad.sent.3fsg
(ouvi-a) brincar naquele tempo

(85) **naâ mɨ'ɨ̃re paâkãtĩa**
/dãâ bɨ̃'ɨ̂- de paâ - kã-tĩa /
eles tu -ref bater-p.cad.sent.3pl
(ouvi) eles baterem em ti naquele tempo (não vi a briga, só escutei as pancadas)

Exemplos de situações sentidas pelo olfato, gosto ou tato:

(86) **ba'asehé akâ yɨ'rɨasa'**
/ ba'â - sehé akâ +yɨ'dɨa- sa' /
comer-nom.inan.pl salgado+muito-pres.sent.outras pessoas
a comida está muito salgada (evidência pelo gosto: provei a comida)

(87) **nu'miá ɨ'mɨ̂tihi yɨ'rɨasama**
/dũ'bí- a ɨ̃'bɨ̂-tihi+yɨ'dɨa - sa-bã /
moça-pl cheiroso+ muito-pres.sent.3pl
sinto o bom cheiro das moças (lit. *sinto pelo olfato que as moças estão muito cheirosas*)

(88) **yɨ'ɨ̂re wi'magɨ́ yĩaásĩ**
/yɨ'ɨ̂- de wĩ'bá-gɨ́ yĩá - a-sĩ /
eu -ref menino queimar com tição-p.rec.sent.3-fsg
o menino me queimou com tição (lit. *senti pelo tato que o menino...*)

(89) **sĩ'í me'rakɨ̃hɨ yɨ'ɨ̂re notekɨ́̃tĩ**
/ sĩ'í + bẽ'da-kɨ̃hɨ yɨ'ɨ̂-de dõté - kã-tĩ /
aquele+companheiro eu-ref dar um pisão-p.cad.sent.3-fsg
o companheiro daquele me deu um pisão naquele tempo (senti o pisão)

(90) **ãhu-pẽá marîre nu'rîrã' weesamá**
/ ãhú-pẽa bãdî- de dũ'dî- dã' weé - sa-bã /
borrachudos nós -ref picar-impl.ms v.aux.-pres.sent.3pl
os borrachudos estão nos picando

Como os sufixos da modalidade vista, os da modalidade sentida não fazem diferença, no passado, entre o perfeito e o imperfeito (cf. 5.1.). O tempo escolhido nas formas sentidas refere-se simultaneamente à situação verbal e à evidência sentida. No entanto, com as formas passadas, teremos frequentemente uma tradução no presente quando a situação sentida pelo locutor no passado ainda tem relevância no presente (isso depende do contexto ou do semantismo do verbo). Com sujeito/objeto nas 1ª/2ª pessoas, uma forma passada porém nunca será traduzida por uma forma presente em português (para uma discussão e exemplos na modalidade vista, cf. 5.1.).
Os sufixos sentidos expressam também situações atemporais ou habituais sentidas, no mesmo tipo de construção descrita em 5.1.: a forma sentida aparece então sufixada ao verbo copulativo **niî** /dĩî/ *ser* enquanto o predicado é formado com um verbo nominalizado na forma habitual:

(91) **maatá waro, ĩ'yâ eha-ti-gɨ́ niiásɨ**
/maá-ta+wado ĩ'yâ+ eha - ti - gɨ́ dĩî- a-sɨ /
cedo +verdadeiro ver+atingir-neg-nom.-fsg ser-p.rec.sent.outras pessoas
muito cedo, não consigo enxergar direito [lit. *muito cedo, costumo não atingir (as coisas) pela vista*]

5.2.4. Além dos sufixos acima apresentados, a língua possui outro mecanismo que expressa conceitos idênticos. Trata-se de uma construção analítica, formada com o verbo sufixado pelas formas implicativas/mesmo sujeito (cf. capítulo 10) e o verbo auxiliar **akâro** / **akôro** *perceber-se* usado com formas modais vistas. Exemplos de situações ouvidas (92, 93), cheiradas (94) ou provadas (95):

(92) **marî diakɨ̃hɨ buû a'tîgɨ' akôromi**
/bãdî+dia-kɨ̃hɨ buû a'tî- gɨ' akôdo - bĩ /
nós +direção cutia vir -impl.ms perceber-se-pres.vist
ouve-se a cutia vir na nossa direção

(93) **diâyɨ poógɨ' weégɨ' akôromi**
/ diâyɨ poó - gɨ' weé - gɨ' akôdo - bĩ /
cachorro ser batido-impl.ms v.aux.-impl.ms perceber-se-pres.vist
ouve-se o cachorro estar sendo batido

(94) **ba'asehé ɨ'mîtihio'ro' akôro'**
/ ba'â - sehé ɨ'bɨ̂-tihi - o' - do' akôdo - ' /
comer-nom.inan.pl cheiroso-prop-impl.ms perceber-se-pres.vist
sente-se o bom cheiro da comida propagar-se

(95) **wa'îkɨ sɨsô'ka di'iro ɨ'sɨâro' akôro'**
/wa'î-kɨ sɨsô - 'ka di'i-do ɨ'sɨâ - do' akôdo - ' /
caça moquear-nom.inan.sg.perf carne gostoso-impl.ms perceber-se-pres.vist
a carne moqueada de caça tem gosto agradável

Note, no exemplo (93), o uso do sufixo implicativo **-gɨ'** duas vezes, a construção analítica com **akôro** justapondo-se à construção analítica com o verbo auxiliar **weé**, construção que indica o desenvolvimento do processo (cf. 10.5.).

5.2.5. Com um **sujeito verbal na 1ª pessoa**, o uso dos sufixos sentidos indica que o locutor/sujeito da situação verbal, de uma maneira ou de outra, **não está ou não se considera implicado no enunciado**. Os sufixos sentidos opõem-se então aos sufixos vistos, estes últimos indicando uma implicação ou uma responsabilidade maior do locutor. Compare:

(96) **bapá bopeápɨ**
/bapá bopê - a-pɨ /
prato quebrar-p.rec.vist
quebrei o prato (de própria vontade, porque estava com raiva)

(97) **apêtiapɨ**
/ apê - ti - a-pɨ /
brincar-neg-p.rec.vist
não brinquei (porque não queria)

com:

(96') **bapá bopeásɨ** *quebrei o prato sem querer (não o vi na beira da mesa)*
(97') **apêtiasɨ** *não brinquei (porque estava doente, ou não me chamaram,...)*

Portanto, os sufixos sentidos com um sujeito de 1ª pessoa podem ser traduzidos por: "sem querer", "involuntariamente", "despropositadamente", "indevidamente", etc. É a modalidade da desculpa. Outros exemplos:

(98) **yɨ'î ye'mêro kũ'rîkã'sa'**
/yɨ'î yẽ'bê-do kũ'dî -kã'- sa-' /
eu língua morder-ass-pres.sent.outras pessoas
eu me mordo a língua sem querer!

(99) **pũûgɨpɨ bɨrî dihaa'asɨ**
/pũû-gɨ- pɨ bɨdî+ diha - a' - a-sɨ /

rede -foc cair+baixar-C>-p.rec.sent.outras pessoas
caí da rede despropositadamente

(100) **mɨ'îre doógɨ', koôre wa'î o'oásɨ**
/bɨ̃'î-de doó - gɨ' koô- de wa'î o'ô- a-sɨ /
tu -ref pensar erradamente-impl.ms ela-ref peixe dar-p.rec.sent.outras pessoas
pensando erradamente que era você, dei-lhe (a ela) o peixe

(101) **semê pekâ yee muikãti**
/sẽbê pekâ+yee+ bũi - kã-ti /
paca atirar +errar-p.cad.sent.outras pessoas
errei sem querer no tiro da paca

5.2.6. Com um **sujeito na 1ª pessoa**, os sufixos de modalidade sentida são também privilegiadamente usadas com todos os **verbos de sensação ou de emoção** (situações sentidas e não vistas pelo locutor). Como verbos usados frequentemente com a modalidade sentida: **pũrî** *doer*, **do'âti** *estar doente*, **bɨhâ-weti** *estar triste*, **e'katí** *estar alegre*, **uâ** *estar zangado*, **uî** *ter medo*, **ɨá** *querer*, **tɨ'sâ** *gostar de*, **yabî** *não gostar de*, **masî** *saber*, **tɨ'ó yã'a** *sentir*, **ĩ'yâ**, **niî** *(no sentido de) achar*, **yeó** *duvidar*, **kẽ'ê** *sonhar com*, **wãkû** *lembrar*, **akobohó** *esquecer*, **pahá** *ter dó de*, assim como "estar com fome", "estar com sede", "estar com sono", "estar com preguiça", "estar morrendo", etc. Como exemplos:

(102) **pa'í weresehé tɨ'ógɨ' a'pe-pũriá wa'aasɨ**
/pa'í wedê-sehé tɨ'ó - gɨ' a'pe-pũrí-a+ wa'a - a-sɨ /
padre sermão ouvir-impl.ms irritar-se +ingressivo-p.rec.sent.outras pessoas
ouvindo o sermão do padre, irritei-me (senti uma irritação)

(103) **koô etakɑ́ yɨ'ɨ́ e'katiásɨ**
/koô etâ - kɑ́ yɨ'ɨ́ e'ka-tí - a-sɨ /
ela chegar-impl.cs eu estar alegre-p.rec.sent.outras pessoas
quando ela chegou, eu me alegrei (senti alegria)

(104) **yɨ'ɨ́ do'âtigɨ' weésa'**
/yɨ'ɨ́ do'âti - gɨ' weé - sa-' /
eu estar doente-impl.ms v.aux.-pres.sent.outras pessoas
eu estou doente (lit. *sinto-me doente*)

(105) **mɨ'îre upîtɨ wãkûkãti**
/bɨ̃'î-de upɨ̂tɨ wãkû - kã-ti /
tu -ref muito lembrar-p.cad.sent.outras pessoas
tinha muita saudade de você (senti muita lembrança de ti naquele tempo)

(106) **yɨ'ɨ́ ɨhá boâgɨ' weésa'**
/yɨ'ɨ́ ɨhá boâ - gɨ' weé - sa-' /
eu fome apodrecer-impl.ms v.aux.-pres.sent.outras pessoas
eu estou com fome (lit. *sinto-me "apodrecer" de fome*)

(107) **yɨ'ɨ̃re upîka pũrísa'**
/yɨ'ɨ̃-de upî-ka pũdî- sa-' /
eu-ref dente doer-pres.sent.outras pessoas

dói-me o dente (lit. *a mim sinto que o dente dói*)

Note bem que se trata sempre da sensação do locutor enquanto sujeito da situação verbal; no entanto, a sensação de um sujeito que não seja o locutor não pode ser formalizada da mesma maneira. Por exemplo, a modalidade sentida torna-se possível em (104) por ser o locutor a pessoa doente. Caso for diferente, como em (104'), a modalidade utilizada será a vista (pela aparência física de Pedro) ou outra, se o locutor não pode sentir a doença de Pedro:
(104') **Péduru do'âtigɨ' weemí** *Pedro está doente*

5.2.7. As **formas sentidas** no **tempo presente** podem ter outro sentido: o de modalidade de **cálculo dedutivo** ("eu tenho toda certeza que...", "deve ser...", como no sentido epistêmico forte do verbo inglês *must*). Como exemplos:

(108) **marisamí**
/ bãdí - sa-bĩ /
não estar-pres.sent.3-fsg
com toda certeza, (ele) não está (na casa)

(109) **su'tiré koégo' weesamó**
/ su'tí -de koé - go' weé - sa-bõ /
roupas-ref lavar-impl.ms v.aux.-pres.sent.3+fsg
ouço que ela está lavando roupas / deve estar lavando roupas

Este último exemplo pode ter dois significados diferentes:
- ela está lavando roupas: ouço da casa o barulho que ela faz.
- com toda certeza, ela está lavando roupas: ela foi mandada por mim ou outra pessoa; ou: o sabão e o pacote de roupas sujas não se encontram mais dentro da casa, e é sempre ela que lava as roupas.
Com os sufixos sentidos, esta significação dedutiva só aparece nas formas presentes.

5.2.8. Outro uso especial das **formas sentidas no presente**: no sentido de **incerteza** ou **dúvida**. Este sentido aparece numa construção original e repetitiva: o verbo que expressa a situação duvidosa e incerta é repetido, na sua primeira aparição com sufixos implicativos/mesmo sujeito e, na sua segunda aparição, com o sufixo sentido **-sa**. Por exemplo:

(110) **masîtisa' no'opɨ́ niîgo' niîsamo**
/ bãsî- ti - sa-' dõ'ó- pɨ́ dĩî - go' dĩî - sa-bõ /
saber-neg-pres.sent onde-foc estar-impl.ms estar-pres.sent.3+fsg
não sei onde (ela) está

(111) **masîgɨ' masî boosa'**
/bãsî - gɨ' bãsî + boo - sa-' /
saber-impl.ms saber+potencial-pres.sent.outras pessoas
sabe lá se eu sei!

5.2.9. As formas sentidas no presente empregam-se frequentemente também:

1) para formar o **futuro de predição** (cf. 6.9.).

2) para formar o **permissivo** com o sufixo interrogativo **-ri**. Por exemplo:

(112) **sãháa'sari?**
/sãhá - a'- sa -di/
entrar-C>-pres.sent-int
posso entrar?

(113) **no'ó a'teré kũûsari?**
/dõ'ó a'té - de kũû - sa -di/
onde estas coisas-ref deixar-pres.sent-int
onde posso deixar estas coisas?

3) como **imperativo de distância** quando sufixado ao verbo dependente **ni'i** /dĩ'i/ *continuar a (fazer algo), (fazer algo) ainda*. Este imperativo é muito usado para pedir a alguém que faça algo a distância. Por exemplo:

(114) **apê ni'isa**
/ apê + dĩ'i - sa /
brincar+ainda-pres.sent
vá brincar!

5.2.10. A forma **-sɨ** *obrigação* é sem dúvida uma reminiscência de formas arcaicas da modalidade sentida no passado caducado, o **significado epistêmico** desaparecendo e transformando-se em **sentido deôntico** (necessidade e dever). A mesma forma impessoal usa-se independentemente da pessoa. Podemos traduzi-la por: "devemos...", "tem que...". Por exemplo:

(115) **ɨhá boâgɨ', ba'âsɨ**
/ ɨhá boâ - gɨ' ba'â - sɨ /
fome apodrecer-impl.ms comer-p.cad.sent
estando com fome (lit. *apodrecendo de fome*)*, tem que comer*

(116) **da'rakɃ da'rasɨ**
/ da'dá - kɃ da'dá - sɨ /
trabalhar-impl.cs trabalhar-p.cad.sent
no trabalho, tem que trabalhar

(117) **ãyuró bu'êsɨ**
/ãyú-do bu'ê - sɨ /
bem estudar-p.cad.sent
tem que estudar bem

(118) **yã'âro weetísɨ**
/yã'â-do weé - ti - sɨ /
mal fazer-neg-p.cad.sent
não tem que fazer mal

5.3. A modalidade dedutiva

5.3.1. As formas dedutivas aparecem na terceira linha do quadro geral. Os sufixos do passado caducado obedecem à regra geral de deslocamento tonal. Os sufixos que começam por **-a...** seguem a regra exposta em 3.4. e 5.1. O sufixo **-pa** aparece somente

na interrogação caducada. Como **-sa**, **-pa** é tonalmente **transparente** (cf. 3.4. e 5.2.). Por exemplo:
kũû *deixar* → **naâ kũû-pa-ri?** *eles o deixaram (outrora)?*
duhí *aterrissar* → **duhi-pa-rí?** *aterrissaram (outrora)?*

5.3.2. As formas com a **modalidade dedutiva** usam-se quando o locutor não viu nem sentiu a situação verbal, mas tem **uma prova** (rastros,...) que tal situação realizou-se. Por conseguinte, esta modalidade não pode ser usada quando tiver evidência visual ou outra. Ela é hierarquicamente mais baixa.
À diferença das outras modalidades, a dedução é sempre feita quando o locutor fala ("eu deduzo agora que..."): o tempo indicado pelas casinhas (passado recente ou caducado) é sempre o tempo da situação verbal ("eu deduzo agora que X aconteceu recentemente ou remotamente"). Como se pode ver no quadro, não existem formas dedutivas no presente, as formas sentidas no presente com um sentido de cálculo dedutivo substituindo-as. O fato de não ter formas dedutivas no presente parece ter um fundamento lógico: numa situação presente, o locutor não pode ter uma prova outra que sensorial dela. Exemplos de modalidade dedutiva no **passado recente**:

(119) **koô utiápõ**
/koô utî - a-põ /
ela chorar-p.rec.ded.3+fsg
(deduzo que ela) chorou (prova: marcas de lágrimas no rosto)

(120) **naâ yahaápã**
/dãâ yahá - a-pã /
eles roubar-p.rec.ded.3pl
eles roubaram (prova: o meu dinheiro desapareceu)

(121) **pamô makɨ du'tiá wa'aapĩ**
/pãbô+ bãkɨ du'tí-a+ wa'a - a-pĩ /
tatu +filhote fugir +ingressivo-p.rec.ded.3-fsg
o filhote de tatu fugiu (prova: eu o tinha deixado na caixa e não está mais)

(122) **wekɨ̂ a'tó maháa'apĩ**
/wekɨ̂ a'tó bãhá- a' - a-pĩ /
anta aqui subir-C>-p.rec.ded.3-fsg
uma anta subiu aqui (prova: os rastros dela)

(123) **su'tîrore po'peá pe'e mahâmiapĩ**
/su'tî -do- de po'peá+ pe'e bãhâmi- a-pĩ /
roupa-sg-ref dentro+câmbio virar -p.rec.ded.3-fsg
pôs a roupa de avesso (prova: as costuras que aparecem à vista)

Outras situações que, geralmente, pedem sufixos dedutivos (situações que não foram vistas ou sentidas: senão, outra modalidade mais adequada seria exigida):
- "perdi o papel" (prova: não está mais aqui)
- "esqueceu o terçado" (prova: não está com ele)
- "choveu a noite" (prova: de manhã, o chão está molhado; porém, não vi nem escutei nada durante a noite)
- "o gato comeu o pássaro" (prova: penas do animal espalhadas no chão)
- "choveu rio acima" (prova: o rio está subindo aqui)

- “o rato roeu todos os nossos umaris” (prova: o aspecto das frutas)
- “meu pai me escreveu” (prova: a carta dele)
- “minha mãe esteve na roça” (prova: fogo ainda aceso na roça)
- “ela passou puçangas neste moço” (prova: o efeito das substâncias mágicas)
- “a minha canoa foi de bubuia” (prova: não está mais no porto)
- “as pedras apareceram no rio” (prova: a presença delas)
- “a onça arranhou o moço” (prova: as marcas no corpo)

Certos verbos de processo, como: **boâ** *apodrecer*, **piá** *azedar*, **mu’yú** *envelhecer*, **nu’rí** *quebrar*, **dohá** *transformar-se*, **ĩhĩ** *queimar*, **wẽrî** *morrer*, **akoá** *dissolver-se*, etc., pedem também sufixos dedutivos quando o processo não foi acompanhado pelos sentidos, o resultado final visto sendo a única e irrefutável prova do que aconteceu. Neste caso, o verbo é de regra seguido pelo verbo dependente **wa’a** *ingressivo* (cf. 7.5.). Por exemplo:

(124) **ohô tõ’o butiâ wa’aapã**
/ ohô + tõ’o butî-a+wa’a- a-pã /
banana+cacho amadurecer-p.rec.ded.outras pessoas
o cacho de bananas amadureceu (não vi o processo mas tenho a prova do processo: o cacho está maduro)

(125) **kãrêkẽ’ yẽkâgɨ õ’a nu’riá wa’aapõ**
/kãdêkẽ’ yẽkâ-gɨ+ õ’a dũ’dí-a+wa’a- a-põ /
galinha perna +osso quebrar -p.rec.ded.3+fsg
a galinha quebrou a perna (prova: o osso está quebrado)

(126) **ba’asehé piá wa’aapã**
/ba’â-sehé piá+wa’a- a-pã /
comida azedar -p.rec.ded.outras pessoas
a comida azedou, estragou (prova: a aparência e o cheiro dela)

Exemplos de modalidade dedutiva no **passado caducado**:

(127) **marî yẽkɨ-sɨmɨá naâ marîre a’té di’tari kũûpã**
/bãdî yẽkɨ-sɨmɨ́-a dãâ bãdî-de a’té+di’ta-di kũû - pã /
nós avós eles nós-ref estas+terra-pl deixar-p.cad.ded.3pl
nossos avôs deixaram para nós estas terras (embora ninguém se lembre daquele tempo, a prova está no fato de que, agora, possuímos estas terras)

(128) **dohasehére marî maatá moopɨ́**
/ dohá - sehé -de bãdî bãá-ta bõó - pã /
assoprar-nom.inan.pl-ref nós logo não ter-p.cad.ded.outras pessoas
desde o princípio, nós não tivemos sopros (maléficos) (não temos nada na atualidade que comprove que usávamos antigamente sopros meléficos)

Uso especial da modalidade dedutiva/passado caducado é feito nas lendas e mitos, quando o narrador tem uma prova atual do que aconteceu em outros tempos.

5.3.3. Além dos sufixos dedutivos, a língua possui **outro mecanismo** para expressar o mesmo conceito: o de situação não evidenciada pelos sentidos, mas deduzida por uma prova que assinalou a sua realização. Neste tipo de construção, o verbo referindo-se à situação deduzida é nominalizado (com **sufixos nominalizadores** nas suas **formas perfectivas**, cf. capítulo 11) e serve de predicado a um enunciado copulativo com o

verbo copulativo **niî** /dĩî/. O verbo **niî** leva geralmente sufixos de modalidade vista. Este mecanismo com nominalização é tão produtivo como a construção com sufixos dedutivos. O funcionamento dos dois é o mesmo quando o enunciado for feito em frente da prova. Contudo, quando o enunciado for contado depois para os outros, sem ter mais a prova em frente dos olhos, prefere-se esta construção com nominalização. Alguns exemplos:

(129) **yaa wesé ma'a wi'ô'karã niiáma**
/ yaá+wese+ bã'a wi'ô - 'kadã dĩî- a-bã /
poss+ roça+caminho obstruir-nom.pl.perf ser-p.rec.vist.3pl
obstruiram o caminho da minha roça (prova: os paus no caminho)

(130) **yeeré wi'ipɨ́ akobohókã'kɨ niiápɨ**
/yeé-de wi'í- pɨ ako-bohó- kã'- 'kɨ dĩî- a-pɨ /
poss-rel casa-foc esquecer -ass- nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist.outras pessoas
esqueci as minhas coisas em casa! (prova: não estão comigo)

(131) **po'êro diâ sumútohore ãhuá weekã'karo niiápɨ**
/po'ê-do diâ sũbú-toho-de ãhú-a + wee -kã'- 'kado dĩî- a-pɨ /
enchente rio beira -ref desgastar+extrair-ass-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
a enxurrada desgastou a margem do rio! (prova: a erosão visível)

Em todos estes exemplos, os sufixos do verbo copulativo **niî** têm formas de modalidade vista no passado recente. Usa-se também sufixos de modalidade vista no passado caducado quando a situação for temporalmente distante:

(132) **ɨ̃sâ pako meho nimâ me'ra wẽrî'ko niîwõ**
/ɨ̃sâ+pako+bẽho dĩbâ +bẽ'da wẽdî - 'ko dĩî- wõ /
nós+mãe+ det veneno+com morrer-nom.+fsg.perf ser-p.cad.vist.3+fsg
nossa finada mãe morreu envenenada (com veneno) (prova: os efeitos típicos do veneno)

5.4. A modalidade reportativa

5.4.1. No passado recente, as formas de **modalidade reportativa** começam pelo sufixo **-a**, que, tonalmente, comporta-se como foi descrito em 5.1. Com **apê** *brincar* e **apó** *consertar*:
apeápo' *ouvi dizer que ela brincou/brincava*
apoápo' *ouvi dizer que ela consertou/consertava*

No passado caducado, as formas começam por um sufixo laringalizado que bloqueia o deslocamento tonal da melodia da raiz verbal (cf. 3.4.):
apêpo' *ouvi dizer que, naquele tempo, ela brincou/brincava*
apópo' *ouvi dizer que, naquele tempo, ela consertou/consertava*

Com as formas rotuladas "outras pessoas", há uma certa variação dialetal devida à regra de assimilação **Ass1** (cf. 2.7.): **-pa'ro** /-pa'do/ ou **-po'ro** /-po'do/; **-a-pa'ro** /-a-pa'do/ ou **-a-po'ro** /-a-po'do/.

5.4.2. A **modalidade reportativa** indica que a situação não foi vista ou sentida pelo locutor, mas por outra pessoa que informou o locutor (frequentemente, a pessoa que

informa o locutor é aquela mesmo que efetuou a situação). É uma **informação de segunda mão**, traduzível por: ”ouvi dizer que...”, “diz(em) que...”.
Nunca deve ser usada se o locutor vê/viu ou sente/sentiu a situação: é hierarquicamente inferior às modalidades vistas e sentidas. No entanto, é hierarquicamente superior à modalidade dedutiva. Para mostrar isso, consideremos o exemplo seguinte: “o gato comeu o pássaro”. Supomos que o locutor não viu nem ouviu a situação, mas que, simplesmente, viu as penas do pássaro espalhadas no chão com o gato perto delas. Supomos também que alguém viu a tragédia e a contou ao locutor. Este usará então uma forma reportativa e não dedutiva, a evidência vista da pessoa que assistiu à cena valendo mais que a simples dedução do locutor. Temos então a hierarquia geral seguinte para o conjunto de modalidades, a modalidade vista (à esquerda) sendo a privilegiada:

Maior grau de conhecimento/implicação ↔ Menor grau de conhecimento/implicação
mod.vista ← mod.sentida ← mod.reportativa ← mod.dedutiva

Exemplos de modalidade reportativa:

(133) **utiápo’**
/ utî - a-po’ /
chorar-p.rec.rep.3+fsg
(ouvi dizer que ela) chorou (diz ela mesmo ou outra pessoa que ela)

(134) **yɨ’ɨ̂ utiápa’ro**
/yɨ’ɨ̂ utî - a-pa’do /
eu chorar-p.rec.rep.outras pessoas
dizem que chorei (não lembro porque estava bêbado)

(135) **ba’â sĩ’rigɨ’ weeápɨ’**
/ ba’â + sĩ’di - gɨ’ weé - a-pɨ’ /
comer+querer-impl.ms v.aux.-p.rec.rep.3-fsg
(diz ele mesmo que) está querendo comer

(136) **yamî deko yɨ’ɨ̂ bahuápa’ro**
/yãbî+deko yɨ’ɨ̂ bahuá- pa’do /
noite+meio eu nascer-p.cad.rep.outras pessoas
dizem que eu nasci à meia-noite

(137) **dɨporópɨ ûhuri wekɨ̂re wẽhékã’pɨ’**
/ dɨpó-do -pɨ ûhudi wekɨ̂- de wẽhé-kã’- pɨ’ /
antigamente-foc jabuti anta -ref matar-ass-p.cad.rep.3-fsg
dizem que, antigamente, o jabuti matou a anta! (lenda)

A forma escolhida pode ser no passado recente (133, 134, 135) ou no passado caducado (136, 137). Não existe forma presente por o locutor sempre reportar alguma situação que **já** lhe foi contada. Em outras palavras, é sempre: “ouvi dizer que...” e nunca: “ouço dizer que...”. Embora a situação esteja sempre conceptualmente no passado, a tradução em português pode ter uma forma presente, como no exemplo (135): “está querendo comer”, para dizer: “ele me disse, alguns segundos atrás, que queria comer e suponho que o querer dele não mudou”.
A modalidade reportativa é muito usada para reportar os conhecimentos dos outros ou para fuxicar, e, no passado caducado, é a modalidade privilegiada nas lendas, nos mitos

e em todas as histórias contadas por outras pessoas. Em particular, substitui elegantemente o discurso direto ("ele diz: ..."), também muito produtivo em ye'pâ-masa.

5.4.3. As formas reportativas são também muito usadas para reportar situações que serão realizadas no futuro:

(138) **yamiákã da'raákɨhɨ niiápa'ro**
/yãbî-akã da'dá - a-kɨhɨ dĩî- a-pa'do /
amanhã trabalhar-nom.-fsg.fut ser-p.rec.rep.outras pessoas
dizem que vou trabalhar amanhã

(139) **a'tí wi'ikõho wa'û me'ra wẽriákoho niîpo'**
/a'tí+wi'i - kõho wa'û +bẽ'da wẽdî - a-koho dĩî - po' /
esta+casa-de/+fsg coqueluche+com morrer-nom.+fsg.fut ser-p.cad.rep.3+fsg
há tempo que dizem que a moradora desta casa vai morrer de coqueluche

Neste caso, uma construção copulativa é utilizada: a modalidade reportativa sufixa-se no verbo **niî** e o verbo que expressa a situação é nominalizado com **sufixos nominalizadores** nas suas **formas futuras** (cf. capítulo 11).

5.5. Algumas notas sobre as formas interrogativas

Os sufixos interrogativos são **-ti** (modalidade vista no presente ou no passado recente) e **-ri** /-di/ (modalidade vista no passado caducado e outras modalidades). O emprego destes sufixos é **obrigatório**, qualquer que seja o tipo de pergunta: pergunta sim/não (140) ou pergunta com palavra interrogativa (141). As perguntas que exigem uma resposta do tipo sim/não (140) são acompanhadas por uma entonação ascendente:

(140) **ãyutí mɨ'ɨ̂?**
/ ãyú - ti bɨ̃'ɨ̂/
estar bem-pres.vist.int você
você está bem?

(141) **no'ó wa'âti mɨ'ɨ̂?**
/dõ'ó wa'â- ti bɨ̃'ɨ̂ /
onde ir -pres.vist.int você
aonde você vai?

Note que os sufixos interrogativos não levam informação sobre a pessoa, o gênero ou o número do sujeito:

(140') **ãyutí?** *(você, ele, ela) está bem? (vocês, eles, elas) estão bem?*

Eles, porém, precisam da modalidade e o tempo/aspecto. Precisam da modalidade porque o interrogador conjectura o conhecimento do interrogado, assumindo que o interrogado vê/viu, sente/sentiu/ ou deduz a situação [cf. exemplo (64)]. Muitas vezes, são falsas perguntas que repetem no interrogativo o que acaba de dizer o interlocutor, a fim de estimular a conversação. No entanto, não existem formas interrogativas para a modalidade reportativa.

5.6. Os sufixos imperativos

Além dos sufixos de modalidade, alguns sufixos têm também a propriedade de fechar o verbo a qualquer sufixação ulterior. Semanticamente, expressam a vontade do locutor (ordem, exortação, prevenção, permissão, advertência, etc.). São:

① O sufixo **-ya** *imperativo geral da 2ª sg/pl*. Com **apê** *brincar* e **sĩ'rí** *beber*:
apêya! /apê-ya/ *brinque!, brinquem!*
sĩ'riyá! /sĩ'dí-ya/ *beba-o!, bebam-no!*

O verbo **a'tî** *vir* tem duas formas imperativas, a primeira sendo regular, mas pouco usada: **a'tîya!** / **a'tiá!** *venha!* Caso o sufixo **-ya** for sufixado depois do sufixo centrípeto **-(')ti**, é geralmente a forma irregular **-a** que é utilizada:

(142) **sãhátia!**
/sãhá - ti - a /
entrar-C<-imp
venha(m) entrando!

A proibição correspondente (imperativo negativo) constrói-se com o conjunto de sufixos **-ti-kã'-ya** (**-ti** *negativo*, **-kã'** *assertivo*, **-ya** *imperativo*):
apêtikã'ya! /apê-ti-kã'-ya/ *não brinque(m)!*
sĩ'ritíkã'ya! /sĩ'dí-ti-kã'-ya/ *não o beba(m)!*
sãhátitikãya! /sãhá-ti-ti-kã'-ya/ *não venha(m) entrando!*

O uso do assertivo **-kã'** é obrigatório na proibição, a não em construção paratática.

(143) **yɨ'ɨ̂re akô yeeti, wẽrî bataa'ya!**
/yɨ'ɨ̂- de akô+yee - ti , wẽdî + bataa' -ya /
eu -ref dar remédio-neg morrer+imprecar-imp
que (você) não me dê remédio e que morra! (desejo que você morra, já que não quer me tratar)

No exemplo acima, a parataxe é equivalente a: **yɨ'ɨ̂re akô yeetikã'ya!, wẽrî bataa'ya!**.

② O sufixo **-rã** /-dã/ *imperativo da 1ª pl-inclusivo* tem um sentido exortativo:
apêrã! /apê-dã/ *brincamos!, vamos brincar!*
sĩ'rirã́! /sĩ'rí-dã/ *bebamos!, vamos beber!*

O uso do sufixo assertivo **-kã'** é igualmente obrigatório na proibição:
apêtikã'rã! /apê-ti-kã'-dã/ *não vamos brincar!*

Este sufixo usa-se frequentemente com as interjeições exortativas: **mâa!** *exortação estática (sem movimento)* e **te'á!** *exortação dinâmica (com movimento)*, como nos exemplos:

(144) **mâa, ohârã!**
/ bãa ohâ -dã/
exortação escrever-imp
vamos escrever! (aqui: sem locomoção para realizar a ação)

(145) **te'á, u'arã́!**
/ te'á u'á -dã/
exortação tomar banho-imp
vamos tomar banho! (lá: com locomoção para realizar a ação)

③ O sufixo **-a-pa** *imperativo de prevenção da 2ª sg/pl* marca um conselho para que não aconteça no futuro algo desagradável e/ou um convite a uma atenção mental contínua. Podemos traduzi-lo por "cuide/cuidem em...!". Por exemplo:

(146) **ape masá tiro ehâgɨ', ãyuró weeápa!**
/ apé +bãsa +tido ehâ - gɨ' ãyú-dó weé -a-pa/
outro+povo+perto chegar-impl.ms bem fazer-imp
chegando (na casa de) outro povo, comporte-se bem! (cuide em fazer bem!)

(147) **ĩ'yaápa siseré ɨ'ta peóri!**
/ĩ'yâ- a-pa sisé -de ɨ'ta + peo - di/
olhar- imp aquelas coisas-ref pisar+pôr em cima-adv
cuidado para não pisar em cima daquelas coisas! (lit. *cuide em olhar para aquelas coisas senão vai pisar em cima delas!*)

(148) **ãyuró tɨ'oápa!**
/ãyú-dó tɨ'ó -a-pa/
bem escutar-imp
preste(m) atenção! (cuide(m) em escutar bem!)

O sufixo de prevenção **-a-pa** começa por **a** e tem o comportamento tonal descrito em 5.1. Tendo uma estrutura bimoraica, deve ser bimorfêmico. A forma negativa associada é **-ti-kã'-a-pa**, como nos outros imperativos (com o negativo **-ti** e o assertivo **-kã'**):
apêtikã'apa! /apê-ti-kã'-a-pa/ *cuide em não brincar!, não vai brincar!*

Existe outra maneira de formar o negativo, nominalizando o verbo com sufixos nominalizadores nas suas formas futuras (cf. capítulo 11) e sufixando **-a-pa** ao nome dependente **mehe** /bẽhe/ *não*, dando **mehapa**:
apeákɨhɨ mehapa! /apê-a-kɨhɨ+bẽhe-a-pa/ *não vai brincar! (interpelado)*
apeákoho mehapa! /apê-a-koho+bẽhe-a-pa/ *não vai brincar! (interpelada)*
apeárãha mehapa! /apê-a-dãha+bẽhe-a-pa/ *não vão brincar! (interpelados/as)*

Mesmo sentido negativo sem o nome dependente negativo **mehe**:
apeákɨhɨpa! /apê-a-kɨhɨ-pa/ *não vai brincar! (interpelado)*

④ O sufixo **-a-to** *imperativo da 3ª sg/pl* usa-se para transmitir ordens indiretamente:

(149) **naâ basaáto!**
/dãâ basâ -a-to/
eles dançar- imp
que eles dancem!

(150) **yukîsɨ apoáto!**
/yukî-sɨ após -a-to/
canoa consertar-imp
que (ele, ela, eles, elas) conserte(m) a canoa!

(151) **mɨ'îre a'tiáto niiámi**
/bɨ'î-de a'tî-a-to dĩî - a-bĩ /
tu -ref vir -imp dizer-p.rec.vist.3-fsg
(ele) disse que tu tens que vir (lit. *disse em relação a ti: que ele venha!*)

Mesma construção com os sufixos negativo **-ti** e assertivo **-kã'** na proibição:
naâ basâtikã'ato! /dãâ basâ-ti-kã'-a-to/ *que eles não dancem!*

O uso do sufixo imperativo indireto **-ato** é frequentíssimo numa construção com o verbo **niî** /dĩî/ *dizer*: **-a-to** sufixa-se ao verbo expressando a situação enquanto **niî** *dizer* vai seguindo com sufixos implicativos/mesmo.sujeito. O conjunto significa: "dizendo, pensando: que ele(s)/ela(s) faça(m) tal coisa" efunciona como **oração subordinada final** ("para que ..."), com sujeito não idêntico ao sujeito da oração principal:

(152) **pekâwɨ yẽ'eápɨ kĩre yesê wẽheáto niîgɨ'**
/ pekâ-wɨ yẽ'ê - a-pɨ kĩ -de yesê wẽhé-a-to dĩî - gɨ' /
espingarda pegar-p.rec.vist ele-ref porco matar-imp dizer-impl.ms
peguei a espingarda para ele matar o porco (pensando a respeito dele: que ele mate o porco!)

(153) **wekó wɨsehé ta'aápɨ du'titíkã'ato niîgɨ'**
/ wekó wɨ-sehé ta'â - a-pɨ du'tí- ti - kã'-a-to dĩî- gɨ' /
papagaio asas cortar-p.rec.vist fugir-neg-ass-imp dizer-impl.ms
cortei as asas do papagaio para que não fuja (dizendo: que ele não fuja!)

(154) **wi'magóre utîtikã'ato niîgɨ' mumî o'oápɨ**
/wĩ'bá-go-de utî - ti - kã'-a-to dĩî - gɨ' bũbî o'ô- a-pɨ /
menina -ref chorar-neg-ass-imp dizer-impl.ms bombom dar-p.rec.vist
dei um bombom à menina para que ela não chore (pensando: que ela não chore!)

⑤ O sufixo **-ma** /-bã/ *imperativo permissivo da 1ª sg/pl exclusivo* serve para pedir licença para fazer algo:
apêma! /apê-bã/ *deixe-me brincar!, deixe-nos brincar!*

Com o verbo dependente **ni'i** /dĩ'i/ *continuar a (fazer algo), (fazer algo) ainda*:
apê ni'ima! /apê+dĩ'i-bã/ *deixe-me brincar ainda!*

Por razões óbvias, o negativo associado: **-ti-kã'-ma** é pouco usado.
Este permissivo tem um sentido análogo ao do sufixo de modalidade **-sa**, usado com interrogativo (cf. 5.2.).

⑥ Outros sufixos que funcionam como imperativo:
- o sufixo **-rẽ-gɨ** (interpelado), **-rẽ-go** (interpelada), **-rẽ-rã** (interpelados/as) ou, mais simplesmente, **-rẽ** /-dẽ/. Parece ser unicamente usado com o verbo **ĩ'yâ** *ver* e o verbo dependente **yã'a** *experimentar (um fazer)*, e expressa uma comprovação:
ĩ'yârẽgɨ! /ĩ'yâ-dẽ-gɨ/ *veja só!*

- o sufixo **-a'sã** parece funcionar como imperativo impulsivo, violento, ou para dar uma ordem cheia de raiva (por exemplo, ordem dada por um adulto a um menino). Com **apê** *brincar* e **weé** *fazer*:
apêa'sã! /apê-a'sã/ *brinque!!*
weéa'sã! /weé-a'sã/ *faça-o!!*

Com o assertivo **-kã'**, obtemos a combinação **-kã'-a'sã** que funciona como um imperativo de rogo e de cortesia.

⑦ O sufixo **-ri** /-di/ *advertência* usa-se para chamar a atenção do interpelado sobre o perigo que o ameaça se não agir como se deve. Podemos traduzi-lo por: "para não ...", "senão ...". Exemplos:

(155) **ãyuró dihátia, mɨ'ɨ̂pɨ bɨrɨ̂ri!**
/ãyú-dó dihá - ti - a bɨ̃'ɨ̂-pɨ bɨdɨ̂- di /
bem descer-C<-imp tu-foc cair-adv
venha descendo bem (da árvore), senão você vai cair!

(156) **makó, yumúku orêya, teepɨ́ ɨ̃hɨ̂ wã'ari!**
/bãkó yũbúku odê - ya teé -pɨ ɨ̃hɨ̂ + wã'a - di /
filha mingau mexer-imp ana -foc queimar+grudar-adv
filha, mexa o mingau para que aquilo não grude queimando!

(157) **ɨmɨ̂yaro pi'á'tia, mɨ'ɨ̂re wãtî yẽ'êri!**
/ɨ̃bɨ̂-ya-dó pi'á - 'ti- a bɨ̃'ɨ̂-de wãtî yẽ'ê - di /
depressa sair do mato-C<-imp tu-ref duende pegar-adv
venha saindo depressa do mato, senão o duende vai te pegar!

Como os exemplos precedentes o mostram, o verbo sufixado por **-ri** faz geralmente parte de uma oração subordinada a um verbo principal, o qual, sob forma imperativa, indica como o interpelado tem que agir para que não aconteça o que está indicado na subordinada [cf. também o exemplo (147)]. O sufixo focalizador **-pɨ** marca geralmente o sujeito do verbo em **-ri**, provavelmente para focalizar o sujeito como o ser realmente ameaçado, ou melhor, para marcar o que aconteceria inevitavelmente se a advertência não for levada a sério: "aja assim, senão então ..." (155, 156).
Este sufixo de advêrtencia é também de uso extremamente frequente para formar orações subordinadas finais, o verbo sufixado por **-ri** sendo seguido pelo verbo **niî** *dizer, pensar*, este último sufixado pelas formas implicativas/mesmo.sujeito. O conjunto pode ser traduzido por: "pensando de X: senão (X) ...". Exemplo:

(158) **marîre tɨ'orí niîrã', sõhá a'mêri ũru-sãáma**
/bãdî-de tɨ'ó - di dĩî - dã' sõhá ã'bê-di ũdu-sãá - bã /
nós-ref ouvir-adv dizer-impl.ms aqueles entre si cochichar-pres.vist
para nós não ouvirmos, aqueles cochicham entre si [pensando de nós: senão (eles) ouvem, aqueles...]

O sufixo de advertência não é incompatível com o negativo **-ti**:

(159) **tu'tîtikã'ya, koôpɨ ba'âtiri!**
/ tu'tî - ti - kã'-ya koô-pɨ ba'â - ti - ri /
xingar-neg-ass-imp ela-foc comer-neg-adv
não xingue, senão ela não come!

5.7. As formas enfáticas

Quando o discurso é enfatizado (exclamação, alerta, urgência, etc.), os sufixos que acabamos de estudar sofrem leves mudanças fonéticas. Com **niî** *estar,* **ba'â** *comer* e **du'tí** *fugir*, compare:

niîmo /dĩî-bõ/ *(ela) está*	com: **niîbo!!** *(ela) está!!*
niîma /dĩî-bã/ *(eles) estão*	com: **niîba!!** [nĩ̃:bə̀] *(eles) estão!!*
du'tiápĩ *(ele) fugiu*	com: **du'tiápi** [^{n}dùu̯tĩ̀ápì] *fugiu!!*

ba'âma! /ba'â-bã/ *posso comer!* com: **ba'âba!!** [^{m}bą́ábə] *deixe-me comer!!*
ba'aákɨhɨ mehapa! *não vai comer!* com: **ba'aákɨhɨ mehapa!!** [...ə] *id.*

Em regra geral, a vogal final, quando for nasalizada, perde toda ou parte da sua nasalização, e tem realizações fonéticas mais centrais:
a → [ə]
i → [ɪ]

O mesmo mecanismo fonético encontra-se com as interjeições (cf. capítulo 13).

5.8. A segmentação dos sufixos epistêmicos

As formas que expressam a modalidade epistêmica, o tempo/aspecto e o gênero/número/pessoa não têm uma segmentação evidente. No entanto, a partir das formas interrogativas do quadro geral (**/-ti/** e **/-di**/), podemos descobrir as quatro formas básicas das modalidades:
-Ø para a **modalidade vista** (modalidade formalmente não marcada)
-sa /**-kãti** para a **modalidade sentida**
-pa para a **modalidade dedutiva**
-pa' para a **modalidade reportativa**

O sufixo **-a** dá o sentido de tempo vigente ou de aspecto perdurativo (*perfectum*).
Os sufixos de pessoa/gênero/número poderiam ser:

-mi /-bĩ/	3-fsg (animado)	**-gɨ**
-mo /-bõ/	3+fsg (animado)	**-go**
-ma /-bã/	3pl (animado)	**-rã** /-dã/
-' , **-pɨ**	outras pessoas e inanimados	**-ro** /-do/

as formas da coluna de direita sendo associadas à modalidade reportativa:
-pɨ' ← **-pa'-gɨ**
-po' ← **-pa'-go**
-pa'rã ← **-pa'-rã**
-pa'ro ← **-pa'-ro**

♦ A fórmula seguinte dá a posição dos sufixos do quadro geral:

tempo/aspecto + modalidade + gênero/número/pessoa/interrogativo

6

Morfologia verbal (II)

Os dois quadros seguintes mostram as **classes de posição** dos sufixos verbais:

	1 Direção	2 Propagativo	3 Negativo	4 Assertivo	5 Durativo
RADICAL VERBAL	**(-'kã)-a'** *centrífugo* **(-'kã)-'ti** *centrípeto*	**-o'**	**-ti**	**-kã'**	**-'kũ**

6 Frustrativo	7 Incerteza	8 Tempo/Aspecto	9 Modalidade	10 Gên./Núm./Pess.
-mi /-bĩ/	**-sa**[1]	**-a**	**-Ø** **-sa/-kãti** **-pa** **-pa'**	**-mi** **-gɨ** **-mo** **-go** **-ma** **-rã** **- '**, **-pɨ** **-ro** **-ti/-ri**
		Imperativos **-ya**, **-rã**, **-a-to**, **-a-pa**, **-ma**, **-ri**		

Os verbos formam uma classe de lexemas primários ou secundários definidos por esses sufixos. As raízes verbais (lexemas primários) têm uma estrutura bimoraica. Não há verbos irregulares. Para um caso excepcional, o verbo **a'tî** *vir* usado com o sufixo imperativo **-ya**, cf. 5.6.
A morfologia verbal não evidencia subclasses bem diferenciadas, a existência de uma subclasse de **verbos de estado** (cf. 4.5.) justificando-se apenas por ter um comportamento levemente diferente na construção analítica com o verbo auxiliar **weé** (cf. capítulo 10). Os verbos de estado correspondem, na maioria das vezes, aos **adjetivos** da língua portuguesa.
As combinações entre sufixos são numerosas. No entanto, a língua evita a combinação de mais de 5 ou 6 sufixos com o mesmo radical verbal, como em:

(160) **dɨkɨ̃ wa'tero tuú we'o'kãa'tikã'ya!**
/ dɨkɨ̃ +wa'te-do tuú + we'o -' kã- a' - ti -kã' - ya /
manivas+ entre empurrar+abrir passagem- ? - C>-neg-ass -imp
não passe entre as manivas apartando-as!

Os sufixos de modalidade epistêmica, de tempo/aspecto, de gênero/ número/pessoa, de interrogação e os sufixos imperativos (posições 8-10 dos quadros acima) fecham a sufixação verbal e foram estudados no capítulo precedente.

Os outros sufixos (posições 1-7) expressam as categorias semânticas seguintes: movimento e direção (1-2), negativo (3), modalidade assertiva (4), aspecto durativo (5), modalidade frustrativa (6) e incerteza (7).

6.1. O negativo

6.1.1. Para negar o que foi previamente dito, o locutor usa o sufixo verbal **-ti** (homófono do sufixo interrogativo no presente ou passado recente visto):

(161) **apêtimi**
/ apê - ti - bĩ /
brincar-neg-pres.vist.3-fsg
(ele) não brinca

(162) **tɨ'ó yẽ'etisa'**
/tɨ'ó+yẽ'e- ti - sa-' /
entender -neg-pres.sent
não entendo

Usa-se frequentemente também com os verbos nominalizados. Exemplos com sufixo implicativo/ms (163) e com nominalizadores (164):

(163) **apêtigo' weeámo**
/ apê - ti - go' weé - a-bõ /
brincar-neg-impl.ms v.aux.-p.rec.vist.3+fsg
(ela) estava sem brincar

(164) **da'ratígo**
/ da'dá - ti - gó /
trabalhar-neg-nom.+fsg
a mulher que não trabalha

6.1.2. No **presente visto/outras pessoas** e no **presente visto interrogativo** (todas as pessoas), o verbo dependente **we'e** *não* substitui obrigatoriamente o sufixo **-ti**:

(165) **ĩsâ wa'á we'e'**
/ĩsâ wa'â+we'e- ' /
nós ir + não -pres.vist outras pessoas
nós não vamos

(165') **yɨ'ĩ kãrí we'e'**
/yɨ'ĩ kãdɨ+we'e- ' /
eu dormir+ não -pres.vist.outras pessoas
eu não durmo

(166) **kãrí we'eti mɨsâ?**
/ kãdí +we'e- ti bĩsâ /
dormir+ não -pres.vist.int vocês
vocês não dormem?

O verbo dependente **we'e** *não* é tonalmente irregular: transforma as raízes verbais de melodia alta em raízes de melodia ascendente, como no exemplo (165). Contudo, as raízes de melodia ascendente ficam inalteradas. Com **werê** /wedê/ *avisar*, **apê** *brincar* e **apó** *consertar*, e supondo um sujeito na 1ª pessoa:

werê' /wedê-'/ *aviso* **weré we'e'** *não aviso*
apê' /apê-'/ *brinco* **apé we'e'** *não brinco*
apó' /apó-'/ *conserto* **apó we'e'** *não conserto*

O morfema negativo **we'e** é interpretado como verbo dependente e não como sufixo, pela impossibilidade de ser nasalmente contaminado por uma raiz nasal:
(165') **kãrí we'e'** [kɐ̃ɾĩvɛ̰] e não: [kɐ̃ɾĩvɛ̰̃]

Isto levanta o problema seguinte: o morfema negativo **ti** é um sufixo ou, como **we'e**, um verbo dependente? Como escrever (161): **apêtimi** /apê-ti-bĩ/ ou **apê tiimi** /apê+tii-bĩ/ *não brinca*? Nenhum argumento estrutural nos permitindo decidir, continuaremos a considerar **ti** como um sufixo, seguindo assim a visão tradicional da linguística regional.

6.1.3. O futuro negativo forma-se geralmente com a combinação de sufixos **-so-me**, embora o sufixo **-ti** seja também empregado neste caso (cf. 6.9.1.).
A palavra **neê** /dẽê/[5] enfatiza qualquer enunciado negativo, dando o sentido de "nem, nenhum, nunca, nada" (o leitor achará numerosos exemplos com **neê** no dicionário):

(167) **neê ɨatísa'**
/dẽê ɨá - ti - sa-' /
querer-neg-pres.sent.outras pessoas
não quero nada

O negativo nominal **mehe** é um morfema dependente cujo funcionamento será descrito em 9.16.

6.1.4. A língua ye'pâ-masa não possui palavras equivalentes a "sim" e a "não". Recorre-se então, às vezes, à interjeição **ɨ̃ɨ̃!** *exato!* que, servindo de confirmação, pode ser traduzida, segundo o caso, por "sim" ou por "não":

(168) **ba'aáti? - ɨ̃ɨ̃!**
/ ba'â - a - ti ɨ̃ɨ̃ /
comer-p.rec.vist-int exato
(você) comeu? - sim!

(169) **yesê wẽhetiásari? - ɨ̃ɨ̃!**
/yesê wẽhé- ti - a-sa -ri ɨ̃ɨ̃ /
porco matar-neg-p.rec.sent-int exato
não matou o porco? - não!

Outra maneira extremamente comum para resolver o problema consiste em repetir o verbo da pergunta com um sufixo negativo (como em português):

(170) **wa'âti mɨ'ɨ̃? - wa'á we'e'**
/wa'â- ti bɨ̃'ɨ̃ wa'â+we'e- ' /
ir -pres.vist.int tu ir + não -pres.vist
você vai? - não vou

6.1.5. Para concluir, assinalaremos a existência de dois verbos[6] negativos:
mãrí /bãdí/ *não estar, estar ausente*

[5] Muitas línguas do alto rio Negro (baré, warekena, língua geral, além de várias línguas da família tukano) usam esta palavra. Tudo sugere que **neê** é um empréstimo do português *nem*.
[6] Estes dois verbos derivam provavelmente da mesma raiz negativa **/bãá-/**: **mãrí /bãá-di/** *não estar* e **moó /bãá-o/** *não ter (causar não estar)*, com **=di** *voz média* e **-o** *causativo* (cf. 14.1-2.). **/bãá-o/** torna-se **/bõó/** conforme a regra de assimilação **Ass1** e a regra de estrutura bimoraica **Bim** (cf. 2.6.).

moó /bõó/ *não ter, não possuir*

cuja semântica é pouco compatível com o sufixo negativo **-ti**.

6.2. O assertivo *-kã'*

O sufixo verbal **-kã'** *assertivo* é de uso extremamente comum. Serve geralmente de modalidade exclamativa para expressar a surpresa. Podemos traduzi-lo por: "não é que...!", "oh!", "sim!" ou por um simples ponto de exclamação. Com o verbo **basâ** *dançar*, compare:
basâmo /basâ-bõ/ *(ela) dança* (dito em frente da evidência visual)
basâkã'mo! /basâ-kã'-bõ/ *oh, (ela) dança!* (id., enquanto todos pensavam que não sabia dançar)

Portanto, usa-se cada vez que acontece algo estranho ou inesperado, ou para salientar uma desobediência:

(171) **wesé tãramígɨ' kɨ̃ɨ̃ basi dɨtêkã'ami!**
/wesé tãdá- bĩ - gɨ' kɨ̃ɨ̃+ basi dɨtê -kã'- a-bĩ /
roça roçar-frust-impl.ms ele+próprio cortar-ass-p.rec.vist.3-fsg
roçando, não é que ele se cortou!

(172) **mɨ'ɨ̂ tẽrê-pi'i weékã'apɨ!**
/bɨ̃'ɨ̂ tẽdê-pi'i weé -kã'- a-pɨ/
tu paneiro fazer-ass-p.rec.vist
puxa, você fez um paneiro! (eu pensava que você não sabia fazer)

(173) **ma'û, Péduru apêkã'mi!**
/bã'û Pédudu apê -kã'- bĩ /
mãe Pedro brincar-ass-pres.vist.3-fsg
mãe, Pedro brinca! (você tinha proibido)

(174) **keoró bu'êkã' boosamo!**
/keó-do bu'ê -kã'+ boo - sa-bõ /
certo ensinar-ass+potencial-pres.sent.3+fsg
(ela) ensinaria certo sim! (réplica aos que pensam que ela não sabe ensinar)

Usa-se também como enfático com os verbos dependentes **pe'o** *(fazer) tudo*, **nu'ku** *(fazer algo) continuamente*, etc.:

(175) **wa'îre ba'â pe'okã'amo**
/wa'î- de ba'â +pe'o- kã'- a-bõ /
peixe-ref comer+todo-ass-p.rec.vist.3+fsg
(ela) comeu todo o peixe

(176) **do'âti nu'kukã'mi**
/ do'âti + dũ'ku - kã'- bĩ /
estar doente+continuamente-ass-pres.vist.3-fsg
(ele) continua doente

Pode ser usado com o sufixo negativo **-ti**, e já vimos que a combinação **-ti-kã'** é obrigatória com os sufixos do imperativo (sobre o imperativo negativo, cf. 5.6.).

Com os sufixos imperativos, mas sem o negativo **-ti**, o assertivo **kã'** tem um uso igualmente muito produtivo. Exemplos com **kãrí** *dormir*, **duhî** *estar sentado* e **apê** *brincar*, compare:
kãriyá! /kãdí-ya/ *durma!*
kãríkã'ya! /kãdí-kã'-ya/ *durma sim! (o interpelado não quer dormir)*
duhîya! /duhî-ya/ *sente-se!*
duhîkã'ya! /duhî-kã'-ya/ *fique sentado (sossegado)! (o interpelado não está sentado sossegadamente ou quer se levantar)*
apêya! *brinque!*
apêkã'ya! *brinque sim! (o interpelado não quer brincar por ter uma bola feia)*

6.3. O frustrativo *-mi*

O sufixo verbal **-mi** *frustrativo* expressa que a situação verbal realiza-se ou realizou-se sem dar o resultado esperado. Podemos traduzi-lo por: "sem resultado", "em vão", "para nada", "fiquei frustrado (fazendo algo) ..." ou "...mas". Por exemplo:

(177) **mɨ'îre ko'têmiapɨ**
/bɨ̃'î- de ko'tê - bĩ - a-pɨ /
tu -ref esperar-frust-p.rec.vist
(eu) te esperei em vão (eu te esperei mas: você não veio)

(178) **mɨ'îre a'mâmiamo**
/bĩ'î- de ã'bâ - bĩ - a-bõ /
tu -ref procurar-frust-p.rec.vist.3+fsg
(ela) te procurou para nada (ela te procurou mas: não te achou)

(179) **da'ramiáma**
/da'dá - bĩ - a-bã /
trabalhar-frust-p.rec.vist.3pl
trabalharam sem resultado (trabalharam mas: não foram pagos)

(180) **bu'êmiati?**
/ bu'ê - bĩ - a -ti /
estudar-frust-p.rec.vist-int
puxa, (você) estudou?! (nem parece, só tem notas baixas!)

(181) **apêmi'kɨ wioá wa'ami**
/ apê - bĩ - 'kɨ wió-a+ wa'a - bĩ /
brincar-frust-nom.-fsg.perf sério+ingressivo-pres.vist.3-fsg
aquele que estava brincando tornou-se sério (brincava mas não se divertiu)

O frustrativo combina-se frequentemente com os sufixos implicativos (cf. capítulo 10). Talvez seja o uso mais comum dele nas conversações diárias. Ele entra então, com os sufixos implicativos (mesmo sujeito ou câmbio de sujeito), em uma construção equivalente às orações concessivas ("mesmo que A, B") ou antitéticas ("A, porém não B"):

(182) **na'î-tĩ'amikã, mɨ'îre ĩ'yâ masiapɨ**
/ dã'î-tĩ'a - bĩ - kã́ bɨ̃'î-de ĩ'yâ+bãsi - a-pɨ /
estar escuro-frust-impl.cs tu-ref reconhecer-p.rec.vist

apesar de ser escuro, reconheci-te (é escuro mas eu te reconheci)

(183) **yahatímikã yɨ'ɨ̂re diô'karã niiáma**
/ yahá- ti - bĩ - kã́ yɨ̃'ɨ̂-de diô - 'ka-dã dĩĩ- a-bã /
roubar-neg-frust-impl.cs eu-ref acusar-nom.pl.perf ser-p.rec.vist
(eles) me acusaram, mesmo que não tivesse roubado (não roubei mas fui acusado)

(184) **yɨ'ɨ̂ pako bo'teâ ba'âmigo' ã'ká wa'amo**
/yɨ'ɨ̂+pako bo'tê-a ba'â - bĩ - go' ã'ká + wa'a - bõ /
eu + mãe aracu comer-frust-impl.ms engasgar-se+ingressivo-pres.vist.3+fsg
minha mãe engasgou-se comendo o aracu (come o aracu mas não dá um bom resultado)

(185) **po'ká duârã a'tîmirã', miriâ wa'aasɨ**
/po'ká duâ -dã a'tî- bĩ - dã' bĩdî-a+ wa'a - a-sɨ /
farinha vender-pl vir-frust-impl.ms alagar+ingressivo-p.rec.sent
vindo para vender farinha, alagamos (vimos para vender mas perdemos a farinha)

Às vezes, a situação frustrada nem se realiza completamente; pode ser interrompida, abortada, defeituosa (184, 185) ou simplesmente impedida por outra (186, 187):

(186) **diâyɨ yɨ'ɨ̂re kũ'rîmikãtĩ...**
/ diâyɨ yɨ'ɨ̂- de kũ'dî - bĩ - kã-tĩ /
cachorro eu-ref morder-frust-p.cad.sent.3-fsg
o cachorro ia me morder... (mas eu consegui fugir)

(187) **kã'ró dɨtêmiasɨ**
/kã'dó dɨtê - bĩ - a-sɨ /
pouco cortar-frust-p.rec.sent
quase me cortei... (mas consegui evitar o acidente)

6.4. O durativo *-'kũ*

O sufixo verbal **-'kũ** *durativo* indica que a situação se repete ou se repetia sempre. Este tipo de frequentativo/continuativo convém particularmente bem para as situações acontecidas num passado caducado; podemos traduzi-lo por "frequentemente", "continuamente", "habitualmente" ou por um imperfeito:

(188) **dɨporópɨre a'ti nukú-paro pũûro õhé'kũpa'ro**
/ dɨpó-do - pɨ -de a'tí+nuku-pado pũû-do õhé -' kũ - pa'do /
antigamente-foc-ref esta+ praia muito desgastar-se- dur -p.cad.rep.
dizem que, antigamente, esta praia se desgastava muito

(189) **bɨkɨ́ to'âtɨ paâ'kũpɨ'**
/bɨkɨ́ to'â-tɨ paâ -' kũ - pɨ' /
velho trocano tocar- dur -p.cad.rep.3-fsg
dizem que o velho tocava trocano (tambor)

(190) **Yusé masá ãyú'kũwĩ**
/Yusé bãsá ãyú -'kũ - wĩ /
José gente ser bom- dur -p.cad.vist.3-fsg
José era gente boa (morreu,...)

A não ser no passado caducado, o emprego do durativo é muito limitado:

(191) **apê'kũmi**
/ apê -'kũ - bĩ /
brincar- dur -pres.vist.3-fsg
(ele) brinca demoradamente (com calma)

Com o centrípeto **-'ti** (cf. 6.6.), obtemos a combinação: **-'kũ-'ti-kũ** (a forma durativa é repetida e a laringalização do último sufixo não é audível). Esta combinação expressa que uma situação vinha se desenvolvendo num passado remoto:

(192) **naâ sahâtiro wesêri paâ'kũ'tikũpã maha**
/dãâ sahâ-ti-dó wesê-di paâ -'kũ-'ti -kũ- pã + bãha /
eles com vagar roça-pl derrubar- dur-C<-dur-p.cad.ded.3pl+ afinal
e afinal, eles (os ancestrais) vinham derrubando roças (mitologia)

6.5. A incerteza *-sa*

O sufixo verbal **-sa[1]** *incerteza* é pouco usado. Expressa a incerteza ou a dúvida do locutor em frente da situação. Os sufixos **-sa[1]** e **-sa** *modalidade sentida* (cf. 5.2.) são homófonos. No entanto, o seu comportamento tonal é diferente: enquanto **-sa** é tonalmente transparente (cf. 5.2.), **-sa[1]** é regular. Pode ser traduzido por: "talvez", "pode ser que...", "não sei se...". Exemplo com **apó** *consertar*:
apo-sá[1]-sa-mi *pode ser que (ele) esteja consertando*

Usa-se com qualquer sufixo modal, embora seja mais comum com a modalidade sentida. Emprega-se também com o futuro de predição. É incompatível com os sufixos interrogativos:

(193) **da'rágɨ' weesarí? - ũûba', da'rágɨ'ta weesásami**
/da'dá -gɨ' weé- sa -di ũûba' da'dá - gɨ' -ta weé -sa[1]- sa -bĩ /
trabalhar-impl.ms v.aux.-pres.sent-int não sei trabalhar-impl.ms-esp v.aux-inc-pres.sent.3-fsg
(ele) está trabalhando? - não sei, talvez esteja trabalhando

(194) **mɨ'îre teeré werê tohasaapɨ**
/bɨ'î-de teé-de wedê +toha- sa[1] - a-pɨ /
tu -ref ana-ref contar+ já - inc -p.rec.vist.outras pessoas
não sei se já te contei isso

No futuro (aqui, o conjunto de sufixos **-gɨ-sa-mi**, cf. 6.9.), compare:
apêgɨsami /apê-gɨ-sa-bĩ/ *(ele) brincará*
apêgɨsasami /apê-gɨ-sa[1]-sa-bĩ/ *não sei se (ele) brincará*

O leitor poderá comparar o funcionamento de **-sa[1]** com a construção repetitiva em **-sa** [cf. 5.2. e exemplos (110, 111)], esta última construção tendo quase o mesmo sentido que a construção em **-sa[1]** e sendo muito mais usada.

6.6. O centrípeto *-'ti* e o centrífugo *-a'*

Os sufixos verbais **-'ti** *centrípeto* e **-a'** *centrífugo*[7] indicam, respectivamente, que a situação realiza-se dirigindo-se para o falante ou afastando-se dele. Estes sufixos empregam-se com todo tipo de verbos: os de movimento orientado ("voltar", "subir", descer", "entrar", "sair", "atravessar", etc.) ou os sem movimento orientado ("chorar", "brincar", "andar", "correr", "carregar", "quebrar", "dizer", etc.). As construções são um pouco diferentes nos dois casos.

6.6.1. Vejamos, primeiro, o caso dos **verbos sem movimento orientado**. Com **apê** *brincar*, compare:
apêmi /apê-bĩ/ *(ele) brinca*
apê'timi /apê-'ti-bĩ/ *(ele) vem brincando*
apê'kã'timi /apê-'kã-'ti-bĩ/ *(ele) vem brincando*
apê'kãa'mi /apê-'kã-a'-bĩ/ *(ele) vai brincando*

Como se vê pelos exemplos acima, o sufixo **-kã'** *sem rumo preciso, seguindo* pode acompanhar o centrípeto **-'ti**, sem grande mudança de significação. No entanto, a presença de **-'kã** é quase sempre necessária com o centrífugo **-a'**, dando a combinação centrífuga **-'kã-a'**. Outros exemplos:

(195) **diâyɨre wehê'timi**
/ diâyɨ -de wehê- 'ti - bĩ /
cachorro-ref puxar-C< -pres.vist.3-fsg
(ele) vem puxando o cachorro

(196) **wekɨ̂ marî tiro pe'e duû siti'kã'timi**
/wekɨ̂ bãdî+ tido + pe'e duû+siti-'kã - 'ti - bĩ /
boi nós+perto+câmbio retroceder- -C< -pres.vist.3-fsg
o boi vem de ré em nossa direção

(197) **ahûro yoó'kãa'ya!**
/ahû-do yoó -'kã- a' -ya/
saco ter na mão- - C>-imp
leve o saco na mão! (lit. *vá tendo o saco na mão!*)

(198) **mimî a'tó durû maha'kãa'gɨ' akôromi**
/ bĩbî a'tó dudû + bãha -'kã- a' - gɨ' akô-do - bĩ /
beija-flor aqui bater asas+de repente- -C>-impl.ms ouvir-se-pres.vist
ouve-se o beija-flor passar de repente aqui batendo as asas

Com verbos de processo, o centrípeto **(-'kã)-'ti** pode levar um sentido incoativo, descrevendo o começo do processo ou da transformação ("centrípeto temporal"):

(199) **ohô butî'kã'tiro' weé'**
/ ohô butî -'kã-'ti - do' weé - ' /
banana maduro- - C<-impl.ms v.aux.-pres.vist.outras pessoas
a banana está começando a amadurecer ("vem amadurecendo")

[7] Estes sufixos derivam, respectivamente, dos verbos **a'tî** *vir* e **wa'â** *ir*.

(200) **ni’kâ nɨmɨ niî’tiro,...**
/dĩ’kâ+dɨ̃bɨ dĩî- ’ti - dó /
um +dia ser-C< -nom.lugar
no começo de um dia,... (lit. *um dia começando a estar*)

6.6.2. Os **verbos de movimento orientado** levam quase sempre os sufixos centrípeto ou centrífugo (ou o equivalente deles: os verbos dependentes **eta** *atingir/centrípeto* ou **eha** *atingir/centrífugo*). Com esses sufixos, o sufixo **-’kã** não pode ser usado (salvo o último verbo na lista abaixo) e a laringalização do centrípeto desaparece (**-’ti → -ti**). Os principais verbos orientados são:

tohá-ti *vir voltando*	**tohá-a’** *ir voltando*
mahá-ti *vir subindo (caminho)*	**mahá-a’** *ir subindo*
mɨhá-ti *vir trepando (árvore)*	**mɨhâ-a’** *ir trepando*
bu’á-ti *vir descendo (caminho)*	**bu’á-a’** *ir descendo*
dihá-ti *vir descendo (árvore)*	**dihá-a’** *ir descendo*
pẽ’á-ti *vir atravessando*	**pẽ’â-a’** *ir atravessando*
sãhá-ti *vir entrando*	**sãhá-a’** *ir entrando*
wihá-ti *vir saindo*	**wihá-a’** *ir saindo*
mií-ti, **mií-’kã-’ti** *trazer*	**miá-a’** *levar*

Por exemplo:

(201) **yukîgɨpɨ niî’kɨ dihátimi**
/yukî-gɨ-pɨ dĩî - ’kɨ dihá - ti - bĩ /
árvore -foc estar-nom.-fsg.perf descer-C<-pres.vist.3-fsg
(ele) vem descendo da árvore (lit. *quem estava na árvore vem descendo*)

(202) **mɨsâ mipî mɨhâa’ya!**
/ bɨ̃sâ bĩpî bɨ̃hâ - a’ - ya /
vocês açaí trepar-C>-imp
vocês, vão trepando no açaizeiro! (o locutor está no chão)

6.6.3. Com o centrípeto, o imperativo **-ya** torna-se geralmente **-a**:
sãhátia! /sãhá-ti-a/ *venha entrando!*
wihátia! /wihá-ti-a/ *venha saindo!*
miítia! /bĩí-ti-a/ *traga-o!*
omá’kã’tia! /õbá-’kã-’ti-a/ *venha correndo!* (**omá** *correr*)

Os sufixos centrípeto e centrífugo são compatíveis com o sufixo negativo **-ti**. Com o verbo **apê** *brincar*:
apêmi /apê-bĩ/ *(ele) brinca*
apêtimi /apê-ti-bĩ/ [àa̰pɛ́:tìmĩ̀] *(ele) não brinca*
apê’timi /apê-’ti-bĩ/ [àa̰pɛ́ɛ̰̀tìmĩ̀] *(ele) vem brincando*
apê’titimi /apê-’ti-ti-bĩ/ *(ele) não vem brincando*

6.7. O propagativo *-o'*

O sufixo verbal **-o'** *propagativo* é provavelmente uma forma abreviada do verbo **o'ôo'** *enviar, mandar, fazer partir*.[8] Indica que a situação verbal é enviada, propagada até um certo ponto. Podemos sempre traduzi-lo por: "fazer ir, enviar, mandar, propagar (uma situação para algum lugar)". Alguns exemplos:

(203) **poêwa bɨsîo' yoarópɨ**
/ poê-wa bɨsî - o' - ' yoâ - dó -pɨ /
cachoeira soar-prop-pres.vist longe-nom.lugar-foc
a cachoeira propaga o seu barulho ao longe

(204) **mɨ'ĩ makɨre apêye noho sẽrío'ya!**
/bɨ̃'ĩ+bãkɨ-de apê-ye+dõho sẽdí - o' -ya /
tu +filho-ref algo pedir-prop-imp
mande o teu pedido (de algo) a teu filho! (vou viajar para onde ele está e transmitirei teu pedido)

(205) **wiôgɨ mɨsâre wesé wee dutío'ami**
/wiô-gɨ bɨ̃sâ -de wesé weé + duti - o' - a-bĩ /
chefe vocês-ref roça fazer+ordenar-prop-p.rec.vist.3-fsg
o chefe mandou vocês fazerem uma roça (lit. *enviou a ordem de fazer roça para vocês*)

(206) **Káru yahasehére nɨ'káo'wĩ**
/Kádu yahá - sehé - de dɨ̃'ká - o' - wĩ /
Carlos roubar-nom.inan.pl-ref começar-prop-p.cad.vist.3-fsg
Carlos começou o costume de roubar (lit. *propagou o seu início de roubos para outras pessoas: ele começou a roubar, os outros continuaram*)

(207) **mɨ'ĩre e'katío'ami**
/bɨ̃'ĩ- de e'ká-ti- o' - a-bĩ /
tu -ref alegre-prop-p.rec.vist.3-fsg
enviou-te votos de felicidades (lit. *enviou para você alegria*)

O sufixo propagativo é muito empregada com todas as atividades manuais que precisam de uma propagação espacial para ser realizadas. A partir de **wa'mé** *enrolar*, obteremos: **wa'mé-o'** *ir enrolando (corda,...)*. Outros exemplos:

(208) **tɨ̃'rêo'ya!**
/tɨ̃'dê - o' -ya/
rasgar-prop-imp
vá rasgando!

(209) **yẽkâgɨ yũûo'ya!**
/yẽkâ-gɨ yũû - o' - ya/
perna estender-prop-imp
estenda a perna! (lit. *vá estendendo a perna!*)

[8] O verbo **o'ôo'** *enviar, mandar* deriva provavelmente do verbo **wa'â** *ir*, do sufixo **-a'** *ingressivo* (forma abreviada) e do sufixo **=o** *causativo*: **wa'â-a'** *partir, ir embora* → **wa'â-a'=o** *fazer partir* → **o'ôo'o** → **o'ôo'**, conforme as regras **Ass1**, **Bim**, supressão de **w** (cf. 2.6.) e simplificação em **o'ôo'**.

O propagativo é quase de regra com os verbos de atividade formados a partir de verbos de movimento sufixados pelos causativos **-o**, **-rẽ'** ou **-rõ**:

wihá *sair*	**wĩrô-o'** *fazer sair*
dihá *descer (árvore)*	**dihó-o'** /dihá-o-o'/ *fazer descer, abaixar*
bu'á *descer (caminho)*	**bu'úrẽ'(-o')** *fazer descer*

Às vezes, o propagativo muda sensivelmente o significado do radical:

doké *atirar em (algo)*	**dokéo'** *atirar (algo)*
ĩ'yâ *ver, olhar*	**ĩ'yâo'**, **ĩ'yôo'** *ver de longe, avistar*
sĩ'á *emitir luz*	**sĩ'áo'**, **sĩ'óo'** *alumiar, focar*
wehê *puxar* (agente em movimento)	**wehêo'** *puxar* (agente imóvel)
tuáa' *empurrar* (agente em movimento)	**tuóo'** *empurrar* (agente imóvel)
miáa' *levar*	**miáa'o'**, **mióo'** *levar a um certo ponto, deslocar*

O sufixo propagativo é incompatível com os sufixos centrípeto e centrífugo.

6.8. Os sufixos de gênero e número *-gɨ*, *-go*, *-rã* e *-ro*

Os sufixos de gênero e número **-gɨ**, **-go**, **-rã** e **-ro** da classe 10 fecham o verbo na modalidade reportativa (cf. quadro geral do capítulo 5). Os mesmos sufixos empregam-se em várias construções (analíticas ou não) e no futuro (cf. 6.9.). Nestas construções, os sufixos não fazem mais referência à pessoa:

-gɨ *-fsg/an*	**-go** *+fsg/an*	**-rã** /-dã/ *pl/an*	**-ro** /-do/ *inan*

6.8.1. A primeira construção com esses sufixos é analítica. Indica um **movimento efetuado na finalidade, no propósito de fazer algo**: o verbo que expressa a situação a ser realizada no fim do movimento leva esses sufixos de gênero/número e é seguido por um **verbo de movimento orientado** sufixado por qualquer forma de modalidade ou de imperativo. Os verbos de movimento orientado mais usados neste tipo de construção são: **wa'â** *ir*, **a'tî** *vir*, **etâ** *chegar, atingir (centrípeto)* e **ehâ** *chegar, atingir (centrífugo)*. Exemplos com o verbo **ba'â** *comer*:

ba'â-gɨ wa'â-mi *(ele) vai (para) comer*	[pres.vist.3-fsg]
ba'â-gɨ a'tî-mi *(ele) vem comer*	[pres.vist.3-fsg]
ba'â-go etâ-mo *(ela) chega para comer*	[pres.vist.3+fsg]
ba'â-gɨ eha-á-pɨ *(eu, homem) fui comer*	[p.rec.vist.outras pessoas]
(lit. *cheguei lá para comer, dito no regresso*)	
ba'â-go eha-á-pɨ *(eu, mulher) fui comer*	[p.rec.vist.outras pessoas]
ba'â-gɨ wa'â-' *(eu, homem) vou comer*	[pres.vist.outras pessoas]
ɨsâ ba'â-rã wa'â-' *nós vamos comer*	[pres.vist.outras pessoas]
ba'â-gɨ wa'â-ya! *vá comer! (interpelado masculino)*	(**-ya** *imperativo*)
ba'â-gɨ a'ti-á! *venha comer! (interpelado masculino)*	(**-a** *imperativo*)

Note que cada verbo da construção (verbo indicando a situação a realizar e verbo de movimento) forma uma unidade tonal, cada verbo guardando o seu tom próprio.
Estes sufixos são tonalmente regulares: capturam o tom das raízes verbais de melodia ascendente. Com **apó** *consertar*:
apo-gí a'ti-á! *venha consertá-lo!*

São tonalmente diferentes dos sufixos implicativos/mesmo sujeito (**-gɨ'**, **-go'**, **-rã'**, **-ro'**), que estudaremos no capítulo 10, e dos sufixos nominalizadores (**-gɨ́**, **-gó**, **-rã́**, **-ró**), que estudaremos no capítulo 11.
Exemplo com inanimado:

(210) **yukîsɨ ehâro wa'â'**
/yukɨ̂-sɨ ehâ - do wa'â- ' /
canoa chegar-inan ir -pres.vist.outras pessoas
a canoa vai chegar

Outro exemplo:

(211) **no'ó ehaáti mɨ'ĩ?** **- u'agɨ́ ehaápɨ**
/dõ'ó ehâ - a -ti bɨ̃'ɨ̂ u'á - gɨ ehâ - a-pɨ /
onde chegar-p.rec.vist-int tu tomar banho- -fsg chegar-p.rec.vist.
aonde você foi? *- fui tomar banho*
(lit. *você chegou onde? - cheguei para tomar banho*)

Esta construção não se limita aos quatro verbos de movimento acima. Pode ser usada com qualquer verbo de movimento orientado (cf. lista em 6.6.2.):

(212) **õ'rerã́ wiháa'wã**
/õ'dé -dã wihá- a' - wã /
urinar- pl sair -C>-p.cad.vist.3pl
sairam para urinar

6.8.2. Este jogo de sufixos de gênero/número aparece também em uma construção sintética. Sufixados depois de qualquer forma de modalidade, eles expressam que o sujeito realiza/realizou a situação por própria iniciativa sua e sem a responsabilidade do locutor ou de outras pessoas:

(213) **koô apêmogo**
/koô apê - bõ - go /
ela brincar-pres.vist.3+fsg - +fsg
ela brinca por própria iniciativa

Caso o locutor for também o sujeito da situação verbal, a construção expressa que ele a realiza/realizou sem depender de ninguém:

(214) **yɨ'ĩ apê'gɨ**
/yɨ'ɨ̂ apê - ' - gɨ /
eu brincar-pres.vist.outras pessoas- -fsg
eu brinco por conta própria

Outro exemplo:

(215) **apêrã mɨ'ĩre yabirã́ niîsamarã**
/apê-dã bɨ̃'ɨ̃- de yabî - dã́ dĩî- sa-bã - dã /
outros tu -ref não gostar-nom.pl ser-pres.sent.3pl- pl
pode ser que outros não gostam de você (se você continua deste jeito)

6.9. Os futuros

Existem duas construções bastante semelhantes para expressar futuros. Ambas fazem uso dos sufixos de gênero/número estudados em 6.8.

6.9.1. O **futuro de predição** forma-se com a combinação de três sufixos:
- um sufixo apropriado de gênero/número: **-gɨ**, **-go**, **-rã**, **-ro**;
- uma forma de modalidade sentida no presente: **-sa-mi** *3-fsg*, **-sa-mo** *3+fsg*, **-sa-ma** *3pl*, **-sa-'** *outras pessoas*, **-sa-ri** *forma interrogativa*.

Essa combinação expressa uma predição ou uma conjectura futura na 1ª pessoa ou qualquer tipo de futuro (predição ou intenção) nas outras pessoas. Exemplos com **apê** *brincar* e **apó** *consertar*:
yɨ'î apê-gɨ-sa-' *eu (homem) brincarei (se eles me deixarem)*
yɨ'î apê-go-sa-' *eu (mulher) brincarei*
ɨsâ apê-rã-sa-' *nós brincaremos*
apê-gɨ-sa-mi *(ele) brincará*
apê-go-sa-mo *(ela) brincará*
apê-rã-sa-ma *(eles, elas) brincarão*
apê-gɨ-sa-ri? *(você, ele) brincará?*
apê-go-sa-ri? *(você, ela) brincará?*
apê-rã-sa-ri? *(vocês, eles, elas) brincarão?*
apo-gí-sa-mi *(ele) consertará*
apo-gó-sa-' *(eu, mulher) consertarei, (você, mulher) consertará*
apo-rá-sa' *(nós) consertaremos, (vocês) consertarão*

Exemplo com inanimado (**mutúru** /bũtúdu/ *motor*, **da'rá** /da'dá/ *funcionar*):
mutúru da'ra-ró-sa-' *o motor funcionará*

O **futuro negativo** pode ser formado com o sufixo **-ti** *negativo*:
apê-ti-gɨ-sa-mi *(ele) não brincará*
apê-ti-gɨ-sa-ri? *(ele, você) não vai brincar?*

Esta construção não é muito usada (exceto com as formas interrogativas, como no último exemplo). O futuro negativo forma-se muito mais frequentemente com a combinação **-so-me** /-so-bẽ/ *futuro negativo* para qualquer pessoa, gênero ou número:
apê-so-me *não brincarei, não brincarás, não brincará, não brincaremos, não brincarão*
apo-so-mé *não consertarei, não consertarás,* etc.

Note que o primeiro sufixo **-so**, como o sufixo **-sa** (cf. 5.2.), é tonalmente transparente, deixando passar o tom ascendente da raiz verbal para o segundo sufixo **-me**, como no último exemplo. Isso sugere que o primeiro sufixo **-so** deriva do formador de futuro **-sa**, o segundo sufixo **-me** sendo uma marca negativa (cf. em 9.16. um negativo formalmente semelhante: **mehe** *negativo nominal*).
A formação do futuro com uma combinação de três sufixos (gênero/número +modalidade+pessoa/gênero/número): **-gɨ-sa-mi**, etc., mostra uma semelhança formal com todas as construções analíticas da língua que não pode ser obra do acaso. Uma dessas construções analíticas, com os verbos de movimento orientado, foi descrita em 6.8.1. Semanticamente, expressa que um movimento é efetuado a fim de realizar uma ação ("ele vem comer"), ou, melhor dito, que a situação realiza-se depois de um certo movimento ("ele come depois de vir"). Esta realização posterior a um movimento

assemelha-se semanticamente a um futuro. Todos esses fatos estruturais e nocionais sugerem que a combinação de três sufixos no futuro origina-se, diacronicamente, de uma construção analítica:
apêgɨ saamí /apê-gɨ saa-bĩ́/ → **apêgɨ saami** /apê-gɨ+saa-bĩ/
→ **apêgɨsami** /apê-gɨ-sa-bĩ/ *(ele) brincará*

com um hipotético verbo **saá** *futuro* perdendo o seu tom próprio (o que nunca acontece na construção analítica com verbos de movimento).

6.9.2. O **futuro de intenção** usa-se somente com a 1ª pessoa do singular ou a 1ª pessoa do plural exclusiva (**yɨ'î** *eu*, **ɨ̃sâ** *nós exclusivo*). Expressa a intenção do locutor. Forma-se com a combinação de três sufixos:
- um sufixo de gênero/número animado: **-gɨ** *-fsg*, **-go** *+fsg*, **-rã** *pl.*;
- o sufixo **-ti** (de origem desconhecida);
- o sufixo **-'** ou o sufixo **-ti** para as formas interrogativas

Por exemplo:
(yamiákã) apê-gɨ-ti-' *amanhã vou brincar* (**yamiákã** /yãbî-akã/ *amanhã*)
(yamiákã) apê-go-ti-' *amanhã vou brincar (mulher falando)*
(yamiákã) apê-rã-ti-' *amanhã (nós, mas não você) vamos brincar*
(yamiákã) apê-gɨ-ti-ti? *amanhã (você) vai brincar?*

Com as outras pessoas, para expressar a intenção, usa-se o futuro de predição.
O negativo em **-ti** é extremamente raro: **apê-ti-gɨ-ti** *não vou brincar*. Prefere-se utilizar o futuro negativo em **-so-me**.

6.9.3. O futuro de intenção entra na formação de um terceiro tipo de futuro: o **futuro imediato**. Podemos traduzi-lo por: "a ponto de", "prestes a", "pronto a". Constrói-se combinando:
- os dois primeiros sufixos do futuro de intenção: **-gɨ-ti**, **-go-ti**, **-rã-ti**, **-ro-ti**;
- e o sufixo implicativo/mesmo sujeito correspondente: **-gɨ'**, **-go'**, **-rã'**, **-ro'**.

O futuro imediato é assim formado por três sufixos:**-gɨ-ti-gɨ'**, **-go-ti-go'**, **-rã-ti-rã'**, **-ro-ti-ro'**. Exemplos com **apê** *brincar* e **da'rá** /da'dá/ *trabalhar, funcionar*:
apê-gɨ-ti-gɨ' *a ponto de brincar (masculino singular)*
apê-go-ti-go' *a ponto de brincar (feminino singular)*
apê-rã-ti-rã' *a ponto de brincar (plural)*
da'ra-ró-ti-ro' *a ponto de funcionar*

As formas resultantes não constituem orações independentes. Usam-se como orações subordinadas. Por exemplo:

(216) **biâtɨ ba'â wã'kaapa'rã, peêrure sĩ'rirã́tirã'**
/ biâ - tɨ ba'â +wã'ka- a-pa'-dã peêdu -de sĩ'dí - dã-ti-dã' /
pimenta-fpan comer+ cedo -p.rec.rep.3pl caxiri-ref beber-futuro imediato
de manhã cedo, dizem que eles comeram quinhampira (panela de pimenta), prestes a beber caxiri (bebida fermentada)

ou frequentemente em construção analítica com o verbo auxiliar **weé**:
apê-gɨ-ti-gɨ' wee-mí *(ele) está a ponto de brincar*
apê-go-ti-go' wee-mó *(ela) está a ponto de brincar*
apê-rã-ti-rã' wee-má *(eles, elas) estão a ponto de brincar*
apê-gɨ-ti-gɨ' wee-wĩ́ *(ele) esteve/estava a ponto de brincar (num passado remoto)*

O último exemplo e o exemplo (216) mostram que o “futuro imediato” é um futuro imediato relativo: relativo ao tempo indicado pelo verbo principal, que pode ser passado, presente ou futuro.

7

Verbos dependentes

Os **verbos dependentes** foram definidos em 4.2. São verbos que fonologicamente são **átonos** e, morfologicamente, seguem um verbo que lhes serve de **complemento**. Portanto, a ordem é sempre:

v.(in)dependente + v.dependente

O verbo que precede um verbo dependente pode ser independente ou dependente. Neste último caso, há uma série de verbos dependentes:

v.indep. + v.dep.^{n} + v.dep.$^{n-1}$ + ... + v.dep.^{2} + v.dep.^{1}

cada verbo dependente sendo completado pelo verbo complemento que o precede, até alcançar, neste movimento de direita para a esquerda, o verbo independente. Este último não é completável e fecha definitivamente o ciclo no começo da locução verbal.
Com n=1 (v.indep.+v.dep.), já demos em 4.2. os exemplos (11, 12, 14) com os verbos dependentes **mii** /bĩi/ *tirar (fazendo algo)* e **bi'a** *fechar (fazendo algo)*:

(11') **dotê mii** /dotê+bĩi/ *tirar bicando* (**dotê** *bicar*)
(12') **oho mií** /ohó+bĩi/ *tirar mergulhando* (**ohó** *mergulhar)*
(14') **wehê bi'a** /wehê+bi'a/ *fechar puxando* (**wehê** *puxar*)

Nota-se que, em (12'), o verbo dependente **mii**, apesar de ser fonologicamente átono, capturou o tom ascendente da raiz verbal **ohó**.

♦ Exemplo com n=3:

(217) **pisána kasâwa bu'ipɨ bu'pu mɨhá peha ehami**
/pisána kasâ-wa+ bu'i -pɨ bu'pú+ bɨ̃ha + peha + eha - bĩ /
gato jirau +em cima-foc pular+subir +em cima+ ir até -pres.vist.3-fsg
o gato pulou em cima do jirau (lit. *o gato foi até se colocar em cima do jirau subindo pulando*)

Neste exemplo, o verbo dependente n°1 **eha** *ir até (fazer algo)* é completado pelo verbo **pehâ** *colocar-se em cima de*, dando: **pehâ+eha** *ir até colocar-se em cima de (algo)*. Por sua vez, o verbo dependente n°2 **peha** *colocar-se em cima (fazendo algo)* é completado pelo verbo **mɨhâ** *subir*, dando: **mɨhâ+peha** *colocar-se em cima subindo*. Enfim, o verbo dependente n°3 **mɨha** *subir (fazendo algo)* é completado pelo verbo **bu'pú** *pular*, dando: **bu'pu+mɨhá** /bu'pú+bɨ̃ha/ *subir pulando*. O verbo independente **bu'pú** não é completado e fecha à esquerda a locução verbal. Nota-se que, apesar dos três verbos

dependentes serem átonos, o verbo independente de melodia ascendente **bu'pú** segue a regra geral de deslocamento tonal e " entrega" o seu tom ao primeiro verbo dependente que o segue (aqui, **mɨha**).
As séries de dois ou três verbos dependentes são frequentes na língua ye'pâ-masa. No entanto, as séries de mais de três verbos dependentes são raras.
Neste capítulo, examinaremos atentamente todas as características dos verbos dependentes e os critérios que permitem separá-los dos sufixos e das construções analíticas (7.1.), antes de apresentar uma lista representativa de verbos dependentes e o tipo de relação semântica que eles mantêm com o verbo (in)dependente que os precede (7.2.). Trataremos separadamente de alguns verbos dependentes (7.3-7.) por eles terem desenvolvido um semantismo que os aproximam das "categorias gramaticais" (voz, aspecto, etc.). A apresentação de algumas irregularidades tonais termina o capítulo.

7.1. As características dos verbos dependentes

7.1.1. Os **verbos dependentes** e os **sufixos verbais** compartilham duas características básicas: são átonos e precedidos por um verbo. No entanto, os vários argumentos apresentados em 4.4. permitem manter uma distinção fundamental entre verbo dependente e sufixos. Com efeito, vimos que:
1) Os sufixos são foneticamente mais ligados à raiz verbal que os verbos dependentes, já que:
- a contaminação nasal realiza-se entre uma raiz intrinsecamente nasal e seu sufixo, mas não entre um verbo e o verbo dependente que o segue.
- morfemas começando pelo fonema **g** ou pelo fone [r] são sufixos e nunca verbos dependentes. Por exemplo, **-ya** *imperativo*, **-gɨ** *-fsg* e **-ro** /-do/ *inan* são sufixos por serem todos contaminados por uma raiz verbal intrinsecamente nasal. Além disso, o segundo morfema começa por /g/ e o terceiro, por [r].
Pelo contrário, **+yuu** *(fazer algo) na espera*, **+di'a** [dɪ̰à] *completamente* e **+no'o** /+dõ'o/ *passivo* são verbos dependentes por nunca serem contaminados por uma raiz verbal intrinsecamente nasal e pelo fato de que os dois últimos começam, respectivamente, pelos fones [d] e [n], e não por [r].

2) Os verbos dependentes formam uma classe de morfemas extensa: são centenas de lexemas (cf. uma amostra representativa em 7.2.) e, semanticamente, tão "ricos" de sentido como as raízes.

3) Muitos verbos independentes podem ser igualmente usados como verbos dependentes, com ou sem mudança de sentido (10, 11, 12, 13, 14, 15). A mudança de sentido atribui-se a uma certa polissemia dos lexemas e/ou a processos metafóricos extremamente produtivos na língua. Esta mudança não deve servir de critério para transformar um verbo dependente em sufixo. De fato, os processos metafóricos ou polissêmicos permitem a criação de numerosos idiomatismos. Exemplos com o verbo independente **tuú** *empurrar* e o verbo dependente **peo** *colocar em cima (fazendo algo)*:
tuu peó /tuú+peo/ *colocar empurrando*
tuu peó /tuú+peo/ *passar a culpa a*

e, com mudança tonal:
tuû peo /tuû+peo/ *ter na cabeça (panela,...)*

4) Os sufixos de tempo/modalidade/gênero aparecem sempre depois do verbo dependente, tendo uma relação semântica mais estreita com o verbo dependente do que

com o verbo independente. Com o sufixo **-ti** *negativo*, cf. exemplo (30) e sua interpretação.

5) O tamanho fonológico dos sufixos é mais reduzido que o dos verbos dependentes. Enquanto os verbos dependentes têm sempre uma estrutura bimoraica, como em **nu'ku** *(fazer algo) sempre*, **maha** *(fazer algo) de repente*, **bosa** *(fazer algo) para o benefício de*, os sufixos são sempre monossilábicos. Isso sugere que os sufixos apareceram diacronicamente por redução e erosão de verbos dependentes (gramaticalização). Por exemplo:

-a' *centrífugo* < **+wa'a** *ir*
-'ti *centrípeto* < **+a'ti** *vir*
-o' *propagativo* < **+o'oo'** *enviar*
-'kũ *durativo* < **+nu'ku** *(fazer algo) sempre*
-a' forma abreviada de **+wa'a** *ingressivo*

Esta gramaticalização (verbo dependente → sufixo verbal) ainda não chegou a termo para alguns verbos dependentes como: **ape** *divertir-se em (fazer algo)*, **eta** *ir até (fazer algo, centrípeto)* e **eha** *ir até (fazer algo, centrífugo)*, o processo de desgaste fonológico continuando a se realizar. Escutam-se as duas pronúncias (**baá** *nadar*, **boká** *encontrar*):

baa+apé ou **baa-pé** *divertir-se em nadar*
boka+etá ou **boka-tá** *topar (ir até encontrar, centrípeto)*
boka+ehá ou **boka-há** *topar (ir até encontrar, centrífugo)*

O fato de que o processo de gramaticalização ainda é dinâmico sugere que a diferença entre verbo dependente e sufixo é sintaticamente **irrelevante** e que seria talvez melhor considerar a maioria dos sufixos verbais estudados no capítulo precedente (**-ti** *negativo*, **-mi** *frustrativo*, etc.) como verdadeiros verbos dependentes:
+tii *negar-se a (fazer algo)*
+mii /+bĩi/ *ficar frustrado (fazendo algo)*

7.1.2. Os **verbos dependentes** distinguem-se também das **construções analíticas** pelo fato de que estas últimas não têm unidade tonal, o "verbo auxiliar" guardando o seu tom próprio. Uma destas construções analíticas (com verbo de movimento orientado, cf. 6.8.) é ilustrada pelo exemplo (218), que o leitor comparará com o exemplo (219):

(218) **ba'âgɨ sãháa'mi**
/ba'â - gɨ sãhá - a' - bĩ /
comer- -fsg entrar-C>-pres.vist.3-fsg
(ele) entra para comer

(219) **ba'â sãhaa'mi**
/ ba'â + sãha - a' - bĩ /
comer+entrar-C>-pres.vist.3-fsg
(ele) entra comendo

Em (218), os dois verbos **ba'â** *comer* e **sãhá** *entrar* conservam cada um o seu tom próprio: a construção não tem unidade tonal. No entanto, em (219), **sãha** *entrar (fazendo algo)* tornou-se verbo dependente e perdeu o seu tom próprio: a construção tem unidade tonal.

7.1.3. Já vimos que os sufixos de tempo/modalidade/gênero sempre aparecem depois do verbo dependente, e nunca entre o verbo independente e o verbo dependente, nem entre

dois verbos dependentes numa série de verbos dependentes. Mesmo **posição final depois do último verbo dependente** com os outros sufixos verbais. Por exemplo, com o sufixo verbal **-ti** *centrípeto*, compare **mií-ti-mi** *(ele) traz* com:

(220) **mií pẽ'atimi**
/ bĩí + pẽ'a - ti - bĩ /
trazer+atravessar-C<-pres.vist.3-fsg
(ele) vem atravessando trazendo-o

onde o centrípeto **-ti** sufixa-se depois do verbo dependente **pẽ'a** *atravessar (fazendo algo)* e não depois de **mií**.
No entanto, os sufixos verbais **-ti** *negativo* e **-kã'** *assertivo*, embora apareçam também geralmente em posição final depois do último verbo dependente, encontram-se às vezes depois do verbo independente ou de um verbo dependente intermediário. Isso acontece com certos verbos dependentes e provém do semantismo deles (cf. exemplo 30).

7.1.4. Numa construção com verbos dependentes, todos os verbos têm o **mesmo sujeito**. Por exemplo, em (12), o sujeito das ações de **ohó** *mergulhar* e de **mii** *tirar* é o mesmo:

(12') **oho mií** *tirar mergulhando*

Em (217), temos uma série de quatro verbos: **bu'pú** *pular*, **mɨha** *subir*, **peha** *colocar-se em cima* e **eha** *ir até*, expressando ações realizadas pelo mesmo sujeito: é o gato que pula, sobe, coloca-se em cima do jirau e o alcança.
Os sufixos de tempo/modalidade/gênero que aparecem depois do último verbo dependente referem-se a este sujeito comum.

7.1.5. Neste tipo de construção, cada verbo pode ter uma orientação diferente dos outros no eixo da transitividade: um pode ser intransitivo enquanto outro é transitivo ou bitransitivo. As construções tornam-se extremamente complexas quando os verbos da mesma construção são todos transitivos, mas com objeto diferente. Examinaremos por partes o caso mais simples, i.e. a construção com um só verbo dependente: v.indep.+ v.dep. Neste caso, temos quatro possibilidades:

1. v.indep. e v.dep. ambos intransitivos

Neste caso, nenhum dos dois verbos tem um objeto direto. Por exemplo:

(221) **aâ wɨ́ɨ sihámi**
/ aâ wɨ́ɨ+ siha -bĩ/
gavião voar+deslocar-se-pres.vist
o gavião desloca-se voando

2. v.indep. intransitivo e v.dep. transitivo

Neste caso, o verbo dependente tem um objeto direto (explícito ou não). Quando for explícito, precede ou segue a construção inteira, que nunca pode ser cortada por um nome, a incorporação nominal sendo proibida na língua ye'pâ-masa. O sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial* é facultativo com os objetos inanimados (marca especificadora) e obrigatório quando o obejto é um pronome pessoal ou um nome próprio (sobre o uso pormenorizado deste sufixo nominal, cf. 8.). Por exemplo:

(221) **ɨ̃tâga oho miími**
/ɨ̃tâ-ga ohó + bĩi - bĩ /
pedra mergulhar+tirar-pres.vist
(ele) tira pedra mergulhando

(222) **koôre du'tí ĩ'yaya!**
/koô-de du'tí + ĩ'ya - ya/
ela-ref esconder-se+olhar-imp
espie-a! (lit. *olhe para ela escondido!*)

3. v.indep. transitivo e v.dep. intransitivo

Neste caso, o objeto direto refere-se ao verbo independente. Quando for explícito, o sufixo nominal **-re** aparece facultativamente nas condições acima explicadas. Por exemplo:

(223) **numiô wi'magóre kãmo kãhímo!**
/dũbî-o wĩ'bá-go- de kãbó + kãhi - bõ /
mulher menina -ref fazer dormir+estar deitado-pres.vist.3+fsg
a mulher está deitada fazendo dormir a menina

4. v.indep. e v.dep. ambos transitivos

O objeto direto dos verbos pode ser o mesmo para os dois verbos, referindo-se igualmente aos dois verbos, ou diferente para cada verbo:

1) Quando **o objeto direto for o mesmo** e quando for explicitado, o sufixo nominal **-re** aparece facultativamente nas condições acima explicadas:

(224) **yesearé pihî neeya!**
/ yesê - a- de pihî + dẽe -ya/
porco-pl-ref chamar+juntar-imp
junte os porcos chamando-os!

(225) **kopêre di'tâ me'ra doké bi'ami**
/ kopê -de di'tâ+bẽ'da doké + bi'a - bĩ /
buraco-ref terra+com atirar em+fechar-pres.vist
(ele) fecha o buraco atirando terra nele

Neste último exemplo, note que **doké** *atirar em (algo)* e **bi'a** *fechar (algo, fazendo algo)* têm o mesmo objeto direto enfatizado pelo sufixo **-re**: **kopê** *buraco*, e o mesmo complemento periférico de instrumento: **di'tâ** *terra*.

(226) **yõkâre wahâro me'ra kometípi waa sãáya!**
/ yõkâ -de wahâ-do+bẽ'da kõbé-tɨ- pɨ waá+ sãa -ya/
manicuera-ref cuia +com panela-foc tirar+ pôr -imp
tire a manicuera com a cuia e ponha-a na panela!

Neste exemplo, **yõkâ** *manicuera* é o objeto direto comum aos verbos **waá** *tirar (líquido)* e **sãa** *pôr (fazendo algo)*; é especificado pelo sufixo **-re**. O complemento periférico de instrumento **wahâro** *cuia* refere-se ao verbo **waá** *tirar* enquanto o complemento periférico de lugar **kometí** *panela* refere-se ao verbo **sãa** *pôr*. Uma tradução literal seria: "a respeito da manicuera, meta-a na panela tirando-a com a cuia!".

(227) **a'teparɨre akó waa sãá mu'muo pe'okã'ya!**
/a'té - pa-dɨ- -de akó waá+ sãa +bũ'bu-o + pe'o - kã' -ya/
estas-fpan/pl-ref água tirar+ pôr + encher de +completamente- ass-imp
tire água e encha completamente estas panelas!

Neste exemplo com um verbo independente (**waá**) e três verbos dependentes (**sãa**, **mu'muo**, **pe'o**), todos transitivos, a regência é a mesma: **akó** *água* é o objeto direto dos verbos **waá** *tirar*, **sãa** *pôr (fazendo algo)*, **mu'muo** *encher de (fazendo algo)* e **pe'o** *(fazer algo) completamente*; a marca **-re** não aparece pelo fato de que o objeto direto não é tão especificado como **a'teparɨ́** *estas panelas*, que é o complemento periférico de lugar do verbo **sãa** *pôr* e, no mesmo tempo, o complemento de objeto indireto do verbo **mu'muo** *encher de*. Uma tradução literal seria: "encha completamente de água estas panelas pondo-a (a água) nelas tirando-a (com cuia de outra vasilha)!". Nota-se que os complementos marcados com **-re**, assim como os complementos periféricos, podem referir-se a um ou vários verbos da série. No entanto, o objeto direto não marcado refere-se sempre a todos os verbos da série de verbos dependentes.
Podemos agora enunciar a regra geral seguinte: da mesma maneira que **todos os verbos** de uma construção de verbos dependentes em série têm **o mesmo sujeito**, o **objeto direto não marcado explícito** refere-se a **todos os verbos transitivos da série**.

2) Quando **o objeto direto não for o mesmo** para todos os verbos transitivos da construção, como consequência da regra que acabamos de enunciar, os complementos de objeto direto levam sempre marcas funcionais:

(228) **su'tiré ɨ̃tâga me'ra peô di'oya!**
/ su'tí - de ɨ̃tâ-ga+bẽ'da peô + di'o -ya/
roupas-ref pedra+ com colocar+pressionar-imp
pressione as roupas colocando pedra em cima delas!

Neste exemplo, **ɨ̃tâga** *pedra* é o objeto do verbo **peô** *colocar (algo)* e é o complemento periférico de instrumento do verbo **di'o** *pressionar (fazendo algo)* enquanto **su'tí** *roupas* é o objeto de **di'o** *pressionar* e o complemento periférico de lugar de **peô** *colocar*> Como os objetos dos verbos são diferentes, uma marca funcional é obrigatória para cada um. Uma tradução literal seria: "a respeito de roupas, com (uma) pedra, pressione-as (as roupas) colocando-a (a pedra) em cima delas!".

(229) **ãhû batire pamôga dokekɨhɨ́ me'ra tã'â peoya!**
/ ãhû+ bati -de pãbô-ga-doké-kɨhɨ́+bẽ'da tã'â + peo -ya/
beijus+balaio-ref mão de pilão +com pôr peso em cima+colocar-imp
com a mão de pilão, ponha peso em cima do balaio de beijus que está colocado (em cima do jirau,...)!

Neste exemplo, **ãhû+bati** *balaio de beijus* e **pamôga dokekɨhɨ́** *mão de pilão* são, respectivamente, o objeto e o complemento de instrumento do verbo **tã'â** *pôr peso em cima de*, enquanto **pamôga dokekɨhɨ́** *mão de pilão* é o objeto do verbo **peo** *colocar*, o complemento de lugar (jirau,...) não sendo explicitado. Uma tradução literal seria: "a respeito do balaio de beijus, coloque-a (a mão de pilão em cima do jirau onde está o balaio) pondo peso em cima dele (o balaio) com a mão de pilão!"
Como se pode ver pelos dois últimos exemplos, o fato de que os argumentos verbais, numa construção em série, são às vezes diferentes contribui para aumentar a complexidade da língua. No entanto, exemplos tão complicados como (229) são raros.

7.2. Uma lista de verbos dependentes

A amostra seguinte de verbos dependentes dá uma boa ideia do semantismo deles:

ape *divertir-se (em fazer algo)* (230)
apo *ajeitar (um fazer)*
ba'a *comer (fazendo algo), (fazer algo) para comer*
bi'a *fechar (fazendo algo); (fazer algo) em toda parte* [omnilocativo] (14, 15, 225)
bipe *espremer (fazendo algo)*
bu'e *aprender (a fazer algo)*
keo *imitar (um fazer)*
kõ'a *livrar-se de (fazendo algo)*
koe *limpar (fazendo algo)*
ko'te *fazer companhia (fazendo algo)*
ma'a /bã'a/ *procurar (fazendo algo)*
mii /bĩi/ *tirar (fazendo algo)* (11, 12)
mɨto /bɨ̃to/ *fragmentar (fazendo algo)*
more /bõde/ *misturar (fazendo algo)*
mui /bũi/ *fracassar (num fazer)*
mu'si /bũ'si/ *acertar (um fazer)*
nee /dẽe/ *juntar (fazendo algo*) (224)
nɨrɨ /dɨ̃dɨ/ *acompanhar (um fazer)* (232)
no'a /dõ'a/ *quebrar (fazendo algo)*
o'o *dar (fazendo algo)* (233)
paa *bater (fazendo algo)*
pa'a *ir/vir flutuar (fazendo algo)*
po'o *fazer flutuar (fazendo algo)*
peha *ir/vir colocar-se em cima (fazendo algo)* (217)
peo *colocar em cima (fazendo algo)* (229, 234)
poo-tẽo *confrontar-se com (fazendo algo)*
pu'a *cravar (fazendo algo)*
sãa *meter (fazendo algo)* (226, 227)
sõroo'/sõdo-o'/ *introduzir (fazendo algo)*
sĩ'o *escorregar (fazendo algo)*
siru /sĩdu/ *deslizar (fazendo algo)*
site *espalhar (fazendo algo)* (235)
su'a *enfiar (fazendo algo)*
ta'a *dividir (fazendo algo)*
tĩ'a *esmagar (fazendo algo)*
tɨ̃'re /tɨ̃'de/ *rasgar (fazendo algo)*
tõ'o *ser pego em flagrante (fazendo algo)*
wã'a *aderir (fazendo algo)*
õ'o *fazer aderir (fazendo algo)*
wee *extrair (fazendo algo)*
wẽhe *matar (fazendo algo)* (238)
we'o *transvasar (fazendo algo); (fazer algo) antecipadamente*
wĩha *avivar o fogo (fazendo algo)*
wĩroo' /wĩdo-o'/ *(fazer algo) para fora*
bi'pe *cravar (fazendo algo)*
di'o *pressionar (fazendo algo)* (228)

kare /kade/ *mexer com alguém (fazendo algo)*
mari /bãdi/ *ficar admirado (fazendo algo)* (231)
moroo' /bõdo-o'/ *(fazer algo) para cima*
soo *fingir de (fazer algo)* (236)
tamo /tãbo/ *ajudar a (fazer algo)* (237)
tare /tade/ *espalhar (fazendo algo)*
yã'a *experimentar (um fazer)* (239)
yõ'o *mostrar como (fazer)* (240)

Os dez últimos verbos são verbos obrigatoriamente dependentes, enquanto todos os outros têm uso dependente ou independente (i.e. com ou sem um complemento verbal). Alguns exemplos de uso de verbos empregados como verbos dependentes:

(230) **waha apémi**
/wahá + ape - bĩ /
remar+divertir-se em-pres.vist
(ele) se diverte em remar

(231) **peêru sĩ'ri marí, ya'a yiriá wa'aami**
/peêdu sĩ'dí+ bãdi ya'á+yidi-a + wa'a - a-bĩ /
caxiri beber+admirado entreabrir a boca+ingressivo-p.rec.vist
(ele) surpreendeu-se quando bebeu caxiri e fez uma careta mostrando os dentes

(232) **yɨ'ɨ̂ basaróre basâ nɨrɨya!**
/yɨ'ɨ̂ basâ - dó -de basâ + dɨ̃dɨ -ya/
eu cantar-nom.lugar-ref cantar+acompanhar-imp
acompanhe cantando o meu canto!

(233) **mɨ'ɨ̂ ba'arí di'irore kã'ró ã'riré suâ o'oya!**
/bɨ̃'ɨ̂ ba'â - dí + di'i -do -de kã'dó ã'dí-de suâ +o'o-ya/
tu comer-nom.inan.sg+carne- sg-ref pouco este-ref beliscar+dar-imp
dê para este, tirando com os dedos, um pouco do pedaço de carne que você está comendo!

(234) **bɨkâwɨre kasâwa bu'i wee peóya!**
/bɨ̃kâ-wɨ-de kasâ-wa+ bu'i weé + peo -ya/
matapi -ref jirau +em cima fazer+colocar-imp
faça o matapi (armadilha) e coloque-o sobre o jirau!

(235) **di'târe wi'i doká wee sitéya!**
/di'tâ-de wi'í+doka weé + site -ya/
terra -ref casa+baixo fazer+espalhar-imp
espalhe (lit. *espalhe fazendo*) *a terra no piso da casa!*

(236) **ã'rí niî soogɨ' weemí**
/ã'dí dĩî + soo - gɨ' weé - bĩ /
este dizer+fingir-impl/ms v.aux.-pres.vist
este está mentindo (lit. *fingindo de dizer*)

(237) **yɨ'î mɨ'îre wi'í wee tamó'**
/yɨ'î bɨ̃'î-de wi'í weé + tãbo - ' /
eu tu -ref casa fazer+ajudar-pres.vist
eu te ajudo a fazer casa

(238) **wã'rôpĩre bɨê wẽheya!**
/wã'dô-pĩ- de bɨê +wẽhe -ya/
mutum -ref flechar+matar-imp
mate o mutum flechando-o!

(239) **wa'î ba'â yã'aya!**
/wa'î ba'â + yã'a - ya/
peixe comer+experimentar-imp
prove o peixe! (lit. *experimente de comer o peixe!*)

(240) **noá mɨ'îre uúkũ yõ'ori?**
/ dõá bɨ̃'î- de uú-kũ+ yõ'o - di /
quem tu -ref falar +mostrar como-p.cad.vist.int
quem te ensinou a falar?

7.2.1. O leitor achará numerosos exemplos do funcionamento dos verbos dependentes no dicionário. Como se vê acima, a relação **v.indep.+v.dep.** é sintaticamente **complemento+completado**: o verbo independente **especifica a maneira** de realizar a situação expressada pelo verbo dependente: "X realiza tal situação (v.dep.) fazendo de tal maneira (v.indep.)". Semanticamente, o verbo independente especifica o verbo dependente da mesma maneira que o nome dependente qualifica o nome independente (cf. 9.2.).
As situações expressas pelo verbo dependente e pelo verbo independente são frequentemente simultâneas, mas não sempre. No exemplo (234), o agente fará primeiro o matapi e, depois, o colocará sobre o jirau.
Os verbos dependentes são numerosos (várias centenas). É uma classe praticamente aberta, visto que todo verbo tem a possibilidade semântica de ser completado e pode assim tornar-se dependente. Particularmente, todos os verbos de ação manual formados com o sufixo causativo **=o** precisam de complemento e, por conseguinte, constroem-se como verbos dependentes. São centenas desses verbos [cf. também exemplo (27)]:
ya'pî *estar liso* → **ya'pio** /ya'pi=o/ *alisar (fazendo algo)*
ka'bî *estar mole* → **ka'bio** /ka'bi=o/ *amolecer (fazendo algo)*
mu'mû *estar cheio* → **mu'muo** /bũ'bu=o/ *encher (fazendo algo)* [227]

A construção com verbos dependentes é extremamente produtiva nas narrações e nas conversações diárias. Tirando a média, esta construção em série aparece em 30% dos enunciados verbais.

7.2.2. Os **verbos de movimento ou de posição** usam-se frequentemente como verbos dependentes. Neste caso, o verbo independente que os complementa indica a ação simultaneamente feita durante o movimento ou a posição. Por exemplo:

(241) **ba'â sihami**
/ ba'â +siha - bĩ /
comer+andar-pres.vist
(ele) anda comendo

Constroem-se frequentemente como verbos dependentes: **sihâ** *andar*, **basâ** *dançar*, **pa'sâ** *flutuar*, **kãhí** *estar deitado na rede*, **kũyá** *estar deitado no chão*, **duhî** *estar sentado*, **pesâ** *estar colocado em cima*, **tohá** *voltar*, **sãhá** *entrar* e todos os verbos de movimento orientado (cf. exemplos 219, 220, 221, 223).

7.2.3. Os verbos dependentes podem também expressar categorias gramaticais como **a modalidade**, **o tempo**, **o aspecto** ou todo campo semântico traduzível em português por **advérbios**. Apesar da tradução que pode enganar, são sempre verbos que exigem complemento. Como expressão de:

① O **aspecto/tempo**, temos:
ni'i /dĩ'i/ *(fazer algo) ainda, continuar (fazendo algo)* (16)
toha *já (fazer algo)* (17, 242)
wa'a *ingressivo* (cf. 7.5.)
boka *conseguir (fazer algo)*
nɨ'ka /dɨ̃'ka/ *começar a (fazer algo)* (incoativo)
wã'koo' /wã'ko-o'/ *reiniciar (um fazer)*
mɨ'ta /bɨ̃'ta/ *(fazer algo) em primeiro lugar*
tɨo *(fazer algo) pela última vez*
du'u *parar de (fazer algo)* (interruptivo)
tu'a+eha(+nɨ'ko) *acabar de (fazer algo)* (terminativo)
pe'o *(fazer algo) completamente* (243)
pe'ti *todos (fazem/fizeram/farão)* (sempre com sujeito plural, 244)
nu'ku /dũ'ku/ *(fazer algo) continuamente, sempre (fazer)*
mɨha /bɨ̃ha/ *(fazer algo) repetidamente*
poo *acostumar-se a (fazer algo)*
wɨa *costumar (fazer algo)* (245)
bo'rea /bo'de-a/ *(fazer algo) a noite inteira* (246)
na'io /dã'i-o/ *(fazer algo) ao entardecer*
wã'ka *(fazer algo) de manhã cedo*

Por exemplo:

(242) **yukɨ̂gɨ yɨ'î paâ dihoo'kɨhɨ da'rí toha'**
/yukɨ̂-gɨ yɨ'î paâ + diho-o' - kɨhɨ́ da'dí + toha- ' /
árvore eu derrubar+fazer descer-nom.fret abalar-se+ já -pres.vist
a árvore que estou derrubando já está se abalando

(243) **wa'îre ba'â pe'oami**
/ wa'î-de ba'â + pe'o - a-bĩ /
peixe-ref comer+completamente-p.rec.vist.3-fsg
(ele) comeu todo o peixe

(244) **wa'î ba'â pe'tiama**
/wa'î ba'â +pe'ti - a-bã /
peixe comer+todos-p.rec.vist.3pl
todos comeram peixe

(245) **peêru sĩ'ri wɨáwĩ**
/peêdu sĩ'dí + wɨa - wĩ /
caxiri beber+costumar-p.cad.vist

(ele) costuma tomar caxiri (bebida fermentada)

(246) **da'rá bo'reamo**
/ da'dá + bo'dea - bõ /
trabalhar+amanhecer-pres.vist.
(ela) trabalhou a noite inteira (lit. *amanheceu trabalhando*)

② A **modalidade**:
boo *potencial* (cf. 7.4.)
tɨ'sa *parece que, achar que* (247)
sĩ'ri /sĩ'di/ *querer (fazer algo)* (248)
masi /bãsi/ *saber, poder (fazer algo)* (249)
duti *mandar, ordenar (fazer algo)* (250)
yoko'a *marca de surpresa* (251)

Por exemplo:

(247) **a'tĩgo koô makɨré eká tɨ'satimo**
/a'tĩ-go koô bãkɨ-de eká + tɨ'sa - ti - bõ/
esta ela filho-ref alimentar+parece que-neg-pres.vist.
parece que esta (mulher) não alimenta o filho dela

(248) **ba'â sĩ'risa'**
/ ba'â + sĩ'di - sa-' /
comer+querer-pres.sent
quero comer

(249) **baa masísa'**
/ baá + bãsi - sa-' /
nadar+saber-pres.sent
sei nadar

(250) **koôre da'ra dutíya!**
/koô-de da'dá + duti - ya/
ela -ref trabalhar+ordenar-imp
mande-a trabalhar!

(251) **bu'ê yoko'ami!**
/ bu'ê + yoko'a - bĩ /
estudar+surpresa-pres.vist
puxa, como (ele) estuda!

③ A redução ou o aumento de **valência**:
no'o /dõ'o/ *passivo* (cf. 7.3.)
bosa, **basa** *benefativo* (252)
duti *mandar (fazer algo)* (250)

Como exemplo:

(252) **Pédurure da'ra bosámi**
/Pédudu-de da'dá + bosa - bĩ /
Pedro -ref trabalhar+benefativo-pres.vist

(ele) trabalha para o Pedro

④ O **espaço**:
eta *ir até (fazer algo, centrípeto)* (253)
eha *ir até (fazer algo, centrífugo)* (253')
kũu+siha *(fazer algo) para cá e para lá*
sɨtɨa *(fazer algo) circularmente*
baha+ke'a *rodear (fazendo algo)*

Por exemplo:

(253) **toha+etámi**
/tohá + eta - bĩ /
voltar+atingir-pres.vist
chega de volta (centrípeto)

(253') **toha ehámi**
/tohá + eha - bĩ /
voltar+atingir-pres.vist
chega de volta (centrífugo)

⑤ A **maneira**:
mɨya /bɨ̃ya/ *(fazer algo) rapidamente, apressar-se (em fazer algo)*
maha /bãha/ *(fazer algo) de repente* (254)
kehe *(fazer algo) num instante* (255)
desu *(fazer algo) constantemente*
doha *(fazer algo) definitivamente*
tutua /tutu-a/ *(fazer algo) energicamente*
wãri /wãdi/*(fazer algo) gulosamente*
bataa' *marca de imprecação* (256)

Como exemplos:

(254) **wã'kâ nɨ'ka mahaami**
/wã'kâ+dɨ̃'ka+ bãha - a-bĩ /
levantar-se +de repente-p.rec.vist
levantou-se de repente

(255) **tuu kehéo'amo**
/ tuú + kehe - o' - bõ /
empurrar+num instante-prop-pres.vist.3+fsg
(ela) deu um empurrão (lit. *propagou o empurrar dela de uma vez*)

(256) **wẽrî bataa'ya!**
/ wẽdî + bata-a' -ya/
morrer+imprecação-imp
que morra!

⑥ A **ênfase** ou o **grau de comparação**:
butia' *muito, intensamente*
pũri /pũdi/ *muito, intensamente*
di'a *(estar) completamente (num estado)*
yɨ'rɨa /yɨ̃'dɨ-a/ *(fazer algo) demais* (257)
nemo /dẽbo/ *(fazer) mais; ser mais que* (258)
yɨ'rɨ(o) *(estar) mais (num estado) que* (comparativo de superioridade) (259)
dɨha *(estar) menos (num estado) que* (comparativo de inferioridade) (260)
kure /kude/ *quase (fazer algo)*
yã'ku *estar um pouco mais (num estado)*

Como exemplos:

(257) **ba'â yɨ'rɨami**
/ ba'â + yɨ'dɨ-a- bĩ /
comer+demais-p.rec.vist.
(ele) come demais

(258) **po'ká ɨa nemósa'**
/po'ká ɨá +dẽbo- sa-' /
farinha querer+ mais-pres.sent
quero mais farinha

(259) **Péduru Yũúure butî yɨ'rɨomi**
/Pédudu Yũúu-de butî + yɨ'dɨ-o- bĩ /
Pedro João -ref branco+ mais -pres.vist
Pedro é mais branco do que João

(260) **Péduru Yũúure butî dɨhami**
/Pédudu Yũúu-de butî + dɨha - bĩ /
Pedro João -ref branco+menos-pres.vist
Pedro é menos branco do que João

7.3. O passivo *no'o*

♦ Conforme opera ou não uma redução de valência, o verbo dependente **no'o** /dõ'o/ *passivo* permite duas construções diferentes:

1. Serve primeiro de **voz passiva**. Neste caso, o complemento de agente pode ser ou não explicitado. Quando for explicitado, leva frequentemente a marca nominal **-re** *referencial* (quando for referencial, específico e determinado). Como exemplos:

(261) **di'itɨ wi'magɨre bopê no'o'karo niiápɨ**
/di'î-tɨ wĩ'ba-gɨ-de bope + dõ'o - 'ka-do dĩî- a-pɨ /
panela menino-ref quebrar+passivo-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
a panela foi quebrada pelo menino

(262) **yɨ'î pakɨre ĩ'yâ no'o'kɨ niiámi**
/yɨ'î+pakɨ-de ĩ'yâ + dõ'o - 'kɨ dĩî- a-bĩ /
eu+ pai -ref ver +passivo-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist.3-fsg
(ele) foi visto por meu pai

(263) **uúkũsehe niî no'orosa'**
/uú-kũ-sehé dĩî + dõ'o -do-sa-'/
falar -nom.inan.pl dizer+passivo-futuro
a palavra (a fala) será dita

Caso a construção ativa correspondente tiver complementos de objeto direto e indireto, é geralmente o complemento de objeto indireto que se torna o sujeito da passiva (promoção do objeto indireto à função sujeito). Compare a contrução ativa:

(264) **Péduru Yũúure nimâ tĩâ'kɨ̃ niiámi**
/Pédudu Yũúu-de dĩbâ tĩâ - 'kɨ̃ dĩĩ- a-bĩ /
Pedro João -ref veneno dar de beber-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist
Pedro deu de beber veneno a João

com a construção passiva (promoção do objeto indireto), que é mais comum:

(264') **Yũúu nimâ tĩâ no'o'kɨ̃ niiámi (Pédurure)**
/Yũúu dĩbâ tĩâ + dõ'o - 'kɨ̃ dĩĩ- a-bĩ /
João veneno dar de beber+passivo-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist
João foi "dado de beber" veneno (por Pedro)

e com a construção passiva, correta mas pouco elegante e rara (promoção do objeto direto):

(264'') **nimâ Yũúure tĩâ no'o'karo niiápɨ̃ (Pédurure)**
/dĩbâ Yũúu-de tĩâ + dõ'o - 'kado dĩĩ- a-pɨ̃ /
veneno João-ref dar de beber+passivo-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
o veneno foi dado a João (por Pedro)

Neste caso, o sujeito da construção ativa correspondente, quando for explicitado, deve aparecer no fim do enunciado para evitar uma ambiguidade, um enunciado como: **nimâ Yũúure Pédurure tĩâ no'o'karo niiápɨ̃** significando: "o veneno foi dado a João e a Pedro", e não: "o veneno foi dado a João por Pedro".

2. Note a existência de uma dezena de **formas passivas sintéticas**. Inexplicadamente, estas formas parecem conter o sufixo derivacional **=o** *causativo*. Em geral, não há diferença de significado entre as formas analíticas (na esquerda) e as formas sintéticas (na direita). Quando tiver uma leve diferença de sentido, a segunda acepção indicada depois do ponto e vírgula corresponde ao sentido da forma sintética:

ba'â no'o	*ser comido; ser inteiramente devorado*	**bo'ó**
paâ no'o	*ser batido, apanhar de*	**poó**
kẽê no'o	*ser batido, apanhar de*	**kẽó**
yẽ'ê no'o	*ser pego*	**yẽ'ó**
kũ'rî no'o	*ser mordido*	**kõ'ó**
toâ no'o	*ser picado*	**toó**
ma'í no'o	*ser sovinado*	**ma'ió**
wẽhé no'o	*ser morto; ser atingido*	**wẽhó**
teé no'o	*dar preguiça*	**teó**
yabî no'o	*dar repulsão*	**yabió**

Exemplo com **bo'ó** *ser devorado*:

(265) **ta'âroki pĩrôre bo'omí**
/ta'âdo-kɨ̃ pĩdô -de bo'ó - bĩ /
sapo cobra-ref ser devorado-pres.vist
o sapo é devorado pela cobra

3. O passivo pode ser usado com qualquer sufixo verbal de modalidade/tempo/gênero. Para formar o passivo negativo, usa-se:
- o sufixo verbal **-ti** *negativo* ou o verbo dependente defectivo **we'e** *não* (cf. 6.1.), sufixado normalmente depois da forma passiva **no'o**, ou entre ela e o verbo independente;

- ou, mais frequentemente, uma construção analítica formada com o verbo expressando a situação e o verbo auxiliar negativo **marí** /bãdí/ *não estar*. O primeiro verbo desta construção analítica leva sempre o sufixo **-ya**, cujo funcionamento não é bem claro (note que um dos sufixos imperativos tem a mesma forma, cf. 5.5.), enquanto o verbo auxiliar **marí** é seguido pelo sufixo de modalidade apropriado. O verbo dependente **no'o** pode aparecer no primeiro verbo da construção, nos dois verbos (verbo expressando a situação e verbo auxiliar **marí**) ou em nenhum deles. Exemplo com **wa'î** *peixe*, **ba'â** *comer* e o sufixo verbal **-mi** /-bĩ/ *pres.vist.3-fsg*:
wa'î ba'â+no'o-mi *o peixe é comido*
wa'î ba'â+no'o-ti-mi *o peixe não é comido*
wa'î ba'â-ti+no'o-mi *o peixe não é comido*
wa'î ba'â+no'o-ya marí+no'o-mi *o peixe não é comido*
wa'î ba'â+no'o-ya mari-mí *o peixe não é comido*
wa'î ba'â-ya mari-mí *o peixe não é comido*

Não vemos diferença de significado entre as cinco formas acima, todas expressando o passivo negativo. As duas últimas são as mais usadas. O exemplo seguinte usa o passivo negativo numa construção de verbos em série (**ba'â+duti** *mandar comer*):

(266) **naâ biâre ba'â duti no'oya mariáma**
/dãâ biâ -de ba'â + duti + dõ'o -ya bãdí - a-bã /
eles pimenta-ref comer+mandar+passivo-? não estar-p.rec.vist.3pl
eles foram proibidos (lit. *não foram mandados*) *de comer pimenta*

Compare (266) com a construção ativa correspondente (**-ti** *negativo*):

(266') **naâre biâ ba'â dutitimi** *(ele) os proibiu* (lit. *não os mandou*) *de comer pimenta*

4. Além deste uso como voz passiva, o verbo dependente **no'o** serve também de **construção impessoal**. Por exemplo, em:

(267) **yamîre akôro pehakã̂ ãyuró kãrí no'owɨ**
/yãbî - de akô-do pehâ- kã̂ ãyú-dó kãdí + dõ'o - wɨ /
noite-ref chuva cair -impl/cs bem dormir+passivo-p.cad.vist.outras pessoas
dorme-se bem à noite quando chove (lit. *quando a chuva cai*)

Nesta construção impessoal em **no'o**, o verbo **não tem sujeito** explícito nem implícito. Apresenta-se sempre com um sufixo de modalidade/tempo/gênero em "outras pessoas" (usada aqui como forma impessoal). Corresponde geralmente a fatos habituais e podemos traduzi-los em português por uma forma reflexiva, como em: "luta-se para viver", "não se vive sem dinheiro", etc., ou com a expressão "a gente".
Este uso impessoal de **no'o** é muito mais produtivo que o uso dele como voz passiva. Emprega-se com todos os verbos, transitivos ou intransitivos, como no último exemplo. O negativo forma-se com o sufixo **-ti** ou com o verbo auxiliar **marí**, nas mesmas condições acima descritas.
Sendo a expressão de um fato habitual, constrói-se frequentemente com o sufixo modal **-wɨ** *p.cad.vist.outras pessoas*:

(268) **Diâ-Posapɨre, pĩrôre ba'â no'oya mariwɨ́, wa'îre ba'â no'owɨ**
/Diâ-Posa-pɨ -de pĩdô-de ba'â+ dõ'o -ya bãdí- wɨ wa'î-de ba'â + dõ'o - wɨ /
Uaupés -foc-ref cobra-ref comer+passivo-? não -p.cad.vist peixe-ref comer+passivo-p.cad.vist
No Uaupés, não se come cobras, come-se peixes

(269) **Manáop**ɨ **sihâ no'ow**ɨ
/Bãdáo -pɨ sihâ + dõ'o - wɨ /
Manaus-foc passear+passivo-p.cad.vist
passeia-se em Manaus

(270) **marî siharó, apêrã boká no'ow**ɨ
/bãdî sihâ - dó apê-dã boká + dõ'o - wɨ /
nós andar-nom.lugar outros encontrar+passivo-p.cad.vist
por onde nós andamos, encontra-se gente diferente (lit. *outras pessoas*)

(271) **yoarópɨ niîrã', a'mêri ĩ'yâ no'oya mariwɨ́**
/yoâ dó -pɨ dĩî - dã' ã'bê-di ĩ'yâ+ dõ'o -ya bãdí- wɨ /
longe -foc estar-impl/ms recíproco ver +passivo-? não-p.cad.vist
estando longe, a gente não se vê (não se vê um ao outro)

A construção impessoal pode ser também usada com sufixo de modalidade vista no presente, quando expressa uma situação presente:

(272) **a'tí wi'i(re) duâ no'o'**
/a'tí+wi'i(- de) duâ + dõ'o - ' /
esta+casa(-ref) vender+passivo-pres.vist
vende-se esta casa

Usa-se frequentemente com o sufixo de modalidade sentida no passado caducado **-s**ɨ quando expressa uma necessidade ou um dever (cf. 5.2.):

(273) **osoá ba'â no'oya marisɨ́**
/ osô -a ba'â + dõ'o -ya bãdí- sɨ /
morcego-pl comer+passivo-? não -p.cad.sent
não se deve comer morcegos

♦ Em resumo, **no'o** permite duas construções diferentes:
- como **passivo**: o verbo concorda com o sujeito e o complemento de agente leva geralmente a marca **-re** *referencial* quando for explicitado;
- como **construção impessoal**: não há sujeito e o verbo leva um sufixo de modalidade geralmente vista nas "outras pessoas" (forma impessoal). Em ambos os casos, trata-se de um apagamento do sujeito ou da sua demoção a uma função periférica. Por exemplo, compare, com **koô** *ela* e **ĩ'yâ** *ver*:

(274) **koô ĩ'yâ no'oya marimó** *ela não é vista* (voz passiva)

com:

(274') **koôre ĩ'yâ no'oya marí'** *ninguém a vê/não se vê ela* (construção impessoal)

Compare também a construção impessoal de (273) com:

(273') **osoá ba'â no'oya marimá** *os morcegos não são comidos* (voz passiva)

Quando as duas construções correspondem formalmente, pode haver ambiguidade:

(275) **po'ká ba'â no'ow**ɨ
/po'ká ba'â + dõ'o - wɨ /
farinha comer+passivo-pres.vist.outras pessoas

a farinha foi comida (no passado remoto por alguém: passiva) ou *come-se farinha (fato habitual)*

7.4. O potencial *boo*

O verbo dependente **boo** *potencial* indica que a situação vai se realizar, seria ou teria sido realizada se certas condições exigidas para a sua realização (explícitas ou não) também se realizarem, fossem ou tivessem sido realizadas. É a modalidade da possibilidade, da hipótese e da virtualidade. Podemos traduzi-lo por: "possivelmente", "ser capaz de" ou por um condicional:

(276) **koô wee boó'karore do'ósa'**
/koô weé + boo - 'ka-do - de do'ô - sa-' /
ela fazer+potencial-nom.lugar.perf-ref perturbar-pres.sent
perturbo(-a) a respeito do que ela ia fazer

7.4.1. No seu uso mais produtivo, **boo** aparece com o verbo da oração principal, a condição necessária para que seja realizada a oração principal aparecendo numa oração subordinada condicional formada com um dos sufixos implicativos (mesmo sujeito ou sujeito diferente, cf. 10.2.):

(277) **yɨ'ɨ̃ ba'asehé niikɨ́ ba'â toha booapã**
/yɨ'ɨ̃ ba'â-sehé dĩĩ- kɨ́ ba'â +toha+ boo - a-pã /
eu comida ser-impl.cs comer+ já +potencial-p.rec.ded.outras pessoas
eu já teria comido se houvesse comida (lit. *a comida sendo, já teria comido*)

Neste caso, **boo** aparece quase sempre sufixado por formas na **modalidade dedutiva** (ou a construção correspondente com o verbo nominalizado e o verbo copulativo **niî**, cf. 5.3.) ou na **modalidade sentida** com significação dedutiva. A escolha destes sufixos dedutivos explica-se facilmente pelo semantismo do potencial **boo**, a oração subordinada condicional sendo a prova de uma situação encarada como simples hipótese. Corforme a situação for uma simples hipótese ou contrária à realidade, os sufixos dedutivos ou sentidos serão diferentes:

1. Simples hipótese ("se tal condição A se realizar, então a situação B também se realizará"): uso das formas na modalidade sentida e no tempo/aspecto presente (278, 279).
2. Contrário ao fato ou irreal ("se A, então B, mas na realidade nem A nem B"):
- irreal do presente ou do passado recente: uso das formas na modalidade dedutiva (ou a construção equivalente com verbo nominalizado) ou sentida no tempo/aspecto presente ou passado recente (277, 280).
- irreal do passado remoto: uso das formas na modalidade dedutiva (ou a construção equivalente com verbo nominalizado) no tempo/aspecto passado caducado (281, 281').

Por exemplo:

(278) **mɨ'ɨ̃ nimâ sĩ'rígɨ' wẽrî boosa'**
/bɨ'ɨ̃ dĩbâ sĩ'dí - gɨ' wẽdî + boo - sa-'/
você veneno tomar-impl.ms morrer+potencial-pres.sent
você morrerá se tomar veneno

(279) **akôro pehakɨ́ pũûgɨ puû boosa'**
/akô-do pehâ- kɨ́ pũû-gɨ puû + boo - sa-' /
chuva cair-impl.cs rede molhar-se+potencial-pres.sent

se chover, a rede vai molhar-se

(280) **mɨsâ ba'asehé kɨórã' ba'â booapã**
/bɨ̃sâ ba'â-sehé kɨó- dã' ba'â + boo - a-pã /
vocês comida ter-impl.ms comer+potencial-p.rec.ded
vocês comeriam se tivessem comida

(281) **yɨ'î ɨmɨ́ niîgo' põûro sihâ boopã**
/yɨ'î ɨ̃bɨ́ dĩî- go' põû-do sihâ+ boo - pã /
eu homem ser-impl.ms muito viajar+potencial-p.cad.ded
eu teria viajado muito se fosse homem (mulher falando)

(281') **yɨ'î ɨmɨ́ niîgo' põûro sihâ boo'ko niîwɨ**
/yɨ'î ɨ̃bɨ́ dĩî- go' põû-do sihâ + boo - 'ko dĩî- wɨ /
eu homem ser-impl.ms muito viajar+potencial-nom.+fsg.perf ser-p.cad.vist
eu teria viajado muito se fosse homem (mulher falando)

7.4.2. Com sufixos nominalizadores de lugar (cf. capítulo 11), **boo** pode indicar que uma situação não se realiza por ser substituída por outra. Neste caso, o conjunto significa: "em vez de...", "no lugar de...". Por exemplo:

(282) **ba'â booro maa, apêmi**
/ba'â + boo - dó + bãa apê - bĩ /
comer+potencial-nom.lugar+contraste brincar-pres.vist
(ele) brinca em vez de comer

(283) **Yũúu a'tî boo'karore Péduru a'tiámi**
/Yũúu a'tî+ boo - 'ka-do -de Pédudu a'tî- a-bĩ /
João vir+potencial-nom.lugar.perf-ref Pedro vir -p.rec.vist
Pedro veio no lugar de João

7.4.3. O verbo dependente **boo** é incompatível com o sufixo verbal **-mi** /-bĩ/ *frustrativo* por razões semânticas evidentes.

7.5. O ingressivo *wa'a*

7.5.1. O verbo dependente **wa'a** *ingressivo* indica a entrada numa situação, considerada como limitada à sua fase inicial. Podemos traduzi-lo por: "acabar (fazendo algo)", "pôr-se a (fazer algo)". Por exemplo:

(284) **a'me kẽérãre yẽ'êmi'kɨ a'me kẽá wa'ami**
/ã'bé+kẽe- dã -de yẽ'ê - bĩ - 'kɨ ã'bé+kẽ-a+ wa'a - bĩ /
brigar -nom.pl-ref agarrar-frust-nom.-fsg.perf brigar +ingressivo-pres.vist
quem estava apartando (lit. *agarrando*) *os brigantes acaba brigando*

(285) **mutúru dohó'kaga ãyuró da'rá wa'a' taha**
/bũtúdu dohó - 'ka-ga ãyú-dó da'dá + wa'a - ' + taha /
motor estragado-nom.frol.perf bem funcionar+ingressivo-pres.vist+de novo
o motor que estava estragado põe-se a funcionar bem de novo

O ingressivo pode ser utilizado com qualquer verbo independente e qualquer sufixo verbal (visto ou não; presente, passado ou futuro). Alguns exemplos:

wa'â *ir*	**wa'â wa'a** *partir, ir embora (pôr-se a ir)*
ĩ'yâ *ver*	**ĩ'yâ wa'a** *acabar vendo, enxergar (depois de uma fase de cegueira)*
wɨ́ɨ́ *voar*	**wɨ́á wa'a** *levantar vôo*
kãrí *dormir*	**kãriá wa'a** *adormecer, cair no sono*
apê *brincar*	**apeâ wa'a** *acabar brincando, tornar-se jogador*
masî *saber*	**masiâ wa'a** *acabar sabendo, tornar-se sabido*

Note que o verbo independente que precede o ingressivo leva sempre o sufixo **-a**. Não entendemos claramente o significado deste sufixo que, apesar de ter a mesma forma que o sufixo do passado recente/perdurativo (cf. 5.8.), tem um comportamento tonal diferente. Com efeito, o verbo independente (primário ou secundário) ao qual foi sufixado **-a** forma um novo radical verbal que está sempre **em harmonia tonal** com a melodia tonal do verbo independente de origem: se a melodia do verbo independente de origem for ascendente, a do radical verbal formado pela adjunção do sufixo **-a** será também ascendente, e se for alta, também o será a melodia do novo radical (cf. os três últimos exemplos). Caso o verbo independente já terminar pela vogal **a** (como em **wa'â** *ir*, **ĩ'yâ** *ver*, etc.), omitiremos o sufixo **-a** para não complicar a grafia e por ser este sufixo considerado como derivacional, operando um reajustamento para a estrutura bimoraica sempre que for possível.

7.5.2. O ingressivo é de uso muito produtivo com os verbos de estado. Com eles, expressa a entrada no estado. Exemplos com **butî** *estar maduro* e **ohô** *banana*:
butiâ wa'a /butî-a+wa'a/ *acabar estando maduro*
ohô butiâ wa'a' /ohô butî-a+wa'a-'/ *a banana amadureceu (visto agora)*
ohô butiâ wa'aapɨ́ /ohô butî-a+wa'a-apɨ́/ *a banana amadureu (passado recente)*
ohô butiâ wa'arosa' /ohô butî-a+wa'a-do-sa-'/ *a banana acabará madura (futuro)*

Com **así** *estar quente* e **akó** *água* e em construção analítica (cf. capítulo 10), compare:
akó asíro' weé' /akó así-do' weé-'/ *a água está esquentando*
akó asiá wa'aro' weé' /akó así-a+wa'a-do' weé-'/ *a água está ficando quente*

Outros exemplos com a modalidade vista:

sõ'â *estar vermelho*	**sõ'â wa'ami** *(ele) envermelheceu*
yĩí *estar preto*	**yĩá wa'a'** *enegreceu (céu,...)*
tutuâ *estar forte*	**tutuâ wa'ami** *(ele) ficou forte*
ãyú *estar bom*	**ãyuá wa'ami** *(ele) melhorou*
uî *ter medo*	**uiâ wa'ami** *ficou com medo (agora)*
wẽrî *morrer*	**wẽriâ wa'ami** *morreu (visto agora)*
	wẽriâ wa'agɨ́' weemí *está na ânsia da morte* (construção analítica)

Quando só se vê o resultado do processo, usa-se a modalidade dedutiva (cf. exemplos 124, 125, 126).
O ingressivo é compatível com o centrífugo:

(286) **numiôre miáa' wa'ami**
/dũbîo -de bĩá - a' + wa'a - bĩ /
mulher-ref levar-C>+ingressivo-pres.vist
(ele) acabou levando a mulher

Note-se que, na pronúncia de todos os dias, **wa'a** é frequentemente abreviado em **a'**, dando, por exemplo:

(284') **a'me kẽérãre yẽ'êmi'kɨ a'me kẽáa'mi**
(286') **numiôre miáa'a'mi**

7.6. Os verbos dependentes *tĩha* e *yuu*

Com sufixos implicativos, os verbos dependentes **tĩha** *(fazer algo) gradualmente, aos poucos* e **yuu** *(fazer algo) na espera de* mudam de sentido: expressam, respectivamente, a **maneira** pela qual se realiza a situação da oração principal ou a sua **razão**, a sua **causa**. Exemplos sem sufixos implicativos:

(287) **diâ weti tĩhá'**
/diâ wetí+ tĩha - ' /
rio secar+gradualmente-pres.vist
o rio seca aos poucos

(288) **kẽ'râ yuuya!**
/ kẽ'dâ+ yuu -ya/
capinar+esperar-imp
capine na (minha,...) espera!

Exemplos com sufixos implicativos:

(289) **a'tí sɨ̃'ɨre su'su tĩhágɨ' miáa'ya!**
/a'tí+ sɨ̃'ɨ -de su'sú + tĩha - gɨ' bĩá - a' -ya/
este+embrulho-ref colocar.debaixo.do.sovaco+maneira-impl.ms levar-C>-imp
vá levando este embrulho debaixo do sovaco!

(290) **ãyu yuúgɨ' masaré e'katí no'omi**
/ãyú + yuu - gɨ' bãsá -de e'ká-ti +dõ'o - bĩ /
bom+causa-impl.ms pessoas-ref agradecer+passivo-pres.vist
por ser bom, é bem quisto das pessoas (lit. *é agradecido pelas pessoas*)

7.7. O verbo dependente *taa*

Ignoramos o funcionamento exato deste morfema. No nosso *corpus*, entra na construção de complemento de certos verbos (**ãyú** *ser bom*, **basió** *ser possível, ser fácil*):

(291) **wa'î ba'â taa ãyumi**
/wa'î ba'â +taa+ ãyu - bĩ /
peixe comer+ ? +ser bom-pres.vist
peixe é bom de comer

(292) **a'toré wesé wee taá basió nĩî'**
/a'tó -de wesé weé+taa basió dĩî- ' /
aqui-ref roça fazer+ ? possível ser-pres.vist
aqui é possível fazer roça

O fato de que nenhum sufixo nominal pode aparecer depois de **taa** parece mostrar que este morfema não é um nominalizador. Nas construções onde este verbo dependente (ou

sufixo verbal) aparece, o verbo complemento forma frequentemente uma unidade tonal com o verbo que ele completa (como **ãyú** *ser bom*, no exemplo 291). Uma extensão do *corpus* e uma pesquisa aprofundada tornar-se-ia necessária para resolver todos os problemas levantados pela construção em **taa**.

7.8. Algumas observações tonais

7.8.1. Os verbos dependentes têm o mesmo comportamento tonal que os sufixos verbais: são fonologicamente átonos. Por exemplo, com o verbo dependente **masi** /bãsi/ *saber (fazer algo)* e o verbo independente de melodia alta **ohâ** *escrever*, temos: **ohâ masimi** /ohâ+bãsi-bĩ/ *(ele) sabe escrever*.
Caso o verbo independente for de melodia ascendente, o seu tom é automaticamente capturado pelo primeiro verbo dependente que o segue (se este verbo dependente não for laringalizado). Exemplo com o verbo independente **baá** *nadar*: **baa masími** /baá+bãsi-bĩ/ *(ele) sabe nadar*. Neste último exemplo, o verbo dependente **masi** capturou o tom fonológico do verbo independente de melodia ascendente **baá**. Este tom capturado **desloca-se sempre na segunda mora** do verbo dependente (aqui, na vogal **i** de **masi**).
Caso haja uma série de verbos dependentes, as regras são as mesmas: se o verbo independente for de melodia ascendente, é sempre o primeiro verbo dependente que captura o tom fonológico do verbo independente; se o verbo independente for de melodia alta, ele guarda o seu tom próprio, os verbos dependentes a seguir sendo todos fonologicamente átonos.
Exemplo com o verbo independente de melodia alta **ohâ** *escrever*, os verbos dependentes **siha** *andar (fazendo algo)* e **masi** *saber (fazer algo)*: **ohâ siha masimi** /ohâ+siha+bãsi-bĩ/ *(ele) sabe andar escrevendo*.
Exemplo com o verbo independente de melodia ascendente **sĩ'rí** *beber* e os mesmos verbos dependentes: **sĩ'ri sihá masimi** /sĩ'dí+siha+bãsi-bĩ/ *(ele) sabe andar bebendo*.

7.8.2. Os verbos dependentes laringalizados, sem excepção alguma, bloqueiam o deslocamento tonal: o tom próprio do verbo independente fica nele, qualquer que seja a sua melodia. Exemplo com o verbo dependente **bi'a** *fechar (fazendo algo)* e os verbos independentes **wehê** *puxar* e **tuú** *empurrar*:
wehê bi'ami /wehê+bi'a-bĩ/ *(ele) fecha puxando*
tuú bi'ami /tuú+bi'a-bĩ/ *(ele) fecha empurrando*

7.8.3. Com os verbos dependentes, as irregularidades tonais são extremamente raras. Dois verbos dependentes bloqueiam o deslocamento tonal do verbo independente associado, apesar de não ser audivelmente laringalizados. Estes dois verbos dependentes tonalmente irregulares são:
toha *já (fazer algo)*
kũu siha /kũu+siha/ *(fazer algo) para cá e para lá*

Exemplos com os verbos independentes **wehê** *puxar* e **tuú** *empurrar*:
wehê tohaami /wehê+toha-a-bĩ/ *(ele) já puxou*
tuú tohaami /tuú+toha-a-bĩ/ *(ele) já empurrou*

Os verbos **bataa'** *imprecação* e **butia'** *muito* bloqueiam também o deslocamento tonal, apesar da sua laringalização não aparecer diretamente na sua raiz, mas no sufixo **-a'**, de significado desconhecido. Contudo, esta laringalização é foneticamente difícil de localizar.

8

Morfologia nominal

Os **nomes** são lexemas primários ou secundários estruturalmente definidos por **sufixos apropriados** (gênero/forma/número, diminutivo, aumentativo e marcadores de função sintática ou semântica). O estudo destes sufixos é o objeto deste capítulo.
Os nomes primários (raízes) têm sempre uma estrutura bimoraica: **akê** *macaco*, **ɨmɨ́** *macho, homem*, **akó** *líquido, água*, **wi'í** *casa*, etc. A maioria dos nomes primários são lexemas livres que podem ocorrer isoladamente, como nos exemplos acima. Alguns nunca ocorrem sem um sufixo apropriado. São termos que designam certos animais, certos seres humanos ou certas partes do corpo. Por exemplo:
- **uti-** *caba, vespa* não pode ocorrer sem sufixo: **utiâ** /utî-a/ *cabas (pl)*, **utiâwɨ̃** /utî-a-wɨ̃/ *caba (sg)*, etc.
- **ye'me-** /yẽ'be/ *língua* nunca ocorre sem sufixo: **ye'mêro** /yẽ'bê-do/ *língua (sg)*, **ye'mêri** /yẽ'bê-di/ *línguas (pl)*, etc.

Semanticamente, os nomes são termos que designam os animais e os vegetais, os seres humanos ou sobrenaturais, os termos de parentesco, os elementos da natureza, os objetos, as partes do corpo, as doenças e outras entidades ("fome", "sono",...). Com os nomes, encontram-se também os nomes próprios e os empréstimos, o que confere a esta classe um caráter aberto.
A seção 8.1. propõe uma classificação nominal que evidencia três classes nominais: **animados**, **inanimados contáveis** e **inanimados não-contáveis**. Conforme a classe nominal, os sufixos de gênero/forma/número serão diferentes. 8.2. indica a posição dos sufixos nominais. Os sufixos de gênero/forma/número são estudados em 8.3-7: os sufixos associados à classe dos animados em 8.3-4, os da classe dos inanimados contáveis em 8.5. e os dos inanimados não-contáveis em 8.6-7. Os aumentativos e o diminutivo são tratados em 8.8-9 e os marcadores de função, em 8.10-13.

8.1. As classes nominais

Todo nome desncadeia uma concordância gramatical cuja expressão formal depende dos traços inerentemente ligados a este nome. Estes traços inerentes são **[animado]** e **[contável]**. A não-relevância dos traços [feminino] e [masculino] e o seu caráter não-inerente serão tratados no fim deste subcapítulo.
Esses dois traços inerentes evidenciam três classes nominais: a classe dos **nomes animados**, a classe dos **nomes inanimados contáveis** e a classe dos **nomes inanimados não-contáveis**.
Esta repartição dos nomes em três classes nominais justifica-se por um certo número de propriedades estruturais que se manifestam pela referência nominal (anafórica,

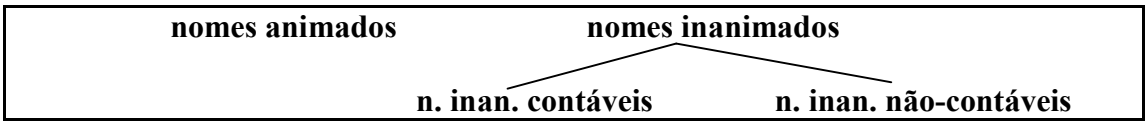
demonstrativa, possessiva,...), pela concordância gramatical e por sufixos nominais de gênero/forma/número diferentes conforme a classe nominal. Exemplificaremos esta repartição em três classes com o animado **akê** *macaco*, o inanimado contável **wi'í** *casa* e o inanimado não-contável **akó** *líquido/água*:
- referência nominal:
kɨ̃ɨ̃ *ele (anafórico de macaco)*, **ã'rí** *este (macaco)*, **yagɨ́** *o meu (macaco)*, etc.
tií *ela (anafórico de casa)*, **a'tí** *esta (casa)*, **yaá** *a minha (casa)*, etc.
teé *ele (anafórico de líquido),* **a'té** *este (líquido)*, **yeé** *o meu (líquido)*, etc.

- concordância gramatical: esta concordância ou harmonia de flexão efetua-se no interior da locução nominal ou entre a locução nominal sujeito e o verbo. Exemplo com **ãyú** *ser bom, bonito* e **niî** /dĩî/ *ser*:

akê ãyu-gɨ́ niî-mi *o macaco é bonito*	**akê ãyu-gɨ́** *macaco bonito*
wi'í ãyu-rí wi'i niî-' *a casa é bonita*	**ãyu-rí wi'i** *casa bonita*
akó ãyu-sehé niî-' *o líquido é bom*	**akó ãyu-sehé** *líquido bom*

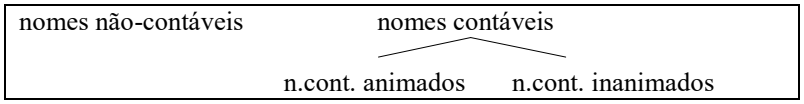
- sufixos de gênero/forma/número apropriados:
ake-á *macacos*
wi'-sêri *casas* (como todos os nomes inanimados não-contáveis, **akó** *líquido* não tem plural)

Propomos a hierarquia[9] seguinte, cada classe nominal tendo seus sufixos próprios:



8.1.1. Os **nomes animados** são estruturalmente definidos por seus sufixos próprios de gênero/número: **-a** *plural*, **-wɨ̃** *singulativo* e alguns sufixos menos produtivos (**-gɨ** *masculino singular*, **-go** *feminino singular*, **-rã** /-dã/ *plural*, etc.) e/ou pelo tipo de referência e concordância nominal (entre o sujeito e o verbo, ou dentro da locução nominal).
Semanticamente, são termos que designam os animais, os nomes próprios, os seres humanos ou sobrenaturais, incluindo também: **muhî-põu** /bũhî+põu/ *sol / lua*[10], **bɨpô**

[9] Poderíamos propor outra ordem hierárquica para os traços [animado] e [contável] e considerar o traço [contável] como dominante. Isso daria outra hierarquia:



No entanto, esta hierarquia não nos parece satisfatória por duas razões principais:
- a concordância gramatical mostra que as marcas de concordância têm um máximo de diferenças formais entre animados e inanimados, e não entre contáveis e não-contáveis (cf. exemplos acima que opõem as marcas de referência ou concordância entre, de um lado, **akê** *macaco* e, de outro lado, **wi'í** *casa* e **akó** *líquido*).
- existe uma classe ambivalente de nomes inanimados que levam sufixos de nomes contáveis para o plural e sufixos de nomes não-contáveis para o singular (cf. 8.1.4.). No entanto, não existe uma classe ambivalente de nomes contáveis levando marcas de nomes animados e inanimados segundo a categoria nocional.

[10] O mesmo termo na língua ye'pâ-masa designa o sol ou a lua. Quando desejar diferenciar os dois astros, para melhor claridade ou a fins didáticas, usa-se expressões como: **yamî muhi-põu** /yãbî+bũhi+põu/ *lua* (lit. *astro da noite*), **ɨmɨ̂koho muhi-põu** /ɨ̃bɨ̂koho+bũhi+põu/ *sol* (lit. *astro do dia*).

trovão, relâmpago, **yõko-**[11] *estrela*, **mirí** /bĩdí/ *instrumento musical*, **pĩkô** *cárie dentária*, e mais dois ou três termos.
Exemplos mostrando a mesma concordância sujeito-verbo com o verbo **niî** /dĩî/ *ser*:
akê niîmi *é um macaco*
Péduru niîmi *é Pedro*
kumû niîmi *é um xamã*
muhî-pũu niîmi *é o sol (ou a lua)*

Poderíamos argumentar a existência de duas subclasses: nomes animados masculinos e nomes animados femininos a partir do fato de que a concordância sujeito-verbo tem marcas diferentes conforme o nome referente ser feminino ou não, por exemplo, os sufixos de modalidade vista no presente: **-mo** /-bõ/ *feminino singular* e **-mi** /-bĩ/ *não-feminino singular*. No entanto, todos os animais, assim como "sol/lua", "instrumento musical", etc., desencadeiam uma marca do não-feminino no verbo: neste caso: **-mi**, no presente visto. Os nomes que desencadeiam a marca do feminino no verbo levam sempre um sufixo que indica o seu gênero. Por exemplo, **numiô** /dũbî-o/ *fêmea, mulher* leva o sufixo **-o** *feminino singular* (compare com o plural: **numiâ** /dũbî-a/ *fêmeas, mulheres* que leva o sufixo **-a** *plural*). Em outras palavras, a raiz **numî-** não tem nenhum traço inerente feminino: é o sufixo **-o** em **numiô** que acrescentou o traço [feminino].
Na falta de algum lexema primário que desencadearia uma concordância com marca do feminino no verbo sem a ajuda de algum sufixo nominal feminino, **não podemos considerar o traço [feminino]** como intrinsecamente ligado ao nome, já que a concordância entre a raiz nominal sujeito e o verbo desncadeia sempre um sufixo nominal não-feminino, se não aparecer algum sufixo nominal feminino como **-(g)o**. Em consequência, neste trabalho, refutaremos a existência de duas subclasses nominais animadas feminino e masculino, ou feminino e não-feminino.
No entanto, os nomes próprios de empréstimo têm um traço inerente [+feminino] ou [-feminino], evidenciados pela concordância sujeito-verbo:
Péduru niîmi /Pédudu dĩî-bĩ/ *é Pedro*
Baría niîmo /Badía dĩî-bõ/ *é Maria*

Os nomes pessoais não-possessivos **yɨ'ɨ** *eu* e **mɨ'ɨ** /bɨ̃'ɨ̂/ *tu* são nomes animados sem traço inerente [+feminino] ou [-feminino], embora desencadeiem uma concordância em relação com o sexo do falante, conforme o contexto:
yɨ'ɨ ãyugɨ niî' *eu sou bonito*
yɨ'ɨ ãyugó niî' *eu sou bonita*

Note que a concordância sujeito-verbo, no exemplo acima, desencadeia o sufixo verbal **-'** *pres.vist.outras pessoas*, o que aproxima esses "pronomes" dos inanimados.

8.1.2. Os **nomes inanimados contáveis** são estruturalmente definidos pelo sufixo do plural **-ri** /-di/ e/ou pelo tipo de referência e concordância nominal.
Semanticamente, são termos que designam:
- seres inanimados e objetos do mundo físico: "casa", "porta", "povoado", "roça", "caminho", "rio", "paraná", "terra", "noite", "floresta", "raiz", "galho", "prato", "cesta", "balaio", "verão", etc.
- certas partes do corpo: "coxa", "corpo", "osso", etc.

[11] A palavra "estrela" é um caso de nome pertencendo a mais de uma classe. Segundo o sufixo escolhido, pode ser animado (**yõkoáwɨ̃ niîmi** *é uma estrela*) ou, mais frequentemente, inanimado (**yõkoága niî'** *é uma estrela*).

- certos empréstimos: **papéra** *papel*, etc.
Constitui uma lista limitada, **completada pelos nomes dependentes** ("dia", "cacho", "caixa", "feixe", "fio", "fogo", "caroço", "touceira", "caldo", "pedaço", "lâmina", "grupo", "montículo", "parede", "unha", "carne", etc., cf. capítulo 9). A maioria dos empréstimos nominaia são igualmente nomes dependentes: **ora** *hora*, **semara** *semana*, etc.

8.1.3. Os **nomes inanimados não-contáveis** são estruturalmente definidos por seus sufixos próprios de gênero/forma: **-ro** /-do/ *locativo/partitivo*, **-ga** *forma roliça*, **-gɨ** *forma retilínea*, **-wɨ** *forma tubular e oca*, etc., e/ou pelo tipo de referência e concordância nominal.
Semanticamente, são termos que designam **entidades consideradas como abstratas, não-contáveis, contínuas**, **maciças e informes**. Como nomes inanimados não-contáveis primários, temos:
- "água", "metal", "fumaça", "farinha", "pedra", "vento", "caxiri", "remédio", "mingau", "breu", "puçangas", "isca", "nome", "pertences", "armas", "fome", "sono", "ferida", "festim", "cinzas", "carvão", etc.
- todos os vegetais: **taâ** *vegetal capim/grama (capinidade, gramidade, ervidade)*, **mɨ'rô** /bɨ̃'dô/ *vegetal tabaco (tabacidade)*, **ohô** *vegetal banana (bananidade)*, etc.
- certas partes do corpo ou partes ontológicas (parte de um todo): "excremento", "sangue", "parte traseira", "parte abdominal", "cabeça", "espinho", etc.
- as doenças: "catarro", "leishmaniose", etc.
Ao contrário dos nomes contáveis, os nomes não-contáveis **não podem ser acompanhados diretamente por sufixos de plural ou por numerais**. Por exemplo, os nomes não-contáveis **mɨ'rô** /bɨ̃'dô/ *tabacidade* ou **ohô** *bananidade* designam entidades abstratas e sem forma precisa. Em consequência, eles não têm plural e, com o numeral **ni'kâ** *um*, as locuções ***ni'kâ mɨ'ro** *um vegetal tabaco* e ***ni'kâ oho** *um vegetal banana* são locuções incorretas e malformadas. No entanto, os nomes não-contáveis **podem ser indiretamente contados ou pluralizados** uma vez que o locativo-partitivo **-ro** /-do/, um sufixo de forma ou um nome dependente os atualiza, **conferindo-lhes alguma forma precisa**. Exemplos com o partitivo **-ro** e os nomes dependentes **paro** /+pado/ *fruta de* e **yõo** *pé de (palmeira, bananeira)*:

mɨ'rô *tabacidade* → **mɨ'rôro** *charuto* (lit. *parte de tabacidade*)
→ **ni'kâ mɨ'roro** *um charuto*
ohô *bananidade* → **ohô paro** *banana* (lit. *fruta de bananidade*)
→ **ni'kâ (oho) paro** *uma banana*, **ohô paro<u>ri</u>** *bananas*
→ **ohô yõo** *bananeira* (lit. *pé de bananidade*)
→ **ni'kâ (oho) yõo** *uma bananeira*, **ohô yõo<u>ri</u>** *bananeiras*

8.1.4. Alguns nomes inanimados não têm comportamento estrutural bem definido: podemos considerá-los membros de uma quarta classe nominal, a **classe ambivalente dos nomes inanimados contáveis/não-contáveis**. Possuem certos sufixos próprios dos nomes contáveis e outros próprios dos nomes não-contáveis. Encontramos nesta classe vários raízes presas que indicam uma parte do corpo ou uma parte de um todo:
♦ **kapê-** *olho* → **kapê<u>(g)a</u>** *olho (sg)*, **kapê<u>ri</u>** / **kape<u>pagá</u>** *olhos (pl)*: com os sufixos de forma roliça **-(g)a** no singular e **-pa-gá** no plural, próprios dos nomes não-contáveis. e com o sufixo do plural **-ri** /-di/, próprio dos nomes contáveis.
♦ **ye'mê-** /yẽ'bê/ *língua* → **ye'mê<u>ro</u>** *língua (sg)*, **ye'mê<u>ri</u>** *línguas (pl)*: com o sufixo locativo **-ro** /-do/ no singular, próprio dos nomes não-contáveis, e com o sufixo do plural **-ri**, próprio dos nomes contáveis.

♦ **o'ô-** *flor* → **o'ô<u>ro</u>** *flor (sg)*, **o'ô<u>ri</u>** *flores (pl)*: id.

Encontramos também algumas raízes livres nesta classe ambivalente, como: **ɨrɨ́** /ɨ̃dɨ́/ *serra*, **yukɨ́** *madeira*, etc. Por exemplo, **ɨrɨ<u>pagɨ́</u>** ou **ɨrɨ̂<u>ri</u>** *serras*: a 1ª forma com os sufixos de forma retilínea **-pa-gɨ́**, próprios dos nomes não-contáveis; e a 2ª forma com o sufixo do plural **-ri**, próprio dos nomes contáveis.

8.2. Os sufixos nominais

O quadro seguinte mostra as classes de posição dos sufixos nominais. Os elementos de uma mesma classe de posição são incompatíveis entre eles:

	1 Gênero/Forma/Número	2 Singulativo	3 Aumentativo
RADICAL **NOMINAL**	**-a** *plural/an* **-(g)ɨ** *masculino* **-(g)o** *feminino* **-rã** /-dã/ *plural/an* **-ri** /-di/ *plural/inan* **-ro** /-do/ *locativo* **-ga** *f.rol* **-gɨ** *f.ret* **-tɨ** *f.pan* **-wɨ** *f.tub* **-wa** *f.ab* **-ra** *f.lago*	**-wɨ̃**, **-gɨ̃**	**-rohó** /-doho/ *(-f)* **-koho** *(+f)*

4 Diminutivo	5 Focalizador	6 Referencial	7 Especificador
-akã	**-pɨ**	**-re** /-de/	**-ta**
	Destaque		
	-a'		

8.3. O plural animado *-a* e o singulativo *-wɨ̃/-gɨ̃*

8.3.1. A maioria dos nomes animados não têm marca do singular: a raiz (nome primário) ou o radical (nome secundário) livre refere-se então ao **singular**, enquanto o **plural** forma-se com o sufixo **-a**:

wekó *papagaio*	**wekoá** /wekó-<u>a</u>/ *papagaios*
yõsó *japiim (pássaro)*	**yõsoá** /yõsó-<u>a</u>/ *japiins*
bu'ú *tucunaré*	**bu'uá** /bu'ú-<u>a</u>/ *tucunarés*
akê *macaco*	**akeá** /akê-<u>a</u>/ *macacos*
buû *cutia*	**buuá** /buû-<u>a</u>/ *cutias*
bi'î *rato*	**bi'iá** bi'î-<u>a</u>/ *ratos*
emô /ẽbô/ *macaco-guariba*	**emoâ** /ẽbô-<u>a</u>/ *macacos-guaribas*
wãtî *duende*	**wãtiâ** /wãtî-<u>a</u>/ *duendes*
diâ-yo'o /diâ+yo'o/ *ariranha*	**diâ-yo'oa** /diâ+yo'o-<u>a</u>/ *ariranhas*
poreró /podé=do/ *gafanhoto*	**poreroá** /podé=do-<u>a</u>/ *gafanhotos*
muhî-põu /bũhî+põu/ *sol/lua*	**muhî-põua** /bũhî+põu-<u>a</u>/ *sol e lua*

O comportamento das raízes e radicais nominais (derivados) de melodia ascendente é o mesmo; o novo radical formado pela adjunção do sufixo plural **-a** é também de melodia ascendente:

wekó *papagaio* **wekoá** [ʊɛ̀ɛ̨́kɜ̃á] *papagaios*

poreró *gafanhoto* **poreroá** [pɔ̀ɽɛ̀ɾɔ̃á] *gafanhotos*

Os radicais nominais (nomes secundários formados por derivação) que não são de melodia ascendente conservam a sua estrutura tonal:
diâ-yo'o [ⁿdíájɔ̰̀] *ariranha* **diâ-yo'oa** [ⁿdíájɔ̰̀à] *ariranhas*

Não existem radicais verbais ou nominais formados por derivação que sejam de melodia alta (cf. capítulo 14).

8.3.2. O comportamento tonal das raízes nominais de melodia alta é mais complexo. Podemoser dividir as raízes nominais animadas em duas classes:

CLASSE I: formada pelas raízes de melodia alta que se tornam de melodia ascendente com a adjunção do sufixo plural **-a**:
akê [àá̰kɛ́] *macaco* → **akeá** [àá̰kɛ̃́á] *macacos*
semê /sɛ̃bê/ [sɛ̰̃́mɛ̰̃́] *paca* → **semeá** [sɛ̰̃́mɛ̰̃̄ɛ̃́á] *pacas*
CLASSE II: formada pelas raízes de melodia alta que conservam a sua melodia alta com a adjunção do sufixo plural **-a**:
bɨkô [ᵐbɨ̰̀kɔ́] *tamanduá-bandeira* → **bɨkoâ** [ᵐbɨ̰̀kɔ́á] *tamanduás-bandeiras*
doê [ⁿdɔ́é] *traíra* → **doeâ** [ⁿdɔ́ɛ́á] *traíras*

Pertencem a Classe I: **akê** *macaco*, **wa'û** *macaco zogue-zogue*, **yesê** *porco*, **osô** *morcego*, **wekɨ̃** *anta*, **mɨtê** /bɨ̃tê/ *carapanã (pernilongo)*, **dasê** *tucano*, **semê** /sɛ̃bê/ *paca*, **kumû** /kũbû/ *xamã*, **buû** *cutia*, **bɨ'ɨ̃** *piranha*, etc.
Pertencem a Classe II: **bɨkô** *tamanduá-bandeira*, **wãtî** *duende*, **wa'tô** *cuandu*, **ã'kî** *lacraia (escolopendra)*, **ãpɨ̃** *caranguejo*, **tẽhê** *carrapato*, **yehê** *garça*, **doê** *traíra*, **emô** /ẽbô/ *macaco-guariba*, **mimî** /bĩbî/ *beija-flor*, **wɨ̃rɨ̃** /wɨ̃dɨ̃/ *preguiça*, etc.
O dicionário deve indicar o padrão tonal do plural em **-a** para cada nome animado.
Certos nomes mudam de classe segundo o falante. Por exemplo:
pamô /pãbô/ *tatu* → **pamoá**, **pamoâ** *tatus* (segundo o dialeto)

No entanto, as diferenças dialetais, neste ponto, parecem mínimas. Neste caso, um estudo comparativo com as outras línguas da família tukano tornar-se-ia muito útil para ver se esta divisão entre nomes de classe I e II se encontra em outra língua parente e para melhor entender a tonogênese.

8.3.3. As raízes de nomes animados que terminam pelo fonema **a** são "invariáveis": têm a mesma forma para o singular e o plural. Isso se explica pela regra de reestruturação bimoraica (regra **Bim**, cf. 2.6) e pelas regras tonais próprias ao sufixo plural **-a** que acabamos de apresentar:
petá *tocandira* **/petá-a/** → **/petaá/** → **petá** *tocandiras*
(adjunção de **-a** a uma raiz de melodia ascendente & Bim)
ãyâ *jararaca* **/ãyâ-a/** → **/ãyaâ/** → **ãyâ** *jararacas*
(todas as raízes de melodia alta terminando por **a** pertencem a classe II & Bim)

8.3.4. O sufixo singulativo **-wɨ̃** utiliza-se, com certos seres animados que vivem geralmente em grupos, para passar na categoria da unidade. Forma-se sempre a partir de um sufixo plural:
uti- *caba (vespa)* → **utiâ** /utî-a/ *cabas (pl)* → **utiâwɨ̃** /utî-a-wɨ̃/ *uma das cabas*

No exemplo acima, o singulativo **-wɨ̃** aparece sufixado sempre depois do plural **-a**, e não existe outro sufixo, indicando o singular ou a unidade, que possa ser diretamente ligado

à raiz nominal. Em outras palavras, não há outro meio de formar o singular com esse tipo de nomes.
Os animados compatíveis com o sufixo singulativo designam insetos, vermes, minhocas, peixes e outros pequenos animais. As raízes são geralmente presas, a marca obrigatória do plural sendo **-a** ou **-rã** /-dã/ (cf. 8.4.):

butu- *cupim (térmita)* **butuâ** /butû-a/ *cupins (pl)*
butuâwɨ̃ /butû-a-wɨ̃/ *um dos cupins*
moâ- /-bõa/ *mosca* **moârã** /bõâ-dã/ *moscas (pl)*
moârãwɨ̃ /bõâ-dã-wɨ̃/ *uma das moscas*

Às vezes, a raiz ou o radical nominal é livre, mas indica já a pluralidade (raízes frequentemente terminando por **a**):

omâ /õbâ/ *jias (rãs)* **omâwɨ̃** *jia (sg)*
bia-põrá /biá+põda/ *saúvas (formigas)* **bia-põráwɨ̃** *saúva (sg)*
wa'î *peixes (genérico)* **wa'îwɨ̃** *peixe (sg)*

Às vezes, o radical livre indica o singular, a sua forma tornando-se sinônima da forma com o singulativo, formada a partir do plural:

pĩkoró /pĩkó=do/ *larva (sg)* **pĩkoroá** /pĩkó=do-a/ *larvas (pl)*
pĩkoroáwɨ̃ /pĩkó=do-a-wɨ̃/ *larva (sg)*
bɨeró /bɨé=do/ *formiga* sp. *(sg)* **bɨeroá** /bɨé=do-a/ *formigas* sp. *(pl)*
bɨeroáwɨ̃ /bɨé=do-a-wɨ̃/ *formiga* sp. *(sg)*

As raízes presas que admitem o sufixo singulativo **-wɨ̃** e que são precedidas pelo sufixo plural **-a**, pertencem à classe II:

uti- *caba* **utiâwɨ̃** *uma caba*
iki- *mandi (peixe* sp.*)* **ikiâwɨ̃** *um mandi*
(assim como: **butu-** *cupim*, **beko-** *larva* sp., **tu'bi-** *peixe* sp., etc.)

ou à classe I (a não ser raízes presas de melodia ascendente):

dasi- *camarão* **dasiáwɨ̃** *um camarão*
kasi- *barata* **kasiáwɨ̃** *uma barata*
(assim como: **emo-** /ẽbô/ *formiga* sp., **ãhu-** *minhoca*, **i'i-** *piolho*, etc.)

No registro informal das conversações diárias, o conjunto **-a-wɨ̃** é simplificado em **-ɨ̃**:

utiâwɨ̃ *uma caba* (registro formal) → **utîɨ̃** *uma caba* (registro coloquial)
dasiáwɨ̃ *um camarão* (registro formal) → **dasíɨ̃** *um camarão* (registro coloquial)

O sufixo **-gɨ̃** parece ter o mesmo sentido que o sufixo **-wɨ̃**, o uso de um ou de outro dependendo do locutor e do item nominal usado.

8.4. Os outros sufixos de gênero-número animado

8.4.1. Os sufixos nominais **-gɨ** (ou com apagamento de **g**: **-ɨ**) *masculino singular*, **-go** (ou com apagamento de **g**: **-o**) *feminino singular* e **-rã** /-dã/ *plural* aparecem com certos termos animados que designam animais, seres humanos, grupos indígenas ou termos de parentesco. As raízes são frequentemente presas:

masɨ /bãsá-gɨ/ *pessoa (msg)*, **masó** /bãsá-go/ *pessoa (fsg)*, **masá** /bãsá/ *pessoas (pl)*
wĩrâgɨ /wĩdâ-gɨ/ *desano (msg)*, **wĩrâgo** /wĩdâ-go/ *desana (fsg)*, **wĩrâ** *desanos(as)*
pekâsĩhɨ /pekâ+masa-gɨ/ *não-índio*, **pekâsõho** *não-índia*, **pekâsãha** *não-índios(as)*
seêi /seê-gɨ/ *macaco-barrigudo* **seêrã** /see-dã/ *macacos-barrigudos* (com assimilação regressiva, **-ɨ** *msg* > **[i]**, cf. 2.6.)

wa'îk̶i̶ /wa'î+bi̶k̶i̶/ *animal de caça*	**wa'îk̶i̶rã** *animais de caça*
ta'âroki̶ /ta'â=do+bi̶k̶i̶/ *sapo-cururu*	**ta'âroki̶rã**, **ta'âroki̶a** *sapos-cururus*
numiô /dũbî-go/ *fêmea*	**numiâ** /dũbî-a/ *fêmeas*
i̶mi̶ /i̶bi̶-gi̶/ *macho*	**i̶mi̶á** /i̶bi̶-a/ *machos*
pakí /paká-gi̶/ *pai*	**pakó** /paká-go/ *mãe*
makí /bãká-gi̶/ *filho*	**makó** /bãká-go/ *filha*

8.4.2. Os sufixos **-gi̶** e **-go** não são usados para diferenciar o sexo de um animal. Neste caso, recorre-se aos nomes **i̶mi̶** *macho* ou **numiô** /dũbî-go/ *fêmea*. Exemplo com **semê** /sẽbê/ *paca*:
semê i̶mi̶ *paca macho*
semê numiô *paca fêmea*

O leitor comparará os sufixos nominais **-gi̶** *masculino singular* e **-go** *feminino singular* com os sufixos verbais de modalidade (por exemplo, a modalidade vista no presente): **-mi** /-bĩ/ *3-fsg* e **-mo** /-bõ/ *3+fsg*. A marca de concordância **-mi** refere-se a um sujeito de sexo masculino ou indeterminado (animal enquanto espécie), enquanto a marca **-mo** refere-se a um sujeito de sexo feminino: em outros termos, o sufixo **-mi** é o termo não marcado da oposição. No entanto, os sufixos **-gi̶** e **-go** são ambos marcados para o gênero e o número. Desencadeiam, respectivamente, **-mi** e **-mo**, enquanto a recíproca é falsa: **-mi** não desencadeia automaticamente um ser de sexo masculino.

8.4.3. Vários morfemas aparecem com o plural dos termos de parentesco: **-sa** e **kẽ'ra** /kẽ'da/). O uso destes morfemas é limitado a estes termos:

pakí /paká-gi̶/ *pai*	**paki̶-si̶mi̶á** /paká-gi̶-sa-i̶mi̶-a/ *pais* (**i̶mi̶-á** *machos*)
pakó /paká-go/ *mãe*	**pako-sánumia** /paká-go-sa-dũbi-a/ *mãe* (**numi-a** *fêmeas*)
basúki̶ *primo cruzado*	**basúki̶ kẽ'ra** /basû-ki̶+kẽ'da/ *primos cruzados*

(para um estudo exaustivo do plural dos termos de parentesco, cf. anexo do dicionário).

8.4.4. Assinalamos, para terminar, algumas formas irregulares no plural:

yaî *onça*	**yaîwa** *onças*
ma'mî /bã'bâ-gí/ *moço*	**ma'mâpiha** /bã'bâ+piha/ *moços*
makí /bãká-gi̶/ *filho*	**põ'rá** /põ'dá/ *filhos*

8.5. O plural inanimado *-ri*

O sufixo nominal **-ri** /-di/ *plural* marca o plural dos nomes inanimados contáveis, a raiz ou o radical livre indicando o singular:

makâ /bãkâ/ *povoado*	**makâri** /bãkâ-di/ *povoados*
maâ /bãâ/ *riacho*	**maâri** /bãâ-di/ *riachos*
po'té *cabeceira*	**po'terí** /po'té-di/ *cabeceiras*
yamî /yãbî/ *noite*	**yamîri** /yãbî-di/ *noites*
di̶pî *galho*	**di̶pîri** /di̶pî-di/ *galhos*
i̶sô *coxa*	**i̶sôri** /i̶sô-di/ *coxas*
õ'â *osso*	**õ'âri** /õ'â-di/ *ossos*

Certos nomes inanimados apresentam uma irregularidade tonal. São nomes **sem melodia tonal fixa**: enquanto a raiz livre é de melodia ascendente, ela torna-se de melodia alta quando leva a marca do plural **-ri**. Por exemplo:

wesé *roça*	**wesêri** *roças*
sopé *porta*	**sopêri** *portas*

bapá *prato* **bapâri** *pratos*

Dois ou três nomes inanimados contáveis têm um plural irregular:
wi'í *casa* **wi'sêri** *casas*
pi'î *aturá (cesta)* **pi'sêri** *aturás*

8.6. O locativo *-ro*

O sufixo nominal **-ro** /-do/ *locativo* tem uma polissemia desenvolvida que torna difícil achar o seu sema central. No entanto, a partir do seu uso com verbos nominalizados (cf. 11.6.), argumentaremos neste trabalho um significado básico de **locativo** ("lugar onde..."). Além de ser largamente usado com verbos nominalizados, o locativo serve também de sufixo para numerosos **nomes inanimados não-contáveis**:
1. Como **partitivo**, indica a parte de um todo. Com **-ro**, o conteúdo designado por um nome inanimado não-contável não se refere mais à sua totalidade, mas somente a uma parte dele:

di'í *carne*	**di'iró** /di'í-do/ *pedaço de carne*
mɨ'rô /bɨ̃'dô/ *tabaco*	**mɨ'rôro** /bɨ̃'dô-do/ *charuto*
wĩ'ró /wĩ'dó/ *vento*	**wĩ'rôro** /wĩ'dô-do/ *rajada de vento*
akó *água*	**akôro** /akô-do/ *chuva*
kamî /kãbî/ *feridas*	**kamîro** /kãbî-do/ *uma ferida*

2. Com certas **partes do corpo** ou **partes de um todo** morfologicamente presas, **-ro** é a marca do singular (ou do partitivo) enquanto **-ri** é a marca da pluralidade:

ye'mê- /yẽ'be/ *língua*	**ye'mêro** *língua (sg)*	**ye'mêri** *línguas (pl)*
kuti- *peito*	**kutîro** *peito (sg)*	**kutîri** *peitos (pl)*
pĩko- *cauda*	**pĩkôro** *cauda (sg)*	**pĩkôri** *caudas (pl)*
o'o- *flor*	**o'ôro** *flor (sg)*	**o'ôri** *flores (pl)*
nɨtɨ- *escama*	**nɨtɨ̂ro** *escama (sg)*	**nɨtɨ̂ri** *escamas (pl)*
kase- *pele*	**kasêro** *pele (unidade)*	**kasêri** *peles (vários pedaços, várias peles)*
sa'po- *espuma*	**sa'pôro** *parcela de espuma*	**sa'pôri** *superfície coberta de espuma*

Nota-se que certas partes que usam o sufixo **-ro** como marca do singular têm uma forma proeminente e/ou oblonga ("língua", "cauda", "orelha", "chifre"). O mesmo sufixo **-ro** encontra-se talvez no nome dependente **paro** /pado/ *forma de vagem*, se for interpretado como um composto: /paa-do/, com /paa/ *forma plana* e /-do/. Este nome dependente caracteriza certas frutas alongadas como a banana, o milho ou a espiga de milho. No entanto, se o significado central de **-ro** fosse "ser alongado e proeminente" e não de um locativo no singular, não entenderíamos por que, no plural, este sufixo cairia, dando **-ri** em vez de **-ro-ri**.

3. Para uma duzia de nomes, a raiz livre indica o plural enquanto **-ro** é a marca do singular. Estes nomes são termos que designam objetos manufaturados:

atá *fornos (pl)*	**atâro** *forno (sg)*
i'í *pentes*	**i'îro** *pente*
ahú *sacos*	**ahûro** *saco*
aká *caixas*	**akâro** *caixa*
su'tí *roupas*	**su'tîro** *roupa*
wẽrí /wẽdí/ *abanos*	**wẽrîro** /wẽdî-do/ *abano*
kumú /kũbú/ *bancos*	**kumûro** /kũbû-do/ *banco*
ẽó *espelho*	**ẽôro** *espelhos*

sõ'kó *ralos* **sõ'kô<u>ro</u>** *ralo*
wahá *cuias* **wahâ<u>ro</u>** *cuia*

Com estes termos, o sufixo **-ro** expressa obviamente uma singularidade. Em consequência, a partir do significado central de "locativo", propomos a orientação polissêmica seguinte para o sufixo **-ro**:

locativo → lugar/parte → partitivo → parte (do corpo) → singular

O leitor atento terá notado que os termos designando objetos manufaturados **não têm uma melodia tonal fixa**: a sua raiz livre é de melodia ascendente enquanto a sua forma plural (com **-ro**) é de melodia alta. Esta interpretação justifica-se na medida em que a existência de lexemas com melodia instável é comprovada pelo léxico (cf. no dicionário os verbos **doké** *atirar* e **omá** /õbá/ *correr*).
Outra maneira de explicar esta irregularidade tonal consistiria em considerar estas raízes presas e em postular a presença de um sufixo suprasegmental: □́ *plural*. Por exemplo:
atâ- *forno* **atá** /atâ-□́/ *fornos (pl)* **atâro** /atâ-do/ *forno (sg)*

Na falta de argumentos capazes de justificar melhor a existência de um sufixo suprasegmental que marcaria o plural, ficaremos na nossa primeira posição: a de lexemas com melodia tonal instável.

8.7. Os "sufixos de forma"

O quadro seguinte reune os seis jogos de "sufixos de forma" para o singular e para o plural:

	Singular	Plural
Forma roliça (frol)	**-ga**	**-pa-gá**
Forma de panela (fpan)	**-t̶i̶**	**-pa-rí̶** /-pa-dí̶/
Forma retilínea (fret)	**-gi̶**	**-pa-gí̶**
Forma tubular e oca (ftub)	**-wi̶**	**-pa-wí̶**
Forma de abóbada (fab)	**-wa**	**-pa-wá**
Forma de lago	**-ra** /-da/	**-pa-rá** /-pa-dá/

Estes sufixos nominais permitem a atualização dos nomes inanimados não-contáveis. Com eles, os não-contáveis, abstratos ou informes, tomam uma forma precisa e podem ser assim contados e pluralizados. Por exemplo, com o nome não-contável e abstrato **ũyû** *abacatidade (vegetal abacate)* e o numeral **ni'kâ** /dĩ'kâ/ *um*:
ũyûga /ũyû-ga/ *abacate (a fruta)* (lit. *ser roliço de abacatidade*)
ũyupagá /ũyû-pa-ga/ *abacates* (lit. *seres roliços de abacatidade*)
ũyûgi̶ /ũyû-gi̶/ *pé de abacate, abacateiro* (lit. *ser retilíneo de abacatidade*)
ũyupagí̶ /ũyû-pa-gi̶/ *pés de abacate, abacateiros* (lit. *seres retilíneos de abacatidade*)
ni'kâga (ũyûga) *um abacate* [lit. *um ser roliço de abacatidade)*]

Outro exemplo com o sufixo **-ga** *forma roliça* e o nome não-contável **ĩ̶rê** /ĩ̶dê/ *vegetal pupunha (pupunhidade)*:
ĩ̶rêga *pupunha (a fruta)* (lit. *um roliço de pupunhidade*)

O leitor não se deixará enganar pela tradução e pela palavra "forma". Como veremos no fim deste subcapítulo, os **"sufixos de forma"** comportam-se estruturalmente como todos os **nomes dependentes**. No conjunto **NOME.NÃO-CONTÁVEL-SUF.FORMA**, temos

o mesmo tipo de relação que encontraremos na locução **N.INDEP.+N.DEP.**, i.e. a relação: **complemento+completado**.
Da mesma maneira que temos, com os nomes dependentes **tõ'o** *cacho de* e **yõo** *palmeira de*:
ɨ̃rê tõ'o *um cacho de pupunhidade*
ɨ̃rê yõo *uma palmeira de pupunhidade*

temos também com o "sufixo de forma" **-ga**:
ɨ̃rê-ga *um roliço de pupunhidade* (i.e. *uma fruta pupunha*)

e os "sufixos de forma" seriam melhor traduzidos por:

-ga	*(ser) roliço de*	**-wɨ**	*tubo oco de*
-rɨ	*panela de*	**-wa**	*abóbada de*
-gɨ	*(ser) retilíneo de*	**-ra**	*lago de*

Estes "sufixos de forma" **não denotam nenhuma característica ou propriedade inerente à entidade** à qual se refere o nome não-contável: um vegetal pupunha não tem a priori uma forma roliça ou retilínea, simplesmente por serem os não-contáveis nomes que designam entidades sem forma. Não operam nenhuma classificação nominal. Em consequência, os "sufixos de forma" merecem ainda menos a denominação de "classificadores".

8.7.1. O sufixo nominal **-ga** *forma roliça* refere-se a entidades designando a maioria das frutas ou tubérculos mais ou menos arredondados ou cilíndricos (pupunha, abacate, pimenta, abiu, cúbio, biribá, abacaxi, buriti, cará, batata-doce, taioba, etc.), assim como seres ou partes do corpo desta forma:

ikî *inajidade*	**ikîga** /ikî-ga/ *fruta inajá (certa palmeira)*
sẽrá /sẽdá/ *abacaxidade*	**sẽragá** /sẽdá-ga/ *fruta abacaxi (ananás)*
biâ *pimentidade*	**biâga** /biâ-ga/ *pimenta*
kií *mandiocidade*	**kiigá** /kií-ga/ *tubérculo de mandioca*
komé /kõbé/ *metal*	**komêga** /kõbê-ga/ *machado de metal*
butu- *cupim, térmite*	**butuâga** /butu-a-ga/ *ninho de cupim*
ɨ̃tá *mineral*	**ɨ̃tâga** /ɨ̃tâ-ga/ *pedra*
potâ *órgão pungente (esporão,...)*	**potâga** /potâ-ga/ *espinho*
paa- *abdômen*	**paâga** /paâ-ga/ *barriga*
sii- *parte traseira*	**siîga** /siî-ga/ *nádegas*
kape- *olho, cílio, pálpebra,..*	**kapê(g)a** /kapê-ga/ *olho*
ẽ'ke- *nariz, narina,...*	**ẽ'kê(g)a** /ẽ'kê-ga/ *nariz*
dɨpo- *cabeça, cume*	**dɨpô(g)a** /dɨpô-ga/ *cabeça (órgão)*

No registro coloquial, **-ga** simplifica-se em **-a** (apagamento de **g**, cf. 2.6.). Esta simplificação é de regra com as partes do corpo: **kapêa** *olho*, a forma **kapêga** sendo já tida como ridícula para a maioria dos falantes. Neste caso, o sufixo **-ga** perdeu o seu significado original e tornou-se uma simples marca de singular que não desencadeia mais a coesão de concordância exigida por **-ga** na locução nominal. Por exemplo, com o demonstrativo **a'tí** *este*: **a'tîga kiigá** *este tubérculo de mandioca*, i.e. **a'tí** concorda com **kii-gá**. No entanto:
a'ti kapéa /a'tí+kape-ga/ *este olho*
a'te kapéri /a'té+kape-di/ *estes olhos*

onde **a'tí** não concorda com **kapêa**, que se comporta então como qualquer nome inanimado contável (por exemplo, compare com o nome contável **makâ** /bãkâ/ *povoado*: **a'ti maká** *este povoado*, **a'te makári** *estes povoados*).

8.7.2. O sufixo nominal **-tɨ** *forma de panela* refere-se principalmente às panelas, o nome ao qual ele se sufixa indicando o conteúdo ou o continente da panela:

komé /kõbé/ *metal*	**kometɨ́** /kõbé-tɨ̃/ *panela de metal*
biâ *pimentidade*	**biâtɨ** /biâ-tɨ/ *"quinhampira" (panela de pimenta)*
peêru /peê-du/ *caxiri*	**peêrutɨ** /peê-du-tɨ/ *panela de caxiri*

8.7.3. O sufixo nominal **-gɨ** *forma retilínea* refere-se a todo tipo de árvores ou arbustos (que não sejam palmeiras e bananeiras) e a objetos geralmente compridos e/ou retos:

yukɨ́ *madeira*	**yukîgɨ** /yukî-gɨ/ *pau*
ũyû *abacatidade*	**ũyûgɨ** /ũyû-gɨ/ *abacateiro*
mɨ'rô /bɨ̃'dô/ *tabacidade*	**mɨ'rôgɨ** /bɨ̃'dô-gɨ/ *pé de tabaco*
ãrî /ãdɨ̃/ *vegetal cana*	**ãrîgɨ** /ãdî-gɨ/ *pé de cana*
põú *rede de dormir (conjunto com corda,...)*	**põûgɨ** /põû-gɨ/ *rede de dormir*
nuri- /dũdi/ *órgão sexual masculino*	**nurîgɨ** /dũdî-gɨ/ *pênis*

8.7.4. O sufixo nominal **-wɨ** *forma tubular* designa seres mais ou menos tubulares e ocos (espingarda, zarabatana, embarcação, cocho, etc.):

pekâ *lenha, fogo*	**pekâwɨ** /pekâ-wɨ/ *arma de fogo (espingarda,...)*
bupú *palmeira* sp.	**bupuwɨ́** /bupú-wɨ/ *zarabatana feita com esta palmeira*
komé /kõbé/ *metal*	**komewɨ́** /kõbé-wɨ/ *bote de alumínio*
peêru /peê-du/ *caxiri*	**peêruwɨ** /peê-du-wɨ/ *cocho de caxiri*

8.7.5. O sufixo nominal **-wa** *forma de abóbada* designa os seres que têm mais ou menos uma forma de abóbada ou de extensão arqueada (peneira, montão, ninho de formigas, cachoeira, tipiti, jirau, etc.):

sɨ'o- *peneira*	**sɨ'ôwa** /sɨ'ô-wa/ *peneira*
põrî /põdî/ *folhas*	**põrîwa** /põdî-wa/ *montão de folhas*
merê /bẽdê/ *vegetal ingá*	**merêwa** /bẽdê-wa/ *pé de ingá*
meká /bẽká/ *formiga* sp.	**mekawá** /bẽká-wa/ *formigueiro de tal formiga*

8.7.6. O sufixo nominal **-ra** *forma de lago* entra principalmente na toponímia:

dita- *poça, poço, lago*	**ditâra** /ditâ-ra/ *lago*
doê *traíra (certo peixe)*	**Doêra** /doê-ra/ *Lago-da-Traíra (toponímia)*

8.7.7. O plural forma-se com:
- o sufixo **-pa** (considerações comparativas sugerem que este sufixo é uma forma abreviada da autófora ou pro-forma nominal **opâ** *ser, coisa*);
- seguido pelo "sufixo de forma" adequado: **-ga**, **-rɨ** /-dɨ/, **-gɨ**, **-wɨ**, **-wa** ou **-ra**.

Por exemplo:

ũyûga *abacate*	**ũyupagá** *abacates*
ũyûgɨ *abacateiro*	**ũyupagɨ́** *abacates*
kiigá *tubérculo de mandioca*	**kiipagá** *tubérculos de mandioca*
biâtɨ *panela de pimenta*	**biaparɨ́** *panelas de pimenta*
peêruwɨ *cocho de caxiri*	**peêrupawɨ** *cochos de caxiri*
poêwa *cachoeira*	**poepawá** *cachoeiras*
ditâra *lago*	**ditapará** *lagos*

O comportamento tonal das formas plurais pede comentários:
- enquanto os sufixos de "forma" são tonalmente regulares, obedecendo à regra geral de deslocamento tonal, o sufixo **-pa** é tonalmente transparente (cf. 5.2.): como o sufixo de modalidade sentida **-sa**, ele deixa passar o tom de qualquer raiz nominal para o sufixo seguinte (**-ga**, **-gɨ**, etc.). É sempre fonologicamente átono.
- as raízes nominais primárias, de estrutura bimoraica, sempre perdem o seu tom próprio: é o sufixo final que se torna acentuado, dando à palavra uma melodia ascendente.
- os radicais nominais secundários, formados com derivação, guardam a sua melodia, os sufixos finais permanecendo átonos (cf. exemplo: **peêruwɨ/ peêrupawɨ**).
Como explicar estes fatos? Podemos rever as duas interpretações propostas em 8.6. e compará-las:
1) A primeira solução consistiria em fazer de todos os lexemas nominais acima raízes de melodia tonal instável: melodia alta ou ascendente no singular, e sempre ascendente no plural:

ũyû/**ũyú** *abacatidade*	**ũyûga** /ũyû-ga/ *abacate*	**ũyupagá** /ũyú-pa-ga/ *abacates*
kií *mandiocidade*	**kiigá** /kií-ga/ *o tubérculo*	**kiípagá** /kií-pa-ga/ *os tubérculos*

Esta interpretação não é satisfatória, na medida em que exige que todas as raízes sejam tonalmente instáveis, e não só algumas como em 8.6.

2) A segunda solução consistiria em postular a existência de um sufixo suprasegmental indicador da pluralidade (tom alto), o que faria do plural a combinação de três sufixos: **-□́-pa-ga**, **-□́-pa-gɨ**, etc. Esta interpretação nos parece mais natural. No entanto, não sabemos se este tom alto constitui realmente um sufixo, uma marca separada indicando o plural ou se ele faz parte do sufixo **-pa**. neste último caso, teríamos: **-□́pa-ga**, **-□́pa-gɨ**, etc., a presença de um tom flutuante alto no sufixo indicando talvez diacronicamente o apagamento segmental de uma parte de sufixo (**opâ → -□́pa**).

8.7.8. Os "sufixos de forma" têm o mesmo comportamento semântico e sintático (complemento+completado) que os nomes dependentes. Isso sugere que estes morfemas são antigos nomes dependentes que, por gramaticalização, ficaram mais ligados à raiz nominal e tornaram-se sufixos. São sufixos porque são todos foneticamente ligados à raiz nominal (cf. uma lista de critérios em 7.1.): são contaminados por uma raiz nominal intrinsecamente nasal e/ou começam por **/g/** ou **[r]**. O sufixo **-tɨ** não é nasalmente contaminado nem começa por /g/, mas possui um alomorfe que começa pelo fone [r] no plural.
Às vezes, é difícil fazer a separação entre "sufixo de forma" e "nome dependente". Como ilustração, compararemos o sufixo de forma **-wɨ** *forma tubular e oca* com o nome dependente homófono[12] **wɨɨ** *oco*. Este aparece no exemplo seguinte com o nome **yukɨ** *madeira* sufixado pela forma **-gɨ** *forma retilínea*:
yukîgɨ /yukî-gɨ/ *pau (roliço de madeira)* → **yukîgɨ wɨɨ** /yukî-gɨ+wɨɨ/ *oco de pau*

Embora se pareça semanticamente e formalmente com o "sufixo de forma" homófono, o nome dependente **wɨɨ** *oco*, não é um sufixo de forma por não ser contaminado por um radical nasal (por exemplo, em **ãyurí wɨɨ** *oco bonito*, a contaminação nasal para na sílaba **rí**) e por ter, como todos os nomes dependentes, um plural em **-ri** /-di/ e não em **-**

[12] Homófonos porque as grafias diferentes (**-wɨ** / **wɨɨ**) não correspondem a nenhuma diferença de pronúncia entre os dois morfemas. São meras convenções gráficas adotadas para evidenciar a estrutura bimoraica dos lexemas.

pa: **wɨ̃-ri** *ocos*. Além disso, o sufixo homófono **-wɨ** tem um campo semântico mais estreito.
Este exemplo mostra um processo de gramaticalização (nome dependente → sufixo de forma) ainda vivo, e como ele se realiza por modificação fonética e restrição semântica.

8.8. Os aumentativos

8.8.1. Os aumentativos **-rohó** /-doho/ *animado não feminino/inanimado* e **-koho** *animado feminino* são associados aos seres de grande tamanho:

Pédururoho /Pédudu-doho/ *Pedro grande*	**Baríakoho** /Badía-koho/ *Maria grande*
pakɨ́rohó /pakɨ́-doho/ *pai grande*	**pakokohó** /pakó-koho/ *mãe grande*
buurohó /buû-doho/ *cutia grande*	**wekorohó** /wekó-doho/ *papagaio grande*
wi'i *casa*	**wi'irohó** /wi'í-doho/ *casa grande*

O aumentativo só pode ser sufixado aos nomes não-contáveis se estes últimos forem previamente atualizados por um sufixo de forma ou por um nome dependente:

ɨ̃rê *pupunhidade*	**ɨ̃rêga** *fruta pupunha*	
	ɨ̃rêgaroho *fruta pupunha grande*	
	ɨ̃rê tõ'o *cacho de pupunhas*	
	ɨ̃rê tõ'oroho *cacho grande de pupunhas*	
su'tí *roupas (pl)*	**su'tîro** *roupa (sg)*	**su'tîroroho** *roupa grande*

Os aumentativos só podem ser usados com **formas nominais no singular**. No plural, recorre-se ao verbo **paka** *ser grande*, que, uma vez nominalizado, indica uma pluralidade de seres de grande tamanho:
buuá pakarã́ *cutias grandes*
su'tí pakasehé *roupas grandes*

Os aumentativos, quando usados com seres animados, especialmente humanos, têm uma forte conotação afetiva.

8.8.2. O sufixo **-koho** é tonalmente regular: obedece à regra de deslocamento tonal. Pelo contrário, o sufixo **-rohó** apresenta as irregularidades seguintes:
- apesar de começar pelo fone [r], os radicais intrinsecamente nasais nunca o contaminam. Exemplo com **umú** *japu (pássaro)*:
umurohó /ũbú-doho/ [ũ̃mũ̃ɽ̥ʱhɔ̃] *japu grande*

- captura o tom de qualquer raiz nominal (lexema de estrutura bimoraica):

wekó *papagaio*	**wekorohó** *papagaio grande*
buû *cutia*	**buurohó** *cutia grande*

Interpretaremos este fenômeno como já o fizemos com o plural dos sufixos de forma (cf. 8.7.) e postularemos a existência de um tom flutuante: **-rohó** /-□doho/. O tom alto flutuante poderia diacronicamente corresponder ao desaparecimento de um ou vários fonemas segmentais que impediam a contaminação nasal. Isso levaria a uma reconstituição do tipo: ***$C_{surda}V_1$ hV_2 ro** que se encontraria, por exemplo, em ***pahiro** *grande, muito* **> -□roho**.

8.9. O diminutivo *-akã*

O sufixo nominal **-akã** *diminutivo* é associado aos seres de pequena dimensão:

Pédruakã *Pedrinho*	**Baríaakã** *Mariazinha*

wekoákã *papagaiozinho* **wekoaákã** *papagaiozinhos*
wi'iákã *casinha* **wi'sêriakã** *casinhas* (**wi'sêri** *casas*)
ɨrêgaakã *pupunha pequena* **ɨrepagaákã** *pupunhas pequenas*

Como se vê pelos exemplos acima, **-akã** pode ser sufixado a nomes singulares ou plurais, animados ou não. O sufixo diminutivo vem logo depois da marca do plural, como no exemplo **weko-a-ákã** *papagaiozinhos*, com **wekó** *papagaio* e **-a** *plural/animado*.
Caso o nome for inanimado não-contável, precisa ser previamente atualizado por um sufixo de forma (**-ga** e **-pa-ga**, nos dois últimos exemplos) ou um nome dependente antes de receber a marca do diminutivo.
O diminutivo é frequentemente usado com os "pronomes" pessoais:
yɨ'î *eu* **yɨ'ɨákã** *euzinho*
koô *ela* **kooákã** *elazinha*

com os demonstrativos:
a'tó *aqui* **a'toákã** *bem aqui*

ou com os verbos nominalizados:
sahâtiro /sohâ-ti-dó/ *devagar* **sahâtiroakã** *devagarzinho*
yoaró /yoâ-dó/ *longe* **yoaroákã** *um pouco longe*

Neste caso, o diminutivo tem frequentemente um valor intensivo (por exemplo, com **a'tó** e **sahâtiro**). Outro exemplo do uso de **-akã** como intensivo:
pɨ'tó *perto* **pɨ'toákã** *pertinho (muito perto)*

Como os aumentativos, o diminutivo leva frequentemente também uma conotação afetiva.

♦ Tonalmente, o sufixo diminutivo **-akã** comporta-se como o sufixo verbal **-a**, que é a marca do passado recente/perdurativo (cf. discussão detalhada em 5.1.): a 1ª vogal do sufixo **-akã** (ou seja: **a**) forma um tom de contorno ascendente com a última vogal de uma raiz verbal de melodia alta, caso estas duas vogais sejam adjacentes, ou de qualquer raiz ou radical ascendente:
buû *cutia* **buuákã** *cutiazinha*
wekɨ̂ *anta* **wekɨákã** *antinha*
wekó *papagaio* **wekoákã** *papagainho*
poreró /podé=do/ *gafanhoto* **poreroákã** *gafanhotinho*

8.10. O focalizador *-pɨ*

O sufixo nominal **-pɨ** *focalizador* tem um funcionamento delicado. Aparece geralmente com os complementos nucleares ou periféricos que especificam o **cuadro espaço-temporal** da situação, focalizando-os como um ponto no espaço ou no tempo, ou enfatizando-os. Pode ser também sufixado ao sujeito do verbo.

8.10.1. Sufixado a um **complemento espacial**, o focalizador **-pɨ** expressa, segundo o semantismo do verbo, o lugar em cujo interior (**inessivo**), o lugar até onde (**alcance**) ou o lugar a partir de onde (**ponto de partida**) se realiza a situação verbal. Podemos traduzi-lo por: "dentro de", "até", "a partir de", "desde". O complemento espacial pode ser nuclear (argumento do verbo) ou não. Nos exemplos (293, 294, 295, 296, 297), o complemento espacial é nuclear. No exemplo (298), ele é periférico:

(293) **kãrêkẽ' dieri wahâropɨ sãaámi**
/kãdêkẽ'+ die-di wahâ-do-pɨ sãâ - a-bĩ /
galinha +ovo-pl cuia -sg-foc pôr dentro-p.rec.vist
(ele) colocou os ovos de galinha dentro da cuia

(294) **pa'i tirópɨ a'teré mii mɨháa'ya!**
/pa'í + tido - pɨ a'té -de bĩí +bɨ̃ha- a' - ya/
padre+perto-foc estas coisas-ref levar+subir-C>-imp
suba (a escada) levando estas coisas até o padre!

(295) **diâpɨ nukû-pori õrêmi**
/diâ-pɨ dũkû-podi õdê - bĩ /
rio-foc areia tirar-pres.vist
(ele) tira areia do rio

(296) **kasâwa bu'ipɨ wa'î ba'pâritirã miiápɨ**
/kasâ-wa+ bu'i -pɨ wa'î ba'pâ-di-ti- dã bĩî - a-pɨ /
jirau +cima-foc peixe quatro -nom.pl tirar-p.rec.vist
tirei quatro peixes de cima do jirau

(297) **masá siî yõapɨ wa'mɨ̂'tima**
/ bãsá siî + yõa -pɨ wã'bɨ̂-' ti - bã /
pessoas aquela+ponta-foc subir-C<-pres.vist
as pessoas vêm subindo daquela ponta

(298) **a'topɨ́ wi'marɨ́ apekɨ́ ĩ'yâo'gɨti'**
/a'tó-pɨ wĩ'bá-dɨ́ apê - kɨ́ ĩ'yâ - o' -gɨ-ti-'/
aqui-foc crianças brincar-impl.cs ver-prop- fut
daqui, vou avistar as crianças brincarem

Como inessivo, compare:

(299) **wesé yɨ'rɨámi**
/wesé yɨ'dɨ́-a-bĩ/
roça passar-p.rec.vist
passou pela roça (perto dela, sem a atravessar)

com:

(299') **wesepɨ́ yɨ'rɨámi** *passou pela roça (atravessando-a)*

Compare também:

(300) **aâ ɨ'mɨáro dihátiami**
/ aâ ɨ̃'bɨ́-a-do dihá - ti - a-bĩ /
gavião alto descer-C<-p.rec.vist
o gavião desceu alto

(300') **aâ ɨ'mɨáropɨ dihátiami** *o gavião desceu do alto*

(301) **yoaró wa'aámi** *(ele) foi longe* (**yoa-ró** *longe*, **wa'â** *ir*)

(301') **yoaró<u>pɨ</u> wa'aámi** *foi ao longe*

(302) **a'to a'tiá!** *venha aqui!* (**a'tó** *aqui*, **a'tî** *vir*)

(302') **a'to<u>pí</u> a'tiá!** *venha até aqui!*

Os exemplos acima mostram que o focalizador, por não ser obrigatório com um complemento espacial, não funciona exatamente como um locativo ou um direcional. No entanto, é obrigatório em (293, 295) pelo fato de que o semantismo dos verbos destes exemplos implicam que a situação realiza-se dentro ou a partir de dentro do complemento espacial (interioridade ou ponto inicial inerente).
Outro exemplo de complemento espacial construído sem o focalizador, porque o semantismo verbal não implica nenhuma interioridade inerente (os complementos são sublinhados):

(303) **a'tó niî'kɨ wesé wa'âgɨsami**
/<u>a'tó</u> dĩî - 'k<u>ɨ</u> <u>wesé</u> wa'â-g<u>ɨ</u>-sa-bĩ/
aqui estar-nom.-fsg.perf roça ir - fut
daqui, (ele) irá à roça (lit. *quem estava aqui irá à roça*)

O focalizador é muito usado com os verbos nominalizados indicando um lugar. Neste caso, o sufixo **-ro** *locativo, lugar* (cf. 8.6. e capítulo 11) precede o sufixo **-pɨ** *focalizador*:

(304) **na'î-tĩ'aropɨ duhîwɨ**
/ dã'î+tĩ'a - <u>□́-do</u> - <u>pɨ</u> duhî - wɨ /
estar escuro-nom.lugar-foc estar sentado-p.cad.vist
estivemos sentados num lugar escuro

8.10.2. Sufixado a um **complemento temporal**, o focalizador **-pɨ** expressa o alcance de uma localização temporal ou um ponto temporal enfatizado. Podemos traduzi-lo por: "somente", "bem". Compare:

(305) **yamiákã apêrã!** *vamos brincar amanhã!* (**yamiákã** /yãbî-akã/ *amanhã*, **apê** *brincar*, **-rã** /-dã/ *imperativo*)

(305') **yamiákã<u>pɨ</u> apêrã!** *vamos brincar somente amanhã! (alcançando amanhã)*

(306) **be'ró** /bẽ'dó/ *depois*

(306') **be'ro<u>pí</u>** *bem depois*

Outros exemplos de alcance temporal:

(307) **ni'kaápɨ marî a'teré weé'**
/dĩ'kaá-<u>pɨ</u> bãdî a'té-de weé - ' /
hoje -foc nós isto-ref fazer-pres.vist
é somente hoje que nós fazemos isto

(308) **ba'â tu'a ehagɨ'pɨ wa'âya!**
/ ba'â +tu'a+eha- g<u>ɨ</u>' -<u>pɨ</u> wa'â- ya/
comer+ acabar -impl.ms-foc ir -imp
vá logo depois de comer! (lit. *bem acabando de comer, vá!*)

(309) **ɨ̃rê sõ'akɑ́̃pɨ pahiró peêru da'rêgɨti'**
/ ɨ̃dê sõ'â - kɑ́̃ -pɨ pahî - dó peêdu da'dê-gɨ-ti-'/
pupunha maduro-impl.cs-foc grande-nom.lugar caxiri fazer- fut
farei um caxiri grande somente quando as pupunhas amadurecerem

8.10.3. O focalizador utiliza-se também com o complemento de uma construção copulativa ou com o sujeito:

1) Com o complemento nominalizado de uma construção copulativa, **-pɨ** indica o alcance de uma situação:

(310) **wi'magɨ́ sihagɨ́pɨ niiámi**
/wĩ'bá-gɨ́ sihâ - gɨ́ - pɨ dĩĩ- a-bĩ /
criança andar-nom.-fsg-foc ser-p.rec.vist
a criança já anda (chegou na idade de andar)
(compare com: **wi'magɨ́ sihagɨ́ niiámi** *a criança anda*)

2) Com o sujeito, indica geralmente um afastamento espacial. Compare:

(311) **sikó numiô ba'âmo** *aquela mulher come* (**sikó** *aquela*, **numiô** /dũbî-o/ *mulher*, **ba'â** *comer*)

(311') **sikopɨ́ ba'âmo** *aquela mais longe come*

(312) **a'tîgo ba'âmo** *esta come* (**a'tîgo** *esta*)

(312') **a'tîgopɨ ba'âmo** *esta (perto do falante mas longe do ouvinte) come*

Com um verbo nominalizado no passado e na função sujeito, indica o ponto de partida temporal, o início da situação expressada pelo verbo nominalizado:

(313) **yamîka' da'rá'kɨpɨ da'rágɨ' weé' yuhûpɨ**
/yãbî-ka' da'dá - 'kɨ -pɨ da'dá - gɨ' weé - ' yuhû-pɨ/
ontem trabalhar-nom.-fsg.perf-foc trabalhar-impl.ms v.aux.-pres.vist ainda
eu trabalho desde ontem (lit. *eu que comecei a trabalhar ontem ainda estou trabalhando*)

Com o sufixo verbal **-ri** /-di/ *advertência*, expressa talvez o alcance da situação (cf. exemplos em 5.6.).

8.11. O especificador *taa*

O sufixo nominal **-ta** *especificador* é muito usado. Expressa que a entidade à qual se refere o nome é identificada, especificada. É a marca da identificação. Podemos traduzí-lo por: "mesmo", "precisamente", "especificamente", "exatamente", "X, e não outra coisa". Exemplos na função sujeito:

(314) **Péduruta niîmi**
/Pédudu- ta dĩĩ- bĩ /
Pedro -esp ser-pres.vist
é Pedro mesmo (e não outra pessoa)

(315) **yukîsire mi'îta weerí baa?**
/yukî=si- de bĩ'î- ta weé - di + baa /
canoa -ref tu -esp fazer-p.cad.vist+evidência
será que você mesmo (e não outra pessoa) fez a canoa?

Exemplos na função objeto:

(316) **semêreta ba'âgi' weé'**
/sẽbê-de- ta ba'â - gi' weé - ' /
paca-ref-esp comer-impl.ms v.aux.-pres.vist.outras pessoas
estou comendo paca mesmo (e não outra coisa)

(317) **teetá miítia!**
/ teé - ta mií-ti- a /
aquilo-esp trazer-imp
traga aquilo mesmo (do que você está falando, e não outra coisa)!

Outros exemplos de uso frequente:

tohôta *assim mesmo*	(**tohô** *assim*)
tootá *aí mesmo*	(**toó** *aí*, *em tal lugar*)
a'totá *aqui mesmo*	(**a'tó** *aqui*)
ni'kâroakãta *agora mesmo*	(**ni'kâroakã** *agora*)
ni'kâropita *só agora mesmo*	(**ni'kâro** *agora*, **-pi** *focalizador*)
tiikéseta *só aquela quantidade*	(**tiikése** *aquela quantidade, tal quantidade*)

O sufixo especificador **-ta** emprega-se frequentemente na construção analítica em **weé** ou depois dos sufixos implicativos (cf. capítulo10) para indicar a simultaneidade de duas situações:

(318) **ba'âgi'ta weé'**
/ ba'â - gi' -ta weé - ' /
comer-impl.ms-esp v.aux.-pres.vist
estou comendo mesmo (não estou fazendo outra coisa) (compare com o exemplo 315)

(319) **utîgi'ta ba'âmi**
/ utî - gi' - ta ba'â - bĩ /
chorar-impl.ms-esp comer-pres.vist
come chorando mesmo

O especificador é também muito usado na comparação em **noho** /dõho/ ou **-roho** /-doho/:

(320) **imí weerórohota uúkũmi**
/ ĩbí weé - □́-do -doho - ta uú=kũ- bĩ /
homem fazer-nom.lugar-como-esp falar -pres.vist
(ele) fala exatamente como homem

Enfim, o especificador entra em várias expressões idiomáticas:
1) Sufixa-se a **mehá** *velho, usado*, dando-lhe geralmente o significado de "o mesmo", "como antes":

(321) **ba'asehé mehatá niiápɨ**
/ba'â-sehé bẽhá-ta dĩĩ- a-pɨ /
comida mesmo ser-p.rec.vist
a comida é a mesma

2) Sufixa-se ao numeral **ni'kâ** *um*, dando-lhe geralmente o significado de "sozinho":

(322) **ni'kɨtá wa'âya!**
/dĩ'kɨ- ta wa'â- ya /
um -esp ir -imp
vá sozinho!

3) Sufixa-se quase sempre ao nome dependente **mehe** /bẽhe/ *não* (negativo nominal, cf. 9.16.) para reforçá-lo.

8.12. O referencial *-re*

O sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial* é sem dúvida o "ponto nevrálgico" de toda a morfologia nominal. Por causa do seu funcionamento extremamente complexo e por ser muito usado, houve numerosos estudos em torno dele.
Kinch (1977: 129-175) estuda pormenorizadamente as funções de **-re** em yuruti (língua da família tukano) com substantivos referindo-se a pacientes e a beneficiários, a complementos de lugar e de tempo. Conclui que este "enganador e incômodo afixo **-re**" indica, em geral, as perspectivas não-temáticas.
Para Wheeler (1987: 127), o elemento nominal marcado por **-re** funciona em siona (tukano ocidental) como complemento direto ou indireto. Com o lugar de destino, expressa o desenfoque (desenfatização).
No seu estudo das línguas tukano do Piraparaná, Gomez-Imbert (1988: 45) considera que **-re** é a marca do objeto (O^1 e O^2) e, às vezes, dos circunstantes nocionais, espaciais e temporais.
Para Cook e Criswell (1993: 48), o sufixo **-re** em koreguaje (tukano ocidental) é a marca do complemento específico; serve também para assinalar a importância posterior de um substantivo inanimado ou de um nome de lugar no desenvolvimento da narração.
Na língua tukano que estudamos (ye'pâ-masa), Brüzzi (1966: 346-348) considera que a primeira função de **-re** é indicar o objeto direto ou indireto, não sendo sempre de uso obrigatório, enquanto West (1980: 99) nota que este sufixo serve para enfatizar os "advérbios de lugar", aparecendo também com os complementos diretos ou indiretos. Num trabalho posterior escrito pelo mesmo autor, **-re** é descrito como marca especificadora (Welch e West 1985).
Estes estudos mostram a dificuldade em definir o significado deste morfema que, possivelmente, varia de uma para outra língua da mesma família tukano. A função básica de **-re** seria sintática, semântica ou pragmática?
Neste trabalho, sugerimos que as funções básicas do sufixo **-re** seriam de ordem semânticas e sintáticas, como marcador de **complemento referencial (determinado)**. Note-se que o elemento nominal marcado por este sufixo **nunca funciona como sujeito** da oração.
O sufixo **-re** acompanha frequentemente os constituintes nominais nucleares não sujeito do enunciado. O seu uso obedece então à regras complexas que podemos resumir na escala de individuação seguinte:

ESCALA DE INDIVIDUAÇÃO

n.próprio > pron.pessoal > an.hum > an.n-hum > inan.cont.sg > inan.cont.pl > inan.n-cont

O sufixo **-re** é a **marca do(s) complemento(s) (constituinte(s) nominal(is) não sujeito) quando este(s) se apresenta(m) em uma posição bastante alta na escala de individuação**. A posição mais alta encontra-se na esquerda da escala e é ocupada pelos nomes próprios, seguido pelos "pronomes" pessoais ("eu", "tu",...), anafóricos, demonstrativos ou possessivos, os nomes animados humanos, os nomes animados não-humanos, os inanimados contáveis no singular e no plural (incluindo os nomes dependentes), e - na posição mais baixa da escala - os inanimados não-contáveis. Em poucas palavras, a escala de individuação segue as classes nominais evidenciadas em 8.1. O sufixo **-re** acompanha os **complementos individuados** enquanto os **complementos genéricos** o recusam. É a marca do **referencial** e do **determinado**. Por exemplo, compare:

(323) **Pédurure paâgɨ' weé'**
/Pédudu-de paâ - gɨ' weé - ' /
Peduru-ref bater-impl.ms v.aux.-pres.vist.outras pessoas
estou batendo em Pedro

(324) **ohô ba'âya!**
/ ohô ba'â - ya/
vegetal banana comer-imp
coma banana!

Em (323), o objeto "Pedro" é um nome próprio. Em consequência, ocupa a posição mais alta da escala e a marca **-re** é obrigatória.
Em (324), o objeto "vegetal banana" é um nome não-contável. Expressa um objeto não-individuado e muito mais genérico que a tradução enganadora sugere: não é "come a banana!", nem "come uma banana!", mais "come bananidade!". Ocupando a posição mais baixa da escala, a marca **-re** não lhe pode ser geralmente sufixada. No entanto, os nomes não-contáveis, uma vez atualizados por um sufixo de forma ou um nome dependente (cf. 8.1, 8.7.), podem levar esta marca. Com o nome dependente **paro** /pado/ *ser oblongo em forma de vagem*:

(324') **ohô parore ba'âya!** /ohô+pado-de ba'â-ya/ *coma a banana! / coma uma banana!* (lit. *coma um ser oblongo de bananidade*)

Outro exemplo com o nome inanimado contável **wi'í** *casa* e o verbo **weé** *fazer*:

(325) **wi'iré weé'** /wi'í-de weé-'/ *faço uma casa / faço a casa* (objeto individuado)

(325') **wi'í weé'** /wi'í weé-'/ *sou fazedor de casa / faço casa* (objeto genérico)

Estas considerações gerais sendo feitas, vejamos agora os principais usos do sufixo **-re**.

8.12.1. Se o enunciado tem **dois complementos nucleares**, O^2 é geralmente mais individuado que O^1. Neste caso, a marca **-re** acompanha O^2. Exemplos com O^2 animado:

(326) **numiôre su'tí o'oámi**
/dũbî-o-de su'tí o'ô- a-bĩ /
mulher-ref roupas dar-p.rec.vist
(ele) deu roupas à mulher

(327) **mɨ'ɨ̃ yẽkore po'ká sẽrigɨ́sa'!**
/bɨ̃'ɨ̃+yẽko-de po'ká sẽdí -gɨ-sa-'/
tua+ avó -ref farinha pedir-imp
vá pedir farinha a tua avó!

(328) **neê noaré yã'âro weetíkã'ya!**
/dẽê dõá-de yã'â-do weé - ti - kã'-ya/
ninguém-ref mal fazer-neg-ass-imp
não faça mal a ninguém!

(329) **numiô sĩ'iré ɨ'mɨ̂tihisehe wa'reámo**
/dũbî-o sĩ'í -de ɨ̃'bɨ̂-tihi - sehé wa'dê - a-bõ /
mulher aquele-ref perfumado-nom.inan.pl passar-p.rec.vist
a mulher passou perfume naquele

Nesses quatro exemplos, O^2 desempenha uma função de destinatário ou beneficiário, e a marca **-re** é obrigatória. Note que O^1 não leva o sufixo **-re** por ser um objeto genérico ("dar roupas", "fazer mal", "pedir farinha", "passar perfume"). A ordem: O^1+V é bastante fixa, enquanto O^2 ocupa uma posição mais livre (antes ou depois de O^1+V, conforme a ênfase).
Caso O^1 for também objeto individuado, a marca referencial o acompanha, de modo que mais de um elemento nominal do enunciado pode levar a marca **-re**. Exemplo em que O^1 é bastante individuado para levar o sufixo **-re** (é "o pedaço de carne que tu estás comendo"):

(330) **mɨ'ɨ̃ ba'arí di'irore kã'ró ã'riré suâ o'oya!**
/bɨ̃'ɨ̃ ba'â - dí + di'i - do - de kã'dó ã'dí-de suâ +o'o-ya/
tu comer-nom.inan.sg+carne-locativo-ref um pouco este-ref arrancar+dar-imp
dá para este, arrancando (com os dedos), um pouco do pedaço da carne que tu estás comendo!

Exemplos com O^2 inanimado:

(331) **ba'asehére moâ sãâ nemoya!**
/ba'â-sehé-de bõâ sãâ +dẽbo-ya/
comida -ref sal colocar+mais-imp
adicione sal à comida!

(332) **petâre toho weetíkã'ya!**
/petâ-de toho weé - ti - kã'-ya/
porto-ref assim fazer-neg-ass-imp
não faça assim ao porto! (por exemplo: não suje o embarcadouro!)

Nesses exemplos, O^2 é obrigatoriamente marcado por **-re**.
Em casos pouco frequentes, O^1 é marcado por **-re** enquanto O^2 não o é:

(333) **naâ nɨkɨ o'ôya teeré!**
/dãâ+ dɨ̃kɨ o'ô-ya teé -de/
eles+um/um dar-imp aquelas coisas-ref
dê aquelas coisas a cada um deles! (lit. *a eles, um por um*)

Nesse exemplo, O^1 é o anafórico **teé** *coisas já mencionadas*: sendo muito individuado, ele leva a marca **-re**; enquanto O^2, apesar de ser animado e pronome pessoal, tornou-se genérico com o nome dependente distributivo **nɨkɨ** *um por um*.

8.12.2. O sufixo referencial **-re** é muito usado nas construções possessivas inalienáveis:

(334) **yɨ'ɨ̂re upîka pũrísa'**
/yɨ'ɨ̂-de upî-ka pũdí- sa - ' /
eu-ref dente doer-pres.sent.outras pessoas
meu dente dói (lit. *a mim, o dente dói*)

Mesmo uso obrigatório na função translativa:

(335) **yɨ'ɨ̂ ma'mɨ̂re wa'î wehegɨ́ weéróroho yẽ'eápɨ**
/yɨ'ɨ̂ bã'bɨ̂-de wa'î wehé - gɨ́ weé - dó -doho yẽ'ê - a-pɨ /
eu moço-ref peixe pescar-nom.-fsg fazer-nom.lugar-como tomar-p.rec.vist
eu tomei (para trabalhar para mim) o moço como pescador

O sufixo referencial é também usado com o complemento de agente (cf. 3.3.) e com o complemento comparativo (cf. exemplos 259, 260). Com os verbos dependentes, cf. 7.1.

8.12.3. O referencial nunca se usa com O^1 inanimado quantificado ("1 X", "2 X",..., "quantos X?"). Por exemplo:

(336) **ni'kâ wi'i da'rêgɨ' weemí**
/dĩ'kâ+wi'i da'dê- gɨ' weé - bĩ /
uma +casa fazer-impl.ms v.aux.-pres.vist
(ele) está fazendo 1 casa (lit. *está fazendo casa em número 1*)

e nunca:

(336') ***ni'kâ wi'ire da'rêgɨ' weemí** *(ele) está fazendo 1 casa*

a não ser quando o objeto inanimado quantificado é utilizado como O^2 (no exemplo, **butirí wi'i** *casa branca* funciona como O^1 genérico):

(336'') **ni'kâ wi'ire butirí wi'i da'rêgɨ' weemí** *(ele) está fazendo 1 casa de branca* (lit. *está fazendo casa branca a respeito de 1 casa*)

Mesma ausência de referencial com os animados quantificados:

(337) **diikérã põ'rã kɨotí?**
/dií-ke-dã põ'dá kɨó- ti /
quantos filhos ter-pres.vist.int
quantos filhos (você) tem? (lit. *tem filhos em quantos número?*)

e não:

(337') ***diikérã põ'rãré kɨotí?** *quantos filhos (você) tem?*

mas:

(337'') **Yoakí põ'ra<u>ré</u> diikérã kɨotí?** *quantos filhos de Joaquim (você) tem?* (lit. *a respeito dos filhos de Joaquim, quantos você tem?*)

Compare também:

(338) **i'tiárã wẽheápɨ**	(338') **i'tiárãre wẽheápɨ**
/i'tí-a-dã wẽhé- a-pɨ /	/i'tí-a-dã-<u>re</u> wẽhé- a-pɨ /
três matar-p.rec.vist	três -ref matar-p.rec.vist
matei 3 (porcos,...)	*matei 3 deles*

Nesses exemplos, **i'tiárã** *três* é O^1 em (338) enquanto é O^2 em (338'): "matei (porcos) a respeito de três", o O^1 de (338') (i.e. "porcos") sendo subentendido. Quando O^1 é explicitado:

(338'') **i'tiárã<u>re</u> yeseá wẽheápɨ** *matei 3 dos porcos* (**yeseá** *porcos*)

que o leitor comparará com:

(338''') **i'tiárã yeseá wẽheápɨ** *matei 3 porcos*

onde a locução apositiva (cf. 16.5.) **i'tiárã yeseá** *3 porcos* desempenha o papel de O^1.

8.12.4. Em todos esses empregos com o objeto (direto ou indireto), **-re** tem um funcionamento bastante similar à preposição **<u>a</u>** do espanhol. Com efeito, este último morfema é frequentemente usado para assinalar o objeto animado **referencial**. Repetimos o exemplo dado por Palmer (1994: 37):
(α) **busco una criada** (qualquer uma para trabalhar, não uma mulher particular)
(β) **busco <u>a</u> una criada** (uma criada determinada, que desapareceu,...)

Em (β), o dativo indica um animado determinado (específico e identificável). Compare, em ye'pâ-masa, com:
(α_1) **numi-ô$_1$ a'mâ-gɨ' weé'$_2$** *estou procurando$_2$ uma mulher$_1$ (qualquer uma)*
(β_1) **sõ'ó niî-'ko-<u>re</u>$_1$ a'mâ-gɨ' weé'$_2$** *estou procurando$_2$ aquela$_1$ (de que falamos)*

Veja também (333), onde o nome distributivo **nɨkɨ** *um por um* torna o objeto indireto não-referencial, o que impede este último de levar a marca **-re**.
Em resumo, **-re** aparece no complemento como marca da referencialidade (ser determinado e identificável). No entanto, à diferença das línguas que utilizam as mesmas marcas de definitude ou de referencialidade para qualquer função do nome, em ye'pâ-masa, há um contraste nítido entre o sujeito e o complemento: o sujeito sempre desprovido de qualquer marca deve ser entendido como referencial enquanto o caráter referencial do complemento deve ser explicitamente marcado.

8.12.5. O elemento nominal marcado por **-re** pode também funcionar como periférico de lugar/tempo:

(339) **a'toré, no'opɨ́ kãrigɨ́ niiáti?**
/a'tó-<u>de</u> dõ'ó- pɨ kãdí - gɨ́ dĩĩ- a -ti/
aqui-ref onde-foc dormir-nom.-fsg ser-p.rec.vist-int
aqui, onde (você) costuma dormir?(aqui nesta cidade, em que lugar dorme?)

que o leitor poderá comparar com:

(339') **a'tó kãrigɨ́ niiápɨ** *costumo dormir aqui*

Neste caso, a marca **-re** enfatiza o lugar/tempo, dando-lhe uma saliência discursiva (*advancement of topic* ou topicalização). No entanto, pode ser sempre traduzida, nestes casos como em todos os exemplos que já vimos, por: "a respeito de", "relativamente a", "em relação a", "com referência a": isso sugere que **-re** indica ainda uma situação **dirigida para o nome** e que este "avanço do tópico" é uma função derivada da função básica, que é de **marcar o complemento referencial e determinado**.
Outro exemplo com a anáfora local **toó** *em tal lugar*:

(340) **toopɨ́re, peêru sĩ'riwɨ́**
/ toó - pɨ -de peêdu sĩ'dí - wɨ /
tal lugar-foc-ref caxiri beber-p.cad.vist
lá (no lugar mencionado), beberei caxiri

Nesse exemplo, note o uso simultâneo do focalizador **-pɨ** e do referencial **-re** no mesmo elemento nominal. Esta combinação de sufixos **-pɨ-re** é extremamente produtiva com os demonstrativos e a anáfora local.
Exemplo com um elemento nominal que tem uma função temporal [cf. também os exemplos (684, 684_a, 685, 685_a) em 16.2.]:

(341) **ni'kaáre, bu'êrã!**
/dĩ'ká-a- de bu'ê -dã /
hoje -ref estudar-imp
hoje, vamos estudar!

Alguns outros exemplos do emprego de **-re** com complemento:

(342) **numiôre uúkũama**
/dũbî-o-de uú-kũ- a-bã /
mulher-ref falar -p.rec.vist
falaram sobre a mulher

(343) **yahá'kere mɨ'ɨ̃ yẽ'e nohó masîsari?**
/ yahá - 'ke -de bɨ̃'ɨ̃ yẽ'é+dõho bãsî - sa -di/
roubar-nom.inan.pl.perf-ref tu o quê saber-pres.sent-int
o que você sabe a respeito do roubo?

Esses exemplos podem ser igualmente interpretados como objetos altamente individuados ou como elementos discursivos periféricos salientados.
Em resumo, **-re** *em relação a, em referência a, a respeito de, quanto a* é:
- a marca dos complementos periféricos (tempo/lugar), geralmente quando são topicalizados;
- a marca do objeto referencial e determinado (alta posição na escala de individuação ou específico). O objeto indireto leva geralmente esta marca por ser de regra altamente referencializado.

8.12.6. Como se vê, os problemas levantados pelo funcionamento do referencial **-re** são múltiplos. Qual é o sema central deste sufixo, que pode ser igualmente interpretado como complemento periférico ("com referência a", "a respeito de"), topicalização (avanço do tópico ou saliência discursiva) ou marca de individuação dos objetos? De qualquer forma, **-re** não pode ser simplesmente definido como marca do objeto direto, já que este, como o sujeito, não é marcado. É justamente este conceito de "objeto" que

deveria ser aprofundado antes de tentar resolver o problema. O sufixo **-re** não estabelece nenhuma divisão entre argumento nuclear não-sujeito e periférico. O uso de **-re** com elementos nominais que desempenham uma função espaço-temporal enfatizada o mostra muito bem.
Os problemas levantados nos convidam, antes de tudo, a tentar reformular o conceito de transitividade que nos apresenta a língua dos ye'pâ-masa.

8.13. O destaque *-a'*

O sufixo nominal **-a'** *destaque* é uma marca de clarificação. Utiliza-se unicamente com os nomes em função de sujeito, especialmente com os "pronomes pessoais", para clarificar a sua identificação. O nome sufixado por **-a'** aparece muitas vezes no fim do enunciado ou sozinho, em uma pergunta:

(344) **ba'aámo koôa'**
/ ba'â - a-bõ koô- a' /
comer-p.rec.vist eu -dest
comeu, ela

(345) **- de'ró weégɨ' weeáti? - yɨ'îa'?**
/de'dó weé - gɨ' weé - a - ti yɨ'î- a' /
como fazer-impl.ms v.aux.-p.rec.vist-int eu-dest
- o que estava fazendo? - eu?

Para dar mais ênfase à clarificação ou para se vangloriar, o sufixo de destaque **-a'** pode ser seguido por uma marca de gênero/número apropriada (cf. 6.8.):
yɨ'îa'gɨ /yɨ'î-a'-gɨ/ *eu! (masculino)*
yɨ'îa'go /yɨ'î-a'-go/ *eu! (feminino)*
marîa'rã /bãdî-a'-dã/ *nós!*
naâa'rã /dãâ-a'-dã/ *eles!, elas!*

Emprega-se também com sufixos implicativos/mesmo sujeito:

(346) **toopíre wa'âgɨ'a', yukîsɨ duuyá!**
/ toó - pɨ -de wa'â- gɨ' - a' yukî=sɨ duú - ya/
tal lugar-foc-ref ir -impl.ms-dest canoa comprar-imp
se (você) vai lá, compre uma canoa!

Neste caso, o funcionamento de **-a'** parece ser contrastivo ("se você fizer tal coisa, caso fizer tal coisa, então realize tal outra!").
O sufixo de destaque **-a'** é incompatível com o sufixo especificador **-ta** e o focalizador **-pɨ**. Sendo uma marca própria do sujeito, é também incompatível com o referencial **-re**.
Com **maha** /bãha/ *afinal*, cf. 13.2.

9

Nomes dependentes

Os **nomes dependentes** constituem uma subclasse de lexemas nominais **fonologicamente átonos** que seguem um **nome** (ou um verbo nominalizado) que lhes serve de **complemento**. A relação expressa por este tipo de construção é sempre:

COMPLEMENTO + COMPLETADO

O nome que precede o nome dependente pode ser independente ou dependente dentro de uma série de nomes dependentes:

n.indep. + n.dep.^{n} + n.dep.$^{n-1}$ + ... + n.dep.^{2} + n.dep.^{1}

cada nome dependente sendo completado pelo nome complemento que o precede, até alcançar, neste movimento de direita para a esquerda, o nome independente que fecha definitivamente o ciclo por não ser completável.
Os nomes dependentes podem ser completados por qualquer tipo de nome: inanimado contável, inanimado não-contável, animado ou verbo nominalizado:
- com o nome inanimado contável **wi'í** *casa* (*pl.* **wi'sêri**) e o nome dependente **kaa** *linha de*: **wi'sêri kaa** /wi'sê-di+kaa/ *linha de casas*
- com o nome inanimado não-contável **ohô** *bananidade (vegetal banana)* e o nome dependente **tõ'o** *cacho de*: **ohô tõ'o** /ohô+tõ'o/ *cacho de bananidade*
- com o nome animado **masí** /bãsa-g~~i~~/ *pessoa (masculino)* e o nome dependente **doto** *feixe de*: **masi dotó** /bãsá-g~~i~~+doto/ *pessoa magra como um feixe* (lit. *um "feixe de pessoa", depreciativo*)
- com o verbo **ãyú** *ser bonito*, nominalizado pelo sufixo nominalizador **-rí** /-□́-di/ *inanimado singular* e os nomes dependentes **paro** /pado/ *fruta oblonga de* e **tõ'o** *cacho de*:
ãyurí paro /ãyú-□́-di+pado/ *fruta oblonga bonita* (lit. *fruta de beleza*)
ãyurí tõ'o /ãyú-□́-di+tõ'o/ *cacho bonito* (lit. *cacho de beleza*)

O plural dos nomes dependentes é geralmente o dos nomes inanimados contáveis: o sufixo **-ri** /-di/ (cf. 8.5.). Exemplos (**-sehé** /-□́-sehe/ *nominalizador/inanimado plural*):
paro /pado/ *fruta de* → **parori** /pado-di/ *frutas de*
tõ'o *cacho de* → **tõ'ori** /tõ'o-di/ *cachos de*
ãyusehé parori /ãyú-□́-sehe+pado-di/*frutas bonitas*
ãyusehé tõ'ori /ãyú-□́-sehe+tõ'o-di/ *cachos bonitos*
ãyusehé parori tõ'o /ãyú-□́-sehe+pado-di+tõ'o/ *cacho de frutas bonitas*
ãyusehé parori tõ'ori /ãyú-□́-sehe+pado-di+tõ'o-di/*cachos de frutas bonitas*

As construções com um ou dois nomes dependentes (como nos dois últimos exemplos) são frequentes. No entanto, séries com n ≥ 3 são raras.

♦ O que chamamos **nome dependente** é geralmente conhecido como **classificador** nos estudos recentes sobre a família linguística tukano. Em um artigo excelente sobre a língua tuyuka (família tukano), Barnes (1990: 273-292) analisa um sistema de mais de 90 "classificadores", justificando esta apelação por eles "denotarem alguma característica saliente da entidade à qual o nome associado se refere". São considerados sufixos por formarem uma unidade tonal com a raiz ou o radical nominal. Seguindo a análise semântica proposta por Allan (1977: 285-311), esses numerosos "classificadores" são, por sua vez, classificados em 10 categorias semânticas (forma, coleção, botânica, anatomia, geografia, etc.). Depois de ter notado que um jogo de nomes funciona como verdadeiros classificadores, a autora observa que estes "classificadores" aparecem sufixados a nomes, demonstrativos e anafórico, numerais, possessivos e verbos nominalizados. Conclui o artigo notando que, no nível discursivo, eles desempenham um papel anafórico.
Neste capítulo, examinaremos atentamente todas as propriedades formais (9.1.) e semânticas (9.2.) dos nomes dependentes, refutando a denominação de classificador. Como os mais de 90 "classificadores" do tuyuka são formalmente muito próximos dos "nomes dependentes" que apresentamos para a língua ye'pâ-masa, o excelente artigo de Barnes nos servirá de referência para defender contrastivamente a nossa tese. Terminaremos com a descrição de uma quinzena de "posposições " (9.3-17.), cujo comportamento estrutural é semelhante a nomes dependentes.

9.1. As propriedades formais dos nomes dependentes

9.1.1. Como os sufixos nominais (cf. 8.2-13), os nomes dependentes são fonologicamente átonos e precedidos por um nome. No entanto, argumentaremos para uma diferença fundamental entre nome dependente e sufixo nominal, na base das considerações seguintes (cf. 4.4.):
1) A "afinidade fonética" entre nome independente e nome dependente não é tão grande como entre nome e seu(s) sufixo(s). Em outras palavras, não são tão ligados ao morfema que os precede. Entre outros critérios:
- a contaminação nasal realiza-se entre raiz/radical nominal intrinsecamente nasal e seu(s) sufixo(s) enquanto não é permitida entre nome independente e dependente.
- à diferença dos sufixos, os nomes dependentes nunca começam pelo fonema **/g/** ou pelo fone **[r]**.
Por exemplo, **-re** /-de/ [rɛ] *referencial* e **-akã** *diminutivo* são sufixos por serem sempre contaminados por um radical nominal nasal. Além disso, **-re** começa pelo fone [r].
Pelo contrário, **+daa** *fio de*, **+nɨmɨ** /dɨ̃bɨ/ *dia de*, **+yuri** /yudi/ *torto*, **+wii** *pontudo* e **e'tu** *com base alargada* são nomes dependentes por *nunca* serem contaminados por um nome intrinsecamente nasal e por começar (nos dois primeiros exemplos) pelos fones [d] e [n], e não por [r].
Ao nosso ver, não se deve considerar a unidade tonal como um critério caído do céu para definir a palavra fonológica. A existência de palavras fonologicamente átonas não é o atributo exclusivo da língua ye'pâ-masa (cf. *de* ou *com* em português e os verbos auxiliares *can* ou *may* em inglês). Admitindo a existência de morfemas fonologicamente átonos, a unidade tonal só pode servir para nos indicar o tipo de relação mantida entre estes últimos e o que os precede.

É possível que certos nomes dependentes do ye'pâ-masa tornaram-se (talvez) sufixos em tuyuka ou em outra língua tukano, por um processo de gramaticalização que os afixou ao nome independente, como aconteceu diacronicamente com os sufixos de forma **-ga**, **-gɨ**, etc. em ye'pâ-masa (cf. 8.7). O essencial, porém, não está nos conceitos de nomes/verbos dependentes, de sufixos ou de classificadores, mas no fato estrutural que **todo morfema completado é fonologicamente átono e morfologicamente precedido pelo seu complemento**. Isso deve ser uma constante nas línguas da família tukano.

2) Os nomes dependentes formam uma classe de morfemas extensa (mais de 350 recolhidos em ye'pâ-masa) e aberta pela adoção lexical (empréstimos como: **ora** *hora*, **semara** *semana*, etc.), o que não é uma característica de sufixos nominais.

3) Apesar de serem formas geralmente ligadas a outras, podem ser proferidos e conceitualizados isoladamente pelos falantes da língua. Por exemplo, o nome dependente **nɨmɨ** /dɨ̃bɨ/ *dia de* aparece sempre com um complemento:
akô nɨmɨ /akô+dɨ̃bɨ/ *dia de chuva*
siî nɨmɨ /siî+dɨ̃bɨ/ *aquele dia*

mas, proferido sozinho e em tom baixo, o seu significado é imediatamente identificado. Muitos nomes dependentes, apesar de aparecer quase sempre com um complemento, podem também aparecer sem ele. Exemplo com **pehe** *caroço* no enunciado pouco comum, mas correto:
pehe niî' /pehe dĩî- '/ *é um caroço* (**niî** *ser*)

Isso não acontece com os sufixos, que são sempre formas ligadas e sem possibilidade de ser conceitualizado isoladamente pelo falante.
Em consequência, os nomes dependentes não são formas inteiramente livres nem formas inteiramente ligadas como os sufixos: são **formas liberáveis**.

4) Os sufixos aparecem depois de uma raiz que fornece o "significado básico" da palavra. Por exemplo, com a raiz nominal **akê** *macaco* e o sufixo nominal **-a** *plural*:
akeá /akê-a/ *macacos*

Nada disso com os nomes dependentes. Por exemplo, em **ohô tõ'o** /ohô+tõ'o/ *cacho de bananas*, como poderíamos afirmar que o "significado básico" se encontra em **ohô** *bananidade* e não em **tõo** *cacho de*? Portanto, não se pode determinar se **tõ'o** é o sufixo de **ohô** ou se, pelo contrário, **ohô** é um prefixo de **tõ'o**.
Dizer que a raiz é o morfema que leva o tom seria esquecer que as raízes de melodia ascendente entregam **sempre** o seu tom próprio ao sufixo ou ao nome dependente, quando estes últimos não forem laringalizados (regra de deslocamento tonal, cf. 3.4.). Exemplo com o nome de melodia alta **pekâ** *lenha*, o nome de melodia ascendente **masɨ́** *pessoa* e o nome dependente **doto** *feixe de*:
pekâ doto /pekâ+doto/ *feixe de lenha*
masɨ́ dotó /bãsɨ́+doto/ *pessoa magra como um feixe, "feixe de pessoa"*

5) Todos os nomes inanimados contáveis podem ser usados independentemente ou dependentemente. Vejam os exemplos (18, 19) em 4.2. com **wi'í** *casa*, assim como:

(347) **yaá wi'i niî'**
/yaá+wi'i dĩî- ' /
poss+casa ser-pres.vist.outras pessoas
é minha casa

Outros têm uma semântica que exige sempre um complemento (**doto** *feixe de*, **tõ'o** *cacho de*, etc.). Isso é a **única diferença** entre nomes dependentes e independentes.
Além disso, a morfologia dos nomes obrigatoriamente dependentes é a mesma que a dos nomes facultativamente independentes. Por exemplo, compare o comportamento morfológico do nome inanimado **makâ** /bãkâ/ *povoado* com o dos nomes dependentes **doto** *feixe de* e **tõ'o** *cacho de* (cf. exemplos 28, 29 e a discussão que segue):
makâri /bãkâ-di/ *povoados* (**-ri** /-di/ *plural*)
dotori /doto-di/ *feixes de*
tõ'ori /tõ'o-di/*cachos de*

Ou com o verbo **ãyú** *ser bonito*, nominalizado por **-rí** *nom.inan.sg*:
ãyurí maka /ãyú-di+bãka/ *povoado bonito* (lit. *povoado de beleza*)
ãyurí doto /ãyú-di+doto/ *feixe bonito* (lit. *feixe de beleza*)
ãyurí tõ'o /ãyú-di+tõ'o/ *cacho bonito* (lit. *cacho de beleza*)

Isso mostra que, morfologicamente, os nomes dependentes são nomes como todos os outros. Têm o mesmo jogo de sufixos nominais (plural, aumentativo, diminutivo, referencial, etc.). Exemplos com **-akã** *diminutivo*, **-rohó** *aumentativo*, **-pɨ** *focalizador*:
tõ'o *cacho de*, **tõ'oakã** *cachinho de*, **tõ'oroho** *cacho grande de*, **tõ'opɨ** *no cacho de*

Em consequência, no lugar de dizer que "existe um jogo de nomes funcionando como classificadores", não seria mais correto afirmar que os "classificadores" são verdadeiros nomes dependentes?

6) O tamanho fonológico dos sufixos é menor que o dos nomes dependentes (cf. 4.4.8 e 7.1.5).

9.1.2. Como já o salientamos, a morfologia dos nomes dependentes é a mesma que a dos outros nomes. O aumentativo, o diminutivo e as marcas de função semântica ou sintática aparecem sempre sufixados ao último nome dependente e nunca antes dele. Exemplo com o nome independente **ohô** *bananidade*, o nome dependente **paro** /pado/ *fruta oblonga de* e o sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial*:

(348) **ohô parore suâya!**
/ ohô +pado -de suâ -ya/
bananidade+fruta -ref arrancar-imp
arranque uma banana!

e nunca:

(348') ***ohôre paro suâya!** *arranque uma banana!*

A grande maioria dos nomes dependentes forma uma **subclasse de nomes inanimados contáveis**. Isso se explica facilmente na medida em que os inanimados contáveis precisam frequentemente de um complemento. Assim sendo, **os nomes dependentes formam o seu plural com o sufixo -ri** /-di/ *plural*. Exemplo com o nome independente **ãhû** *beijus* e o nome dependente **turi** /tudi/ *pilha de*: **ãhû turi** /ãhû+tudi/ *pilha de beijus* → **ãhu turiri** /ãhu+tudi-di/ *pilhas de beijus*.
Exemplo com o nome independente **ma'â** *caminho* e o nome dependente **yawi** *torto*:
ma'â yawi /bã'â+yawi/ *caminho torto ("torto de caminho")*
ma'âri yawiri /bã'â-di+yawi-di/ *caminhos tortos ("tortos de caminhos")*

Nota-se que a marca do plural **-ri** deve ser repetido no nome dependente **e** no nome independente, como no último exemplo, somente quando o semantismo da relação complemento+completado o exige, em relações do tipo:
cabeça de cachorro → **cabeças de cachorros** (parte única de um tudo)
coitado do menino → **coitados dos meninos**
(mas: **nós de árvore**, **olhos de cachorro**, etc.)

Às vezes, o semantismo do nome dependente exige um nome independente no plural. Exemplo com o nome independente **makâ** /bãkâ/ *povoado* e **kaa** *linha de*:
makâri kaa /bãkâ-di+kaa/ *linha de povoados*
makâri kaari /bãkâ-di+kaa-di/ *linhas de povoados*

Quando o nome independente for inanimado não-contável, a marca do plural aparece **unicamente** no nome dependente:
ohô tõ'o /ohô+tõ'o/ *cacho de bananas* (lit. *cacho de bananidade*)
ohô tõ'ori /ohô+tõ'o-di/ *cachos de bananas* (lit. *cachos de bananidade*)

No próximo subcapítulo, veremos que, no singular (não-marcado) e com o sufixo **-ri** *plural*, a relação complemento+completado não expressa semanticamente uma relação do tipo: parte+tudo mas sempre: entidade+qualificação da entidade. No entanto, com o sufixo **-ro** *partitivo* (plural: **-ri**), a relação é sempre do tipo: parte+tudo. A seguir, daremos exemplos com o jogo de sufixos **-ro** *parte(sg)* / **-ri** *parte(pl).* Com o nome independente **wa'î** *peixe* e o nome dependente **mara** /bãda/ *em migalhas, esmigalhado*:
wa'î mara /wa'î+bãda/ *peixe esmigalhado, "esmigalhado de peixe"*
wa'î mararo /wa'î+bãda-do/ *migalha de peixe, fragmento de peixe*

Com os nomes independentes **pũrî** /pũdî/ *folha, folhas* (palavra invariável) e **pamô** /pãbô/ *tatu*, e o nome dependente **pe'to** *convexo*:
pũrî pe'to /pũdî pe'to/ *folha convexa, "convexa de folha"*
pũrî pe'tori /pũdî+pe'to-di/ *folhas convexas, "convexas de folhas"*
pamô pe'toro /pãbô+pe'to-do/ *casco de tatu*
pamoâ pe'tori /pãbô-a+pe'to-di/ *cascos de tatus*

Com o nome independente **nukûkã** /dũkû-kã/ *chão* e o nome dependente **pa'ti** *em forma de depressão*:
nukûkã pa'ti /dũkû-kã+pa'ti/ *chão com depressão*
nukûkã pa'tiro /dũkû-kã+pa'ti-do/ *depressão do chão*

Com os nomes independentes **yehê** *garça* e **pũrî** /pũdî/ *folha*, e o nome dependente **yãko** *de pescoço comprido*:
yehê yãko /yehê+yãko/ *garça de pescoço comprido*
pũrî yãkoro /pũdî+yãko-do/ *pecíolo da folha* (lit. *parte comprida como pescoço da folha*)

Alguns nomes dependentes comportam-se morfologicamente como os nomes inanimados não-contáveis, com o jogo de "sufixos de forma" **-(g)a** *sg* /**-pa-ga** *pl* (cf. 8.7.). Exemplo com o nome independente **yukîgi** *pau* (*pl.* **yukipagí**) e o nome dependente **kuu-** *nó de*:
yukîgi kuua /yukî-gi+kuu-a/ *nó de árvore*
yukîgi kuupaga /yukî-gi+kuu-pa-ga/ *nós de árvore*

Raramente, os nomes dependentes comportam-se morfologicamente como os nomes animados. Por exemplo, o nome dependente **bahi** *parente (masculino)*, **bahio** *parenta (feminino)*, **bahirã** *parentes*. Com **marî** /bãdî/ *nós/nosso*:

marî bahi *nosso parente*
marî bahi<u>o</u> *nossa parenta*
marî bahi<u>rã</u> *nossos parentes*

Assinalamos, por terminar, alguns nomes dependentes invariáveis, como **tero** /tedo/ *tempo de*, **si'ru** /si'du/ *canalha de*, **ba'pa** *companheiro de*, **bu'iri** /bu'i-di/ *culpa de*. Alguns exemplos [cf. também exemplo (36) em 4.5.]:

(349) **yaa terópɨre,...**
/yaá + <u>tedo</u> - pɨ -de/
poss+tempo-foc-ref
no meu tempo,...

(350) **ã'rã si'ru**
/ã'dá+<u>si'du</u>/
estes+canalha
estas canalhas, as canalhas destes

(351) **marî bu'iri**
/bãdî+<u>bu'i-di</u>/
nós + culpa
nossa culpa

9.1.3. Como foi observado por Barnes (1990: 273), os nomes dependentes podem ser completados por nomes, demonstrativos ou anafóricos, numerais, possessivos, interrogativos e verbos nominalizados, exatamente como qualquer nome independente inanimado contável. Com o nome dependente **tõ'o** *cacho de* e com:
- o nome não-contável **ohô** *bananidade*:
ohô tõ'o /ohô+tõ'o/ *cacho de bananas* (lit. *cacho de bananidade)*

- o demonstrativo **a'tí** *este* e o anafórico **tií** *já citado*:
a'tí tõ'o /a'tí+tõ'o/ *este cacho* (lit. *cacho daqui*)
tií tõ'o /tií+tõ'o/ *tal cacho* (lit. *cacho de tal menção anterior*)

- o numeral **i'tiá** *três*:
i'tiá tõ'o /i'tí-a+tõ'o/ *três cachos* (lit. *cacho de número 3*)

- o possessivo **yaá** *possessão de*:
yaá tõ'o /yaá+tõ'o/ *meu cacho* (lit. *cacho de eu*)

- o interrogativo seletivo **diî** *qual*:
diî tõ'o? /diî+tõ'o/ *qual cacho?* (lit. *cacho de qual?*)

- o verbo **yoâ** *ser comprido*, nominalizado por **-ri** /-di/ *inanimado singular*:
yoarí tõ'o /yoâ-□́-di+tõ'o/ *cacho comprido* (lit. *cacho de (grande) compridez*)

O leitor poderá substituir o nome dependente **tõ'o** *cacho* pelo nome independente inanimado contável **wi'í** *casa*, obtendo assim uma série de enunciados paralelos, de igual estrutura e igualmente corretos: "esta casa", "aquela casa", "três casas", etc. As relações semânticas desenvolvidas por estas construções serão discutidas em 9.2. e nos capítulos 11 e 12.

9.1.4. Apesar de ter um comportamento estrutural que é o atributo dos nomes (sufixos nominais **-ri**, **-re**, **-pɨ**, etc.), os nomes dependentes levantam um problema. Com efeito, 95% destes lexemas podem funcionar como **nome dependente** ou como **verbo de estado**. Por exemplo, o morfema **yuri** /yudi/ *torto* funciona como nome dependente em:
ma'â yuri /bã'â+yudi/ *caminho torto* (**ma'â** *caminho*)
ma'âri yuriri /bã'â-di+yudi-di/ *caminhos tortos*

já que a sua morfologia (**-ri** *plural*,...) é nominal. No entanto, o mesmo morfema **yurí** funciona como verbo em:

(352) **a'tîgo yurimó**
/a'tî-go yudí - bõ /
esta ser torto-pres.vist.3+fsg
esta (mulher) é torta

já que pode ser sufixado por qualquer tipo de marca verbal (modalidade/tempo/pessoa, negativo, frustrativo, etc.).
Outros exemplos:

pehe *semente de, em forma de semente*	**pehé** *estar em forma de semente*
daa *linha flexível*	**daá** *estar em forma de linha flexível*
tɨ'rɨ /tɨ'dɨ/ *parede, declive*	**tɨ'rí** /tɨ'dɨ́/ *estar inclinado*

Em resumo, a classe de lexemas que estudamos é formada em maioria de morfemas duplos: uma forma fonologicamente átona comportando-se como um nome (nome dependente) e uma forma de melodia ascendente que é um verbo (de estado). Esta classe de lexemas seria então melhor definida como a **classe ambivalente de nomes dependentes e verbos de estado**. No entanto, nota-se que:
- esses lexemas são mais empregados como nomes dependentes de que como verbos de estado;
- como verbos de estado, o nosso *corpus* revela que todos são de melodia ascendente. Isso sugere que o verbo poderia derivar do nome dependente, com um sufixo suprasegmental (tom alto) denominal:
yuri /yudi/ *em forma torta* → **yurí** /yudi-□́ / *estar torto*

Como se vê, o problema de denominação ainda não está resolvido. Por outro lado, não devemos esquecer a intuição dos falantes nativos que, em geral, assimilam estes lexemas aos adjetivos qualificativos da língua portuguesa. Seguindo essa orientação, certos pesquisadores, como Brüzzi (1966: 50-51), denominaram os nossos "nomes dependentes" de "adjetivos". De qualquer modo, todos os fatos que acabamos de apresentar afastam definitivamente estes morfemas do "mundo dos classificadores".

9.2. As propriedades semânticas dos nomes dependentes

9.2.1. São centenas de nomes dependentes que expressam todos uma relação complemento+completado. Sem a presença do sufixo nominal **-ro** /-do/ *locativo, partitivo/parte*, esta relação nunca é uma relação do tipo parte+tudo (como em "orelha do cachorro", ou "semente do abacate"). É sempre uma relação do tipo:

entidade + qualificação da entidade

Em consequência, a construção **n.indep.+n.dep.** leva a significação seguinte: a entidade à qual se refere o nome independente tem a forma da entidade à qual se refere o nome

dependente. Este tipo de relação complementar pode ser ilustrada pelos exemplos seguintes:
- com **ma'â** /bã'â/ *caminho* e **yuri** /yudi/ *torto, em forma torta*:
ma'â yuri /bã'â+yudi/ *caminho torto,* ou melhor: *torto de caminho*

- com **ohô** *bananidade* e **tõ'o** *cacho de, em forma de cacho*:
ohô tõ'o /ohô+tõ'o/ *cacho de bananidade, bananidade em forma de cacho*

- com **ũyû** *abacatidade* e **pehe** *caroço de, em forma de caroço*:
ũyû pehe /ũyû+pehe/ *caroço de abacatidade, abacatidade em forma de caroço*

- com **wi'sêri** /wi'sê-di/ *casas* e **kaa** *linha de, em forma alinhada*:
wi'sêri kaa /wi'sê-di+kaa/ *casas alinhadas*, ou melhor: *linha de casas*

- com **wa'î** *peixe* e **koo** *caldo de*:
wa'î koo /wa'î+koo/ *caldo de peixe, peixe em caldo*

Como se vê pelos exemplos acima, as traduções são extremamente enganadoras. Por exemplo, a tradução "caroço de abacate" para **ũyû pehe** implicaria uma relação parte+tudo que não é expressa por esta construção. A tradução: "abacatidade (vegetal abacate) em forma de caroço" dá melhor ideia do tipo de relação expressa pela construção: "abacatidade" é um nome inanimado não-contável, abstrato e sem forma, **qualificado** pelo nome dependente "em forma de caroço". Uma tradução ainda mais fiel seria: "o caroço de abacatidade", como se diz: "o coitado do menino", "este idiota de João", "o trambolho do rapaz", etc.
A tradução por um adjetivo é igualmente enganadora porque não corresponde à realidade estrutural. Com os nomes dependentes **yawi** *torto (de)* e **kaa** *alinhado/linha*, compare:
ma'â yawi *caminho torto* ou *torto de caminho*
ma'âri yawiri *caminhos tortos* ou *tortos de caminhos*
wi'sêri kaa *casas alinhadas* ou *linha de casas*
wi'sêri kaari *linhas de casas* e não o ambíguo: *casas alinhadas*

Enquanto o primeiro par de exemplos sugere uma relação "nome+adjetivo" (pela concordância entre os dois termos), o segundo par mostra que esta concordância é de outra natureza, como na relação "complemento.do.nome+nome".

♦ Com o sufixo **-ro** /-do/ *parte de (locativo)*, a relação de complementaridade não é mais: entidade+qualificação da entidade, mas **parte+tudo**. Como ilustrações do emprego do sufixo **-ro** na relação parte+tudo, o leitor poderá examinar atentamente os exemplos do subcapítulo precedente com os nomes dependentes **mara** /bãda/ *esmigalhado*, **pe'to** *convexo*, **pa'ti** *em forma de depressão* e **yãko** *de pescoço comprido*.
Outros exemplos com **sere** /sede/ *em forma extensa, em forma de mancha*:
ditâra sere /ditâ-da+sede/ *lago extenso, extensão de lago* (**ditâra** *lago*)
ɨhɨ'ka serero /ɨhɨ-'ka+sede-do/ *mancha de queimadura* (**ɨhɨ-'ka** *queimadura*)

Com **tu'ku** *em forma angulosa*:
diâ tu'ku /diâ+tu'ku/ *rio de curva acentuada* (**diâ** *rio*)
diâ tu'kuro /diâ+tu'ku-do/ *curva do rio*

Certos nomes dependentes, que designam sempre uma parte do tudo, aparecem obrigatoriamente com o sufixo **-ro**. Por exemplo, **ko'ro** /ko'do/ *parte côncava de*, **se'ro** /se'do/ *fragmento de*, etc.

9.2.2. A relação complementar sendo uma **relação qualificativa**, o semantismo dos nomes dependentes corresponde bastante bem ao dos **adjetivos qualificativos** da língua portuguesa. Indicam todo tipo de propriedades físicas (forma, dimensão, configuração, consistência, cor, etc.):

ãhu, **mara** /bãda/ *esmigalhado*
ãrɨ /ãdɨ/ *em forma de torçal*
ãsɨ *franzido*
baa *em cesto*
be'to *em forma de roda*
beu *beiçudo*
boka, **doto** *em forma de feixe*
bɨ'bɨ *enorme*
bɨre /bɨde/ *ondulado*
bɨya *turvo*
bohe *esbranquiçado*
bubi *encaroçado*
butu *encolhido*
daa *em forma de fio*
dere /dede/ *cheio de arranhões*
di'a *puro*
dɨka *em forma de toro*
doaro /doa-do/ *bonito*
do'be *cheio de pontinhos*
duri /dudi/ *em desordem*
ehe *de consistência grossa*
kaa *alinhado*
ka'ba *de consistência viscosa*
kai *em forma de aranha*
ka'ka *fissurado*
kã'ko *engomado*
kari *muito magro*
kase *chato, fino*
kawe, **yuri** *torto*
ki'i *crespo*
kĩ'i *entupido (nariz)*
kɨɨ *inclinado*
kohe *em forma de falha*
ko'ro /ko'do/ *parte côncava de*
koyo *de pescoço comprido*
kuhi *em forma de fatia*
ku'mi /kũ'bi/ *amassado*
kura /kuda/ *em grupo*
mesa /bẽsa/ *amontoado*
moo *em punhado*
mo'o /bõ'o/ *corcundo*
mo'te /bõ'te/ *vesgo*
neo /dẽo/ *desviado para o lado*
nuhi /dũhi/ *enrolado sobre si*
paa *plano*
pa'a *em fileira*
pa'ma /pã'ba/ *em conexão*
pa'ta *em forma de paralelepípedo*
pa'ti *em forma de depressão*
pe'to *convexo*
pi'a *grudado*
pi'e *pegajoso*
pĩhi *em forma de lâmina*
põe *saliente*
põre /põde/ *em forma de aresta*
puti *em forma de rolo*
sa'ba *lamacento*
sã'pi *cônico*
sa'si *eriçado*
sa'wi *em forma de pico*
sere *extenso*
sẽ're /sẽ'de/ *bifurcado*
se'ro /se'do/ *fragmento de*
sii em pedaço
si'ti *amassado*
sĩ'ɨ *embrulhado*
sɨri /sɨdi/ *preto*
sɨtɨ *circular*
sũi *pequeno*
su'ri /su'di/ *emaranhado*
taa *encharcado*
tẽhe *em forma de arco*
ti'bi *entrelaçado*
ti'mi /tĩ'bi/ *pequeno e torcido*
ti'pa *dobrado*
tiri *do mesmo tamanho*
tɨbɨ *espesso, grosso*
tɨ'rɨ /tɨ'dɨ/ *em forma de parede*
tu'ku *anguloso*
turi /tudi/ *empilhado*
turu /tudu/ *curto*
wai *com risco*
wãpe *flexível*
wa'te *desprovido de cabelo*
wege *de boca lar*ga
wii *pontudo*
ya'mo /yã'bo/ esponjoso
ya'ri /ya'di/ *brilhante*
yapu *em forma de ovo*
yawi *sinuoso*

yɨbɨ *esférico*
yɨhɨ *estrangulado*
yɨ'tɨ *listrado*
yõoa /yõo-ga/ *ponta de terra de*
yo'yo *com protusão*
yuga *arqueado*

O leitor achará numerosos exemplos de todos esses nomes dependentes no dicionário. Certos nomes dependentes (sobretudo, termos de botânica) como:
boa, **tɨi-** *reunião de vegetais*
bu'a *elevação de terreno de*
ĩ'ki *penca de*
kee *nervura mediana de*
koo *caldo de*
kuu- *nó de*
me'e *fogo de*
pa'mo /pã'bo/ *moita de*
paro /pado/ *fruta alongada de*
pehe *semente de*
sati *touceira de*
seero /see-do/ *unha de*
tõ'o *cacho de*
waka*haste de*
wãpo*perigalho de*
yõo *palmeira de*

têm o mesmo comportamento semântico **entidade+qualificação da entidade** que os nomes da lista precedente: nunca indicam uma relação do tipo parte+tudo, a não ser sufixado por **-ro** ou **-ga**. Contrariamente ao que sugere a tradução ("caroço de abacate", "penca de bananas", etc.), a língua ye'pâ-masa expressa: "caroço de bananidade", "penca de bananidade", etc.
Citaremos para terminar:
bu'iri /bu'i-di/ *culpa de*
nɨmɨ /dɨ̃bɨ/ *dia de*
pee *buraco de*
tero /tedo/ *tempo de*
si'ru /si'du/ *canalha de*
yã'a *danado de*

Nota-se que certos nomes, expressando geralmente um arranjo espacial, podem ser empregados como nomes independentes ou, mais frequentemente, como nomes dependentes. Por exemplo:
bu'î *parte de cima, em cima de*
dokâ *parte de baixo, em baixo de*
dekô *meio, metade (de)*
siró /sidó/ *parte traseira (de) [fundo, base,...]*
yapá *extremidade (de)*
pɨ'tó *perto (de)*
be'ró/be'dó/ *depois (de)*
dɨporo /dɨpo-do/ *antes (de)*

Por exemplo:

(353) **yukîgɨ doka**
/yukî-gɨ+ doka /
árvore +em baixo de
em baixo da árvore (lit. *parte baixa da árvore*)

9.2.3. Os nomes dependentes usam-se frequentemente com os nomes independentes animados humanos para qualificar a forma que eles têm. Neste caso, o humano é qualificado com uma forma tirada dos inanimados, o que lhe confere muitas vezes um valor depreciativo ou pejorativo. Exemplo com **masɨ** *pessoa* (**masá** no plural) e o nome dependente **puti** *em forma de rolo, barrigudo*. Note que a marca do plural do nome dependente permanece **sempre à dos inanimados** (sufixo **-ri**), mesmo que o nome independente associado seja animado:
masɨ putí /bãsá-gɨ+puti/ *pessoa barriguda,* ou melhor: *rolo de pessoa*
masa putíri /bãsá+puti-di/ *pessoas barrigudas,* ou melhor: *rolos de pessoas*

Exemplo com o nome dependente **pu'u** *de nádegas secas*:
masɨ pu'u /bãsá-gɨ+pu'u/ *pessoa de nádegas secas,* ou melhor: *bunda seca de pessoa*

Exemplo com o nome dependente **ni'o** /dĩ'o/ *sem nenhuma abertura (porta bem fechada,...)*:
masɨ̃ ni'o /bãsá-gɨ̃+dĩ'o/ *pessoa que anda como fechando o ânus para não defecar,* ou melhor: *bunda fechada de pessoa*

9.2.4. A autófora **opâ** *entidade genérica* (cf. 12.5.) toma frequentemente o lugar de **qualquer nome independente** quando não se quer ou não se pode especificar a entidade qualificada:

(354) **a'té opâ daari niĩ'**
/ a'té opâ +daa -di dĩĩ- ' /
estas coisas autófora+ fio -pl ser-pres.vist.outras pessoas
estas coisas têm formas de fio (lit. *estas coisas são fios de seres*)

(355) **opâ kĩ'i niĩkã'mi ẽhô sãhâgɨ̃'!**
/ opâ + kĩ'i dĩĩ-kã'- bĩ ẽhô sãhâ - gɨ̃' /
autófora+entupido ser-ass-pres.vist gripe pegar-impl.ms
(ele) está com nariz entupido porque pegou gripe! (lit. *pegando gripe, ele é um um entupido de ser*)

9.2.5. O funcionamento dos nomes dependentes é claro: em uma relação complementar com o nome independente que os precede, eles servem sempre para **qualificar** (e não para **caracterizar** inerentemente) a entidade à qual o nome independente associado se refere. Apesar das dificuldades próprias da tradução, a construção portuguesa do tipo: "o coitado do menino", "o barrigudo do velho", o "torto do caminho" (para dizer: "menino coitado", "velho barrigudo", "caminho torto") aproxima-se bastante bem da construção que descrevemos em ye'pâ-masa.
Não são classificadores porque não denotam nenhuma característica inerente da entidade à qual o nome independente associado se refere. Denotam unicamente uma qualidade daquela entidade. Em consequência, não podem operar **nenhuma repartição de nomes em classes nominais**, o que é a propriedade fundamental dos classificadores.
Por exemplo, ao nome dependente **yuri** /yudi/ *em forma torta, torto de*, é associado um número infinito de nomes que possuem esta qualidade: "caminho torto", "riacho torto", "boca torta", "pessoa torta", "o torto de Pedro", "a torta de Maria", etc. Ao nome dependente **puti** *em forma de rolo, barrigudo de*, é igualmente associada outra infinidade de nomes: "panela barriguda", "embrulho barrigudo", "rolo de palmas caraná", "barriga em forma de rolo", "o barrigudo do Pedro", "a barriguda da Maria", etc.
No sentido inverso, a um nome independente, são associados tantos nomes dependentes quantas maneiras de ele ser qualificado.
Portanto, cada "classificador" formaria uma classe que possuiria uma infinidade de membros e, no mesmo tempo, cada membro pertenceria a várias classes. Em consequência, os nomes independentes não são divididos em classes cujos membros poderiam ser enumerados porque, de todos os lados, a divisão em classes nominais fracassa.
A concordância efetua-se conforme as três classes nominais evidenciadas em 8.1.: animados, inanimados contáveis e inanimados não-contáveis, e nunca conforme os nomes dependentes. Por exemplo, o inanimado não-contável **ohô** *vegetal banana* desencadeia o sistema de concordância próprio aos nomes inanimados não-contáveis. De outro lado, a locução nominal **ohô paro** *fruta do vegetal banana* desencadeia o sistema de concordância próprio à cabeça da locução nominal, i.e. o nome dependente

paro *fruta de*. Este tipo de concordância é mais do que trivial, e todos sabem que se diz: "um vegetal banana bonit**o**", "est**e** vegetal" enquanto se deve dizer: "um**a** fruta bonit**a**", "est**a** fruta", etc. Em ye'pâ-masa como em português, a concordância efetua-se com a cabeça da locução nominal.

Quanto ao uso anafórico dos "classificadores" descrito por Barnes (1990: .289-290), notamos o mesmo fenômeno em todas as línguas que conhecemos. Por exemplo, se uma história começar por: "havia um cacho de bananas no chão", um princípio de economia universal simplificará a locução nominal "cacho de bananas", reduzindo-a à sua cabeça (aqui, o nome dependente "cacho"): "quando vi este cacho ...", "aquele cacho ...", "dê-me este cacho!",... Ao nosso ver, isso não é digno de interesse. No entanto, note que a língua possui uma anáfora própria (o morfema **tií**) que estudaremos no capítulo 12.

Nomes Dependentes ou Classificadores (CL)?

Consultando a bibliografia tukano recentemente produzida, vemos que os pesquisadores ainda estão longe de chegar a um consenso. Para dar um só exemplo, Morse e Maxwell (1999: 75, 180) afirmam que a língua kubeo (família tukano) apresenta pelo menos 150 CL (como *-yoka* "folha", *-kobe* "buraco", *-yami* "noite", etc.), enquanto que Chacon (2002: 242-257), na sua análise da mesma língua, reconhece somente 17 CL, a maioria dos supostos classificadores sendo nome contáveis inanimados.

Aqui, gostaríamos de resumir nossa posição. O que definimos como nome dependente não é sufixo nem classificador:

♦ A estrutura da língua ye'pâ-masa faz uma diferença nítida entre nome dependente (ou verbo dependente) e sufixo. Repetimos os sete argumentos que foram desenvolvidos neste capítulo:

1. Não se deve considerar a unidade tonal como um critério caído do céu para definir a palavra fonológica. A "afinidade fonética" nome-sufixo vê-se melhor na contaminação nasal e em certas propriedades fonéticas ou fonológicas (presença de **g** e de [r]).
2. O tamanho fonológico dos nomes dependentes é de duas moras, enquanto o dos sufixos é reduzido a uma mora.
3. À diferença dos sufixos, os nomes dependentes podem ser proferidos e conceitualizados isoladamente pelos falantes.
4. Os nomes dependentes têm uma morfologia nominal. Por exemplo, com **tõʔo** *cacho de*, temos: **tõʔo-ri** *cachos de (plural)*, **tõʔo-a-kã** *cachinho de (diminutivo)*, etc.
5. A classe de nomes dependentes é extensa (mais de 400) e aberta aos empréstimos.
6. Além disso, todos os nomes inanimados contáveis podem ser utilizados independente ou dependentemente. Por exemplo compare o uso independente de **wiʔí** *casa* em (18): **wiʔí niî'** *é uma casa* com seu uso dependente em (19): **buʔerí+wiʔi niî'** *é uma casa de estudo*.
7. Cada nome dependente pode funcionar como verbo de estado.

♦ A diferença entre "nome dependente" e "classificador" não é uma simples convenção de vocabulário. Como seu próprio nome sugere, um classificador nominal (CL) denota alguma *característica inerente ou saliente* do nome ao qual se refere. Os CL permitem assim dividir os nomes em *classes nominais* cujos membros poder ser enumerados: CL_1 = {$nome_{11}$, $nome_{12}$,..., $nome_{1n}$}, CL_2 = {$nome_{21}$, $nome_{22}$,..., $nome_{2n}$},..., CL_x = {$nome_{x1}$, $nome_{x2}$,..., $nome_{xn}$}. Os CL aparecem como afixo no nome e/ou nos seus modificadores (numeral, adjetivo, etc.): assim, o CL é sempre ligado à *escolha das concordâncias* que o nome rege. É isso que temos, por exemplo, em baniwa, uma língua arawak falada bem perto da área ocupada pelos ye'pâ-masa. No entanto, não é isso que temos com o ye'pâ-masa:

1. Os nomes dependentes *qualificam*, mas nunca *caracterizam* inerentemente um nome. Acabamos de ver que esses supostos CL não denotam nenhuma caraterística inerente à entidade e não dividem os nomes em classes nominais. Talvez exemplos como: **ohô$_1$+paro$_2$** *banana* (lit. *fruta$_2$ de banan(eir)a$_1$*) sejam a fonte desse imenso engano. Se **ohô** significa realmente *banana*, +**paro** *fruta oblonga* tem todas as aparências de um CL. Isso é uma ilusão que nasce da tradução, já que temos o paradigma seguinte: **ohô$_1$+tõʔo$_2$** *cacho$_2$ de bananas$_1$,* **ohô$_1$+yõo$_2$** *pé$_2$ de bananas$_1$ (bananeira)*, **ohô$_1$+põri$_2$** *folha$_2$ de bananeira$_1$,* **ohô$_1$+sati$_2$** *touceira$_2$ de bananeiras$_1$*, etc., e nunca: ***ohô+paro+tõʔo**, ***ohô+paro+põri**, etc. Uma tradução do exemplo citado deveria ser: "fruta de bananidade" e não "fruta de banan(eir)a".

Ao nosso ver, é por ter ignorado o estatuto exato dos nomes não-contáveis que a noção de classificador foi introduzida nos estudos tukano. O nome não-contável **ohô** não se refere à banana, nem a bananeira, nem ao conjunto vegetal. Refere-se à matéria informe ("bananidade"), como em português ou em ye'pá-masa "água", "metal" ou "trigo". Para dar forma à matéria, em português como em ye'pâ-masa,

precisamos de um nome, que é dependente em ye'pâ-masa: **akô$_1$+pehe$_2$** *gota$_2$ de água$_1$*, **kõme$_1$+daá$_2$** *arame* (lit. *fio$_2$ de metal$_1$*). Isso é trivial.
2. Esses supostos CL não desencadeiam nenhuma escolha de concordância. Podemos comparar: **masá$_1$ niî-ma$_2$** *são$_2$ pessoas$_1$* e **wa?î$_1$ niî-ma$_2$** *são$_2$ peixes$_1$* (**-ma** é o sufixo verbal de concordância desencadeado pelo sujeito animado plural) com: **masa+kaá$_1$ niî-'$_2$** *é$_2$ linha de pessoas$_1$* e **wa?î+mara-ri$_1$ niî-'$_2$** *são$_2$ migalhas de peixes$_1$* (**-'** é o sufixo verbal de concordância desencadeado pelos nomes dependentes **+kaa** *linha de* e **+mara-ri** *migalhas de*, que têm função de sujeito). Como se vê, em ye'pâ-masa como em português, são os nomes dependentes e não os supostos CL, que desencadeiam a concordância sujeito-verbo. Isso é trivial e não há nada de "exótico" nesse tipo de construção.
3. Enfim, a visão em CL não pode explicar o fato de que existem séries de supostos CL, como, por exemplo: **su'tîro$_1$+si'ti$_2$+yibi$_3$-ga$_4$** *bola de roupa amassada* (lit. *roliço$_4$ de bola$_3$ de amassado$_2$ de roupa$_1$*), com os dois supostos CL **si'ti** *amassado de* e **yibi** *bola de*, seguido pelo sufixo "classificador" **-ga** *roliço de*. Nessa visão, o quê esses CL classificariam: o nome à direita (**su'tîro** *roupa*)?, ou cada um deles classificaria o precedente? Mais uma vez, quando se aceitar que temos três nomes (um independente e dois dependentes), a construção acima não tem nada de misteriosa ou de exótica.

9.3. Alguns nomes dependentes "gramaticalizados"

Alguns morfemas fortemente "gramaticalizados" são também interpretados como nomes dependentes. Comportam-se como verdadeiras posposições. São:

me'ra /bẽ'da/ *com*
kẽ'ra /kẽ'da/ *também*
basi *próprio*
di'akɨ̃hɨ *unicamente, apenas*
se'saro /se'sado/ *unicamente*
nɨkɨ /dɨ̃kɨ/ *um por um*
maa /bãa/ *contraste*
noho /dõho/ *como*
pe'e *câmbio*
pũrikã /pũdi-kã/ *no entanto*
marikã /bãdi-kã/ *pois*
waro /wado/ *verdadeiro*
tiro /tido/ *perto de*
mehe /bẽhe/ *não*
meha /bẽha/ *detrimental*
kã'a *igual a* (cf. 12.9.)

Apesar de não levarem a marca do plural **-ri** como os outros nomes dependentes, não foram considerados sufixos nominais pelas razões seguintes:
- os sufixos referencial **-re** e especificador **-ta** aparecem sempre depois e nunca antes destes morfemas.
- **waro** *verdadeiro* não pode ser contaminado por um radical nominal intrinsecamente nasal (cf. 9.1.).
- **di'akɨ̃hɨ** começa pelo fone [d] (cf. 9.1.).
- **noho** e **nɨkɨ** começam pelo fone [n] (cf. 9.1.).
- a partir de **me'ra** *com*, forma-se **me'rakɨ̃hɨ** *companheiro*, **me'rakõho** *companheira* e **me'rakãharã** *companheiros*, com os sufixos de derivação tipicamente nominais: **-kɨ̃hɨ**, **-kõho**, **-kãharã** *proveniência* (cf. 14.3.). Isso sugere uma origem nominal para **me'ra**.
- **marikã** e **pũrikã** parecem-se formalmente com verbos nominalizados (**mãrí** /mãdí/ *não estar*, **pũri** /pũdi/ *verbo enfático* e **-kɨ́** *implicativo/câmbio de sujeito*). **se'saro** parece-se com o verbo **se'sâ** *abranger*, nominalizado pelo sufixo **-ró** /-□́-do/ *nom.lugar*.
- **kẽ'ra**, **basi**, **tiro**, **mehe** e **meha** têm um tamanho fonológico demasiadamente grande para ser sufixos.
- **maa** e **pe'e** poderiam ser interpretados como sufixos ou como nomes dependentes. Usando o "metacritério" exposto em 4.4.9, consideramo-los nomes dependentes.

Nota-se que, usando o mesmo metacritério, a marca nominal **-pɨ** *focalizador* deveria ser também interpretada como nome dependente e não como sufixo nominal (como foi considerada em 8.10.).

A maioria destas "posposições" são tonalmente regulares. Com uma raiz nominal de melodia ascendente, obedecem à regra de deslocamento tonal quando não forem

laringalizados. As poucas irregularidades serão mencionadas na descrição separada de cada um desses morfemas.

9.4. O instrumental *me'ra*

O morfema **me'ra** /bẽ'da/ *com* funciona basicamente como instrumental, transporte ou causa em (356, 357, 358, 359, 360) ou como comitativo (361):

(356) **di'pĩhí me'ra dɨteámo**
/di'í-pĩhi+bẽ'da dɨtê - a - bõ /
faca + com cortar-p.rec.vist.3+fsg
(ela) o cortou com faca

(357) **yukɨ̂sɨ me'ra wa'aámi**
/yukɨ̂=sɨ+bẽ'da wa'â- a - bĩ /
canoa + com ir -p.rec.vist.3-fsg
(ele) foi de canoa

(358) **akô me'ra ãyuá wa'aami**
/ akô +bẽ'da ãyú-a+ wa'a - a-bĩ /
remédio+ com bom +ingressivo-p.rec.vist.3-fsg
(ele) melhorou (ficou bom) graças ao remédio

(359) **mari yeé me'ra uúkũrã!**
/bãdí+ yee+bẽ'da uú=kũ-dã/
nós +poss+com falar -imp
vamos falar nossa língua! (lit. *com a nossa possessão*)

(360) **biâgɨ piráro' weeápɨ asisehé me'ra**
/ biâ - gɨ pidá - do' weé - a-pɨ así - sehé +bẽ'da/
pimenta-fret murchar-impl.ms v.aux.-p.rec.vist ser quente-nom.inan.pl+com
a pimenteira está murchando por causa do calor

(361) **koô me'ra etaámi**
/koô+bẽ'da etâ - a-bĩ /
ela +com chegar-p.rec.vist.3-fsg
(ele) chegou com ela

A palavra **me'ra** é também muito usado com verbos nominalizados por **-ró** *nom.lugar* (cf. 11.6.), dando uma construção que se aproxima dos advérbios de maneira da língua portuguesa:

(362) **numiô ãyuró me'ra uúkũamo**
/dũbî-o ãyú- □́-do +bẽ'da uú=kũ- a-bõ /
mulher bom-nom.lugar+com falar -p.rec.vist.3+fsg
a mulher falou suavemente (lit. *com maneira boa*)

O leitor achará outros exemplos do emprego de **me'ra** no dicionário.

9.5. O aditivo *kẽ'ra*

O morfema **kẽ'ra** /kẽ'da/ *também* funciona como aditivo:

(363) **mɨ'ɨ̃ kẽ'rare paâgɨti'**
/bɨ̃'ɨ̃+ kẽ'da -de paâ -gɨ-ti-'/
tu +também-ref bater- fut
vou bater em ti também

(364) **Péduru kẽ'ra ba'â sĩ'rimi**
/Pedudu+kẽ'da ba'â + sĩ'di - bĩ /
Pedro + com comer+querer-pres.vist.3-fsg
Pedro também quer comer

O aditivo **kẽ'ra** é também usado como plural de certos termos de parentesco (cf. anexo do dicionário).
O aditivo **kẽ'ra** apresenta uma irregularidade tonal: transforma a melodia alta dos "pronomes" pessoais em melodia ascendente (cf. 363). Por exemplo:
koô *ela* → **koó kẽ'ra** /koô+kẽ'da/ *ela também*
naâ /dãâ/ *eles, elas* → **naá kẽ'ra** /dãâ+kẽ'da/ *eles, elas também*
marî /bãdî/ *nós* → **marí kẽ'ra** /bãdî+kẽ'da/ *nós também*

Esta irregularidade poderia ser interpretada como instabilidade tonal das raízes pessoais e anafóricas: **yɨ'ɨ̂** / **yɨ'ɨ́** *eu*, **koô** / **koó** *ela*, **ɨ̃sâ** / **ɨ̃sá** *nós*, etc.

9.6. O reflexivo *basi*

O reflexivo **basi**, **basɨ** ou **basu** *próprio* funciona como o inglês *self* ou o latim *ipse*. O elemento nominal que **basi** acompanha pode funciona como sujeito ou como objeto. Podemos traduzi-lo por: "por si", "em (própria) pessoa":

(365) **sope basí pãriápɨ**
/sopé+basi pãdî-a- pɨ /
porta+próprio abrir-se-p.rec.vist.outras pessoas
a porta abriu-se por si mesmo

(366) **yɨ'ɨ̂ basita a'toré da'reápɨ**
/yɨ'ɨ̂+ basi -ta a'tó-de da'dê - a-pɨ /
eu +próprio-esp isto-ref fabricar-p.rec.vist.outras pessoas
eu em própria pessoa mesmo (e não outro) fabriquei isto

Funciona também como reflexivo:

(367) **kɨ̃ɨ̂ basi wẽheámi**
/kɨ̃ɨ̂+ basi wẽhé - a-bĩ /
ele+próprio matar-p.rec.vist.3-fsg
(ele) se matou (outro sentido: *ele em própria pessoa o matou*)

(368) **semê basɨ pĩkôro ba'âmi**
/sẽbê+ basɨ pĩkô-do ba'â - bĩ /
paca+própria cauda comer-pres.vist.3-fsg
a paca se come a cauda

9.7. Os restritivos *di'akɨ̃hɨ* e *se'saro*

Os morfemas **di'akɨ̃hɨ**, **di'ta** *somente (unicamente, apenas)* e **se'saro**/se'sâ-□́-do/ *somente (unicamente, exclusivamente)* têm um significado restritivo:

(369) **wa'î ni'kɨ́ di'akɨ̃hɨ ba'aápɨ**
/ wa'î dĩ'kɨ́+di'a-kɨ̃hɨ ba'â - a - pɨ /
peixe um + apenas comer-p.rec.vist.
comi apenas um peixe

(370) **wi'magó me'ra di'akɨ̃hɨ a'tiámi**
/wĩ'bá-gó+bẽ'da+di'a-kɨ̃hɨ a'tî- a-bĩ /
menina + com +somente vir-p.rec.vist.3-fsg
(ele) veio somente com a menina

(371) **koô se'saro wa'aámo**
/koô+se'sâ-□́-do wa'â- a-bõ /
ela + somente ir -p.rec.vist.3+fsg
somente ela foi

9.8. O distributivo *nɨkɨ*

O distributivo **nɨkɨ** /dɨ̃kɨ/ *um por um* exige, pelo seu próprio semantismo, que o nome ao qual ele se refere seja um plural:

(372) **ɨmɨa nɨkɨ́ su'tí yẽ'eáma**
/ ɨ̃bɨ́ -a + dɨ̃kɨ su'tí yẽ'ê - a-bã /
homem-pl+um/um roupas receber-p.rec.vist.3pl
cada homem recebeu roupas (lit. *os homens, um por um, receberam roupas*)

(373) **yamîri nɨkɨ utigó niiámo**
/yãbî -ri + dɨ̃kɨ utî - gó dĩî- a-bõ /
noite-pl+um/um chorar-nom.+fsg ser-p.rec.vist.3+fsg
(ela) costuma chorar todas as noites

(374) **mɨ'î ɨá'ke nɨkɨ po'ká kɨogɨ́sa'**
/bɨ̃'ɨ̂ ɨá - 'ke + dɨ̃kɨ po'ká kɨó-gɨ-sa-'/
tu querer-nom.inan.pl.perf+um/um farinha ter- fut
terás toda a farinha que tu queres

9.9. O contraste *maa*

9.9.1. O morfema **maa** /bãa/ *contraste* é muito usado. Expressa que, para a entidade à qual se refere o elemento nominal associado a **maa**, em contraste com as outras entidades, tal situação é verificada. Podemos traduzi-lo por: "para X, em contraste com as outras entidades, tal situação é verificada". Por exemplo:

(375) **o'ôtikã'ya, naá maa!**
/o'ô- ti -kã'- ya dãâ+ bãa /
dar-neg-ass-imp eles+contraste

não dê (isso) para eles! (mas dê-o para outras pessoas!)

(376) **Péduru, yɨ'ɨ́ maa, yahasehé pihagɨ niîmi**
/Pédudu yɨ'ɨ̂+ bãa yahá - sehé +piha- gɨ́ dĩî- bĩ /
Pedro eu +contraste roubar-nom.inan.pl+verb-nom.-fsg ser-pres.vist.3-fsg
para mim, Pedro é um ladrão (é o meu ver, os outros podem pensar outra coisa)

(377) **koó maa mehêkã ko'têmiapɨ**
/koô+ bãa bẽhê-kã ko'tê - bĩ - a-pɨ /
ela +contraste diferente esperar-frust-p.rec.vist.outras pessoas
(eu) esperava outra coisa dela (dela, esperava um comportamento diferente)

(378) **ni'kaá maa u'asomé**
/dĩ'ká-a+ bãa u'á -so-bẽ/
hoje +contraste tomar banho-fut.neg
hoje, não vou tomar banho (em contraste com os outros dias)

(379) **ɨ̃sá maa ã'rí yeêmi**
/ɨ̃sâ + bãa ã'dí yeê - bĩ /
nós+contraste este ser brincalhão-pres.vist
do nosso grupo, este é o brincalhão

(380) **teé maa yɨ'tisomé**
/teé+ bãa yɨ'tí -so-bẽ/
ana+contraste responder-fut.neg
desta aí (desta calúnia), não vou responder

O contraste pode efetuar-se entre pessoas (375, 376, 377, 379), entre coisas concretas ou abstratas (380), entre tempos (378) ou lugares:

(381) **toó maa ehâtiwɨ**
/toó+ bãa ehâ - ti - wɨ /
ana +contraste chegar-neg-p.cad.vist.outras pessoas
naquele tal lugar, não cheguei (mas em outros, sim)

Este morfema contrastivo tem um uso muito produtivo com o sufixo **-kɨ́** *implicativo/câmbio sujeito* (cf. capítulo 10). Neste caso, a combinação **-kɨ́ maa** indica a condição necessária para que a situação a qual se refere o verbo da oração principal se realize. Por exemplo:

(382) **akôro pehâtikã maa wa'âgɨti'**
/akô-do pehâ- ti - kɨ́ + bãa wa'â-gɨ-ti-'/
chuva cair-neg-impl.cs+contraste ir - fut
irei se não chover

(383) **yɨ'ɨ̂ ĩ'yakɨ́ maa,...**
/yɨ'ɨ̂ ĩ'yâ- kɨ́ + bãa /
eu ver -impl.cs+contraste
ao meu ver,... (lit. *eu vendo,...*)

O contraste **maa**, como o sufixo referencial **-re** (cf. 8.12.), **nunca aparece com um elemento nominal em função sujeito**. O contraste **maa** é incompatível com os sufixos

nominais **-re** *referencial* e **-ta** *especificador*, com **kẽ'ra** *também*, **waro** *verdadeiro* e **pũrikã** *no entanto*. É compatível com **me'ra** *com* e **pe'e** *câmbio*:

(384) **Péduru me'ra maa toho niîkã'ro' weewɨ́!**
/Pédudu+bẽ'da+ bãa toho dĩî-kã'- do' weé - wɨ́ /
Pedro + com +contraste assim ser-ass-impl.ms v.aux.-p.cad.vist
é assim (mesmo) com Pedro!

(385) **yɨ'î pako pe'e maa wa'îkõho makɨ́ niî'**
/yɨ́'î+pako+ pe'e + bãa wa'î-kõho +bãkɨ́ dĩî- ' /
eu + mãe +câmbio+contraste mulher pira-tapuya+filho ser-pres.vist
por parte de minha mãe, sou filho de mulher pira-tapuya (o falante tinha acabado de dizer que era filho de homem ye'pâ-masɨ́)

9.9.2. O contraste **maa** é tonalmente irregular: à maneira dos sufixos e lexemas dependentes laringalizados, nunca captura o tom flutuante do nome de melodia ascendente que o precede (cf. exemplos 380, 381). Em outras palavras, é sempre fonologicamente átono. Além disso, transforma a melodia alta dos "pronomes pessoais" em melodia ascendente (cf. exemplos 375, 376, 377, 379), comportando-se assim como o aditivo **kẽ'ra** (cf. 9.5.).

9.10. A comparação *noho*

A comparação **noho** /dõho/ *como, igual a, tipo* serve para introduzir uma comparação:

(386) **a'te nohó niî'**
/ a'té +dõho dĩî- ' /
estas coisas+como ser-pres.vist outras pessoas
é igual a estas coisas

(387) **yɨ'ɨ̂re tee nohó marí'**
/yɨ́'ɨ̂-de teé+dõho bãdí - ' /
eu-ref ana+como não estar-pres.vist.outras pessoas
eu não tenho tais coisas (lit. *para mim, coisas como tais coisas não estão*)

(388) **koô yẽ'e nohóre ba'âti?**
/ koô yẽ'é +dõho -de ba'â - ti /
ela que ser+ tipo -ref comer-pres.vist.int
que tipo de comida ela come? (lit. *tipo o quê ela come?*)

(389) **marî nohore ãpí doke mɨ́háwĩ**
/bãdî+dõho-de ãpí doké+ bɨ́ha - wĩ /
nós+como-ref alguém jogar+repetidamente-p.cad.vist.3-fsg
sempre há alguém que joga (pedra) em gente como nós

(390) **pĩrô nohore ba'â no'oya mariwɨ́**
/pĩdô+dõho-de ba'â + dõ'o -ya bãdí- wɨ́ /
cobra+tipo -ref comer+passivo-? não -p.cad.vist. outras pessoas
não se come animal tipo cobra

O morfema de comparação **noho** é muito usado:

1) com os interrogativos **yẽ'é?** *que ser inanimado?*, **yamɨ́?** *que ser animado?*, **diî...?** *qual...?*, etc. (388)

2) com os demonstrativos e o anafórico, nos exemplos (386, 387) e em:

(391) **a'ti nohó wi'i**
/a'tí+dõho +wi'i/
este+como +casa
casa deste tipo

3) com um verbo nominalizado:

(392) **mɨ'ɨ̂ ãyuró da'ragɨ́ noho niîgɨ',...**
/bɨ̃'ɨ̂ ãyú-dó da'dá - gɨ́ +dõho dĩĩ- gɨ̃' /
tu bem trabalhar-nom.-fsg+tipo ser-impl.ms
se você fosse do tipo bom trabalhador (do tipo que trabalha bem),...

(393) **ba'aró noho maa, apêmi**
/ba'â - dó +dõho+ bãa apê - bĩ /
comer-nom.lugar+como+contraste brincar-pres.vist.3-fsg
(ele) brinca em vez de comer

4) em certas expressões, como: **ni'kâro noho** *de igual maneira*, **apêye noho** *alguma coisa*, etc.

5) para formar o comparativo de igualdade ou para formular uma comparação entre duas entidades:

(394) **Péduru Páuru weéróroho butîmi**
/Pédudu Páudu weé - dó -doho butî - bĩ /
Pedro Paulo fazer-nom.lugar-como ser branco-pres.vist
Pedro é (tão) branco como Paulo

(395) **yamâ weéróroho omá'kãa'ami**
/yãbâ weé - dó - doho õbá -'kã- a' - a-bĩ /
veado fazer-nom.lugar-como correr- -C>-p.rec.vist
(ele) foi correndo como um veado

(396) **a'té opê weeró noho niî'**
/a'té opê weé - dó + dõho dĩĩ- ' /
isto breu fazer-nom.lugar+como ser-pres.vist
isto é (escuro) como breu

(397) **yamiákã weegɨti' koô weé'karorohota**
/yãbî-akã weé -gɨ-ti-' koô weé - 'ka-do -doho- ta/
amanhã fazer- fut ela fazer-nom.lugar.perf-como-esp
vou fazer amanhã exatamente como ela fez

Nestes casos, **noho** perde frequentemente a sua nasalização quando se sufixa a um verbo nominalizado por **-ró** *nom.lugar* (ou **-'ka-ro** no passado), dando então a forma **-roho** que, como o sufixo aumentativo que lhe é homófono (cf. 8.8.), não pode ser contaminada por uma raiz nasal. O uso de **noho** [nǹ̥hɔ̃̀] ou **-roho** [rǹ̥hɔ̀] depende do locutor. O verbo nominalizado é geralmente **weé** *fazer*, os exemplos precedentes sendo

melhor traduzidos por: “como faz Paulo”, “como faz um veado”, “como faz o breu”, etc. O uso do especificador **-ta** nas comparações é comentado em 8.11.
No lugar de **weé**, pode ser usado qualquer outro verbo nominalizado apropriado:

(398) **yɨ’ɨ̃ niiróroho niîya!**
/yɨ’ɨ̃ dĩî - dó -doho dĩî -ya/
eu dizer-nom.lugar-como dizer-imp
diga como eu (digo)!

(399) **meká da’rarórohota marî da’raró ɨá’**
/ bẽká da’dá - dó -doho-ta bãdî da’dá - dó ɨá - ’ /
maniuara trabalhar-nom.lugar-como-esp nós trabalhar-nom.lugar querer-pres.vist
nós devemos trabalhar como (trabalham) as formigas maniuaras

Sobre a construção de obrigação (“dever”) com o verbo **ɨá** *querer*, cf. 11.6.

9.11. O câmbio de referência *pe’e*

O câmbio de referência **pe’e** *câmbio* tem um funcionamento delicado. Em geral, expressa um constraste ou uma mudança de referência entre nomes que têm a mesma função gramatical (sujeito, objeto, complemento de lugar,...). Nenhuma das traduções seguintes: “por outra parte”, “de outro lado”, “em câmbio”, “quanto a”, “e” nos parece inteiramente satisfatória. Exemplos do uso de **pe’e** *câmbio* com o sujeito:

(400) **ã’rí masɨ uumí, sĩ’í pe’e uutími**
/ã’dí bãsá-gɨ uú - bĩ sĩ’í + pe’e uú - ti - bĩ /
este homem falar-pres.vist aquele+câmbio falar-neg-pres.vist
este homem fala, e aquele não (fala)

(401) **mɨ’ɨ̃ pe’e a’tiá!**
/bɨ’ɨ̃+ pe’e a’tî- a /
tu +câmbio vir-imp
venha, você! (e não o teu companheiro)

(402) **Péduru pe’e?**
/Pédudu+ pe’e /
Pedro +câmbio
e Pedro? (depois do interlocutor ter explicado o que fez Paulo)

Exemplos de **pe’e** *câmbio* com o objeto:

(403) **yẽ’e nohó pe’ere ɨagɨ́sari baa?... ohô pe’ere?..., merê pe’ere?**
/yẽ’é+dõho+ pe’e -de ɨá -gɨ-sa-di+ baa ohô + pe’e -de bẽdê+ pe’e -de/
o que?+como +câmbio-ref querer- fut-int+dúvida banana+câmbio-ref ingá +câmbio-ref
o que será que vou querer?... banana?..., ingá?

(404) **yɨ’ɨ̃ pe’ere ɨayá, ã’ría’ yã’agɨ́ bahúkã’mi!**
/yɨ’ɨ̃+ pe’e -de ɨá -ya ã’dí- a’ yã’â- gɨ́ bahú -kã’- bĩ /
eu+câmbio-ref querer-imp este-dest feio-nom.-fsg aparecer-ass-pres.vist
goste de mim (em vez de gostar deste), que este tem aparência feia!

Exemplos de **pe'e** com o complemento de lugar [cf. também exemplo (385) com o contraste **maa**]:

(405) **sõ'ó pe'e basâ'kãa'ya!**
/sõ'ó+ pe'e basâ -' kã- a'-ya/
lá +câmbio dançar- -C>-imp
vá/vão dançando para lá! (e não para outra direção!)

(406) **a'tí ma'a wa'â boo'kɨ, a'tí ma'a pe'e wa'âya!**
/a'tí+ bã'a wa'â+ boo - 'kɨ a'tí + bã'a + pe'e wa'â-ya/
este +caminho ir +potencial-nom.-fsg.perf este+caminho+câmbio ir -imp
em vez de ir por este caminho, vá por este!

Enfim, o morfema **pe'e** aparece também frequentemente numa construção que restringe o dito do verbo precedente. Neste caso, **pe'e** acompanha um verbo marcado por sufixos implicativos/mesmo sujeito:

(407) **ã'rí wi'magɨ́ bu'eámi, bu'êgɨ' pe'e... mehô masîtiami**
/ã'dí wĩ'bá-gɨ́ bu'ê - a-bĩ bu'ê - gɨ' + pe'e bẽhô bãsî- ti - a-bĩ /
este menino estudar-p.rec.vist estudar-impl.ms+câmbio antes saber-neg-p.rec.vist
este menino, por estudar, ele estuda, mas... não sabe (lit. *este menino estuda, mas estudando...não sabe*)

9.12. A palavra adversativa *pũrikã*

A palavra adversativa **pũrikã** /pũdikã/ *no entanto* (talvez de: **pũri** /pũdi/ *verbo enfático* + **-kã́** *impl.cs*) expressa também uma ideia de contraste entre duas orações, sempre traduzível por "contrariamente ao que se pensa, se diz ou se espera", "contra todas as expectativas", "pelo contrário", ou muitas vezes por "porém", "no entanto":

(408) **marî pũrikã ɨ̃rɨ yapá mɨha ehákã'rã!**
/bãdî+ pũdikã ɨ̃dɨ́ +yapa bɨ̃há+ eha -kã'-dã/
nós +no entanto serra+topo subir+ir até-ass-imp
nós, porém, vamos chegar sim até o topo da serra subindo! (contrariamente aos outros que fracassaram)

(409) **a'tîgo pũrikã koô makoré eká tɨ'satimo**
/ a'tî-do + pũdikã koô bãkó-de eká + tɨ'sa - ti - bõ /
esta mulher+no entanto ela filha-ref alimentar+parece que-neg-pres.vist
parece que esta mulher, por incrível que pareça, não alimenta a filha dela

(410) **pa'í akô kɨoámi; tee pũríkã ãyusehé niiápɨ**
/pa'í akô kɨó- a-bĩ teé + pũdikã ãyú- sehé dĩĩ- a-pɨ /
padre remédio ter-p.rec.vist ana+no entanto bom-nom.inan.pl ser-p.rec.vist
o padre tem remédios; aqueles sim são bons (contrariamente aos remédios do hospital)

(411) **yɨ'ĩ pũrikã neê bopêtiasɨ**
/yɨ'ĩ+ pũdikã dẽê bopê - ti - a-sɨ /
eu+no entanto nem quebrar-neg-p.rec.sent
eu, contrariamente ao que vocês estão dizendo, nem o quebrei

(412) **sõ'kôro põrikã ĩsâ weetísa'**
/sõ'kô-do+ põdikã ĩsâ weé- ti - sa - ' /
ralo +no entanto nós fazer-neg-pres.sent
no entanto, nós não fazemos ralos (depois de ter enumerado tudo o que os falantes sabem fazer: bancos, remos,...)

O elemento nominal que precede **põrikã** pode ter qualquer função gramatical (sujeito, objeto, complemento de lugar,...). A palavra adversativa **põrikã** é de uso muito produtivo com a anáfora **toó** ou **tiî**, dando as expressões **too põríkã** ou **tiîta põrikã** *então*:

(413) **- yɨ'ɨ ɨhá boâgo' weésa'** **- tiîta põrikã, wa'î wehegɨ́ wa'âgɨti'**
/yɨ'ɨ ɨhá boâ - go' weé - sa-' tiî-ta+põdikã wa'î wehé - gɨ wa'â-gɨ-ti-'/
eu fome morrer-impl.ms v.aux.-pres.sent então peixe pescar- -fsg ir - fut
- eu estou morrendo de fome *- então, vou pescar peixe (resposta do marido)*

(414) **- wa'î niîti?** **- nií we'e'!** **- too põríkã, ba'á we'e'**
/wa'î dĩî- ti dĩî+we'e- ' toó+põdikã ba'â +we'e- ' /
peixe ser-pres.vist.int ser + neg -pres.vist então comer+ neg-pres.vist
- é peixe? *- não (é)!* *- então, não como*

9.13. A palavra dependente *marikã*

Não temos certeza de como funciona a palavra dependente **marikã** /bãdikã/ *pois* (talvez: **marí** /bãdí/ *não estar* + **-ká** *impl.cs*). Na maioria dos exemplos do nosso *corpus*, parece ter um valor **justificativo**, a oração com **marikã** justificando a ideia contida em outra oração. Podemos tentar traduzi-la por "pois", "que", "afinal", "por exemplo", "diga-se a propósito", "não é que":

(415) **te'á, apêrã, sĩ'i maríkã apêmi!**
/ te'á apê -dã sĩ'í +bãdikã apê - bĩ /
vamos! brincar-imp aquele+ pois brincar-pres.vist
vamos brincar, que aquele brinca!

(416) **bu'êya, yɨ'ɨ makɨ marikã ãyuró bu'eámi!**
/ bu'ê -ya yɨ'ɨ+bãkɨ +bãdikã ãyú-dó bu'ê - a-bĩ /
estudar-imp meu+filho+ pois bem estudar-p.rec.vist
estude, que meu filho estuda bem!

(417) **da'rá ni'isa!, sĩ'i maríkã da'rágɨ'ta apêye noho kɨomí**
/ da'dá + dĩ'i-sa sĩ'í + bãdikã da'dá - gɨ' -ta apê-ye+dõho kɨó- bĩ /
trabalhar+imp.distância aquele+pois trabalhar-impl.ms-esp coisas ter-pres.vist
vá trabalhar!, aquele, por exemplo, tem coisas por ele trabalhar

(418) **"...", niîwã naâ marikã**
/dĩî - wã dãâ+bãdikã/
dizer-p.cad.vist eles+ pois
"...", eles dizem também (o falante lembra o que os outros disseram de fazer, para justificar o que ele mesmo está fazendo)

9.14. A palavra dependente *waro*

A palavra dependente **waro** /wado/ ou **waaro** /waado/ *verdadeiro* é muito usada. Como **-ta** *especificador*, funciona como palavra identificadora. No entanto, à diferença deste sufixo, **waro** insiste no tipo mais autêntico do conceito expresso pelo nome associado. Podemos traduzi-la por "realmente", "de verdade", "autêntico", "legítimo":

(419) **Péduru waro niî'kɨ niiámi**
/Pédudu+ wado dĩî - 'kɨ dĩî- a-bĩ /
Pedro +verdadeiro estar-nom.-fsg.perf ser-p.rec.vist
era Pedro de verdade

(420) **wahâ-pĩhi waro niî'**
/wahâ-pĩhi+ wado dĩî- ' /
remo +verdadeiro ser-pres.vist
é um remo de verdade, é um remo autêntico

(421) **noa waáro toho weeáti?**
/ dõá+ waado tohô weé - a -ti /
quem+verdadeiro assim fazer-p.rec.vist-int
quem realmente fez assim?

Usa-se frequentemente nas perguntas quando se quer saber algo sobre alguém ou algo (localização,...):

(422) **Péduru, mɨ'ɨ̃ pakɨ waro?**
/Pédudu bɨ̃'ɨ̃+pakɨ+ wado /
Pedro tu + pai +verdadeiro
Pedro, cadê teu pai?

(423) **mɨsâ waro, ãyutí a'toré?**
/ bɨ̃sâ + wado ãyú - ti a'tó-de/
vocês +verdadeiro estar bem-pres.vist.int aqui-ref
e vocês, estão bem por aqui?

A palavra **waro** aparece também em numerosas expressões enfáticas, com ou sem o sufixo nominal **-ta** *especificador*:
neê waro /dẽê+wado/ *no começo*
pũûro waro /pũû-do+wado/ *muito mesmo* (**pũûro** *muito*)
maatá waro /bãá=ta+wado/ *muito cedo na vida* (**maatá** *imediatamente*)
pehe waró /pehé+wado/ *muito mesmo* (**pehé** *muito*)
keoró warota /keó-dó+wado-ta/ *com a mais pura verdade* (**keoró** *com exatidão*)

9.15. A palavra dependente *tiro*

Exemplos com a palavra dependente **tiro** /tido/ *perto de*:

(424) **diâyɨ wi'i tiró kãrimí**
/ diâyɨ wi'í+tido kãdí - bĩ /
cachorro casa+perto dormir-pres.vist
o cachorro dorme perto da casa

(425) **Péduru tiro peêru sĩ'rirã́ a'tîma**
/Pédudu+ tido peêdu sĩ'dí-dã a'tî- bã /
Pedro +perto caxiri beber-pl vir -pres.vist.3pl
(eles) vêm beber caxiri em casa de Pedro (lit. *perto de Pedro*)

9.16. O negativo nominal *mehe*

O negativo nominal **mehe** /bẽhe/ *não* é geralmente seguido pelo sufixo especificador **-ta**, que reforça a negação:

(426) **ã'rí doê meheta niîmi**
/ã'dí doê +bẽhe-ta dĩî- bĩ /
este traíra+não-esp ser-pres.vist
este não é traíra

(427) **do'âtigɨ' meheta weesarí?**
/do'a=ti- gɨ' +bẽhe-ta weé - sa -di/
doente -impl.ms+não-esp v.aux.-pres.sent-int
você não está doente?

Este negativo nominal é muito usado na construção analítica (427) e em várias expressões. Por exemplo:
sahâtiro meheta /sohâ-ti-dó+bẽhe-ta/ *com muita força* (lit. *não suavemente*) (**sahâtiro** *suavemente*)
kã'ro mehéta /kã'dó+bẽhe-ta/ *demais* (lit. *não pouco*) (**kã'ró** *pouco*)

9.17. O detrimental *meha*[13]

O detrimental tem várias formas:

meha /bẽha/ *inan.pl*	**meharo** /bẽha-do/ *inan.sg*	
mihi /bẽha-gɨ/ *an.-fsg*	**meho** /bẽha-go/ *an.+fsg*	**meharã** /bẽha-dã/ *an.pl*

Esta palavra dependente expressa que o elemento nominal associado é morto, doente, acidentado ou, para um ser inanimado, simplesmente deteriorado:
Péduru mihi /Pédudu+bẽha-gɨ/ *o finado Pedro, o coitado do Pedro*
Baría meho /Badía+bẽha-go/ *a finada Maria*
weko mihí /wekó+bẽha-gɨ/ *o coitado do papagaio* (**wekó** *papagaio*)
naâ meharã /dãâ+bẽha-dã/ *eles, os finados* (**naâ** /dãâ/ *eles, elas*)

Outro exemplo:

(428) **yɨ'ĩ pako makɨ yaa makáre, wi'sêri meha di'ta niiápɨ**
/yɨ'ĩ+pako+bãka-gɨ yaá + bãka -de wi'sê-di+bẽha+di'ta dĩî - a-pɨ /
eu + primo poss+povoado-ref casa -pl + det +somente estar-p.rec.vist
no povoado de meu primo, só há casas deterioradas

O detrimental é também de emprego muito produtivo como depreciativo:

[13] Cf. **mehá** *velho, usado.*

(429) **ĩ’yaápa, mɨ’ɨ̃ mihi!**
/ĩ’yâ -a-pa bɨ̃’ɨ̃+bẽha-gɨ̨/
olhar-imp tu + det
cuide disso, seu molenga! (lit. *cuide em olhar...*)

(430) **yɨ’ɨ̃ kõ’â’ko meho niîmo, mɨ’ɨ̃ nɨmo!**
/yɨ’ɨ̃+ kõ’â - ’ko +bẽha-go dĩĩ- bõ bɨ̃’ɨ̃+dɨ̃bo /
eu +largar-nom.+fsg.perf+ det ser-pres.vist tu +esposa
é aquela mulher que larguei, tua esposa! (irônico e depreciativo)

10

Deverbais (I)

Neste capítulo, estudaremos um sistema de sufixos deverbais (sufixos que permitem formar nomes a partir de verbos) que expressam que a situação à qual se refere o verbo sufixado por eles **implica** a situação à qual se refere o verbo da oração principal (cf. 4.5-13). Conforme os sujeitos das orações implicativa e principal serem ou não idênticos, estes **sufixos implicativos** têm formas diferentes. Por exemplo, compare:

(431) **a'toré da'rágɨ' duú'**
/a'tó-de da'dá - gɨ' duú - ' /
isto-ref trabalhar-impl.ms comprar-pres.vist
compro isto porque trabalho

(432) **akôro pehakã́ wa'âtiapɨ**
/akô-do pehâ- kã́ wa'â- ti - a-pɨ /
chuva cair-impl.cs ir -neg-p.rec.vist
não fui por causa da chuva (lit. *porque a chuva caiu*)

Em (431), os controladores de referencialidade (sujeitos) das orações implicativa ("trabalho") e principal ("compro") são idênticos: por eu trabalhar, eu compro. Portanto, emprega-se o **sufixo implicativo/mesmo sujeito -gɨ'**. Em (432), os controladores de referencialidade das orações implicativa ("a chuva caiu") e principal ("não fui") são diferentes: por a chuva ter caído, eu não fui. Portanto, emprega-se o **sufixo implicativo/câmbio de sujeito *-kã́***.
Estes sufixos implicativos formalmente sensíveis à conservação ou ao câmbio de sujeito entre as orações (*switch-reference*) entram em construções muito produtivas e variadas, frequentemente traduzíveis por um gerúndio:
(431) "trabalhando, compro isso"
(432) "chovendo, não fui"
No entanto, os sufixos implicativos não levam necessariamente um significado de simultaneidade como o gerúndio da língua portuguesa. A relação lógica é sempre de causa a efeito.
A oração implicativa pode preceder ou seguir a oração principal. O verbo da oração implicativa não faz distinção de tempo e modalidade.
Estudaremos as formas implicativas e as suas particularidades tonais em 10.1., enquanto passaremos em revista o funcionamento destes sufixos em 10.2. Outros empregos especialmente importantes dos sufixos implicativos (causativo, construção analítica, etc.) serão descritos em 10.3-5.

10.1. As formas

Conforme a identidade ou a não-identidade dos sujeitos de uma oração e da sua oração implicativa associada, temos os sufixos implicativos seguintes:

Mesmo Sujeito:	**-gɨ'** *-fsg/an* **-go'** *+fsg/an* **-rã'** /-dã'/ *pl/an* **-ro'** /-do'/ *inan*
Sujeito Diferente:	**-kɑ́**

As formas do quadro acima exigem vários esclarecimentos:

♦ As formas **implicativas/mesmo sujeito** são laringalizadas. São tonalmente regulares: nunca capturam o tom das raízes verbais ascendentes, bloqueando o deslocamento tonal (cf. 3.4.). Por exemplo:

da'rá /da'dá/ *trabalhar* → **da'rágɨ'** *trabalhando* (não-feminino singular)
→ **da'rágo'** *trabalhando* (feminino singular)
→ **da'rárã'** *trabalhando* (plural/animado)
→ **da'ráro'** *funcionando* (inanimado: motor, ...)

Esses sufixos são as formas laringalizadas dos sufixos de gênero/número estudados em 6.8., o que sugere a segmentação seguinte:

- ' -gɨ *-fsg/an*
- ' -go *+fsg/an*
- ' -rã /-'-dã/ *pl/an*
- ' -ro /-'-do/ *inan*

Esta segmentação justifica-se pela regra seguinte: quando um lexema começando por uma vogal laringalizada, precedida ou não por uma consoante sonora, torna-se dependente ou sufixo, esta vogal inicial laringalizada (junto com a consoante sonora que a precede) apaga-se sem que a sua laringalização desapareça. Esta laringalização propaga-se para a segunda vogal do morfema se não houver uma consoante surda (como no último dos exemplos a seguir) para bloquear o deslocamento:

ĩ'yâ *ver* → **yã'a** *experimentar (um fazer)*
a'mâ /ã'bâ/ *procurar* → **ma'a** /bã'a/ *procurar (fazendo algo)*
wa'â *ir* → **-a'** *centrífugo*
nu'ku /dũ'ku/ *(fazer) sempre* → **-'kũ** *durativo*
(nos dois primeiros exemplos, a segunda mora do lexema foi repetida como consequência da regra geral de reajustamento bimoraico).

O que sugere, para as formas implicativas/mesmo sujeito, as formas reconstruídas seguintes:

***-(C_{sonora})V'-gɨ** ***-(C_{sonora})V'-go**
***-(C_{sonora})V'-rã** ***-(C_{sonora})V'-ro**

com **-gɨ**, **-go**, **-rã**, **-ro** "sufixos de gênero e número", e o morfema ***-(C_{sonora})V'**, cuja forma exata é desconhecida, apesar de ser provavelmente um morfema enfático: talvez o sufixo causativo **-rẽ'** /-dẽ'/ (cf. 14.1.), o verbo dependente **ni'i** /dĩ'i/ *continuar a (fazer algo)* ou o verbo dependente **yɨ'rɨ** /yɨ'dɨ/ *(fazer algo) demais*).

♦ A forma única **implicativa/câmbio de sujeito** é **-kɑ́**. É tonalmente irregular: captura o tom de qualquer raiz verbal, ascendente ou alta, quando for adjacente a esta. Por exemplo:

uî *ter medo* → **uikã́** /uî-kã́/ *tendo medo*
da'rá /da'dá/ *trabalhar* → **da'rakã́** /da'dá-kã́/ *trabalhando*

Quando não for adjacente à raiz verbal, ou com qualquer radical verbal, o comportamento tonal de **-kã́** é regular. Com o sufixo verbal negativo **-ti**:
uîtikã /uî-ti-kã́/ *não tendo medo*
da'ratíkã /da'dá-ti-kã́/ *não trabalhando*

Isso sugere que o sufixo implicativo **-kã́** deve ser também segmentado em:
-□́-kã < ***-V$_1$-kã**

em que o morfema **-V$_1$** seria o deverbal básico da língua ye'pâ-masa (o sufixo **-a**, cf. 11.2.) e o morfema **-kã** teria um significado implicativo.

♦ Todos os sufixos implicativos são sufixos nominalizadores: transformam um verbo em nome. Isto parece comprovado pelo fato de que podem ser seguidos por alguns sufixos tipicamente nominais (**-ta** *especificador*, **-pɨ** *focalizador*, **-re** *referencial*) ou por certos nomes dependentes (**maa** *contraste*, etc.). Exemplos deste tipo de sufixação serão dados nos subcapítulos seguintes.

10.2. O funcionamento dos implicativos

Os sufixos implicativos expressam sempre uma relação lógica implicativa. O quadro seguinte, que foi tirado do trabalho de Wiesemann e Mattos (1980: 135), resume perfeitamente o funcionamento dos implicativos:

Relações Lógicas Implicativas	
1. **Expectativa**	
- **razão**, **causa**:	não A, visto que B; A, consequentemente B
- **propósito**:	A, a fim de que B (subordinadas finais)
2. **Condição**	se A, então B
3. **Contrafato**	se A, então B, mas na realidade nem A nem B
4. **Contra-expectativa**	
- **antitética**:	A, porém não B
- **concessiva**:	mesmo que A, B; mesmo que A, ainda não B

10.2.1. Os sufixos implicativos expressam normalmente a **causa** ou a **razão**. Daremos alguns exemplos deste emprego extremamente produtivo. Com o mesmo sujeito:

(433) **wa'î mɨ'ɨ̃ o'ôo'karãre yẽ'êgo', e'katiá wa'aamo**
/wa'î bɨ̃'ɨ̃ o'ô-o'- 'ka-dã -de yẽ'ê - go' e'ka=tí-a+ wa'a - a-bõ /
peixes tu mandar-nom.pl.perf-ref receber-impl.ms ficar alegre+ingressivo-p.rec.vist
recebendo os peixes que tu mandaste, (ela) ficou alegre

(434) **ke'árã' a'me kẽeáma**
/ ke'á - dã' ã'bé+kẽe- a-bã /
estar bêbado-impl.ms brigar -p.rec.vist.3pl
brigaram porque estavam bêbados

(435) **mutúru da'ráro' asî busu'**
/bũtúdu da'dá - do' asî+busu- ' /
motor funcionar-impl.ms esquentar-pres.vist.outras pessoas
funcionando, o motor esquenta

(436) **diâyɨ wa'îkɨ di'i ba'â yɨ'rɨgɨ' do'âtiami**
/ diâyɨ wa'î=kɨ+ di'i ba'â + yɨ'dɨ - gɨ' do'â=ti- a-bĩ /
cachorro caça +carne comer+demais-impl.ms adoecer-p.rec.vist
o cachorro comeu tanta carne de animal de caça que adoeceu (lit. *comendo demais carne, adoeceu*)

(437) **yẽ'e nohó weetígɨ' kari-butiá wa'asa'**
/ yẽ'é+dõho weé - ti - gɨ' kadí-buti-a + wa'a - sa-' /
alguma coisa fazer-neg-impl.ms estar cansado+ingressivo-pres.sent
estou cansado de não fazer nada (lit. *não fazendo alguma coisa,...*)

(438) **wi'magɨ́ pakó paâ'kɨ niîgɨ' utîmi**
/wĩ'bá-gɨ́ paká-go paâ - 'kɨ dĩî- gɨ' utî - bĩ /
menino mãe bater-nom.-fsg.perf ser-impl.ms chorar-pres.vist
o menino chora porque a mãe bateu (nele)

Note o uso do sufixo negativo com o implicativo **-gɨ'** no exemplo (437).
Exemplos com sujeitos diferentes:

(439) **yẽkâgɨ pũrikɨ́ akô sĩ'riámi**
/yẽkâ-gɨ pũdî- kɨ́ akô sĩ'dí - a-bĩ /
perna doer-impl.cs remédio tomar-p.rec.vist
(ele) tomou remédio para a perna (lit. *porque doía a perna*)

(440) **kari-boókã kãritiámi**
/kadí-boo - kɨ́ kãdí - ti - a-bĩ /
incomodar-impl.cs dormir-neg-p.rec.vist
(ele) não dormiu por causa do incômodo (lit. *(X) incomodando(-o), ele ...*)

(441) **ɨ̃sâ ehakɨ́ masá amûkãri paaáma**
/ɨ̃sâ ehâ - kɨ́ bãsá ãbû=kã-di paâ - a-bã /
nós chegar-impl.cs pessoas mão -pl bater-p.rec.vist.3pl
quando nós chegamos, as pessoas bateram palmas

(442) **ã'rí niîmi kɨ̃ɨ̃ marikɨ́ yɨ'î wẽrî boo'kɨ**
/ã'dí dĩî- bĩ kɨ̃ɨ̃ bãdí - kɨ́ yɨ'ɨ̃ wẽdî + boo - 'kɨ /
este ser-pres.vist ele não estar-impl.cs eu morrer+potencial-nom.-fsg.perf
este é o homem sem o qual teria morrido (lit. *é este, ele não estando, eu estaria morto*)

O uso de sufixos implicativos em cadeia é muito comum:

(443) **koô toho niikɨ́ tɨ'ógɨ',...**
/koô tohô dĩî - kɨ́ tɨ'ó - gɨ' /
ela assim dizer-impl.cs ouvir-impl.ms
ouvindo ela dizer assim, (ele)...

(444) **marî makɨ werekɑ́ tɨ'otíkã ĩ'yâgɨ' paâ no'o'**
/bãdî+bãka-gɨ wedê - kɑ́ tɨ'ó - ti - kɑ́ ĩ'yâ- gɨ' paâ + dõ'o - ' /
nós + filho aconselhar-impl.cs escutar-neg-impl.cs ver -impl.ms bater+passivo-pres.vist
a gente bate em nosso filho quando vemos que não escuta os nossos conselhos (lit. *batemos em nosso filho (nós) vendo (ele) não escutando (nós) aconselhando*)

10.2.2. Os sufixos implicativos expressam o **propósito** numa construção copulativa com um verbo nominalizado na forma futura (cf. capítulo11) ou com um verbo seguido pelos sufixos imperativos **-a-to** ou **-ri** (cf. 5.6.). Este tipo de construção é um dos equivalentes das **subordinadas finais** da língua portuguesa (cf. também a construção analítica com os verbos de movimento orientado em 6.8.). O sufixo implicativo acompanha a cópula verbal **niî** /dĩî/ *ser*. Com um verbo nominalizado no futuro, obtemos então uma construção esquematizada pela fórmula seguinte:

VERBO-nom.fut	**NIÎ-impl.**

Exemplos:

(445) **dɨkɨ̂re yaaákoho niîgo' kopêre se'ê'ko niîwõ**
/ dɨkɨ̂-de yaá - a-koho dĩî- go' kopê-de se'ê- 'ko dĩî- wõ /
maniva-ref enterrar-nom.+fsg.fut ser-impl.ms buraco-ref cavar-nom.+fsg.perf ser-p.cad.vist
(ela) tinha cavado um buraco para enterrar a maniva (lit. *ela sendo quem enterrará a maniva*)

(446) **yɨ'î pekâwɨ yẽ'eápɨ kɨ̃ɨ̂ yesê wẽheákɨhɨ niikɑ́**
/yɨ'î pekâ-wɨ yẽ'ê - a-pɨ kɨ̃ɨ̂ yesê wẽhé- a-kɨhɨ dĩî- kɑ́ /
eu espingarda pegar-p.rec.vist ele porco matar-nom.-fsg.fut ser-impl.cs
eu peguei a espingarda para que ele mate o porco (lit. *ele sendo quem matará...*)

(447) **u'arɑ́ wa'aárãha niîgɨ' mɨ'îre ko'teápɨ**
/ u'á -dɑ́ wa'â- a-dãha dĩî- gɨ' bɨ̃'ɨ̂-de ko'tê - a-pɨ /
tomar banho-pl ir -nom.pl.fut ser-impl.ms tu-ref esperar-p.rec.vist
(eu) te esperei para (nós) irmos tomar banho (lit. *eu/nós sendo que iremos tomar banho...*)

Note a construção do exemplo (447): como em muitas línguas que usam mecanismos de **switch-reference** (Austin 1981: 316), o ye'pâ-masa utiliza um sufixo implicativo/mesmo sujeito quando a pessoa a quem se refere o sujeito da oração principal está incluída nas pessoas a que o sujeito da oração implicativa se refere. Este sufixo implicativo/mesmo sujeito está no singular apesar do sujeito da oração implicativa ser um plural ("nós"). (cf. também exemplos 152, 153, 154, 158)

10.2.3. Os sufixos implicativos servem também para expressar todo tipo de **condição** (simples hipótese ou irreal), com ou sem o verbo dependente potencial **boo** (cf. 7.4.). Alguns exemplos (cf. também exemplos 277, 278, 279, 280, 281):

(448) **a'tî sĩ'rigɨ', a'tîgɨsami**
/a'tî+ sĩ'di - gɨ' a'tî-gɨ-sa-bĩ/
vir+querer-impl.ms vir- fut
(ele) virá se quiser (lit. *querendo vir, virá*)

(449) **semê wẽriâ wa'agɨsami ba'âtigɨ'**
/sẽbê wẽdî-a+ wa'a -gɨ-sa-bĩ ba'â - ti - gɨ' /
paca morrer+ingressivo- fut comer-neg-impl.ms
a paca vai morrer se não comer

(450) **Manáore wa'âgɨ', yɨ'ɨ̂ akabihi makɨ tiro kãrigɨ́ti'**
/Manáo-de wa'â- gɨ' yɨ'ɨ̂+aka-bihi+bãka-gɨ+tido kãdí -gɨ-ti-'/
Manaus-ref ir -impl.ms meu+ sobrinho +perto dormir- fut
caso for a Manaus, dormirei na casa de meu sobrinho

(451) **a'tîro weekɑ́ maa, da'rasehé ãyuró wa'á we'e'**
/a'tî-do weé- kɑ́ bãa da'dá - sehé ãyú-dó wa'â+we'e- ' /
assim fazer-impl.cs contraste trabalhar-nom.inan.pl bem ir + não -pres.vist
se fizer assim, o trabalho não vai bem

Nota-se que, quando expressa uma condição, o sufixo implicativo **-kɑ́** é frequentemente seguido pelo morfema de contraste **maa**, como no último exemplo. No entanto, os sufixos implicativos/mesmo sujeito são incompatíveis com o contraste **maa**.

10.2.4. Com o sufixo verbal **-mi** /-bĩ/ *frustrativo*, os implicativos levam um significado de **contra-expectativa** (orações antitéticas ou concessivas, cf. discussão em 6.3.). Alguns exemplos (cf. também exemplos 182, 183, 184, 185):

(452) **maatá etâ'kɨ niîmigɨ', yukɨ̂sɨre kõ'â wa'aasɨ**
/bãá-ta etâ - 'kɨ dĩî- bĩ - gɨ' yukɨ̂=sɨ-de kõ'â + wa'a - a-sɨ /
cedo chegar-nom.-fsg.perf ser-frust-impl.ms barco -ref perder+ingressivo-p.rec.sent
acabei perdendo o barco apesar de ter chegado cedo (lit. *sendo que cheguei cedo, não deu resultado: acabei perdendo o barco*)

(453) **ɨ̃ɨ̃!, niîmigɨ'ta, yɨ'ɨ̂ wa'âtiapɨ**
/ ɨ̃ɨ̃ dĩî - bĩ - gɨ' - ta yɨ'ɨ̂ wa'â- ti - a-pɨ /
sim dizer-frust-impl.ms-esp eu ir -neg-p.rec.vist
apesar de ter dito mesmo: "sim!", eu não fui

Compare os sentidos causal (454), condicional (455) e concessivo (456) do sufixo implicativo **-kɑ́** em:

(454) **akôro pehakɑ́ta wa'âtiapɨ**
/akô-do pehâ- kɑ́ - ta wa'â- ti - a-pɨ /
chuva cair -impl.cs-esp ir -neg-p.rec.vist
por causa da chuva, não fui (lit. *caindo mesmo chuva,...*)

(455) **akôro pehakɑ́ maa wa'á we'e'**
/akô-do pehâ- kɑ́ + bãa wa'â+we'e- ' /
chuva cair-impl.cs+contraste ir + não -pres.vist
se chover, não irei (lit. *chovendo, em contraste com as outras situações,...)*

(456) **akôro pehâmikã, wa'aápɨ**
/akô-do pehâ- bĩ - kɑ́ wa'â- a-pɨ /
chuva cair-frust-impl.cs ir -p.rec.vist
apesar da chuva, fui (lit. *chovendo, não deu resultado: fui*)

10.2.5. Às vezes, o sufixo **-kɑ́** perde todo significado implicativo, expressando apenas uma relação temporal de simultaneidade. Por exemplo, na expressão (**de'ró?** /de'dó/ *de que maneira?, que tempo?*, **niî** /dĩî/ *ser*):
de'ró niikɑ́...? *quando...?* (lit. *sendo que tempo...?*)

usada, por exemplo, em:

(457) **- de'ró niikɑ́ wa'âgɨsari? - soorí nɨmɨ niikɑ́ wa'âgɨti'**
/de'dó niî-kɑ́ wa'â-gɨ-sa-di soó - dí +dĩbɨ dĩî- kɑ́ wa'â-gɨ-ti-'/
quando ir - fut-int descansar-nom.inan.sg + dia ser-impl.cs ir - fut
- quando (você) irá? - irei domingo (lit. *sendo dia de descanso, irei*)

Mesmo sentido de simultaneidade temporal com o especificador **-ta** (cf. exemplos 318, 319 em 8.11.). Com o focalizador **-pɨ** (cf. 8.10.), os implicativos levam o sentido de alcance temporal (cf. também exemplos 308, 309):

(458) **akôro wareakɑ́pɨ wa'âgɨti'**
/akô-do wadê-a- kɑ́ -pɨ wa'â-gɨ-ti-'/
chuva parar -impl.cs-foc ir - fut
irei somente quando a chuva parar

Com **maa** /bãa/ *contraste*, cf. 9.9. e exemplos (382, 383). Com os verbos dependentes **yuu** *causa* e **tĩha** *maneira*, cf. 7.6. Os sufixos implicativos/mesmo sujeito entram também na formação do "futuro imediato" (cf. 6.9.).

♦ Não há concordância de tempo entre o enunciado implicativo e o enunciado implicado. Caso a implicativa for anterior ou posterior à implicação (exemplos 438, 445, 446, 447, 452), usa-se verbos nominalizados, respectivamente, nas formas perfectivas ou futuras (cf. capítulo 11).

10.3. O uso de *-kɑ́* como causativo

O implicativo/câmbio de sujeito **-kɑ́** entra na formação de uma construção causativa muito usada. O verbo da oração principal é **weé** *fazer*. A fórmula seguinte esquematiza este tipo de construção:

VERBO-kɑ́ WEÉ-mod.temp.pess.gên.núm

Como exemplos desta construção:

(459) **yɨ'ɨ̂ wi'magóre ba'akɑ́ weé'**
/yɨ'ɨ̂ wĩ'bá-gó- de ba'â - kɑ́ weé - ' /
eu menina -ref comer-impl.cs fazer-pres.vist
eu faço a menina comer / eu faço comer a menina

(460) **koôre e'katíkã weeámi**
/koô-de e'ká=ti- kɑ́ weé - a-bĩ /
ela-ref ser feliz-impl.cs fazer-p.rec.vist
(ele) a alegrou (ele a fez feliz: pela notícia que trouxe, etc.)

(461) **naâre a'tikɑ́ weeyá!**
/dãâ-de a'tî- kɑ́ weé -ya/
eles-ref vir-impl.ms fazer-imp
faça-os vir!

O agente secundário (aquele que efetua a ação) leva geralmente o sufixo referencial **-re** /-de/. Isso pode criar ambiguidade com um verbo transitivo, o paciente deste verbo transitivo em **-kɑ́** levando frequentemente o mesmo sufixo **-re**. Como exemplo de ambiguidade, (459) pode significar "eu ajo de maneira tal que a menina coma" ou "eu ajo de maneira tal que alguém coma a menina".
Este tipo de construção analítica com o implicativo **-kɑ́** e o verbo **weé** *fazer* traduz geralmente um **causativo involuntário**, opondo-se assim aos sufixos causativos **=rẽ'** /=dẽ'/ e **=o**, que indicam sempre uma causação direta, intencional, manipulativa ou voluntária, a causação implicando sempre o envolvimento físico do causador (cf. 14.1.).
Compare, por exemplo, com os verbos **ĩ'yâ** *ver* e **wã'ká** *v.intr. acordar*:
ĩ'yó /ĩ'yâ-o/ *mostrar (com o dedo)*
ĩ'yakɑ́ weé /ĩ'yâ-kɑ́ weé/ *fazer ver (chamando a atenção dos outros com um grito,...)*
wã'kó /wã'ká-o/ v.tr. *acordar (chamando, sacudindo a rede,...)*
wã'kakɑ́ weé /wã'ká-kɑ́ weé/ v.tr. *acordar involuntariamente*

Temos assim, para os três sufixos causativos **-kɑ́** (construção analítica), **=o** e **=rẽ'** /=dẽ'/ (causativos manipulativos), a escala de causação aproximada seguinte (da esquerda para a direita, a causação direta diminui):

=rẽ'	**>**	**=o**	**>**	**-kɑ́**

Além disso, esta escala de causação é inversamente proporcional à escala de produtividade: **=rẽ'** é menos produtivo que **=o**, enquanto **-kɑ́** é o mais produtivo de todos e permite a formação de causativos com quase todos os verbos do léxico ye'pâ-masa.
Outra construção causativa muito produtiva com o verbo dependente **duti** *mandar (fazer algo)* foi mencionada em 7.2. (cf. exemplo 250).

10.4. Outro emprego de *-kɑ́*

O sufixo implicativo/câmbio de sujeito **-kɑ́** tem um uso também extremamente produtivo quando o verbo da oração principal é um **verbo de percepção** ("ver", "ouvir", etc.). Alguns exemplos (cf. também exemplo 443):

(462) **mɨ'ɨ̂ bu'ekɑ́ ĩ'yâmi**
/bɨ̃'ɨ̂ bu'ê - kɑ́ ĩ'yâ- bĩ /
tu estudar-impl.cs ver-pres.vist
(ele) vê você estudar (lit. *você estudando, ele vê*)

(463) **naâ bu'ekɑ́ tɨ'omí**
/dãâ bu'ê - kɑ́ tɨ'ó - bĩ /
eles estudar-impl.cs ouvir-pres.vist
(ele) os ouve estudar (lit. *eles estudando, ele ouve*)

(464) **yɨ'ɨ̃ koô do'âtikã tɨ'ó yã'asa'**
/yɨ'ɨ̃ koô do'â=ti - kɑ́ tɨ'ó+yã'a- sa-' /
eu ela estar doente-impl.cs sentir -pres.sent
eu sinto por ela estar doente

(465) **koô ba'akɑ́ ĩ'yâgɨ', uâ wa'ami**
/koô ba'â - kɑ̃ ĩ'yâ- gɨ' uâ + wa'a - bĩ /
ela comer-impl.cs ver-impl.ms estar zangado+ingressivo-pres.vist
vendo ela comer, (ele) ficou zangado

No último exemplo, note o emprego concomitante do implicativo/mesmo sujeito **-gɨ'**.

10.5. A construção analítica com o verbo auxiliar *weé*

10.5.1. Os sufixos implicativos/mesmo sujeito entram numa construção analítica extremamente produtiva com o verbo auxiliar **weé**. Além dos exemplos (50) e (51), compare:

(466) **apêmi**
/ apê - bĩ /
brincar-pres.vist.3-fsg
(ele) brinca

com:

(467) **apêgɨ' weemí**
/ apê - gɨ' weé - bĩ /
brincar-impl.ms v.aux.-pres.vist.3-fsg
(ele) está brincando (lit. *brincando, ele age*)

A construção analítica em **weé** insiste no **desenvolvimento interno da situação verbal**, o que exclui a estatividade: enquanto a construção sintética (466) mostra a situação como um ponto temporal (pontual), a construção analítica (467) expressa a progressão da situação, a ação em curso, como a **forma progressiva** da língua portuguesa.
A construção analítica pode ser empregada com qualquer pessoa, tempo ou modalidade. É sempre o verbo auxiliar **weé** que leva as marcas do tempo e da modalidade, o que podemos resumir pela fórmula seguinte (2 unidades tonais):

VERBO-impl.ms WEÉ-mod.temp.pess.gên.núm.

Por exemplo, com **yɨ'ɨ̃** *eu*, **ɨ̃sâ** *nós*, **da'rá** /da'dá/ *trabalhar/funcionar*:
apêgo' weemó /apê-go' weé-bõ/ *(ela) está brincando*
apêrã' weemá /apê-dã' weé-bã/ *(eles, elas) estão brincando*
yɨ'ɨ̃ apêgɨ' weé' /yɨ'ɨ̃ apê-gɨ' weé-'/ *eu estou brincando (homem falando)*
yɨ'ɨ̃ apêgo' weé' /yɨ'ɨ̃ apê-go' weé-'/ *eu estou brincando (mulher falando)*
ɨ̃sâ apêrã' weé' /ɨ̃sâ apê-dã' weé-'/ *nós estamos brincando*
mutúru da'ráro' weé' /bũtúdu da'dá-do' weé-'/ *o motor está funcionando*
apêgɨ' weeámi /apê-gɨ' weé-a-bĩ/ *(ele) está/esteve/estava brincando*
apêgɨ' weewɨ́ /apê-gɨ' weé-wĩ/ *(ele) estava/esteve brincando (passado remoto)*

No negativo, prefere-se a construção sintético:
apêtimi /apê-ti-bĩ/ *(ele) não brinca* (**-ti** *negativo*)

embora a construção analítica seja totalmente correta:
apêtigɨ' weemí /apê-ti-gɨ' weé-bĩ/ *(ele) está sem brincar*

A construção analítica pode, por sua vez, atingir um verbo de movimento orientado, precedido pelo verbo que expressa a situação a ser realizada no fim do movimento (construção analítica de movimento com finalidade, cf. 6.8.), o que podemos resumir pela fórmula seguinte (três unidades tonais):

VERBO-gên.núm	**VERBO/MOVIMENTO-impl.ms**	**WEÉ-mod.temp.pess.gên.núm**

Por exemplo:

(468) **apêgɨ a'tîgɨ' weemí**
/ apê - gɨ a'tî- gɨ' weé - bĩ /
brincar- -fsg vir-impl-ms v.aux.-pres.vist
(ele) está vindo (para) brincar

Com os **verbos de estado**, a construção analítica tem um funcionamento um pouco diferente: insiste no desenvolvimento do processo para chegar ao estado ao qual se refere o verbo de estado. A nosso ver, este funcionamento provém do fato de que a construção analítica tem uma significação progressiva que exclui toda estatividade. Exemplos com **butî** *estar maduro* e **así** *estar quente*:
ohô butî' /ohô butî-'/ *a banana está madura* (**ohô** *vegetal banana*)
ohô butîro' weé' /ohô butî-do' weé-'/ *a banana está amadurecendo*
akó asíro' weé' /akó así-do' weé-'/ *a água está esquentando* (**akó** *água*)

10.5.2. Em 5.2., descrevemos outra construção analítica utilizando os sufixos implicativos/mesmo sujeito. Com esta construção, o verbo auxiliar é **akôro** /akô-do/ ou **akâro** /akâ-do/ *perceber-se*. Por exemplo (cf. também os exemplos 92, 93, 94, 95):

(469) **dasê uúgɨ' akôromi**
/dasê uú - gɨ' akô-do - bĩ /
tucano cantar-impl.ms perceber-se-pres.vist
ouve-se o tucano cantar

(470) **wɨ̃pɨhɨ́ wa'âro' weéro' akôroapɨ**
/wɨ̃-pɨhɨ́ wa'â- do' weé - do' akô-do - a-pɨ /
avião ir -impl.ms v.aux.-impl.ms perceber-se-p.rec.vist
ouvia-se o avião estando indo

No último exemplo, a construção analítica em **akôro** atinge outra construção analítica em **weé**.

♦ Para concluir o capítulo, apresentaremos duas expressões que utilizam os sufixos implicativos/mesmo sujeito (**tohô** *assim*, **de'ró?** /de'dó/ *como?*):
toho weégɨ' /tohô weé-gɨ'/ *por isso* (lit. *sendo assim*) (-fsg/an)
toho weégo' /tohô weé-go'/ *por isso* (+fsg/an)
toho weérã' /tohô weé-dã'/ *por isso* (pl/an)
toho weéro' /tohô weé-do'/ *por isso* (inan)
de'ró weégɨ'...? /de'dó weé-gɨ'/ *por que...?* (lit. *sendo como...?*) (-fsg/an)
de'ró weégo'...?, etc. *por que...?* (+fsg/an, etc.)

Alguns exemplos:

(471) **ũyû mariápɨ; toho weégɨ' ba'âtiasɨ**
/ũyû bãdí - a-pɨ tohô weé-gɨ' ba'â - ti - a-sɨ /
abacate não estar-p.rec.vist por isso comer-neg-p.rec.sent
não havia abacate; por isso, não comi

(472) **- de'ró weégo' du'tiápari? - uiró me'ra niîgo'**
/de'dó weé-go' du'tí- a-pa -di uî - dó +bẽ'da dĩî- go' /
por que fugir-p.rec.ded-int ter medo-nom.lugar+ com ser-impl.ms
- por que (ela) fugiu? - porque estava com medo (lit. *sendo com medo*)

11

Deverbais (II)

O quadro seguinte apresenta um sistema de sufixos extremamente usados. São **sufixos nominalizadores** que transformam um verbo em nome (deverbais):

	Simultâneo (presente, habitual)	Anterior (perfectivo)	Posterior (futuro relativo)
Animado/-fsg	**-gɨ́**	**-'kɨ**	**-akɨhɨ**
Animado/+fsg	**-gó**	**-'ko**	**-akoho**
Animado/pl	**-rã̃** /-dã̃/	**-'karã̃** /-ka-dã̃/	**-arãha** /-a-dãha/
Inanimado (forma básica)	**-rí+** /-dí+/	**-'ka+**	**-atihi+**
Inan.pl & n-cont.	**-sehé** / **-sé**	**-'ke**	**-atehe**
Inan.lugar (locativo)	**-ró** /-dó/	**-'karo** /-'ka-do/	**-atoho**
Inan. forma roliça	**-kahá** (sg) **-sehépaga** (pl)	**-'kaga** (sg) **-'kepaga** (pl)	**-akaha** (sg) **-atehepaga** (pl)
Inan. forma de panela	**-tɨhɨ́** **-sehéparɨ** /-sehé-pa-dɨ/	**-'karɨ** /-'ka-dɨ/ **-'keparɨ** /-'ke-pa-dɨ/	**-atɨhɨ** **-atehéparɨ** /-a-tehe-pa-dɨ/
Inan. forma retilínea	**-kɨhɨ́** **-sehépagɨ**	**-'kagɨ** **-'kepagɨ**	**-akɨhɨ** **-atehepagɨ**
Inan. forma tubular e oca	**-pɨhɨ́** **-sehépawɨ**	**-'kawɨ** **-'kepawɨ**	**-apɨhɨ** **-atehepawɨ**
Inan. forma de abóbada	**-pahá** **-sehépawa**	**-'kawa** **-'kepawa**	**-apaha** **-atehepawa**
Inan. forma de lago	**-tahá** **-sehépara** /-sehé-pa-da/	**-'kara** /-'ka-da/ **-'kepara** /-'ke-pa-da/	**-ataha** **-atehepara** /-a-tehe-pa-da/

Conforme o sufixo escolhido na mesma coluna, o deverbal formado será **animado** (-fsg, +fsg, pl) ou **inanimado** (singular, plural, de lugar, em forma roliça, tubular, etc.). Exemplos com **bu'ê** *estudar* e **wi'í** *casa*:
bu'egɨ́ *ser animado masculino singular do estudo (o que estuda, estudante)*
bu'egó *ser animado feminino singular do estudo (a que estuda, estudante)*
bu'erã̃ *seres animados do estudo (os que estudam, estudantes)*
bu'erí wi'i *casa de estudo*
bu'esehé *coisas do estudo (papéis, livros, etc.), estudo (ação)*
bu'eró *lugar de estudo*
bu'ekɨhɨ́ *ser retilíneo de estudo (caneta,lápis, etc.)*

Conforme o sufixo escolhido na mesma linha, o deverbal formado será **simultâneo** (presente relativo), **anterior** (perfectivo, passado relativo) ou **posterior** (futuro relativo) à situação expressa pelo verbo da oração principal. A primeira coluna (formas "simultâneas") serve também para formar deverbais habituais ou atemporais:
bu'egó *a que estuda (é minha irmã); estudante (feminino)*

bu'ê'<u>ko</u> *a que estudou (é minha irmã)*
bu'e<u>ákoho</u> *a que estudará (é minha irmã)*

Frequentemente, estes deverbais formam o **predicado** do **equivalente das subordinadas** completivas, relativas ou adverbiais (de lugar ou de tempo) **da língua portuguesa**. Este funcionamento dos deverbais como núcleo de subordinadas gera construções complexas e extremamente comuns (neste emprego, cf. os exemplos 45, 46 e 47 do subcapítulo 4.5.).
Neste capítulo, começaremos por descrever o funcionamento geral dos deverbais (11.1.). A tentativa de segmentação dos sufixos nominalizadores apresentada em 11.2. justifica-se, em certa parte, pela "construção comprovativa" que analisamos em 11.3. O resto do capítulo (11.4-8) expõe pormenorizadamente o funcionamento das nominalizações animadas e inanimadas (em **-rí+**, em **-ró**, em **-sehé** ou com os sufixos de forma).

11.1. O funcionamento dos deverbais

11.1.1. Os deverbais obtidos com os nominalizadores da página precedente funcionam exatamente como os outros nomes:

(473) **ba'asehé niî'**
/ba'â - <u>sehé</u> dĩî- ' /
comer-nom.inan.pl ser-pres.vist.outras pessoas
é comida (lit. *são coisas do comer, da alimentação*)

(474) **ãyusehé di'tare besé'**
/ ãyú - <u>sehé</u> + di'ta -de besé - ' /
estar bonito-nom.inan.pl+somente-ref escolher-pres.vist.outras pessoas
escolho somente coisas bonitas (lit. *coisas de estar bonito, de beleza*)

A natureza nominal dos deverbais é comprovada pelos sufixos tipicamente nominais que podem segui-los. Com **da'rá** /da'dá/ *trabalhar*:
da'rag<u>ó</u> *trabalhadeira*
da'rag<u>ó</u>re *para a trabalhadeira* (sufixo nominal: **-re** /-de/ *referencial*)
da'rag<u>ó</u>ta *trabalhadeira mesmo* (suf. nominal: **-ta** *especificador*)
da'rag<u>o</u>ákã *trabalhadeira pequena* (suf. nominal: **-akã** *diminutivo*), etc.

As construções **v.indep.+v.dep.** são também frequentemente nominalizadas no esquema seguinte:

v.indep. + v.dep.-nom.

Exemplo com os verbos **da'rá** /da'dá/ *trabalhar* e **masî** /bãsî/ *saber*:
da'rag<u>í</u> *o que trabalha, trabalhador*
masig<u>í</u> *o que sabe, sabedor*
da'ra masíg<u>ɨ</u> /da'dá+bãsi-gɨ/ *o que sabe trabalhar*

11.1.2. O deverbal pode desempenhar qualquer função sintática ou semântica (sujeito, objeto, instrumental,...). Em outras palavras, as formas do quadro geral não são sensíveis às funções de sujeito ou de objeto, de agente ou de paciente, etc. Por exemplo, com o verbo **da'rê** /da'dê/ *fabricar*, obtemos o deverbal **da'rê'kawɨ** /da'dê-'<u>kawɨ</u>/ *tubo*

oco de fabricação anterior, tubo oco que foi fabricado (canoa feita, etc.), que pode funcionar como sujeito:

(475) **Péduru da'rê'kawɨ petâpɨ niî'**
/Pédudu da'dê - 'kawɨ petâ -pɨ dĩî - ' /
Pedro fabricar-nom.ftub.perf porto-foc estar-pres.vist
a canoa que Pedrou fabricou está no porto (lit. *o tubo oco de ex-fabricação de Pedro...*)

como objeto:

(476) **Péduru da'rê'kawɨre ĩ'yaápɨ**
/Pédudu da'dê - 'kawɨ -de ĩ'yâ- a-pɨ /
Pedro fabricar-nom.ftub.perf-ref ver-p.rec.vist
vi a canoa que Pedro fabricou/tinha fabricado

ou como instrumental (transporte):

(477) **Péduru da'rê'kawɨ me'ra wa'aápɨ**
/Pédudu da'dê - 'kawɨ +bẽ'da wa'â- a-pɨ /
Pedro fabricar-nom.ftub.perf+ com ir -p.rec.vist
fui na canoa que Pedro fabricou

11.1.3. As diversas linhas do quadro geral indicam o gênero, o número e a forma do deverbal:
1) Exemplos com o nominalizador animado **-gí** *-fsg/an (forma simultânea)* e com verbos intransitivos (de ação, de processo, de posição ou de estado):

bu'ê *estudar*	**bu'egí** *o ser animado masculino singular do estudar/estudo (o que estuda, o estudante)*
kãrí /kãdí/ *dormir*	**kãrigí** *o ser an.não-fem.sing. do dormir (o que dorme)*
omá /õbá/ *correr*	**omagí** *o ser an.não-fem.sing. do correr/ da corrida (o que corre, o corredor)*
ãyú *estar bonito*	**ãyugí** *o ser an.não-fem.sing. do estar bonito/ da beleza (o que está bonito, o bonito)*

Com verbos transitivos:

ba'â *comer*	**ba'agí** *o ser an.não-fem.sing do comer/da alimentação (o ser que come; o ser que é comido, o alimento animado)*
ĩ'yâ *ver*	**ĩ'yagí** *o ser an.não-fem.sing. do ver/da visão (o que vê; o que é visto)*
sĩ'rí /sĩ'dí/ *beber*	**sĩ'rigí** *o ser não-fem.sing. do beber (o que bebe, o bebedor)*

Como se vê pelos exemplos acima, o deverbal animado, com os verbos transitivos, pode referir-se **ao agente ou ao paciente** da situação associada toda vez que **o semantismo do verbo transitivo permite um paciente animado** (já que o deverbal é insensível ao papel semântico). Isso se verifica com os verbos transitivos "comer", "ver", "matar", etc., o objeto da ação de comer, de ver ou de matar podendo ser animado ("comi peixes", "vi Maria", "matei um jacaré"), mas não se verifica com o verbo transitivo "beber", o objeto da ação de beber não podendo ser animado (*"bebi um peixe"). Na prática, as ambiguidades criadas pelo fato de que os deverbais animados podem se referir ao agente ou ao paciente (como em português: "a pintura de Van Gogh": feita por ele ou o retrato dele feito por outro?) são poucas, o contexto ou a construção não deixando dúvidas sobre a identidade do deverbal.

Exemplos de deverbais animados referindo-se ao paciente do verbo transitivo associado:

(478) **yɨ'ɨ̃ wa'î wẽhé'kɨ̃re ba'âya!**
/yɨ'ɨ̃ wa'î wẽhé- 'kɨ̃ -de ba'â -ya/
eu peixe matar-nom.-fsg.perf-ref comer-imp
coma o peixe que eu matei! (lit. *o peixe, ser animado do ex-matar de eu*)
e não: **coma-me, eu que o peixe matou!*

(479) **marî ba'agɨ̃ niîmi**
/bãdî ba'â - gɨ̃ dĩî- bĩ /
nós comer-nom.-fsg ser-pres.vist.3-fsg
é o alimento que nós comemos (peixe,...)

Exemplo de deverbal animado referindo-se ao agente do verbo transitivo associado:

(480) **marî ba'arã́ niî'**
/bãdî ba'â - dã́ dĩî- ' /
nós comer-nom.pl ser-pres.vist. outras pessoas
nós somos os seres que se alimentam

Exemplo de ambiguidade:

(481) **naâ ba'arã́ niîma**
/dãâ ba'â - dã́ dĩî- bã /
eles comer-nom.pl ser-pres.vist.3pl
são os alimentos que eles comem (peixes,...) ou: *são eles quem comem*

2) Exemplos com o nominalizador inanimado básico **-rí** + /-dí+/ *inan.sg.*, o nome inanimado contável **wi'í** *casa* e o nome dependente **tõ'o** *cacho de*:

bu'ê *estudar*	**bu'erí wi'i**	*casa de estudo (escola,...)*
kãrí /kãdí/ *dormir*	**kãrirí wi'i**	*casa de dormir*
ãyú *estar bonito*	**ãyurí wi'i**	*casa bonita* (lit. *casa de estar bonito/de beleza*)
	ãyurí tõ'o	*cacho bonito* (lit. *cacho de beleza)*
ba'â *comer*	**ba'arí wi'i**	*casa de comer/de alimentação (restaurante,...*)

Contrariamente a todos os outros nominalizadores, os sufixos nominalizadores inanimados básicos **-rí+**, **-'ka+** e **-atihi+** são **sempre e obrigatoriamente seguidos por um nome inanimado contável ou por um nome dependente singular**, que forma com o deverbal uma unidade tonal indicada pela cruz. Em outras palavras, a construção:

VERBO-rí + NOME

é do tipo **n.indep.+n.dep.**, o deverbal tomando o lugar do nome independente, e o nome inanimado singular, o lugar do nome dependente (fonologicamente átono). A relação "casa de estudo", "casa de beleza" é absolutamente igual à relação **Complemento+Completado** evidenciada em 9.2. com os nomes dependentes.

3) Exemplos com o inanimado plural ou não-contável (abstrato) **-sehé** *inan.pl.*:

bu'ê *estudar*	**bu'esehé**	*coisas do estudo (livros, papéis; estudo)*
ãyú *estar bonito*	**ãyusehé**	*coisas de beleza (coisas bonitas; beleza)*
ba'â *comer*	**ba'asehé**	*coisas da alimentação (coisas comidas, comida; alimentação)*

utî *chorar* **utisehé** *coisas do choro (choros)*
apê *brincar* **apesehé** *coisas do brincar (brinquedos, brincadeira)*

4) Exemplos com o locativo **-ró** /-dó/ *lugar*:
bu'ê *estudar* **bu'eró** *lugar de estudo*
kãrí /kãdí/ *dormir* **kãriró** *lugar de dormir*

5) Exemplos com sufixos de forma:
apê *brincar* **apekahá** *ser roliço do brincar (bola,...)*
ohâ *escrever* **ohakɨhí** *ser retilíneo do escrever (caneta, lápis,...)*

11.1.4. As diversas colunas do quadro geral mostram formas que expressam situações:
- **simultâneas** (presente relativo), que funcionam também como **habituais ou atemporais**;
- **anteriores**/**perfectivas** (passado relativo, particípio passado);
- ou **posteriores** (futuro relativo) à **situação expressa pela oração principal**.
Exemplos de deverbais que funcionam como simultâneos (482, 483), anteriores/ perfectivos (484, 485) ou posteriores (486):

(482) **do'âtigo kũyamó**
/ do'â=ti - gó kũyá - bõ /
estar doente-nom.+fsg estar deitado-pres.vist.3+fsg
a (mulher, vaca,...) que está doente está deitada (lit. *o ser an.fem.sing. da doença está deitada*)

(483) **bu'egóre paaápɨ**
/ bu'ê - gó -de paâ - a-pɨ /
estudar-nom.+fsg-ref bater-p.rec.vist
bati na mulher/menina que estava estudando

(484) **utî'kɨre masî'**
/ utî - 'kɨ -de bãsî - ' /
chorar-nom.-fsg.perf-ref conhecer-pres.vist
conheço o (homem, rapaz) que chorou/chorava

(485) **kií oé'kere bipêgo' weeámo**
/ kií oé - 'ke -de bipê - go' weé - a-bõ /
mandioca ralar-nom.inan.pl.perf-ref espremer-impl.ms v.aux.-p.rec.vist
(ela) está espremendo a (massa de) mandioca ralada (lit. *mandioca, ser não-contável do ex-ralar*)

(486) **kĩ̃ yaá wi'i niiátoho niî'**
/kĩ̃+ yaa +wi'i dĩî - atoho dĩî- ' /
ele+poss+casa estar-nom.lugar.futuro ser-pres.vist
é o lugar onde estará a casa dele (lit. *é o lugar do futuro estar da casa dele*)

Exemplos de deverbais que funcionam como habitual (487) ou atemporal (488):

(487) **bu'erã́ apêrã' weemá**
/ bu'ê - dã́ apê - dã' weé - bã /
estudar-nom.pl brincar-impl.ms v.aux.-pres.vist.3pl
os estudantes estão brincando

(488) **diâ-we'e wa'î ba'asehé nîî'**
/diâ+we'e wa'î ba'â - sehé dĩî- ' /
jenipapo peixe comer-nom.inan.pl ser-pres.vist
jenipapo é comida de peixe (lit. *é ser não-contável da alimentação do peixe*)

11.1.5. Como se pode ver pelos exemplos precedentes, os deverbais são frequentemente traduzidos por orações subordinadas. Este é o funcionamento mais produtivo dos nominalizadores. Os deverbais formam então o **predicado** ou **núcleo verbal** de **orações relativas encaixadas na oração principal**, constituindo assim o equivalente das subordinadas **completivas** (substantivas), **relativas** (adjetivas) ou, às vezes, **adverbiais** (de lugar ou tempo) da língua portuguesa. Por exemplo:

(489) **ĩsâ wesé bu'apɨ wi'í weeátehe yukɨ́ yehêrã' weeápɨ**
/ĩsâ wesé+ bu'a -pɨ wi'í weé- atehe yukɨ́ yehê- dã' weé - a-pɨ /
nós roça +montículo-foc casa fazer-nom.inan.pl.fut madeira serrar-impl.ms v.aux.-p.rec.vist
nós estamos serrando madeira com que faremos casa no montículo da roça
(lit. *...madeira, ser não-contável do nosso futuro fazer de casa no montículo da roça*)

(490) **koô naâ basarópɨ wa'âmo**
/koô dãâ basâ - dó -pɨ wa'â- bõ /
ela eles dançar-nom.lugar-foc ir -pres.vist.3+fsg
ela vai aonde eles dançam (lit. *ao lugar da dança deles*)

(491) **marî bu'bê'ke dɨkɨ̂ wihiá wa'aapɨ**
/bãdî bu'bê - 'ke dɨkɨ̂ wihí-a+ wa'a - a-pɨ /
nós plantar-nom.inan.pl.perf maniva brotar+ingressivo-p.rec.vist
as manivas que nós plantamos acabaram brotando (lit. *a maniva, ser não-contável do ex-plantar por nós,...*)

Em todos os casos, a relativa (deverbal funcionando como novo predicado da relativa, com os seus argumentos próprios) **encaixa-se** geralmente no lugar de um argumento verbal da oração principal, obedecendo às regras gerais sobre a ordem das palavras (cf. 16.1.). Por exemplo:
- em (489), temos a oração principal: **ĩsâ yukɨ́ yehêrã' weeápɨ** "nós estamos serrando madeira" (com a ordem não-marcada: SO_1V_1) e a oração a encaixar: **wesé bu'apɨ wi'í weerãti'** "faremos casa no montículo da roça" (com a ordem: $(S)L_{ugar}O_2V_2$). Encaixando a relativa, obtemos: $S\ [L_{ugar}O_2V_{2\text{-}nom}]\ O_1V_1$
- em (490), temos a oração principal: **koô Xpɨ wa'âmo** "ela vai a X" ($S_1L_{ugar}V_1$) e a oração a encaixar: **naâ basâma** "eles dançam" (S_2V_2). Encaixando a relativa, obtemos: $S_1\ [\ S_2V_{2\text{-}nom}\ ]\ V_1$

♦ Segundo Kaye (1970: 103-127), os deverbais derivariam de orações relativas subjacentes. Com efeito, a tradução de muitos exemplos parece justificar esta teoria. Além disso, os deverbais têm todas as propriedades de relativas restritivas ou determinativas:
ãyú *estar bonito* **ãyugɨ́** *o ser an.não-fem.sing de beleza: o ser an. que é bonito*
ãyu-rí wi'i *a casa de beleza: a casa que está bonita*

onde **-gɨ**, **-go**, **-rã**, **-ro**, o nome dependente **wi'i** *casa de*, etc. seriam as cabeças nominais ("antecedente") das relativas, e **-□́(-ri)**, o elemento da relativa correspondendo à cabeça nominal (cf. 11.2.).
No entanto, achamos que as construções nominalizadas não têm nada a ver com orações relativas, mas obedecem antes à mesma estrutura básica que já descrevemos com os nomes dependentes (ou seja: Complemento+Completado). Esta estrutura revelada em "cacho de bananas", ou em "torto de homem", deve ser a mesma em "ser (que está) bonito" (← "ser de beleza") ou em "casa (que está) bonita" (← "casa de beleza").
Como argumento suplementar, as ambiguidades mencionadas neste subcapítulo, como **ba'a-gɨ́** *o ser an.não-fem.sing. da alimentação: o ser que come* ou: *o ser que é comido*, explicam-se naturalmente pela natureza nominal da construção (como em: "a pintura de Van Gogh"). Este tipo de ambiguidade não se explicaria tão facilmente com orações relativas.

11.1.6. Enfim, os nominalizadores afixados nos verbos efetuam a concordância, como marcas de "harmonia de flexão", com a cabeça das locuções nominais (492, 493) ou com o sujeito das construções copulativas (494):

(492) **ɨ̃rêga sõ'akahá ba'aápɨ**
/ ɨ̃dê -ga sõ'â - kahá ba'â - a-pɨ /
pupunha-frol estar vermelho-nom.frol comer-p.rec.vist
comi uma pupunha vermelha

(493) **akó asisehé me'ra...**
/akó así - sehé +bẽ'da/
água estar quente-nom.inan.pl+ com
com água quente...

(494) **wa'î pahigɨ́ niîmi**
/wa'î pahî - gɨ́ dĩî- bĩ /
peixe estar grande-nom.-fsg ser-pres.vist
o peixe é grande

Em (492), por exemplo, o deverbal **sõ'akahá** *vermelho* "concorda" com a cabeça nominal **-ga** *fruta (forma roliça)* do sintagma **ɨ̃rê-ga** *fruta de (vegetal) pupunha*, uma melhor tradução sendo: "comi uma fruta de pupunha, uma fruta de vermelhão".

11.2. A segmentação das formas nominalizadoras

Neste subcapítulo, tentaremos segmentar os sufixos nominalizadores do quadro geral. Antes disso, algumas observações sobre o comportamento tonal deles devem ser feitas.

11.2.1. As formas anteriores/perfectivas são tonalmente regulares: a laringalização que inicia as 12 séries de sufixos anteriores bloqueia o deslocamento tonal. Em outras palavras, estas formas são, foneticamente, sempre proferidas em tom baixo, **-'** indicando uma laringalização da parte final da vogal terminal do radical verbal, com tom superbaixo:
apê *brincar* **apê'kɨ** /apê-'kɨ/ [àa̰pɛ́ɛ̰̃kɨ̀] *quem brincou*
apó *consertar* **apó'kɨ** /apó-'kɨ/ [àa̰pɔ̃́ɔ̰̃kɨ̀] *quem consertou*

As formas posteriores, começando todas por **-a**, comportam-se, tonalmente, como o sufixo verbal **-a** *passado recente* (cf. 5.1.): a 1ª vogal destas formas (ou seja: **a**) forma um tom de contorno ascendente com a última vogal de qualquer raiz verbal (alta ou ascendente), ou de qualquer radical verbal ascendente. Em outras palavras, **a** captura o tom de qualquer raiz verbal ou de qualquer radical verbal ascendente (ou que inclui as raízes ascendentes com um sufixo).
As formas simultâneas capturam o tom de qualquer raiz verbal (formas simultâneas adjacentes às raízes). Com qualquer radical verbal ou quando elas não forem adjacentes à raiz verbal, as formas simultâneas são proferidas em tom baixo.
Exemplos com os verbos de melodia alta **apê** *brincar* e **uî** *ter medo*; os verbos de melodia ascendente **da'rá** /da'dá/ *trabalhar* e **uú** *falar*; os radicais verbais **uúkũ** *conversar* e **nara-sãá** /dãda-sãá/ *tremer*; o sufixo verbal **-ti** *negativo*; e os sufixos nominalizadores animados **-gó** +*fsg*, **-'ko** +*fsg.perf* e **-akoho** +*fsg.fut*:

apegó *a que brinca*	**apê'ko** *a que brincou*	**apeákoho** *a que brincará*
uigó *a que tem medo*	**uî'ko** *a que teve medo*	**uiákoho** *a que terá medo*
da'ragó *a que trabalha*	**da'rá'ko** *a que trabalhou*	**da'raákoho** *a que trabalhará*
uugó *a que fala*	**uú'ko** *a que falou*	**uuákoho** *a que falará*
uúkũgo *a que conversa*	**uúkũ'ko** *a que conversou*	**uúkũakoho** *a que conversará*
nara-sãágo *a que treme*	**nara-sãá'ko** *a que tremeu*	**nara-sãaákoho** *a que tremerá*

apêtigo *a que não brinca*	**uîtigo** *a que não tem medo*	**da'ratígo** *a que não trabalha*
uutígo *a que não fala*	**uúkũtigo** *a que não conversa*	**nara-sãátigo** *a que não treme*

apêti'ko *a que não brincou*	**da'ratí'ko** *a que não trabalhou*, etc.
apêtiakoho *a que não brincará*	**uîtiakoho** *a que não terá medo*
da'ratiákoho *a que não trabalhará*	**uutiákoho** *a que não falará*
uúkũtiakoho *a que não conversará*	**nara-sãátiakoho** *a que não tremerá*

11.2.2. Para conseguir uma segmentação que se aproxime de uma possível realidade, temos que levar em conta o comportamento tonal das formas simultâneas e posteriores que acabamos de descrever.
As formas simultâneas comportam-se como se estivessem fonologicamente tônicas: **-gɨ́**, **-gó**, **-rã́**, **-rí+**, **-sehé**, etc. Isto está em contradição com as regras gerais da tonologia sufixal, que exigem um comportamento fonologicamente átono para todos os sufixos.
Este problema pode ser resolvido quando se compara o comportamento tonal das formas simultâneas com o das formas posteriores (formas em **a**): a 1ª vogal destas últimas formas (ou seja: **a**) transforma qualquer raiz verbal (ou qualquer radical ascendente) em radical ascendente:

$(C_1)V_1(C_2)\hat{V}_2 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2$ á
$(C_1)V_1(C_2)\acute{V}_2 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2$ á
$(C_1)V_1(C_2)V_2(C_3)\acute{V}_3 \rightarrow (C_1)V_1(C_2)V_2(C_3)V_3$ á

Em regra geral, **todos os sufixos que não começam por uma consoante** (sufixos começando por **-a**, sufixo causativo **-o**, etc.) tendem a formar uma **unidade tonal** com a última sílaba do radical verbal: unidade ascendente com a última sílaba ascendente ou alta; unidade proferida em tom baixo com a última sílaba proferida em tom baixo.
Isso sugere que as formas simultâneas devem ser decompostas:

-gɨ́ ← **-□́- gɨ**
-gó ← **-□́- go**
-rã́ ← **-□́- dã**
-rí ← **-□́- di**
-ró ← **-□́- do**

com o sufixo (ou parte de sufixo) suprassegmental: **-□́ < *-V**.
Como a vogal **a** é sempre presente nas formas posteriores, sugerimos que ***V = a**, ou seja: **-□́ < *-a**, o que daria, para as formas simultâneas, a segmentação reconstruída seguinte: ***-a-gɨ**, ***-a-go**, ***-a-dã**, ***-a-di**, ***-a-do**.
Com esta segmentação, as cinco formas acima tornam-se fonologicamente átonas e as "irregularidades" tonais desaparecem. Com efeito, a aplicação automática das regras tonais gerais torna-se então possível, considerando que o apagamento de **a** deixa como "vestígio" o seu tom, que não se apaga com o segmento:

***apê-a-go** > **apeágo** > **ape□́go** > **apégo** > **apegó** *a que brinca*
unidade tonal de **a** apagamento de **a** deslocamento tonal

***da'dá-a-go** > **da'daágo** > **da'da□́go** > **da'dágo** > **da'ragó** *a que trabalha*

***apê-ti-a-go** > **apêtiago** > **apêti□́go** > **apêtigo** *a que não brinca*

***da'dá-ti-a-go** > **da'datiágo** > **da'dati□́go** > **da'datígo** > **da'ratígo** *a que não trabalha*
deslocamento & unidade tonal apagamento deslocamento não-iterativo

11.2.3. Continuando a nossa segmentação, consideraremos as formas anteriores, que obviamente podem ser decompostas em, pelo menos, dois sufixos:
- o sufixo **-'ka**
- e os sufixos de gênero/forma/número estudados em 8.2.: **-gɨ** *-fsg/an*, **-go** *+fsg/an*, **-rã** *pl/an*, **-ro** *locativo*, **-ga** *forma roliça*, **-gɨ** *forma retilínea*, etc.

Ou seja:

-'kɨ	<	***-'ka-gɨ**	(apagamento de **g**: cf. 2.6.)
-'ko	<	***-'ka-go**	(apagamento de **g**)
-'karã	<	***-'ka-dã**	
-'karo	<	***-'ka-do**	
-'kaga	<	***-'ka-ga** , etc.	

A forma anterior básica inanimada (singular) **-'ka+** não tem sufixo de gênero/forma/número por ser obrigatoriamente completada por um nome fonologicamente átono que está no lugar destes sufixos.
Há bastante evidências (cf. abaixo) para decompor a forma anterior inanimada plural & não-contável **-'ke** em: ***-'ka-ye** (> **-'kae** > **-'ke**). onde **-ye** seria o sufixo inanimado plural & não-contável.

11.2.4. As formas posteriores e certas formas simultâneas (**-sehé**, **-kahá**, **-tɨhɨ́**, etc.) parecem evidenciar um ensurdecimento dos sufixos de gênero/forma/número. Considerações comparativas sugerem que este ensurdecimento deve-se ao apagamento de uma sílaba. Barnes (1990: 287) fornece as formas posteriores animadas em tuyuka (família tukano): **-ídɨ** *-fsg/an*, **-ódo** *+fsg/an*, **-ádara** *pl/an*, que derivam provavelmente, por apagamento de **g** e harmonia vocálica, de: **-á-da-gɨ** *-fsg/an*, **-á-da-go** *+fsg/an*, **-á-da-rã** *pl/an*, onde **-da** é a marca do futuro em tuyuca.
A marca correspondente na língua dos ye'pâ-masa é **-sa** (marca do futuro e da modalidade sentida, cf. 6.9. e capítulo 5). O que sugere, para as formas posteriores, a segmentação reconstruída seguinte:

-akɨhɨ	<	***-a-sa-gɨ**
-akoho	<	***-a-sa-go**
-arãha	<	***-a-sa-dã**
-atihi	<	***-a-sa-di**
-atoho	<	***-a-sa-do**
-atehe	<	***-a-sa-ye** (ou talvez: ***-a-sa-di-ye** > **-atihiye** > **-atihie** > **-atehe**)

-akaha < ***-a-sa-ga** , etc.

o apagamento do sufixo **-sa** explicando o ensurdecimento dos sufixos de gênero/forma/número.
Da mesma maneira, o ensurdecimento das formas simultâneas **-sehé**, **-kahá**, etc. deve derivar do apagamento de um sufixo. Evidências comparativas a partir do tuyuka (Barnes 1990: 286) mostram que o sufixo cujo apagamento provocou o ensurdecimento destes últimos sufixos seria, desta vez, o nominalizador **-ri** /-di/, o que sugere a segmentação seguinte para estas formas simultâneas:
-sehé < ***-a-di-ye**
-kahá < ***-a-di-ga**
-tɨhí < ***-a-di-dɨ**
-kɨhí < ***-a-di-gɨ**
-pɨhí < ***-a-di-wɨ**
-pahá < ***-a-di-wa**
-taha < ***-a-di-da**

Em resumo, o apagamento de **-a** deixou como "vestígio" um tom que reaparece no sufixo seguinte enquanto o apagamento de **-sa** ou de **-ri** /-di/ é responsável pelo ensurdecimento dos sufixos de gênero/forma/número:
-sa-gV, **-di-gV** → **-kVhV**
-sa-dV, **-di-dV** → **-tVhV**
-sa-wV, **-di-wV** → **-pVhV**
-di-ye → **-sehe**

A existência do sufixo **-ye** *inanimado plural & não-contável* parece comprovada pelo nome gramaticalizado **apé** *outro* (cf. 12.8.). Com **wi'í** *casa* (pl.: **wi'sêri**):
apé wi'i *outra casa*
apêye wi'seri *outras casas*

11.2.5. A nossa tentativa de segmentação nos encaminhou para as formas reconstruídas seguintes:

Formas simultâneas	Formas anteriores	Formas posteriores
-a-gɨ	**-'ka-gɨ**	**-a-sa-gɨ**
-a-go	**-'ka-go**	**-a-sa-go**
-a-dã	**-'ka-dã**	**-a-sa-dã**
-a-di+	**-'ka+**	**-a-sa-di+**
-a-di-ye	**-'ka-ye**	**-a-sa(-di)-ye**
-a-do	**-'ka-do**	**-a-sa-do**
-a-di-ga	**-'ka-ga**	**-a-sa-ga**
-a-di-dɨ	**-'ka-dɨ**	**-a-sa-dɨ**
-a-di-gɨ	**-'ka-gɨ**	**-a-sa-gɨ**
-a-di-wɨ	**-'ka-wɨ**	**-a-sa-wɨ**
-a-di-wa	**-'ka-wa**	**-a-sa-wa**
-a-di-da	**-'ka-da**	**-a-sa-da**

o que nos permite entrever três hipotéticas classes de sufixos:
1) a classe do nominalizador **-a** (ou: **-a-di**?).
2) a classe dos sufixos anterior **-'ka** e posterior **-sa**.
3) a classe dos sufixos de gênero/forma/número:
-gɨ *-fsg/an* **-ga** *frol* **-wɨ** *ftub*

-go	*+fsg/an*	**-di̶**	*fpan*	**-wa**	*fab*
-dã	*pl/an*	**-gi̶**	*fret*	**-da**	*f. de lago*
-ye	*inan/pl & n-cont*				
-do	*lugar (locativo)*				

Vários problemas ficam sem solução:
1) O sufixo **-di** aparece com os inanimados nas formas simultâneas. No entanto, em outras línguas da mesma família (tuyuka, wanano, desano, etc.), **-di** (ou o seu homófono?) aparece também com os animados (cf. tuyuka: **-dí-gi̶**, **-dí-go**, **-dí-da**) ou com o locativo (**-dí-do**). Talvez apareça também com formas anteriores nas línguas tukano do Piraparaná (Gomez-Imbert 1988: 67), dando a combinação: **-di-ka**. Em ye'pâ-masa, parece aparecer em uma forma posterior: **-atehe** (< ***-a-sa-di-ye**), já que a reconstrução ***-a-sa-ye** levaria à forma incorreta: **-asehe**. Caso **-di** não funcionar como marca de simultaneidade mas como a verdadeira marca da função nominalizadora ou relativa, qual seria então o funcionamento do sufixo **-a**?
Talvez haja dois nominalizadores (**-a** e **-di**), como - em ye'pâ-masa - há duas marcas do plural (**-a** *pl/animado* e **-di** *pl/inanimado*): esta homofonia entre nominalizadores e marcas do plural teria que ser explicada.

2) Por que as formas anteriores não evidenciam nenhuma marca nominalizadora (**-a** ou **-di**)? Isso sugere que a nossa segmentação seria incompleta:
-'ki̶ < **-'ka-gi̶** < ***-'ka-a-gi̶** ou: ***-'-a-ka-gi̶** , ou: ***-di-'-ka-gi̶** ???

Não há dúvida que um exame minucioso das formas nominalizadoras em todas as línguas da família tukano ajudaria a resolver esses problemas e, talvez, a chegar a uma segmentação correta.

11.3. A construção comprovativa

A existência de uma **construção copulativa comprovativa** parece justificar a existência de um sufixo suprassegmental nominalizador (***-a** > □́). Esta construção copulativa tem como complemento um verbo, geralmente de estado, sem nenhuma sufixação. No entanto, não se pode falar de uma "forma verbal nua", já que as raízes de melodia alta transformam-se automaticamente em melodia ascendente. Exemplo com o verbo **uî** *ter medo*:

(495) **Péduru uí niîmi**
/Pédudu uî -□́ dĩĩ- bĩ /
Pedro ter medo-nom ser-pres.vist
Pedro tem medo (comprovado e contra toda expectativa)

onde o verbo de melodia alta **uî** transformou-se em verbo de melodia ascendente **uí**.
A fórmula seguinte esquematiza a construção comprovativa:

SUJEITO	**VERBO-□́**	**NIÎ-mod.temp.pess.gên.núm**

Esta construção tem um funcionamento bastante semelhante à modalidade dedutiva: expressa que o estado é (ou foi) comprovado pelo falante, como confirmação ou como contra-expectativa (contradição) do que todos pensam (ou pensavam). Exemplo com **ohô** *vegetal banana* e **butî** *estar maduro*, compare:
ohô butî' /ohô butî-'/ *a banana está madura (visto: pela cor)*
ohô butisehé niî' /ohô butî-sehé dĩĩ-'/ *são bananas maduras* (**-sehé** *nom.inan.pl*)

ohô butí niî' /ohô butî-□́ dĩî-'/ *a banana está madura (dito para confirmar o que a vista deixa duvidoso: o falante experimenta a moleza da fruta com o dedo)*

Com **Baría** /Badía/ *Maria* e **nɨkɨ̂** /dɨ̃kɨ̂/ *estar pesado*, compare:
Baría nɨkɨ́ niîmo /Badía dɨ̃kɨ̂-□́ dĩî-bõ/ *Maria está pesada (comprovado sopesando-a, enquanto todos pensavam que era leve)*
Baría nɨkɨgó niîmo /Badía dɨ̃kɨ̂-gó dĩî-bõ/ *M. é uma mulher pesada* (**-gó** *nom.+fsg*)

Com **akó** *água* e **así** *estar quente*, compare:
akó así' /akó así-'/ *a água está quente (visto: algo ridículo, o calor não se vendo*)
akó asisehé niî' /akó así-sehé dĩî-'/ *é água quente*
akó así niî' /akó así-□́ dĩî-'/ *a água está quente (comprovado pelo dedo)*

Note que a raiz verbal **así** *estar quente*, sendo de melodia já ascendente, não muda de contorno tonal na construção comprovativa. Compare também:
(495) **Péduru uí niîmi** /Pédudu uî-□́ dĩî-bĩ/ *Pedro tem medo (comprovado e contra toda expectativa, pois todos pensavam que era corajoso)*
(495') **Péduru uîmi** /Pédudu uî-bĩ/ *Pedro tem medo (visto)*
(495'') **Péduru uigɨ́ niîmi** /Pédudu uî-gɨ́ dĩî-bĩ/ *Pedro é um medroso* (**-gɨ́** *nom.-fsg*)

Se a nossa análise da construção comprovativa se mostrar certa, teríamos mais um argumento a favor da existência do sufixo suprassegmental □́, funcionando como uma marca de nominalização, ou desempenhando uma função adjetival ou relativa. Com efeito, o verbo complemento da construção comprovativa deve ser nominalizado, já que os lexemas que funcionam como complemento de uma construção copulativa são sempre nomes ou deverbais, como em (cf. também exemplo 52):

(496) **ɨ̃sâ ɨmɨá niî'**
/ɨ̃sâ ɨ̃bɨ́ -a dĩî- ' /
nós homem-pl ser-pres.vist
nós somos homens

Nessas condições, a única marca visível desta nominalização seria o suprassegmento □́, provável vestígio do sufixo nominalizador **-a** estudado no subcapítulo precedente.

11.4. As nominalizações animadas

Os deverbais animados funcionam como simultâneos (497), anteriores (498) ou posteriores (499):

(497) **kãrɨ̂ etagɨ́re ĩ'yaápɨ**
/kãdɨ̂ etâ - gɨ́ -de ĩ'yâ- a-pɨ /
ontem chegar-nom.-fsg-ref ver -p.rec.vist
vi ontem o (homem) que chegou

(498) **kãrɨ̂ etâ'kɨre ĩ'yaápɨ**
/kãdɨ̂ etâ - 'kɨ -de ĩ'yâ- a-pɨ /
ontem chegar-nom.-fsg.perf-ref ver-p.rec.vist
vi (cinco minutos atrás,...) o (homem) que chegou ontem

(499) **ɨmí wẽriákɨhɨre ĩ'yaápɨ**
/ ɨ̃bí wẽdî - a-kɨhɨ -de ĩ'yâ- a-pɨ /
homem morrer-nom.-fsg.fut-ref ver-p.rec.vist
vi o homem que vai/ia morrer

As formas simultâneas funcionam também como habituais:

(500) **koôre da'rá ko'tegore niyéru o'oápo'**
/koô-de da'dá + ko'te - gó -de dĩyédu o'ô- a-po' /
ela-ref trabalhar+assistir-nom.+fsg-ref dinheiro dar-p.rec.rep
dizem que (ela) deu dinheiro à empregada dela (lit. *a que a assiste trabalhando*)

No resto deste capítulo, daremos alguns exemplos de deverbais animados, comentando as construções as mais produtivas (cf. também exemplos 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 487, 494 e 495).

11.4.1. Exemplos de formas animadas simultâneas funcionando como relativas:

(501) **kãrirã́re wã'koyá!**
/kãdí - dã́ -de wã'kó -ya/
dormir-nom.pl-ref acordar-imp
acorde aqueles que dormem!

(502) **nɨkɨ̂pɨ ãyâ yɨ'ɨ̂re kũ'rîgɨ a'tigɨ́re dɨtê sure keheo'kã'apɨ!**
/dɨ̃kɨ̂- pɨ ãyâ yɨ'ɨ̂-de kũ'dî - gɨ a'tî- gɨ́ -de
mata-foc jararaca eu-ref morder- -fsg vir-nom.-fsg-ref
dɨtê + sude + kehe-o' -kã'- a-pɨ /
cortar+despedaçar+de uma vez-ass -p.rec.vist
despedacei cortando-a de uma vez uma jararaca que vinha me morder na mata!

(503) **wesé sumútoho niîrã́ wi'marã́re wearí masa weaápa'rã**
/wesé sũbú-toho dĩî - dã́ wĩ'bá-dã́-de weá-dí+bãsa weá -a-pa'-dã/
roça margem estar-nom.pl crianças-ref raptadores raptar-p.rec.rep
dizem que os raptadores raptaram as crianças que estavam na margem da roça

Além desta função relativa, as formas simultâneas são muito usadas para expressar situações atemporais ou habituais numa construção copulativa estudada em 5.1. (cf. exemplos 72, 73, 74 e 76).

11.4.2. Exemplos de formas animadas anteriores/perfectivas:

(504) **numiô yɨ'ɨ̂ uúkũ'ko yɨ'ɨ̂ pako niiámo**
/dũbî-o yɨ'ɨ̂ uú=kũ- 'ko yɨ'ɨ̂+pako dĩî- a-bõ /
mulher eu falar -nom.+fsg-perf minha+mãe ser-p.rec.vist
a mulher com/de que falei é minha mãe

(505) **wi'marã́ yahá'karãre paaápo'**
/wɨ̃'bá-dã́ yahá - 'ka-dã -de paâ - a-po'/
crianças roubar-nom.pl.perf-ref bater-p.rec.rep
dizem que (ela) bateu nas crianças que roubaram

(506) **koô makɨ́ wẽrî'kɨ niikã́ bɨhâ-wetigo' weemó**

/koô bãká-gɨ̃ wẽdî- ’kɨ̃ dĩî- kɐ́̃ bɨ̃hâ-weti- go’ weé - bõ /
ela filho morrer-nom.-fsg.perf ser-impl.cs estar triste-impl.ms v.aux.-pres.vist
(ela) está triste porque o filho dela morreu (lit. *o filho sendo que morreu*)

(506) é um exemplo do uso muito comum das formas anteriores com os implicativos quando a implicativa for anterior à implicação (cf. 10.2. e exemplos 438, 452).
Além desta função relativa, as formas anteriores são muito usadas para expressar situações dedutivas numa construção copulativa estudada em 5.3. (cf. exemplos 129, 130 e 132).

11.4.3. Exemplos de formas animadas posteriores:

(507) **mɨ̃’î nɨ̃mo niiákohore beseyá!**
/bɨ̃’î+ dɨ̃bo dĩî- a-koho - de besé -ya/
tua+esposa ser-nom.+fsg.fut-ref escolher-imp
escolha a tua futura esposa! (lit. *a que será a tua esposa!*)

(508) **apé kɨ̃’ma bu’eárãha etâ tohaama**
/apé +kɨ̃’ba bu’ê - a-dãha etâ +toha- a-bã /
outro+ ano estudar-nom.pl.fut chegar+ já -p.rec.vist
os que estudarão no ano que vem (lit. *no outro ano*) *já chegaram*

Além desta função relativa, as formas animadas posteriores aparecem na maioria das vezes para reportar situações a serem realizadas posteriormente numa construção copulativa estudada em 5.4. (cf. exemplos 138 e 139) ou, com os sufixos implicativos, para expressar o propósito ou a finalidade numa construção copulativa descrita em 10.2. (cf. exemplos 445, 446 e 447).

11.5. As nominalizações básicas em *-rí+*

11.5.1. Contrariamente aos outros nominalizadores, as formas básicas em **-rí+** /-dí/ *nom.inan.sg.simultâneo*, **-’ka+** *nom.inan.sg.perf.* e **-atihi+** *nom.inan.sg.fut.* são **obrigatoriamente** seguidas por um **nome inanimado contável singular**, que lhes serve de **cabeça nominal**. Este nome é de regra fonologicamente átono (nome independente perdendo o seu tom próprio ou nome dependente). Por exemplo:

(509) **ãyurí wi’i**
/ ãyú - dí +wi’i/
estar bonito-nom.inan.sg+casa
casa bonita (lit. *casa de beleza*)

(510) **butirí wi’i**
/ butî - dí +wi’i/
estar branco-nom.inan.sg+casa
casa branca (lit. *casa de brancura*)

as formas: ***ãyurí wi’í**, ***wi’í ãyurí**, ou, simplesmente: ***ãyurí**, sem cabeça nominal, sendo incorretas.
Em outras palavras, enquanto a cabeça nominal é sempre um **sufixo** com os outros deverbais (**-gɨ́** *nom.-fsg*, **-gó** *nom.+fsg*, **-sehé** *nom.inan.pl*, **-kahá** *nom.frol*, etc.), é um **nome dependente** com **-rí**, chamado por isso de nominalização básica. Isto é a única diferença de estrutura entre este tipo de nominalização e as outras, a relação Complemento+Completado sendo sempre a mesma:
ãyugí *ser an.-fsg bonito (ser an.-fsg de beleza)*
ãyugó *ser an.+fsg bonito (ser an.+fsg de beleza)*
ãyusehé *coisas bonitas (seres inan.pl de beleza)*
ãyurí wi’i *casa bonita (casa de beleza)*

Exemplos com os nomes obrigatoriamente dependentes **nɨmɨ** *dia* e **paa** *prato*:
soorí nɨmɨ /soó-dí+dɨ̃bɨ/ *dia de descanso* (**soó** *descansar*)
ba'arí paa /ba'â-dí+paa/ *prato de comer* (**ba'â** *comer*)

O nome que segue é obrigatoriamente um nome inanimado contável singular. O plural forma-se com o nominalizador **-sehé** *nom.inan.pl & n-cont.* Em (509'), note a repetição **obrigatória** da cabeça **wi'i**:

(509') **wi'í ãyurí wi'i niî'** /wi'í ãyú-dí+wi'i dĩî-'/ *a casa é bonita* (lit. *a casa é casa de beleza*)

(509'') **wi'sêri ãyusehé niî'** /wi'sê-di ãyú-sehé dĩî-'/ *as casas são bonitas* (lit. *as casas são coisas de beleza)* (**wi'sêri** *casas*)

Igualmente com os nomes dependentes plurais **nɨmɨri** /dɨ̃bɨ-di/ *dias de* e **paari** /paa-di/ *pratos de* (**-ri** /-di/ *sufixo nominal plural/inanimado*):
soosehé nɨmɨri /soó-sehé+dɨ̃bɨ-di/ *dias de descanso (dias, seres de descanso)*
ba'asehé paari /ba'â-sehé+paa-di/ *pratos de comer (pratos, seres de comer)*

Com os nomes inanimados não-contáveis ("líquido", "vento", "vegetal banana", etc., cf. 8.1.), usa-se o nominalizador **-sehé** *nom.inan.pl & n-cont.*:

(511) **ohô ãyusehé niî'**
/ ohô ãyú - sehé dĩî- ' /
vegetal banana ser bonito-nom.inan.pl ser-pres.vist
*as bananas (*ou: *o cacho, o pé,...) são bonitas* (lit. *o vegetal banana é ser abstrato de beleza*)

e nunca o nominalizador **-rí**: ***ãyurí oho** *banana bonita* é uma construção incorreta.
Quando queremos precisar a forma, usa-se um nome dependente (**paro** /pado/ *fruta oblonga de*, **tõ'o** *cacho de*, etc.) com a nominalização em **-rí**:
ãyurí paro niî' /ãyú-dí+pado dĩî-'/ *é uma fruta oblonga bonita*
ãyurí tõ'o niî' /ãyú-dí+tõ'o dĩî-'/ *é um cacho bonito*
ohô paro ãyurí paro niî' /ohô+pado ãyú-dí+pado dĩî-'/ *a banana é bonita* (lit. *a fruta oblonga do vegetal banana é uma fruta oblonga de beleza*)
ohô tõ'o ãyurí tõ'o niî' /ohô tõ'o ãyú-dí+tõ'o dĩî-'/ *o cacho de bananas é bonito (é um cacho de beleza)*

11.5.2. Exemplos de nominalização básica simultânea:

(512) **marî bu'erí wi'i niî'**
/bãdî bu'ê - dí +wi'i dĩî- ' /
nós estudar-nom.inan.sg+casa ser-pres.vist
é a nossa casa de estudo (lit. *é a casa de estudo de nós*)

(513) **toopɨ́re, ãyurí nɨkɨ niiáti?**
/toó- pɨ -de ãyú - dí +dɨ̃kɨ dĩî- a-ti /
ana-foc-ref estar bonito-nom.inan.sg+mata ser-p.rec.vist
naquele lugar, a mata é bonita? (é mata de beleza?)

(514) **toho niirí wi'ita kɨó'**
/tohô dĩĩ - dí +wi'i -ta kɨó - ' /
assim estar-nom.inan.sg+casa-esp possuir-pres.vist
possuo uma casa assim mesmo (lit. *uma casa de estar assim mesmo*)

Outros exemplos:
da'rarí wi'i *casa de trabalho* (**da'rá** /da'dá/ *trabalhar*, **wi'í** *casa*)
ba'arí wi'i *casa de comer (restaurante,...)* (**ba'â** *comer*)
butirí daa *fio branco* (**butî** *estar branco*, **daa** *fio de*)
yã'arí daa *fio feio* (**yã'â** *estar feio*)
di'iró yeherí pĩhi *faca para cortar carne* (**di'iró** /di'í-do/ *carne*, **yehê** *cortar*, **pĩhi** *lâmina*)
keorí pĩhi *lâmina de medir (régua,...)* (**keó** *medir*)
akó miirí waharo *cuia para tirar água* (**akó** *água*, **miî** /bĩî/ *tirar*, **wahâro** /wahâ-do/ *cuia*)

11.5.3. Exemplos de nominalizações básicas anteriores e posteriores:

(515) **mɨsâ mipiré wẽhé'ka ma'apɨ tohátiapɨ**
/bɨ̃sâ bĩpí-de wẽhé - 'ka + bã'a -pɨ tohá - ti - a-pɨ /
vocês quati-ref matar-nom.inan.sg.perf+caminho-foc voltar-C<-p.rec.vist
voltei pelo caminho onde vocês tinham matado o quati (pelo caminho do ex-matar do quati por vocês)

(516) **naâ kãriátihi wi'ipɨ niiámo**
/dãâ kãdí - a-tihi + wi'i -pɨ dĩĩ - a-bõ /
eles dormir-nom.inan.sg.fut+casa-foc estar-p.rec.vist
(ela) está na casa onde eles dormirão (na casa do futuro dormir deles)

11.5.4. As nominalizações básicas são muito usadas com os nomes dependentes **tero** /tedo/ *tempo, momento de, época de*, **kura** /kuda/ *tempo, momento de*, **be'ro** /be'do/ *depois de* e **dɨporo** /dɨpo-do/ *antes de*, formando o núcleo de orações equivalentes às subordinadas simultâneas ("enquanto..."), anteriores ("depois de...") ou posteriores ("antes de...") da língua portuguesa (cf. também exemplo 47):

(517) **yɨ'ɨ̃ pako wesé wa'arí tero, yɨ'ɨ̃ pe'e wa'î wehegɨ́ wa'âwɨ**
/yɨ'ɨ̃+pako wesé wa'â- dí +tedo yɨ'ɨ̃+pe'e wa'î wehé- gɨ́ wa'â-wɨ/
minha+ mãe roça ir -nom.inan.sg+tempo eu +câmbio peixe pescar- -fsg ir -p.cad.vist
enquanto minha mãe ia à roça, eu, do meu lado, fui pescar (passado remoto)
(lit. *no tempo de minha mãe ir à roça,...*)

(518) **koô dahâ'ka tero, a'tí wi'i yeê no'owɨ**
/koô dahâ - 'ka +tedo a'tí +wi'i yeê + dõ'o - wɨ /
ela voltar-nom.inan.sg.perf+época esta+casa construir+passivo-p.cad.vist
esta casa foi construída na época da volta dela

(519) **koô etarí kura, ba'âgɨ' weeápɨ**
/koô etâ - dí +kuda ba'â - gɨ' weé - a-pɨ /
ela chegar-nom.inan.sg+tempo comer-impl.ms v.aux.-p.rec.vist
(eu) estava comendo quando ela chegou

(520) **marî koô etâ'ka be'ro wa'ârãsa'**
/bãdî koô etâ - 'ka +be'do wa'â-dã-sa-'/
nós ela chegar-nom.inan.sg.perf+depois ir - fut
nós iremos depois de ela chegar

(521) **naâ a'tiátihi dɨporo wa'âgɨsa'**
/dãâ a'tî- a-tihi +dɨpo-do wa'â-gɨ-sa-'/
eles vir-nom.inan.sg.fut+ antes ir - fut
irei antes que eles venham

Como se vê pelos exemplos acima, **kura** e **tero** (no sentido de "momento") são sempre precedidos por **-rí**; **be'ro** e **tero** (no sentido de "época") são sempre precedidos por **-'ka**; e **dɨporo** é sempre predecido por **-atihi** (ou **-atoho**).

11.5.5. Para terminar, assinalaremos uma construção em **-rí** cuja cabeça nominal é o nome animado plural **masá** /bãsá/ *pessoas*. Esta construção usa-se somente com alguns verbos nominalizados, como **da'rá** /da'dá/ *trabalhar*, **wa'â** *ir* e **sihâ** *andar*:
da'rarí masa /da'dá-dí+bãsa/ *trabalhadores natos* (≠ **da'rarã́** *os que trabalham*, *os trabalhadores*)
wa'arí masa /wa'â-dí+bãsa/ *viajantes* (≠ **wa'arã́** *os que vão*)
siharí masa /sihâ-dí+bãsa/ *andarilhos*

11.6. As nominalizações em *-ró*

O sufixo nominal **-ro** foi estudado em 8.6., onde argumentamos para um significado central de **locativo**, com uma polissemia orientada da maneira seguinte:

locativo → lugar/parte → partitivo → parte (do corpo) → singular

Neste subcapítulo, passaremos em revista os empregos mais significativos do nominalizador **-ró** (formas anterior **-'karo** /-'ka-do/ e posterior **-atoho**). Este sufixo, apesar de ter uma polissemia ainda mais desenvolvida com os verbos nominalizados que com os nomes primários, segue mais ou menos a mesma orientação semântica.

① Como **locativo**, os deverbais em **-ró** funcionam frequentemente como o predicado de orações relativas encaixadas, constituindo assim o equivalente das **subordinadas de lugar** do português. Exemplos com a forma simultânea **-ró**:

(522) **sõ'ó maâ ɨ̃'kɨátiro yumû pẽ'aa'rã!**
/sõ'ó bãâ ɨ̃'kɨá - ti - dó yũbû + pẽ'a - a' -dã/
lá riacho ser fundo-neg-nom.lugar vadear+atravessar-C>-imp
vamos atravessar vadeando lá onde o riacho não é fundo

(523) **a'tó yɨ'ɨ̂ mutúru kɨoró niî'**
/a'tó yɨ'ɨ̂ bũtúdu kɨó- dó dĩî- ' /
aqui eu motor ter-nom.lugar ser-pres.vist
aqui é o local onde guardo (tenho) o motor

(524) **muhî-pũu asirópɨ apeásɨ**
/bũhî-pũu así - dó -pɨ apê - a-sɨ /
sol estar quente-nom.lugar-foc brincar-p.rec.sent

brinquei no sol (lit. *no lugar de estar quente do sol*)

(525) **ma'â nɨ'karó akê bokaámi**
/ bã'â dɨ̃'ká - dó akê boká - a-bĩ /
caminho começar-nom.lugar macaco encontrar-p.rec.vist
encontrou um macaco no começo do caminho (lit. *no lugar de começo do caminho*)

que funciona também como habitual (cf. também exemplos 46, 490):

(526) **koô kãriró masîsari?**
/koô kãdí - dó bãsî - sa-di /
ela dormir-nom.lugar saber-pres.sent-int
sabe onde ela dorme?

(527) **a'tó niî' yɨ'ɨ̃ niiró**
/a'tó dĩî- ' yɨ'ɨ̃ dĩî - dó /
aqui ser-pres.vist eu estar-nom.lugar
aqui é onde eu moro (onde eu estou)

Exemplos com as formas anterior **-'karo** /-'ka-do/ ou posterior **-atoho** (cf. também exemplo 486):

(528) **naâ puâ'karopɨ ehaápɨ**
/dãâ puâ - 'ka-do -pɨ ehâ - a-pɨ /
eles tinguijar-nom.lugar.perf-foc chegar-p.rec.vist
cheguei onde eles tinham tinguijado

(529) **masó koô ãyâ kõ'ó'karo boâ sa'ba wa'aapɨ**
/bãsá-go koô ãyâ kõ'ó - 'ka-do boâ + sa'ba+ wa'a - a-pɨ /
mulher ela jararaca ser mordido-nom.lugar.perf apodrecer+viscoso+ingressivo-p.rec.vist
o lugar onde a mulher foi picada por uma jararaca ficou podre e viscoso

(530) **naâ bu'eátohopɨ etaáma**
/dãâ bu'ê - atoho -pɨ etâ - a-bã /
eles estudar-nom.lugar.fut-ref chegar-p.rec.vist
chegaram no lugar onde eles estudarão

(531) **ãyuró ẽo kũúya, marî kii-boó kũuátohore!**
/ãyú-dó ẽó+kũu-ya bãdî kií+boo kũû - atoho -de/
bem forrar -imp nós mandioca-mole colocar-nom.lugar.fut-ref
forre bem onde nós vamos colocar a mandioca-mole!

♦ O sufixo **-ró** *nom.lugar* entra em várias construções muito usadas:
1) Com o verbo **marí** /bãdí/ *não estar*, formando o deverbal **mariró** /bãdí-dó/ que se traduz frequentemente por "sem":

(532) **yɨ'ɨ̃ mariró ba'aápĩ**
/yɨ'ɨ̃ bãdí - dó ba'â - a-pĩ /
eu não estar-nom.lugar comer-p.rec.ded
comeu sem mim (lit. *comeu no lugar onde eu não estava*)

(533) **uúkũro mariró...**
/uú=kũ- dó bãdí - dó /
falar -nom.lugar não estar-nom.lugar
(comia,...) sem falar

O uso de **-ró** com **uúkũ** é comentado em ⑤.

2) Na expressão **no'ó niiró** *em qualquer lugar* (cf. 12.6.3.).

3) Na expressão idiomática **niiróta** *é verdade que...*:

(534) **niiróta do'âtig̶i̶' weemí**
/dĩĩ- dó -ta do'a=-ti - g̶i̶' weé - bĩ /
ser-nom.lugar-esp estar doente-impl.ms v.aux.-pres.vist
é verdade que (ele) está doente

4) Em expressões temporais:
bo'rê ke'a /bo'dê+ke'a/ *clarear* **bo'rê ke'aro** /bo'dê+ke'a-do/ *de manhã cedo*
be'ro kuré /be'dó+kude/ *daqui a pouco* **be'ro kuéro** *idem*

② Os deverbais em **-ró** formam frequentemente nomes secundários que funcionam como os **advérbios de maneira** da língua portuguesa:

(535) **ãyuró ohâmo**
/ ãyú - dó ohâ - bõ /
estar bom-nom.lugar escrever-pres.vist
(ela) escreve bem (de maneira boa) ou: *escreve num lugar bom*

(536) **naâ amûkã yẽ'eró me'ra sihaáma**
/dãâ ãbû=kã yẽ'ê - dó +bẽ'da sihâ - a-bã /
eles mão pegar-nom.lugar+ com andar-p.rec.vist
andavam de mãos dadas (lit. *de maneira que pegavam as mãos*)

(537) **i̶aró me'ra da'rágo' weemó**
/ i̶á - dó +bẽ'da da'dá - go' weé - bõ /
querer-nom.lugar+ com trabalhar-impl.ms v.aux.-pres.vist
(ela) está trabalhando de própria vontade (de maneira que quer)

(538) **marî u'aró wioró o'mâ sãriaapi̶**
/bãdî u'á - dó wió - dó õ'bâ+sãdi - a-pi̶ /
nós tomar banho-nom.lugar ser perigoso-nom.lugar fazer redemoinho-p.rec.vist
o lugar onde nós tomamos banho faz redemoinho perigosamente

Frequentemente seguidos pela palavra dependente **me'ra** /bẽ'da/ *com* ou pelo sufixo nominal **-ta** *especificador*, estes deverbais que correspondem aos advérbios de maneira da língua portuguesa têm um uso muito produtivo. Citaremos:

ãyú *estar bom*	**ãyuró (me'ra)** *bem, suavemente*
yã'â *estar mau*	**yá'aró**, **yã'âro** *mal*
uâ *estar zangado*	**uaró me'ra** *com raiva, raivosamente*
uî *ter medo*	**uiró me'ra** *com medo, medrosamente*
wió *ser perigoso*	**wioró (me'ra)** *com violência, perigosamente*
keó *medir*	**keoró** *com exatidão*
bi̶sî *soar*	**bi̶sîro** *em voz alta*

	bɨsɨ̂tiro *em voz baixa*
ɨá *querer*	**ɨaró (me'ra)** *de própria vontade, como quiser*
	ɨatíro me'ra *sem vontade*
tutuâ *estar forte*	**tutuaró (me'ra)** *com força*
	tutuâtiro (me'ra) *sem força*
sohâ *apressar*	**soharó (me'ra)** *rapidamente*
	sohâtiro *devagar*
ɨmɨ̂ya /ɨ̃bɨ̂=ya/ *apressar-se*	**ɨmɨ̂yaro** *rapidamente*

Também:

pũûro /pũû-dó/ *intensamente*	**pahiró** /pahî-dó/ *muito*
kã'ró /kã'a-dó/ *pouco*	**yɨ'rɨóro** /yɨ'dɨ́-o-dó/ *mais*
nemoró /dẽbó-dó/ *mais*	**dɨharó** /dɨhâ-dó/ *menos*

as três últimas formas sendo muito usadas em construções equivalentes aos comparativos de superioridade ou inferioridade do português, como (cf. também exemplos 259 e 260):

(539) **Péduru Páuru yɨ'rɨóro butîmi**
/Pédudu Páudu yɨ'dɨ́-o - dó butî - bĩ /
Pedro Paulo passar-nom.lugar ser branco-pres.vist
Pedro é mais branco que Paulo (lit. *é branco passando Paulo*)

③ Os deverbais em **-ró** formam também o núcleo de orações equivalentes às **subordinadas completivas** da língua portuguesa:

(540) **yɨ'ɨ̃ masîti'karore wãkû boka'**
/yɨ'ɨ̃ bãsî - ti - 'ka-do -de wãkû+boka - ' /
eu saber-neg-nom.lugar.perf-ref lembrar de repente-pres.vist
lembro de repente o que não sabia

(541) **de'ró koô weeátohore masîtisa'**
/de'dó koô weé - atoho -de bãsî - ti - sa-' /
como ela fazer-nom.lugar.fut-ref saber-neg-pres.vist
não sei como ela fará

(542) **mɨsâre pa'iá wa'aró ɨásа'**
/mɨ̃sâ-de pa'í -a wa'â - dó ɨá - sa-' /
vocês-ref padre-pl tornar-se-nom.lugar querer-pres.sent
quero que vocês sejam (se tornam) padres

(543) **koô yɨ'ɨ̃ etaátohore ko'teápõ**
/koô yɨ'ɨ̃ etâ - atoho -de ko'tê - a-põ /
ela eu chegar-nom.lugar.fut-ref esperar-p.rec.ded
ela esperou que eu chegasse / ela esperou a minha chegada

(544) **kɨ̃ɨ̃ wẽriróre uísa'**
/kɨ̃ɨ̃ wẽdî - dó -de uî - sa-' /
ele morrer-nom.lugar-ref ter medo-pres.sent
tenho medo que ele morra

(545) **naâ pɨ’etí, katî’karore sooáma**
/dãâ pɨ’é=ti katî - ’ka-do - de soó - a-bã /
eles sofrer viver-nom.lugar.perf-ref descansar-p.rec.vist
eles descansaram de uma vida sofrida (lit. *descansaram de ter sofrido e vivido*)

Os deverbais em **-ró** aparecem assim como o complemento de numerosos verbos: **masî** /bãsî/ *saber (que)*, **wãkû** *lembrar (que)*, **tɨ’ó yã’a** *pensar (que)*, **bɨhâ-weti** *estar triste (que)*, **e’katí** *estar alegre (que)*, **uî** *ter medo (que)*, **ɨá** *querer (que)*, **ko’tê** *esperar (que)*, **du’ú** *deixar (que)*, **niî boka** *adivinhar (que)*, **akobohó** *esquecer (que)*, **pehâ** *ter vontade (de)*, **soó** *descansar (de)*, etc.

④ Os deverbais em **-ró** entram também numa construção muito usada: a **construção de obrigação**. Esta construção analítica, formada com o verbo auxiliar **ɨá** *querer* e esquematizada pela fórmula seguinte, expressa um dever, uma necessidade ou uma obrigação (regra cultural, etc.):

VERBO-ró ɨÁ-mod.vista

Por exemplo:

(546) **ãyuró yɨ’rɨ́ sĩ’rigɨ’, bu’eró ɨá’**
/ãyú-dó yɨ’dɨ́ + sĩ’di - gɨ’ bu’ê - dó ɨá - ’ /
bem passar+querer-impl.ms estudar-nom.lugar querer-pres.vist
querendo passar bem, tem que estudar

(547) **mɨ’ɨ̂re sooró ɨá’**
/bɨ̃’ɨ̂ -de soó - dó ɨá - ’ /
você-ref descansar-nom.lugar querer-pres.vist
você tem que descansar

(548) **kãrêkẽ’ uukɨ́ u’aró ɨá’**
/kãdêkẽ’ uú - kɨ́ u’á - dó ɨá - ’ /
galo cantar-impl.cs tomar banho-nom.lugar querer-pres.vist
devemos tomar banho ao cantar do galo

Nesse tipo de construção, o nome que se refere à(s) pessoa(s) que deve(m) cumprir a obrigação leva sempre, quando expresso, a marca referencial **-re** (cf. exemplo 547). O sujeito do verbo auxiliar nunca está expresso. Sendo impessoal (“o tempo quer que...”), as marcas verbais são sempre em “outras pessoas”.
Nos exemplos acima, o sufixo verbal **-’** marcava a modalidade vista no presente. Indicava uma obrigação moral ou cultural. Com o sufixo **-wɨ** *mod.vista/passado caducado*, a construção expressa, pelo contrário, uma necessidade (ligada geralmente a um impedimento físico) atestada desde já há tempo:

(549) **Ako-Butíri-Maa ehâgɨ’, marîre u’aró ɨawɨ́**
/akó+ buti - dí + bãa ehâ - gɨ’
água+branco-nom.inan.sg+riacho chegar-impl.ms
bãdî-de u’á - dó ɨá - wɨ /
nós -ref tomar banho-nom.lugar querer-p.cad.vist
chegando ao Riacho-de-Água-Branca, deve-se tomar banho (porque é de conhecimento geral que não há mais água depois)

Com os sufixos **-sa-'** *mod.sentida/presente*, a construção expressa uma necessidade simplesmente especulativa ("eu acho que se deve..."):

(550) **mɨ'îre u'aró ɨásа'**
/bɨ̃'î-de u'á - dó ɨá - sa-' /
tu -ref tomar banho-nom.lugar querer-pres.sent
acho que você tem que tomar banho

⑤ Os deverbais em **-ró** expressam também a parte, o partitivo ou, simplesmente, o singular associado a certas situações. O plural destes deverbais forma-se então com o sufixo nominalizador **-sehé** *nom.inan.pl & n-cont*. (cf. 11.7.). Por exemplo (cf. também exemplo 11):

(551) **diâyɨ kɨoróre e'mâkã'ya!**
/ diâyɨ kɨó- dó -de ẽ'bâ-kã'-ya/
cachorro ter-nom.lugar-ref tirar-ass-imp
tire o que o cachorro tem! (pedaço de comida,...)

Outros exemplos de parte (objetos manufaturados, partes do corpo):

duhî *estar sentado*	**duhi<u>ró</u>** *cadeira*	**duhi<u>sehé</u>** *cadeiras*
wɨ̃ɨ́ *voar*	**wɨ̃ɨ<u>ró</u>** *asa*	**wɨ̃ɨ<u>sehé</u>** *asas*
mɨhâa' /bɨ̃hâ-a'/ *trepar*	**mɨhâa'<u>ro</u>** *escada*	**mɨhâa'<u>sehe</u>** *escadas*
deró *costurar*	**su'tí-deroró** *máquina de costurar* (**su'tí** *roupas*)	
tɨ'ó *escutar*	**kití-tɨ'o<u>ró</u>** *rádio* (lit. *parte para escutar notícias*) (**kití** *notícias*)	

Os exemplos abaixo são de interpretação mais delicada. Expressam conceitos abstratos, o plural sendo também formado com o nominalizador **-sehé**:

da'rá /da'dá/ *trabalhar*	**da'ra<u>ró</u>** *trabalho*	**da'ra<u>sehé</u>** *trabalhos*
bu'ê *estudar*	**bu'e<u>ró</u>** *estudo*	**bu'e<u>sehé</u>** *estudos*
uúkũ *conversar*	**uúkũ<u>ro</u>** *assunto de conversação*	**uúkũ<u>sehe</u>** *conversações*
ɨ'mɨá /ɨ̃'bɨ̂-a/ *ser alto*	**ɨ'mɨá<u>ro</u>** *altura*	
yoâ *ser comprido*	**yoa<u>ró</u>** *comprimento*	
sẽé *estar de braços abertos*	**sẽe<u>ró</u>** *braça*	

Por exemplo:

(552) **wiôgɨ dutiró me'ra etaámi**
/wiô-gɨ dutî - dó +bẽ'da etâ - a-bĩ /
chefe ordenar-nom.lugar+com chegar-p.rec.vist
chegou por ordem do chefe

(553) **wi'í yoaróre keoyá!**
/wi'í yoâ - dó - de keó -ya/
casa ser comprido-nom.lugar-ref medir-imp
meça o comprimento da casa!

⑥ Enfim, o nominalizador **-ró** marca a concordância ou "harmonia de flexão" nas locuções nominais e nas construções copulativas:

(554) **yɨ'ɨ́ ni'kâro su'tî-ro ɨásа', mutã́o me'ra niiróre**
/yɨ'ɨ́ dĩ'kâ- dó su'tî- do ɨá - sa-' mũtã́o+bẽ'da dĩĩ- dó -de/
eu um -nom.lugar roupa-locativo querer-pres.sent botão + com estar-nom.lugar-ref
eu quero uma roupa que esteja com botão

(555) **a'tó wapa maríro niî'**
/a'tó wapá+bãdi - dó dĩî- ' /
isto não ter valor-nom.lugar ser-pres.vist
isto não tem valor (é que não tem valor)

(556) **sẽragá i'pîtiro i'sɨaró kɨó'**
/ sẽrá -ga i'pîti - dó ɨ'sɨâ - dó kɨó- ' /
abacaxi-frol estar doce-nom.lugar ter gosto-nom.lugar ter-pres.vist
o abacaxi tem um sabor doce

Em (554), o sufixo nominal **-ro** funciona como singular em **su'tî-ro** *roupa*, desencadeando a concordância do numeral **ni'kâ-ro** *uma (roupa)* e do deverbal **niiró** *uma (roupa) que está*. Em (555), **wapa marí** *não ter valor* concorda com o demonstrativo de lugar **a'tó** *esta parte* (cf. 12.1.). Em (556), **i'pîti** *estar doce* concorda com o deverbal **ɨ'sɨaró** *gosto, sabor*.
Com certos nomes inanimados contáveis (**wesé** *roça*, **diâ** *rio*, **yukîsɨ** *canoa*, etc.), o sufixo **-ró** é também uma marca de concordância, especialmente nas construções copulativas a sentido dedutivo (cf. exemplo 131 em 5.3.). O deverbal em **-ró** serve então de complemento da construção copulativa:

(557) **yukîsɨ etâ'karo niiápɨ**
/yukî=sɨ etâ - 'ka-do dĩî- a-pɨ /
canoa chegar-nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
a canoa chegou (prova: a sua presença)

(558) **bɨekɨhɨ koô amûkã diakɨ̃hɨ pe'e doké tɨ̃'re'karo niiápɨ**
/ bɨê -kɨhɨ koô ãbû=kã dia-kɨ̃hɨ+pe'e doké+tɨ̃'de- 'ka-do dĩî- a-pɨ /
flecha ela braço direito furar -nom.lugar.perf ser-p.rec.vist
a flecha furou o braço direito dela (prova: o furo feito por ela)

Nestas construções copulativas, o uso dos sufixos nominalizadores **-ró**, **-'karo** ou **-atoho** não é bem claro. Talvez não seja um caso de concordância. Nesse ponto, o leitor poderá comparar (557) com:

(557') **etâ'kawɨ yukîsɨ niiápɨ**
/ etâ - 'ka-wɨ yukî=sɨ dĩî- a-pɨ /
chegar-nom.ftub.perf canoa ser-p.rec.vist
é uma canoa que chegou

onde o nome **yukîsɨ** *canoa* implica a concordância do deverbal **etâ-'kawɨ** *tubo oco que chegou* (para o uso do sufixo de forma **-wɨ**, cf. 8.7. e 11.8.).

11.7. As nominalizações em *-sehé*

11.7.1. O sufixo nominalizador **-sehé** (formas anterior **-'ke** e posterior **-atehe**) permite a formação de todo tipo de deverbais inanimados plurais ou não-contáveis (abstratos) (cf. outros exemplos em 11.6.⑤):

apê *brincar*	**apesehé** *brinquedos; brincadeira*
durê /dudê/ *carregar*	**duresehé** *bagagem; carga*
ãyú *estar bom, bonito*	**ãyusehé** *coisas boas, bonitas; bondade, beleza*
yã'â *estar mau, feio*	**yã'asehé** *coisas más, feias; maldade, fealdade*

ba'â *comer*	**ba'asehé** *comida; alimentação*
da'rá /da'dá/ *trabalhar*	**da'rasehé** *coisa do trabalho (cimento,...); trabalho*
duâ *vender*	**duasehé** *coisas da venda (mercadorias,...); venda*
weé *fazer*	**weesehé** *fazeres*
wa'â *ir*	**wa'asehé** *coisas que vão (mercadorias,...); idas*
buhí *rir*	**buhisehé** *risos*
utî *chorar*	**utisehé** *choros*
tɨ'ó yã'a *pensar, refletir*	**tɨ'ó yã'asehe** *ideias, pensamento*

Exemplos com a forma simultânea **-sehé** (cf. também exemplos 45, 473, 474):

(559) **mɨ'ɨ̃ ba'asehé ãyutí?**
/bɨ̃'ɨ̃ ba'â - sehé ãyú - ti /
tu comer-nom.inan.pl ser bom-pres.vist.int
o que você come é bom?

(560) **yɨ'ɨ̃ weé sĩ'risehere weé nu'kukã'!**
/yɨ'ɨ̃ weé+ sĩ'di - sehé - de weé + dũ'ku -kã'- ' /
eu fazer+querer-nom.inan.pl-ref fazer+sempre-ass-pres.vist
faço sempre o que quero fazer! (lit. *as coisas do meu querer fazer*)

(561) **wiôgɨ a'tisehé naâre du'tikɐ̃́ weeápɨ**
/wiô-gɨ a'tî- sehé dãâ-de du'tí- kɐ̃́ weé - a-pɨ /
chefe vir-nom.inan.pl eles-ref fugir-impl.cs fazer-p.rec.vist
a vinda do chefe fez eles fugirem

Exemplos com as formas anterior/perfectiva **-'ke** e posterior **-atehe**:

(562) **koô a'tî'kere yɨ'ɨ̃re werê pe'oamo**
/koô a'tî- 'ke -de yɨ'ɨ̃-de wedê +pe'o- a-bõ /
ela vir-nom.inan.pl.perf-ref eu-ref contar+tudo-p.rec.vist
(ela) me contou tudo sobre a vinda passada dela (a sua viagem,...)

(563) **ã'rí ke'ágɨ' weé'kere buhíkã'ama**
/ã'dí ke'á - gɨ' weé - 'ke -de buhí -kã'- a-bã /
este estar bêbado-impl.ms agir-nom.inan.pl.perf-ref rir de-ass-p.rec.vist
riram das ações passadas deste quando era bêbado

(564) **marî yamiákã ba'aátehere duuyá!**
/bãdî yãbî-akã ba'â - atehe -de duú - ya/
nós amanhã comer-nom.inan.pl.fut-ref comprar-imp
compre o que nós comeremos amanhã! (as coisas do nosso futuro comer)

11.7.2. Esses nominalizadores marcam a concordância com os nomes inanimados contáveis plurais ou com os nomes não-contáveis. Exemplos de concordância com os nomes contáveis no plural:

(565) **koô naâ wa'aátehe ma'arire naâre ĩ'yópo'**
/koô dãâ wa'â- atehe + bã'a -di-de dãâ-de ĩ'yó - po' /
ela eles ir -nom.inan.pl.fut+caminho-pl-ref eles-ref mostrar-p.cad.rep
dizem que ela mostrou a eles os caminhos por onde eles irão (os caminhos, seres da futura ida deles)

(566) **te'á wesé pĩ'rití'ke u'turire saâ bu'berã!**
/ te'á wesé pĩ'dí- ti - 'ke + u'tu -di-de saâ +bu'be-dã/
vamos! roça brotar-neg-nom.inan.pl.perf+descampado- pl-ref encher+plantar-imp
vamos plantar enchendo (de manivas) os descampados da roça onde (as manivas) não brotaram! (os descampados, seres de ex-não-brotamento)

Em (565), o deverbal **wa'aátehe** *seres de futuras idas* concorda com o nome contável plural **ma'ari** *caminhos*; em (566), o deverbal **pĩ'rití'ke** *seres da ex-não germinação* concorda com o nome contável plural **u'turi** *partes desprovidas de vegetação*.
Exemplos de concordância com os nomes não-contáveis (cf. também 8.1. e exemplos 488, 489, 491, 493):

(567) **akó ãyusehé niĩ'**
/akó ãyú - sehé dĩĩ- ' /
água estar bom-nom.inan.pl ser-pres.vist
é água boa (água é ser de bondade)

(568) **kií oé'ke...**
/ kií oé - 'ke /
mandioca ralar-nom.inan.pl.perf
mandioca ralada

(569) **ba'asehé asisehé kometípɨ niisehére bapâripɨ we'oyá!**
/ ba'â- sehé así - sehé kõbé-tɨ-pɨ dĩĩ - sehé -de
comer-nom.inan.pl estar quente-nom.inan.pl panela-foc estar-nom.inan.pl-ref
bapâ-di-pɨ we'ó -ya/
prato-pl-foc transvasar-imp
transvase nos pratos a comida quente que está na panela!

Em (567), o deverbal **ãyusehé** *ser bom* concorda com o nome não-contável **akó** *água*; em (568), o deverbal **oé'ke** *ser do ex-ralar* concorda com o nome não-contável **kií** *mandioca*; em (569), os deverbais **asisehé** *ser quente* e **niisehé** *ser que está* concordam com o nome secundário não-contável **ba'asehé** *comida*.

11.7.3. Os deverbais (nomes secundários) em **-sehé** combinam-se frequentemente com o sufixo verbalizador **-ti** *ter* (cf. 14.4.), expressando assim um costume. A fórmula seguinte esquematiza a construção:

VERBO-sehé-ti ***ter costume de...***

Por exemplo:

(570) **a'tîro weesehétimi**
/a'tî-do weé - sehé - ti - bĩ /
assim fazer-nom.inan.pl-ter-pres.vist
(ele) tem costume de fazer assim

(571) **yamî kure u'á wã'kasehetimo**
/yãbî+kude u'á + wã'ka - sehé -ti - bõ /
cedo tomar banho+acordar-nom.inan.pl-ter-pres.vist
(ela) tem costume de acordar e tomar banho cedo

O verbo secundário em **-sehé-ti** pode ser, por sua vez, nominalizado pelos sufixos **-gɨ́** *nom.-fsg*, **-sehé** *nom.inan.pl*, **-ró** /-dó/ *nom.lugar*, etc. Por exemplo:
weé *fazer* **weesehétisehe** *costume de fazer*
da'rá /da'dá/ *trabalhar* **da'rasehétisehe** *costume de trabalhar*

ou:

(572) **Manáokãharã dɨka-yuú pe'tia wa'apa'rã, naâ niisehétisehere**
/Manáo-kãha-dã dɨ́ká+yuu+pe'ti-a+ wa'a - pa'-dã dãâ dĩĩ-sehé-ti-sehé-de
Manaus- de - pl mudar + todos +ingressivo-p.cad.rep eles ser- nom-ter- nom-ref
dizem que todas as pessoas de Manaus acabaram mudando o seu costume de ser

11.8. As nominalizações com os sufixos de forma

As nominalizações com os sufixos de forma (cf. quadro geral) permitem a formação de deverbais (no singular ou no plural) de forma particular (roliça, retilínea, etc., cf. 8.7.). Permitem também marcar os mecanismos de concordância.

♦ Exemplos com os sufixos de forma roliça (fruta, tubérculo,...):
ba'â *comer* **ba'akahá** *fruta de comer*
apê *brincar* **apekahá** *ser roliço de brincar (bola,...)*
toâ *picar* **toakahá** *ferrão (de caba)*

Por exemplo (cf. também exemplo 492):

(573) **mɨ'ɨ̃ baseákaha miîgo wa'â'**
/bɨ̃'ɨ̃ basé - a-kaha bĩĩ - go wa'â- ' /
tu benzer-nom.frol.fut tirar-+fsg ir -pres.vist
vou buscar uma fruta que você benzerá (lit. *vou tirar um ser roliço do teu futuro benzer*)

(574) **koô dokéo'kaha sẽragáre ãyuró paâ yẽ'eya!**
/koô doké- o' - kaha sẽdá - ga -de ãyú-dó paâ+yẽ'e- ya/
ela atirar-prop-nom.frol abacaxi-frol-ref bem aparar -imp
apare bem o abacaxi que ela está atirando! (abacaxi, ser roliço do atirar dela)

♦ Exemplo com os sufixos de forma de panela:

(575) **pekâ me'e pesatɨhɨ́re miítia!**
/pekâ+bẽ'e pesâ - tɨhɨ́ - de bĩí-ti- a/
fogo estar colocado-nom.fpan-ref trazer-imp
traga a panela que está (colocada) no fogo!

♦ Exemplos com os sufixos de forma retilínea (pau,...):
bɨê *flechar* **bɨekɨhɨ́** *flecha (ser retilíneo do flechar)*
ohâ *escrever* **ohakɨhɨ́** *caneta, lápis,...*

ou:

(576) **yɨ'ɨ̃ ohaákɨhɨre miítia!**
/yɨ'ɨ̃ ohâ - a-kɨhɨ́ -de bĩí-ti- a/
eu escrever-nom.fret.fut-ref trazer-imp
traga uma caneta para eu escrever! (um ser retilíneo do meu futuro escrever)

♦ Exemplos com os sufixos de forma tubular e oca (espingarda, canoa,...), cf. também exemplos 475, 476 e 477:

wi~~i~~ *voar* **wi~~i~~pi~~ɨ~~hí** *tubo de voar (avião,...)*
wa'â *ir* **wa'api~~ɨ~~hí** *tubo de ir (barco,...)*

ou:

(577) **poêwa siro niipi~~ɨ~~hí~~ɨ~~re wa'mi~~ɨ~~órã wa'â'**
/ poê-wa + sido dĩî - pi~~ɨ~~hí - de wã'bî~~-~~ o -dã wa'â- ' /
cachoeira+abaixo estar-nom.ftub-ref subir-caus-pl ir -pres.vist
vou fazer subir a (canoa) que está abaixo da cachoeira

12

Nomes gramaticalizados

Os morfemas que estudaremos neste capítulo são tradicionalmente conhecidos como "pronomes": pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos, etc. Em ye'pâ-masa, **tais pronomes** têm **o mesmo comportamento estrutural que os nomes**: ocupam as posições de argumentos verbais e possuem uma sufixação tipicamente nominal. Exemplos com os (pro)nomes pessoais **yɨ'ɨ̂** *eu* e **mɨ'ɨ̂** /bɨ̃'ɨ̂/ *tu, você* e com os sufixos nominais **-akã** *diminutivo*, **-ta** *especificador* e **-re** /-de/ *referencial*:
yɨ'ɨ<u>ákã</u> *euzinho*
mɨ'ɨ̂<u>ta</u> *tu mesmo*

(578) **yɨ'ɨ̂ mɨ'ɨ̂re paâ'**
/yɨ'ɨ̂ bɨ̃'ɨ̂-de paâ- ' /
eu tu -ref bater-pres.vist.outras pess.
eu te bato

(578') **mɨ'ɨ̂ yɨ'ɨ̂re paâ'**
/bɨ̃'ɨ̂ yɨ'ɨ̂-de paâ- ' /
tu eu-ref bater-pres.vist.outras pess.
tu me bates

Como se vê pelos exemplos (578) e (578'), as formas desses nomes gramaticalizados são **insensíveis à função sintática**. Em outras palavras, as formas não obedecem a nenhuma restrição estrutural. As marcas sintáticas com as quais elas se combinam não desencadeiam modificações formais: não há formas diferentes entre, por exemplo, a função sujeito e a função objeto, o sufixo referencial **-re** sufixando-se ao nome pessoal **yɨ'ɨ̂** *eu* para dar a forma **yɨ'ɨ̂<u>re</u>** *a mim* (lit. *a eu*).
A maioria desses (pro)nomes apresenta um paradigma de formas que os **assemelham aos deverbais estudados** no capítulo precedente. O leitor poderá verificar isso com as formas demonstrativas do quadro da página seguinte: as formas levam sufixada uma marca de gênero/forma/número que funciona como **cabeça nominal** e possuem também formas básicas, correspondendo aos deverbais em **-rí+** (cf. 11.5.). No entanto, **não possuem formas anteriores-perfectivas ou posteriores**, e várias irregularidades aparecem, especialmente com as formas animadas. Além disso, a raiz verbal de que derivariam essas palavras, se existir realmente, é totalmente desconhecida.
As propriedades destes paradigmas são pormenorizadamente examinadas em 12.1. com os nomes demonstrativos. O resto do capítulo descreve a anáfora, os pessoais (não-possessivos), o possessivo, a autófora, os interrogativos, os quantificadores e dois outros nomes altamente gramaticalizados.

12.1. Os demonstrativos

O quadro da página seguinte apresenta os paradigmas dos dois nomes demonstrativos do ye'pâ-masa, **a'tí+** *este* e **siî+** *aquele*:

a'tí+	este, esta...	inan.sg (**-rí+**)	**siî+**	aquele, aquela...
a'té	estes, estas	inan.pl & n-cont. (**-sehé**)	**sisé**	aqueles, aquelas
a'tó	este lugar, aqui	inan.lugar (**-ró**)	**sõ'ó**	aquele lugar, lá
ã'rí /ã'dí/	este, esta	an.-fsg (**-gɨ́**)	**sĩ'í**	aquele, aquela
a'tîgo	esta	an.+fsg (**-gó**)	**sikó**	aquela
ã'rá /ã'dá/	estes, estas	an.pl (**-rã́**)	**sõhá**	aqueles, aquelas
a'tîga	este roliço	frol.sg (**-ga**)	**sikágá**	aquele roliço
a'tepagá	estes roliços	frol.pl	**sisepagá**	aqueles roliços
a'tîrɨ /a'tî-dɨ/	esta panela	fpan.sg (**-rɨ**)	**sitɨ**	aquela panela
a'teparɨ́ /a'té-pa-dɨ/	estas panelas	fpan.pl	**siseparɨ́** /sisé-pa-dɨ/	aquelas panelas
a'tîgɨ	este retilíneo	fret.sg (**-gɨ**)	**sikɨ**	aquele retilíneo
a'tepagɨ́	estes retilíneos	fret.pl	**sisepagɨ́**	aqueles retilíneos
a'tîwɨ	este tubo	ftub.sg (**-wɨ**)	**sipɨ**	aquele tubo
a'tepawɨ́	estes tubos	ftub.pl	**sisepawɨ́**	aqueles tubos
a'tîwa	esta abóbada	fab.sg (**-wa**)	**sipá**	aquela abóbada
a'tepawá	estas abóbadas	fab.pl	**sisepawá**	aquelas abóbadas
a'tîra /a'tî-da/	este lago	f.lago/sg (**-ra**/	**sitá**	aquele lago
a'tepará /a'té-pa-da/	estes lagos	f.lago/pl	**sisepará** /sisé-pa-da/	aqueles lagos

① Para completar o quadro, mencionaremos outra forma em **-ró** do demonstrativo **a'tí+** *este*: trata-se de **a'tîro** /a'tî-do/ *desta maneira, assim (catafórico)*. Distingue-se de **tohô** *de tal maneira, assim (anafórico)*, como mostrado nos exemplos seguintes (**pahî** *ser grande*, **-gɨ́** *nom.-fsg*, **niî** /dĩî/ *ser*):
a'tîro pahigɨ́ niiámi *(ele) é grande assim (mostrando o tamanho com a mão)*
a'tîro niiámi: "..." *(ele) disse assim: "..."*
"...", tohô niiámi *"...", assim disse*

② Escolhe-se **a'tí+** *este* e **siî+** *aquele* conforme o ser mostrado está relativamente perto ou relativamente longe do falante. Exemplo com **wi'í** *casa*:
a'tí wi'i /a'tí+wi'i/ *esta casa (perto do falante, visível)*
siî wi'i /siî+wi'i/ *aquela casa (longe do falante, visível)*

Com **siî+**, o ser mostrado está sempre longe do falante; no entanto, pode estar perto do ouvinte:

(579) **siî me'e, mɨ'ɨ̃ tirokãha me'e...**
/ siî +bẽ'e bɨ̃'ɨ̃+ tido =kãha+bẽ'e/
aquele+fogo tu +perto= de +fogo
aquele fogo (longe de mim),perto de ti...

Usa-se o sufixo nominal **-pɨ** *focalizador* com **a'tí+** *este* para indicar que o ser mostrado está perto do falante, mas longe do ouvinte (cf. exemplo 312').

③ Comentaremos por partes o comportamento estrutural das formas demonstrativas deste quadro, o que vale também para a anáfora, o possessivo, os interrogativos e os quantificadores que estudaremos depois.
As formas da primeira linha do quadro (**a'tí+** e **siî+**) são as formas básicas (cf. 11.5.): são **sempre** seguidas por um nome inanimado contável singular que lhes serve de cabeça nominal. Sendo dependente, este nome é de regra **fonologicamente átono**. A relação **Demonstrativo+Cabeça nominal** é ainda uma relação do tipo **Complemento + Completado**. Exemplos com **wi'í** *casa* e **makâ** /bãkâ/ *povoado*:
a'tí wi'i /a'tí+wi'i/ *esta casa (casa daqui, deste ponto)*
siî wi'i /siî+wi'i/ *aquela casa (casa de lá, daquele ponto)*
a'ti maká /a'tí+bãka/ *este povoado (povoado daqui)*
siî maka /siî+bãka/ *aquele povoado (povoado de lá)*

Note que, no penúltimo exemplo, o nome **maka**, apesar de ser fonologicamente átono, capturou o tom próprio do demonstrativo **a'tí**, obedecendo assim à regra geral de deslocamento tonal (cf. 3.4.).
Exemplos com os nomes obrigatoriamente dependentes **daa** *fio de* e **paa** *prato de*:
a'ti daá /a'tí+daa/ *este fio (fio daqui)*
a'ti paá /a'tí+paa/ *este prato (prato daqui)*

O nome que segue o demonstrativo é obrigatoriamente singular. O plural dos nomes inanimados contáveis forma-se com **a'té** *estes (coisas daqui)* e **sisé** *aqueles (coisas de lá)*. Por exemplo, com **-ri** /-di/ *suf. nominal plural*:
a'té makâri niî' /a'té bãkâ-di dĩî-'/*estes são povoados (as coisas daqui são...)*
a'te makári niî' /a'té+bãka-di dĩî-'/ *são estes povoados (coisas daqui, povoados)*
a'te paári /a'té+paa-di/ *estes pratos*

Com os nomes inanimados não-contáveis, usa-se sempre as formas **a'té** e **sisé**. Exemplos com os nomes não-contáveis **moâ** /bõâ/ *sal* e **ohô** *vegetal banana*:
a'té moâ /a'té bõâ/ *este sal* (lit. *o ser não-contável daqui, sal*)
a'té ohô /a'té ohô/ *estas bananas, estes cachos, etc.* (lit. *o ser não-contável daqui, vegetal banana*)

e nunca: ***a'ti moá**, ***a'ti ohó**.

Quando se quer precisar a forma, usa-se um nome dependente (**paro** /pado/ *fruta oblonga de*, **yõo** *pé de*, etc.) com as formas demonstrativas **a'tí+** e **siî+**:
a'ti paró /a'tí+pado/ *esta fruta oblonga*
a'ti yõó /a'tí+yõo/ *este pé (de bananas,...)*
a'ti paró ohô paro niî' /a'tí+pado ohô+pado dĩî-'/ *isto é banana* (lit. *a fruta daqui é fruta oblonga do vegetal banana*)

No último exemplo, note a repetição da cabeça **paro**. No entanto, escuta-se também, às vezes, o enunciado: **a'tí ohô paro niî'** *isto é banana*.

④ Contrariamente às formas básicas, as formas de todas as outras linhas são **formas independentes**: não são seguidas por um nome fonologicamente átono porque já levam **sufixada nelas a própria cabeça nominal**. Por exemplo, as formas demonstrativas independentes **a'té** *estes, estas (coisas daqui)* e **sisé** *aqueles, aquelas (coisas de lá)* são formadas com o sufixo **-ye** *inan.pl & n-cont.* (cf. 11.2.), que lhes serve de cabeça nominal: **a'té < *a'tí-ye** (talvez: **> a'tíe > a'tié > a'té**), **sisé < *sií-ye**.
As formas **a'té** e **sisé** funcionam como demonstrativos associados a todo tipo de **entidades inanimadas plurais ou não-contáveis**. O leitor poderá examinar novamente os exemplos dados em 12.1.③, como:
a'té moâ *este sal* (lit. *o ser não-contável daqui, o sal*)

que funciona como uma locução nominal apositiva especificadora, com duas unidades tonais (cf. 16.5.). Com efeito, **moâ** *sal* não funciona como cabeça nominal de **a'té**, como a tradução enganadora poderia sugeri-lo, a cabeça da palavra **a'té** *coisas daqui* já sendo incluída nela: **moâ** é um nome aposto que aparece somente quando a clareza da expressão o exige. Compare:
a'té o'ôya! *dê este! (o ser não-contável daqui)*
moâ o'ôya! *dê o sal!* (**o'ô** *dar*, **-ya** *imperativo*)

Como veremos em 16.5., não há cohesão sintática entre dois nomes simplesmente justapostos, como em:

a'té moâ niî' *é este sal (é o ser não-contável daqui, o sal)* ou: *este é sal*

a não ser que a relação entre eles seja do tipo **n.indep.+n.dep.** (nome dependente sem tom próprio), como em:
a'tí wi'i *esta casa (casa daqui)*

Estas formas marcam também a "concordância" com os deverbais abstratos (nomes secundários). Exemplo com **ba'asehé** *comida* (**ba'â** *comer*, **-sehé** *nom.inan.pl*):
a'té ba'asehé *esta comida*
sisé ba'asehé *aquela comida*

♦ As formas inanimadas **a'tí+**, **siî+**, **a'té** e **sisé** entram frequentemente em expressões que medem a distância temporal de certos períodos:
a'ti semára *esta semana (de agora)* (**semara** *semana de*)
siî semara *a semana passada*
a'te semárari *estas semanas (de agora)*
sise semárari *as semanas passadas*
a'tí kɨ'ma *este ano (de agora)* (**kɨ'ma** /kɨ̃'ba/ *ano de*)
siî kɨ'ma *o ano passado*
a'ti muhí-pũu *este mês* (**muhi-pũu** /mũhi-pũu/ *mês de*)
siî muhi-pũu *o mês passado*
a'ti nɨmɨ́ *o dia de então* (**nɨmɨ** /dɨ̃bɨ/ *dia de*)
siî nɨmɨ *aquele dia (passado)*

Para expressar o futuro, cf. o uso de **apé+** *outro* em 12.8.

⑤ As formas da terceira linha são os demonstrativos de lugar (locativo): **a'tó** *esta parte, aqui (a parte daqui)* e **sõ'ó** *aquela parte, lá (a parte de lá)*:

(580) **a'topɨ́ a'tiá!**
/a'tó-pɨ a'tî- a/
aqui-foc vir-imp
venha até aqui!

Marcam também a concordância com os deverbais em **-ró** (cf. 11.6.) e com alguns nomes que levam o sufixo nominal **-ro** no singular (como **su'tí** *roupas*):
a'tó kití-tɨ'oró *este rádio* (**kití-tɨ'ó** *ouvir notícias*, cf. 11.6.⑤)
a'tó duhiró *esta cadeira* (**duhî** *estar sentado*)
a'tó su'tîro *esta roupa*
sõ'ó su'tîro *aquela roupa*

o plural formando-se com **a'té** ou **sisé**: **a'té su'tí** *estas roupas*, **sisé su'tí** *aquelas roupas*.
Outro exemplo de concordância:

(581) **a'tó butiró niî', sõ'ó ya'saró niî'**
/a'tó butî - dó dĩî- ' sõ'ó ya'sâ- dó dĩî- ' /
esta branco-nom.lugar ser-pres.vist aquela verde-nom.lugar ser-pres.vist
esta (roupa, cadeira,...) é branca, aquela é verde

onde os demonstrativos **a'tó** e **sõ'ó**, os deverbais **butiró** e **ya'saró** referem-se a um nome singular em **-ro** ("roupa", "cadeira", "rádio", etc.).

Com os outros nomes primários que levam o sufixo **-ro** no singular (cf. 8.6.), as formas demonstrativas preferidas no singular são **a'tí+** e **siî+**, e não **a'tó** ou **sõ'ó**. Em outras palavras, o sufixo **-ro** é sentido como simples marca do singular e não desencadeia mais a sua concordândia apropriada. Exemplos com **atá** *fornos* (**atâro** *sg*) e **kutî-** *peito* (**kutîro** *sg*, **kutîri** *pl*):

a'ti atáro /a'tí+ata-do/ *este forno* **a'te atá** /a'té+ata/ *estes fornos*
a'ti kutíro /a'tí+kuti-do/ *este peito* **a'te kutíri** /a'té+kuti-di/ *estes peitos*

Assinalaremos, para terminar, um uso muito produtivo de **sõ'ó** numa construção anafórica com o verbo **niî** /dĩî/ *estar*, nominalizado nas formas perfectivas:

sõ'ó niî'ka+ *a coisa que estava lá, aquela coisa*
sõ'ó niî'ke *as coisas que estavam lá, aquelas coisas*
sõ'ó niî'kɨ *o ser an.-fsg que estava lá, aquele ser*
sõ'ó niî'ko *o ser an.+fsg que estava lá, aquele ser*, etc.

Expressa que a entidade à qual se refere o falante foi explicitadamente mencionada bastante tempo atrás: é uma anáfora a distância. Por exemplo:

(582) **sõ'ó niî'kere mɨsâ wiá tohari?**
/sõ'ó dĩî - 'ke -de bɨ̃sâ wiá +toha- di /
lá estar-nom.inan.pl.perf-ref vocês devolver+ já -p.cad.vist.int
vocês já devolveram aquelas coisas?

⑥ Os demonstrativos animados:
ã'rí /ã'dí/ *este, esta (ser an.-fsg daqui)*
a'tîgo /a'tî-go/ *esta (ser an.+fsg daqui)*
ã'rá /ã'dá/ *estes, estas (seres an.pl. daqui)*
sĩ'í,... *aquele, aquela (ser an.-sfg de lá)*, etc.

têm formas bastante difíceis de segmentar. Note em particular a nasalização das formas -fsg e a laringalização da forma **sĩ'í** (como a forma locativa **sõ'ó**). Alguns exemplos:

(583) **ã'riré paaápɨ**
/ã'dí-de paâ - a-pɨ /
este-ref bater-p.rec.vist
bati neste (menino, homem, cachorro,...)

(584) **sĩ'í yaîre wẽheápɨ**
/ sĩ'í yaî -de wẽhé - a-pɨ /
aquela onça-ref matar-p.rec.vist
matei aquela onça

Compare também (**ɨmí** /ɨ̃bí/ *macho, homem*):
ã'rá ɨmɨá /ã'dá ɨ̃bí-a/ *estes machos (os seres an.pl daqui, machos)*

com o idiomatismo:
ã'ra ɨmɨá /ã'dá+ɨ̃bi-a/ *os empregados destes* (lit. *os "machos" destes*)

⑦ Exemplos de demonstrativos com sufixos de forma (cf. 8.7.):
a'tîga kiigá *este tubérculo de mandioca* (**kií** *mandioca*)
a'tepagá kiipagá *estes tubérculos de mandioca*
a'tîrɨ peêruɨ *esta panela de caxiri* (**peêru** *caxiri*)

a’tepar<u>ɨ́</u> peêrupar<u>ɨ</u> *estas panelas de caxiri*

ou simplesmente, se o contexto o permitir (o que é o mais frequente):
a’tîg<u>a</u> *esta fruta redonda, este tubérculo*
a’tepag<u>á</u> *estas frutas redondas, estes tubérculos*
a’tîr<u>ɨ</u> *esta panela (de metal, de argila, de caxiri,...)*
a’tepar<u>ɨ́</u> *estas panelas*

Nas conversações de todos os dias, os plurais desses demonstrativos simplificam-se quando seguidos pelo nome que precisa o seu referente. Ouve-se então:
a’té kiipagá *estes tubérculos de mandioca*
a’té peêrupar~~ɨ~~ *estas panelas de caxiri*

Com as partes do corpo que levam o sufixo nominal **-(g)a** *frol* no singular, os demonstrativos preferidos são **a’tí+** ou **siî+**, e não **a’tîga** ou **sikáˈ**. Em outras palavras, **-(g)a** funciona como uma simples marca de singular e não desencadeia mais a sua concordância apropriada. Exemplo com **ka’pê-** *olho* (**kapê(g)a** *sg*, **kapêri / kapepagá** *pl*): **a’ti kapé(g)a** /a’tí+kape-ga/ *este olho*, **a’te kapéri** /a’té+kape-di/ *estes olhos*.

12.2. A anáfora *tií+*

12.2.1. O quadro seguinte apresenta o paradigma de formas da anáfora **tií+** *tal (menção precedente)*:

tií+	já mencionado: tal (coisa) [inan.sg]	**tigá** /tií-ga/ **teepagá**	tal roliço tais roliços
teé	tais coisas [inan.pl & n-cont.]	**tir~~ɨ~~́** /tií-d~~ɨ~~/ **teepar~~ɨ~~́** /teé-pa-d~~ɨ~~/	tal panela tais panelas
toó	tal lugar, tal parte	**tig~~ɨ~~́** /tií-g~~ɨ~~/ **teepag~~ɨ~~́**	tal retilíneo tais retilíneos
k~~ɨ̃~~ĩ	tal pessoa: ele, ela [an.-fsg]	**tiw~~ɨ~~́** /tií-w~~ɨ~~/ **teepaw~~ɨ~~́**	tal tubo tais tubos
koô	tal pessoa: ela [an.+fsg]	**tiwá** /tií-wa/ **teepawá**	tal abóbada tais abóbadas
naâ /dãâ/	tais pessoas: eles, elas [an.pl]	**tirá** /tií-da/ **teepará** /teé-pa-da/	tal lago tais lagos

Existe também outra forma em **-ró**. Trata-se de **tohô** *de tal maneira, assim*, cujo funcionamento foi descrito em 12.1.①.
Escrevemos: **tigá**, **tig~~ɨ~~́**, **tir~~ɨ~~́**,... e não: **tiigá**, **tiig~~ɨ~~́**, **tiir~~ɨ~~́**,...por causa do reajustamento à estrutura bimoraica da língua, evidenciado, por exemplo, em: **tigaré** /tigá-de/ *para tal tubérculo*, e não: ***tiigáre** (a regra de deslocamento tonal não sendo iterativa).

12.2.2. A anáfora **tií+** refere-se ao “já citado” ou “já mencionado” na oração anterior. Ela sempre remete **ao que acabou de dizer o falante ou o ouvinte**, opondo-se assim à construção anafórica distante em **sõ’ó** estudada em cf. 12.1.⑤, que remete a um lapso de tempo relativamente mais longo. Exemplos com **tií+** *(ser.inan.sg) de menção precedente*, **teé** *seres inan.pl, ser não-contável de menção precedente* e **toó** *lugar de menção precedente*:

(585) **...paharą̃ masá etâwã, tii makápɨre**
/pahá-dã bãsá etâ - wã tií + bãka - pɨ -de/
muitas pessoas chegar-p.cad.vist ana+povoado-foc-ref
...muita gente chegou, naquele povoado (que acabo de citar)
(o falante tinha dito antes: "um certo dia, cheguei em um povoado onde os moradores faziam uma festa")

(586) **teeré miítia!**
/teé-de bĩí-ti- a/
ana-ref trazer-imp
traga aquilo! (os objetos, a água, etc., de que você acaba de falar)

(587) **...toopɨre, naâ me'ra peêru sĩ 'riápɨ**
/toó- pɨ -de dãâ+bẽ'da peêdu sĩ'dí - a-pɨ /
ana-foc-ref eles+ com caxiri beber-p.rec.vist
...lá (em tal lugar, no lugar que acabo de citar), bebi caxiri com eles

A forma básica **tií+** é **sempre** seguida pelo nome inanimado contável singular que lhe serve de cabeça nominal. Exemplos com **wi'í** *casa* e **daa** *fio de*:
tií wi'i /tií+wi'i/ *tal casa (casa de menção precedente)*
tii daá /tií+daa/ *tal fio (fio de menção precedente)*

As **outras formas são independentes**, a cabeça nominal estando já sufixada nelas. O nome associado à entidade à qual se refere a anáfora aparece quando a clareza da expressão o exige. Exemplos:
teé ãyusehé niĩ' *tais (casas, fios,...) são bonitos; tal ser não-contável (água, vegetal,...) é bonito* (**ãyú** *ser bonito*, **-sehé** *nom.inan.pl*)
tigá (kiigá) *tal (tubérculo de mandioca)* (**kií** *mandioca*)

Evidências comparativas e semânticas mostram que as formas animadas: **kį̃** *ele, ela (-fsg)*, **koô** *ela (+fsg)* e **naâ** /dãâ/ *eles, elas (pl)*, apesar de parecer bastante irregulares, pertencem ao paradigma da anáfora **tií+**. Com efeito, as formas anafóricas animadas conservaram a sua raiz **ti-** em várias línguas da mesma família (por exemplo, em pira-tapuyo: **tikiro** *ele, ela*, **tikoro** *ela*, **tikina** *eles, elas*). Estas três formas têm um significado sempre anafórico que estudaremos em 12.3.

12.2.3. A anáfora é um dos morfemas mais empregados da língua ye'pâ-masa. Aparece em expressões usadíssimas, como:
tootá *aí mesmo*
tee nohóta *as mesmas coisas*
tiîta *naquele tempo referido, então*
tiîta pũrikã, **too pũríkã** *então,...* (cf. 9.12.)
toó be'ro, **teé be'ro** *depois disso,...*
toô kã'rota *só isso*
toô maha paka *tanto*
tohôta *assim mesmo*
toho weégɨ' *por isso,...* (cf. 10.5.)
toho weerí tero *naquele momento,...*
toho weé (toha) *(já) feito assim,...*

Várias destas expressões são marcas de coesão discursiva ou servem de conexão entre as orações. Por exemplo:

(588) **semê ba'aápɨ; toho weé, kãrigɨ wa'aápɨ**
/sẽbê ba'â - a-pɨ tohô weé kãdí - gɨ wa'â- a-pɨ /
paca comer-p.rec.vist assim fazer dormir- -fsg ir -p.rec.vist
comi paca; feito assim, fui dormir

12.3. Os nomes pessoais (não-possessivos)

As seguintes formas de pessoais fazem sempre referência **a ser(es) animado(s)**:

yɨ'î *eu (1ª p.sg)*		**ĩsâ** *nós exclusivo (1ª p.pl)*
mɨ'î /bɨ̃'ɨ̂/ *tu, você (2ª p.sg)*		**mɨsâ** /bɨ̃sâ/ *vocês (2ª p.pl)*
	marî /bãdî/ *nós inclusivo (1ª p.pl)*	
kɨ̃ɨ̃ *ele, ela (3ª -fsg)*	**koô** *ela (3ª +fsg)*	**naâ** /dãâ/ *eles, elas (3ª pl)*

As formas da 1ª pessoa do plural **ĩsâ** *nós exclusivo* e **marî** *nós inclusivo* permitem uma distinção entre a exclusão e a inclusão do(s) ouvinte(s).
As formas da 3ª pessoa são os anafóricos estudados em 12.2. Nunca têm valor demonstrativo. Quando se quer dar um valor demonstrativo, como no exemplo seguinte, usa-se obrigatoriamente um dos demonstrativos estudados em 12.1.:

(589) **- noá semêre ba'aáti? - ã'rí ba'aámi**
/ dõá sẽbê-de ba'â - a-ti ã'dí ba'â - a-bĩ /
quem paca-ref comer-p.rec.vist-int este comer-p.rec.vist
- quem comeu a paca? - ele (a comeu) (mostrando com a mão ou os lábios)

A forma **kɨ̃ɨ̃** usa-se para qualquer entidade de sexo masculino ou para qualquer animal:

(590) **kɨ̃ɨ̃ pahigɨ́ niimi**
/ kɨ̃ɨ̃ pahî - gɨ́ dĩî- bĩ /
ele/ela ser grande-nom.-fsg ser-pres.vist
ele é grande (homem, cachorro, papagaio), ela é grande (anta, onça)

Como em português, os pessoais são sempre facultativos:
yɨ'î ba'aápɨ *eu comi*
koô ba'aámo *ela comeu*
ba'aápɨ *comi*
ba'aámo *comeu*

No entanto, são frequentemente empregados:
- nas orações copulativas:
yɨ'î ɨmɨ́ niî' *eu sou homem* (**ɨmɨ́** *homem*)
- nas orações imperativas:
mɨsâ, ba'âya! *comam, vocês!* (**ba'â** *comer*, **-ya** *imperativo*)
- nas respostas do tipo: "(sou) eu" às perguntas do tipo: "quem é?".
- ou, simplesmente, sempre que a ênfase ou a claridade da expressão o exige. Os sufixos verbais **-'**, **-a-pɨ**, etc., *outras pessoas* são teoricamente imprecisos em relação à pessoa ("eu", "tu", "nós" ou "vocês"?) e as formas verbais interrogativas não dão nenhuma informação sobre a pessoa (cf. 5.5.). Por isso, recorre-se a um nome pessoal, caso houver ambiguidade.
Os nomes pessoais são frequentemente associados aos numerais:
marî pɨ̃ɨ̃rã *nós dois* (**pɨ̃ɨ̃rã** /pɨ̃ɨ́-a-dã/ *dois*)
mɨsâ i'tiárã *vocês três* (**i'tiárã** /i'tí-a-dã/ *três*)

As construções do tipo **(pro)nome + nome**, quando os dois elementos têm a mesma referência nominal, são também extremamente comuns:
mɨsâ numiâ *vocês mulheres* (**numiâ** /dũbî-a/ *mulheres*)
naâ ɨmɨá *eles os homens* (**ɨmɨá** /ɨ̃bɨ́-a/ *homens*)
kɨ̃ɨ̃ ûhuri *ele o jabuti* (**ûhuri** /ûhudi/ *jabuti*)

Servem, como nos dois primeiros exemplos, para precisar se se trata de homens ou de mulheres, ou, em regra geral, para focalizar a entidade ou para não deixar dúvida sobre a sua referência.

12.4. O possessivo *yaá+*

12.4.1. A forma básica possessiva **yaá+** *possessão de (possuído por)* aparece precedida pelo possessor e seguida pelo possuído (neste caso, um nome inanimado contável que perde o seu tom próprio), conforme a fórmula seguinte:

(I) possessor yaá + possuído

Exemplos com os nomes possuídos **wi'í** *casa* e **wesé** *roça*:
Péduru yaá wi'i /Pédudu yaá+wi'i/ *a casa de Pedro (casa de possessão de P.)*
wiôgɨ yaa wesé /wiô-gɨ yaá+wese/ *a roça do chefe (roça de possessão do chefe)*

Quando o possessor é um nome pessoal que não seja ego (**mɨ'î** *você*, **marî** *nós*, **koô** *ela*, etc.), um interrogativo, um demonstrativo ou o nome gramaticalizado **ãpí** *outro*, a construção esquematizada pela fórmula acima forma **uma unidade tonal**:

(I') possessor + yaá + possuído

o tom do possessor passando inexplicadamente para o possessivo. Exemplos de construção (I'):
mɨ'ɨ yaá wi'i /bɨ̃'ɨ+yaá+wi'i/ *a tua casa (casa de possessão de ti)*
koo yaá wi'i *a casa dela*
koo yaá wese *a roça dela*
naa yaá wi'i *a casa deles*
mari yaá wi'i *a nossa casa (casa de possessão de nós)*
mɨsa yaá wi'i *a casa de vocês*
noa yaá wi'i? *a casa de quem?*
ã'ri yaá wi'i *a casa deste (homem)*

Quando o possessor é ego (1p.sg), a construção simplifica-se:

(I'') yaá + possuído *meu/minha...*

Em outras palavras, o possessor **yɨ'î** *eu* não aparece. Comparações com outras línguas da mesma família (onde o possessor 1ª p.sg é presente neste tipo de construção) sugere que, diacronicamente, o pessoal **yɨ'î** desapareceu da construção na língua ye'pâ-masa. Exemplos de construção (I''):
yaá wi'i /yaá+wi'i/ *a minha casa [casa de possessão (de eu)]*
yaa wesé /yaá+wese/ *a minha roça [roça de possessão (de eu)]*

12.4.2. As outras formas são independentes: combinam-se com o possuído que aparece sob forma de sufixos. Todas as formas possessivas são apresentadas no quadro seguinte:

yaá+	inan.sg de possessão de	**yagá** /yaá-ga/ **yeepagá**	roliço de poss. de roliços de poss. de
yeé	inan.pl & n-cont. de possessão de	**yarɨ́** /yaá-dɨ/ **yeeparɨ́** /yeé-pa-dɨ/	panela de poss. de panelas de poss. de
yaró /yaá-do/	parte de possessão de	**yagɨ́** /yaá-gɨ/ **yeepagɨ́**	retilíneo de poss.de retilíneos de poss.de
yagɨ́ /yaá-gɨ/	an.-fsg de possessão de	**yawɨ́** /yaá-wɨ/ **yeepawɨ́**	tubo de poss. de tubos de poss. de
yagó /yaá-go/	an.+fsg de possessão de	**yawá** /yaá-wa/ **yeepawá**	abóbada de poss. de abóbadas de poss. de
yarã́ /yaá-dã/	an.pl de possessão de	**yará** /yaá-da/ **yeepará** /yeé-pa-da/	lago de poss. de lagos de poss. de

12.4.3. As formas não básicas deste quadro não podem ser realmente qualificadas de independentes, já que o possessor (a não ser ego) aparece obrigatoriamente antes delas. As fórmulas (I), (I') e (I'') são ainda válidas, o possuído sendo combinado com o possessivo sob forma de sufixo:
Péduru yeé *as coisas de P. (casas, roças,...), o ser não-contável de P. (água, farinha)*
mari yeé *as nossas coisas, o nosso ser não-contável*
yeé *as minhas coisas, o meu ser não-contável*
yaró *a minha parte (roupa, rádio, cadeira,...)* (cf. 12.1.⑤)
mari yagɨ́ *o nosso animal de possessão*
mari yarã́ *os nossos animais de possessão*
yagó *o meu animal de possessão feminino (cachorra, gata,...), a minha namorada*
noa yawɨ́? *canoa, avião de quem?*
noa yeépawɨ? *canoas, aviões de quem?*

Quando a clareza o exige, a referência ao possuído efetua-se com um nome aposto. Exemplos com **akó** *água*, **su'tí** *roupas* (**su'tîro** *sg*), **diâyɨ** *cachorro* e **kií** *mandioca*:
yeé akó *a minha água (o ser não-contável de possessão (de eu), água)*
mɨ'ɨ yeé akó *a água de você (o ser não-contável de possessão de você, água)*
yaró su'tîro *a minha roupa*
yagɨ́ diâyɨ *o meu cachorro*
yagá kiigá *o meu tubérculo de mandioca*
yee(pagá) kiipagá *os meus tubérculos de mandioca*

12.4.4. Este tipo de possessão em **yaá+** usa-se para todo tipo de possessão alienável (objetos, casa, roça, animais domésticos). O possessivo **yaá+** nunca se usa com os **termos de parentesco**. Neste caso, o (pro)nome pessoal precede diretamente o termo de parentesco. Exemplos com **pakó** *mãe*:
yɨ'ɨ̂ pako /yɨ'ɨ̂+pako/ *minha mãe (mãe de eu)*
ɨ̃sâ pako /ɨ̃sâ+pako/ *nossa mãe (mãe de nós)*
koô pakó /koô pakó/ *mãe dela*
Péduru pakó *mãe de Pedro*

O leitor achará uma lista de termos de parentesco e a maneira pela qual esses termos se estruturam entre si no anexo do dicionário. Os termos de parentesco mudam de tom conforme o nome pessoal ou o nome próprio que os precede. Extremamente complexas, essas regras de mudança tonal são pormenorizadamente descritas naquele anexo. Apesar desta complexidade, nota-se que, em regra geral, os termos de parentesco precedidos

por um pessoal na 1ª ou 2ª pessoa do singular ou do plural ou por um demonstrativo tornam-se dependentes, perdendo o seu tom próprio, enquanto eles permanecem independentes, com o seu tom próprio, quando forem precedidos por um pessoal na 3ª pessoa ou por um nome próprio (cf. os exemplos acima com **pakó**). Em poucas palavras, **o termo de parentesco torna-se dependente quando o "possessor" está em vista**.
Com as **partes do corpo e outras partes ontológicas**, o uso do possessivo **yaá+** é facultativo, a construção "direta" típica dos termos de parentesco, com o nome pessoal precedendo diretamente a parte do corpo, sendo também muito comum. A expressão deste tipo de possessão inalienável flutua consideravelmente conforme o locutor. Exemplo com **ɨsô** *coxa:*
yaa ɨsó /yaá+ɨso/ *a minha coxa*
yɨ'î ɨsô *idem*
mɨ'ɨ yaá ɨso /bɨ̃'ɨ+yaá+ɨso/ *a tua coxa*
mɨ'î ɨsô *idem*

Na construção "direta", a parte do corpo pode perder o seu tom próprio. As regras, apesar de flutuar extremamente de um locutor para outro, poderiam ser resumidas da forma seguinte: **o nome associado à parte do corpo ou ontológica torna-se dependente quando o "possessor" não a "possui" mais**. Compare, com **wekî** *vaca*, **õpekő** *leite*, **yaî** *onça*, **õ'â** *osso*:
wekî õpekő *leite da vaca (nas tetas da vaca que vejo)*
wekî õpekõ /wekî+õpe-kõ/ *leite de vaca (na mesa, dentro do copo)*
yɨ'î õ'â *meu osso (parte do meu corpo)*
yaî õ'a /yaî+õ'a/ *osso de onça (osso que guardo, a onça já tendo morrido)*

O sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial* é também muito usado nas construções possessivas inalienáveis (cf. 8.12.). Por exemplo (cf. também exemplo 334):

(591) **kɨ̃ɨ̃re pĩkôro niî'**
/kɨ̃ɨ̃-de pĩkô-do dĩî- ' /
ele-ref cauda ser-pres.vist
ele tem uma cauda (lit. *nele, existe uma cauda*)

Para o uso do sufixo **=kãha** *oriundo de, proveniente de*, *procedente de*, cf. 14.3.

12.4.5. Assinalaremos, para terminar, um uso da forma possessivo **yeé** *poss.inan.pl* com o deverbal **uúkũsehe** *fala, língua (falada)* (**uúkũ** *falar*, **-sehé** *nom.inan.pl*):
ye'pâ-masa yeé uúkũsehe *língua dos ye'pâ-masa*
pekâsãha yeé uúkũsehe *língua dos não-índios* (**pekâsãha** /pekâ+bãsa/ *não-índios*)

ou, mais comumente: **ye'pâ-masa yeé**, **pekâsãha yeé**.

12.5. A autófora *opâ+*

A autófora **opâ+** *entidade genérica* funciona como uma pro-forma nominal que equivale a todos os outros nomes. **opâ+** é **sempre** seguido por um **nome dependente** ou por um **sufixo de forma** (**-ga** *forma roliça*, **-gɨ** *forma retilínea*, etc.):
opâ pĩhi /opâ+pĩhi/ *ser em forma de lâmina, lâmina de ser* (**pĩhi** *lâmina de*)
opâga *ser em forma roliça, roliço de ser*

Usa-se a mesma forma para o singular ou o plural:

opâ pĩhiri /opâ+pĩhi-di/ *seres em forma de lâmina, lâminas de seres*
opapagá *seres em forma roliça, roliços de seres* (para o plural dos sufixos de forma, cf. 8.7.)

A autófora utiliza-se frequentemente quando não se pode especificar a entidade qualificada (cf. também exemplo 354):

(592) **opâ pa'ta niî'**
/ opâ + pa'ta dĩî- ' /
autófora+paralelepípedo ser-pres.vist
é uma coisa em forma de paralelepípedo (é um paralelepípedo de ser)

Usa-se também quando se quer precisar a forma de uma entidade de forma bem definida. Exemplo com o nome não-contável **mipî** /bĩpî/ *vegetal açaí*:

(593) **mipî opâ yõo niîwɨ**
/bĩpî opâ + yõo dĩî- wɨ /
açaí autófora+palmeira ser-p.cad.vist
açaizeiro tem forma de palmeira (o vegetal açaí é uma palmeira de ser, um ser em forma de palmeira)

Outros exemplos (cf. também exemplo 355):

(594) **ãrɨ koo opâ di'a niî'**
/ãdɨ + koo opâ +di'a dĩî- ' /
cana+caldo autófora+puro ser-pres.vist
é caldo de cana puro (o caldo de cana é um puro de ser)

(595) **pu'tigá opâ yɨbɨ niî'**
/pu'tí -ga opâ + yɨbɨ dĩî- ' /
massa-frol autófora+esférico ser-pres.vist
a bola de massa é redonda (é um esférico de ser)

12.6. Os interrogativos

A língua possui dois interrogativos: o interrogativo de tipo seletivo **diî+** *qual?* e o interrogativo de tipo geral **yẽ'é** *o quê?*.

12.6.1. O quadro seguinte apresenta o paradigma do **interrogativo seletivo**, cuja forma básica é **diî+** *qual?*:

diî+...?	qual...? (inan.sg)	**dikáʔ**	qual roliço?
disé?	quais? (inan.pl)	**ditɨʔ**	qual panela?
no'óʔ /dõ'ó/	que parte?, onde?	**dikɨʔ**	qual retilíneo?
ni'íʔ /dĩ'í/	o qual? (an.-fsg)	**dipɨʔ**	qual tubo?
dikóʔ	a qual? (an.+fsg)	**dipáʔ**	qual abóbada?
nohá? /dõhá/	os quais? (an.pl)	**ditáʔ**	qual lago?

Os plurais das seis últimas formas são: **disepagá**, **diseparɨ** /disé-pa-dɨ/, **disepagɨ**, **disepawɨ**, **disepawá** e **disepará** /disé-pa-da/.
Para completar o quadro, mencionaremos duas formas que, ao nosso ver, pertencem ao mesmo paradigma:

de'ró? /de'dó/ *de que maneira?, como?*
noá? /dõá/ *quem?(sg ou pl)*

O interrogativo seletivo é a marca de uma pergunta seletiva dentro do conhecido:

(596) **diî wi'i mɨ'ɨ̃ weeáti?**
/diî +wi'i bɨ̃'ɨ̃ weé - a -ti/
qual+casa tu fazer-p.rec.vist-int
qual é a casa que você fez?

(597) **no'ó wa'âti?**
/dõ'ó wa'â- ti /
onde ir -pres.vist.int
aonde vai?

(598) **noá a'teré weerósari?**
/ dõá a'té- de weé -do-sa-di/
quem isto-ref fazer- fut -int
quem fará isto? (resposta: - Pedro)

(599) **nohá ba'ârosari?**
/ dõhá ba'â -do-sa-di/
os quais comer- fut -int
os quais comerão? (resposta: - estes)

(600) **noharé da'rarã́ bokaáti?**
/ dõhá -de da'dá - dã́ boká - a -ti/
os quais-ref trabalhar-nom.pl encontrar-p.rec.vist-int
os quais dos trabalhadores (você) encontrou?

(601) **noha nohó niîti, ã'rá?**
/ dõhá +dõho dĩî- ti ã'dá/
os quais+ tipo ser-pres.vist.int estes
de que grupo são estes? (lit. *tipo quais são estes?*)

Os interrogativos são muito usados com a palavra dependente **noho** *como, tipo* (cf. 9.10.), como no exemplo (601).
Note, nos exemplos (598, 599), a concordância verbal com os interrogativos **noá?** *quem?* e **nohá?** *os quais?*: usou-se uma forma verbal com o sufixo inanimado **-ro**, apesar destes interrogativos fazerem referência a animados. No entanto, uma forma com um sufixo animado (**-gɨ** ou **-rã**) seria igualmente correta.

♦ Exemplos com **de'ró?** *de que maneira?, como?*:

(602) **de'ró niîgɨ' weetí?**
/de'dó dĩî - gɨ' weé - ti /
como dizer-impl.ms v.aux.-pres.vist.int
o que está dizendo? (como está dizendo?)

(603) **de'ró weé, mɨ'ɨ̃ do'âtiri?**
/de'dó weé bɨ̃'ɨ̃ do'â=ti - di /
como fazer tu adoecer-p.cad.vist.int
por que motivo você adoeceu? (lit. *fazendo como você adoeceu?*)

O interrogativo **de'ró** entra na composição de várias expressões, como **de'ró niikã́?** *quando?* e **de'ró weégɨ'?** *por que?* (cf. exemplos 457 e 472).

♦ Outros exemplos:
diî maka? /diî+bãka/ *qual povoado?* (**makâ** /bãkâ/ *povoado*)
dise makári? /disé+bãka-di/ *quais povoados?*
disé akó? *qual água?* (**akó** *água*)
no'ó su'tîro? /dõ'ó su'tî-do/ *qual roupa?* (**su'tîro** *roupa*)
diká kiigá? /diká kií-ga/ *qual tubérculo de mandioca?* (**kií** *mandioca*)

As regras são as mesmas: enquanto a forma básica **diî+** é sempre seguida pela sua cabeça nominal (inanimado contável singular sem tom próprio), as outras formas (**disé**, **no'ó**, **diká**,...) são independentes, o nome ao qual elas fazem referência podendo aparecer como aposto para a clareza da expressão. Quando **disé** refere-se a um nome contável plural, este (quando expresso) torna-se geralmente dependente (como no exemplo: **dise makári?** *quais povoados?*).

12.6.2. O interrogativo de **tipo geral** tem as formas seguintes:

yẽ'é? *que ser?, o quê? (inanimado)*
yamí? /yãbá-gɨ/ *que ser? (an.-fsg)* **yamó?** /yãbá-go/ *que ser? (an.+fsg)*
yamârã? /yãbâ-dã/ *que seres? (an.pl)*

Por exemplo:

(604) **yẽ'eré ɨasarí?**
/ yẽ'é -de ɨá - sa -di/
o quê?-ref querer-pres.sent-int
o quê (você) quer?

(605) **yẽ'e nohó ba'aáti?**
/ yẽ'é +dõho ba'â - a -ti/
que ser?+ tipo comer-p.rec.vist-int
o quê (você) comeu? (lit. *que tipo de ser inanimado...?*)

(606) **yamârãre wẽheáti?**
/ yãbâ-dã -de wẽhé- a -ti/
que seres?-ref matar-p.rec.vist-int
que seres matou?

Os interrogativos de tipo geral usam-se também como suspensivo, quando o falante tente lembrar um ser esquecido:

(607) **yamârã... moârã paharã di'akɨhɨ niîwã**
/ yãbâ-dã bõâ-dã+paha-dã+di'a-kɨhɨ dĩî - wã /
suspensivo moscas+ muitas +somente estar-p.cad.vist
só havia...como é?...ah!, muitas moscas

12.6.3. O sufixo verbal interrogativo (**-ti** ou **-ri**) aparece obrigatoriamente em todos os tipos de pergunta (pergunta polar ou pergunta com palavra interrogativa, cf. 5.5.).
Os interrogativos usam-se também como indefinidos. Neste caso, o verbo não leva nenhum sufixo interrogativo:
1) **no'ó** /dõ'ó/ e **de'ró** /de'dó/ podem empregar-se no sentido de "qualquer":
no'ó niiró *qualquer (lugar, roupa,...)* (**niî** /dĩî/ *estar*, **-ró** *nom.lugar*)
no'ó niisehé *qualquer coisa* (**-sehé** *nom.inan.pl*)

no'ó niirí nɨmɨ *qualquer dia* (**-rí** *nom.inan.sg*, **nɨmɨ** /dɨ̃bɨ/ *dia de*)
no'ó niirí tero *qualquer momento* (**tero** /tedo/ *momento*)
no'ó niigó *qualquer mulher, qualquer fêmea*
de'ró niiró,... *idem*

Outros exemplos:

(608) **no'ó yɨ'ɨ̃ wa'aró yɨ'ɨ̃re siru tuúmi**
/ dõ'ó yɨ'ɨ̃ wa'â- dó yɨ'ɨ̃-de sidú+tuu- bĩ /
qualquer eu ir -nom.lugar eu-ref seguir -pres.vist
(ele) me segue em qualquer lugar onde eu vou

(609) **de'ró niigɨ́ etaká, wẽhékã'gɨti'**
/ de'dó dĩĩ- gɨ́ etâ - kɐ́ wẽhé-kã'-gɨ-ti-'/
qualquer ser-nom.-fsg chegar-impl.cs matar-ass- fut
matarei quem seja que chegue (chegando qualquer pessoa)

2) Com a palavra **neê** /deê/ *nem* que serve para enfatizar qualquer enunciado negativo, os interrogativos usam-se como indefinidos negativos:
neê yẽ'e nohó *nada*
neê de'ró niikɐ́ *nunca*
neê noá *ninguém*

Por exemplo:

(610) **koô neê de'ró niikɐ́ bu'êtimo**
/koô dẽê de'dó dĩĩ- kɐ́ bu'ê - ti - bõ /
ela nem qualquer ser-impl.cs estudar-neg-pres.vist
ela nunca estuda (lit. *nem estuda sendo qualquer tempo*)

3) o interrogativo **noá?** *quem?* pode também ser usado como relativo:

(611) **masîtisa' noá ba'â'karore**
/bãsî - ti - sa-' dõá ba'â - ' a-do -de/
saber-neg-pres.sent quem comer-nom.lugar.perf-ref
não sei quem comeu

12.7. Os quantificadores

12.7.1. Os numerais mais usados aparecem no quadro seguinte:

	1	2	3	4	5	10
Inanimado	**ni'kâ+**	**pɨ̃ɨ́+**	**i'tiá+**	**ba'pâritise**	**ni'kâmukãse**	**pɨ̃ɨ́mukãse**
Lugar	**ni'kâro**	**pɨ̃ɨ́aro**	**i'tiáro**			
Animado	**ni'kɨ́** -f **ni'kó** +f	**pɨ̃ɨ́rã**	**i'tiárã**	**ba'pâritirã**	**ni'kâmukãrã**	**pɨ̃ɨ́mukãrã**

Com os sufixos de forma, temos regularmente:
ni'kâga /dĩ'kâ-ga/ *um roliço* **ni'kâgɨ** /dĩ'kâ-gɨ/ *um retilíneo*, etc.
pɨ̃ɨ́aga *dois roliço(s)* **i'tiága** *três roliço(s)*, etc.

As formas básicas (associadas aos inanimados) aparecem com os numerais 1, 2 e 3. São sempre seguidas pelo nome de referência, sem tom próprio e **obrigatoriamente** na **sua forma singular**:
ni'kâ wi'i /dĩ'kâ+wi'i/ *uma casa*
pɨ̃ɨ́á wi'i /pɨ̃ɨ́á+wi'i/ *duas casa(s)*
i'tiá wi'i /i'tiá+wi'i/ *três casa(s)*

A partir de 4, o nome (quando exigido para a clareza da expressão) está na sua forma plural (**wi'sêri** /wi'sê-di/ *casas*);
ba'pâritise wi'seri *quatro casas*
ni'kâmukãse wi'seri *cinco casas*

Outros exemplos com as formas independentes, seguidas aqui (como aposto) pelo nome associado, para a clareza da expressão:
ni'kɨ́ ɨmɨ́ *um homem* (**ɨmɨ́** /ɨ̃bɨ́/ *homem*)
ni'kó numiô *uma mulher* (**numiô** /dũbî-o/ *mulher*)
pɨ̃ɨ́rã numiâ *duas mulheres* (**numiâ** /dũbî-a/ *mulheres*)
ni'kâmukãrã numiâ *cinco mulheres*
ni'kâro su'tîro *uma roupa*
i'tiáro su'tîro *três roupas*
ba'pâritise su'tí *quatro roupas* (**su'tí** *roupas*, **su'tîro** *roupa*)
ni'kâga kiigá *um tubérculo de mandioca* (**kií** *mandioca*)
ba'pâritise(paga) kiipagá *quatro tubérculos de mandioca*

Note a formação dos numerais 5 e 10:
ni'kâmukã-, **ni'kâmukɨ̃-** 5 ("uma mão": **ni'kâ-** *um*, **amukã** /ãbu-kã/ *mão*)
pɨ̃ɨ́ámukã-, **pɨ̃ɨ́ámukɨ̃-** 10 ("duas mãos")

Os outros numerais são de formação muito complexa e, por conseguinte, pouco usados. Atualmente, prefere-se utilizar os numerais da língua portuguesa ou castelhana. Exemplo de formação do número 14 com os inanimados:

(612) **pɨ̃ɨ́ámukãse pe'tí, ni'kâ dɨ'pokã ba'pâritise pẽ'ri pehásehe**
/pɨ̃ɨ́á+ãbukã-se pe'tí dĩ'kâ +dɨ'pokã ba'pâ-di-ti-se pẽ'dí+peha - sehé/
duas mãos terminar um + pé quatro fazer conexão-nom.inan.pl
14 (duas mãos terminadas, e quatro de um pé fazendo conexão)

ou, mais simplesmente, com **piikari** /piika-di/ *dedos*:
pɨ̃ɨ́á amukã$_1$, ni'kâ dɨ'pokã$_2$ ba'pâritise piikari$_3$ *duas mãos$_1$, quatro dedos$_3$ de um pé$_2$*

12.7.2. Com a palavra **neê** /dẽê/ *nem*, que serve para enfatizar qualquer enunciado negativo, o numeral "um" funciona como um indefinido negativo:
neê ni'kâ wi'i *nenhuma casa*
neê ni'kɨ́ *ninguém*

Não existe um sistema de numerais ordinais. Para indicar a ordem apresentada pelo nome, recorre-se à expressões do tipo:
nɨ'karí wi'i *primeira casa* (lit. *casa do começo*) (**nɨ'ká** /dɨ̃'ká/ *começar*)
be'rokãhá wi'i *segunda casa* (lit. *casa de depois*) (**be'ró** *depois*, **=kãha** *de*)
pɨ̃ɨ́á wi'i be'rokãha wi'i *terceira casa* (lit. *a casa de depois de duas casas*)

Os **multiplicativos** formam-se com o sufixo **-ti** para os numerais 1, 2 e 3, e com os sufixos **-ti-ri** /-ti-di/ para os outros numerais ou outros quantificadores. Exemplos com **ni'karẽ** *uns*, **pehé** *muito*, **diikésehe?** *quantos?*, **tiikésehe** *tantos*, **apêye** *outros, alguns*:

ni'kâti *uma vez*	**pɨɨáti** *duas vezes*	**i'tiáti** *três vezes*
ba'pâritisetiri *quatro vezes*	**ni'karẽ́tiri** *umas vezes*	
pehetíri *muitas vezes*	**diikésehetiri?** *quantas vezes?*	
tiikésehetiri *tantas vezes*	**apêyetiri** *algumas vezes*	

Os **distributivos** formam-se com o sufixo **-rẽ́** /-dẽ́/. O nome associado está sempre no plural:
ni'karẽ́+ *de um em um; uns, alguns (inanimados)*
ni'karẽ́rã *idem (animados)*
ni'karẽ́paga *idem (seres roliços)*
pɨâ'rẽrã *de dois em dois (animados)*
i'tiâ'rẽrã *de três em três (animados)*

Por exemplo:

(613) **mɨsâ ni'karẽ́rã wa'âya!**
/bɨ̃sâ dĩ'kâ-dẽ́-dã wa'â- ya/
vocês de um em um ir -imp
vão vocês de um em um!

(614) **ni'karẽ́ wi'seri ĩ'yaápɨ**
/ dĩ'kâ-dẽ́ + wi'i-se-di ĩ'yâ- a-pɨ /
um por um+casa- pl ver-p.rec.vist
vi algumas casas (uma..., mais longe ...outra,...)

(615) **mɨsâre pɨâ'rẽrã dɨka-waágɨti'**
/bɨ̃sâ -de pɨâ'-dẽ-dã dɨká+waa-gɨ-ti-'/
vocês-ref de dois em dois dividir - fut
vou dividir vocês de dois em dois

12.7.3. Outros quantificadores são:
1) As palavras independentes:
pehé *muitos (contáveis inanimados)*
paharã́ /pahá-dã/ *muitos (contáveis animados)*
pehêti, **pehête** *poucos (contáveis inanimados)*
pehêtirã, **pehêterã** *poucos (contáveis animados)*

Com os sufixos de forma, a formação é regular: **pehepagá** *muitos roliços*, etc.
Exemplos:
wi'sêri pehé *muitas casas*
pehé po'ká, **po'ká pehé** *muitos paneiros de farinha* (**po'ká** *farinha*)
paharã́ buuá, buuá paharã́, **buua pahárã** *muitas cutias* (**buû** *cutia*, **-a** *plural*)

Quando a quantidade for não-contável, usa-se o deverbal **pahiró** *muito* (**pahî** *estar grande*) ou a palavra **kã'ró** *pouco* (**kã'á** *de tamanho médio*, cf. 12.9.):
pahiró po'ká *muita farinha*
kã'ró ba'âmi *(ele) come pouco* (**ba'â** *comer*)

2) As palavras independentes, também associadas a nomes no plural, formadas com **diî+?** *qual?*, **tií+** *anáfora*, **a'tí+** *este*:

diikésehe? *quantos? (cont.inan)*	**diikérã?** *quantos? (cont.an)*
tiikésehe *tal quantidade (inan)*	**tiikérã** *tal quantidade (an)*
a'tikésehe *esta quantidade (inan)*	**a'tikérã** *esta quantidade (an)*

Por exemplo:

(616) **diikérã wa'î niîti?**
/dií-ke-dã wa'î dĩî - ti /
quantos peixes estar-pres.vist.int
quantos peixes há?

(617) **tiikésehe mɨsâ kɨotí?**
/ tií-ke-sehe bĩsâ kɨó- ti /
tal quantidade vocês ter-pres.vist.int
vocês têm aquela quantidade de coisas?

Quando a quantidade for não-contável, pergunta-se com **no'ó kã'ro?** *quantos?*(cf. 12.9.):
no'ó kã'ro ba'aáti?*quanto comeu?* (resposta: **pahiró** *muito*, **kã'ró** *pouco*)

3) As palavras **diikésehe**, **diikérã** e **no'ó kã'ro** *quanto(s)?* servem também de palavras exclamativas, com mudança de intonação e sem sufixo verbal interrogativo:

(618) **diikésehe mɨ'ĩre o'oápɨ!**
/dií-ke-sehe bĩ'î-de o'ô- a-pɨ /
quanto tu -ref dar-p.rec.vist
(eu) te dei tantas coisas!

(619) **no'ó kã'ro miiámo koô!**
/dõ'ó+kã'do bĩî - a-bõ koô/
quanto tirar-p.rec.vist ela
(ela) tirou tanto!

12.8. O genérico não-seletivo *apé*

O quadro seguinte apresenta o paradigma de formas do genérico **apé+** *outro*:

apé+	outro (inan.sg)	**ãpí**	outro (an.-fsg)
apêye	outros (inan.pl & n-cont.)	**apêgo**	outra (an.+fsg)
apêro /apê-do/	outra parte	**apêrã** /apê-dã/	outros (an.pl)

Com os sufixos de forma, obtemos regularmente:

apêga *outro roliço*	**apêyepaga** *outros roliços*
apêrɨ /apê-dɨ/ *outra panela*	**apêyeparɨ** /apê-ye-pa-dɨ/ *outras panelas*, etc.

Exemplos:
ape maká /apé+bãka/ *outro povoado* (**makâ** *povoado*)
apêye makari /apê-ye+bãka-di/ *outros povoados*
apêro *outro lugar*
apêro (su'tîro,...) *outra (roupa,...)*
apêgo numiô *outra mulher* (**numiô** /dũbî-o/ *mulher*)

Note o uso temporal futuro de **apé+** com nomes dependentes que expressam um lapso de tempo (para o uso temporal dos demonstrativos, cf. 12.1.④). Exemplo com **kɨ̃'ma** /kɨ̃'ba/ *ano de*: **apé kɨ̃'ma** /apé+kɨ̃'ba/ *o ano que vem*.

♦ **apé+** é frequentemente usado como indefinido não-especificado, no sentido de "algum(s)", "alguém" ou "uns":

(620) **ãpí mɨ̃'îre yabigɨ́ niîsami**
/ ãpí bɨ̃'ɨ̃-de yabî - gɨ́ dĩî- sa-bĩ /
alguém tu -ref não gostar-nom.pl ser-pres.sent
pode ser que alguém não goste de ti

(621) **apêrã nu'kumá, apêrã duhîma**
/apê-dã dũ'kú - bã apê-dã duhî - bã /
uns estar de pé-pres.vist uns estar sentado-pres.vist
uns estão de pé, outros sentados

12.9. Os nomes defectivos *kã'á+* e *õ'ômaha*

12.9.1. As palavras **kã'á+** e **õ'ômaha** *de tamanho médio* são defectivas: usa-se a primeira quando o nome ao qual ela se refere está **no singular**, e a segunda, quando está **no plural**. Ambas palavras têm o mesmo sentido. Salvo essa defectividade, o paradigma de formas é regular:

kã'á+	*inan.sg*	**õ'ômaha** /õ'ô+bãha/	*inan.pl & n-cont.*
kã'ró	*lugar, parte*		
kã'gɨ́	*an.-fsg*	**õ'ômaharã**	*an.pl*
kã'gó	*an.+fsg*		
kã'gá, etc.	*frol.sg, etc.*	**õ'ômahapaga**	*frol.pl, etc.*

Escreveremos **kã'ró**,... e não: ***kã'aró,...** pelo fato de que a palavra **kã'á+**, seguida por um sufixo de forma ou gênero, se reajusta à estrutura bimoraica da língua. Podemos verificar este reajustamento, por exemplo, em: **kã'roré** e não: ***kã'aróre** (o deslocamento tonal não pode ser iterativo, cf. 3.4.).
Exemplos:
kã'á wi'i /kã'á+wi'i/ *casa de tamanho médio* (**wi'í** *casa*)
õ'ômaha wi'seri *casas de tamanho médio* (**wi'sêri** *casas*)
kã'a maá *riacho de tamanho médio* (**maâ** /bãâ/ *riacho*)
su'tîro kã'ró niî' *a roupa é de tamanho médio* (**su'tîro** *roupa*)
su'tí õ'ômaha niî' *as roupas são de tamanho médio* (**su'tí** *roupas*)
kã'gó niîmo *(ela) é de tamanho médio*

Note que a palavra **kã'ró** *parte de tamanho médio* significa também "pouco, em pouca quantidade" (cf. 12.7.③).

12.9.2. Com o sufixo nominal **-akã** *diminutivo*, essas palavras defectivas levam o sentido de "pequeno":
kã'á wi'iakã *casa pequena*
õ'ômaha wi'seriakã *casas pequenas*
kã'roákã /kã'á-do-a-kã/ *(roupa,...) pequena*

kã'goákã /kã'á-go-a-kã/ *(mulher, menina, animal fêmea) pequena*
õ'ômaharãakã /õ'ô+bãha-dã-a-kã/ *pessoas pequenas*

12.9.3. Como nomes dependentes, essas palavras defectivas mudam de sentido e a palavra plural **õ'ômaha** muda também de forma:

+kã'a+ *igual a X no tamanho*	**+maha** /bãha/ *iguais a X no tamanho*

Exemplos:
wi'í a'tó kã'a wi'i niî' /wi'í a'tó+kã'a+wi'i niî-'/ *a casa é deste tamanho (mostrando com um pau o tamanho dela no chão (lit. a casa é casa igual a isso no tamanho)* (**a'tó** *este lugar*)
wi'sêri a'tí wi'i maha niî' /wi'sê-di a'tí+wi'i+bãha dĩî-'/ *as casas são do tamanho desta* (lit. *as casas são iguais a esta casa no tamanho*) (**a'tí+** *este, esta*)
ĩmí yĩ'î kã'ro niîmi *o homem é do meu tamanho* (**ĩmí** *homem*, **yĩ'î** *eu*)
ĩmiá yĩ'î maharã niîma *os homens são do meu tamanho*

A palavra dependente **kã'a+** entra na formação de expressões muito usadas com o interrogativo **no'ó?** *que parte?*:
no'ó kã'go?,... *de que tamanho? (ser animado/+fsg ,...)*
no'ó kã'ro? *igual a que no tamanho? (que quantidade?, quanto?,...)*
no'ó kã'a tero? *época igual a que no "tamanho"?, igual a que tamanho temporal? (em que época?, quando?, quanto tempo?)* (**tero** /tedo/ *época*)

Como exemplos (cf. também exemplo em 12.7.③):

(622) **- no'ó kã'go niiáti? - a'tó kã'go niiámo**
/ dõ'ó+kã'a-go dĩî- a -ti a'tó+kã'a-go dĩî- a-bõ /
de que tamanho ser-p.rec.vist-int isto+igual a ser-p.rec.vist
- de que tamanho (ela) é? - é deste tamanho (mostrando com a mão)

(623) **no'ó kã'a tero yoakã́ niîgĩsari?**
/ dõ'ó+kã'a+tedo yoâ - kã́ dĩî -gĩ-sa -di/
igual a que tamanho temporal ser comprido-impl.cs estar- fut -int
quanto tempo ficará? (lit. *estará*)

(624) **no'ó kã'ro yoaró Yaîwa-Poewa tohasarí?**
/ dõ'ó+kã'a-do yoâ - dó Yai-wa+Poe-wa tohá- sa -di/
igual a que tamanho ser comprido-nom.lugar Iauaretê ficar-pres.sent-int
a que distância fica Iauaretê?

12.9.4. Os nomes **ma'má** /bã'bá/ *novo* e **mehá** /bẽhá/ *usado* têm um comportamento estrutural similar a **kã'á+** *de tamanho médio*. Não são verbos, sendo incompatíveis com todos os sufixos verbais (de modalidade, tempo, etc.).

13

Outras classes de morfemas

Neste capítulo, apresentaremos alguns morfemas (**baa** *evidência*, **maha** /bãha/ *afinal* e **taha** *de novo*) que, apesar de serem fonologicamente átonos, não podem ser considerados sufixos, nomes ou verbos dependentes. Essas "partículas" ou "clíticos" aparecerem depois da sufixação nominal ou verbal, em posição final, e têm uma distribuição mais ampla que os nomes ou verbos dependentes, porque podem combinar-se com um nome ou com um verbo.
Em seguida, passaremos em revista uma dezena de lexemas que, apesar de ser traduzidos por advérbios, têm uma natureza nominal comprovada pelo tipo de sufixação que implicam.
Algumas observações sobre as interjeições e as onomatopeias concluem o capítulo.

13.1. A evidência *baa*

A partícula **baa** *evidência* é a marca da evidência nos enunciados assertivos ("não é que...?", "obviamente...") e a marca da dúvida nos enunciados interrogativos ("será que...?".

13.1.1. Exemplos nos enunciados assertivos:

(625) **ba'âya, mɨ'ɨ ɨhá boâ tohami' baa!**
/ba'â -ya bɨ'ɨ ɨhá boâ +toha- bĩ - ' + baa /
comer-imp tu fome apodrecer+ já -frust-pres.vist+evidência
coma, não é que você está já com fome! (lit. *já apodrecendo de fome*)

(626) **Péduru bu'egɨ niîmiwĩ baa!**
/Pédudu bu'ê - gɨ đĩî- bĩ - wĩ + baa /
Pedro estudar-nom.-fsg ser-frust-p.cad.vist+evidência
é de conhecimento geral que Pedro é um estudioso

O verbo que precede **baa** combina-se frequentemente com o sufixo verbal frustrativo **-mi** /-bĩ/, como nos dois exemplos acima. Aparece também como rogo de cortesia nas formas verbais imperativas:

(627) **yabîtigɨ'ta, sĩ'ríkã'ya baa!**
/ yabî - ti - gɨ' -ta sĩ'dí -kã'- ya + baa /
ter nojo-neg-impl.ms-esp beber-ass-imp+evidência
pelo menos, beba, sem ter nojo mesmo!

Com nomes, marca uma surpresa:

(628) **Péduru baa numiâ yahákã'ami!**
/Pédudu+ baa dũbî-a yahá -kã'- a-bĩ /
Pedro+evidência mulheres roubar-ass-p.rec.vist
imagine só, Pedro roubou mulheres!

Note também a expressão idiomática, usada entre marido e esposa: **mɨ'ɨ̂ baa** *tu* (**mɨ'ɨ̂** /bɨ̃'ɨ̂/ *tu*).

13.1.2. Exemplos nos enunciados interrogativos:

(629) **yɨ'ɨ̂ wa'âgɨsari baa?**
/yɨ'ɨ̂ wa'â-gɨ-sa- di+ baa /
eu ir - fut -int +evidência
será que eu vou?

(630) **niîsari baa?**
/ dĩî - sa - di + baa /
estar-pres.sent-int+evidência
será que está?

(631) **wa'îkɨ ye'me-turí ba'âkã'apari baa?**
/wa'î-kɨ yẽ'bé-tudi ba'â - kã'- a-pa -di+ baa /
caça fígado comer-ass-p.rec.ded-int+evidência
será que comeu mesmo o fígado do (animal) de caça?

13.2. A volta temática *maha*

A palavra **maha** /bãha/ *afinal, agora* é muito usada. Denota uma volta ao tema da conversação depois de uma digressão ou o fim de uma espera:

(632) **apê nɨ'kaya maha!**
/ apê + dɨ̃'ka - ya +bãha/
brincar+começar-imp+afinal
agora sim, podem começar a brincar! (dito a crianças que costumam brincar brigando, depois de uma admoestação para que se comportem bem)

(633) **muhî-pũu asiá wa'ami maha**
/bũhî-pũu así-a + wa'a - bĩ +bãha/
sol estar quente+ingressivo-pres.vist+afinal
afinal, o sol esquentou (dito depois da chuva quando o tempo torna-se quente de novo)

(634) **wi'í ãyurí wi'i tohá' maha**
/wi'í ãyú - dí + wi'i tohá- ' +bãha/
casa estar bonito-nom.inan.sg+casa ficar-pres.vist+afinal
afinal, a casa ficou bonita

Usa-se também frequentemente com os nomes:
Pédurua' maha! *Pedro, agora! (dito numa fila de espera)*

Note que o nome, quando se combina com a volta temática **maha**, é seguido pelo sufixo **-a'** ou **-a**, cujo funcionamento não é bem claro (talvez o sufixo de destaque **-a'** estudado em 8.13.).

13.3. A repetição *taha*

A partícula de repetição **taha** *de novo* é também usadíssima. Expressa uma repetição da situação verbal:

(635) **ba'âya taha!**
/ ba'â - ya + taha /
comer-imp+de novo
coma de novo!

(636) **diâyɨ ã'riré kũ'riámi taha**
/ diâyɨ ã'dí-de kũ'dî - a-bĩ + taha /
cachorro este-ref morder-p.rec.vist+de novo
o cachorro mordeu ainda este (homem)

(637) **mɨ'ĩ weeápã tahagɨ**
/bɨ̃'ĩ weé - a-pã + taha -gɨ/
tu fazer-p.rec.ded+de novo- -fsg
você o fez de novo indevidamente

Sobre o uso dos sufixos de gênero e número para expressar uma situação feita por própria iniciativa ou indevidamente, cf. 6.8.
A repetição **taha** usa-se com todo tipo de palavras (nomes, etc.):
Péduru taha! *ainda Pedro!, Pedro de novo!*
koô taha *ainda ela* (nome pessoal: **koô** *ela*)
te'á taha! *vamos prosseguir (a viagem)!* (interjeição: **te'á!** *vamos!*)

Note, com **opâturi** *de novo* e **apé tero** *às vezes*, as construções pleonásticas muito usadas:
opâturi taha *de novo*
apé tero taha *de vez em quando*

13.4. As palavras que se parecem com advérbios

Os deverbais em **-ró** /-dó/ *nom.lugar* ou as formas de lugar dos nomes gramaticalizados (**a'tó** *aqui*, **sõ'ó** *lá*, **tohô** *assim*, etc., cf. capítulo 12) correspondem frequentemente aos advérbios da língua portuguesa (cf. 11.6.②).
Outras palavras como **kãrĩ** /kãdɨ̃/ *ontem*, **yamîka'** /yãbî-ka'/ *a tarde*, **ni'kaá** /dĩ'ká-a/ *hoje*, etc., apesar de ser traduzidas por advérbios, são **verdadeiros nomes** primários ou secundários, como o comprova a sua sufixação tipicamente nominal:

yamiákã /yãbî-akã/ *manhã*	**yamiákãri** *manhãs*	(suf.nom. **-ri** /-di/ *plural*)
ni'kaá /dĩ'ká-a/ *hoje*	**ni'kaáre** *a respeito de hoje*	(suf.nom.**-re**/-de /*referencial*)
yamîka' /yãbî-ka'/ *tarde*	**yamîka'akã** *fim da tarde*	(suf.nom. **-akã** *diminutivo*)

Em outras palavras, não existe uma classe de advérbios estruturalmente definida na língua dos ye'pâ-masa.

Algumas outras palavras são verdadeiros nomes secundários, formados a partir de raízes nominais primárias ou de verbos nominalizados. As principais são:

yuhûpɨ /yuhû-pɨ/ *ainda, agora*
mehêpɨ /bẽhê-pɨ/ *há pouco tempo*
mehêkã /bẽhê-kã/ *diferente, separado*
maatá /bãá-ta/ *logo, imediatamente*
upîtɨ /upîtɨ/ *muito, intensamente*
a'mêri /ã'bê-di/ *reciprocamente*
sɨ'ôri /sɨ'ô-di/ *como coordenador*

Na maioria dos casos, não reconhecemos a raiz nominal ou verbal primária da qual estas palavras derivam. No entanto, **mehêkã** poderia derivar de **mehe** *não* (cf. 9.16.), e **a'mêri**, de **a'mé** /ã'bé/ *revidar um soco, vingar-se*.
Alguns exemplos:

(638) **yuhûpɨre wesêri kɨó'**
/yuhû-pɨ-de wesê-di kɨó- ' /
agora-ref roça-pl ter-pres.vist
agora tenho roça

(639) **mehêkã wãkûsami**
/bẽhê-kã wãkû - sa-bĩ /
diferente pensar-pres.sent
(ele) pensa de outra maneira

(640) **a'mêri koemá**
/ ã'bê-di koé - bã /
reciprocamente lavar-pres.vist
lavam-se mutuamente

(641) **pa'í sɨ'ôri masaré basâmi**
/pa'í sɨ'ô-di bãsá -de basâ - bĩ /
padre coordenador pessoas-pl cantar-pres.vist
o padre canta coordenando as pessoas

(642) **upîtɨ waro** /upîtɨ+wado/ *muito mesmo* (**waro** /wado/ *verdadeiramente*)

O leitor achará numerosos exemplos do emprego destas palavras no dicionário (cf. também a combinação **maatá waro** em 9.14.).

13.5. Algumas formas difíceis de classificar

Este subcapítulo descreve três palavras muito usadas e difíceis de classificar.

13.5.1. A palavra **mehô** /bẽhô/ *antes, de preferência* tem um funcionamento delicado. Indica geralmente que a situação que ela introduz efetua-se em vez de efetuar-se de outra maneira. Podemos traduzi-la, de forma aproximada, por "antes", "de preferência", "em vez de fazer de outra maneira" (cf. o inglês *rather* ou o francês *plutôt*). Por exemplo:

(643) **ni'kaáre, mehô wa'î tãâ ba'arã!**
/dĩ'kaá-de bẽhô wa'î tãâ + ba'a -dã/
hoje -ref antes peixes assar nas cinzas+comer-imp
hoje, vamos de preferência comer peixes assados nas cinzas!

(644) **di'pĩhí marikɐ̃́, misî daare mehô yɨ'sôya!**
/di'í+pĩhi bãdí - kɐ̃́ bĩsî+daa -de bẽhô yɨ'sô - ya/
faca não estar-impl.cs cipó+ fio-ref antes cortar com dentes-imp
não havendo faca, corte então o (fio de) cipó com os dentes!

(645) **yukɨ̂gɨ paâ sĩ'ritigɨ', mehô utiámi**
/yukɨ̂-gɨ paâ + sĩ'di - ti - gɨ' bẽhô utî - a-bĩ /
pau derrubar+querer-neg-impl.ms antes lamentar-se-p.rec.vist
não querendo derrubar o pau, prefere se lamentar

(646) **sĩ'ritíkã'ya, mehô ba'âya!**
/sĩ'dí - ti -kã'-ya bẽhô ba'â -ya/
beber-neg-ass-imp antes comer-imp
coma em vez de beber! (lit. *não beba, coma em vez de (beber)!*)

(647) **ã'rí wa'î ɨ'sɨâmimi, mehô moâ marí'**
/ã'dí wa'î ɨ'sɨ̂-a - bĩ - bĩ bẽhô bõâ bãdí - ' /
este peixe ser gostoso-frust-pres.vist antes sal não estar-pres.vist
este peixe é gostoso mas não tem sal [lit. *este peixe é gostoso em vão: não há sal (nele) em vez de (haver)*]

Compare com o nome provavelmente homófono **mehô** *ser, coisa sem valor*:

(648) **mehô waro uúkũmi**
/ bẽhô + wado uú=kũ- bĩ /
coisa sem valor+verdadeiramente falar -pres.vist
(ele) fala à toa

A natureza nominal de **mehô**, neste exemplo, é comprovada pelo nome dependente **waro** /wado/, que sempre segue um nome independente.

13.5.2. A palavra **neê** /dẽê/ *nem, de forma alguma* é sem dúvida um empréstimo do português, passando pelo nheengatu ou "língua geral" do rio Negro (cf. nota 1 do capítulo 6). Usa-se para enfatizar qualquer enunciado negativo:

(649) **neê ni'kâ wi'i bahutiápɨ**
/dẽê dĩ'kâ+ wi'i bahú - ti - a-pɨ /
nem um +casa aparecer-neg-p.rec.vist
nenhuma casa apareceu (lit. *não apareceu nem uma casa*)

(650) **neê da'rá, neê bu'ê weetíwĩ**
/dẽê da'dá dẽê bu'ê weé - ti - wĩ /
nem trabalhar nem estudar agir-neg-p.cad.vist
(ele) não trabalha nem estuda (lit. *não age trabalhando ou estudando de forma alguma*)

O leitor achará numerosos exemplos do uso de **neê** no dicionário e poderá compará-lo com o seu homófono **neê** *pela primeira vez, somente então*.

13.5.3. A palavra **teê** *até* é um empréstimo do português com o qual compartilha o seu sentido e o seu funcionamento de preposição:

(651) **teê Yaîwa-Poewa wa'aámi**
/teê Yaî-wa-Poe-wa wa'â- a-bĩ /
até Iauaretê ir -p.rec.vist
(ele) foi até Iauaretê

13.6. Interjeições e onomatopeias

13.6.1. As interjeições são palavras-frases que formam um enunciado por si mesmo. Expressam um sentimento, uma sensação (surpresa, dor, preguiça,...), um assentimento, uma exortação, etc. Entre elas, citaremos:

âa! *susto*
ãã́? *o quê?*
a'bí! *nojo, repulsão*
adé! *coitado!*
a'gá! *dor*
ãhâ! *pega!*
akoé! *preguiça*
apá! *puxa!*
asé! *que quantidade!*
ayɨ! *admiração*
a'yó! *surpresa*
a'yú! *cuidado!*
bâa! *e agora!*
há! *dor*
ĥ̃! *assentimento*
mâa! *exortação*
neé! *saudação*
nêe'! *pedido de atenção, alerta*
o'e! *nojo*
sihú! *para desalojar (animal)*
te'á! *vamos! (com movimento)*
ũûba'! *não sei!*

Por exemplo:

(652) **a'bí, yabiógo!**
/a'bí yabî-o - gó/
nojo dar repulsão-nom.+sf
irra, que mulher nojenta!

(653) **mâa, bu'êrã!**
/ bâa bu'ê -dã/
exortação estudar-imp
vamos estudar! (sem deslocamento)

(653') **te'á, bu'êrã!**
/ te'á bu'ê -dã/
vamos estudar-imp
vamos estudar! (com deslocamento)

Várias interjeições mudam de realização fonética em contexto enfático:
a'gá! [àa̰gã́] *exclamação de dor* → **a'gá!!** [àa̰gə̃́]
a'bí! *exclamação de nojo* → **a'bé!!**

O mesmo mecanismo já foi comentado com os sufixos verbais (cf. 5.7.).

13.6.2. As onomatopeias são imitações de ruídos naturais. Citaremos:

ãi! *grito de cachorro*
bu'ku! *vômito*
kãrî! *choque metálico*
kĩ'o! *esmagamento*
ko'bê! *barulho de fornicação*
ko'rɨ! *barulho de engolição*
koo! *barulho de canoa*
kũ'i! *som de lombriga na barriga*
ku'tɨ! *som da água entrando na terra*
mu'ku!, **mu'tu!** *rompimento*
mu'ru! *mastigação*
no'pi! *movimento ondulado*
pɨ'rɨ! *roer*
poto! *barulho de furo, estouro*
sabu! *queda na água*
sahai! *barulho de galhos pisados*
sãî! *corte com terçado*
saaki! *furar*
sau! *pousar na água*
siu! *espremer a massa da mandioca*

sɨ'gɨ! *soluçar*
suu! *água transbordando*
ta'bi! *gotejar*
tẽhe! *estalo*
tɨ'kɨ! *choque, encontrão*
wau! *tirar com cuia*
weto! *furar*
wĩri! *fricção da linha de pesca*
wiu! *avião, ave passando*
wɨgɨ! *escorregar (ser pesado)*
wo'ro! *crepitação*
yã'ɨ! *mastigação (de carne dura)*

Por exemplo:

(654) **weherí daa ɨtâgapɨ: "wĩri!, wĩri!", weé, suruâ wa'aapɨ**
/wehé- dí +daa ɨtâ-ga-pɨ wĩdi wĩdi weé sudû-a + wa'a - a-pɨ /
pescar-nom.inan.sg+linha pedra -foc wĩri wĩri fazer arrebentar+ingressivo-p.rec.vist
a linha de pesca fez: "wĩri!, wĩri!" na pedra e arrebentou

(655) **tuúpi yɨ'î tiro: "sabu!", bɨrî yõhaami**
/ tuúpi yɨ'î+tido sabu bɨdî+ yõha - a-bĩ /
tamaquaré eu +perto tibungo cair+imergir-se-p.rec.vist
o tamaquaré (lagarto) caiu na água perto de mim fazendo: "tibungo!"

(656) **yukîgɨ: "mu'ku!", bɨsɨápɨ, diháa'atihi dɨporo**
/yukî-gɨ bũ' ku bɨsî - a-pɨ dihá- a' - a-tihi +dɨpo-do/
árvore mu'ku ressoar-p.rec.vist cair-C>-nom.inan.sg.fut+ antes
a árvore fez (lit. *ressoou*)*: "mu'ku!" antes de cair*

Nota-se que a grande maioria das onomatopeias, como em várias outras línguas da área, são formas **fonologicamente átonas**. Por enquanto, não podemos propor uma explicação satisfatória para este fato.

14

Formantes e composição

Neste breve capítulo, estudaremos os principais sufixos derivacionais e outros formantes da língua ye'pâ-masa. Alguns sufixos difíceis de classificar são também comentados. Algumas palavras sobre a composição completam o capítulo.

14.1. Os causativos

14.1.1. O sufixo derivacional **=o** *causativo* indica uma causação direta e voluntária (cf. 10.3.). Exemplos com verbos intransitivos:

bahú *ter aparência* → **bahuó** *fazer aparecer*
bopô *estar seco* → **bopó** /bopô=o/ *secar (v.tr.)*
u'á *tomar banho* → **ɨ'ó** /u'á=o/ *banhar* (com as regras fonológicas **Ass1** e **Diss1**, cf. 2.7.)
puû *estar molhado* → **pɨó** /puû=o/ *molhar* (com a regra **Diss1**)
wã'á *estar aplicado* → **õ'ó** /wã'á=o/ *aplicar* (com a regra **Ass1** e a inexistência de ***wo**)

Exemplos com verbos transitivos:

o'mâ /õ'bâ/ *carregar nas costas* → **o'mó** /õ'bô=o/ *fazer carregar nas costas*
ĩ'yâ *ver* → **ĩ'yó** /ĩ'yâ=o/ *mostrar*
uhû *fumar* → **ɨhɨó** *dar de fumar* (com a regra **Diss1**)

O causativo **=o** é muito usado para formar verbos dependentes a partir de nomes ou verbos (dependentes ou não):

yɨhɨ n.dep. *estrangulamento* → **yɨhɨo** v.dep. *fazer um estrangulamento (fazendo algo)*
mu'mû /bũ'bû/ v. *estar cheio* → **mu'muo** /bũ'bu=o/ *encher (fazendo algo)*

Frequentemente, ele forma pares com **=ti**/**=di** *voz média*, **=sa** *resultativo* ou qualquer outro sufixo intransitivizador ou transitivizador, a raiz primária associada sendo sempre presa:

mirî /bĩ=dî/ *estar submerso*	**miô** /bĩ=ô/ *submergir*
mi'rí /bĩ'=dí/ v.intr. *mamar*	**mi'ó** /bĩ'=ó/ *dar de mamar*
ne'rê /dẽ'=dê/ v.tr. *lamber*	**ne'ó** /dẽ'=ó/ *fazer lamber*
kãrí /kã=dí/ *dormir*	**kãmó** /kã=bó/ *fazer dormir*
marí /bã=dí/ *não estar*	**moó** /bã=ó/ *não ter*
pesâ /pe=sâ/ *estar colocado*	**peô** /pe=ô/ *colocar*
dɨhâ /dɨ=hâ/ *estar menor*	**dɨô** /dɨ=ô/ *diminuir*
duhî /du=hî/ *estar sentado*	**dɨpó** /du=pó/ *assentar*
boâ /bo=â/ *apodrecer*	**bogó** /bo=gó/ *fazer apodrecer*

14.1.2. O sufixo **=rẽ'** /=dẽ'/ *causativo* é menos produtivo que **=o**. Ignoramos a diferença de sentido entre estes dois transitivizadores. Exemplos:

utî *chorar* → **utîrẽ'** /utî=dẽ'/ *fazer chorar*
etoá *vomitar* → **etórẽ'** *fazer vomitar*
yawi *torto* → **yawió**, **yawîrẽ'** *entortecer*
ãsɨ *franzido* → **ãsɨ́ó**, **ãsɨ́rẽ'** *franzir*

O causativo **=rẽ'** é frequentemente acompanhado pelo sufixo propagativo **-o'**, sem grande mudança de significado:
yũhú *estar cansado* → **yũhúrẽ'**, **yũhúrẽ'o'** *cansar*

14.1.3. O leitor achará em 10.3. a escala de causação direta, inversamente proporcional à escala de produtividade. Nesta escala, comparamos os sufixos causativos **=rẽ'** e **=o** com a construção analítica em **-kã́**.

14.2. A voz média e o resultativo

14.2.1. O sufixo **=ti** *voz média* expressa que o sujeito atua em si mesmo e que é o próprio beneficiário da ação:
kari-boó /kadí+boo/ *perturbar* → **kari-butí** /kadí+bo=ti/ *perturbar-se* (com a regra **Ass2**)
dɨka-waá /dɨ́ká+waa/ *dividir* → **dɨka+watí** /dɨ́ká+wa=ti/ *dividir-se*

O sufixo **=ti** tem dois alomorfes:

{=ti}	→ **/=ti/**	/	raiz oral= __
	→ **/=di/**	/	raiz nasal=__

Exemplos com raiz nasal:
pãã *abrir* → **pãrî** [pã̋ɽ̃ĩ́] /pã=dî/ *abrir-se*
mo'ó /bõ'=ó/ *inclinar* → **mu'rí** [mṵ̃ɽ̃ĩ̆] /bõ'=dí/ *estar inclinado* (com a regra **Ass2**)

Na maioria dos casos, a forma com voz média aparece em oposição com outra forma sufixado por um morfema transitivizador, a raiz prímaria associada sendo presa:

no'â /dõ'=â/ v.tr. *quebrar*	**nu'rí** /dõ'=dí/ v.intr. *quebrar (perna,...)*
yoó /ya=ó/ *extinguir*	**yatî** /ya=tî/ *extinguir-se*
miô /bĩ=ô/ *submergir*	**mirî** /bĩ=dî/ *submergir-se*
kãmó /kã=bó/ *adormecer*	**kãrí** /kã=dí/ *dormir*
wẽhé /wẽ=hé/ *matar*	**wẽrî** /wẽ=dî/ *morrer*

O sufixo **=ti** *voz média* aparece provavelmente em outros itens sem que haja pares em oposição. Por exemplo: **sĩ'rí** /sĩ'=dí/ *beber*, **utî** /u=ti/ *chorar*, **ɨ̃rí** /ɨ̃=dí/ *feder*, etc.
Este mesmo sufixo deve provavelmente ser decomposto: o verdadeiro sufixo de voz média seria então **=i**. Apareceria em: **así** *estar quente*, **duhî** *estar sentado*, **pahî** *ser grande*, **kãhí** *estar deitado na rede*, **buhí** *rir*, **uî** *ter medo*, etc.

♦ Os argumentos que nos levaram a considerar o sufixo **=ti** *voz média* como derivacional são:
- o fato de que a vogal (não laringalizada) que precede o alomorfe oral **/=ti/** é em parte surda (cf. 3.5.):
dɨka-watí /dɨ́ká+wa=ti/ [^{n}dɨ̥ɨ̥kà/ʋàa̰tĭ] *dividir-se*
yatî /ya=ti/ [jàa̰tí] *extinguir-se*

- e o fato de que um dos alomorfes **/=di/** [ɽĩ] sofre uma contaminação nasal.

14.2.2. O sufixo **=sa** *resultativo* tem também dois alomorfes:

{=sa} →	**/=sa/**	/ raiz oral=___
→	**/=ya/**	/ raiz nasal=___

Expressa a posição atingida, posição decorrente de uma ação. Na maioria dos casos, forma par com outra forma, a raiz verbal associada sendo presa:
sãâ *pôr dentro* → **sãyâ** /sãâ-ya/ [sa̰j̰ã] *estar dentro*
kũû *deitar no chão* → **kũyá** /kũû=ya/ *estar deitado no chão*
peô /pe=ô/ *colocar* **pesâ** /pe=sâ/ [pɛ̀ɛ̰̀sá] *estar colocado*
pu'â /pu'=â/ *cravar* **pu'sâ** /pu'=sâ/ *estar cravado*

Pelos mesmos argumentos que os da voz média (aparecimento de vogal surda e alomorfe nasalmente contaminado), o resultativo será considerado como sufixo derivacional.

14.3. O sufixo nominal *-kãha+*

O sufixo nominal **-kãha+** *oriundo de, habitante de, parte de* exige a presença de um nome dependente ou de uma sufixação ulterior. O seu paradigma é totalmente similar ao dos nomes gramaticalizados que estudamos no capítulo 12:

-kãha+ *inan.sg*	**-kãhase** *inan.pl & n-cont.*	**-kãharo** *inan.lugar*
-kãhagɨ, **kɨ̃hɨ** *an.-fsg*	**-kãhago**, **kõho** *an.+fsg*	**-kãharã** *an.pl*
-kãhaga *frol.sg*	**-kãhasepaga** *frol.pl*	
-kãhagɨ *fret.sg*	**-kãhasepagɨ** *fret.pl*, etc.	

A forma inanimada singular é sempre seguida por um nome dependente:
nɨkɨ̂kãha wi'i /dɨ̃kɨ̂-kãha+wi'i/ *casa da floresta* (**nɨ̃kɨ̂** *floresta*, **wi'í** *casa*)
Diâ-Posakãha maka /Diâ+Posa-kãha+bãka/ *povoado do Uaupés* (**Diâ-Posa** *Uaupés*, **makâ** *povoado*)

Outro exemplo:

(657) **wi'mará̰ wi'í pu'akãha peepɨ wihî wihaa'ma**
/wĩ'bá-dá̰ wi'í+ pu'a-kãha+ pee -pɨ wihî +wiha- a' - bã/
crianças casa+canto- de +buraco-foc passar+ sair -C>-pres.vist
as crianças saem passando pelo buraco do canto da casa

Outros exemplos com outras formas que não são seguidas por um nome dependente:

(658) **yamiákã marî petâ bu'áa'rokãhase taâre tãrará̰!**
/yãbî-akã bãdî petâ buá - a' - do -kãha-se taâ -de tãdá -dã/
amanhã nós porto descer-C>-nom.lugar- de capim-ref roçar-imp
vamos roçar amanhã o capim da descida do porto!

(659) **a'te kopérikãharã ãpɨâre su'e miíya!**
/a'té+ kope -di-kãha-dã ãpɨ̂ -a- de su'é + bĩi -ya/
estes+buraco-pl- de caranguejo-pl-ref meter+tirar-imp
tire os caranguejos destes buracos, metendo a mão neles!

Outros exemplos com **Brasíu** *Brasil*, **noó?** /dõ'ó/ *onde?*, **yamî** /yãbî/ *noite* e **a'tó** *aqui*:
Brasíukɨ̃hɨ *brasileiro 9homem do Brasil)*

no'okãháwɨ? *canoa, avião, etc. de que proveniência?*
yamîkɨ̃hɨ *ser da noite*
a'tokõhó *mulher daqui*

Considerações comparativas nos levam a pensar que o sufixo **-kãha** é uma forma derivada de ***maka** /bãka/ *oriundo de, filho de*: ***maka > kãha** (com a permanência de duas moras, regra de duração compensatória, cf. 2.7.)
Não sabemos se **-kãha** é um sufixo, derivacional ou não, ou uma simples palavra dependente. Neste último caso, teria que ser reescrito em **+kãha**.

14.4. O verbalizador *-ti*

O verbalizador **=ti** *ter* transforma um nome em verbo:
wi'í *casa* → **wi'ití** *ter casa*
kamî /kãbî/ *feridas* → **kamîti** /kãbî=ti/ *ter feridas, estar ferido*
nimâ /dĩbâ/ *veneno* → **nimâti** /dĩbâ=ti/ *possuir veneno (homem)*
dɨká *frutas* → **dɨkâti** *ter frutas (árvore)*
nɨmó /dɨ̃bó/ *esposa* → **nɨmôti** /dɨ̃bô-ti/ *ter esposa*
wapá *valor* → **wapatí** *valer, custar*
põ'rá /põ'dá/ *filhos* → **põ'ratí** /põ'dá=ti/ *ter filhos, parir*

Por exemplo:

(660) **ɨ̃sâ nukû-poro yapa wi'ití'**
/ɨ̃sâ dũkû+podo+ yapa wi'í=ti - ' /
nós praia +extremidade casa=ter-pres.vist
nós temos casa na extremidade da praia

Para o uso de **=ti** com o nominalizador **-sehé**, cf. 11.7.③.

14.5. O sufixo nominal *-ya*

O sufixo nominal **-ya** *riacho* aparece principalmente na toponímia:
akôro /akô-do/ *chuva* → **Akôroya** *Igarapé-da-Chuva*
komé /kõbé/ *metal* → **Komeyá** *Igarapé-do-Metal*

14.6. Outros formantes e nominalizadores

14.6.1. O nominalizador **=ro** /=do/ forma nomes de animais, geralmente a partir de verbos ou de onomatopeias. Alguns exemplos:
baâro *certo gavião* (**baâ** *planar*: "o ser que plana")
akó-puti-sitéro *boto* (**akó** *água*, **puti sité** /putí+site/ *espalhar assoprando*: "o animal que assopra água espalhando-a")
wesé-ko'tero *jiboia* (**wesé** *roça*, **ko'tê** *cuidar*: "o animal que cuida da roça")
yukɨ-paáro *pica-pau* (**yukɨ** *paus*, **paâ** *bater*: "o animal que bate em paus")
momôro *borboleta*
poreró *gafanhoto*
ãrɨró *araçari*
ta'ârokɨ *sapo* (**< *ta'â=ro+bɨkɨ**)

Depois das vogais altas **u** e **i**, o sufixo **=ro** torna-se facultativamente **=ru**:
wiwíro ~ **wiwíru** *maçarico*

pĩko-tuú<u>ro</u> ~ **pĩko-tuú<u>ru</u>** *uacari*

14.6.2. Os formantes **=re** /=de/ *transitivizador*, **=ra** /=da/ e **=rV** /=dV/ *intransitivizador* (**V** vogal idêntica à vogal precedente) denotam geralmente uma ação manual pontual. Compare:

wi'<u>ré</u> *desmembrar*	**wi'<u>rí</u>** *desmembrar-se*
tɨ'<u>rê</u> *rasgar*	**tɨ'<u>rî</u>** *rasgar-se*
su<u>rê</u> *despedaçar*	**su<u>rû</u>** *despedaçar-se*
boâ *deteriorar-se*	**bo<u>ró</u>** *estar descomposto*
pã'<u>rê</u> *desgrudar*	**pã'<u>râ</u>** *desgrudar-se*
pi'â *grudar*	**pi'<u>râ</u>** *grudar-se*
wɨ<u>rê</u> *raspar com os dentes*	**wɨhá** *raspar*

♦ O formante **=re** é um transitivizador que indica geralmente uma mutilação do paciente. Confira: **do<u>tê</u>** *dar um soco*, **dɨ<u>tê</u>** *cortar*, **no<u>té</u>** *dar um pisão*, etc. Compare:

dɨ'<u>ré</u> *amarrar enrolando*	**dɨ'<u>té</u>** *amarrar*
wa'<u>rê</u> *untar*	**wa'<u>tê</u>** *alisar*

♦ O intransitivizador **=ha** é muito usado com os verbos de movimento: **e<u>hâ</u>** *chegar*, **si<u>hâ</u>** *andar*, **da<u>hâ</u>** *voltar*, etc.

♦ O estudo dos formantes mostra que em regra geral:

=(C)i	*voz média*	(C= ø, h, t)
=(C)e	*transitivizador*	(C= ø, h, t, d [r])
=(C)a, =(C)V	*intransitivizador*	(C= ø, h, d [r], s) (**V** vogal idêntica à precedente)

14.6.3. Outros formantes:

=tihi em alguns verbos:
maa<u>tihí</u> *estar doido*
ya'âri<u>tihi</u> *bocejar*
ma'mâ<u>tihi</u> *enfeitar-se*
we'êri<u>tihi</u> *despedir-se*

=su em alguns verbos:
pi<u>sû</u> *chamar em voz alta* (compare com **pihî** *chamar*)
ye'<u>sû</u> *responder opondo resistência*
de<u>sû</u> *caçar, pescar para se sustentar*

=ge *atividade bucal (?)* em alguns itens lexicais:
ya'<u>gé</u> *mastigar*
we<u>ge</u> *de boca larga*

14.7. A composição: os verbalizadores +*moo*, +*yee* e +*da're* /da'de/

14.7.1. A estrutura NOME INDEPENDENTE+NOME DEPENDENTE permite a criação de numerosas palavras compostas. Exemplos de compostos Nome-Nome:
ako-dasé /akó-dase/ *mergulhão* (**akó** *água*, **dasê** *tucano*: "tucano-de-água")
diâ-wekɨ /diâ-wekɨ/ *capivara* (**diâ** *rio*, **wekî** *anta*: "anta-de-rio")

Como se vê, o composto, formado de elementos susceptíveis de ser autônomos, comporta-se lexicalmente como uma unidade semântica.

Esta mesma estrutura permite formar compostos do tipo Nome-Verbo. Por exemplo:
akô ke'a /akô+ke'a/ *formar poça* (**akó** *água*, **ke'a** *estar no chão)*
netô sãa /dẽtô+sãa/ *colocar travessa* (**netô** *travessa*, **sãâ** *pôr dentro*)

Neste caso, o nome tonalmente incorporado pode funcionar como sujeito (primeiro exemplo) ou como objeto (segundo exemplo) do composto.
Para "aportuguesar" a grafia, os compostos do tipo nome-nome, e só deste tipo, foram convencionalmente marcados por um hífen nas escolas ye'pâ-masa.

♦ A partir da estrutura VERBO INDEPENDENTE+VERBO DEPENDENTE, a língua cria numerosos idiomatismos, com ou sem mudança tonal. Por exemplo: **tuu peó** /tuú+peo/ *passar a culpa* ≠ **tuû peo** /tuû+peo/ *ter na cabeça* (**tuú** *empurrar*, **peô** *colocar em cima*).

14.7.2. O verbo dependente **+moo** /+bõo/ *não ter* permite a formação de vários verbos secundários:
wapá *pagamento* → **wapa moó** /wapá+bõo/ *dever* (i.e. *não ter pagamento*)

14.7.3. Os verbos dependentes **+yee** *dar* e **+da're** /+da'de/ *id.* permitem a formação de numerosos verbos compostos:
nimâ /dĩbâ/ *veneno* → **nimâ yee** /dĩbâ+yee/ *envenenar* [nĩ́mɐ̃́/jɛ]
wamé /wãbé/ *nome* → **wamê yee** /wãbê+yee/ *dar um nome, batizar*
kamî /kãbî/ *feridas* → **kamî yee** /kãbî+yee/ *ferir*
põ'rá /põ'dá/ *filhos* → **põ'ra yeé** /põ'dá+yee/ *engravidar, copular*
→ **põ'rá da're** /põ'dá+da'de/ *id.*

No primeiro exemplo, por exemplo, note que a contaminação nasal não atinge o verbo dependente **+yee**, o que mostra que **+yee** é uma palavra dependente e não um sufixo, como **-ya** *riacho* (cf. 14.5.).

14.8. A composição: os verbalizadores *+bɨhɨ* e *+piha*

Os verbos dependentes **+bɨhɨ** *estar cheio de* e **+piha** *ter muito* entram na formação de numerosos verbos compostos:
kití *notícias* → **kiti bɨhɨ** /kití+bɨhɨ/ *contar muitas histórias, fazer fuxicos*
→ **kiti pihá** /kití+piha/ *id.*
i'iá *piolhos* → **i'iá bɨhɨ**, **i'iá piha** *estar cheio de piolhos*
dɨká *frutas* → **dɨka bɨhɨ́** *produzir muitas frutas (árvore)*
akó *água* → **ako bɨhɨ́** *estar molhado*
wapá *valor* → **wapa bɨhɨ́** *ser caro*

Por exemplo:

(661) **ma'â wɨ'tɨ̂ri piha yɨ'rɨaapɨ**
/ bã'â wɨ'tɨ̂ -ri + piha + yɨ'dɨa - a - pɨ/
caminho cavidade-pl+ter muito+demais-p.rec.vist
o caminho está cheio de cavidades

Junto com o nominalizador **-sehe** (cf. 11.7.), estes verbalizadores expressam um costume:
yahá *roubar* → **yahasehé piha** /yahá-sehé+piha/ *costumar roubar*
doé *ter ciúme* → **doesehé bɨhɨ** /doé-sehé+bɨhɨ/ *ser ciumento*

15

Os sufixos e as regras tonais

Neste breve capítulo, faremos uma recapitulação de todas as regras tonais às quais os sufixos e as palavras dependentes (verbos e nomes dependentes) obedecem. Por causa da complexidade dos fenômenos descritos e para que este trabalho possa servir de base a qualquer estudante ou pesquisador futuro da língua ye'pâ-masa, escolhemos uma abordagem descritiva e um exame minucioso dos fatos, em vez de reflexões teóricas que talvez não passem de meras reflexões de gosto e que tornariam a matéria difícil e muito confusa para o leitor. É justamente uma dessas descrições dos fatos tonais que frequentemente falta nos estudos tonais. Várias propostas teóricas foram feitas em 3.4.
A seção 15.1. detalha as realizações das três melodias tonais, enquanto 15.2-3 examinam a regra geral de deslocamento tonal e a ilustra; 15.4-5 estudam, respectivamente, o caso dos sufixos em **-a** e dos sufixos com tom flutuante. As irregularidades tonais são apresentadas em 15.6.

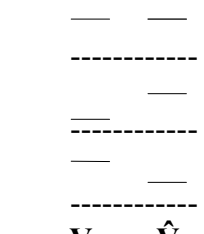
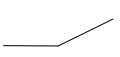
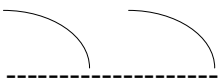
15.1. As três melodias tonais

As três melodias tonais associadas aos morfemas lexicais são:
- **Melodia alta, de registro ou fixa (notada com acento circunflexo)**
wẽ̂ *espalhar* **wɨ̂** *carregar* **werê** /wedê/ *avisar* **petâ** *porto* **tu'kû** *fruta* sp.

- **Melodia ascendente ou de contorno ou flutuante (notada com acento agudo)**
wẽ́ *ventar* **wɨ́** *ferver* **weré** /wedé/ *limpar (vísceras)* **petá** *tocandira* **tu'kú** *ser anguloso*

- **Melodia baixa ou átona (sem acentuação gráfica)**
wẽe *de galhos flexíveis* **sũi** *pequeno* **puti** *rolo* **pa'ta** *paralelepípedo*

As pares minimais que evidenciam as oposições entre esses três tonemas são numerosíssimas (cf. dicionário). As realizações destas três melodias aparecem no quadro seguinte (V_1 e V_2 são as duas vogais do morfema lexical):

Melodia alta	Melodia ascendente	Melodia baixa
		
V_1 $\hat{V}_2$	V_1 $\acute{V}_2$	V_1 V_2

♦ A **melodia alta** tem várias realizações, todas tendo em comum um tom de registro alto. Por isso, chame-se também melodia de registro:

- com dois tons de registro alto (com consoante intermediária sonora ou nula, sem vogal inicial laringalizada):
wẽê *espalhar* [ṽɛ̋ː]
wɨâ *carregar* [ʋɨ́á]
werê *avisar* [ʋɛ́ɾɛ́]

- com um tom baixo e um tom alto (com vogal inicial surda ou laringalizada):
petâ *porto* [pɛ̀è̥tá]
tu'kû *fruta* sp. [tùù̥kú]

- com um tom alto e um tom médio (com vogal inicial surda, variante livre da realização anterior):
petâ *porto* [pɛ́ē̥tā]

♦A **melodia ascendente** ou **de contorno** tem sempre um tom de contorno ascendente na segunda vogal:
wẽé *ventar* [ṽɛ̌ː]
weré *limpar (vísceras)* [ʋɛ̀ɾɛ̌]
petá *tocandira* [pɛ̀è̥tǎ]
tu'kú *ser anguloso* [tùù̥kǔ]

♦A **melodia baixa** ou **átona** caracteriza os **sufixos**, assim como os **nomes e verbos dependentes**. Realiza-se com dois tons de contorno descendente médio-baixo, baixo-superbaixo (ou dois tons de registro baixo):
wẽe *de galhos flexíveis* [ṽɛ̃̂]
sũi *pequeno* [sũ̂ĩ̂]
puti *rolo de* [pũ̂ù̥tĩ̂]

15.2. A regra de deslocamento tonal

Os sufixos e as palavras dependentes não têm tom próprio: são fonologicamente átonos e de melodia baixa. No entanto, podem capturam o tom de uma raiz verbal ou nominal independente (tônica). Seguem então a **regra de deslocamento tonal** seguinte:

Os sufixos e as palavras dependentes <u>não laringalizados</u> capturam automaticamente o tom das raízes independentes ascendentes que os precedem; nunca capturam o tom das raízes altas.

Exemplos com o sufixo nominal **-re** /-de/ *referencial*:
ɨsó *jacaré* → **ɨsoré** *ao jacaré* (raiz ascendente: deslocamento tonal)
wekó *papagaio* → **wekoré** *ao papagaio* (raiz ascendente: deslocamento tonal)
yesê *porco* → **yesêre** *ao porco* (raiz alta: nenhum deslocamento)

Exemplos com o sufixo verbal **-ya** *imperativo*:
apó *consertar* → **apoyá!** *conserte!*
weré *limpar (vísceras)* → **wereyá!** *limpe-as!*
werê *avisar* → **werêya!** *avise!*

Exemplos com o verbo dependente **masi** /bãsi/ *saber (fazer algo)*:
apó *consertar* → **apo masí** /apó+bãsi/ *saber consertar*
baá *nadar* → **baa masí** /baá+bãsi/ *saber nadar*
apê *brincar* → **apê masi** /apê+bãsi/ *saber brincar*

Exemplos com o nome dependente **puti** *rolo de*:
masɨ́ *homem* → **masɨ́ putí** /bãsɨ́+puti/ *rolo de homem, homem barrigudo*
muhî *caraná* → **muhî puti** /bũhî+puti/ *rolo de caraná*

Exemplos com o verbo dependente **yuu** *esperar (fazendo algo)*:
sĩ'rí *beber* → **sĩ'ri yuú** /sĩ'di+yuu/ *esperar bebendo*
ba'â *comer* → **ba'â yuu** /ba'â+yuu/ *esperar comendo*

Exemplos com o nome dependente **daa** *fio de*:
a'tí *este* → **a'ti daá** /a'tí+daa/ *este fio*
misî *cipó* → **misî daa** /bĩsî+daa/ *fio de cipó*

Como se vê, é **sempre a segunda mora** das palavras dependentes que captura o tom "livre" das raízes ascendentes. A regra **não é iterativa**: caso houver mais de um sufixo ou mais de uma palavra dependente, é sempre o primeiro sufixo ou a primeira palavra dependente (o mais perto da raiz) que captura o tom da raiz ascendente.
Exemplo com a raiz ascendente **kãrí** /kãdí/ *dormir*, os sufixos **-ti** *negativo* e **-mi** /-bĩ/ *3ª pessoa masculino singular*: **kãritími** /kãdí-ti-bĩ/ *(ele) não dorme*.
Exemplo com o verbo independente **bu'pú** *pular*, os verbos dependentes **mɨ́ha** /bɨ̃́ha/ *subir (fazendo algo)*, **peha** *colocar-se (fazendo algo)* e **eha** *ir até (fazez algo)*: **bu'pu mɨ́há peha eha** /bu'pú+bɨ̃́ha+peha+eha/ *ir até se colocar em cima subindo pulando*.

15.3. O deslocamento tonal e o bloqueio laringal

O deslocamento tonal estudado no subcapítulo precedente nunca se realiza quando o sufixo ou a palavra dependente for laringalizado(a). Em outras palavras, os segmentos laringalizados são **segmentos opacos**: bloqueiam sempre a melodia à sua direita e impedem o deslocamento tonal de se realizar. Exemplo com o sufixo laringalizado **-kã'** *assertivo*:
apó *consertar* → **apókã'mi** /apó-kã'-bĩ/ *(ele) conserta*
apê → **apêkã'mi** /apê-kã'-bĩ/ *(ele) brinca*

Exemplo com o verbo dependente **nɨ'ka** /dɨ̃'ka/ *começar a (fazer algo)*:
apó nɨ'kami /apó+dɨ̃'ka-bĩ/ *(ele) começa a consertar*
apê nɨ'kami /apê+dɨ̃'ka-bĩ/ *(ele) começa a brincar*

Exemplo com o nome dependente **pa'ta** *paralelepípedo de*:
a'tí *este* → **a'tí pa'ta** *este paralelepípedo*

15.4. Os sufixos em *-a*

15.4.1. Um certo número de sufixos começam por **-a** (sem laringalização). São sufixos nominais, verbais ou nominalizadores:
1) sufixos nominais:
-a *plural/animado* (cf. 8.3.)
-akã /-a-kã/ *diminutivo* (cf. 8.9.)

2) sufixos verbais:
-a *passado recente* (com modalidade epistêmica, cf. capítulo 5)
-apa /a-pa/ *imperativo de prevenção* (cf. 5.6.③)
-ato /-a-to/ *imperativo da 3ª pessoa* (cf. 5.6.④)

3) nominalizadores (formas futuras, cf. capítulo 11):
-akɨhɨ /-a-kɨhɨ/ *animado/-fsg*
-akoho /-a-koho/ *animado/+fsg*
-arãha /-a-dãha/ *animado/plural*
-atihi /-a-tihi/ *inanimado (forma básica)*, etc.

Além disso, o verbo dependente **wa'a** *ingressivo* exige a adjunção do sufixo **-a** à raiz verbal independente (cf. 7.5.): **-a** *sufixo associado ao ingressivo*.

15.4.2. Começaremos o nosso estudo tonal com este último sufixo. Compare:
apê *brincar* → **apeâ wa'a** *acabar brincando*
apó *consertar* → **apoá wa'a** *acabar consertando*

Como se vê, o sufixo **-a** integra-se à estrutura da raiz lexêmica, o conjunto constituindo uma unidade de melodia idêntica à melodia do lexema. Em outras palavras, o conjunto **RAIZ-a**, apesar de ser bimorfêmico, forma uma nova unidade trimoraica de melodia igual à da raiz (harmonia melódica):

RAIZ ALTA-a	→ RAIZ-â
RAIZ ASCENDENTE-a	→ RAIZ-á

15.4.3. Com os sufixos **-a** *passado recente*, **-apa** *imperativo de prevenção*, **-ato** *imperativo da 3ª pessoa*, **-akã** *diminutivo*, **-akɨhɨ** *nominalizador*, etc., o conjunto **RAIZ-a** forma também uma nova unidade, mas **sempre com melodia ascendente** (sem harmonia melódica):
apê *brincar* → **apeámi** /apê-a-bĩ/ *(vi que ele) brincou*
→ **apeákɨhɨ** *o que brincará*
→ **apeápa!** *cuide em brincar!*
apó *consertar* → **apoámi** /apó-a-bĩ/ *(vi que ele) consertou*
→ **apoákɨhɨ** *o que consertará*
→ **apoáto!** *que (ele) conserte!*
akê *macaco* → **akeákã** *macaquinho*
wekó *papagaio* → **wekoákã** *papagainho*

A raiz pode ser separada do sufixo **-a** por outro sufixo. Neste caso, a regra de deslocamento geral efetua-se normalmente com as raízes ascendentes. Exemplos com o sufixo negativo **-ti**:
apêtiami *(vi que ele) não brincou*
apotiámi *(vi que ele) não consertou*

Note, no último exemplo, que o sufixo **-a** integrou-se à estrutura do sufixo **-ti**, formando uma só sílaba e uma unidade tonal com ele.

15.4.4. Com o sufixo **-a** *plural/inanimado*, os fatos são mais complexos:
1) O sufixo plural **-a** forma uma nova unidade de melodia ascendente com as raízes ascendentes (harmonia melódica):
wekó *papagaio* → **wekoá** *papagaios*
bu'ú *tucunaré* → **bu'uá** *tucunarés*

2) O sufixo plural **-a** forma também uma nova unidade com as raizes nominais de melodia alta. O conjunto, porém, pode ser de melodia alta (harmonia melódica) ou de melodia ascendente (não-harmonia melódica). Isso depende do nome animado e da sua classe nominal (cf. 8.3.):

- a CLASSE I é formada de raízes altas que se tornam ascendente com a adjunção do plural **-a**:
akê *macaco* → **akeá** *macacos*
semê /sẽbê/ *paca* → **semeá** /sẽbê-a/ *pacas*
- a CLASSE II é formada de raízes altas que conservam a sua melodia alta com a adjunção de **-a** (harmonia melódica):
bɨkô *tamanduá* → **bɨkoâ** *tamanduá*
doê *traíra* → **doeâ** *traíras*

15.4.5. Uma complexidade suplementar aparece com a adjunção de outro sufixo depois de **-a** *plural/animado*. Este segundo sufixo pode ser **-re** /-de/ *referencial* ou **-pɨ** *focalizador*. Exemplos com **-re** (**-pɨ** tem o mesmo comportamento):

wekó *papagaio*	**wekoá** *papagaios*	**wekoaré** *aos papagaios*
akê *macaco*	**akeá** *macacos*	**akearé** *aos macacos*
doê *traíra*	**doeâ** *traíras*	**doeâre** *às traíras*
wa'tô *cuandu*	**wa'toâ** *cuandus*	**wa'toâre** *aos cuandus*

Como se vê, a adjunção de um sufixo suplementar não impede a regra geral de deslocamento tonal de se realizar, como se o conjunto **raiz-a** fosse bimoraico.
No entanto, o deslocamento nunca se efetua para os nomes que exigem, no singular, o sufixo singulativo **-wɨ̃** (cf. 8.3.):

utiâ *cabas*	**utiâwɨ̃** *uma caba*	**utiâre** *às cabas*
dasiá *camarões*	**dasiáwɨ̃** *um camarão*	**dasiáre** *aos camarões*

15.4.6. Em resumo, o sufixo **-a** integra-se sempre à estrutura tonal da raiz lexêmica. A adjunção do sufixo **-a** à raiz forma um conjunto **RAIZ-a** que constitui uma nova unidade tonal alta ou ascendente, conforme a melodia da raiz. A harmonia melódica não é respeitada em todos os casos.
Podemos dizer o mesmo com o sufixo **-o** *causativo*: integra-se sempre à estrutura tonal da raiz verbal, o conjunto formando uma nova unidade tonal que respeita ou não a melodia da raiz, conforme o item verbal:

pe=sâ *estar colocado*	**peô** *colocar*
puû *molhar-se*	**pɨó** *molhar* (com a regra **Diss1**: **u** → **ɨ** / _ **o**)
u'á *tomar banho*	**ɨ'ó** *banhar* (com as regras **Diss1** e **Ass1**: **a o** / _ **o**)

15.4.7. Como **-a** e **-o** são os únicos sufixos da língua que não começam por uma consoante, temos a regra geral seguinte:

RAIZ-V → RAIZ-Ṽ ou **RAIZ-V́**

ou seja: **um sufixo sem *onset* consonântico integra-se à estrutura tonal da raiz lexêmica, o conjunto formando uma nova unidade tonal alta ou ascendente**.

15.4.8. Para terminar, mencionaremos o caso dos sufixos que começam por **g**, consoante que se apaga nas conversações de todos os dias. Nesse caso, o conjunto nunca constitui uma unidade tonal ascendente ou alta. Exemplos com o sufixo **-ga** *forma roliça* e com **ɨ̃rê** *vegetal pupunha*:
ɨ̃rêga *pupunha*
ɨ̃rêa *pupunha* (forma simplificada)

Como se vê, a forma abreviada com o sufixo simplificado **-a** não se integra à estrutura da raiz, o conjunto tendo a mesma estrutura tonal que a forma completa (com **g**).

15.5. Os sufixos com tom flutuante

Alguns sufixos capturam o tom de qualquer raiz verbal quando estão adjacentes a esta raiz. Estes sufixos serão ditos **sufixos fortes**. Como exemplos desses sufixos, temos todos os sufixos nominalizadores nas suas formas simultâneas, presentes ou habituais (cf. 11): **-gɨ́**, **-gó**, **-rã̄́**, **-sehé**, **-kaha**, etc. Com o verbo de melodia alta **apê** *brincar* e o verbo de melodia ascendente **da'rá** /da'dá/ *trabalhar*:
apegó *a que brinca*
aperã̄́ *os que brincam*
apesehé *brinquedos*
apekahá *ser roliço do brincar (bola,...)*

da'ragó *a que trabalha*
da'rarã̄́ *os que trabalham*
da'rasehé *trabalhos*
da'rakahá *ser roliço do trabalho (enxada,...)*

Caso esses sufixos não forem adjacentes à raiz (presença de outro sufixo intermediário), os padrões tonais são regulares, a regra geral de deslocamento tonal aplicando-se com as raízes ascendentes, se o sufixo intermediário não for laringalizado. Exemplo com o sufixo intermediário **-ti** *negativo*:
apêtigo *a que não brinca*
da'ratígo *a que não trabalha*

Os sufixos fortes são:
- os nominalizadores nas suas formas presentes.
- o sufixo nominal **-rohó** /-dohó/ *aumentativo*.
- o sufixo verbal **-kã̄́** *implicativo/sujeito diferente*.

Exemplos de aumentativo e de implicativo/sujeito diferente:
aâ *gavião* → **aarohó** *gavião grande*
apê *brincar* → **apekã̄́** *brincando*

Em 11.2., sugerimos a existência de um tom flutuante para os nominalizadores nas suas formas presentes, reescrevendo-os:
-gɨ́ ← **-□́- gɨ**
-gó ← **-□́- go**
-rã̄́ ← **-□́- rã̄**, etc.

Pensamos que o tom flutuante é um "vestígio" do apagamento do sufixo nominalizador **-a**, ainda existente nas formas futuras. O segmento caiu, mas não o seu tom que obedece às regras estudadas em 15.4.: um sufixo sem *onset* consonântico integra-se à estrutura tonal da raiz, o conjunto formando uma unidade tonal ascendente. Por exemplo:
apê-a-go > **apeágo** > **ape□́go** > **apégo** > **apegó** *a que brinca*
unidade tonal apagamento deslocamento

Com a postulação de um tom flutuante, os sufixos fortes não devem ser considerados como sufixos irregulares.

15.6. Os sufixos e palavras dependentes irregulares

15.6.1. **Os sufixos transparentes**

Alguns sufixos são tonalmente **transparentes**: nunca levam em si alguma tonalidade alta ou ascendente. Estes sufixos são:
-sa *modalidade sentida* (cf. 5.2.)
-pa *modalidade dedutiva* (no interrogativo, cf. 5.3.)
-pa *plural de forma* (cf. 8.7.)

Exemplos com **-sa** *sentido*:
apêsami *(ouço que ele) brinca*
aposamí *(ouço que ele) conserta*

Exemplos com **-pa** *dedutivo*:
apêpari? *(você deduziu que ele) brincou?*
apoparí? *(você deduziu que ele) consertou?*

Exemplos com **-pa** *plural de forma*:
ũyû *vegetal abacate* → **ũyupagá** *abacates*
kií *mandioca* → **kiipagá** *tubérculos de mandioca*

Em outras palavras, estes sufixos deixam passar o tom da raiz ascendente "em cima deles" sem o capturar. É o sufixo seguinte que efetua a captura. Caso houver um sufixo intermediário, é naturalmente ele que obedece a regra geral de deslocamento tonal:
apêtisami *(ouço que ele) não brinca*
apotísami *(ouço que ele) não conserta*

Em 3.4., o leitor poderá encontrar uma exposição dos sufixos transparentes com uma tentativa de interpretação.
Note que **-pa** *plural de forma*, além desta irregularidade, transforma qualquer raiz alta em baixa, o tom ascendente realizando-se no sufixo que segue **-pa** (nos exemplos acuma, no sufixo **-ga** *forma roliça*). Em 8.7., tentamos explicar esta segunda irregularidade pela presença de um tom flutuante vestígio.
O sufixo **-sa** *sentido* tem outra irregularidade, quando seguido pelo sufixo **-'** *outras pessoas*:
apê *brincar* → **apésa'** *brinco (sem querer)*
apó *consertar* → **apósa'***conserto (sem querer)*

Como se vê, as raízes verbais de melodia alta tornam-se automaticamente ascendentes, enquanto as raízes de melodia ascendente não mudam.

15.6.2. **Outras irregularidades**

Existem alguns verbos e nomes dependentes irregulares. São muito poucos:

♦ O verbo dependente **we'e** *não* (cf. 6.1.) tem a mesma irregularidade tonal que acabamos de mencionar com **-sa** *sentido*. Ele transforma as raízes verbais altas em raízes ascendentes:
apê *brincar* → **apé we'e'** *não brinco*
werê /wede/ *avisar* → **weré we'e'** *não aviso*
apó *consertar* → **apó we'e'** *não conserto*

♦ Dois verbos dependentes bloqueiam o deslocamento tonal, apesar de não ser audivelmente laringalizados (cf. 7.8.). São:
toha *já (fazer algo)*
kũu siha *(fazer algo) para cá e para lá*

Exemplos com **toha**:
ba'â *comer* → **ba'â <u>toha</u>ami** *já comeu*
sĩ'rí *beber* → **sĩ'rí <u>toha</u>ami** *já bebeu*

♦ Apesar de não ser laringalizado, o contraste **maa** (cf. 9.9.) bloqueia o deslocamento tonal:
teé *aquilo* → **teé <u>maa</u>** *daquilo*

Além disso, transforma a melodia alta dos nomes pessoais em melodia ascendente:
koô *ela* → **koó <u>maa</u>** *para ela*

♦ Sendo laringalizado, o aditivo **kẽ'ra** /kẽ'da/ *também* bloqueia naturalmente o deslocamento tonal. No entanto, apresenta uma irregularidade similar a **maa** *contraste*, transformando a melodia alta dos nomes pessoais em melodia ascendente (cf. 9.5.):
naâ *eles* → **naá <u>kẽ'ra</u>** *eles também*
koô *ela* → **koó <u>kẽ'ra</u>** *ela também*

16

Elementos de sintaxe

Neste capítulo, tentamos precisar as principais relações sintáticas que existem entre as palavras dos enunciados, dando às vezes mais sugestões que argumentos decisivos.
Em 16.1., evidenciamos uma ordem não-marcada para a ênfase nos enunciados fora de contexto. Em 16.2., a regra sobre a ênfase e os vários tipos de deslocação são analizados. Em 16.5., definimos a locução apositiva específica e tentamos diferenciá-la do sintagma nominal estudado em 16.4. Algumas considerações sobre as construções coordenativas e a locução citativa aparecem, respectivamente, em 16.3. e 16.6.

16.1. A ordem não marcada para a ênfase

16.1.1. A mobilidade das palavras dentro de um enunciado opõe-se à coesão interna dos morfemas dentro das palavras. Por exemplo, os enunciados seguintes têm o mesmo sentido geral, com apenas certa diferença na ênfase dos diversos argumentos:
(662) **yɨ'ɨ̃$_1$ kɨ̃-re$_2$ su'tí$_3$ o'o-á-pɨ$_4$** *eu$_1$ lhe$_2$ dei$_4$ roupas$_3$*
(662_a) **kɨ̃-re su'tí o'o-á-pɨ yɨ'ɨ̃** *eu lhe dei roupas*
(662_b) **yɨ'ɨ̃ su'tí o'o-á-pɨ kɨ̃-re** *eu lhe dei roupas*
(662_c) **su'tí o'o-á-pɨ yɨ'ɨ̃ kɨ̃-re** *eu lhe dei roupas*
(662_d) **kɨ̃-re yɨ'ɨ̃ su'tí o'o-á-pɨ** *eu lhe dei roupas*
(662_e) **su'tí o'o-á-pɨ kɨ̃-re yɨ'ɨ̃** *eu lhe dei roupas*

Dentro das palavras, a ordem é fixa:
kɨ̃-re *para ele* e não: ***re-kɨ̃**
o'o-á-pɨ *dei* e não: ***o'o-pɨ-a**, ***pɨ-a-o'o**, ***a-pɨ-o'o**, ***pɨ-o'o-a**, ***a-o'o-pɨ**

Além disso, os nomes não são necessários para a gramaticalidade do enunciado e são omitidos se o contexto permite recuperá-los:
(662_f) **o'o-á-pɨ** *dei-lhas*

Em (662_f) e (662), os sufixos verbais **-a-pɨ** mostram que o sujeito (animado) de **o'ô** *dar* não é uma terceira pessoa. Logo, o único sujeito possível é **yɨ'ɨ̃** *eu*. O sufixo **-re** /-de/ *referencial* mostra que **kɨ̃** *ele* é o objeto indireto e, em consequência, o único objeto direto possível é o nome **su'tí** *roupas*. Em outras palavras, a língua não precisaria de uma ordem fixa para expressar as suas relações sintáticas.
Se a ordem das palavras dentro do enunciado fosse verdadeiramente livre, teríamos muito pouco a dizer e poderíamos nos limitar à morfologia dos sufixos verbais ou nominais. No entanto, esta ordem está condicionada por regras de ênfase que enunciaremos ulteriormente. Tornamos então a nos perguntar se existe realmente uma ordem neutra e não marcada para a ênfase.

16.1.2. Vejamos primeiro a ordem dos sufixos verbais coreferenciais aos nomes. Ela é obrigatoriamente:

V - S

Em outros termos, o verbo leva sempre como sufixo uma marca que está coreferencial ao sujeito. O objeto nunca está marcado na morfologia verbal.
No entanto, note-se que esta ordem **V-S** dentro da palavra não revela necessariamente a ordem não marcada das palavras entre si, já que o sufixo coreferencial ao sujeito não é tão enfatizado como o nome correspondente: o sufixo deve seguir a regra de desenfoque (deslocação à direita, cuja função é a de clarificação e de identificação, cf. 16.2.) e deve ocupar a posição final de enunciado.

16.1.3. Para achar a ordem não marcada das palavras, precisamos de enunciados onde os efeitos estilísticos e discursivos estão reduzidos ao mínimo. Os começos de narrações e de lendas constituem uma boa amostra deste tipo de enunciados, por eles serem frequentemente fora do contexto. Consideramos, por exemplo, o começo da história sobre o jabuti:
(663) **ûhuri$_1$ põ'ra-tí-pɨ'$_2$** *dizem que o jabuti$_1$ teve filhos$_2$*

Este enunciado fora do contexto revela a ordem não marcada para a ênfase:

S V

Outra versão da mesma história começa assim:
(664) **neê waro-pɨ-re$_1$, ûhuri$_2$ wekîre$_3$ wẽhé-pɨ'$_4$** *dizem que, no começo dos tempos$_1$, o jabuti$_2$ matou$_4$ a anta$_3$*

o que revela a ordem não-marcada (com Per: complemento periférico):

(Per$_{temporal}$) S O V

Chegamos assim à ordem não marcada da língua ye'pâ-masa:

S O V

♦ Introduzindo o sujeito, os complementos nucleares (O_{dir}: objeto direto, O_{ind}: objeto indireto marcado por **-re** *referencial*) e os complementos periféricos (Instr: instrumental, Acomp: acompanhamento, ambos marcados por **me'ra** *com*; $Per_{temporal}$, $Per_{locativo}$, ambos não marcados por **-re** *referencial*; $Per_{maneira}$: forma nominalizada em **-ró** *nom.lugar* expressando a maneira), obtemos a fórmula geral seguinte:

S	**Instr/Acomp**	**O$_{ind}$**	**Per$_{temporal/locativo/maneira}$**	**O$_{dir}$**	**V**

Alguns exemplos:

(665) **numi-ô$_1$ Péduru-re$_2$ su'tí$_3$ o'o-á-pɨ$_4$** *a mulher$_1$ deu$_4$ roupas$_3$ a Pedro$_2$*
(S O_{ind} O_{dir} V)

(666) **yukî-gɨ$_1$ ohô yõo-pɨ$_2$ pu'â eha-'$_3$** *o pau$_1$ crava-se$_3$ na bananeira$_2$* (S $Per_{locativo}$ V)

(667) **Péduru$_1$ di'pĩhí me'ra$_2$ wa'îkɨ di'i-ro-re$_3$ dɨte-á-pɨ$_4$** *Pedro$_1$ cortou$_4$ a carne$_3$ com a faca$_2$* (S Instr O_{ind} V)

(668) **koô$_1$ yɨ'î-re$_2$ toho$_3$ nii-á-mo$_4$** *ela$_1$ me$_2$ disse$_4$ assim$_3$* (S O_{ind} $Per_{maneira}$ V)

(669) **wesé ma'a-pɨ$_1$ beta potá$_2$ sĩô pu'a-a-sɨ$_3$** *espetei-me enfiando a mão em$_3$ espinhos de tucum$_2$ no caminho da roça$_1$* ((S) Per$_{locativo}$ O$_{dir}$ V)

(670) **duarí wi'i$_1$ yamiákã$_2$ pãrî-ro-sa-'$_3$** *a loja$_1$ abrirá$_3$ amanhã$_2$* (S Per$_{temporal}$ V)

(671) **mɨsâ dure-sehé-re$_1$ kumú bu'i$_2$ peô-ya$_3$!** *ponha$_3$ a bagagem de vocês$_1$ em cima dos bancos$_2$!* (O$_{ind}$ Per$_{locativo}$ V)

16.1.4. Como já vimos em 11.1., não existem propriamente dito orações subordinadas (relativas, completivas, etc.). No seu lugar, aparecem formas nominalizadas que se encaixam no lugar de um argumento verbal da oração, obedecendo assim às regras que evidenciamos sobre a ordem das palavras. O leitor poderá consultar os exemplos (489) e (490), com a análise que demos deles em 11.1. Outro exemplo:
(672) **Péduru$_1$ wa'î-re$_2$ [naâ basa-ró-pɨ]$_3$ ba'â-mi$_4$** *Pedro$_1$ come$_4$ o peixe$_2$ [onde eles dançam]$_3$* (S O$_{ind}$ Per$_{locativo}$ V, com **naâ** *eles* e **basâ** *dançar*)

A "oração implicativa" (cf. capítulo 10) precede geralmente a "oração implicada". No exemplo seguinte, a oração implicativa é marcada por **-kã́** *impl.cs*:
(673) **[ĩsâ eha-kã́]$_1$ [masá du'ti-á wa'a-a-ma]$_2$** *[quando nós chegamos]$_1$ [as pessoas fugiram]$_2$*

A "oração de finalidade" (cf. 10.2.) segue geralmente a "oração principal". Voltamos a apresentar o exemplo:
(446) **[yɨ'î pekâ-wɨ yẽ'e-á-pɨ]$_1$ [kɨ̃ yesê wẽhe-á-kɨhɨ nii-kã́]$_2$** *[eu peguei a espingarda]$_1$ [para que ele mate o porco]$_2$*

Note que, nos exemplos (445) e (447) de 10.2., a oração de finalidade precede a oração principal por ser enfatizada (regra sobre a ênfase, cf. 16.2.).
O discurso direto contrói-se geralmente com o verbo **niĩ** /dĩĩ/ *dizer* que vem precedido pela citação. Esta citação ocupa o lugar do objeto direto. Por exemplo (a citação é sublinhada):

(674) **wa'á we'e'$_1$ nii-á-mi$_2$** *(ele) disse que não vai* (lit. *"não vou "$_1$, (ele) disse$_2$*)

(675) **yɨ'î pako$_1$ kɨ̃$_2$ do'âti-ti-a-mi$_3$ nii-á-mo$_4$** *minha mãe disse que ele não está doente* (lit. *minha mãe$_1$: "ele$_2$ não está doente$_3$"*, *(ela) disse$_4$*)

(676) **koô$_1$ mɨ'î-re$_2$ ba'â-gɨ-sa-mi$_3$ nii-á-mo$_4$** *ela disse que você vai comer* (lit. *ela$_1$ em relação a você$_2$: "(ele) comerá"$_3$, (ela) disse$_4$*)

(677) **mɨ'î-re$_1$ kɨ̃$_2$ ba'a-á-mi$_3$ nii-á-mi$_4$** *(ele) disse que você comeu* (lit. *em relação em você$_1$: "ele$_2$ comeu$_3$", (ele) disse$_4$*)

16.1.5. Concluimos que a ordem não marcada é SOV. No entanto, essa ordem não tem um valor sintático capaz de mostrar as relações entre o sujeito, os complementos e o predicado. Com efeito, é frequentemente modificada pela ênfase dada a certo argumento verbal: o exemplo (662) e as suas variações mostram que a posição dos argumentos dentro do enunciado não vale para distinguir as funções sintáticas destes argumentos. Além disso, o sufixo **-re** *referencial* não diferencia sempre o sujeito do objeto. Compare:
(678$_a$) **yɨ'î$_1$ peta-ré$_2$ too-á-pɨ$_3$** *eu$_1$ fui picado$_3$ pela tocandira$_2$*
(678$_b$) **yɨ'î$_1$ petá$_2$ too-á-pɨ$_3$** *eu$_1$ fui picado$_3$ por tocandira$_2$*

Em (678_a), o objeto é marcado por **-re** por ter uma certa referencialidade. Lembramos que o sujeito nunca é marcado por **-re** (cf. 8.12.). No entanto, em (678_b), o sujeito e o objeto não são marcados e, conforme a ênfase dada ao objeto, a ordem pode ser mudada em:
(678_{b1}) **petá too-á-pɨ yɨ'ĩ** *é por tocandira que fui picado*

Como se vê, nem a ordem nem as inflexões permitem distinguir o sujeito do objeto. No entanto, não há nenhuma ambiguidade neste exemplo, por ser o sujeito indicado pelo sufixo verbal **-a-pɨ** *p.rec.vist.outras pessoas*. Outros enunciados como:
(679) **masá$_1$ wa'ĩ$_2$ ba'â-ma$_3$** *as pessoas$_1$ comem$_3$ peixes$_2$ / peixes$_2$ comem$_3$ gente$_1$*

são ambíguos, porque a sufixação verbal (aqui, **-ma** *3pl*) não indica ao certo qual é o sujeito. Este tipo de enunciados, porém, é bastante raro, e, nesse caso, o contexto sempre privilegia um ou outro sentido.
Em resumo, podemos dizer que a ordem das palavras no enunciado é sintaticamente livre.

16.2. A regra sobre a ênfase e as deslocações

16.2.1. A regra sobre a ênfase pode ser formulada assim: **a(s) palavra(s) enfatizada(s) aparece(m) no começo do enunciado**. Compare:
(680) **koô$_1$ nɨkĩ-pɨ$_2$ wa'a-á-mo$_3$** *ela$_1$ foi$_3$ à mata$_2$* (ou: "foi ela que foi à mata", com ênfase do sujeito)

com:
(680_a) **nɨkĩ-pɨ$_2$ wa'a-á-mo$_3$ koô$_1$** *foi ir$_3$ à mata$_2$ que ela$_1$ fez* (ênfase de $Per_{locativo}$+verbo)

Outros exemplos de ênfase:

(681) **yeé su'ti-re$_1$ yɨ'ĩ$_2$ sã'ke koé-'$_3$** *são as minhas roupas$_1$ que eu$_2$ lavo esfregando-as$_3$* (o elemento enfatizado "as minhas roupas" aparece no começo do enunciado)

(682) **wese-pɨ$_1$ yɨ'ĩ-re$_2$ ko'tê-gɨ wa'â-ya$_3$!** *vá me$_2$ esperar$_3$ <u>na roça$_1$</u>* (o elemento inicial enfatizado "na roça" foi sublinhado na tradução)

16.2.2. O leitor não confundirá esta ênfase de palavras com a deslocação à esquerda (topicalização) ou à direita (pensamento ulterior, chamada do tópico para clarificar a predicação). Exemplos de deslocação à direita (com leve pausa indicada pela vírgula):

(680_b) **nɨkĩ-pɨ$_2$ wa'a-á-mo$_3$, koô$_1$** *foi$_3$ à mata$_2$, ela$_1$* (deslocação à direita do sujeito "ela")

(683) **kãrêkẽ'$_1$ kẽê-gɨ' wee-mí$_2$, wi'ma-gí-re$_3$** *o galo$_1$ está atacando-o$_2$, ao menino$_3$* (deslocação à direita do objeto referencial "o menino")

Essa deslocação à direita, frequentíssima com os "pronomes pessoais" e comumente associada ao sufixo de destaque **-a'** (cf. 8.13.), talvez explique diacronicamente a gênese da ordem V-S notada dentro da palavra verbal (cf. 16.1.).
Como exemplo de deslocação à esquerda, compare:
(684) **da'ra-sehé$_1$ makâ-pɨ$_2$ pãri-á-pa'ro$_3$** *os trabalhos$_1$ foram abertos$_3$ na cidade$_2$* (ordem não marcada: S $Per_{locativo}$ V)

com:

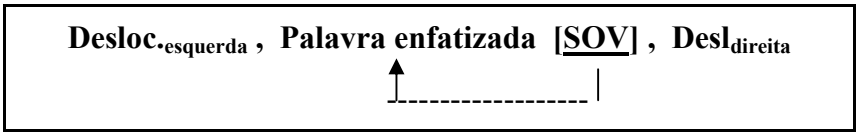
(684$_a$) **makâ-pɨ-re$_2$, da'ra-sehé$_1$ pãri-á-pa'ro$_3$** *na cidade$_2$, os trabalhos$_1$ foram abertos$_3$* (deslocação à esquerda do elemento topicalizado "na cidade")

Compare também:
(685) **marî-re$_1$ ni'kaá$_2$ wa'a-ró$_3$ o'ó we'e'$_4$** *não dá$_4$ para nós$_1$ ir$_3$ hoje$_2$* (ordem não marcada: O_{ind} $Per_{temporal}$ O_{dir} V)

com:
(685$_a$) **ni'kaá-re$_1$, yɨ'ĩ pakɨ$_2$ kumú$_3$ ohâ-gɨ' wee-mí$_4$** *hoje$_1$, meu pai$_2$ está pintando$_4$ bancos$_3$* (deslocação do elemento topicalizado "hoje")

Sobre a função de saliência discursiva de **-re**, cf. 8.12.

16.2.3. Tomando em conta a regra sobre a ênfase e as deslocações, chegamos à fórmula geral seguinte:



Certos pontos precisariam um estudo complementar. Em particular, não é sempre fácil distinguir a enfatização de uma palavra em posição inicial de uma simples deslocação à esquerda. Os padrões entonatórios são às vezes difíceis de interpretar.
Além disso, parece que a ordem parcial $O_{dir}V$, com o primeiro complemento perto do verbo, é bastante fixa. Um estudo pormenorizado deveria mostrar se a ordem VO_{dir} pode aparecer sem nenhuma deslocação ou se a ordem $O_{dir}V$ é um traço característico da sintaxe da oração.

16.3. A sintaxe da oração: o sujeito, o predicado e a coordenação

Uma relação especial entre o argumento tipicamente agente dos enunciados transitivos e o verbo está revelada pela concordância entre os dois sob forma de sufixo verbal. Isto associa claramente a função sintática sujeito à este argumento. Além disso, esta acusatividade morfológica manifesta-se também em várias construções sintáticas, como as que precisam de um *pivot* sintático, especialmente na construção de coordenação.
A **coordenação** pode efetuar-se entre nomes, verbos ou orações. Não há coordenadores próprios, de forma que a coordenação realiza-se por simples justaposição dos termos coordenados, com entonação fortemente ascendente no fim de cada termo, menos o último. Exemplos de coordenação/enumeração entre nomes (os nomes coordenados são sublinhados):
(686) **<u>yehê</u>$_1$, <u>aâ</u>$_2$, <u>dasê</u>$_3$ boka-á-ma$_4$** *encontraram$_4$ garça$_1$, gavião$_2$ (e) tucano$_3$*
(687) **yɨ'ɨ$_1$ <u>Baría</u>$_2$, <u>Péduru</u>$_3$ ĩ'ya-á-pɨ$_4$** *eu$_1$ vi$_4$ Maria$_2$ e Pedro$_3$*

Quando se trata de coordenação entre orações, o sujeito funciona como *pivot* sintático: há supressão do sujeito da segunda e subsequentes orações quando este for coreferencial ao sujeito da primeira oração. Por exemplo:
(688) **(<u>koô</u>$_1$) wã'kâ nɨ'ka$_2$, a'ti pĩhí-re$_3$ yẽ'ê$_4$, wa'â wa'a-a-mo$_5$** *(ela$_1$) levantou-se$_2$, pegou$_4$ o terçado$_3$ (e) foi embora$_5$*

Note-se que o *pivot* (aqui, "ela") é o sujeito dos três verbos do enunciado precedente e que os dois primeiros verbos aparecem sem nenhuma sufixação. Em regra geral, a coordenação entre verbos caracteriza-se pela simples justaposição dos verbos, com

elipse dos seus sufixos terminativos ("radicais nus") do primeiro até o penúltimo verbo. É o último verbo que leva os sufixos apropriados para todo o conjunto dos verbos. Outro exemplo com os verbos **apê** *brincar*, **ba'â** *comer* e **kãrí** /kãdí/ *dormir*:
(689) **apê, ba'â, kãri-á-mo** *(ela) brincou, comeu e dormiu*

Neste exemplo, é unicamente o último verbo quem leva os sufixos **-a-mo** *p.rec.vist.3+fsg*, que, nocionalmente, valem para o conjunto.
Os sufixos que obedecem a esta regra de elipse dos sufixos nos primeiros verbos são os sufixos terminativos (modalidade, tempo, pessoa, número e gênero), assim como os sufixos de imperativo. Os outros, como o negativo **-ti**, não são apagados. Exemplo com o sufixo imperativo **-ya**:
(690) **yɨ'ɨ-re$_1$ akô yee-ti$_2$, wẽrî bata'-ya$_3$!** *que não me$_1$ trate$_2$ (doença) e que morra$_3$!*

Podemos resumir a coordenação de orações com mesmo sujeito, dizendo que a supressão do sujeito é "progressiva", mas que a dos sufixos terminativos verbais é "regressiva". Um nome periférico que não é o sujeito gramatical da construção, mas o seu tópico, pode também funcionar como *pivot*. Por exemplo:

(691) **soorí nɨmɨ$_1$ uhá-ke$_2$ nɨ'ká$_3$, tii yamí$_4$ neê$_5$ surû-ti$_6$, ape nɨmɨ$_7$ tohô-ta$_8$ wa'â$_9$, tii yamí$_{10}$ po'o-sehé$_{11}$ bahu-á-pa'ro$_{12}$** *a febre$_2$ começou$_3$ domingo$_1$, nem$_5$ parou$_6$ naquela noite$_4$, seguiu$_9$ o mesmo$_8$ outro dia$_7$ e, na noite seguinte$_{10}$, as bolhas (de sarampo)$_{11}$ apareceram$_{12}$*

Neste exemplo de orações coordenadas, as 3 primeiras têm como sujeito **uháke** *febre* enquanto **po'osé** *bolhas* é o sujeito gramatical da última. Apesar desta mudança de sujeito, os sufixos verbais só aparecem no último verbo. Esta elipse de sufixos terminativos torna-se possível pelo fato de que o nome que funciona aqui como *pivot* é a pessoa que contratou a febre e o sarampo: por exemplo, **yɨ'ɨ-re** *para mim* ("(para mim) a febre começou domingo,...e, (para mim), as bolhas de sarampo apareceram"). Neste caso, o *pivot* da construção inteira não é o sujeito, mas o tópico do enunciado.

16.4. Os sintagmas nominais e verbais

16.4.1. Existe um nível de hierarquia intermediário entre a oração e o morfema: o sintagma nominal e o sintagma verbal. Este nível intermediário, que constitui a estrutura básica de toda a língua ye'pâ-masa, foi estudado ao longo da morfologia verbal e nominal. Lembramos a existência de classes de lexemas dependentes (verbos dependentes e nomes dependentes, cf. capítulos 7 e 9), cuja aparição depende de um lexema independente que sempre os precede. A relação:

VERBO INDEPENDENTE+VERBO DEPENDENTE

ou:

NOME INDEPENDENTE+NOME DEPENDENTE

é sempre uma relação sintática do tipo:

COMPLEMENTO+COMPLETADO

Por exemplo:
(692) **baa$_1$ masí$_2$** /baá+bãsi/ *saber$_2$ nadar$_1$*
(693) **tuú$_1$ bi'a$_2$** /tuú+bi'a/ *fechar$_2$ empurrando$_1$*

(694) **ohô$_1$ tõ'o$_2$** /ohô+tõ'o/ *cacho$_2$ de bananas$_1$*
(695) **ma'â$_1$ yuri$_2$** /bã'â+yudi/ *torto$_2$ de caminho$_1$ (caminho torto)*
(696) **bu'e-rí$_1$ wi'i$_2$** /bu'ê-dí+wi'i/ *casa$_2$ de estudo$_1$*

Os argumentos que nos permitem considerar estas locuções como verdadeiros sintagmas são os seguintes:
1) A unidade tonal da locução: os nomes e os verbos dependentes são fonologicamente átonos.

2) A presença de uma cabeça nominal ou verbal (respectivamente, nos exemplos acima, **masi** *saber (fazer algo)*, **bi'a** *fechar (fazendo algo)*, **tõ'o** *cacho de*, **yuri** *torto de* e **wi'i** *casa de*). O fato de que a cabeça nominal está em segunda posição é comprovado pela concordância do verbo com ela. Por exemplo:
(697) **masa$_1$ + kaá$_2$ niî-'$_3$** *é$_3$ linha$_2$ de pessoas$_1$*

onde o sufixo **-'** mostra que que o verbo concorda com o nome inanimado **kaa** *linha (de)* e não com o nome animado **masá** *pessoas*.

3) O fato de que as marcas de função abrangem todo o sintagma, afixando-se unicamente depois dele.

4) A concordância, quando a semântica o permite (cf. 9.1.). Compare:
(695) **ma'â yuri** *torto de caminho, caminho torto*

com (**-ri** *plural/ inanimado*):
(695$_a$) **ma'â-ri yuri-ri** *tortos de caminhos, caminhos tortos*

5) A ordem fixa e a não-possibilidade da locução ser separada por uma palavra. Por exemplo, a partir de:
(698) **ohô$_1$ tõ'o$_2$ niî-'$_3$** *é$_3$ um cacho$_2$ de bananas$_1$*

não podemos formar: ***tõ'o ohô niî-'** ou: ***ohô niî-' tõ'o**.

Todos esses argumentos mostram a grande coesão deste tipo de locução. O sintagma genitival (nome+nome), do tipo "cacho de bananidade", é a estrutura básica de todos os sintagmas da língua (com verbo nominalizado, demonstrativo, possessivo, interrogativo, etc.).

16.4.2. Esta estrutura estende-se também aos sufixos verbais e nominais. Compare: **ohô$_1$ tõ'o$_2$** *cacho$_2$ de bananas$_1$* com:
wesê$_1$-ri$_2$ *roças (pluralidade$_2$ de roça$_1$)* (sufixo nominal **-ri** *plural*)
wese$_1$-ákã$_2$ *rocinha (pequena$_2$ de roça$_1$)* (sufixo nominal **-akã** *diminutivo*)

Compare também:
baa$_1$ masí$_2$ *saber$_2$ nadar$_1$*

com:
baa$_1$-tí$_2$ *não nadar (negar-se$_2$ a nadar$_1$)* (sufixo verbal **-ti** *negativo*)
baá$_1$-'ti$_2$ *vir$_2$ nadando$_1$* (sufixo verbal **-'ti** *centrípeto*)

Em 4.4.⑧, sugerimos que os sufixos são lexemas dependentes diacronicamente reanalizados como afixos pelo desgaste fonético. Nessas condições, a dificuldade que encontramos em decidir se tal ou tal morfema é um sufixo ou um lexema dependente não levanta problemas do ponto de vista sintático: com efeito, a relação sintática entre

lexema e sufixo, ou entre lexema independente e lexema dependente, é sempre a mesma: Complemento+Completado. Esta relação é a relação básica da língua.
Em outras palavras, poderíamos ter suprimido a noção de palavra sem problemas, e efetuar a nossa sintaxe entre os morfemas, e não entre as palavras. No entanto, o caráter inflexional de certos sufixos como **-mi** /-bĩ/ *presente/visto/3-fsg* levanta uma certa dificuldade na segmentação dos morfemas. Por exemplo, com **apê** *brincar*, obtemos:
(699) **apê-mi** *(eu vejo que ele) brinca*

com uma palavra, mas com quantos morfemas?
Nota-se que esta relação básica Complemento-Completado segue a predição de Greenberg (1963: 58-90), conforme a qual as línguas OV têm uma morfologia de sufixos, com verbos modais (os nossos verbos dependentes) à direita do verbo principal e com uma estrutura geral Determinante+Determinado. É justamente isso que caracteriza a língua ye'pâ-masa.

16.4.3. A categoria "proposição ou oração nominal" (completivas, circunstanciais ou relativas) não existe em ye'pâ-masa. Já vimos em 11.1. que as formas nominalizadas correspondem, pelo menos na tradução, a esta categoria. São verdadeiros sintagmas nominais cuja cabeça nominal ocupa a posição de um argumento verbal. Por exemplo, em:

(700) **kɨ̃ a'tiátoho masí-sa'**
/kɨ̃ a'tî- a - toho bãsî - sa-' /
ele vir-nom.lugar.fut saber-pres.sent.outras pessoas
sei que ele virá (lit. *sei o lugar do seu vir futuro*)

a relação sintática é a mesma que em:

(701) **ãyurí wi'i ĩ'yaápɨ**
/ ãyú - dí +wi'i ĩ'yâ- a-pɨ /
ser bonito-nom.inan.sg+casa ver-p.rec.vist.outras pessoas
vi uma casa bonita (lit. *vi uma casa de beleza*)

Nesses dois exemplos, a cabeça dos sintagmas nominais **kɨ̃ a'tiátoho** e **ãyurí wi'i** foi sublinhada.

16.5. As locuções apositivas especificadas

O leitor não confundirá o sintagma nominal (unidade tonal), como em:
(694) **ohô$_1$ tõ'o$_2$** /ohô+tõ'o/ *cacho$_2$ de bananas$_1$*
(696) **bu'erí$_1$ wi'i$_2$** /bu'ê-dí+wi'i/ *casa$_2$ de estudo$_1$*
(702) **a'tí$_1$ wi'i$_2$** /a'tí+wi'i/ *esta casa (casa$_2$ daqui$_1$)*

com a construção evidenciada em:
(703) **akó$_1$ ãyu-sehé$_2$** *água$_1$ boa$_2$ (água$_1$ (,) ser não-contável de beleza$_2$)*
(704) **a'té$_1$ akó$_2$** *esta$_1$ água$_2$ (ser não-contável daqui$_1$ (,) água$_2$)*
(705) **ã'rí$_1$ ɨmí$_2$** *este$_1$ homem$_2$ (ser animado daqui$_1$ (,) homem$_2$)*

onde **cada palavra** destas locuções tem a sua **unidade tonal**.
Este tipo de construção foi descrito ao longo dos capítulos 11 e 12. Caracteriza os verbos nominalizados, os demonstrativos, a anáfora, o possessivo, os interrogativos e os numerais nas suas formas não-básicas. Lembraremos aqui o essencial da discussão.

As formas básicas (inanimado singular) são sempre seguidas por um nome inanimado contável singular que lhes serve de cabeça nominal. O sintagma nominal assim constituído forma uma unidade tonal: em (696), o verbo **bu'ê** *estudar* aparece sob a sua forma nominalizada básica **bu'erí+** *estudo* e é seguido obrigatoriamente pela sua cabeça nominal, aqui o nome inanimado contável singular **wi'i** *casa de*; em (702), a forma demonstrativa básica **a'tí+** *aqui* é seguida pela sua cabeça nominal, aqui o mesmo nome inanimado **wi'i**. Em outras palavras, as formas básicas nunca aparecem sozinhas.
Contrariamente às formas básicas, as outras formas dos verbos nominalizados, dos demonstrativos, etc. (associadas aos inanimados não-contáveis, ao lugar, aos animados ou a formas particulares) são formas independentes porque levam já sufixadas nelas a própria cabeça nominal. Em outros termos, constituem em si um verdadeiro sintagma nominal. Exemplos com o verbo **ãyú** *estar bom* e o demonstrativo **a'tí+**:
ãyu$_1$-sehé$_2$ *ser não-contável bom (ser não-contável$_2$ de bondade$_1$)*
a'té (*a'tí$_1$-yé$_2$) *este ser não-contável (ser não-contável$_2$ daqui$_1$)*
ãyu$_1$-gɨ́$_2$ *ser animado (-fsg) bom (ser animado$_2$ de bondade$_1$)*
ã'rí (*a'tí$_1$-gɨ́$_2$) *este ser animado -fsg (ser animado$_2$ daqui$_1$)*

Estas formas não-básicas independentes podem aparecer, quando a claridade da expressão o exige, seguidas ou precedidas pelo nome ao qual elas se referem, dando a construção exemplificada nos exemplos (703, 704, 705).
Chamaremos este tipo de construção evidenciada com as formas não-básicas de **locução apositiva especificadora**. Por exemplo, em:
(705) **ã'rí$_1$ ɨmɨ́$_2$** *este$_1$ homem$_2$* (lit. *este ser animado$_1$, homem$_2$*)

Os argumentos que permitem diferenciar este tipo de construção apositiva de um simples sintagma são os seguintes:
1) A não-unidade tonal da locução apositiva, cada palavra da construção tendo o seu tom próprio, opõe-se à unidade tonal do sintagma nominal.

2) A locução apositiva não tem cabeça nominal, cada palavra da construção podendo ser suprimida. Compare:
(705$_a$) **ã'rí$_1$ ɨmɨ́$_2$ ba'â-mi$_3$** *este$_1$ homem$_2$ come$_3$*
(705$_b$) **ã'rí$_1$ ba'â-mi$_3$** *este$_1$ come$_3$*
(705$_c$) **ɨmɨ́$_2$ ba'â-mi$_3$** *o homem$_2$ come$_3$*

Em contraste, já vimos que o sintagma nominal tem como cabeça nominal o completado.

3) A locução apositiva não tem a coesão do sintagma nominal: a ordem é livre e a construção pode ser separada por uma palavra. Compare:
(705$_d$) **ɨmɨ́$_2$ ã'rí$_1$ ba'â-mi$_3$** *o homem$_2$ este$_1$ come$_3$*
(705$_e$) **ã'rí$_1$ ba'â-mi$_3$ ɨmɨ́$_2$** *este$_1$ come$_3$, o homem$_2$*
(705$_f$) **ɨmɨ́$_2$ ba'â-mi$_3$ ã'rí$_1$** *o homem$_2$ come$_3$, este$_1$*

Compare com o sintagma nominal **a'tí wi'i** *esta casa* em:
(702$_a$) **a'tí$_1$ wi'i-re$_2$ ĩ'ya-á-pɨ$_3$** *vi$_3$ esta$_1$ casa$_2$*
(702$_b$) ***wi'í a'ti-re ĩ'ya-á-pɨ**
(702$_c$) ***a'tí ĩ'ya-á-pɨ wi'í**

Compare também a locução apositiva:
(705) **ã'rí$_1$ ɨmɨ́$_2$** *este$_1$ homem$_2$*

com o sintagma nominal:

(705$_g$) **ã’ri ɨmɨ́** *o empregado deste* (unidade tonal, ordem fixa)

A concordância que se manifesta na locução apositiva não constitui, ao nosso ver, um argumento que provaria a coesão da construção. Esta concordância nos parece totalmente similar à que aparece em construções reconhecidas geralmente como apositivas, como, por exemplo, em português: *o rei Pedro* ou *a rainha Maria*.

♦ A locução apositiva é também diferente da construção coordenativa. Com efeito:
- na locução apositiva, as palavras designam o mesmo ser ou cada palavra acrescenta uma explicação à precedente. Na coordenação, não há coreferência entre as palavras.
- como a coordenação, os diversos termos da locução apositiva têm a mesma função sintática e aparecem frequentemente justapostos. No entanto, ao contrário da coordenação, não há pausa entonatória entre cada termo justaposto da locução apositiva: compare, em português, a aposição "minha mãe Maria" com a coordenação "minha mãe, Maria (e outra mulher)".

♦ Esta locução apositiva é dita especificadora porque a informação vai do genérico ao específico. É do tipo: **a b c**, **b** acrescentando uma explicação a **a**, e **c** a **b**. Exemplos de locução apositiva especificadora:

(706) **ɨ̃tâ-ga$_1$ yĩi-kahá$_2$ pahi-kahá$_3$** *pedra$_1$ preta$_2$ grande$_3$* (lit. *pedra$_1$, ser roliço preto$_2$, ser roliço grande$_3$*)

(706$_a$) **pahi-kahá$_3$ ɨ̃tâ-ga$_1$ yĩi-kahá$_2$** *pedra$_1$ preta$_2$ que é grande$_3$* (lit. *ser roliço grande$_3$, pedra$_1$, ser roliço preto$_2$*)

(707) **i’tiá-rã$_1$ diâyɨ-a$_2$ yɨ’ɨ̃ pakɨ yarã$_3$** *três$_1$ cachorros$_2$ do meu pai$_3$* (lit. *três seres animados$_1$, cachorros$_2$, seres animados do meu pai$_3$*)

(707$_a$) **yɨ’ɨ̃ pakɨ yarã$_1$ diâyɨ-a$_2$ i’tiárã$_3$ niî-’ka-rã$_4$** *os três$_3$ cachorros$_2$ do meu pai$_1$* (lit. *os seres animados do meu pai$_1$, cachorros$_2$, três$_3$, os seres que eram$_4$*)

(708) **a’tí wi’i$_1$ butirí wi’i$_2$ yaá wi’i$_3$ niî-’$_4$** *esta casa branca é minha* (lit. *esta casa$_1$, casa branca$_2$, é$_4$ minha casa$_3$*)

Note, no último exemplo, que a locução apositiva **a’tí wi’i butirí wi’i** *esta casa branca* é formada por dois sintagmas: **a’tí wi’i** *esta casa* e **butirí wi’i** *casa branca*. Igualmente, **yaá wi’i** *minha casa* é um sintagma nominal.

Este tipo de locução apositiva, que não confundiremos com o sintagma nominal Complemento+Completado, aparece em certas línguas da região com mais frequência ainda que em ye’pâ-masa: por exemplo, em yanomamɨ (Ramirez 1994: 409) ou em munduruku (Crofts 1985). Pode ser também que se manifeste em outros idiomas amazônicos onde teria sido confundido com um simples sintagma nominal.

16.6. A locução apositiva verbal citativa

Até agora, consideramos unicamente as locuções apositivas nominais. Podemos nos perguntar se uma locução apositiva verbal também existe. Talvez esta locução apositiva esteja identificada em uma construção extremamente usada com os verbos de locução (West 1980: 91). Esta construção consiste do verbo **niî** *dizer*, sem sufixo terminativo e seguido por um verbo de locução conjugado (**werê** /wedê/ *avisar*, **yɨ’tí** *responder*, **sẽrí** *pedir, perguntar*, **uúkũ** *conversar*, etc.). Por exemplo:

(709) **“ ...”$_1$, niî$_2$ werê-wã$_3$** *avisaram que...* (lit. *disseram$_2$ avisando$_3$: “...”$_1$*)
(710) **“...”$_1$, niî$_2$ uúkũ-mi$_3$** *dizem$_2$ conversando$_3$: “...”$_1$*

Esta construção se parece com a coordenação por ter o sufixo terminativo apenas no último verbo da construção (cf. 16.3.). No entanto, difere radicalmente dela porque proibe uma pausa entre **niî** e o verbo de locução que o segue (não há vírgula), e porque **niî** não está acompanhado por uma entonação ascendente.
Podemos hipotetizar que esta construção é sintaticamente similar às locuções apositivas analizadas no subcapítulo precedente. No entanto, neste tipo de construção, a ordem seria fixa.

INDICE DAS NOÇÕES

Acento 3.4., 3.6.
Aditivo 9.5.
Adjetivo 4.5., 9.2.
Adverbial 11.1.
Advérbio 13.4., cf. maneira.
Adversativo 9.12.
Advertência 5.6.
Anafórico 12.1-2.
Animado 4.5, 5, 8.1., 11.4.
Apagamento 2.7.
Aspecto 5.
Assertivo 6.2.
Assimilação 2.7., 3.4.
Atemporal 5.1-2.
Átona (raiz) 3.4., 4.2., 7, 9, 12, 16.4.
Aumentativo 8.8.
Autófora 9.2., 12.5.
Beneficiário 7.2.
Bimoraica (estrutura) 2, 2.7., 3.1.
Bloqueio
  _nasal 3.2.
  _tonal 3.4., 15.3.
Causa 7.6., 10.2.
Causativo 10.3., 14.1.
Centrífugo 6.6.
Centrípeto 6.6.
Classificador 4.2., 4.5., 9.
Comparação 9.10.
Comparativo 7.2.
Complemento 4.2., 7, 9, 12, 16.4.
Completado 4.2., 7, 9, 12, 16.4.
Completiva 11.1., 11.6.
Composição 14.7-8.
Concordância 8.1., 11.6.
Condição 10.2.
Conjunção 4.5.
Consoante 2.1.
Construção
  _analítica 4.5., 5.3., 5.8., 10.2., 10.5.
  _comprovativa 11.3.
  _impessoal 7.3.
Contaminação nasal 3.2.
Contável (nome) 4.5., 8.1.
Contra-expectativa 10.2.
Contrafato 10.2.
Contraste 9.9.
Coordenação 4.5., 16.3.
Costume cf. habitual.
Demonstrativo cf. pronome.
Dependente (palavra) 3.4., 4.2., 4.4, 7, 9
Deslocação 16.2.
Destaque 8.13.
Determinado 4.2.
Determinante 4.2.
Detrimental 9.17.
Deverbal 4.5., 10, 11.
Diminutivo 8.9.
Discurso direto 16.1.
Dissimilação 2.7.
Distributivo 9.8., 12.7.
Duração compensatória 2.7.
Durativo 6.4.
Dúvida 13.1.
Ênfase 16.2.
Enfática (forma) 5.7.
Entonação 3.6.
Especificador 8.11.
Evidência 13.1.
Expectativa 10.2.
Feminino 5.
Focalizador 8.10.
Fone 2.
Fonema 2.2.
  combinação de_ 2.6.
Fonológica
  locução_ 3.5.
  oposição_ 2.3.
  palavra_ 3.5.
  regra_ 2.7.
Formante 14.
Frustrativo 6.3.
Futuro 6.9.
Gênero 5, 6.8.
Habitual 5.1-2., 11.7.
Harmonia nasal 3.2.
Imperativo 5.2., 5.6.
Implicação 5, 5.1-2.
Implicativo 4.5., 10.

Inanimado 4.5, 5, 8.1., 11.5-8.
Incerteza 6.5.
Incoativo 7.2.
Indefinido 12.6.
Inessivo 8.10.
Ingressivo 7.5.
Instrumental 9.4.
Interjeição 13.6.
Interrogativo cf. pronome.
  forma_ 5.5.
Interruptivo 7.2.
Justaposição 4.5.
Laringalização 2, 3.3., 3.4.
Locativo 8.6.
Locução apositiva 16.5-6.
Lugar 8.6., 8.10., 11.6.
Maneira (advérbio de) 11.6.
Masculino cf. feminino.
Melodia tonal 2, 3.4., 15.1.
Modalidade epistêmica 4.5., 5, 5.8.
  _dedutiva 5, 5.3.
  _deôntica 5.2., 11.6.
  _reportativa 5, 5.4.
  _sentida 5, 5.2.
  _vista 5, 5.1.
Morfema
  classes de_ 4.1.
Multiplicativo 12.7.
Não-contável 4.5.
Nasal (unidade) 3.5., 4.4.
Nasalização 2, 3.2.
Negativo 6.1., 9.16.
Nome 4.1., 4.5.
  _dependente 3.4., 4.2., 4.4-5, 9.
Nominal (classe) 4.5., 8.1.
Nominalizador 14.6., cf.deverbal.
Nominativa (estrutura) 4.5.
Numeral 12.7.
Numéricos (dados) 2.5.
Número 5, 6.8.
Objeto 4.5., 7.1.
Obrigação 5.2., 11.6.
Onomatopeia 13.6.
Ordem (das palavras) 4.5., 16.1.
Partitivo 8.6.
Passado 5.
  _caducado 5.
  _recente 5.
Passivo 7.3.
Periférico 8.12.
Permissivo 5.2., 5.6.
Pessoa 5.
Pessoal cf. pronome.
Plural 8.3-5., 8.7., 11.7.
Possessivo cf. pronome.
Potencial 7.4.
Predicado 4.5., 16.3.
Prevenção 5.6.
Pronome 4.5.
  _demonstrativo 12.1.
  _interrogativo 12.6-7.
  _pessoal 12.3.
  _possessivo 12.4.
Propagativo 6.7.
Propósito 10.2.
Quantificador 12.7.
Razão 7.6., 10.2.
Referência (câmbio de) 9.11.
Referencial 4.5., 8.12.
Reflexivo 9.6.
Relativa 11.1.
Repetição 13.3.
Restritivo 9.7.
Resultativo 14.2.
Sândi tonal 3.4.
Segmento
  _opaco 3.2., 3.4.
  _transparente 3.2., 3.4.
Silábico (padrão) 2.4.
Singular 8.4., 8.6.
Singulativo 8.3.
Sintagma 16.4.
Sintaxe 16.
Subordinada (oração) 4.5., 11.1., 11.6.
Sufixo 4.4-5., 5, 6, 8, 8.2.
  _de forma 8.7., 11.8.
  _em **a** 15.4.
  _transparente 15.6.
Sujeito 4.5., 16.3.
Temática (volta) 13.2.
Tempo 5.
Temporal 8.10., 10.2.
Terminativo 7.2.
Tom 3.4., 7.8., 15.
  _flutuante 3.4., 11.2., 15.5.
Tonal
  absorção_ 3.4.
  descenso_ 3.6.
  deslocamento_ 3.4., 15.2.
  espalhamento_ 3.4.

fileira_ 3.4.
irregularidade_ 15.6.
regra_ 15.
unidade_ 4.4.
Topicalizador 8.12.
Traço 2.2.
Verbalizador 14.4., 14.7-8.
Verbo 4.1, 4.5.
_copulativo 4.5.
_dependente 3.4., 4.2., 4.4., 4.5., 7.
_de estado 4.5., 9.1.
_de movimento 7.2.
Vogal
_surda 2.1.
duração de_ 3.1., 3.4.
sequência de_ 2.4.
Voz média 14.2.

BIBLIOGRAFIA

ALLAN, Keith
1977 "Classifiers". *Language*, vol. 53, n°2.

ANGENOT, Jean-Pierre, Valteir MARTINS & Henri RAMIREZ
1997 "Evidências de uma rede de conexões genéticas pré-andinas circum-amazônicas", in Iara Ma. Teles & Jean-Pierre Angenot (Org.), *Lingüística Amazônica 1*, Guajará-Mirim, Rondônia: CEPLA Working Papers in Amerindian Linguistics, n° 12.

ARONOFF, M. & R. T. OEHRLE
1984 *Language Sound Structure*. Cambridge: The MIT Press.

AUSTIN, P.
1981 "Switch reference in Australia". *Language*, 57: 309-34.

BARNES, Janet
1977 "Relaciones entre las proposiciones en la lingua tuyuca". *Estudios tucanos*, II: 99-127. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.
1979 "Los imperativos en tuyuca". *Artículos en lingüística y campos afines*, 6: 87-94. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.
1980 "La reconstrucción de algunas formas del proto tucano-barasano-tuyuca". *Artículos en Lingüística e Campos Afines*, 8: 37-66. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.
1984 "Evidentials in the Tuyuca Verb". *International Journal of American Linguistics*, 50(3): 255-271.
1990 "Classifiers in Tuyuca". In ed. Doris PAYNE, *Amazonian Linguistics: Studies in lowland South Amazonian Languages*, 273-292.Texas: University of Texas Press.
2012 *Diccionario bilingüe: tuyuca-español, español-tuyuca*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.

BARRATT, Leslie
1981 "Prenasalized Stops in Guarani. Where the Autosegment fails". *Linguistic Analysis*, vol.7, n°2.

BEKSTA, Casimiro
1984 *Primeira cartilha Tukano*. Manaus: SEDUC, Núcleo de Recursos Tecnológicos.
1988 *A maloca Tukano-Dessana e seu simbolismo*. Manaus, SEDUC.

BRÜZZI, Alcionílio Alves da Silva
1961 *Discoteca etno-lingüística-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*. São Paulo: Centro de Pesquisas de Iauareté.
1966 *Observações gramaticais da língua daxseyé ou tukano*. Centro de Pesquisas de Iauareté (Amazonas).

1977 *A civilização indígena do Uaupés*. Roma: Livraria Ateneo Salesiano.
1991 *Dicionário tukano-português*. Manaus.

BUCHILLET, Dominique
1983 *Maladie et mémoire des origines chez les Desana du Uaupés. Conceptions de la maladie et de la thérapeutique d'une société amazonienne.* Tese de doutorado, Universidade de Paris-X Nanterre.
1990 *Os Índios da região do Alto Rio Negro. História, etnografia e situação das terras.* Laudo antropológico remetido à Procuradoria Geral da República. Brasília. ms., 83 p. + anexos.

CHACON, Thiago Costa
2012. *The phonology and morphology of Kubeo: The documentation, theory and description of an Amazonian language*. Tese de doutorado, Universidade de Hawai'i.
2013 "Kubeo: Linguistic and cultural interactions in the Upper Rio Negro". In eds. Patience EPPS and Kristine STENZEL, *Upper Rio Negro: Cultural and Linguistic Interaction in Northwestern Amazonia*, 403-440. Rio de Janeiro: Museu Nacional and Museu do Indio (Funai).
2014 "A revised proposal of Proto-Tukanoan consonants and Tukanoan Family classification". *International Journal of American Linguistics*, 80(3): 275-322.

CHACON, Thiago Costa & J-M. LIST
2015 "Improved computational models of sound change shed light on the history of the Tukanoan languages". *Journal of Language Relationships*, 13(3): 177-203.

COOK, Dorothy M.
1980 "Los sufixos de verbos dependientes del coreguaje". *Artículos en lingüística y campos afines*, 10: 1-38. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

COOK, Dorothy M. & Linda L. CRISWELL
1993 *El idioma koreguaje (Tucano Occidental)*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

COOK, Dorothy M. & Frances L. GRALOW
2001 *Diccionario bilingüe koreguaje-español e español-koreguaje*. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.

COUDREAU, Henri A.
1887 *La France Equinoxiale* (Vol. 2)*: Voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie*. Paris: Challamel Ainé Editeur.

CROFTS, Marjorie
1985 *Aspectos da língua munduruku*. Brasília: Instituto Lingüístico de Verão.

DÍAZ, Gabriel
1979 "Algunas observaciones sobre los barasano del sur: su idioma y su cultura". *Artículos en lingüística y campos afines*, 6: 1-8. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

DURAND, Jacques
1990 *Generative and Non-linear Phonology*. Londres & New York: Longman.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues
1983 *Viagem Filosófica ao Rio Negro (1785-1787)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

FISCHER-JØRGENSEN, Eli
1989 "Phonetic analysis os the Stød in Standard Danish". *Phonetica*, 46: 1-59.

ERASO, Natalia
2015 *Grammaire de la langue Tanimuka, Amazonie Colombienne*. Tese de doutorado, Universidade de Lyon 2.

FROMKIN, Victoria A.
1978 *Tone: a linguistic survey*. New York: Academic Press.

FULOP, Marcos
1955 "Notas sobre los términos del sistema de parentesco de los tukano". *Revista Colombiana de Antropología*, Vol. IV: 123-164. Bogotá.
1956 "Aspectos de la cultura tukana: Mitología, Parte I". *Revista Colombiana de Antropología*, Vol.V: 335-373. Bogotá.

GALLO, Carlos
1972 *Diccionario tucano-castellano*. Mitú-Vaupés: Prefectura Apostólica.

GIACONE, Antonio
1955 *Os Tucanos e outras tribos do rio Uaupés, afluente do Negro-Amazonas. Notas etnográficas e folcloricas de um missionário salesiano*. São Paulo.
1965 *Gramática da língua "Dahceié ou Tucana". Vademecum para os missionários e fraseologia usual tucana nos rios Uaupés, Tiquié e Papuri*. Belém.

GOEHNER, M., B. WEST & W.R. MERRIFIELD
1985 "Tucano (Tucanoan) Kinship Terminology". In ed. W.R. MERRIFIELD, *South American Kinship. Eight Kinship Systems from Brazil and Columbia*, 18: 55-69. Dallas: The International Museum of Cultures.

GOLDSMITH, John A.
1976 "An Overview of Autosegmental Phonology". *Linguistic Analysis*, vol.2, n°1.
1990 *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford & Cambridge: Basil Blackwell.

GOMEZ-IMBERT, Elsa

1980 "La faille tonale en tatuyo". Communication aux *Journées de Tonologie*, Ivry: C.N.R.S (ms.)

1981 "La expresión de la posesión en tatuyo". *Revista del Instituto Colombiano de Antropologia*, XXIII: 111-124. Bogotá.

1986 "Conocimiento e verdad en tatuyo". *Antropología*, 2: 117-125. Bogotá, Universidade de los Andes.

1988a "Construcción verbal en barasana y tatuyo". *Amerindia*, 13: 97-108. Paris, A.E.A.

1988b *Introducción a las lenguas del Piraparaná (Vaupés)*. Em colaboração com S. HUGH-JONES (publicado no *Atlas Etnolingüístico de Colombia*). Bogotá: Instituto Caro e Cuervo.

1990 "Le verbe mélodieux des Barasana". *Amerindia*, 15:11-42. Paris, A.E.A.

1991 "Le verbe mélodieux des Barasana". *Amerindia*, 16:1-15. Paris, A.E.A.

1995 *Extrametricality and postlexical rules in Barasana (Eastern Tukanoan)*. Comunicação ao SSILA Summer Meeting, 8-9 julho, Albuquerque.

1997 *Morphologie et phonologie barasana: approche non-linéaire*. Tese de doutorado, Universidade de Paris VIII.

GOMEZ-IMBERT, Elsa & Dominique BUCHILLET

1986 *Propuesta para una grafía tukano normalizada*. Paris, Chantiers Amerindia, suplemento ao n°11 de Amerindia, A.E.A.

GRALOW, Frances L.

1980 "Formas de tematización en coreguaje". *Artículos en lingüística y campos afines*, 8: 1-36. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

GRALOW, Frances L., Dorothy M. COOK & Carolyn M. YOUNG

1984 "Fonología del coreguaje". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos*, V: 59-80. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.

GREENBERG, Joseph H.

1963 *Universals in Language*. Cambridge: MIT Press.

GUEVARA, R., J. V.

1960 *El verbo tukano.* Ensayo de lingüística descriptiva. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.

HEMMING, Johns

1978 *The Search for El Dorado*. Londres: Michael Joseph

HENTON, C., Peter LADEFOGED & Ian MADDIESON

1992 "Stops in the World's Languages". *Phonetica*, 49:65-101.

HUBER, Randall Q. & Robert B. REED

1992 *Vocabulario Comparativo: Palavras selectas de lenguas indígenas de Colombia*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

JONES, Wendell H. & Paula Simmons JONES
2013 *Diccionario bilingüe eduria & barasana-español e español-eduria & barasana*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.

KARN, Gloria J.
1979 "Estructura de la trama en tuyuca". *Estudios tucanos* V: 1-87., Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.

KAYE, Jonathan D.
1970 *The Desano Verb: Problems in Semantics, Syntax and Phonology*. Tese de doutorado, Universidade de Columbia.

KINCH, Rodney A.
1977 "El enfoque temático vs. el enfoque no temático en yurutí". *Estudios Tukanos*, II: 129-175. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor
1913 Betóya-Sprachen Nordwestbrasiliens und der angrenzenden Gebiete. *Anthropos 8*.
1914 Betóya-Sprachen Nordwestbrasiliens und der angrenzenden Gebiete. *Anthropos 9*.
2005 *Dois anos entre os indígenas. Viagens no noroeste do Brasil (1903-1905)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.

KOK, P. P.
1922 "Ensayo de Gramática Dagseje o Tokano". *Anthropos*, XVI-XVII: 838-865.

LADEFOGED, Peter & Ian MADDIESON
1990 "Vowels of the world's languages". *Journal of Phonetics*, 18: 93-122.

LEVINSOHN, Stephen H.
1992 *Estudios comparativos: Proto-Tucano*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

LLANOS VARGAS, Héctor & Roberto PINEDA CAMACHO
1982 *Etnohistoria del Gran Caquetá (Siglos XVI-XIX)*. Bogotá: Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales.

MADDIESON, Ian
1974 "A note on tone and consonants". *UCLA Working Papers in Phonetics: Studies on tone from the UCLA Tone Project*.
1984 *Patterns of sounds*. Cambridge: Cambridge University Press.

MALONE, Terrell
1987 *Proto-Tucanoan and Tucanoan genetic relationship* (manuscrito)
1988 "The origin and development of Tuyuca evidentials". *International Journal of American Linguistics*, 54: 119-140.

MARONI, Pablo
1988 *Noticias auténticas del famoso rio Marañón (1738)*. Iquitos: Centro de Estudios Teológicos da la Amazonía (CETA).

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von
1863 *Glossaria linguarum Brasiliensium: glosarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os indios no Imperio do Brazil*. Erlangen: Druck von Jange.

MASON, John Alden
1950 "The languages of South American Indians". *Handbook of South American Indians 6*, *Bureau of American Ethnology Bulletin*, 143:157–317. Washington.

MEILLET, Antoine & Marcel COHEN
1924 *Les langues du Monde par un groupe de linguistes*. Paris: Librairie Ancienne Edouard Champion.

METZGER, Ronald G.
2000 *Marĩ ya ye mena carapana, yaia yaye mena español macarãricã tuti (Carapana-Español). Diccionario de 1000 palavras*. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.

MILLER, Marion
1999 *Desano Grammar: Studies in the Languages of Colombia 6*. Dallas: SIL e Universidade do Texas.
2000 *Wirã ya, peamasa ya wererituri (Desano-Español). Diccionario bilingüe de 896 palavras*. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.

MOCK, Carol C.
1983 "Tone Sandhi in Isthmus Zapotec: An Autosegmental Account". *Linguistic Analysis*, vol.12, n°2.

MORSE, Nancy L., Jay K. SALSER & Neva SALSER
1999 *Diccionario ilustrado bilingüe cubeo-español / español-cubeo*. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.

MORSE, Nancy L. & Michael B. MAXWELL
1999 *Gramática del cubeo*. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.

NAGLER, Christine & Beverly Ann BRANDRUP
1979 "Fonología del siriano". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos*, IV: 101-126. Bogotá: Instituto lingüístico de Verão.

NATTERER, Johann
1831 *Wortlisten von Indianersprachen in Brasilien (1817-1835)* (manuscritos, pp. 222-227, 266-271)

NIMUENDAJÚ, Curt
1950 "Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés (1927), 1ª parte". *Journal de la Société des Américanistes*, 39: 125-182.
1955 "Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés (1927), 2ª parte". *Journal de la Société des Américanistes*, 64: 149-178.

NORONHA, José Monteiro de
1862 *Roteiro da Viagem da Cidade do Pará, até às últimas colônias do Sertão da Província (1768)*. Pará: tipografia da Santos e Irmãos.

ODDEN, David
1986 "On the role of the Obligatory Contour Principle in Phonological Theory". *Language*, vol.62, n°2.

PALMER, Frank. R.
1994 *Grammatical roles and relations*. Cambridge: Cambridge University Press.

PIAGUAJE, Ramón, E. PIAGUAJE, Orville JOHNSON & M. JOHNSON
1992 *Vocabulario secoya*. Quito: Instituto Lingüísto de Verano.

PIGGOTT, G. L.
1992 "Variability in feature dependency: the case of nasality". *Natural Language and Linguistic Theory*, 10: 33-77.

PULLEYBLANK, Douglas
1986 *Tone in lexical phonology*. Dordrecht: Reidel Publishing Company.

RAMIREZ, Henri
1992 *Le Bahuana: une nouvelle langue de la famille arawak*, Amerindia, 17 (1). Paris.
1994 *Le parler yanomam~~i~~ des Xamatauteri*. Tese de doutorado, Universidade de Provence (França).
2001a *Dicionário baniwa-português*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas.
2001b *Línguas arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas.
2019 *Enciclopédia das línguas arawak ─ acrescida de seis novas línguas e dois bancos de dado*. http://www.etnolinguistica.org/arawak. (disponível em breve)
2020 *Os povos tukano: origem, migrações e contatos línguísticos?* (em preparação).

REZENDE, Justino Sarmento
1990 *Noa tho niati teré? "Quem foi que disse isso?", Leituras pré-escolares para Tukanos*. Manaus: SEDUC/ART.

SALSER, Jay K. & Neva SALSER
1976 "Fonología del cubeo". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos*, III: 71-79. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.
1977 "Estructura del discurso y de la oración en el cubeo". *Estudios Tucanos*, II: 1-46. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de
1825 *Diario da viagem que em visita, e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro fez o ouvidor, e intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no anno de 1774 e 1775*. Lisboa: Tipografia da Academia.

SHELL, Olive A.
1975 "Estudios Panos III: las lenguas pano y su reconstrucción". *Serie Linguistica Peruana*, n°12. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verão.

SMITH, Richard D.
1974 "Un patrón asimétrico: el barasano del sur". *Artículos en lingüística y campos afines*, 1: 46-53. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.
1976 "Fonología del barasano del sur". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos*, III: 95-103. Bogotá: Instituto lingüístico de Verão.
1979 "Algunos rasgos contrastivos del barasano del sur y el español". *Estudios tucanos*, III: 1-78. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

SMOTHERMON, Jeffrey R. & Josephine H. SMOTHERMON
1993 *Masa ye, gawa ye rãca ãmara tuti. Dicionário macuna-espanhol de 850 palavras*. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.

SORENSEN, A. P. Jr.
1967 "Multilingualism in the Northwest Amazon". *American Anthropologist*, 69: 670-684.
1969 *The Morphology of Tukano*. Tese de doutorado, Universidade de Columbia.

SOUSA, Antonio Nunes et al.
1906 "Dos rios que desaguam no Rio Negro (1755)". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 67(1): 314-322. Rio de Janeiro.

STENZEL, KRISTINE
2013 *A Reference grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: Universidade de Nebraska Press.

STOLTE, Joel A. & Nancy STOLTE
1976 "Fonología del barasano del norte". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos*, III: 83-93. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.
1980 "La nasalización en las lenguas Tucanas Orientales". *Artículos en lingüística e campos afines*, 7: 1-28. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

STROM, Clay
1992 *Retuarã Syntax: Studies in the Languages of Colombia 3*. Dallas: SIL e Universidade do Texas.

SWEET, David Graham
1974 *A rich realm of nature destroyed: the middle Amazon Valley, 1640-1750*. Tese de doutorado, Universidade of Wisconsin.

TASTEVIN, Constant
s.d. *Curetú* (manuscrito nos arquivos do professor Paul Rivet, Paris).
1920 *Witót, Karihona, Tanimbuka, Kueretú, Kokámu* (manuscrito nos arquivos do professor Paul Rivet, Paris).
1921 *Jucuna, Durina ou Soko, Tukuna* (manuscrito nos arquivos do professor Paul Rivet, Paris).

TESSMANN, Günter
1999 *Los indígenas del Perú Nororiental* [1920-1930]. Quito: Ediciones Abya-Yala.

VAN DER HULST, H. & N. SMITH
1982 *The structure of phonological representations (Part I)*. Dordrecht: Foris Publications.

VELIE, Daniel & Virginia VELIE
1981 *Vocabulario orejón*. Peru: Instituto Lingüístico de Verano.

WALLACE, Alfred Russel
1853 *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* [1848-1852]. Londres ; Nova Iorque.
1979 *Viagens pelos rios Amazonas e Negro* [1848-1852]. São Paulo: livraria Itatiana Editora.

WALTZ, Nathan E.
1976 *Hablemos el guanano: Una gramática pedagógica guanano-castellano*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.
1981 "Las funciones de la oración y del párrafo en el discurso guanano". *Estudios tucanos*, I: 1-117. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.
2002. "Innovations in Wanano (Eastern Tucanoan) when compared to Piratapuyo". *International Journal of American Linguistics*, 68:157–215
2007 *Diccionario bilingüe wanano o guanano-español e español-wanano o guanano*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.
2012 *Diccionario bilingüe piratapuyo-español e español-piratapuyo*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.

WALTZ, Carolyn H.
1979 "Algunas observaciones sobre el diálogo guanano". *Estudios tucanos*, III: 150-201. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.

WALTZ, Nathan E. & Carolyn H. WALTZ
1972 "Fonología del guanano". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos*, I: 29-40. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.

WALTZ, Nathan E. & Alva WHEELER
1972 "Proto Tucanoan". In eds. Esther MATTESON et al., *Comparative Studies in Amerindian Languages*, 119-149. The Hague: Mouton.

WEST, Birdie
1977 "Resultados de un cuestonario de sintaxis tucano". *Estudios tucanos*, II: 47-97. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verão.
1979 "El discurso, el párrafo y la distribución de la información en tucano". *Estudios tucanos*, III: 79-149. Lomalinda: Instituto Linguistico de Verão.
1980 *Gramática popular del tucano*. Traducción de Anne Pilat de Galvis. Bogotá: Instituto Linguístico de Verão / Ministério de Gobierno.
1985 "La partícula adversativa en el discurso tucano". *Artículos en lingüística y campos afines*, 13: 83-112. Lomalinda: Instituto Linguístico de Verão.

WEST, Birdie & Betty WELCH
1972 "Sistema fonológico del tucano". *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos*, I:13-28. Bogotá: Instituto Linguístico de Verão.
1985 "Resumen del tucano". *Resumen de lenguas colombianas*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

WHEELER, Alva & Margaret A. WHEELER
1962 "Siona phonemics (Western Tukanoan)". *Studies in Ecuadorian Indian Languages*, I: 96-111. Oklahoma: SIL.
1987 *Gantëya Bain, El Pueblo Siona* (tomo I: etnologia, gramática, textos; tomo II: dicionários). Bogotá: Instituto Lingüístico de Verão.

WIESEMANN, Ursula & Rinaldo de MATTOS
1980 *Metodologia de análise gramatical*. Coleção Perspectivas Lingüísticas 17. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.

WRIGHT, Robin M.
1987 *História indígena - Alto Rio Negro* (manuscrito preparado para o Levantamento da situação atual dos Povos Indígenas no Brasil, vol. I: Noroeste amazônico). São Paulo: CEDI.
1991 "Indian Slavery in the Northwest Amazon". *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi,* Série Antropológica, 7(2): 149-179. Belém.

YIP, Moira
1982 "Against a segmental analysis of Zahao and Thai: A laryngeal tier proposal". *Linguistics Analysis*, vol.9, n°1.

ZWICKY, Arnold M.
1985 "Clitics and particles". *Language*, vol. 61, n°2.

Esta série de três tomos está consagrada à língua ye'pâ-masa, ou tukano propriamente dito. No tomo I, Henri Ramirez propõe uma gramática bastante completa do idioma. Depois de analisar pormenorizadamente o sistema tonal, o autor mostra como este sistema condiciona toda e estrutura sintática da língua. Apresenta uma dicotomia básica entre lexemas independentes e lexemas dependentes, argumentando contra a noção de classificadores e descrevendo um sistema complexo de nominalizadores. O tomo II consta de um dicionário com mais de 3.000 entradas e 10.000 idiomatismos. O tomo III é constituído por um método pedagógico de aprendizagem da língua com gravação.

Este trabalho pretende renovar os estudos linguísticos sobre a família tukano e dar uma nova visão dessas línguas. Fornece também o material básico para os professores indígenas e para todos os que trabalham com este povo.

Henri Ramirez doutorou-se em linguística na Universidade de Aix-en-Provence (França). Especializado nas línguas do Rio Negro, estudou sucessivamente o bahuana (arawak), o yanomami e o ye'pâ-masa (tukano próprio). Ele é membro do CELIA-CNRS (etnolinguística indígena, Paris) e professor da Universidade de Rondônia. Junto com as Missões Salesianas da Amazônia Brasileira, tenta desenvolver programas de educação bilíngue no Norte do Brasil.